UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
NATÁLIA DE SANTANNA GUERELLUS

Como um Castelo de Cartas:
Culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)

Tese de doutorado entregue ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense sob orientação da Professora Doutora Rachel Soihet.

NITEROI
2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S931 GUERELLUS, NATÁLIA DE SANTANNA.

Como um castelo de cartas : culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964) / Natália de Santanna Guerellus. – 2015.
388 f. ; il.
Orientadora: Rachel Soihet.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.
Bibliografia: f. 374-386.

1. Biografia. 2. Intelectual. 3. Escritora brasileira. 4. Queiróz, Rachel de, 1910-2003. 5. História do Brasil. 6. República. I. Soihet, Rachel, 1938-. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 928.69

Resumo: A trajetória pessoal e profissional de Rachel de Queiroz (1910-2003) tem despertado a atenção de pesquisadores universitários desde pelo menos a década de 1990, em parte pelo desenvolvimento dos estudos de *gênero* no ambiente acadêmico, e também pelo reconhecimento da importância da *memória* da autora. Sua história confunde-se, muitas vezes, com a história do próprio país, ao pensarmos a inserção da mulher no mercado de trabalho, os movimentos políticos de esquerda no começo do século XX, as formas de governo até o Golpe Militar e mesmo adiante, as diversas correntes literárias brasileiras após o Modernismo, o desenvolvimento do jornalismo etc. Todos estes temas foram, de alguma forma, vividos e/ou apreendidos pelo olhar de Rachel de Queiroz e transmitidos, seja nos seus textos de ficção ou através de sua memória. Após a conclusão do mestrado, em que analisamos a trajetória inicial da autora cearense - aprofundando o tema de sua inserção no ambiente literário dos anos 20/30 -, procuramos, no doutorado, investigar um tema ainda pouco estudado na vida tão peculiar de Rachel de Queiroz: sua *trajetória política*. Complexo e mesmo contraditório, seu pensamento acerca da política pode ser apreendido através das crônicas que escreveu por cerca de setenta anos em veículos como *Diário de Notícias, Correio da manhã, A Última Hora, O Povo, O Ceará, A Vanguarda Socialista, O Estado de São Paulo* e na revista *O Cruzeiro,* de alcance nacional. Compreender as ambiguidades de um pensamento político que transita do comunismo, nos anos 30, ao conservadorismo, nos anos 1960, é nosso objetivo principal, considerando a relevância das crônicas rachelianas para um público leitor de classe média na época. O método empregado é o da narrativa biográfica, considerando Rachel de Queiroz não somente escritora profissional mas *intelectual* reconhecida nacionalmente. Além disso, destaca-se o fator *memória,* responsável por tornar a análise biográfica ainda mais desafiadora. Para realizar esta tese, utilizamos como fonte entrevistas, biografias e relatos autobiográficos da autora, além de sua produção entre 1927 e 1964, destacando as crônicas políticas por ela escritas, sem desconsiderar o material acumulado até agora, que inclui romances, crônicas, algumas poesias, artigos esparsos, além de livro de memórias, biografias, correspondências e artigos de terceiros sobre a autora.

Palavras-Chave: História do Brasil República, Biografia Intelectual, Rachel de Queiroz

Abstract: Rachel de Queiroz's personal and professional life course (1910-2003) has aroused the attention of university researchers since, at least, the 1990s, to some extent because of the development of *gender* studies in the academic environment, but also due to the acknowledgment of the importance of the author's *memory.* Her history is often confused with the country's history itself, as we think the inclusion of women in the labor market, the left-wing political movements in the beginning of the 20th century, the forms of government until the military coup and later, the various Brazilian literary currents after Modernism, the development of journalism, etc. All these topics were, somehow, lived and/or apprehended by the perspective of Rachel de Queiroz, and transmitted, either in her fiction writings or through her memory. After the completion of the master's degree, in which the initial author's life course was analyzed - deepening the subject of her inclusion in the literary environment of the 1920s and 1930s -, during the doctorate studies, the aim was to investigate a matter about the peculiar life of Rachel de Queiroz that has not received much attention yet: her *political trajectory*. Complex and even contradictory, her thoughts on politics can be grasped through the chronicles that she wrote for about seventy years to means of communication such as *Diário de Notícias, Correio da manhã, A Última Hora, O Povo, O Ceará, A Vanguarda Socialista, O Estado de São Paulo* and to the journal *O Cruzeiro,* of national coverage. Comprehending the ambiguities of a political thinking that shows a transition from communism, in the 1930s, to conservatism in the 1960s is the main objective, considering the relevance of Rachel's chronicles to a reading audience of middle class of that time. The employed method is the biographical narrative, considering Rachel de Queiroz not only a professional writer but also a nationwide recognized *intellectual*. Besides that, the *memory* factor, responsible for making the biographical analysis even more challenging, is highlighted. To carry out this research, different sources were used: interviews, biographies, autobiographical accounts of the author, as well as her production between 1927 and 1964, stressing the political chronicles written by her, without disregarding the material accumulated until now, which includes romances, chronicles, some poetries, scattered articles, as well as memoirs, biographies, correspondence, and third-party articles about the author.

Key-words: History of Brazil Republic, Intellectual Biography, Rachel de Queiroz

Résumé: le parcours professionel de l'écrivain Rachel de Queiroz (1910-2003) a été objet des études universitaires depuis, au moins, la décade de 1990. Les raisons de l'intérêt sur l'auteur sont plusieurs: d'un côté, le développement des études de genre dans l'académie qui ont possibilité un nouveau regard sur la trajectoire *racheliana*; d'autre côté, une reconnaissance de l'importance de son témoignage. La biographie de Rachel de Queiroz est directement liée à l'histoire du Brésil elle-même, par rapport à l'insertion des femmes dans le marché du travail ; les régimes politiques brésiliens pendant le XXème siècle; les différents mouvements littéraires après les Modernisme des années 1920; le développement du journalisme etc. Tous ces sujets ont été vécus et/ou représentés chez Rachel de Queiroz, soit travers sa fiction, soit travers sa mémoire. Après la fin du master, dans lequel on a analysé la trajectoire de l'écrivain *cearense* jusqu'à son insertion aux espaces littéraires des années 1920/30, on élabore un doctorat sur sa trajectoire politique. Sa pensée sur la politique, complexe et même contradictoire, doit être comprise travers le regard sur ses chroniques des journaux - publiés depuis soixante-dix ans dans plusieurs magasines, hebdomadaires et d'autres midias au Brésil et à l'étranger (*Diário de Notícias, Correio da manhã, A Última Hora, O Povo, O Ceará, A Vanguarda Socialista, O Estado de São Paulo, O Cruzeiro, O Cruzeiro Internacional*). Notre objectif est de comprendre les caractéristiques d'une pensée politique qui part du communisme, dans les années 1930, au conservatisme, dans les 1960. La narrative biographique a été choisi comme une manière aussi de reconnaitre l'importance de Rachel de Queiroz ne pas seulement comme écrivain professionnel, mais aussi comme intellectuel reconnu nationalement. Les sources indispensables pour réaliser ce projet ont été: des entretiens, des biographies et autobiographie, des ouvrages publiés par Rachel de Queiroz entre 1927 et 1964 – spécialement les chroniques politiques -, des romans, des poesies, des articles dans la presse, des documents épistolaires etc.

Mots-clés : Histoire du Brésil Républicain, Biographie Intellectuelle, Rachel de Queiroz

A E.V.C, que me ensina a ser dois, sendo um, e vice-versa,
porque nada é mesmo tão simples

Agradeço aos ricos momentos de aprendizado com os historiadores Giovanni Levi, Jean-François Sirinelli e François Dosse. Também quero agradecer aos cursos feitos e/ou discussões travadas com Ruy Castro, Mônica Schpun, Idelette Muzart, Socorro Acioli, Giselle Venâncio, Suely Gomes, Jorge Ferreira, Débora El-Jaick, Isabel Lustosa e Magali Engel.

De modo especial, menciono a orientadora desta tese, amiga há mais de seis anos, professora Rachel Soihet, a quem devo todos os pontos positivos que possam surgir da discussão aqui apresentada.

Da mesma forma, agradeço a Maria Luiza de Queiroz, irmã de Rachel de Queiroz, que mesmo sem me conhecer a princípio, abriu as portas de sua casa e me recebeu todas as vezes que solicitei.

Um agradecimento especial a todos(as) os(as) amigos(as) e familiares que suportaram esta longa jornada comigo, aos conselheiros, revisores, aos amigos (as) poetas, aos(às) amigos(as) sempre presentes, aos sinceros(as) e amorosos(as) em suas críticas. Obrigada a Áurea, Darcy, Lucas e Aline e a Emilien Varela de Casa, a quem também dedico este livro, *pour la patience et le partage*.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida em meio ao doutorado, assim como pela Bolsa Sanduíche no Exterior (PDSE).

[Devemos] Apontar os limites da interpretação psicanalítica e da explicação marxista, pois só a liberdade pode dar conta de uma pessoa em sua plenitude, mostrar esta liberdade às voltas com o destino, de início esmagada pelas fatalidades e depois voltando-se para elas a fim de digeri-las pouco a pouco, provar que o gênio não é um dom e sim aquilo que se inventa em situações desesperadas, descobrir a escolha que um escritor faz de si mesmo, de sua vida e do sentido do universo até nos aspectos formais de seu estilo e composição.

Jean-Paul Sartre

CRONOLOGIA

1910	Num berço feminino, cercado da mãe Clotilde Franklin, e da avó paterna de quem herdaria o nome, nasce Rachel a 17 de novembro em Fortaleza, Ceará.
1916	No fim do ano o pai decide abandonar a fazenda no sertão, depois de uma seca brutal. A princípio, Daniel de Queiroz muda-se com a família para o *Rio de Janeiro* e, em seguida, para *Belém.*
1919	Depois de dar aulas no Instituto de Agronomia de Belém e manter um curtume por dois anos, o "Dr. Daniel" decide voltar a Fortaleza, enquanto sua esposa espera o quarto filho do casal.
1925	Após quatro anos de estudo, Rachel de Queiroz forma-se na Escola Normal. Nunca mais seguiria um ensino formal em vida.
1927	Após enviar uma carta irônica e inteligente, é convidada a escrever para o jornal *O Ceará*, de Júlio de Matos Ibiapina.
1928	Rachel convida Maria Lacerda de Moura, polêmica escritora anarquista, para escrever no *O Ceará.* Participa da fundação de *O Povo,* o novo periódico de Demócrito Rocha.
1929	Escreve seu primeiro livro de poesias, *Mandacaru,* que esconde a sete chaves. O conjunto de poemas só será publicado **post mortem**, em 2010.
1930	Doente e obrigada a repousar, Rachel escreve *O Quinze* num caderno escolar, a lápis. Publica o livro pela Gráfica Urânia (1.000 exemplares). Pratica o professorado por alguns meses e é eleita, em julho, Rainha dos Estudantes Cearenses.
1931	Viaja ao Rio de Janeiro para receber o primeiro *Prêmio Graça Aranha,* pelo *O Quinze.* Lá conhece diversos intelectuais que serão seus amigos por décadas. Filia-se ao PCB.
1932	É expulsa do PCB, ao receber uma crítica dos comunistas sobre seu segundo romance, *João Miguel,* que Rachel publica pela Schmidt Editora. Casa-se com o poeta e funcionário do Banco do Brasil, José Auto da Cruz Oliveira, e muda-se para Itabuna, Bahia.

1933	Nasce sua única filha, batizada Clotilde, em 02 de setembro. Muda-se para o Rio de Janeiro, onde habita alguns meses na rua do Curvelo, ao lado de Nise da Silveira, Mário Magalhães e Manuel Bandeira; em seguida, parte para São Paulo. A casa de seu pai é invadida pela polícia à procura de documentos e livros de Rachel.
1934	Participa do círculo trotskista, dá aulas do Sindicato de Ensino Livre, faz traduções para a editora *Unitas*. É fichada pela Polícia de São Paulo. Muda-se com o marido para Fortaleza. Concorre e perde as eleições pela FUA (Frente Única Antifascista). Muda-se para Maceió.
1935	Morre Clotildinha em fevereiro, de febre alta, seguida de meningite. O casal muda-se novamente para Fortaleza.
1936	Trabalha na empresa de exportação de grãos *Gradhvol et Fils* até 1939, quando chega a ganhar mais do que o interventor do Estado.
1937	Publica *Caminho de Pedras* pela José Olympio Editora. Sua casa é invadida pela polícia política, Rachel é presa no Corpo de Bombeiros de Fortaleza e seus livros são queimados em praça pública.
1938	Muda-se para o Rio de Janeiro, trabalha no *Diário de Notícias* e na agência Reuters, além de fazer traduções para a José Olympio Editora.
1939	Publica *As Três Marias* pela José Olympio Editora (2.000 exemplares). Entra com um pedido de desquite contra José Auto da Cruz Oliveira e, em 1941, muda-se com Oyama de Macedo, seu novo companheiro, para o bairro de Laranjeiras.
1945	Escreve semanalmente para *O Cruzeiro* onde fica até 1975 com um intervalo em 1968/1969. Participa da fundação do periódico *Vanguarda Socialista*, de Mário Pedrosa.
1948	Publica sua primeira coletânea de crônicas chamada *A donzela e a moura torta*. Dr. Daniel morre de ataque cardíaco.
1950	Publica *O galo de ouro* em folhetim no *O Cruzeiro* e, com o dinheiro, viaja pela Europa pela primeira vez. Faz propaganda anti-Vargas.
1953	Publica a peça *Lampião*. Morre sua mãe, aos sessenta e dois anos.
1954	Com a morte de Vargas, Rachel apoia o governo Café Filho.

1958	Publica a peça *A beata Maria do Egito* (3.000 exemplares) e *Cem crônicas escolhidas* (5.000 exemplares) pela José Olympio Editora.
1960	Apoia a candidatura de Jânio Quadros e é convidada por ele a assumir o Ministério da Educação, o qual recusa.
1963	Participa da chamada "rede da democracia" e é considerada pelo IPES como uma parceira na luta contra o governo Goulart, através de seus artigos para jornal. Publica as crônicas de *O Brasileiro Perplexo* pela Editora do Autor.
1964	Apoia o Golpe Civil Militar. Publica o livro de crônicas *O Caçador de Tatu* pela José Olympio Editora.
1966	Participa da Assembleia Geral da ONU, por indicação do presidente Castelo Branco. Integra o Diretório Nacional da ARENA, não frequentando, no entanto, o partido.
1967	Começa a fazer parte do Conselho Federal de Cultura, por indicação de Castelo Branco.
1971	Publica *O menino mágico*, seu primeiro livro infantil.
1973	Seu nome desaparece da lista da ARENA.
1975	Publica o quarto romance, depois de trinta e sete anos, *Dôra, Doralina.* Encerra suas crônicas na revista *O Cruzeiro* (falência da revista).
1976	Publica *As menininhas e outras crônicas.*
1977	É a primeira mulher eleita para compor os quadros da Academia Brasileira de Letras.
1980	Publica *O Jogador de sinuca e mais historinhas.*
1982	Morre Oyama de Macedo, marido da autora.
1992	Publica o romance *Memorial de Maria Moura*, seu maior sucesso de vendas, adaptado para a TV em 1994.
2003	Morre na rede em que sempre dormia, em seu apartamento no Leblon, Rio de Janeiro.

LISTA DOS ARQUIVOS CONSULTADOS

Academia Brasileira de Letras - AABL

Arquivo do Instituto Moreira Salles – AIMS

Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa - APIL

Arquivo Pessoal de José Augusto Bezerra -AJAB

Arquivo Público do Estado de São Paulo - APESP

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ

Associação Brasileira de Imprensa - AABI

Biblioteca Pública de Fortaleza - ABPF

Fundação Biblioteca Nacional – AFBN

Fundação Casa de Rui Barbosa - FCRB

SUMÁRIO

Apresentação	**O porquê**	16
Introdução	**Se quiser saber da minha vida, leia minhas crônicas**	
1.1	Esforço de recordação	31
1.2	Pacto autobiográfico	39
1.3	Um gênero impuro	42
1.4	Memória e História	45
Capítulo 01	**Menina criada em casa de intelectual**	
1.1	Alencar e Queiroz	53
1.2	Memórias de infância	65
1.3	História de um Nome	85
Capítulo 02	**Eu sou um animal político**	
2.1	Encontro com o Anarquismo	105
2.2	Flerte com o Comunismo	122
2.3	Namoro com o Trotskismo	142
Capítulo 03	**Estar só e ser autêntica**	
3.1	Convivendo com o Inimigo	163
3.2	O ano da deposição	183
3.3	O que é a democracia?	202
Capítulo 04	**Convivência de contrários**	
4.1	Eterno retorno	224
4.2	Interregno	252
4.3	Heranças políticas	266
Capítulo 05	**Deus vomita os mornos**	
5.1	A última esperança	291
5.2	Solução Final	314
5.3	O mito do Salvador	340
	Epílogo	359
Conclusões	**A velha devorou a moça?**	364
Referências		374
Anexos		387

O porquê

Sou nada mais que uma contadora de histórias, de dramas humanos. Não faço estudo sociológico ou psicológico. Eu sempre brincava com o Gilberto Freyre: 'a gente conta as histórias e vocês, sociólogos, são ótimos para interpretações'[1].
Rachel de Queiroz

A primeira vez que reparei de fato em Rachel de Queiroz foi através de notícias de jornal sobre seu falecimento no Rio de Janeiro em 2003. Imagens de seu velório na Academia Brasileira de Letras apareciam nos jornais, seu corpo estava coberto de rosas vermelhas e era acompanhado por dezenas de pessoas que lhe diziam adeus: literatos, políticos, acadêmicos, homens e mulheres. Seu rosto estava solene, dormia em sono profundo, tinha vivido quase um século.

Mas a vida tem seus enigmas e um ano depois, já na universidade, tombei novamente sobre seu nome e reli *O Quinze*, livro que a escritora publicou em 1930, seu primeiro romance. Na descrição da personagem principal, tão independente, tão petulante, tão sozinha, senti-me impulsionada a conhecer melhor Rachel. Um primeiro encontro se perpetuou pela identidade.

E lá se vão dez anos. Não é absolutamente nada frente a uma vida que terminou aos quase noventa e três, em constante produção. Mas já é um terço da minha vida. Devo dizer que cresci, profissional e pessoalmente, pesquisando Rachel de Queiroz e fazendo de seu estudo meu trabalho. Como cito na epígrafe, "é sem dúvida no gênero da biografia que o enigma da história se apresenta em todo o seu mistério".

O resultado deste trabalho apresenta-se como tese de doutorado ao departamento de História da Universidade Federal Fluminense, mas também é resultado de uma elaboração que vem desde *Vae Solis: Cultura e Gênero nos romances de Rachel de Queiroz (1930-1939),* minha monografia de final de curso apresentada em 2009 e *Rachel de Queiroz: Regra e Exceção (1910-1945),* minha dissertação de mestrado defendida em 2011, transformada em livro em 2013. Com certeza, a cada passo dado percebi a necessidade de revisar o anterior e, neste sentido, lembro com Michel de

---

[1] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto, SP: Funpec Editora, 2002. p. 106.

Certeau que, “enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim”[2] e neste trabalho estabeleço meu ponto final.

Ao longo da elaboração desde estudo, li e utilizei diversas teorias e categorias que me auxiliaram a pensar o objeto proposto e que são desenvolvidas ao longo do texto. Deste modo justifico o fato de apenas citá-las em seus nomes próprios: *biografia, ficção, história, memória, memória familiar, escrita, escrita feminina, gênero, paradoxo, campo literário e político, redes de sociabilidades, estratégia, culturas políticas, intelectuais, gerações,* etc. Mas, para além destas, questões como *amizade, ambiguidade, autonomia, prazer, carisma, solidariedade, dor, perda, saudade,* também surgiram como categorias a serem consideradas e pensadas.

[2] CERTEAU, Michel de. *A escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 93.

***

Nesta parte, gostaríamos de aprofundar a discussão sobre três pontos que consideramos importantes na apresentação desta tese: o primeiro deles é a *biografia*, tema que esteve presente nas nossas leituras desde o começo deste trabalho, mas que só nos dois últimos anos clarificou-se como um aporte chave para a escrita da tese. Isto porque deu ao menos algumas pistas, a nosso ver, não só à questão teórica mas principalmente às preocupações metodológicas.

Em *O desafio biográfico*, François Dosse apresenta inúmeras possibilidades que a narrativa biográfica pode adotar, tanto no relato historiográfico como no literário, jornalístico, antropológico, sociológico, filosófico, psicanalítico, etc[3]. Além disso, o livro apresenta os principais debates teóricos relativos ao tema no interior da historiografia. Por isso, torna-se importante leitura para o pesquisador que pretende discutir a narrativa biográfica.

Com a volta da importância do *sujeito* nos estudos historiográficos, principalmente a partir dos anos 1960 na Europa, e nos anos 1980 no Brasil, emergiram na disciplina duas importantes discussões em torno da biografia: de um lado, apresentou-se a questão da "ilusão biográfica", uma visão crítica cujo grande representante foi o sociólogo Pierre Bourdieu. Seu argumento incidia sobre o perigo da linearidade e da coerência no relato biográfico seja por parte do biógrafo, seja por parte de um discurso autobiográfico[4].

Por outro lado, respostas a esta questão foram formuladas por diversos historiadores e, entre eles, alguns expoentes da microhistória italiana, como Giovanni Levi, cujo argumento reconhece o perigo da ilusão, mas autoriza a problematização do sujeito, argumentando a necessidade de conciliar o geral e o particular e problematizar a noção de liberdade e ação perante as estruturas sociais[5].

Enquanto gênero narrativo, a biografia consiste num paradoxo essencial, limbo entre ciência e ficção. Como afirma Dosse: "O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter

---

[3] DOSSE, François. *O Desafio biográfico.* São Paulo: Edusp, 2012.

[4] Ver BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191. Publicado originalmente em 1986; Ver LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 167-182.

[5] Cabe acrescentar que Dosse faz inúmeras considerações neste sentido, que seriam impossíveis citar somente nesta apresentação. No interior da historiografia, lembram-se, por exemplo, os trabalhos de Carlo Ginsburg, Sabina Loriga, Michel de Certeau, Natalie Zemon Davis, Jacques Le Goff etc.

ambivalente da epistemologia de sua disciplina, a história, inevitavelmente, apanhada na tensão entre seu polo científico e seu polo ficcional”[6]. Se por um lado, a narrativa biográfica exige criatividade e mesmo imaginação da parte de seu autor, por outro, comunga dos mesmos problemas que a narrativa histórica.

Como afirma Certeau, “a fundação de um espaço textual provoca uma série de distorções em relação aos procedimentos da análise” [7]. Isto porque o texto produzido pelo esforço narrativo parece mesmo contrário às regras da prática: a montanha de documentos que compõe a pesquisa do historiador tem de se conformar ao espaço mínimo de um texto. E, ainda assim, o texto é pleno em si mesmo, substituindo um trabalho lacunar por uma presença de sentido.

No caso de uma biografia, o sentido é plural no texto e na prática, pois além da vida que existiu e que encerra em si uma autoridade, produzem-se documentos e discursos de autoridade (como, por exemplo, o discurso do próprio sujeito sobre si). O desafio se torna ainda maior quando se trata da biografia de uma escritora de ficção, onde este discurso sobre si tende a ser, consciente e inconscientemente, “ficcionalizado”.

Por isso, admiramos a maneira como Rachel de Queiroz desafia este trabalho. Ao pensarmo-lo como um ensaio de narrativa biográfica (ainda que não tenha como parâmetro data de nascimento e de morte), escutamos de Rachel o seguinte comentário: “como falei, apenas conto histórias. Não sei fazer exegese. Não sou ensaísta nem filósofa. Até mesmo como leitora, tenho preferência pelos romances” [8]. Leitora crítica, fã de romances policiais, Rachel era avessa a fazerem-lhe uma biografia: “Se algum dia tiver um biógrafo ele que se dane”[9], afirmou ao relatar seu costume de rasgar documentos pessoais. Assim, salvas ou condenadas, sabemos que a própria Rachel poderia ser a maior crítica a uma pesquisa como esta.

Mas, numa “ousadia ingênua de ensaísta”, tentamos escrever uma narrativa, por natureza incompleta e limitada, sobre esta “contadora de histórias”, considerando-a uma *intelectual*, e este é o segundo ponto que gostaríamos de destacar nesta apresentação.

---

[6] DOSSE, François. *Op. Cit.* p. 18.
[7] CERTEAU, Michel de. *Op Cit.* p. 93.
[8] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 106.
[9] FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã.* 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN.

Ao definir o vocábulo como *homme [et femme] du culturel, créateur et médiateur, mis en situation d'homme du politique, producteur ou consommateur d'idéologie*[10], acreditamos propor uma abordagem diferente, pois Rachel de Queiroz não se importava em fazer tratados, publicar análises ou teorias sociais, tampouco ocupou cadeiras no Congresso ou no Senado. Seu discurso sobre a sociedade era elaborado no cotidiano e na observação das mais simples às mais complexas situações mas tinha ampla divulgação. Era um discurso sujeito às intempéries do momento, às mudanças de opinião e às críticas ácidas em resposta imediata - mais conhecidas como "polêmicas jornalísticas".

Três motivos principais levaram-nos a enxergar Rachel de Queiroz enquanto intelectual. O primeiro foram algumas de nossas leituras teóricas e de fonte que justificam esta posição, entre as quais se encontra a definição de intelectual citada acima pelo historiador Jean-François Sirinneli. Sua descrição amplia o conceito de intelectual para além de determinadas profissões ou saberes específicos.

Além de Sirinneli, diferentes propostas de análise, que não consideram a literatura somente por seu lado mágico e eternizado mas em sua materialidade e sociabilidade, auxiliaram-nos a pensar a escritora cearense para além de sua produção literária[11]. Consideramo-la uma mulher que pensa o político e atua de uma forma peculiar no espaço público.

Em segundo lugar, convenceram-nos o testemunho de um senhor que, sem querer, assistiu a uma apresentação que fizemos num congresso qualquer, e depois comentou ter achado a ideia interessante pois, nos idos dos anos 1980, assistira a uma palestra de Rachel de Queiroz na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), e ficou impressionado com o modo como aquela mulher analisava a política e a sociedade brasileiras.

Por fim, aliado às teorias e ao testemunho deste senhor, fortaleceram nossa decisão as inúmeras correspondências endereçadas a Rachel de Queiroz, de leitores e

---

[10] SIRINELLI, Jean-François & ORY, Pascal. *Les intellectuels en France:* de l'affaire Dreyfus à nos jours. Éditions Perrin, 2004. p. 15.

[11] Ver, por exemplo: CÂNDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992. p. 13-22; CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo. *História em cousas miúdas.* Campinas: Editora UNICAMP, 2005; CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia.* São Carlos: EdufSCar, 2012; _____. *À beira da falésia:* a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002; _____. *Cultura escrita, Literatura e História.* Porto Alegre: ARTMED, 2001.

amigos, que contribuem para defini-la enquanto uma intelectual que pensou o Brasil e que foi reconhecida enquanto tal por seus pares e por seu público.

Tendo como objeto principal de estudo a trajetória da intelectualidade francesa do século XX e produzindo diversos livros e artigos nesta direção, Sirinneli trouxe em suas últimas reflexões um aporte teórico interessante para a nossa discussão. Sua reflexão sobre o "jogo de escalas" na análise historiográfica política, traz uma abordagem que parte da *Àgora* à *Cité*[12] e ao *mundo*, alternando as escalas de acordo com a necessidade da análise[13]. Este jogo, no estudo de uma trajetória intelectual, torna-se indispensável.

Daí a importância de um trabalho sobre a trajetória da autora cearense, que levasse em conta não só aspectos literários, mas também políticos, não só temas nacionais, mas internacionais, não só debates do espaço público, mas informações pessoais que enriquecessem o argumento.

E, neste sentido, nas infinitas formas biográficas apresentadas por François Dosse em seu livro *Le pari biographique*, acreditamos compartilhar de uma narrativa de "biografia intelectual"[14].

Escrito desta maneira, parece bonito e acabado. No entanto, o problema que se coloca a partir desta definição é: "o que pode captar o biógrafo, de um filósofo ou de um intelectual, que já não esteja em suas obras? A biografia chegou, nessa esfera, ao ponto do paroxismo de sua tensão aporética" [15].

A frase comunga com o desafio proposto pela própria Rachel de Queiroz: "se quiser saber da minha vida, leia minhas crônicas" e com um desafio ainda maior, quando ela afirma: "se bem conheço que não sou um escritor, no sentido alevantado que tem essa palavra; se não posso aspirar a fazer parte dessa elite que se chama a *inteligentzia*; se não sou sequer, integralmente, um intelectual, e apenas uma mulher que vive para escrever; penso contudo que, nesta profissão que é a nossa, desempenho como posso o papel de artesão diligente" [16].

---

[12] As palavras *ágora* e *Cité* remetem a seus significados na democracia clássica ateniense, sendo a *ágora*, a grosso modo, a praça pública onde os políticos se manifestam. Já a *Cité* representa a coexistência social, onde a política é discutida entre todos. E o *mundo*, por fim, representa a importância do contexto internacional, ainda mais em um mundo globalizado como o do século XX.

[13] Ver : SIRINELLI, Jean-François. *Désenclaver l'histoire: nouveaux regards sur le XXe siècle français.* Paris : CNRS Éditions, 2013. A ser publicado em breve em português pela editora da UFMG.

[14] Ver capítulo sobre a biografia intelectual em DOSSE, François. *Op. Cit.*

[15] DOSSE, François. *Op. Cit.* p. 361.

[16] Concursos Literários de 1958. *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 1958. p. 123-124. AABL.

Como, portanto, realizar um estudo biográfico sobre uma autora que rejeitava a ideia de lhe fazerem uma biografia? Como considerar intelectual uma escritora que afirmava não o ser?

Acredito que as questões acima citadas não têm respostas acabadas. Mas, para ajudar a pensá-las, compete apresentar uma última discussão levantada por este trabalho: as diferentes concepções e representações marcadas pelo *gênero*; proposta ainda mais desafiadora em se tratando de Rachel de Queiroz, uma antifeminista declarada.

Ao longo desta tese, veremos algumas das inúmeras vezes em que argumentos de gênero foram utilizados pela escritora cearense para disfarçar ou diminuir sua importância no espaço público, seu pioneirismo nas letras brasileiras e seu discurso e intervenção políticos. Muitas vezes, é claro, estes argumentos serviam como pura ironia, assumindo inclusive o disfarce de certa arrogância.

Como descrevem Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, antes do gênero enquanto conceito adentrar a disciplina *História*, no Brasil, estivemos em diálogo com a chamada *história das mulheres*, corrente representada principalmente pela historiadora Michele Perrot.

Foi a partir do questionamento sobre uma "história das mulheres" separada de uma suposta "história dos homens" que se propôs o conceito de gênero para a disciplina, um conceito relativo à cultura e à construção social das diferenças sexuais, vistas de modo sempre relacional (raça, classe, geração etc) [17].

Neste sentido, ainda que possamos ofender o antifeminismo de Rachel de Queiroz onde quer que ela esteja, é inevitável separar o desenvolvimento do conceito de gênero utilizado por esta tese, da história do próprio movimento feminista.

Não querendo prolongar a questão ou adentrar em seus debates particulares, gostaríamos apenas de concordar com vários historiadores, homens e mulheres, que acreditam na importância deste conceito, associado a outros, para se repensar a própria epistemologia da disciplina[18].

---

[17] Em: SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria . A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, 2007 p. 281-300.

[18] Citaria como um dos melhores exemplos nesse sentido, o livro de SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica.* Bauru: Edusc, 2003, além do próprio trabalho que a professora Rachel Soihet vem desenvolvendo ao longo dos anos e cujo livro *Feminismos e antifeminismos* (Rio de Janeiro: 7letras, 2013) é um ótimo exemplo. Neste livro, reproduz-se o artigo *Zombaria como arma antifeminista*, um dos textos mais citados em estudos correlatos.

No mesmo sentido apontado por Peter Burke, acreditamos que existe uma tendência de que os estudos sobre as mulheres e os estudos de gênero impliquem numa transformação e redefinição do próprio campo, como o autor exemplifica ter ocorrido no caso dos estudos sobre a Renascença[19].

Rachel de Queiroz foi uma autora que contribuiu, com seu exemplo, para a inserção da mulher no mercado de trabalho da escrita, além de ter sido amiga de intelectuais e políticos importantes do século XX, indo almoçar com presidentes no palácio do governo ou recebendo-os em sua casa para confissões e derramamento de lágrimas, foi conselheira de ministros, escolheu amigos seus para desempenharem cargos públicos federais, cozinhou para militares que depuseram João Goulart etc. Por isso, acreditamos que uma análise que problematize a trajetória política da intelectual Rachel de Queiroz a partir de um olhar que inclui a análise de gênero, seja também uma forma de repensar a história do Brasil e as relações entre gênero e política.

Arriscamo-nos, portanto, nesta tese a: a) *escrever uma narrativa biográfica* sobre Rachel de Queiroz até 1964, reconhecendo ser ela alguém que não admitia fazerem-lhe uma biografia; b) *considerar como importante intelectual* brasileira uma escritora que afirmava não ter nascido para "mulher pública"[20]; c) *enxergar através de um olhar de gênero* uma convicta antifeminista.

Assumindo o paradoxo como algo positivo, sentimos compartilhar, portanto, das reflexões atuais sobre o sujeito e seus processos de subjetivação e, neste sentido, defendemos a desconstrução da ideia de um sujeito coerente, admitindo suas pluralidades, contradições, ambiguidades, enfim, sua complexidade. Este é o olhar que temos sobre Rachel de Queiroz.

Em curso ministrado na UFF e na UFRJ em 2013, Giovanni Levi foi interrogado sobre a diferença entre história e ficção, ao que respondeu: "ficção só se escreve uma vez e é única, a história se reescreve quantas vezes forem possíveis, ou necessárias". No senso comum, no entanto, a ficção está associada à mentira e a história à verdade. Este já não seria, portanto, um paradoxo suficiente para assumir o risco de caminhar entre a ficção e a história e transgredir certas doxas?

***

[19] BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008. p. 66.
[20] Rachel responde desta forma ao presidente Jânio Quadros, quando este a convida para ser ministra da Educação em 1961.

O texto que segue foi dividido em cinco capítulos e uma introdução. Na introdução, *Se quiser saber da minha vida, leia minhas crônicas,* explicamos quem foi Rachel de Queiroz e qual a importância de sua obra. Nela apresentamos também um "estado da arte" em relação à bibliografia referente à trajetória da autora cearense e a complexidade e diversidade das fontes com as quais lidamos neste trabalho. Ao mesmo tempo, procuramos definir o tema proposto para esta tese e as principais hipóteses a serem desenvolvidas no trabalho.

Os capítulos, por sua vez, seguem em ordem cronológica, porém sempre dialogando com o fator *memória*, que serve para problematizar a própria noção de tempo e de história. No primeiro capítulo, *Menina criada em casa de intelectual*, apresentamos a relação de Rachel de Queiroz com a família, nuclear e ancestral. Além disso, pensamos os mitos familiares e políticos da infância racheliana e seus primeiros escritos para jornal.

No capítulo *Sou um animal político,* narramos a inserção de Rachel de Queiroz em três movimentos de esquerda que marcaram sua juventude até a idade adulta: o anarquismo, o comunismo e o trotskismo enquanto corrente crítica ao stalinismo. Ao longo deste percurso por diferentes militâncias, Rachel cresceu enquanto escritora, dialogando com modernistas e regionalistas, terminando por publicar romances e fazer sucesso, ainda que constantemente desafiada em sua escrita, e perseguida pela polícia política do estado varguista.

Em *Estar só e ser autêntica*, mapeamos a trajetória racheliana a partir de 1945, com o início de uma nova etapa de sua trajetória profissional e pessoal, coincidente com o fim do governo Vargas. Aqui, Rachel é reconhecida enquanto "fenômeno nacional das letras", escreve para inúmeros jornais, torna-se colunista exclusiva da revista *O Cruzeiro,* viaja pelo interior do Brasil e pela Europa, publica o melhor de suas crônicas políticas e afirma sua independência frente às "manadas", aos partidos, às militâncias partidárias e às definições políticas simplistas.

Em *Convivência de contrários,* percebemos como a opinião política racheliana vai se radicalizando num sentido conservador a partir de 1954, uma vez que a escritora cearense não vê saída para o que ela acredita ser a herança varguista na história nacional. Sua radicalidade está, ao mesmo tempo, cercada pelo trauma vivido durante a ditadura do Estado Novo e pelo trauma de uma geração que acompanhou de perto a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria que a seguiu, acostumando-se a pensar a

política em termos de bem e mal, de “carne e sangue”, “amigos e inimigos”; uma política cada vez menos aberta a diálogos e soluções conciliatórias.

Por fim, *Deus vomita os mornos* descreve o percurso de Rachel de Queiroz desde a renúncia do presidente Jânio Quadros até o golpe civil militar de 1964, onde Rachel de Queiroz assumiu posição de destaque como uma das mais importantes defensoras da “revolução”. É quando suas posições políticas assumem uma atitude prática, seguindo as tendências do próprio contexto. Assim, ainda que a opinião dos escritores pretendesse ser autônoma, ela dialogava com as ideias que circulavam repetidamente na mídia, nas ruas, nos círculos de amizade. O jornal, neste caso, será a tribuna de Rachel de Queiroz, terreno de afirmações e contradições, terreno onde o sujeito autônomo Rachel de Queiroz dá lugar de modo consciente a um sujeito coletivo, que fala em nome de um ideal de Brasil.

Não podendo avançar o ano de 1964 devido aos limites desta tese, aproveitamos a conclusão para sugerir alguns dos passos de Rachel de Queiroz nos primeiros anos da ditadura civil-militar até a morte do ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, sem podermos, no entanto, aprofundar o estudo. O importante, porém, é tirar algumas lições desta trajetória comum e excepcional, portanto ambígua, contraditória e apaixonante que Rachel de Queiroz nos apresenta.

“Se quiser saber da minha vida, leia minhas crônicas”

(Hoje)

Rachel de Queiroz nos anos 1990
Fonte: http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertaocentral/literatura/quixada-comeca-semana-cultural-em-homenagem-a-rachel-de-queiroz/ Acesso em 20/11/2014

Prezada d. Rachel: minha mulher se queixa de que a senhora está ficando politiqueira. Pensa isso porque é bem mais nova do que nós. Já eu, velho jornalista aposentado, sei que R. Q. sempre foi assim [21].
1989 - Anônimo

Aos setenta e nove anos, Rachel de Queiroz exibia à primeira vista uma imagem típica das histórias de Monteiro Lobato: era a figura da Dona Benta por excelência. Avó dedicada[22], semblante de sabedoria, contadora de histórias, voz firme, ar divertido e, além de tudo, excelente cozinheira. Suas fotos mais conhecidas costumam retratá-la já idosa, sentada numa cadeira de palha ou uma poltrona por ela mesma bordada de flores tendo, ao fundo, seu belo apartamento no Leblon, recriando o cenário de uma antiga casa do sertão transportada às terras cariocas.

Para aqueles que conheciam seu cotidiano de perto, sabiam que a escritora costumava ter, ainda nesta época, uma vida movimentada, escrevendo sempre para jornais, recebendo frequentemente cartas e telefonemas de estudantes, de escolas, universidades e de jornalistas, implorando uma entrevista, convidando para uma palestra, pedindo um autógrafo, livros, recomendações ou, ao menos, uma ajuda para algum trabalho de escola. Nesse ritmo a autora continuou até alguns anos antes sua morte, em 2003.

Rachel de Queiroz construiu em seus mais de setenta anos de profissão, um castelo para si, uma habitação de rainha, sólida e imponente, tão diferente de inúmeros outros escritores e escritoras que tentaram adentrar o "reino" do cânone literário brasileiro. Por outro lado, se aceitarmos a metáfora do castelo para compreender o *lugar social* construído por Rachel de Queiroz nas letras e na história brasileiras, podemos percebê-lo também em sua fragilidade e possibilidade de desconstrução. Por isso descrevemo-lo como um castelo, sim, mas de cartas.

Um castelo de cartas é erguido com base num risco calculado, devido a seu frágil equilíbrio no campo em que se sustenta. É um castelo de arestas e não de preenchimentos, é cheio de lacunas, possibilitando que seja visto não só pelos lados e por cima, mas *através*. Além disso, suas paredes são feitas de figuras de reis e rainhas, de valetes servis e de *jokers*, de muitos números, de corações e paus, de ouro e de

---

[21] Palpite de leitor sobre o Balé dos Presidenciáveis. *O Estado de São Paulo.* 24/03/1989. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

[22] A escritora cearense teve apenas uma filha em 1933, falecida com pouco mais de um ano de idade. No entanto, Rachel cuidou de sua irmã mais nova como uma filha, e costumava chamar os sobrinhos de netos.

espadas, de "Ahhhsss" (*Às*) reclamões de todos os naipes. A forma como as cartas do jogo se dispõem obedecem a uma estabilidade sutil, sujeita a desmoronar com um simples sopro.

Assim, escolher narrar a trajetória política de Rachel de Queiroz até 1964 é uma opção pelo sopro, não maldoso, é claro, mas curioso, um sopro que pretende investigar os mecanismos de construção deste castelo impecável, enxergando os naipes de suas cartas e a disposição delas na coerência do conjunto, que inclui o discurso sobre si e o fator *memória*. Como escreveu certa vez Clarice Lispector, "Não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de viver qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro"[23].

***

Se Rachel de Queiroz foi uma escritora muito popular, e reconhecida desde a publicação de seus primeiros escritos, o interesse acadêmico pela autora é recente se concentra em seu perfil literário[24]: observa-se a senhora Rachel, confortável em seu assento bordado de flores, de prêmios, de livros, de vida literária, e procura-se em seus olhos a trajetória da menina que começou a escrever aos 16 anos de idade e que aos 30 era já fenômeno nacional.

O Quinze, seu primeiro livro publicado[25], lançado em 1930, faz sucesso até hoje, é obrigatório em alguns vestibulares, e perpetua a imagem de uma autora constantemente definida pela crítica literária como "regionalista" ou "modernista da segunda geração" , inovadora da literatura de romances nesta mesma década.

Para além da escritora consagrada, a imagem rara da moça dos anos 20, de cabelos curtos ondulados ou à *garçonne*, olhos exageradamente míopes e pose de

---

[23] LISPECTOR, Clarice. *Correspondências.* São Paulo: Rocco, 2002. p. 165.

[24] É importante considerar que a expansão dos cursos superiores no Brasil, principalmente em nível de pós-graduação, deu-se após os anos 1950. Além disso, características epistemológicas de cada disciplina relacionam-se também com a seleção de seus objetos de estudo. Ao mesmo tempo, como veremos, é importante considerar a posição política de Rachel de Queiroz ao longo da carreira para compreender a escassez de estudos acadêmicos sobre sua trajetória intelectual até muito recentemente.

[25] Em 1930, Rachel já tinha em mãos os originais de outro livro, *Mandacaru*, com poesias que escrevera até esta data. No entanto, este livro foi publicado apenas postumamente, em 2010, f*ac-símile*, pelo Instituto Moreira Salles.

modelo, tem sido cada vez mais revisitada pelos estudos literários contemporâneos, principalmente aqueles envolvidos com a análise de gênero[26].

É sobre esta menina que redobra o interesse daqueles pesquisadores e pesquisadoras que procuram entender, por exemplo, o modo como o cânone literário brasileiro avaliou e incorporou os textos de algumas mulheres que escreveram no século XX; entre elas, Rachel de Queiroz (1910-2003), Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), Cecília Meireles (1901-1964) e, mais tarde, uma autora e uma literatura com a densidade de Clarice Lispector (1920-1977). Pertencem elas a um grupo mais amplo, muitas vezes esquecido, mas chave para o mergulho numa linguagem que chocou a crítica literária modernista e reinventou o romance, dando lugar ao incógnito, ao inominável, ao assustador mundo feminino do século XX[27].

Mas, de uma Rachel moça à outra Rachel, já senhora, contam-se algumas décadas, bem lembradas pela própria autora. Assim responde ela, em crônica de 1970, ao convite feito por uma faculdade de Nova Friburgo:

> Era essa a mocinha que escreveu *O Quinze* e é responsável por ele, e pelos seus ingênuos desabafos de principiante da vida e do ofício. E quem é a velha senhora que vocês enganadamente chamam a dar testemunho? Que tem ela em comum – sofrida, humilde, desenganada – com a insolente rapariga que, quarenta anos atrás, ia ajudar a reformar o mundo?[28]

A essa pergunta auto reflexiva – que incomodava a autora naquele momento e incomoda os pesquisadores até hoje -, responde categoricamente Rachel de Queiroz: “A velha devorou a moça! A velha, se presente em Friburgo, não saberia prestar contas da moça que vocês convocam!”.

É justamente este “devoramento”, esta senhora dos anos 1970, que diz ter “devorado a moça dos anos 1930” que é objeto desta pesquisa em caráter mais amplo. No momento em que os estudos acadêmicos mantiveram o interesse pela autora cearense quase exclusivamente enquanto figura importante da história literária brasileira, seu perfil intelectual foi menos abordado. São alguns jornalistas e ensaístas,

---

[26] Colocamos em anexo a lista da bibliografia consulta neste capítulo.

[27] Cito aqui algumas autoras da geração de Rachel de Queiroz que, ao adentrarem o espaço canônico configurado a partir do modernismo, acabaram por permanecer em nossa tradição literária até hoje. Logicamente, desde pelo menos o século anterior, outras mulheres foram elogiadas por sua literatura, como poderíamos citar o exemplo de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), mas poucas delas resistiram à crítica impiedosa das gerações modernistas subsequentes. A *Editora Mulheres* tem um papel decisivo no resgate destas autoras do século XIX através de trabalhos como a coletânea *Escritoras brasileiras do século XIX*.

[28] QUEIROZ, Rachel de. Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo. *O Cruzeiro*. 10/11/1970. p. 146. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

além de amigos da autora, aqueles que vão se preocupar em situar a posição política de Rachel de Queiroz no campo intelectual que se desenvolve ao longo do século XX. Neste sentido, uma pequena diferença na ênfase da palavra *intelectual* pode ampliar o olhar do pesquisador para outro aspecto da trajetória de Rachel de Queiroz.

Para Jean-François Sirinelli e Pascal Ory, o intelectual não é definido por sua função ou seu *status* profissional, mas por sua intervenção no terreno da política; não sendo necessariamente "o homem que pensa, mas o homem (ou a mulher) que comunica um pensamento". O intelectual, ele próprio, supõe compartilhar ideias com seu interlocutor e com toda uma parte da sociedade à qual ele pretende se dirigir. Este homem/mulher com grande habilidade narrativa também acredita ter uma vocação crítica (não necessariamente contrária ao *status quo*), e ser o porta-voz dos grandes valores da humanidade[29].

A partir destas considerações, o objetivo desta introdução é discutir de modo geral a trajetória política da *intelectual* Rachel de Queiroz, com foco na *memória* elaborada sobre esta trajetória, procurando mapeá-la e compreender suas diferentes ênfases ao longo do tempo e também suas lacunas.

As fontes que representam esta memória são vastas, desde entrevistas dadas a jornais, até artigos, antologias literárias, teses e dissertações elaboradas sobre a obra e a vida de Rachel de Queiroz, além dos gêneros mais próximos da autobiografia, como longos livros de entrevistas e as próprias crônicas da autora.

Em termos conceituais, serão discutidas, nesta parte da tese, as relações entre memória e escrita de si, memória e história, gênero e política, além da análise qualitativa das fontes utilizadas. A partir desta discussão serão apontadas as principais hipóteses defendidas na tese.

Esforço de recordação – as entrevistas

O ano de 2010 marcou a celebração do centenário de nascimento de Rachel de Queiroz, comemorado em várias universidades, escolas e outras instituições, como museus, bibliotecas, centros culturais. Assim foram a belíssima exposição organizada pela Academia Brasileira de Letras – da qual Rachel foi membro -, e as palestras e lançamentos organizados pelo Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro, além da série

[29] Jean-François & ORY, Pascal. *Op. Cit.* p. 15.

de artigos, eventos comemorativos e lançamentos promovidos na cidade natal da autora, Fortaleza, Ceará.

Em todas as comemorações, o lado mais aclamado da trajetória da autora foi, sem dúvida, o de sua carreira literária, como romancista e cronista e, para surpresa de muitos, poeta. A grande novidade foi o lançamento, no Rio e em Fortaleza, de originais até então nunca divulgados, de algumas poesias escritas pela mocinha Rachel, além de documentos que possibilitaram a apreciação da carreira jornalística da autora cearense, antes mesmo de seu primeiro romance, *O Quinze*, de 1930[30].

De fato, se alguém pedisse à escritora uma definição profissional, com certeza Rachel afirmar-se-ia jornalista, como tantas vezes o fez. Tendo publicado cerca de uma dezena de romances ao longo dos 70 anos de carreira, a escritora nunca deixou, no entanto, de publicar crônicas em jornais durante praticamente todas as semanas de sua vida; o que corresponde a milhares de crônicas. Testemunha de praticamente todo o século XX, Rachel pode ser considerada dona de uma trajetória privilegiada, porque escreveu publicamente sobre seu contexto e conviveu com o meio político e intelectual mais expressivo de sua época.

Em 2002, Hermes Rodrigues Nery publicou uma coletânea de conversas informais com a escritora cearense, intercaladas com trechos de seus romances e crônicas. São 270 páginas onde vários temas são tratados, tanto em relação à biografia da autora quanto sua opinião sobre política, literatura, profissão, família, amizade, religião e a polêmica questão do golpe civil militar de 1964. Trata-se de uma das maiores entrevistas concedidas por Rachel e está baseada não apenas em uma conversa informal, mas várias, colhidas entre 1988 e 1996.

Este livro constitui uma peça importante em meio às dezenas de entrevistas que Rachel de Queiroz concedeu em vida. Não foi à toa que os responsáveis pelo número especial dedicado à escritora cearense pelo Instituto Moreira Salles em 1997 (primeira mulher a ser homenageada pela coleção), encontraram nessa pluralidade de diálogos, um desafio: "a facilidade é que se pode esperar que a escritora fale com seus entrevistadores o tempo que for necessário. O problema é que, como Rachel já concedeu um sem número de depoimentos, fica difícil trazer à tona temas ainda não

---

[30] Sobre a trajetória de Rachel de Queiroz antes de *O Quinze* (1930) ver minha dissertação de mestrado, publicada como GUERELLUS, Natália de Santanna. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930.* Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013, além do *fac-símile* de *Mandacaru*, publicado pelo Instituto Moreira Salles com uma apresentação de Elvia Bezerra (QUEIROZ, Rachel de. *Mandacaru*. Rio de Janeiro: IMS, 2010).

abordados”[31]. Com razão, a memória, quase sempre incentivada a recordar assuntos repetidos, tende a afastar de si o ideal da “lembrança pura”, do frescor dos acontecimentos, tornando as respostas cada vez mais anedóticas e prontas[32].

Assim, grande parte da memória *sobre* a autora cearense será revelada por meio das entrevistas e, neste sentido, vai ser sempre dupla, dialógica, dependente da interlocução, da conversa, do esforço de interrogação que, por sua vez, provoca o “esforço de memória” – para utilizar um conceito de Bergson. Esta característica abre para o(a) pesquisador(a) a possibilidade de analisar não só as respostas da autora e mais histórias sobre sua trajetória, mas também o que cada interlocutor(a) buscou investigar na trajetória racheliana em cada contexto de realização das entrevistas.

A primeira hipótese que apresentamos, portanto, é o reconhecimento da existência de uma memória dialógica no que se refere a Rachel de Queiroz, em paralelo a uma memória pessoal revelada principalmente por suas crônicas. Além disso, o que não pode ser esquecido é que Rachel de Queiroz nunca deixou de ser, em primeiro lugar, escritora; de um modo tão profundo, que nem suas próprias respostas a entrevistas formais escaparam a este pressuposto de ficcionalização.

Corre-se fortemente, portanto, o risco apontado por Pierre Bourdieu, quando tratou da ilusão biográfica, ou seja: “... a ilusão de que a história de vida de um indivíduo aponta para um determinado sentido, e também para uma determinada significação, desenvolvendo-se linearmente em uma direção, quando o que acontece é a relação inversa, pois, sendo o relato biográfico uma construção, é ele que organiza a história de vida e busca dar-lhe sentido”[33].

***

Como membro da Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz foi velada a 04 de novembro de 2003 no Petit Trianon, situado no Centro do Rio de Janeiro. Apesar de ter enfrentado vários problemas médicos nos últimos anos de vida, teve morte calma e silenciosa prestes a completar 93 anos de idade, deitada na rede de seu apartamento no

---

[31] *Cadernos de Literatura Brasileira:* Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 21.

[32] Sobre “lembrança pura” e “lembrança imagem”, ver a análise que Ricoeur faz dos conceitos de Bergson, em RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento.* Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2010. p.69-70.

[33] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191. p. 184.

Leblon. A data do velório no prédio oficial da ABL coincidia com o 04 de novembro de 1977, data em que fora recebida na instituição carregando nas costas a importância de ser a primeira mulher a adentrar a tradicional Casa de Machado de Assis.

Rachel de Queiroz ocupou a cadeira número cinco, cujo fundador – o poeta Raimundo Correia, foi homenageado pela autora em seu discurso de posse.

> O poema eu descobriria por mim mesma, num volume já gasto por outras gerações de moças – minhas tias. Naquela nossa casa onde se lia tanto, mas onde meu pai só gostava de Camões, Castro Alves, Guerra Junqueiro, e minha mãe sofria uma incompreensível falta de ouvido para os poetas – (o seu ídolo era Machado, mas na prosa!) – Raimundo ficou sendo meu poeta particular, o meu misterioso, louco, poeta particular[34].

A influência da família, do sertão, das leituras da infância, seriam marcas profundas da literatura racheliana. No entanto, interessante seria notar a ausência de qualquer menção nos discursos de posse e recepção, este último escrito por Adonias Filho, ao fato de Rachel ser a primeira mulher a entrar para a pomposa Academia Brasileira de Letras.

Uma verdadeira lacuna, uma vez que há cerca de oitenta anos mulheres tentavam se candidatar à instituição, sem que isto fosse permitido. Além disso, a maior parte do público presente na cerimônia de posse de Rachel de Queiroz se constituía de mulheres e os jornais destacavam quase exclusivamente esta dimensão da eleição[35].

Nos anos 1970, faziam parte da Academia vários amigos de Rachel, entre eles o escritor Otávio de Faria, um dos críticos responsáveis pela consagração literária da autora nos anos 30. Otávio de Faria, Afonso Arinos e Rachel de Queiroz, assim como o também imortal Adonias Filho, além de fazerem parte da ABL[36], integravam à época uma instituição cultural criada durante o regime militar, o Conselho Federal de Cultura:

---

[34] QUEIROZ, Rachel de & FILHO, Adonias. *Discurso na Academia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. p. 15. AABL.

[35] "Dois discursos apenas – o seu e o do imortal Adonias Filho – marcaram, ontem, na Academia Brasileira de Letras, a posse da escritora Rachel de Queiroz. Mais de mil pessoas, com predominância do público feminino além de 24 dos 50 imortais estiveram presentes, assinalando aquilo que será, na história da literatura brasileira, um dos fatos mais importantes: a entrada da mulher na ABL". Rachel de Queiroz é a 1ª mulher na Academia. *Jornal do Comércio*. 05/11/1977. AFBN.

[36] Otávio de Faria foi eleito para a ABL em 1972, Afonso Arinos de Melo Franco em 1958, Adonias Filho em 1965.

> Em 29 de abril de 1976, o acadêmico Osvaldo Orico, mobilizado pela campanha de Dinah Silveira de Queiroz a favor da admissão das mulheres na Academia[37], apresentou nova proposta de reforma no Regimento da Instituição[38]. "Dinah, que afirmava estar lutando pela entrada das mulheres na ABL, e não especificamente pela sua, encampou a candidatura de Rachel de Queiroz"[39].

Aprovada a possibilidade de candidatura, a principal questão no espaço público parecia ser como se daria a entrada das mulheres na Academia e, principalmente, que fardão ela utilizaria após a eleição[40]. Fato este, como foi dito, sequer comentado pelos discursos do dia da posse. Mencioná-lo talvez descaracterizasse uma opinião muito veemente de Rachel de Queiroz naquela época, que lutou ao longo de toda a carreira para não ser associada aos feminismos, principalmente quando se baseavam no discurso da diferença e da vitimização.

A autora nunca comprou esta briga, afirmando ser amiga de diversos homens intelectuais e declarando não ter sofrido preconceito por parte deles. O antifeminismo de Rachel de Queiroz é até hoje uma das características mais ambíguas de sua personalidade, pois a rejeição manifestada no discurso, não invalida a prática da autora em sua trajetória pessoal e profissional, marcada pela superação de preconceitos de gênero comuns em sua época.

Na entrevista publicada por Nery em 2002, por exemplo, percebemos uma nova forma de colocar a questão da entrada das mulheres na Academia:

> **Como foi para você ter sido a primeira mulher a entrar para Academia Brasileira de Letras?** Na ocasião, a Academia Francesa admitia candidatura de mulheres, mas nunca tinha eleito uma até então. A vitória da minha candidatura representou a quebra de um tabu. Neste sentido me senti satisfeita, porque vivi a vida inteira na luta contra os formalismos, as convenções, os tabus e os

---

[37]O debate sobre a entrada de mulheres na Academia Brasileira de Letras é de longa data. Desde sua fundação cogitaram-se nomes como o de Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia e Amélia Beviláqua. Até os anos 1970, entretanto, predominou entre os acadêmicos a opinião conservadora neste aspecto. Somente em 1977, depois de amplo e polêmico protesto de Dinah Silveira de Queiroz é que as normas da instituição foram revistas. Ver: FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo, 2009, 387p.

[38] Osvaldo Orico já suscitara a discussão na ABL no segundo semestre de 1970, quando Dinah Silveira apresentou candidatura para a Academia no lugar de Álvaro Lins. Nesta época, a candidatura foi negada e o argumento de Orico pouco comentado. Ver FANINI, Michele Asmar. *Op. Cit.* p. 237.

[39] Rachel de Queiroz é a 1ª mulher na Academia. *Jornal do Comércio.* 05/11/1977. AFBN..

[40] Eleita Rachel, uma das polêmicas que povoou os jornais e revistas foi a escolha da roupa que vestiria a acadêmica. No artigo *A roupa de Rachel*, Heloísa Buarque de Hollanda – que fora amiga da autora cearense – retrata as várias discussões nos jornais do Rio, de São Paulo, da Bahia. Alguns membros da ABL opinaram que o modelo deveria ser discutido e votado pelo grupo; outros deram à escritora o direito de escolha. Aconselharam boleros de toureiro, dragonas, alamares e mesmo opas de acompanhar procissão. Ao final, prevaleceu a escolha de Rachel: "Estão fazendo muita onda com essa história da minha roupa. Meus vestidos são todos *chemisier*, todos absolutamente do mesmo feitio: eu não me visto, eu me cubro". *Apud.* HOLLANDA, http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=353. Acesso em 20/01/2009.

> preconceitos. Hoje, você veja, há outras mulheres na Academia, como a Lygia Fagundes Telles e a Nélida Piñon[41].

Apresenta-se aqui **uma segunda hipótese** levantada por esta tese: o discurso antifeminista de Rachel de Queiroz não invalidava certas de suas práticas, que podem ser consideradas como práticas feministas. No conjunto da trajetória racheliana, antifeminismo e feminismo vão andar juntos e serão utilizados como estratégia para se mover no campo intelectual, político, familiar, social que a cerca.

Comentadas estas polêmicas, outro ponto deve ser destacado na eleição de Rachel de Queiroz para a ABL em 1977. Uma simples declaração feita para um jornal da época pode ajudar a desvendar mais um mistério desta complexa trajetória política. Assim afirma o mesmo acadêmico que propôs a alteração no regimento para que incluísse a entrada das mulheres na ABL, Osvaldo Orico:

> O escritor Osvaldo Orico disse ontem tão logo soube do resultado da eleição que não compareceu à reunião como protesto ao resultado que ele já previa e desabafou: "Ganhou Rachel, perdeu a Academia!". O autor da emenda ao regime permitindo a candidatura de mulher à imortalidade acusou o Conselho Federal de Cultura de ter influenciado os acadêmicos através de seu presidente Adonias Filho. [42]

Osvaldo Orico chegou a acusar a eleição de Rachel como uma troca de favores entre ela e Adonias – que fez a campanha da autora para a entrada na ABL -, uma vez que a cearense teria, "com seus poderes mágicos", colocado Adonias na presidência do Conselho Federal de Cultura[43].

Este pequeno trecho revela o principal aspecto político envolvido na eleição de uma escritora diretamente vinculada ao governo. Aliás, o vínculo não se deu somente por ser membro do CFC desde sua fundação em 1967 até sua extinção, em 1989. Rachel de Queiroz defendeu a "revolução de 64" em suas crônicas, além de ser amiga pessoal do primeiro presidente militar, Humberto de Alencar Castelo Branco – seu primo -, justamente quem a nomeou, junto a outros 23 membros, para o CFC em 1967.

Portanto, a polêmica criada com a entrada de Rachel na ABL em 1977 é mais um exemplo da importância da imagem pública da escritora naquele momento. Ao entrar

---

[41] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 208.

[42] Rachel de Queiroz e a vez da mulher na ABL. *O Estado de São Paulo***.** 05/08/1977. AFBN.

[43] É importante destacar que, décadas depois, Rachel menospreza esta polêmica, afirmando que Orico estaria apenas magoado porque Rachel tinha entrado na ABL antes de Dinah Silveira, a verdadeira promotora da entrada das mulheres na instituição. Aqui destacamos o fator "memória": o que causou um verdadeiro mal-estar na década de 1970, torna-se um mero detalhe 20 anos depois. Sobre o comentário de Rachel nos anos 1990, ver: Rachel de Queiroz no Programa Roda Viva de 01/07/1991: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm. Também Fanini (*Op. Cit.*, 2009) destaca o fato de que a amizade de Rachel com os membros da ABL teria facilitado sua entrada na instituição, antes da entrada de Dinah Silveira.

para a Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz rompia, sim, um tabu, mas entrava numa instituição onde quase todos eram seus amigos, todos escritores que haviam construído o cânone literário do século XX junto com ela e estavam, em sua grande maioria, envolvidos com o regime de governo daquele momento.

Talvez por isso, a partir da década de 1970 e, principalmente, após sua eleição em 1977, todas as entrevistas encontradas que tratam da questão política na trajetória racheliana, vão enfatizar a filiação da autora ao Partido Comunista nos idos de 1930, como uma forma de evidenciar uma visível contradição em sua trajetória. Estas entrevistas, publicadas em sua maioria a partir do governo Geisel, vão se beneficiar do começo da abertura política e de uma censura mais tolerante para "cutucar a onça com vara curta".

Em entrevista a Ary Quintella em março de 1970, por exemplo, Rachel responde acerca de seu comunismo na década de 30:

> Primeiro, o fato de ser comunista, àquela época, não foi uma coisa muito importante na minha vida. O fato é que o comunismo, o meu comunismo, àquela época, era um desaguadouro para essas inquietações, esse desejo de justiça social, de justiça particular, de justiça privada, de justiça com jota grande, que todo jovem generoso tem. E, naquele momento, o desaguadouro para todas essas ansiedades, decepcionada como estava a mocidade com a revolução de 30 – já estávamos em pleno getulismo – era o comunismo e o socialismo. Havia também esse lado heroico, ilegal, que o Partido tinha naquele momento e que seduzia os jovens. [44]

Em 1970, Rachel tende a menosprezar sua militância política na esquerda, justificada por sua juventude e ingenuidade. O Partido Comunista, para ela, não teria muita importância no total de sua trajetória, uma vez que fez parte dele por pouco mais de um ano entre 1931 e 1932.

Quanto a seus interlocutores, percebe-se que a ênfase no tema da participação política na juventude, tende também a provocar Rachel de Queiroz e reforçar sua imagem conservadora. Um exemplo é a entrevista a Isa Cambará para a *Folha de S. Paulo* já em abril de 1977. A jornalista da *Folha* afirma:

> 1930: uma revolução na literatura. 1977: uma revolução na ABL. Apesar de a eleição ser só em agosto, sua eleição é tida como certa. [...]. Entre uma e outra data, 47 anos. Entre uma e outra data, duas Raquéis de Queirós. A primeira, a jovem de ideias revolucionárias, que escrevia romances sociais, opositora ferrenha do Estado Novo e de todas as estruturas arcaicas. A segunda, uma senhora tranquila, que quer entrar para uma instituição que representa, para muitos jovens de hoje, as mesmas estruturas arcaicas que ela contestou um dia[45].

---

[44] Rachel de Queiroz (Entrevista). *Jornal do Comércio.* 14.03.1970. AFBN.
[45] A velha senhora na Academia (Entrevista). *Folha de São Paulo.* 17.04.1977. AFBN.

A esta provocação Rachel explica como resultado de sua velhice: “Há quem chame isso acomodação. Para mim, é desilusão”. A entrevista chega a ser agressiva, quando a jornalista tenta arrancar da cearense uma opinião sobre a censura, no que Rachel só afirma: “Qual o escritor que pode ser favorável à censura?” E não se manifesta mais em relação a isso.

O mesmo teor acusativo das entrevistas dos anos 1970 pode ser percebido desde os anos finais da ditadura militar até os anos 1990. Em 1991, por exemplo, destaca-se a participação polêmica de Rachel no Programa *Roda Viva* da TV Cultura, cuja parte mais polêmica encontra-se na boca do escritor Caio Fernando Abreu:

> **Caio Fernando Abreu:** E a última coisa, não vou me tornar constrangedor. Por várias coisas que você falou, concluo que você colaborou para coisas muito negativas nesse país, no meu ponto de vista. Compreendo que todos nós somos humanos, erramos, nos equivocamos e tal, mas estou me sentindo extremamente constrangido de estar na posição de render homenagem a um tipo de ideologia que profundamente desprezo[46].

O começo da década de 1990, recém-terminado o período militar, e marcado pelo discurso do heroísmo da resistência, da denúncia da tortura e do menosprezo agressivo pelo regime instaurado em 1964, tornava o comentário de Caio Fernando Abreu – escritor que foi perseguido pelo regime ditatorial – um reflexo destas posições, dirigidas aos símbolos da ditadura.

Na mesma época, porém, Rachel se explicava dizendo que Fernando Abreu tentava acusá-la de ser responsável pelos horrores da ditadura, o que ela considerava uma acusação leviana e sem fundamento: “Eu fui presa no Estado Novo e sempre repudiei toda espécie de totalitarismo”[47].

Na medida em que a década de 1990 avançava em suas análises sobre o regime militar, outras entrevistas e artigos com a autora apareceram com um tom mais ameno, num esforço de compreensão – por parte dos entrevistadores -, e de defesa – por parte da autora:

---

[46] Rachel de Queiroz no Programa Roda Viva de 01/07/1991: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm. Acesso em 20/01/2013.

[47] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 228.

> **Como foi o seu apoio aos militares em 64?**
> (...) Olhando desapaixonadamente, a ação dos generais não foi tão ruim quanto dizem nem tão boa quanto os generais pretendem. Foi um governo de ocasião, mas que tentou conciliar e, assim que foi possível, abandonar, abandonaram e entregaram para os civis. (…)
> **Você foi comunista, trotskista...**
> Pertenci ao Partido Comunista durante 24 horas. Era simpatizante, fui admitida, mas no dia seguinte, tive uma grande briga e abandonei o partido. Ideologicamente, continuo trotskista, o camarada Trotsky ainda é uma personalidade muito importante para mim. Era um grande escritor[48].

Nestas respostas, apresenta-se uma chave para a análise a ser desenvolvida nesta tese: a relação que Rachel de Queiroz manteve com o trotskismo dos anos 1930, ao qual permaneceu vinculada até, pelo menos, o fim da década de 1940. Destacamos, portanto, **mais uma de nossas hipóteses**: a importância que deve ser dada às *culturas políticas* trotskistas na biografia da escritora cearense em comparação a outros grupos políticos que marcaram sua trajetória, como o PCB, por exemplo. No entanto, reconhecemos que estas culturas políticas estão em constante diálogo. Compreender a relação entre elas é também um dos desafios desta tese.

Outro ponto interessante a ser destacado no conjunto das entrevistas aqui apresentadas é o foco dirigido aos anos 1930 e 1960. Pouco se tentava compreender sobre o pensamento político de Rachel de Queiroz entre a filiação ao PCB em 1931 e os grupos trotskistas em 1933 e o golpe civil-militar de 1964. Ou seja, o período relativo à chamada "experiência democrática brasileira" é praticamente esquecido[49]. Já pelas respostas da entrevistada, vimos que os anos 1930 surgem como tempo da ingenuidade política e os anos 1960 como o tempo de uma maturidade que, acusada, busca ser defendida.

Pacto autobiográfico – *Tantos Anos*

Não só entrevistas a jornais e revistas constituem a memória sobre a trajetória política de Rachel de Queiroz. Outra importante fonte de informações é o livro que a autora cearense escreveu a quatro mãos, com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz.

Alguns trechos do original já tinham sido publicados nos *Cadernos de Literatura* do Instituto Moreira Sales um ano antes de serem publicados pela editora Siciliano, em 1998. O livro, além de ser um testemunho valioso de uma época, era uma resposta às

---

[48] QUEIROZ, Rachel de. Entrevista à Folha Ilustrada. São Paulo. Set/1998. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml. Acessado em 15/06/2010s.

[49] Com exceção do livro de Hermes Rodrigues Nery, da entrevista de Isabel Lustosa e do livro *Tantos Anos*, como veremos a seguir.

polêmicas que envolviam a escritora cearense e que haviam prejudicado sua imagem no interior da crítica literária, muito por conta do seu passado político [50].

Gênero literário mais próximo da memória, *Tantos Anos* é, no entanto, uma coletânea de entrevistas; só que aparentemente mais livre, com respostas bem longas, talvez pela vantagem de Rachel responder a questões formuladas pela própria irmã: "As duas trabalharam durante quatro anos nos originais – Maria Luiza, na maior parte do tempo, no papel de repórter e Rachel, como entrevistada" [51].

Considerando-o em separado neste trabalho enxergamos que, mesmo que sua autora negue a escrita de autobiografias, *Tantos Anos* estabelece com o leitor um *pacto autobiográfico.* Como defende Lejeune[52], especialista neste gênero narrativo, a autobiografia se define mais pelo *contrato de leitura* do que pelos seus aspectos formais. E um contrato é estabelecido aqui, entre três pessoas: Rachel, Maria Luiza e o leitor.

Conta Maria Luiza de Queiroz que no final dos anos 1980, quando trabalhava para a TV Educativa no Rio de Janeiro, o cartunista Ziraldo fazia então um programa de entrevistas. Um desses programas foi com Rachel. Como se atravessava um momento de grande ebulição política, com o fim do regime militar, a entrevista encaminhou-se naturalmente para as passadas turbulências do país: os idos da era getulista, as experiências de Rachel como membro do Partido Comunista, as prisões, a clandestinidade, a sua trajetória de vida sempre ligada à trajetória política do Brasil.

De repente, Ziraldo virou-se para Maria Luiza e declarou que ela precisava contar estas histórias, que era sua obrigação como a pessoa mais próxima de Rachel de Queiroz. E assim teve início, segundo Maria Luiza, o processo de "fazer Rachel falar"[53].

No caso deste livro, as memórias aproximam-se do que se pode chamar *reminiscing,* segundo os "modos mnemônicos" estabelecidos por Edward Casey. Consiste em fazer "reviver o passado evocando-o entre várias pessoas (no caso, duas), uma ajudando a outra a rememorar acontecimentos ou saberes compartilhados; a lembrança de uma servindo de *reminding* (lembrete) para as lembranças da outra" [54].

---

[50] Revista analisa a obra de Rachel de Queiroz. *O Estado de São Paulo.* 15/10/1997. AFBN.
[51] Rachel percorre suas lembranças pelas mãos da irmã. *O Estado de São Paulo.* 29/09/1998. AFBN.
[52] LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris: Éditions du Seuil, 1996. Introdução.
[53] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 11.
[54] Casey ainda classifica os modos mnemônicos em mais dois tipos: *reminding* (indicadores que visam a proteger do esquecimento, lembretes, bilhetes e outras técnicas) e *recognizing* (complemento da recordação, é o reconhecimento da "coisa" como ausente e anterior, como sinal de alteridade). Ver RICOEUR, Paul. *Op. Cit.* p. 55-56.

Mesmo com a grande diferença de idade entre as duas irmãs, as memórias se cruzam e Maria Luiza também invoca suas próprias versões de alguns fatos. Nós, leitores, percebemos como o entrelaçamento fraterno é imprescindível para que os assuntos se emendem e soltem informações importantes, mesmo quando são elas tratadas como simples detalhes.

Principalmente nestas maiores entrevistas, realizadas por Rodrigues Nery e pela irmã, Maria Luiza de Queiroz, portanto, as perguntas procuram explorar melhor os diversos caminhos políticos percorridos por Rachel ao longo da vida.

As entrevistas, assim como outras que vimos, concedem especial atenção às décadas de 1930 e 60, mas também exploram conjunturas diferentes, como os anos 1920 e a experiência democrática brasileira entre 1945 e 1964. No entanto, nota-se que os anos após o golpe militar permanecem pouco explorados.

Aqui avançamos a **quarta hipótese** desta tese: mais do que compreender o comunismo racheliano nos anos 1930 ou seu apoio ao golpe de 1964, é importante compreender o contexto brasileiro para além destas duas balizas temporais tão repetidas pelas entrevistas e comentários sobre a autora. Só assim veremos que outros eventos também foram fundamentais na trajetória política racheliana[55].

Logicamente, *Tantos Anos* é um livro escrito com a irmã e publicado pela editora da autora, ou seja, uma ótima oportunidade para esclarecer questões importantes da sua trajetória literária e política. Neste sentido, um capítulo merece atenção: aquele dedicado especialmente ao que Rachel de Queiroz chama "revolução".

Aliás, o fato de dar este nome ao golpe civil militar de 1964, conecta sua resposta nos anos 1990 à posição que assumia politicamente na época do golpe, ou seja, ao lugar de opositora política.

Quando escolhe este título para o capítulo, Rachel de Queiroz enfatiza suas definições da década de 60, qual seja, apoiar uma revolução, uma mudança na ordem política até então vigente. É um capítulo que parece importante de ser escrito nos anos 1990, visto a insistência com que o tema aparece na boca dos jornalistas que entrevistam a autora por essa época.

Escrevendo sobre sua participação nas tramas de 1964, a autora revela, por meio de sua linguagem marcadamente cronística, os aspectos que considera importantes para

---

[55] Se o intuito, no entanto, fosse compreender essencialmente o golpe militar, seria preciso investigar a trajetória racheliana após 1964, o que já está fora da alçada desta tese. Somente desta forma, entenderemos que o que aconteceu naquele ano não era tão facilmente previsível. Falar do golpe civil militar é completamente diferente de falar do regime militar como um todo.

explicar seu envolvimento com o regime militar. Leitora assídua que era dos romances policiais, Rachel descreve a trama do golpe quase como uma narrativa de suspense e conspiração, entre reuniões e telefonemas, terminando no sertão do Ceará como cena final.

Já no livro de Rodrigues Nery, cumpre destacar que, mesmo por serem entrevistas longas, é possível mapear, não somente os campos intelectuais e políticos da autora, mas também suas opiniões sobre política, ideologias, autonomia de pensamento, utopias, sobre o PCB, Vargas, Juscelino, Jânio Quadros, Jango, os militares, Sarney, Collor e até FHC. Assim, o livro torna-se importante por trazer mais detalhes sobre os envolvimentos políticos da autora em contextos diferentes do que os já conhecidos anos de 1930 e 1964.

Um gênero "impuro" – as crônicas

Para o pesquisador, estudar a trajetória política de uma importante figura pública como Rachel de Queiroz complica-se pelo fator *memória* estar presente, não só nas entrevistas e autobiografias, mas também no material produzido pela autora ao longo dos anos, no calor do momento, e que constituem as crônicas rachelianas.

Alguns estudiosos já tentaram classificar o gênero cronístico, entre os quais Antônio Cândido, que se tornou, por longo tempo, a principal referência no âmbito dos estudos literários.

Segundo ele, a crônica não pertenceria aos gêneros maiores da literatura, como o romance, o teatro e a poesia, e por isto mesmo, estaria mais perto de nós. Com seu ar de "qualquer coisa" acabaria tocando o mais profundo. Nela, quebra-se o monumental e a ênfase, característicos dos textos mais longos e, geralmente, predomina o humor. O humor, o efêmero e a oralidade constituiriam, portanto, os traços mais marcantes dessa literatura de "embrulhar sapato e forrar chão de cozinha" [56].

Em trabalhos mais recentes, no entanto, e já no âmbito historiográfico, outros pesquisadores procuraram destacar a ambiguidade da crônica: leve, sim, como afirma Antônio Cândido, mas nem por isso, "menor".

Segundo estes autores: "da tensão entre a elaboração narrativa, sugerida por [José de] Alencar, e o dever de dialogar de forma mais direta com os temas e as questões de

[56] CÂNDIDO, Antônio et al. *Op. Cit.* p. 13.

seu tempo, apontado por Machado[de Assis], se definia o perfil de um gênero que teria importância central na produção literária brasileira a partir de meados do século XIX"[57].

Para os autores acima citados as características principais da crônica seriam: a leveza no tema e na linguagem, a elaboração narrativa peculiar, a cumplicidade entre autor e público, a intervenção na realidade visando completá-la e/ou transformá-la e uma indeterminação própria, caracterizada pelo diálogo com o momento imediato[58].

Além disso, cada autor de crônica acabou por elaborar um perfil próprio para o seu trabalho, procurando elementos narrativos e temáticos que identificassem uma originalidade.

Com o próprio desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a ter relação direta com o jornal enquanto veículo de transmissão, conquistando ao longo do tempo, sessões específicas no conjunto dos periódicos.

Por conta da expansão do jornalismo de meados do século XX, a crônica tornou-se o gênero literário mais conhecido e lido no país. Enquanto Austregésilo de Ataíde e Rachel de Queiroz integravam o núcleo de articulistas da revista *O Cruzeiro* – aquela de maior circulação nacional nos anos 1950-, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Sergio Porto escreviam para sua maior concorrente, a revista *Manchete*. Estes autores são hoje considerados os principais representantes do gênero cronístico de sua época, sendo seus textos amplamente republicados em livro.

Da constatação acima se pode afirmar que os escritos destes autores também acabam por definir o que entendemos por crônica nos dias de hoje, pois fazem parte da história deste gênero literário.

Neste sentido, como considerar a originalidade das crônicas rachelianas num momento onde, na definição que certa vez fez Sergio Porto, "todo mundo é cronista e, portanto, ninguém o é"?

Das características mais marcantes da geração de 1930, Rachel conservou na crônica a definição de literatura como depoimento social. A chamada "literatura depoimento" impregnou sua escrita ao longo dos setenta anos de carreira cronística e tornou seus escritos uma testemunha da história do século XX no Brasil.

---

[57] CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza & PEREIRA, Leonardo Pereira. *Op. Cit.* p. 11.
[58] CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza & PEREIRA, Leonardo Pereira. *Op. Cit.* p. 11-20.

De sua vivência pessoal, Rachel representou no circuito nacional a veia sertaneja da crônica jornalística, não porque falasse exclusivamente do sertão[59], mas porque, de alguma forma, a personalidade da escrita racheliana, o dito *estilo,* encharcou-se de águas de açude, derramando termos regionais, simples, claros e duros como a própria seca e o sol ardente, cumprindo a *mímesis*[60] ficcional, reconhecida desde a publicação de seu primeiro romance.

E de sua condição de classe e de gênero, guardou marcas profundas, não simplesmente pelo fato de ser mulher ou de fazer parte de uma oligarquia, mas por ter vivido um tempo histórico onde estas características foram importantes definidoras do sujeito no campo intelectual brasileiro.

Em outros termos, os anos do século XX em que Rachel de Queiroz viveu e escreveu foram tempos em que os valores de gênero tradicionais e a cultura oligárquica brasileira entraram em profunda crise, o que a obrigou, quase sem querer, a discutir ambos os termos desta sua condição pessoal em seus textos.

Por fim, como último argumento na tentativa de definir a originalidade cronística de Rachel, cita-se o trecho desta entrevista concedida a Rodrigues Nery:

> **Sim, mas e aqueles que gostariam de conhecer um pouco melhor certas passagens da sua vida, o que você sentiu diante de certas circunstâncias, o que pensa sobre determinados acontecimentos?**
> Tudo isto é melhor observado a partir da leitura dos poucos romances que escrevi, das crônicas publicadas nestes tantos anos de atuação literária. O que tinha de ser dito está lá. Acho desnecessário e redundante escrever *Memórias*[61].

Ou seja, as crônicas rachelianas guardam ainda o tom memorialístico onde narrador e autor se confundem abertamente e onde certa intimidade é permitida e mesmo reforçada pela autora. Através de estratégias narrativas particulares, Rachel de

---

[59] Muito pelo contrário, suas crônicas são marcadas também pelo discurso sobre o cotidiano das cidades, por literaturas de viagem, relatos sobre a própria arte de escrever e inúmeros outros temas que não só o sertão, ainda que esta seja sua principal marca.

[60] Compreende-se melhor esta *mímesis* se a pensamos no sentido costalimeano do termo. Em resumo, a *mímesis* da arte não seria simplesmente a *imitatio,* conceito que perdurou por muito tempo na avaliação estética. Voltando aos gregos (Platão e, principalmente, Aristóteles) e às formulações de Wolfgang Iser sobre o *efeito,* Luiz Costa Lima propõe a *mímesis* como um elemento potencial, elemento de mudança, de dinâmica cultural, baseado em uma nova interpretação da ideia de *representação*: "a *mímesis* supõe uma correspondência entre uma cena primeira, orientadora e geral, e uma cena segunda, particularizada numa obra. Esta encontra naquela os parâmetros que possibilitam seu reconhecimento e aceitação". Em resumo, na interpretação que fazemos, *O Quinze* teria tido grande aceitação entre a crítica modernista porque a obra funcionaria tanto como uma *mímesis* da seca (em seu sentido exclusivo de *imitatio*- tema da seca, linguagem seca*)* como uma *mímesis* do feminino (no sentido costalimeano do termo, identificação+dinâmica, avanço, multiplicação de perspectivas). LIMA, Luiz Costa. *Mímesis:* desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[61] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 27-28.

Queiroz incita à criação de um leitor amigo, que conhece sua vida e suas opiniões, compartilhando, paradoxalmente, um segredo que é público.

Ainda assim, considerando as crônicas rachelianas como um gênero próximo da memória e da autobiografia, elas guardam uma especificidade importante: tratam de tempos de memória muito variáveis.

Quer dizer, a memória relatada pelas crônicas rachelianas pode ser: aquela memória ancestral – como as histórias de família -; a memória da infância no interior do Ceará; a memória recente que cobre a idade adulta; ou ainda a memória imediata, o anteontem que marca o presente no calor de um último disparo.

Como memórias que são, as crônicas de Rachel de Queiroz operam na metáfora das estrelas, com suas luzes tão marcantes que por vezes esquecemos que estejam mortas. Cumprem assim a definição clássica da *mnemosine* grega: são *presente* de um *ausente*[62].

Em termos políticos, as crônicas serão as fontes por excelência deste trabalho, pois trazem a maior variedade possível para o pesquisador que se debruça sobre a trajetória de uma figura pública como Rachel de Queiroz.

As crônicas são a própria complexidade da pesquisa, revelam as contradições, as dúvidas, os arrependimentos, os anacronismos e mesmo os esquecimentos em cada momento histórico específico.

Memória e História – artigos de terceiros

Enquanto jornalistas, amigos e parentes, principalmente a partir dos anos 90, integraram um movimento de resgate do testemunho de Rachel de Queiroz, entendendo-o como peça importante para a sociedade, tendo sido ela testemunha ocular dos principais fatos políticos e literários do país, quase nenhum estudo foi feito à mesma época no âmbito historiográfico ou das ciências sociais.

Para Heloísa Buarque de Hollanda, o ‘esquecimento’ relativo à obra e trajetória de Rachel de Queiroz como um todo se deveu ao medo da academia em relação a ela, “medo de enfrentar sua relação conflituosa com os movimentos feministas ou com a literatura escrita por mulheres e medo de explicitar as possíveis causas do sucesso e do

[62] Ver a genealogia do conceito na primeira parte de RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento.* Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2010.

poder público que esta escritora adquiriu ao longo do tempo, quando transitou com espantosa autoridade e naturalidade pela cena literária e política do país” [63].

Ou ainda, é possível perceber a existência de entrevistas e artigos de jornal sobre Rachel de Queiroz e sobre sua obra desde o primeiro livro publicado em 1930, quando era reconhecida como fenômeno literário. Já em relação aos trabalhos acadêmicos, considerando que os cursos de pós-graduação começaram a se expandir no país somente nos anos 1950, percebe-se certo ‘esquecimento’ e certo descaso em relação à autora até, pelo menos, os anos 1990.

Nos artigos acadêmicos, ensaios e prefácios de livros relativos a Rachel de Queiroz que encontramos, imperam as assertivas sobre a inserção do romance racheliano no chamado “regionalismo de 1930” ou “segunda fase modernista”. Por outro lado, estudos mais recentes, pós anos 1990, dão atenção à produção cronística da autora – que é de longe a maior parte de sua obra -, o que acaba expandindo a análise, até então insistente, que as antologias fizeram sobre os romances rachelianos.

Com estas novas perspectivas, amplia-se a tradicional problematização do *O Quinze* como marco do chamado “regionalismo de 1930” e pensam-se outras questões, como a própria historicidade do gênero cronístico no Brasil, a questão da autoria feminina, o imaginário criado pela pena racheliana e os diversos temas abordados por ela ao longo de setenta anos de vida profissional.

Nos trabalhos em geral, predomina a vontade de relacionar vida e obra da autora, talvez pela característica própria de sua literatura depoimento e pela importância histórica deste testemunho. Este aspecto, por vezes, possibilita chegar até a questão política, que é o nosso interesse maior.

Assim acontece com artigos sobre a seca na ficção de Rachel de Queiroz, ou artigos sobre *Caminho de Pedras* - um de seus livros mais polêmicos, e a relação com o Partido Comunista, além de abordagens com viés de gênero, destacando temas como o das matriarcas sertanejas e o embate da autora com o feminismo.

Nos ensaios publicados pelos *Cadernos de Literatura* do Instituto Moreira Sales, encontra-se a já referida crítica de Heloisa Buarque de Hollanda, que traz sugestões e comentários importantes, e também o artigo de Wilson Martins que, em determinado momento, diz “no que se refere à militância política propriamente, ou, em outras

---

[63] HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O éthos Rachel. In: *Cadernos de Literatura Brasileira***.** Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 103-115. p. 104.

palavras, às suas relações com ideias socialistas, tratava-se, no fundo, de uma atitude sentimental de revolta contra as desigualdades sociais” [64].

A nosso ver, a leitura feita por Martins se apropria do próprio discurso racheliano que menospreza sua atuação política de esquerda como algo “sentimental” e passageiro; e que, no entanto, durou cerca de dez anos, influenciando suas opiniões e sua prática políticas para o resto de sua vida.

Já no interior da disciplina histórica, é muito pouca a reflexão sobre a trajetória de Rachel de Queiroz. Talvez pelo “medo” afirmado por Heloísa Buarque de Hollanda ou, simplesmente, pelo momento historiográfico não permitir. Somente em tempos bem recentes, sob um conceito mais amplo de política e de cultura política, além da reaproximação entre história e literatura é que se tornaria interessante a abordagem da trajetória racheliana por um viés historiográfico.

No entanto, não poderíamos deixar de mencionar o discurso de posse do historiador José Murilo de Carvalho na Academia Brasileira de Letras, onde este ensaia uma interpretação interessante da trajetória política racheliana, tendo como fonte a entrevista feita por Isabel Lustosa com Rachel de Queiroz.

A partir da mesma entrevista, Lustosa também publicou um artigo em abril de 2014 que traz conclusões significativas sobre as possíveis incongruências ou contradições do pensamento político racheliano e, assim, ambos os trabalhos, tornam-se importante referência para este trabalho[65].

Com base no que foi apresentado acima, uma última pergunta se coloca: por que a trajetória política da autora cearense e a memória sobre esta trajetória teriam um interesse para a historiografia hoje?

Para responder a esta questão, seguem as afirmações do professor Carlos Fico, ao fazer um panorama sobre a historiografia recente referente ao golpe civil militar de 1964 e ao interesse, cada vez maior, de pesquisadores por este período histórico:

> A explicação certamente fundamenta-se no fato de que velhos mitos e estereótipos estão sendo superados, graças tanto à pesquisa histórica factual de perfil profissional quanto ao que poderíamos caracterizar como um “desprendimento político” que o distanciamento histórico possibilita: tabus e ícones da esquerda vão sendo contestados sem que tais críticas possam ser

---

[64] MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz.* Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, nº 04, jan/2002. p. 77.

[65] CARVALHO, José Murilo de & ARINOS FILHO, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Affonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 30 p.; LUSTOSA, Isabel. *Rachel e o golpe.* Disponível em: http://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa. Acesso em 30/04/2014.

> classificadas de "reacionárias". Processa-se uma mudança geracional, sendo cada vez mais frequente que pesquisadores do tema não tenham *parti pris.*[66].

Questionados tabus e preconceitos que cercam 1964, é possível voltar o olhar para outras conjunturas históricas, mesmo que seja ainda na tentativa de compreender os regimes autoritários brasileiros.

O interesse histórico pela trajetória de Rachel de Queiroz não estaria, portanto, limitado à descrição da vida da autora, mas veria nela uma resposta particular a questões gerais: qual a margem de autonomia dos sujeitos frente à sua condição social, política e econômica e frente às suas redes de sociabilidade? Como os argumentos de gênero definem uma condição no discurso e na prática política? Vocábulos maniqueístas como "direita", "esquerda", "moderno", "conservador", "revolucionário", "reacionário", dão conta da pluralidade política vivida no Brasil entre os anos 1920 e 1960?

Neste sentido, aproveitamos esta introdução para analisarmos as diversas memórias produzidas sobre a trajetória política de Rachel de Queiroz, procurando perceber como se articula o jogo da lembrança e do esquecimento e como cada veículo de memória (entrevistas, autobiografia, crônicas) guarda sua especificidade.

Nas entrevistas, perceberam-se diferentes ênfases nas perguntas relativas à política formuladas pelos entrevistadores, tendo as publicações dos anos 1970 um foco maior na participação de Rachel de Queiroz no comunismo dos anos 1930 e uma possível contradição ideológica por ter apoiado o golpe de 1964 e alguns governos militares. Já nas entrevistas da década de 1990, destacou-se aquela para o Programa *Roda Viva*, onde o peso da ditadura de vinte anos é descarregado sobre a escritora.

No final da década, no entanto, publicações em livro, com jornalistas ou através de autobiografias e seu "pacto biográfico" com o leitor, complexificaram o assunto, numa tentativa de defesa e justificação ou, ao menos, compreensão, não só do vínculo com o PCB durante o primeiro governo Vargas e a posterior defesa do golpe de 1964, como também de outros marcos históricos, outros governos, outras intervenções políticas.

Quanto aos estudos literários, por muito tempo Rachel foi associada exclusivamente à história do modernismo brasileiro, fazendo parte da chamada "segunda geração", ou "regionalismo de 1930", que incluíram outros nordestinos como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado.

---

[66] FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 24, no. 47, 2004. p. 29-60. p. 30.

Quando o próprio cânone modernista passou a ser questionado, no entanto, a vida e a obra de Rachel de Queiroz puderam ser analisadas como uma especificidade no interior do regionalismo de 1930 além de serem acrescentadas novas leituras, como pelo viés do gênero e da história da escrita de autoria feminina no Brasil, ou ainda por historicidades temáticas relativas à velhice, ao racismo, à seca, à urbanização brasileira, ao desenvolvimento do gênero cronístico e outros temas, para além da chave homogeneizadora do "regionalismo".

No entanto, na historiografia, por conta de sua própria rigidez teórico conceitual, a abordagem da literatura, das discussões de gênero e da escrita biográfica expandiram-se enquanto possibilidades de pesquisa em tempos mais recentes no Brasil[67]. Por isso, muito falta ainda ser problematizado em relação às trajetórias intelectuais no país através da abordagem histórica[68], como no caso dos setenta anos de escrita constante e de participação política expressiva de Rachel de Queiroz.

Para uma análise mais aprofundada ou uma biografia intelectual, cumpriria confrontar estas fontes a outras. Logicamente, os próprios documentos da época, como jornais, outras memórias de intelectuais do mesmo círculo social, correspondências, programas de TV etc., são fontes fundamentais no mapeamento de qualquer biografia.

E, nesse caso, é a própria Rachel quem dá a chave, ao sugerir secamente: "se quiserem saber da minha vida, leiam minhas crônicas". Este gênero literário, por muito tempo considerado "ao rés do chão", foi definido por Antônio Cândido como um gênero que: "Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade, que costuma assumir, se ajusta à sensibilidade de todo dia" [69].

Relato, por vezes, do tempo imediato, ou servindo também como escape para a memória de seu autor, as crônicas rachelianas tornam-se reveladoras, ao serem comparadas com as entrevistas, realizadas décadas depois. São elas que evidenciam alguns mecanismos do discurso sobre o passado longínquo – característico dos testemunhos posteriores. As crônicas podem explicitar para o historiador as opções cotidianas de uma autora que nunca deixou de tratar de política, desde quando tinha 20 anos, até os últimos dias de vida.

---

[67] Ver: SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria . A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, 2007 p. 281-300.

[68] A sociologia contribuiu bastante com este tema ao problematizar as gerações intelectuais. Ver: MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001; PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política do Brasil.* São Paulo: Ática, 1990.

[69] CÂNDIDO, Antônio. *Op. Cit.* p. 13.

Analisar a trajetória biográfica de Rachel de Queiroz é, portanto, um desafio para a historiografia hoje, não por falta de fontes, mas pela abundância delas, desde memórias, até crônicas, romances, poemas, entrevistas, artigos, ensaios, teses, dissertações, livros. Por isto mesmo, é uma trajetória que pode enriquecer a história do Brasil, na medida em que revela sua complexidade. Dona de opinião própria, a autora cearense nos lembra outro personagem lobatiano, que não a Dona Benta, citada no começo desta introdução:

> Já que falo em meu nome e não em nome do público em geral, prefiro dar o segundo lugar [de minhas preferências literárias] àquela que é realmente a predileta do meu coração [...]: é a boneca Emília, companheira de Menina do Narizinho Arrebitado, nas histórias de Monteiro Lobato. Emília não tem medo de ninguém, nem da vida, porque boneca não vive propriamente, nem da morte porque boneca não morre. Não admite leis, nem regras, nem gramática. Não respeita cara nem autoridade. Bruxa de pano com olhos de linha preta – assim mesmo acha que tem tudo, não quer ouro nem quer seda, nem amantes, nem poder – só quer aventuras e o direito de abrir a boca e opinar sobre o que entende. Emília, meu exemplo e minha inspiração tantas vezes, raio de sol asneirento, faísca de liberdade, de coragem e de insolência, minha mestra e meus amores, Emília, marquesa de Rabicó[70].

[70] QUEIROZ, Rachel de. Concurso. *O Cruzeiro*. 03/04/1948. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional.

“Menina criada em casa de intelectual”

(1910-1927)

Rachel de Queiroz criança, ao lado de sua mãe e de seu irmão, Roberto.
Fonte: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 152.

Acreditamos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala.
Jacques Lacan

Como eu digo sempre, menino criado em casa de intelectual, ou é intelectual também ou é cretino, porque naquela influência permanente de livros... Eu nasci no meio de jornal, de livros, de papeis.
Rachel de Queiroz[71]

Alencar e Queiroz

Antes de sermos alguém, somos filhos ou filhas de X ou Y, nascemos numa 'família'. Assim, somos marcados por um 'nome de família' antes de sermos socialmente quem quer que sejamos ou queiramos ser[72].

Em Rachel de Queiroz, o relato sobre si não começa exatamente com os pais e o local de nascimento, como se poderia prever, mas com uma ancestralidade espalhada no tempo, uma série de narrativas transmitidas de geração em geração e que constituem um verdadeiro legendário familiar.

Em sua autobiografia, *Tantos Anos*, a primeira referência familiar compartilhada pelas duas irmãs autoras inicia com a afirmação da ascendência dos "Queiroz", o que garantiria como herança certos valores, como a "vitalidade", por exemplo[73].

Assim, a ascendência em Rachel não é limitada pelo nuclear, mas pelo ontológico, pela "grande família". Seu tio paterno, Espiridião de Queiroz (1880-?), foi um dos primeiros a publicar, em 1946, uma genealogia "romanceada", intitulada *Antiga Família do Sertão*[74].

Espiridião localizou o primeiro ancestral importante dos Queiroz no ano de 1610, em Viana do Castelo, região portuguesa à beira do fim do mundo moderno, entre o rio Lima e o imenso oceano que, por sua estratégica posição geográfica, tornou-se um

---

[71] Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. AABL. O historiador Jean-François Sirinelli afirma que "um intelectual se define sempre por referência a uma herança […]: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação em fazer tabula rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita".SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política.* 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269. p. 255.

[72] ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao coletivo. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In: *Sociologia: Problemas e Práticas.* Lisboa. nº 09, 1991, p. 179-190. p. 179.

[73] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 12.

[74] LIMA, Espiridião de Queiroz. *Antiga Família do Sertão.* Rio de Janeiro: Agir, 1946.

importante entreposto comercial, valioso tanto para a Coroa portuguesa quanto para os piratas.

Neste ano, teria nascido Manuel Pereira de Queiroz, que aí viveu até 1630, quando promessas de riqueza e aventura fizeram-no arriscar a vida nas terras longínquas do ultramar, na próspera capitania de Pernambuco, terras coloniais do reino.

Como afirma Espiridião em seu prefácio - importante *paratexto*[75] para esta análise:

> Justamente para combater a tendência à dispersão e ao esquecimento, resultante da inquietação dos tempos atuais, e para congregar a família numa união espiritual de simpatia e de amizade, mantida pelas afinidades de parentesco e pela memória comum de um mesmo passado – é que foi escrito este livro, sincero e verdadeiro, urdido com as histórias recebidas, por tradições, através de muitas gerações, e tecido com as gratas saudades da terra distante e as vivas lembranças da distante mocidade[76].

Espiridião e outros familiares, como a própria Rachel de Queiroz foram, portanto, não somente "guardiões" da memória familiar, como também seus "administradores", pessoas que detiveram o capital social daquilo que deveria ser transmitido e o segredo daquilo que haveria de se confiar à memória[77]. Aliás, o fato dos escritores serem membros da família constitui uma autoridade impossível para qualquer outro autor[78].

De toda forma, rememorar a genealogia é um recurso que indivíduos e grupos utilizam para tecer o seu próprio tempo. Na memória familiar, é-se pai, filho, esposo, irmão deste ou daquele. A terminologia familiar suspende cada posição numa constelação social, num tempo imobilizado, no qual anterioridade e posterioridade são efetivamente confundidas, construindo, no discurso sobre seus ascendentes, um discurso sobre o tempo e um discurso sobre si[79].

---

[75] *Paratexte* é um conceito formulado por Gérard Genette em *Seuils* (Paris: Seuil, 1987), para pensar formas de mediação entre texto e leitor presentes no próprio livro. Envolve tudo que está em torno do texto (*péritexte+épitexte*), e que prepara o caminho para sua leitura (prefácio, posfácio, notas, orelha, capas, entrevistas com o autor, correspondências, críticas literárias etc.).

[76] LIMA, Espiridião de Queiroz. *Antiga Família do Sertão.* Rio de Janeiro: Agir, 1946, proêmio.

[77] ZONABEND, Françoise. *Op. Cit.* p. 181.

[78] No Ceará, como afirma Lemenhe, inúmeros livros sobre a trajetória das famílias cearenses foram publicados entre 1912 e 1990, escritos em grande parte por membros e afins ou por intelectuais do estado, remetendo, em geral, a figuras de um passado remoto da época colonial ou imperial. O principal local de divulgação da história dessas famílias no século XIX foi a Revista do Instituto do Ceará, fundado em 1887, nos moldes do IHGB. Até a criação da Universidade Federal do Ceará (1957) lá se concentrou toda a produção dita "científica" do estado. LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder.* São Paulo: Annablume/Edições UFC, 1995. p. 57.

[79] ZONABEND, Françoise. *Op.Cit.* p.185.

Na memória de Rachel de Queiroz – aqui queremos destacar que não falamos somente de sua autobiografia, mas principalmente das diferentes memórias que a autora elaborou ao longo dos anos em entrevistas e em crônicas – é muito característica a divisão generificada da família, algo, aliás, comum nos discursos genealógicos[80]. O lado materno é posto em paralelo ao lado paterno e cada um deles traz um referencial próprio, que ajuda a construir a personalidade do sujeito Rachel.

No entanto, um ponto em comum une o discurso das linhagens e se torna a principal ferramenta de legitimação da ascendência em Rachel de Queiroz e, não só dela, mas de vários dos intelectuais que ascendem ao campo literário nos anos 1930: a história da sua família não é somente sua, mas está intrinsecamente relacionada com a história do Brasil. No discurso racheliano, seus parentes mais distantes são aqueles que ajudaram a fundar o Ceará, a ocupar o sertão nordestino, a lutar nas guerras coloniais na África, a abrigar fugitivos, a lutar pela independência do Brasil, a fundar cidades e vilas etc.

Não se pode pensar que tudo isto seja fácil para a personagem que relata estas memórias. A família, com o peso ancestral positivado pela história e pela memória dos demais membros, constitui um *modelo*, em relação ao qual se baseia o indivíduo para definir a si mesmo, e o "fardo" da genealogia pesa em termos positivos e negativos, nos momentos mais alegres e mais difíceis e com base neste referencial[81]:

> (...) sempre me lembro do sorriso entristecido, da falta de encanto pela vida que ficou [em você]. Notei, porém, agora, a presença de amargura e por isso quis lhe escrever, aproveitando para mandar um beijo de aniversário, dando o depoimento de uma mulher da família Queiroz. Não sei se você sabe o que isso significa.
> Um dia o [ilegível] manifestou a própria opinião numa 'sentença' definitiva: vocês mulheres da família Queiroz são todas umas amazonas. Essa frase mudou minha vida. Era realmente um risco: ser tão forte, tão autônoma, tão admirada, que afastasse de mim o marido, o companheiro, reduzisse sua importância como elemento da minha força e acabasse sozinha, igual a minhas tias e primas – todas Queiroz.
> Li o Memorial de Maria Moura, onde muitas mulheres 'Queiroz' vão, altivas, segurando o cabresto da vida, galopando 'sozinhas'. Reconheci ali minhas raízes, iguais às suas, correndo o mesmo perigo. Sei hoje que consegui mudar minha história. Não sou uma Maria Moura. Dou ao meu companheiro o espaço que você deu ao seu Oyama[82].

---

[80] ZONABEND, Françoise. *Op.Cit.* p.184.

[81] A relação entre o *modèle* e a autobiografia é explorada em LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris: Éditions du Seuil, 1996. p. 38-39.

[82] Carta a Rachel de Queiroz. 16/11/1997. Letra Q. Fundo Rachel de Queiroz. Correspondências familiares. AIMS.

Esta carta, enviada a Rachel por uma prima em 1997, comenta a relação entre a escritora cearense e o marido, Oyama de Macedo (1911-1982), além da leitura de *Memorial de Maria Moura,* último romance da autora, publicado em 1992.

Nos argumentos da prima, percebe-se o peso da figura feminina no interior dessa genealogia, complementando ainda um último aspecto característico da memória familiar: "Falar de família com qualquer interlocutor consiste sempre em abordar um domínio íntimo, escondido, secreto, que toca a sexualidade, a afetividade, por vezes a moral social" [83].

Ser uma mulher Queiroz significava, nas palavras da prima de Rachel, lidar com a força feminina presente no modelo das mulheres donas do nome, mulheres fortes para serem independentes e autônomas; mulheres tão fortes que afastavam o ideal romântico do príncipe encantado, que impunham distância, que corriam o risco do isolamento na própria força.

Neste sentido, Rachel de Queiroz viveu um mundo cercado do exemplo das grandes matronas, freiras, revolucionárias, de sua mãe, "linda – poder-se-ia até dizer lindíssima"[84], mentora intelectual da família nuclear, e de seu pai, a figura política por excelência.

Do lado paterno, assim como na lembrança do tio Espiridião, a ascendência na memória racheliana alcança longe o passado. Uma das figuras constantemente mencionadas pela escritora é o Dr. Arcelino de Queiroz Lima (1837-1895), seu avô, bacharel em Direito, formado em Recife, professor e magistrado, que foi juiz em Pacatuba, dono de colégio e hoje é nome de Avenida. Dr. Arcelino, nascido em Beberibe, era mais um descendente das tradicionais famílias de bacharéis e fazendeiros que povoaram o interior do Ceará.

Em 1838, nas fazendas em torno da região de Quixeramobin, fundou-se o distrito de paz de Quixadá, presidido pelas famílias Lemos e Queiroz, tornado município em 1870: "Quixadá nasceu de uma aventura. Uma casa de taipa e um curral de caiçara à beira de um rio seco, centrando suas léguas de caatinga compradas 'pelo preço e quantia certa de duzentos e cinquenta mil réis'. Foi quanto custou ao capitão José de Barros Ferreira. À terra veio agregar-se a casa, o curral e a capela"[85].

---

[83] ZONABEND, Françoise. *Op.Cit.* p.180.
[84] QUEIROZ, Rachel de. Dia das Mães. *O Estado de São Paulo.* 11/05/1996. p. D14. AFBN.
[85] SOUSA. José Bonifácio de (membro do Instituto do Ceará). *Quixadá: de fazenda a cidade.* IBGE: Conselho Nacional de Estatística, 1960, p. 09. Interessante saber que este livro encontra-se na Biblioteca que pertenceu a Rachel de Queiroz e está autografado pelo autor.

A economia da recém-fundada Quixadá baseava-se na criação de gado, além de pequenas lavouras. A região escoava seus produtos por meio dos caminhos para Quixeramobin, além das estradas e rodovias do governo. As secas marcaram a história da região (1790, 1825, 1877, 1915), que ficou conhecida como "curral da fome".

Em meados do século XIX, a cidade se desenvolveu, abriu-se o primeiro jornal, a primeira sociedade literária, o primeiro grêmio, o primeiro clube. O açude do Cedro foi inaugurado em 1884, proporcionando diversidade econômica na lavoura, a pesca e a possibilidade de irrigação. O trem chegou em 1891 tornando Quixadá um importante entreposto entre a capital do Ceará, Fortaleza, e o interior[86].

Em geral as fazendas eram compostas de gado, senhores rurais, alguns vaqueiros e agregados, onde as benfeitorias legitimavam o domínio. Na fazenda Califórnia durante o século XIX, o tio-bisavô de Rachel de Queiroz, Miguel Francisco de Queiroz, "levava vida patriarcal, assistido por um capelão e servido por escravaria privilegiada pelo trato magnânimo que lhe era dispensado, em retribuição ao inestimável proveito econômico usufruído do seu trabalho" [87].

Já idosa, Rachel afirma que a fazenda Califórnia foi a única propriedade nos moldes *freirianos* que conheceu no Ceará: "A única casa grande que eu conheci, tipo casa grande do Gilberto Freire, com aquela fama, era a casa da Califórnia. Ficava em Benquiste, no Quixadá. Com igreja, com praça. Era uma fazenda padrão. Era a fazenda do meu avô"[88].

A história da fazenda começou em 1882, quando 18 propriedades foram transferidas por doação ao futuro avô de Rachel, Dr. Arcelino de Queiroz Lima, que abandonou a toga assim que se tornou o único herdeiro do patrimônio de seu tio. Arcelino foi o mais famoso dono da fazenda Califórnia, criava gado, plantava cana e outros cultivos do sertão. A fazenda foi durante longo tempo a mais importante da região de Quixadá.

As propriedades do Dr. Arcelino foram as primeiras a banir o trabalho servil alguns anos antes da libertação total do Ceará. Era uma das poucas a comportar grande quantidade de escravos, caso raro para aquela região. Com mentalidade mais inovadora, Dr. Arcelino trouxe técnica e progresso às fazendas, além de promover festas e saraus literários na Califórnia:

---

[86] SOUSA. José Bonifácio. *Op. Cit.* p. 10.
[87] SOUSA. José Bonifácio. *Op. Cit.* p. 67.
[88] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 03. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

> Esse Dr. Arcelino, meu avô, era um progressista, além de republicano e abolicionista. Requintou nos adiantamentos, mandou comprar um engenho a vapor, que, aliás, foi montado por meu bisavô materno, o Major Cícero de Monguba, herói da guerra de Rosas. Coroando tudo, meu avô tirou a casa-grande das promiscuidades da rua, erguendo um casarão no alto do açude; casarão mesmo, um vaticano, construído em forma de H, centrado de largos alpendres, com vinte e duas peças internas, sem contar corredores e entradas. Largos salões de visita e jantar; terraço alto, de parapeito, ocupando todo o oitão da esquerda. Um solar, na verdade. Na festa do Centenário da Capela, em 1952, lá se armaram cento e vinte redes, sem contar várias camas[89].

A menção a esta figura na memória racheliana torna-se importante não só pela menção às propriedades herdadas pela numerosa família e à importância da fazenda Califórnia, mas também como representação do poder oligárquico que os Queiroz adquiriram na região de Quixadá, sertão cearense. Ainda que dependentes de outras oligarquias no todo do sistema estadual e nacional, os Queiroz reuniram em torno de si poder econômico, político e cultural significativo.

Como afirmam certos historiadores, o Ceará figura como um dos exemplos modelares do sistema oligárquico brasileiro, com famílias que mantiveram o poder desde a colônia até as primeiras décadas do século XX, a ponto do sociólogo Francisco de Oliveira afirmar em 1977: "[o Ceará] é, talvez entre todos os estados do Nordeste, o mais encarniçadamente oligárquico" [90].

Basta dizer que, depois de instituído o regime republicano em 1889, o governo municipal de Quixadá passou a ser exercido por um Conselho de Intendentes, onde figurou José Jucá de Queiroz Lima, presidente, e João Nogueira de Queiroz[91]. Também na coletoria de rendas estaduais figurou João Nogueira de Queiroz; entre os escrivães, César Cândido de Queiroz; nas coletas federais, Mário de Queiroz Lima e mais um escrivão, Baltazar Lopes de Queiroz. Curiosamente, até o primeiro encarregado do Telégrafo Nacional em Quixadá foi um Queiroz, Astrolábio de Queiroz Barros.

Nomear inúmeros Queiroz pode ser uma estratégia narrativa, tanto da memória como da história. Ao generalizar a família, obtém-se a vantagem de perceber as estratégias de imaginário político que estas oligarquias operaram, ao mesmo tempo em que se corre o risco de perder as individualidades escondidas por detrás do nome.

Assim, Rachel diferencia a família ancestral da família nuclear: "Agora, minha família (nuclear) não era o modelo tradicional de família sertaneja. Meu pai não era um

---

[89] QUEIROZ, Rachel de. A Fazenda Califórnia (I). *Última Hora*. 14/06/1976. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

[90] *Apud* LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Op. Cit.* p.17. A primeira edição de *Os donos do poder*, de Faoro, foi publicada em 1958 e a segunda, revista e ampliada, em 1975.

[91] SOUSA. José Bonifácio. *Op. Cit.* p. 92.

pater famílias ditador. Mamãe não tinha nada da fazendeira velha, autoritária. Eles eram bastante sofisticados e intelectualizados"[92]. No entanto, longe de ser a família nuclear burguesa (pai, mãe e filhos), a família nuclear racheliana incluía avós, primos e outros dependentes próximos, que de tempos em tempos moravam na mesma casa.

Em novembro de 1910, Daniel de Queiroz Lima (1886-1948) tinha vinte e quatro anos, formara-se em Direito como seu pai e irmãos. Casara-se havia menos de um ano com a jovem e bela Clotilde Franklin (1892-1953), descendente "puro sangue" dos Alencar[93].

Filho do Dr. Arcelino, pai de Rachel e fã dos discursos de Rui Barbosa, é ao Dr. Daniel que a autora atribui em suas lembranças a herança de um "espírito de autonomia, de não me condicionar àquilo que me sufoca; de resistir". E, em outro momento, afirma: "Havia afinidades entre nós. Éramos grandes amigos. Eu era muito parecida com ele. (…). Talvez no temperamento. Eu sou uma pessoa cordial, gosto das pessoas" [94]:

> Meu pai era voltaireano, rousseauniano; anticlerical; namorava com a ideia do Ente Supremo e reverenciava a Declaração dos Direitos do Homem. Como bom representante da *belle époque*, amava também os brilhos do fim do século, de cujos últimos clarões participou (tinha 23 anos quando se casou em 1910) (...). Mas, logo em 1914, rebentou a I Grande Guerra e o sonho acabou. Meu pai deixou então suas jovens faceirices de janota, aparou os belos bigodes louros que ele usava à Kaiser, meteu-se no chamado *dolman* de brim, de fazendeiro e fazendeiro ficou, até morrer (...). Da boca de meu pai, aprendi, pequena, ainda, os nomes de Danton, Saint-Just, Robespierre, Marat, André Chénier. Dele herdei uma antipatia incurável pelos Bourbon de França (...). Suponho que, quando aos 18 anos eu virei comunista, ele não reagiu muito ante as minhas ideologias porque considerava sempre a Revolução de Outubro na Rússia a herdeira direta da Revolução Francesa. (...). Bem, nós, os Queiroz (pela parte de meu pai), e nós, os Alencares (pela parte de minha mãe), sempre fomos raça de republicanos e rebeldes. Não houve um único dos meus 16 tataravós, Queiroz ou Alencar, que não fosse morto, ou perseguido, ou fugitivo, ou encarcerado, naquele agitado período de 1817 a 1824, aqui no Nordeste[95].

É neste sentido que, na memória familiar racheliana, a influência paterna será constantemente definida como *política* e, na construção do sujeito racheliano esta política está diretamente vinculada à ideia de *autonomia.*

A autonomia, assim, foi um argumento frequentemente empregado por Rachel de Queiroz ao longo da vida, para justificar posições políticas e sociais próprias, como se estas fossem independentes de partidos e instituições: "Quando você anda em manadas,

---

[92] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel.* Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002. p. 53.
[93] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 01. APIL.
[94] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 38.
[95] QUEIROZ, Rachel de. Por falar em Revolução Francesa. *O Estado de São Paulo.* 14/07/1989. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

você dissimula muito mais e seus medos são maiores. Eu prefiro estar só e ser autêntica”[96], afirma Rachel já idosa.

Por outro lado, se o pai é lembrado como aquele que ensinou a Rachel de Queiroz suas primeiras noções de política, dona Clotilde Franklin de Lima representa a veia intelectual e organizadora da família: “nos dominava a todos, nos orientava, nos cobrava, nos exigia. Aliás, sempre me acusou de preguiçosa, me animava no início de cada livro novo” [97]:

> Amanhã, domingo, é dia das Mães. E, em matéria de mãe, não posso me queixar. A minha era linda – poder-se-ia até dizer lindíssima (quem a conheceu deve lembrar-se e, os outros, é fácil verificar nos retratos). E usando a afirmação corriqueira: “A ela devo tudo que sou”, queria explicar que não estou empregando um lugar-comum. Foi ela que me pôs o primeiro livro nas mãos, assim que, sozinha, aprendi a ler, soletrando cabeçalhos nos jornais. Naquela casa via todo mundo lendo, minha mãe, meu pai, meu avô, minhas tias (só minha avó Maria Luísa não gostava de ler e zombava gentilmente dos “literatos”). Não me puseram em escola primária (naturalmente ideia de minha mãe). Davam-se livros para ler e contar depois o que lera. Meu pai também me iniciava em política e lia trechos de discursos de Rui Barbosa, que ele adorava, e que eu achava bastante maçantes (nesse tempo ninguém dizia ‘chato’, era palavrão). Mas ele me explicava o que era ‘democracia’, eleição, candidatura. A ‘campanha civilista’ do Rui, embora eu fosse muito pequena para completá-la, aprendi-lhe a circunavegação toda (me lembro de um retratinho cortado de revista – o senador de calça branca, paletó preto e guarda-sol, aberto, navegando num barquinho, no Rio São Francisco).
> Já minha mãe não se interessava por política. Os deuses dela eram outros: Tolstoi, Dostoievski, Gorki, Balzac, Anatole, Eça etc etc... No Brasil, seu ídolo era o Machado, claro. Não vou citar a ladainha toda: ela nos deixou, ao morrer, cerca de 5 mil volumes. Mas para mim fazia uma seleção tão inteligente, escolhendo as obras que me poderiam interessar, criança e mocinha, deixando de lado as que achava “pesadas”. Esses mais “brabos” eu só fui ler depois de adulta[98].

Como é possível perceber nesta crônica de 1996, a imagem da mãe é cercada de nostalgia e de doçura, mesmo por conta da celebração do feriado nacional de dia das mães. A ela Rachel de Queiroz atribui seus sonhos e a entrada no mundo das letras. D. Clotilde gostava de ler, era considerada intelectual, era crítica e inteligente, tinha estudado em colégio e era capaz de discutir qualquer assunto.

Já na autobiografia de 1998, a imagem materna traz outros aspectos. Primogênita e mulher, num mundo cercado da memória das grandes mulheres, Rachel de Queiroz reservou para Dona Clotilde um lugar ideal, um modelo inalcançável:

> Bem, como eu já disse até em livros, nasci em 17 de novembro de 1910. Mamãe tinha dezoito anos; papai, nascido em 1886, tinha vinte e quatro anos. Era um casal extremamente jovem, um casal muito bonito. Papai depois engordou, perdeu a esbelteza, mas mamãe continuou linda até morrer, como você se lembra. Aliás, foi por causa dessa beleza de mamãe – que para mim era um fato tão incontestável quanto o céu ser azul e o sol ser o sol – que eu sempre me considerei uma

---

[96] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 87.
[97] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 14.
[98] QUEIROZ, Rachel de. Dia das Mães. *O Estado de São Paulo.* 11/05/1996. Fundo Rachel de Queiroz AIMS.

> espécie de apêndice feioso dela. Nunca tive rivalidades com mamãe. Eu era a feia, a xabouqueira, que tinha puxado o lado dos Queiroz. (...). E essa coisa de mamãe ser linda e jovem nunca foi, para mim, um fator negativo. Foi uma coisa que até iluminou muito a minha vida. A beleza de mamãe era um fator de orgulho, de compensação[99].

Do lado paterno, a autonomia de pensamento e a iniciação política; do lado materno, a veia intelectual e uma beleza inalcançável. Tal era o peso do argumento histórico e do argumento de gênero na balança genealógica de Rachel de Queiroz, possuidora do mesmo nome de sua avó paterna, a viúva do Dr. Arcelino: "Gostava do cheiro dela, roupa engomada, colônia e talco, das mãos macias, da voz que eu tentava imitar".

"Vozinha Rachel", filha do "desbravador de terras" João Batista Alves de Lima[100] era quem mandava as netas lerem romances franceses em voz alta, comentando os personagens e os temas, enquanto a avó terminava sua renda de bilro. Por ela a escritora cearense guardou mais de seis meses de luto, ainda jovem, em 1931[101].

Usar o nome "Rachel" foi, portanto, desde o princípio, estar inserida no seio da comunidade familiar: a nomeação é antes de mais um rito de agregação, "de modo que dar a um recém-nascido o nome de um parente não é apenas cumprir um ato de piedade filial, é predestinar a criança a perpetuar seu epônimo e, além disso, a prolongar uma linha (...)"[102].

Este nome, recebido e constantemente retomado, está imbuído do espírito de todos os parentes mortos que o usaram. Logo, o nome de vó Rachel se destacou na memória familiar como a passagem de um legado e assim também repetirá Rachel o mesmo ritual e dará em 1933 o nome de Clotilde a sua única filha.

Mas não só da figura de D. Clotilde trata a memória familiar de Rachel de Queiroz em relação à ascendência materna. Clotilde Franklin era descendente dos Alencar e já aqui outro intelectual de peso compõe a constelação de figuras importantes: o escritor e político, José Martiniano de Alencar (1829-1877).

Ubirajara, romance do escritor, foi o primeiro livro lido por Rachel de Queiroz, num rompante de autodidatismo, momento que ficaria registrado em suas crônicas e memórias:

> Claro que não o entendi; mas me ficou na lembrança como uma sucessão fantástica de combates, tacapes e penas vermelhas, e palavras tupis como aratuba e abaeté; e jamais me esqueceu Araci, a

---

[99] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 15-16.
[100] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 01.APIL.
[101] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 282.
[102] ZONABEND, Françoise. *Op.Cit.* p.187-188.

> estrela da manhã. (...). Recordavam as primas os serões de leituras, durante os quais o romancista [José de Alencar] lia manuscritos inéditos para a família enlevada. O famoso caso do *Guarani*, tantas vezes repetido por minha bisavó Miliquinha, com quem ainda convivi muito, (pois morreu aos 87 anos em 1925): diz que na primeira cópia, "O Guarani" terminava por ocasião do incêndio, com a morte de todo mundo, inclusive Peri e Ceci. Mas tal foi a mágoa das primas ouvindo a leitura do último capítulo, com tal pranto acolheram elas o destino trágico da donzela e do seu amante, e tais rogos fizeram ao autor para que os salvasse da desdita, que o 'primo José' comoveu-se e prometeu escrever um desenlace feliz, no qual se salvariam o índio e a moça loura. Daí a origem daquele final inesperado, a enchente do Paraíba, o desenraizar da palmeira e a salvação do casal de namorados que se 'some no horizonte' [103].

Interessante pensar em José de Alencar rememorado por Rachel de Queiroz nos anos 1950: não é o político aquele mais lembrado, nem tampouco o romancista dos folhetins urbanos de *Lucíola* e *Senhora*, histórias picantes que bem poderiam ter sido censuradas por dona Clotilde, mas sim o romancista do nacional, o "criador" do indianismo, a figura do escritor associado à da pátria[104].

José, neste sentido, é lembrado também como o filho bastardo do revolucionário, José Martiniano Pereira de Alencar (1794-1860), padre, jornalista e, depois, político[105], que lutou junto com o irmão, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar Araripe (1789-1824), na revolução de 1817 e na Confederação do Equador de 1824.

Assim como eles, esteve presente na luta a mãe dos dois, dona Bárbara Pereira de Alencar (1760-1832), chamada no Ceará a "primeira heroína do Brasil". Também os Queiroz, participaram da revolução ao lado dos rebeldes. Assim, entre revolucionários, políticos, historiadores e romancistas, a história dos Alencar no Ceará teve seu ápice com a participação da família na revolução de 1817, iniciada em Pernambuco, e na Confederação do Equador, em 1824.

Neste sentido, Hugo Hruby argumenta que a história dos Alencar vai ser construída na base do ressentimento, por conta de suas participações políticas[106]. Quase

---

[103] QUEIROZ, Rachel de. A propósito de José de Alencar. *Diário de Notícias*, 30/09/1951. AFBN.

[104] Ver também a crônica de Rachel intitulada *Sempre Alencar* In: *Jornal do Comércio*, 1978. p. 04., em que a autora valoriza mais uma vez a figura do romancista José de Alencar destacando sempre o lado ufanista da trajetória do autor, caracterizando-o como "pai do romance" nacional, inventor de "toda uma mitologia tupi-guarani", criador de "nossa árvore genealógica". Visto que a crônica foi escrita em 1978, também se pode melhor compreender o discurso patriótico associado à memória sobre José de Alencar naquele momento.

[105] "Eram três Alencar que fundaram a família. Dona Bárbara, dona Inácia e Leonel. O filho mais velho de dona Bárbara era padre e se apaixonou pela filha de Leonel, sua prima. Raptou-a, levou-a para sua casa e teve sete filhos com ela. Seu nome era José Martiniano de Alencar, pai do famoso romancista. O padre José Martiniano foi um dos chefes do movimento da Maioridade, senador da República e morava aqui no Rio". NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 73.

[106] HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895).* Tese defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. 371p. A história da participação dos Alencar e dos Queiroz na revolução pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador em 1824 é muito mais complexa do que aqui

todos foram mortos ao longo dos conflitos com o governo imperial ou executados em praça pública logo após o fim do movimento[107]. Ainda que, após a proclamação da República em 1889, muitos destes revolucionários como Dona Bárbara e Tristão Gonçalves tenham se tornado heróis e mártires do Brasil, sua história rememorada "trata-se de uma operação que se inscreve no trabalho do luto, é a morte dos antepassados que se relembra" [108]:

> Eu, por exemplo, fui criada no orgulho rebelde de ser Alencar – quarta neta de Tristão, quinta neta de dona Bárbara por parte do meu avô, quarta neta de Leonel por parte de minha avó. Sem contar a parte de minha tataravó Brasilina, que também era filha de Leonel, ela própria tia do romancista e, junto com o marido, o velho João Franklin, seus padrinhos de batismo.
> De pequena ouvia repetida a história da revolução no Crato, e a bruta repressão. Dona Bárbara arrastada em ferros por mais de cem léguas de caminho do Cariri a Fortaleza, depois atirada por anos numa enxovia baiana. A morte heroica de Tristão, presidente da Confederação no Ceará, fuzilado em Santa Rosa, graças à felonia do vil José de Leão; seu cadáver insepulto posto a mumificar ao sol, encostado a um pé de pereiro [109].

Celebrando a morte, Rachel de Queiroz constrói seu orgulho familiar, muito vinculado à ideia de *rebeldia,* que será utilizada diversas vezes em suas definições de *si*. Por isso mesmo, em Rachel, aparece com destaque, ao lado dos homens, as mulheres rebeldes. Estas mereceram algumas crônicas publicadas e republicadas pela autora em jornais e em livros ao longo dos anos:

> O nome de Ana Triste tomou-o ela depois de viúva, como o único que lhe convinha. Antes fora a bela Donana Lima Verde, linda flor da cidade do Crato, onde conhecera e amara o moço Tristão, com ele casando no ano de 1810. Também ele, nesse tempo, era só Tristão Gonçalves de Alencar; depois, na revolução nacionalista de 17, é que tomou o nome de Araripe (…). Com o nome de Araripe começaram as tragédias na vida da moça Donana; as tragédias e os heroísmos, porque ela, embora não se mostrasse varonil e política como a sua sogra, a famosa Dona Bárbara, sabia também ser completa a seu modo[110].

Toda a trajetória dos Queiroz e dos Alencar, e os espaços que foram ocupando na história e na vida política do país, portanto, demonstra a força desta oligarquia com amplo poder político no contexto regional e mesmo nacional. A eles são associados, na memória racheliana, o valor da *autonomia, rebeldia,* do *republicanismo,* da *revolução.*

---

pudemos situar. Vale à pena conferir algumas das disputas de memória desta história no texto integral de Hruby e na memória dos Queiroz escrita por Espiridião de Queiroz Lima.

[107] Dos três mencionados acima, apenas José Martiniano, pai do escritor José de Alencar, não foi condenado à morte, ocupando, inclusive, importantes cargos políticos durante a Regência e durante o governo de D. Pedro II.

[108] ZONABEND, Françoise. *Op.Cit.* p.182

[109] QUEIROZ, Rachel de. Vida de José de Alencar. *Última Hora*, 05/03/1979. Fundo Rachel de Queiroz AIMS.

[110] QUEIROZ, Rachel de. Dona Ana Triste. In: _____. *100 crônicas escolhidas (Obra Reunida v. 4).* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 83-85.

Esta última palavra, tantas vezes operada por Rachel de Queiroz em contextos políticos os mais diversos, como em suas crônicas escritas entre 1961 e 1964.

Pensando em termos mais amplos, cabe mencionar que a maior parte dos intelectuais que ascenderam no campo literário e político dos anos 1930 fez parte, assim como Rachel de Queiroz, de famílias tradicionais do contexto brasileiro em mutação. Este aspecto é demonstrado, por exemplo, no estudo de Sergio Miceli, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, publicado em 1979.

Segundo o autor, as categorias intelectuais dessa época eram, normalmente, recrutadas da própria classe dirigente, mas de grupos que haviam sido excluídos da representação política. A maior parte pertencia a famílias de "parentes pobres" da oligarquia ou então a famílias de longa data especializadas no desempenho dos encargos públicos e culturais de maior prestígio, como é o caso dos Queiroz e dos Alencar. Assim, as disposições manifestadas pelos diferentes tipos de intelectuais em termos de carreira pareciam indissociáveis da história social de suas famílias[111].

Neste sentido, seguindo a história do caminho percorrido por Rachel de Queiroz ao longo da vida, poderemos pensar a influência de seu *habitus* de classe nas escolhas que desempenhará no campo intelectual e político brasileiro ao longo do século XX, não como uma consequência óbvia, mas como um resultado de opções tomadas a partir de um referencial muito forte em termos estruturais e estruturantes, onde talvez caiba aqui a noção de *estratégia*[112].

Acrescentado a isso, não é possível esquecer a mudança nas relações de gênero que se operaram no Brasil desde o final do século XIX e que possibilitaram à geração de Rachel de Queiroz navegar pelo *habitus* através de novas oportunidades econômicas, sociais, políticas e culturais.

---

[111] MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 78-81.

[112] A definição de *habitus* aqui utilizada é retirada dos trabalhos de Bourdieu, em sua busca por um conceito que não "caísse" numa filosofia da ação tal qual o estruturalismo apregoou (onde o agente parece reduzido ao papel de suporte) e uma filosofia do sujeito e da consciência. O objetivo de Bourdieu é, portanto, através do conceito de *habitus,* "pôr em evidência capacidades criadoras, ativas, inventivas, do *habitus* e do agente, (...), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o do espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o *habitus,* como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver,* um capital (...), o *habitus,* a *hexis,* indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em ação". BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo.* In:_____. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 59-73. p. 61. Já a ideia de "estratégia" é retirada de Michel de Certeau: "sobre a realidade maciça dos poderes e instituições e sem alimentar ilusões quanto ao seu funcionamento, sempre discerne um movimento browniano de micro-resistências, as quais fundam por sua vez micro-liberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima". CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.* Vozes: Petrópolis, 1996. p. 18. Não queremos ver os conceitos de *habitus* e *estratégia* como eminentemente opostos, acreditamos em sua combinação tal como formulamos nesta nota.

Memórias de infância:

Coluna Prestes, padre Cícero, Lampião e as matronas sertanejas

Antes de se formar na primeira turma da Faculdade de Direito em Fortaleza, o Dr. Daniel trabalhou como almoxarife na Inspetoria contra a Seca, como uma forma de sustentar seus estudos na capital do Estado. Nessa época, participou da construção do açude Acarape, acompanhando o jovem engenheiro, Eugênio Gudin. No caminho para o açude, havia a fazenda Monguba, propriedade de João Franklin e Maria de Macedo, descendentes diretos dos Alencares.

Certo dia, montados num cavalo no caminho de volta, onde o sol escaldava sobre as cabeças e a sede era insuportável, Gudin decidiu bater na casa do velho Rufino para pedir um copo d'água e comida. Na casa moravam também os filhos do casal, dois homens e uma menina de dezesseis anos: Clotilde[113].

Clotilde Franklin tinha apenas dezessete anos quando se casou com Daniel de Queiroz e logo engravidou da primogênita do casal, nos primeiros meses de 1910. Nove meses depois, em 17 de novembro, na rua Senador Pompeu, nº 86[114], Fortaleza, nasceu a menina, cercada dos cuidados desta jovem mãe e da bisavó, Dona Miliquinha - neta do herói da revolução pernambucana[115]. Nasceu "grande, forte e já sem querer dormir".

Aos quarenta e cinco dias de vida da criança, voltaram para Quixadá e, em seguida, passaram a ocupar uma das casas da Fazenda Califórnia, até a pequena desmamar e poder ir para a Casa-Grande, onde permaneceu cerca de nove meses.

Na fazenda, estavam presentes o bisavô paterno da menina, João Batista, conhecido na cidade por ter introduzido o plantio do café na serra do Baturité, e sua filha, D. Rachel de Queiroz Lima, viúva do Dr. Arcelino, mãe de dez filhos. Era uma mulher muito religiosa, extremamente respeitada na região e que encarnava, para a família, a mítica figura da matrona sertaneja. Dela, a recém-nascida ganhou o nome, herdando também uma tradição.

Dona Rachel seria lembrada pela neta no interior do arquétipo desta imagem mítica da matrona, era uma "czarina toda poderosa"[116]: "gostava de me enfiar ao seu lado, na rede do alpendre, onde, sentada, ela fazia crochê ou tricô", "Era célebre em redor da Califórnia a sua caridade; e quando ela adoeceu (...), a casa da fazenda, à qual

---

[113] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 05. APIL.
[114] QUEIROZ, Rachel de. Perguntas & Respostas. *O Cruzeiro.* 24/04/1954, p. 98. AFBN.
[115] Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.
[116] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993, p. 03. APIL.

se sobe por enormes escadarias, dia e noite era ocupada pelo povo de redor – dezenas e dezenas de pessoas (...). 'Parece um rebanho de ovelhas', disse alguém. E era verdade"[117]. Como para restabelecer a ligação com esta tradição Rachel, já idosa, afirma ser muito parecida com sua avó, fisicamente e no temperamento[118].

Interessante perceber como Rachel de Queiroz, neta, descreve uma tradicional família sertaneja, em crônica dos anos 1980 e o quanto, ao fazer isso, dialoga com a definição de sua própria família nuclear:

> Eis uma família de velhas raízes sertanejas; todos brancos, alguns de olho azul, do que se orgulham muito. Como dizia a avó, Felismina, hoje morta: "Não tendo a boa prata, ao menos a boa casta". Essa era considerada rica, fazendeira com mais de légua de boas terras de frente pro rio, seus 20 a 30 bezerros por ano, casa de farinha, baixio de cana que era vendido ao vizinho mais rico, dono de engenho e alambique. Mãe de 13 filhos, ficou viúva logo depois da seca do Quinze, quando se arrasou a fazenda. Diz-se que o velho marido dela morreu de paixão, agarrado na porteira do curral vazio. Dividida a fazenda pelos filhos, coube a cada um uma garra de terra que mal dava para o dono sobreviver – e em tempo bom [119].

Na família "típica", descrita por Rachel, existe a marca da ascendência europeia, na pele branca e "nos olhos azuis" denotando um preconceito enrustido, que faz da personagem de dona Felismina, segundo ela mesma diria, uma "boa casta". Apesar de ser considerada rica, sua fazenda não pode ser comparada àquelas dos donos de engenho, que chegam a alcançar proporções gigantescas em Pernambuco ou na Bahia; e, além de tudo isso, vive à mercê do clima, da seca e suas intempéries.

As grandes mulheres sertanejas para Rachel, como dona Felismina, foram aquelas, em geral, viúvas, e com muitos filhos, como o foi sua avó Rachel. Elas assumiam as rédeas da fazenda quando não havia figura masculina representativa, e faziam deste espaço o que bem entendiam, quase como rainhas em suas cortes[120]. Algumas chegavam a ter poder político e belicoso na região, como foi o caso da lendária Fideralina Augusto Lima, matriarca do sertão e chefe de jagunços em cuja história violenta Rachel se inspiraria diversas vezes.

Com uma pequena, mas significativa diferença, assim também foram representadas a avó da personagem Conceição no *O Quinze* (1930), a personagem Senhora, do romance *Dora, Doralina* (1975), e Maria Moura (1992), especialmente

---

[117] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 268.
[118] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993, p. 06. APIL.
[119] QUEIROZ, Rachel de. Família Sertaneja. *Última Hora*. 07/02/1983. p. 02. AFBN.
[120] Lembrando que o trabalho feminino nas fazendas sertanejas sempre ocorreu em paralelo ao masculino, pela própria configuração social destes espaços: "No campo, as mulheres tudo fazem: plantam roças, limpam-nas e as colhem, auxiliam os vaqueiros ordenando, de manhãzinha, as vacas, chiqueirando, à tarde, os bezerros" PINHEIRO, Irineu. *Apud.* FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (1ª ed. 1950). p. 191.

inspirada na rainha Elizabeth I da Inglaterra e em dona Fideralina, mas com o nome da anarquista Maria Lacerda de Moura, que Rachel conheceu adolescente.

Apesar de reproduzir nestas personagens as principais características da matrona sertaneja, Rachel criou para si uma diferença significativa em relação ao legado familiar de gênero:

> Tive uma menina, ainda muito jovem, e ela morreu com um ano e meio. Nunca mais fui mãe. Eu queria ser fazendeira, cheia de filhos, criando pintos, olhando bezerros. Eu queria ter sido uma grande mãe de família, como minha avó Rachel, que teve 15 partos. A insatisfação faz parte da história humana: é igual para homem e mulher [121].

Da mesma forma que Rachel enfrentou o trauma da morte de sua filha, a maternidade foi um fator problemático chave em quase todos os romances da escritora: nem Maria Moura nem Conceição tiveram filhos (esta adotaria um); Noemi, de *Caminho de Pedras* (1937), ainda que grávida no final da trama, presenciara a morte de seu primeiro filho ainda criança; Maria Augusta, narradora de *As três Marias* (1939), sofreria um aborto; e Senhora teria uma filha única que a abandona já na primeira parte da narrativa, passando o resto do romance a tentar resolver as diferenças com a mãe.

Na vida real, não podendo cumprir o quesito relativo à maternidade do modo como sonhara, Rachel exerceu, no entanto, as funções de uma bela matrona sertaneja, tendo "governado" sua fazenda durante décadas, após a morte dos pais, passando seis meses do ano no Rio de Janeiro e seis meses no sertão do Ceará.

É possível, portanto, pensar nestas definições das matronas e da família sertaneja não somente como uma história específica relativa à vida de Rachel de Queiroz, mas como a construção de um mito político[122] de gênero, perpetuado por ela em diversas crônicas, romances e entrevistas, divulgadas em centenas de exemplares, distribuídos

---

[121] QUEIROZ, Rachel de. Eu queria ser uma grande mãe. *Estilo de vida.* 13/09/1992. p. 06. AFBN. Também em: QUEIROZ, Rachel de. Questionário. *O Cruzeiro.* 18/02/1956. p. 118. AFBN.: "Queria ser uma matriarca sertaneja cheia de filhos, netos e bisnetos. Como, por exemplo, minha avó Rachel, já citada. Certo tempo pensei que gostaria de ser atriz. Mas era engano". Muitos curiosos se questionam o porquê de Rachel de Queiroz nunca mais ter filhos. A autora afirma em NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 97, a necessidade de uma cirurgia perigosa para que fosse novamente capaz de engravidar. No contexto da guerra, sem esperanças de futuro, ela e o segundo marido, Oyama de Macedo, decidiram bastar a si mesmos.

[122] A noção de "mito político" é aqui utilizada a partir da leitura de: GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. O autor parte da ideia de *culturas políticas*, onde seu interesse recai sobre os sistemas de pensamento, as afetividades, as mentalidades. "O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções". p. 13.

por todo o país e mesmo internacionalmente, através da revista *O Cruzeiro,* por exemplo.

Numa discussão que vincula gênero e poder, as matronas sertanejas de Rachel de Queiroz são figuras baseadas num fundo histórico e familiar, positivadas pelo discurso racheliano e tornadas símbolo de um poderio sertanejo possível para a mulher num contexto que as tornava, em geral, submissas.

Ao mesmo tempo, são mulheres complexas em sua subjetividade, afetadas pela questão problemática da maternidade e do amor, quando confrontadas ao dinheiro e às ambições pessoais, e sempre retratadas em meio a um movimento quase circular da vida[123].

***

Rachel de Queiroz nasceu num momento em que a fazenda Califórnia vivia parte de seu apogeu. Ainda que o Dr. Arcelino tivesse morrido há mais de quinze anos, D. Rachel mantinha algumas festas, saraus, reuniões familiares que, por vezes, aconteciam também no Guaramiranga, na serra, casa do tio Chichio, "um homem gigantesco, de mais de 1,90m, autoritário, falava alto"[124].

Quem realmente se beneficiava nesta época era dona Clotilde, com apenas dezoito anos, conhecida na família por sua beleza e inteligência, colecionadora de livros, de recortes de jornal, periódicos nacionais e importados. Formava o grupo das jovens moças da família, ao lado da cunhada, Beatriz e da sobrinha, Elsa, todas lembradas por Rachel como mulheres muito inteligentes.

Quando Rachel completou dois anos, entraram novos membros para a família: o irmão, Roberto, único dos homens a passar dos trinta anos de idade[125], e Antônia Pereira Lima, mais conhecida como Mãe Titó, cozinheira e babá de todos os filhos de dona Clotilde. Era ela uma figura dura, rígida e exigente com a menina[126].

Na época do nascimento de Roberto, o Dr. Daniel era juiz municipal em Quixadá, no tempo do famoso conflito entre a tradicional oligarquia Acioli, que

---

[123] Na minha dissertação de mestrado, *Rachel de Queiroz: regra e exceção* (Rio de Janeiro: 7letras, 2013), problematizei o fato de as personagens principais de Rachel de Queiroz sempre iniciarem e terminarem a narrativa em movimento, em geral reconstruindo suas vidas após um grande trauma, como a seca, a prisão, a morte, o aborto, o luto, a violência.
[124] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 20.
[125] Em 1967, Roberto de Queiroz, também formado em Direito, seria nomeado Juiz da primeira Vara Federal de Fortaleza pelo presidente militar Humberto de Alencar Castelo Branco.
[126] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 66.

dominava a política cearense desde o século XIX, e os partidários do tenente-coronel Marcos Franco Rabelo.

Em 1912, após uma luta política sangrenta, Rabelo, que era genro de um dos Queiroz[127], subira ao poder: "O rabelismo era uma 'doença' no Ceará. O mês de janeiro [de 1912] presenciou batalhas na rua entre polícia e rabelistas, em lutas que culminaram com entrincheiramentos e tiroteio contra o Palácio do Governo"[128].

A memória desta luta permaneceu forte na história cearense como o famoso conflito entre marretas e rabelistas, uma espécie de "Revolução Francesa cearense", como diriam alguns[129]. Foi o momento em que o "rabelismo" passou a ser sinônimo de oposição, e muitos postos públicos antes ocupados por parentes, amigos e dependentes dos Acioli foram ocupados por pessoas comuns[130].

Enquanto Rabelo ocupava o Palácio do Governo em Fortaleza, seus oposicionistas aciolianos fundaram um governo provisório na região do Crato e, apoiados por latifundiários como o Dr. Daniel de Queiroz[131], assumiram as rédeas da multidão contra os rabelistas. Sendo assim, por falta de apoio político das oligarquias do interior, Rabelo foi deposto logo em 1914.

No contexto da luta entre marretas e rabelistas, figuras importantes se destacaram, como o deputado Floro Bartolomeu e também um padre ancião, famoso no interior do Ceará. Cícero Romão Batista (1844-1934) [132] tornou-se figura conhecida no Nordeste desde o final do século XIX, quando alguns milagres acontecidos em sua presença causaram um rebuliço eclesiástico que foi parar em Roma[133].

---

[127] Rabelo era genro do general José Clarindo de Queiroz (1841-1893), primeiro presidente constitucional do Ceará republicano, em cujo período administrativo tantos eram os que se declaravam seus parentes que uma burleta na época generalizou – "todos nós somos Queiroz". In: SOUSA. José Bonifácio de. *Quixadá: de fazenda a cidade.* IBGE Conselho Nacional de Estatística, 1960. p. 27.

[128] LEAL, Ângela Barros. *Jader de Carvalho*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 23.

[129] LIMA, Herman. Vida Literária no Ceará: 1914-1922. *Diário de Notícias.* 05/03/1961, p. 03 do Suplemento Literário. AFBN.

[130] O interessante da história da queda dos Acioli no imaginário cearense é justamente o surgimento da figura de Marcos Rabelo. Apesar de ele mesmo não ter conseguido terminar seu mandato de governo, enfrentando forte oposição acioliana na Assembleia do estado, acabou por criar uma tradição política de oposição que utilizou o "rabelismo" como nome.

[131] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 250.

[132] Padre Cícero apoiava politicamente a oligarquia Acioli desde 1911, com o *pacto dos coronéis*, assinado em Juazeiro. Na verdade, este pacto foi assinado quando a oligarquia entrava em decadência no estado devido à oposição da burguesia comercial de Fortaleza e dos operários. Com a deposição de Acioli pelo movimento popular em Fortaleza, Floro Bartolomeu comandou a reunião de uma assembleia estadual insubmissa em Juazeiro no ano de 1913, o que justificaria a intervenção federal na deposição de Franco Rabelo. Foi a chamada "revolução de Juazeiro".

[133] A fama de santo vinha desde a época dos milagres da transfiguração da hóstia em sangue na boca de uma beata, durante missas celebradas por padre Cícero. Este milagre levou ao afastamento do padre das funções sacerdotais e de sua paróquia até que a Igreja decidisse sobre o que era, então, considerado uma

Além disso, o padre exerceu quase todo seu ministério na região do Juazeiro, município do Crato onde eram constantes as guerras entre famílias poderosas, além da presença ameaçadora dos cangaceiros[134]. Sua atuação na região foi longa e essencial para o contexto sertanejo de fins do século XIX, carente da presença do Estado e com os poderes locais cada vez mais debilitados após a abolição da escravidão e a proclamação da República[135].

Em 1913 iniciou-se o cerco de Juazeiro pelas tropas do governo rabelista, que foram derrotadas em todas as tentativas de desmobilizar o movimento de reação das oligarquias concentradas em torno do Padre Cícero e de Floro Bartolomeu. No último cerco, em que morreu um capitão rabelista chamado José da Penha Alves de Sousa, conhecido como Jota da Penha, Rachel de Queiroz, então com quatro anos, foi com o pai ver o morto passar pela estação de trem do Junco, em Quixadá[136].

Findo o cerco em 1914, deposto Franco Rabelo com ajuda do governo federal, e voltando à tona o predomínio administrativo acioliano, ainda que ligeiramente modificado, Dr. Daniel foi nomeado promotor de justiça em Fortaleza e, em seguida, professor de geografia do Liceu. Permaneceu no cargo jurídico por pouco tempo, "não aguentava ser promotor, não aguentava acusar alguém sem ter certeza"[137].

Dr. Daniel logo abandonou a vida na cidade e resolveu iniciar uma plantação de arroz em Quixadá: "papai formou-se em 1910, o ano em que eu nasci. Bem, então, ele aí disse: - Eu nasci para ser fazendeiro, não quero morar no Rio de Janeiro. Papai era um sujeito meio depressivo, tinha crises de depressão, era de nervos muito frágeis. Então, papai disse: - eu vou ser fazendeiro"[138].

---

heresia. Desrespeitando a Igreja, padre Cícero voltou a exercer suas funções sacerdotais, ganhando ainda mais fama entre seus fieis, além de manter um modo de vida austero não cobrando em dinheiro os serviços religiosos que desempenhava. Já sua fama política também começou na época do milagre de Juazeiro, na década de 1890, quando se acusou o padre de aliciar jagunços para ajudar Antônio Conselheiro na revolta de Canudos, a quilômetros de distância. Mesmo desmentidos os argumentos, a imagem de cangaceiro permaneceria. Em seguida, após o encontro com Floro Bartolomeu e o *pacto dos coroneis*, em 1911, padre Cícero foi prefeito de Juazeiro e figura fundamental no conflito entre marretas e rabelistas. Ver: NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

[134] Como afirma Rui Facó, toda a região do Cariri, onde se inclui o Crato, destacava-se no sertão por fazer fronteira com quatro outros estados (PE, PB, RN, PI), sendo uma região de grande fertilidade em meio ao Polígono das secas, o que a tornara o destino de inúmeros migrantes. Estas especificidades deram margem à aspiração de uma autonomia política da região, que não se efetivou. Da mesma forma, o Cariri foi palco dos surtos revolucionários de 1817 e 1824 e das inúmeras guerras entre famílias do sertão na disputa por terras ou contra cangaceiros. FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 139-182.

[135] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p. 148.

[136] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 251.

[137] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 04. APIL.

[138] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 06. APIL.

Eis que, então, chegou um dos momentos mais críticos vividos por Rachel de Queiroz, criança, ainda presa às saias da mãe e ao cotidiano do sertão cearense: a seca de 1915. Dr. Daniel perdeu toda a plantação e quase todo o gado nesta seca, no mesmo momento em que nascia seu terceiro filho, Flávio.

Rachel não tinha nem seis anos, portanto, quando o pai resolveu fazer a primeira longa viagem com a família, enquanto muitos de seus agregados migravam do sertão para outras cidades em nome da fome. Protegida pela ficção, a migração do sertão vivida pela família Queiroz e por seus agregados e dependentes foi descrita por Rachel com maestria em *O Quinze*, romance de 1930:

> Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo[139].

Em 1916, o primeiro destino pensado pela família foi o Rio de Janeiro, onde já se encontrava um dos irmãos mais velhos do Dr. Daniel, Eusébio de Queiroz Lima (1884-1935), professor, sociólogo e jurista, que poderia ajudar na busca por trabalho.

O Dr. Daniel conhecia bem a capital federal, pois tinha estudado no Colégio Abílio entre os 13 e 16 anos, como praticamente todos os seus irmãos homens. Foi nestes anos vividos no Rio de Janeiro que Rachel, ainda criança, assistiu pela primeira vez a um espetáculo de circo, além de acompanhar o presidente Venceslau Brás no desfile do 7 de setembro em pleno Campo de São Cristóvão[140].

Também no Rio de Janeiro de 1916, um tio levou a serelepe Rachelzinha até o mosteiro de São Bento, onde assistiram à missa com cantos gregorianos. A pequena Rachel voltou de lá dizendo que tinha ido ao céu, porque "a gente tinha subido muito morro e chegamos a um lugar onde tudo era dourado, com um bocado de santo cantando"[141].

Em novembro, porém, Dr. Daniel enfrentava algumas dificuldades na então capital federal, mudara-se duas vezes de casa em pouco tempo, além de não estar se adaptando ao trabalho. Rapidamente, decidiu arriscar outro lugar e do outro lado do

---

[139] QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 34ª edição. 1985. (1ª. 1930). p. 06.
[140] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 17.
[141] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 131.

país. Nessa época era amigo de Lauro Sodré, governador do Pará[142], e foi na cidade de Belém que a família se estabeleceu entre 1917 e 1919, em algumas moradias. Entre elas, um casarão na rua dos Jurunas[143]:

> Imenso com vastíssimos porões e dentro de um quintal enorme, era para nós palácio e floresta, onde caçávamos índio, matávamos onça, guerreávamos em grupos chefiados ora pelo Kaiser, ora por D. Pedro II, ora por Antônio Silvino; no fundo do quintal passava um córrego entre bananeiras, e nós o povoávamos de jacarés e tubarões. Nosso folclore era muito misturado, nós éramos em verdade uns pequenos apátridas, que já corrêramos muitas terras, praia, sertão e serra, do Rio de Janeiro ao Pará[144].

Neste tempo habitando em Belém, o doutor Daniel foi sócio de um curtume e deu aulas de física agrícola na Escola de Agronomia do Pará, que ele mesmo ajudou a fundar em 1918.

Na cidade, Rachel conheceu o teatro, levada pelo pai para assistir a uma peça chamada *A Gueixa*, que a impressionou por uma moça que cantava com dois dedos no ar[145]. Lá também tomou algumas poucas aulas particulares na casa de D. Julita[146], parente distante, e conheceu pupunha, açaí, bacuri em calda, banho de cheiro, priprioca, capim-santo, japana. Em Belém assistiu ao Círio de Nazaré, onde surpreendeu-a uma mulher que caminhava com um jabuti na cabeça[147]:

> O que recordo é a cidade clara, de ruas largas, cheias de mangueiras cintadas de branco e ricos sobrados coloniais. A Rua Conselheiro Furtado, onde morávamos, depois a rua Serzedelo Correia, numa pequena casa defronte ao cemitério da Soledade, que era mal assombrado e de noite as almas tocavam a sineta do portão. Tem o Marco da Légua que é longe, e se vai lá de bonde, passear aos domingos. O Ver-o-Peso, que é o cais onde encostam as montarias carregadas de fruta, peixe e caça e que de longe cheiram a cupuaçu (...). E, minha senhora, tem lá, acima de tudo a Basílica Nossa Senhora de Nazaré, fazendo festa no seu arraial e saindo na procissão que se chama Círio, todos os anos no mês de outubro[148].

---

[142] Não por acaso, o chamado Centro-Sul e a região Amazônica são os dois principais destinos enfrentados pelos migrantes da seca no Ceará desde o começo do século e assim se passa em *O Quinze.*

[143] Comparando as duas crônicas de Rachel de Queiroz citadas neste trecho da narrativa (uma de 1947, outra de 1958), percebemos uma diferença em relação aos nomes das ruas que ela diz ter habitado. Como não foi possível mapear os diferentes possíveis endereços, cabe reproduzir as informações das crônicas.

[144] QUEIROZ, Rachel de. Eneida *O Cruzeiro.* 15/03/1958. p. 114. AFBN. Ver também QUEIROZ, Rachel de. Os cinquenta. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

[145] *Livro para os jovens*, 23/01/1978. Neste recorte de crônica não consta o nome do periódico. Está depositado em: Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. Ver também QUEIROZ, Rachel de. Os cinquenta. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 36.

[146] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 18.

[147] QUEIROZ, Rachel de. *O Cruzeiro.* Eneida. 15/03/1958. p. 114. AFBN.

[148] QUEIROZ, Rachel de. Pará, capital, Belém. *O Cruzeiro.* 01/03/1947. p. 90. AFBN. Segue uma longa descrição da procissão do Círio de Nazaré.

Foi também na capital paraense que a pequena Rachel de Queiroz teve sua primeira experiência com a revolta social:

> Era mestre curtidor, no curtume de meu pai, em Belém do Pará. Eu tinha oito anos, ele trinta e cinco ou quarenta – não sei. Chamava-se "o Catalão". Usava um grande avental de couro que lhe batia nas pernas e quando se referia a meu pai dizia: "el burguês". Manquejava um pouco, resultado de um ferimento recebido num comício ou num atentado. Pois o meu Catalão, naqueles longínquos anos de 19, já era um refugiado. Não poderei dizer se era alto ou baixo, feio ou bonito. Aos meus olhos era um gigante, terrível, belo e sábio. Fomentava motins na fábrica, quase sempre contra o gerente – o meu finado primo Álvaro, cearense magricela, neurastênico e minucioso como uma solteirona. Bastava o Catalão erguer a voz, enquanto remexia os couros, no tanque, logo uma corrente elétrica percorria o pobre Álvaro[149].

Em diversas crônicas escritas já a partir dos anos 1940, Rachel terá como tema a imigração nordestina para a Amazônia e lembrará que, dos dez filhos do Dr. Arcelino, sete, incluindo duas mulheres, tentaram a vida no norte do país, "e não voltaram sem cicatrizes: beri-beri, ferida brava, fígado opaco de impaludismo. Meu outro avô por lá adquiriu a moléstia que o matou mais tarde"[150].

Em 1919, Dona Clotilde engravidou do quarto filho, Luciano, e a família resolveu retornar ao Ceará, onde habitaram a chácara do Alagadiço, uma casa grande, "com um quintal enorme onde vozinha Maria Luiza tinha uma horta e uma plantação de bananeiras. Atrás, tínhamos uma vila de casas de aluguel e numa delas morava uma mulher que fazia charutos: bastava chegar à porta e o cheiro do fumo dava enjoos" [151].

O Dr. Daniel assumiu de vez a vocação de fazendeiro e, no final do ano de 1919, enquanto Dona Clotilde estava de resguardo, Rachel de Queiroz teve sua primeira experiência com o ensino formal, assistindo escondida às aulas na escola de dona Maria José, no Alagadiço[152].

Dona Maria era professora também de seu irmão mais novo, Roberto: "Lembro-me bem de D. Maria José: a palmatória, a tabuada dos sábados, as lições de geografia"[153].

Mas as mudanças não pararam por aí: findo o resguardo vendeu-se a chácara do Alagadiço para pagar os prejuízos que dera o curtume de Belém: "sobraram três contos de reis[154]. Esses três contos de reis ele comprou de boi, de garrotes, não a cem mil reis a

---

[149] QUEIROZ, Rachel de. O Catalão. In: *Obra reunida volume 3a:* O galo de outro/A donzela e a Moura Torta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 43 (A donzela...). Crônica de 1943.
[150] QUEIROZ, Rachel de. Faltam só vinte e três mil. *Diário de Notícias.* 18/08/1946. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
[151] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 17-18.
[152] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 12. APIL.
[153] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 18.
[154] Em 1919, um mil reis equivalia a 0,26 dólares. Três contos de reis seriam, portanto, a $780. In: HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 268.

cabeça; três contos a cem mil reis, eram 30 cabeças”[155]. Ainda enfrentando a seca de 1919, toda a família de Rachel se mudou para a serra do Baturité, em Guaramiranga, para passar o verão. Lá estava o tio Chichio, aquele que falava alto e fazia medo.

Nas memórias do verão passado na serra, Rachel traduz o significado emocional de sua infância, e o que impera no discurso é a juventude e a beleza de sua mãe, além dos saraus, tertúlias e festas de família.

Foi este seu primeiro espaço de sociabilidade e também de formação de sua personalidade, reforçada pelos saraus onde declamava poesias, lia trechos de romance e mesmo arriscava um violão, com sua voz muito afinada[156]. Este talvez tenha sido o momento de maior convivência com o lado da “grande família” em seus moldes tradicionais, antes que os destinos individuais provocassem vários deslocamentos, mortes e afastamentos entre seus membros.

Tio Chichio e tia Adelaide tiveram treze filhos e, entre eles, Arcelino, herdeiro do nome do avô de Rachel, e primeiro amor da menina: “Com quinze anos abandonou os estudos e assumiu a direção das fazendas, dos sítios, de tudo. Celino era uma figura romântica” [157]. Até os quinze anos, Rachel seria platonicamente apaixonada pelo primo, cerca de dez anos mais velho, mas que marcou sua memória até o fim da vida[158].

Em 1921, Dr. Daniel e a família moraram seis meses em Fortaleza. Ele tinha sido convidado para criar o Gabinete de Identificação do Ceará no governo estadual de Justiniano de Serpa e Carvalho Lima. Rachel completara dez anos e sua avó paterna, a velha Dona Rachel, começou a observar que a menina não tinha nenhuma educação religiosa, não sabendo nem mesmo fazer o sinal da cruz.

De fato, os pais pouco se importavam com este quesito e muito menos com a educação formal das mulheres, mesmo porque ainda neste tempo o estudo das meninas não era obrigatório, ainda que se tornasse cada vez mais comum[159].

Graças à avó, portanto, Rachel de Queiroz realizou seu sonho de estudar numa escola de verdade, e foi assim matriculada no Colégio Imaculada Conceição, uma

---

[155] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 09. APIL.

[156] Ver http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1618837-gravacao-rara-reproduz-a-voz-do-poeta-mario-de-andrade-pela-primeira-vez.shtml. Nesta reportagem reproduz-se uma canção popular gravada por Rachel de Queiroz em 1940.

[157] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 22.

[158] Aos dezenove anos, Rachel representaria várias das características deste primo no personagem Vicente, de *O Quinze.* Ver: QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 98; NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 79.

[159] Página Oficial da Folha online. Entrevista de 09/1998 colocada em site no ano de 2003, por ocasião da morte da autora: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml Acesso em julho/2005.

tradicional escola de freiras que inspiraria o cenário do romance *As Três Marias*, de 1939, onde diversos personagens foram também inspiradas em suas colegas de classe:

> Neste ano de 1965 completa cem anos de idade o Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, minha *alma mater*. Quando o conheci já era o imenso casarão conventual que cobria um quarteirão inteiro, metade das pensionistas, metade das órfãs, e tendo à mão direita a esguia torre de sua capela gótica. Com ele democratizou-se o ensino das moças, pois até então só fazendeiro rico podia pôr mestra em casa para ensinar às filhas a leitura, a doutrina, o francês e o bordado. E até o piano. Lá entrei aos dez anos de idade, de lá saí aos quinze, com meu diploma de professora primária – único diploma que jamais conquistei[160].

O tempo do Colégio foi de amplitude de perspectivas e, enquanto Rachel frequentava seus pátios, ele mudou-se em Escola Normal. Com apenas 11 anos, a escritora fez o concurso de admissão ao lado de meninas e mulheres de até 18, 20, 22 anos que, mesmo formadas, queriam agora matricular-se num dos únicos ensinos profissionais a elas permitido[161].

A convivência com as freiras ensinou a Rachel os princípios religiosos do catolicismo, que ela não chegou a adotar, simplesmente por não conseguir deixar de ser ateia: "Há pessoas que são precocemente céticas. Eu, desde pequenina, fui excessivamente desconfiada e incrédula" afirma em 1927, recém-saída do Imaculada Conceição. O irônico é que, durante o colégio, Rachel foi a primeira aluna em Instrução Religiosa[162].

Mesmo sem querer, a questão religiosa a marcaria para sempre, num discurso ambíguo e por vezes contraditório. Aos cinquenta e cinco anos, por exemplo, Rachel de Queiroz admite a marca da experiência cristã do Colégio: "Lá nos moldaram a alma. Por mais que o mundo, depois, nos batesse e arrastasse, nos seduzisse e açoitasse -, o velho molde ficou, irredutível" [163]. Aos oitenta anos, porém: "Eu nunca tive nem um pouquinho de fé, nenhuma crença, mesmo nas fases mais difíceis da minha vida. Eu sempre vivi numa grande solidão"[164]. E, aos noventa, avalia: "Fui criada em colégio de freiras e vi o quanto o formalismo e o dogmatismo inviabilizam uma vivência religiosa mais intensamente vivida"[165].

A rotina era rígida: o sino tocava às cinco e meia da manhã, missa em jejum, banho antes do café, almoço às dez horas, merenda à uma, jantar às quatro, pão com manteiga à noite e rezas, muitas rezas, quatro vezes por dia. Banhos de camisola, "para

---

[160] QUEIROZ, Rachel de. Colégio Imaculada Conceição. *O Cruzeiro.* 17/04/1965. p. 114. AFBN.
[161] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 13. APIL.
[162] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 56.
[163] QUEIROZ, Rachel de. *Op. Cit.* p.114. AFBN.
[164] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 56.
[165] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 218.

não ofender a modéstia", recreios ruidosos, passeios com todas as meninas nos dias de feriado, desfilando de azul e branco pela cidade e chamando a atenção dos alunos do Colégio Militar[166]. Vez ou outra montavam dramas para teatro e cobriam-se de capas pretas quando o papel era masculino.

A maior parte dos professores eram homens, como o professor Lobo de biologia e o de música, Henrique Jorge, pai de um dos futuros amigos de Rachel, Paulo Sarasate[167]. Entre as freiras, destacavam-se a Irmã Maria da Conceição[168], irmã Pauline que fora mestra de todas as tias de Rachel e era sua confidente, irmã Ângela que fora amiga de D. Clotilde, e irmã Genoveva, mestra de vozinha Rachel.

O Colégio também trouxe as melhores amizades, como a de Alba Frota, uma "quase irmã", que esteve presente em toda a vida de Rachel de Queiroz. Alba era extremamente religiosa, dois anos mais velha que Rachel, uma "moreninha magra"[169], que tinha vocação para bibliófila. Foi ela quem colecionou, durante mais de trinta anos, praticamente todas as notícias, crônicas, livros e entrevistas publicados por Rachel de Queiroz escritora até os anos 1960, e fazendo um imenso favor ao pesquisador de hoje.

Ao longo dos cinco anos de colégio, Rachel trocou várias cartas com a amiga, principalmente nos períodos de férias, quando voltava a Quixadá e se correspondia com Alba, em Fortaleza:

> Ultimamente tenho lido muito. Estou me iniciando em romances; mamãe consentiu que eu lesse *A Moreninha* e *Rosa*, ambos de Macedo, conhece? Já estou muito adiantada em literatura, não achas? Quem d'antes só lia *Histórias de Troncoso*! A Maria Luiza já arranjou a *Divina Comédia* em português? Quando a vires dize-lhe que faço votos a fim de que gosto muito, apreciando assim, as "belezas insuperáveis do divino Dante"... (estou ficando romântica à bessa! É a influência da vida campestre...). E tu? Já te propuseste também a isto? Deus te guarde de tão perigosa coisa!...
> Junco, 18 de dezembro de 1924[170].

Ainda na infância, as primeiras leituras de Rachel tinham sido Robinson Crusoé, a Condessa de Ségur, Gulliver, os contos dos Irmãos Grimm e de Andersen, além de *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne[171], que a menina lia antes de mergulhar no açude em cima de seu *Nautilus*, uma tora de mulungu[172].

---

[166] O Colégio Militar de Fortaleza era ainda uma novidade, tinha sido fundado em 1919.
[167] QUEIROZ, Rachel de. Candidatura e Candidato. *Diário de Notícias.* 24/01/1954. AIMS.
[168] QUEIROZ, Rachel de. Ma soeur. *O Cruzeiro.* 10/05/1947. p. 90. AFBN.
[169] QUEIROZ, Rachel de. *As Três Marias.* São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª. 1939). p. 14.
[170] Carta de Rachel de Queiroz a Alba Frota de 18.06.1924. AJAB.
[171] *Livro para os jovens,* 23/01/1978. Neste recorte de crônica não consta o nome do periódico. Está depositado em: Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18.
[172] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 97.

Na adolescência, as experiências literárias alteraram-se para uma versão censurada de *As mil e uma noites*[173], e também Joaquim Manuel de Macedo, Dante Alighieri, Miguel de Cervantes, Eça de Queiroz – livros "permitidos" então pela mãe -, e Machado de Assis, autor preferido de Dona Clotilde e que se tornou um dos preferidos também de Rachel[174]: "Na minha casa todo mundo lia, não havia nenhum escritor profissional mas todos escreviam (...). Meu pai tinha suas veleidades literárias, e todos liam maniacamente, apaixonadamente"[175]. Na escola, leu Darwin e quase foi expulsa ao pregar nas paredes do colégio uma nova teoria exclusivamente racheliana, misturando a Bíblia com a evolução das espécies[176].

No contexto nacional, os anos 1920 foram especialmente importantes para as novas gerações. Em março de 1922 foi fundado o Partido Comunista do Brasil (com representantes do Rio de Janeiro e de Pernambuco); no mês anterior tinha estourado a Semana de Arte Moderna em São Paulo, numa crítica veemente ao contexto artístico e político brasileiro que vinha do século anterior. Em julho do mesmo ano, dezoito tenentes saíram do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, marchando em direção à praia do Leme num movimento de revolta contra a situação oligárquica no país que desmoralizava a atuação do Exército[177] sendo massacrados pelo governo; e, por fim, em dezembro, aconteceu o I Congresso Internacional Feminino, também no Rio de Janeiro, tendo Bertha Lutz à frente e reivindicando principalmente o sufrágio universal[178].

O Brasil era, portanto, um barril de pólvora nesta segunda década do século XX, momento em que Rachel de Queiroz recebia sua educação e lia com relativa frequência os periódicos do Centro-Sul adquiridos por sua mãe. De longe, ela acompanhava todas as notícias com interesse não deixando de discuti-las em família.

---

[173] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 70.
[174] Aliás, dele guardaria bem o recurso literário da ironia.
[175] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 63.
[176] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 15. APIL.
[177] Ver CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 13-61.
[178] Neste congresso participou como representante do Ceará, a conhecida feminista, Henriqueta Galeno, filha de Juvenal Galeno (poeta, teatrólogo, pioneiro do romantismo no Ceará, membro da Guarda Nacional, deputado provincial, Inspetor Escolar, tipógrafo, fundador do Instituto do Ceará e diretor da Biblioteca Pública), e mais de vinte anos mais velha Rachel de Queiroz. Henriqueta pertencia a uma família de abastados agricultores e foi a primeira mulher cearense a se formar em Direito, em 1918, além de ser escritora, poeta, ensaísta, professora no Liceu e na Escola Normal de onde, provavelmente, Rachel de Queiroz a conheceu. Henriqueta levava à frente as reivindicações do movimento feminista no Ceará. Além disso, era conhecida por organizar os saraus mais badalados da cidade, na Casa Juvenal Galeno, que fundara em nome de seu pai. Henriqueta publicou livros sobre mulheres escritoras, fundou sua própria editora e foi exemplo de toda uma geração de mulheres críticas à posição de inferioridade de seu Gênero.

Em 1924, em São Paulo, nova revolta estourou em julho por parte dos tenentes, com o objetivo de derrubar o presidente Artur Bernardes, que encarnava neste momento o "ódio" que os tenentes tinham pela oligarquia paulista dominante. O levante, marcado para o mesmo dia e mês do levante do Forte de Copacabana em 1922, foi mais grave e com consequências mais sérias, pois implicou na formação da Coluna Prestes[179].

Os tenentes e a Coluna foram retratados constantemente em crônicas e na autobiografia de Rachel de Queiroz[180]; narrados como lembranças do momento em que a menina terminava o colégio, momento em que os revoltosos passaram pelo sertão cearense, no ano de 1926[181]. A primeira vez que a história apareceu retratada pela pena racheliana, foi em crônica para a revista *O Cruzeiro*, de 1962: "o povo em geral, embora não se pronunciasse abertamente, por medo de represálias do Governo, ou descrença nas possibilidades da luta, o povo de coração estava com os chamados "revoltosos", seduzido pela legenda e bravura dos jovens tenentes – os feitos dos dois 5 de julho, a imolação dos dezoito de Copacabana[182].

Conta Rachel que certo dia, por volta de 1926, na fazenda da família – corrido o boato de que a Coluna tinha saído do Piauí em direção a Juazeiro -, avisaram que vinha, ao longe, um grande grupo de pessoas. Logo puderam vislumbrá-los, cercados pela poeira. De fato, a história não era só boato. Em Juazeiro, o governo federal já tinha contratado centenas de mercenários entre jagunços e cangaceiros para combater os militares revoltosos[183]. A reação do pai de Rachel foi correr e esconder o gado, ao mesmo tempo em que a mãe começou a juntar suas joias. Todos com medo de que os revoltosos os obrigassem a dar comida, cavalos, animais de corte.

---

[179] A Coluna Prestes foi o movimento que se formou ao redor do tenente Luís Carlos Prestes em 1924, mas integrando os militares revoltosos de São Paulo e os revoltosos gaúchos. Durante dois anos e meio a Coluna percorreu vinte e cinco mil quilômetros do sul ao norte do país terminando por se exilar, em grande parte, na Bolívia. Nestes dois anos e meio combateu forças legalistas, foi auxiliada por alguns coronéis e a população contrários à política oligárquica reinante, sendo também perseguidos por outros. Ao mesmo tempo, a Coluna Prestes tornou-se símbolo da luta contra os governos de Artur Bernardes (1922-1926) e Washington Luís (1926-1930), contra a fraude eleitoral, o domínio oligárquico de São Paulo e a pobreza e o descaso em que permanecia a maior parte da população. Da revolta tenentista de 1922, restariam os tenentes Eduardo Gomes e Siqueira Campos. Da revolta de 1924 e da coluna Prestes, sairiam Juarez Távora, Eduardo Gomes, Miguel Costa, Luís Carlos Prestes e João Cabanas; todos eles terão influência política de peso nos anos seguintes à revolução de 1930.

[180] Ver, por exemplo, a crônica *Os revoltosos*, publicada na revista *O Cruzeiro*, em março de 1962, republicada no *Jornal da Barra* entre 1984 e 1986 (sem data precisa), republicada também na coletânea de crônicas *O caçador de tatu* (1967) e recontada no livro autobiográfico *Tantos anos.*

[181] Ver SILVA, Helio. *1926: a grande marcha – a Coluna Prestes.* Porto Alegre: L&PM, 2005. (1ª ed. 1964).

[182] QUEIROZ, Rachel de. Os revoltosos. In: _____. *O caçador de tatu.* Obras escolhidas. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 33.

[183] NETO, Lira. *Op. Cit.* p. 463.

Enquanto isso, os jovens começaram a arrumar suas trouxas para ir junto com a Coluna. Rachel mudou o vestido, penteou o cabelo, beliscou as bochechas e ficou esperando ansiosa, cercada pelos gritos de revolta do pai, chamando-os de idiotas por quererem debandar com os tenentes.

Todos alinhados no alpendre, esperando a aproximação do bando que, no final das contas, não passava de um grande grupo de ciganos de passagem pelas terras. "Aquele velho cigano nunca entendeu porque papai lhe deu um abraço, mandou matar dois carneiros e dar farinha e rapadura à vontade" [184].

Ainda que muitos dos coronéis cearenses perseguissem a Coluna com seus jagunços, a pequena burguesia e os trabalhadores das cidades e do campo ajudavam os revoltosos em seu caminho[185].

Rachel de Queiroz, membro das novas gerações e estudante à época, dividia-se entre o contexto citadino e o clima de revolta juvenil, de um lado, e a figura tradicional e conservadora que sua família representava, de outro, apesar deles também contarem com a memória de rebeldia que remontava ao século XIX.

Em 1925 a jovem se diplomou professora, assim como parte das mulheres, principalmente de classe média e alta, que habitavam as grandes capitais. Era uma forma não só de preparação para um "bom" casamento, como trazia a possibilidade de manutenção financeira e ingresso no mercado de trabalho[186].

Nesta época, governava o estado do Ceará o desembargador José Moreira da Rocha (1924-1928), que por chacota virara Moreirinha. Foi eleito por meio de uma aliança entre democratas e conservadores, incluindo aí a tradicional família Acioli. Durante seu governo, instalou-se o Conselho Penitenciário e criaram-se alguns grupos escolares como a Escola Normal Pedro II. Além disso, foi responsável pela ampliação das redes de água e esgoto sanitário na cidade de Fortaleza.

No entanto, politicamente, Rocha governou sob um caos generalizado, marcado pela briga entre os diversos grupos familiares no poder, o crescente clima passional despertado pela oposição, a marcha da Coluna Prestes pelo estado, a revolta do Juazeiro de padre Cícero - desta vez contra os próprios aciolianos que ele havia apoiado em 1914

---

[184] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 265.
[185] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p.197.
[186] Vale salientar que as possibilidades profissionais e pessoais disponíveis para uma mulher nessa época são descritas com maestria no romance *As Três Marias*, publicado por Rachel em 1939, considerado pela critica do momento como o melhor de seus romances.

-, e a atuação de cangaceiros, em especial o assustador Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "Lampião" [187].

Aliado ao tema da Coluna Prestes, todas estas memórias de infância de Rachel de Queiroz foram lembradas e representadas em sua escrita ao longo dos anos, auxiliando a conformar um imaginário político sobre o Nordeste brasileiro que permanece até hoje[188].

Padre Cícero, por exemplo, acumulou diversas funções religiosas e políticas, para além de seu papel fundamental no conflito entre marretas e rabelistas em 1914, descrito anteriormente:

> O sacerdote, apontado como milagreiro, conseguiu ser, por um longo período, ditador de almas, chefe político local, vice-governador do estado, deputado federal eleito que se recusou a assumir a cadeira para não abandonar seu aprisco, tornou-se grande proprietário territorial, contribuiu decisivamente para fomentar a agricultura no Cariri e fundou uma cidade que, poucos anos mais tarde, seria a segunda do estado, depois da capital[189].

O *Padim Ciço* foi uma verdadeira obsessão na vida de Rachel de Queiroz, que cogitou, em certo momento, lhe fazer a biografia[190]. Ao contrário de Lampião, Rachel conheceu o padre pessoalmente, quando este tinha oitenta e poucos anos e Rachel, menos de vinte[191].

Aconteceu que depois de ter concluído o Colégio, Rachel foi nomeada professora da Escola Normal e, por meio deste título, foi convidada para uma banca examinadora na Escola Normal de Juazeiro, levando junto consigo Alba Frota. A trama era completa, porque o pai de Rachel, Dr. Daniel, tinha sido amigo político do padre por conta da

---

[187] BARROSO, Parsifal. *Uma história da política do Ceará*. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984. p. 97.

[188] Faço uma menção importante aqui ao livro de Durval Muniz de Albuquerque, *A invenção do Nordeste.* Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, um excelente estudo sobre as visibilidades/dizibilidades acerca desta região do país, onde Rachel de Queiroz merece algumas páginas. A análise de Durval em relação a outros aspectos inspirou meu argumento sobre a importância do discurso racheliano na conformação do imaginário político sobre o Nordeste no quesito das matronas sertanejas e de outros temas que virão em seguida.

[189] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p. 153.

[190] Na *Revista Brasileira*, publicada pela ABL em março de 1945 (p. 158) anuncia-se o próximo livro da sra. Rachel de Queiroz: "Vidas, virtudes e Milagres do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista". AFBN.

[191] Não foi possível precisar a data deste encontro, pois em crônica de 1944, Rachel afirma ter o padre mais de oitenta anos e em memórias publicadas em 1998, Rachel afirma ter ele noventa anos. Esta última data é muito pouco provável pois o padre morre exatamente com esta idade. Rachel foi professora da Escola Normal durante um curto período de tempo, mais ou menos entre 1929 e 1930, daí acreditarmos que ela tinha entre dezoito e dezenove anos quando conheceu padre Cícero.

revolta dos marretas, assim como fora amigo de Floro Bartolomeu, falecido em 1926 e considerado o *alter ego* de Cícero[192].

Acontece que por volta de 1923, o deputado Bartolomeu, que tinha sido médico pessoal do sacerdote de Juazeiro, além de deter grande poder político na região, publicou um de seus discursos na Câmara Federal que acabou por se tornar um livro, chamado *Joazeiro e o Padre Cícero*: *depoimento para a História*[193]. O livro tornou-se um dos relatos mais conhecidos sobre o padre que, inclusive, fazia parte da biblioteca da família Queiroz, com direito mesmo a uma dedicatória.

Neste livro/discurso, Bartlomeu fez uma defesa apaixonada do legado de Cícero, contra as acusações do deputado Paulo Morais de Barros, que descrevia o padre como um cangaceiro e denunciava as situações de pobreza, fanatismo e mandonismo local em Juazeiro[194]. Já neste debate percebe-se a polaridade que permeará a história contada sobre padre Cícero durante todo o século XX: santo ou cangaceiro?

Aliás, mesmo Floro Bartlomeu era tido por muitos como cangaceiro. Segundo Rui Facó, ele representava um papel cada vez mais comum no Nordeste moderno, um misto entre "coronel e burguês, latifundiário e capitalista, simultaneamente chefe de cangaço e político das grandes capitais" [195].

De toda esta história, basta dizer que o encontro entre Rachel de Queiroz e o padre Cícero em fins dos anos 1920 - provavelmente 1929 -, não foi fortuito, mas uma cortesia em favor do membro de uma família extensa e conhecida, os Queiroz, que havia apoiado politicamente o sacerdote em 1914, além de admirá-lo pessoalmente, como muitas outras famílias cearenses.

Em Juazeiro, Rachel e Alba Frota se hospedaram na casa de Amália Xavier, que viria a ser uma das biógrafas mais conhecidas do padre:

---

[192] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p.163. Cabe salientar que a história dos Alencar também esteve intimamente relacionada com os eventos em Juazeiro. Na época do milagre da transfiguração da hóstia em sangue em fins do século XIX, padres como Sother de Alencar e Antônio Alexandrino de Alencar foram personagens fundamentais na vida de padre Cícero Romão. Já na sedição de Juazeiro em 1914, coube uma atuação especial de Pedro Silvino de Alencar. Ver: NETO, Lira. *Op. Cit.*

[193] BARTHOLOMEU, Floro. *Joazeiro e o Padre Cícero*: depoimento para a História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923. Biblioteca Rachel de Queiroz. AIMS.

[194] Barros presidia uma comissão federal que foi a Juazeiro com a missão de apresentar um relatório ao governo sobre a situação na cidade.

[195] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p. 165-166: "Dali por diante seria ele personagem infalível na história de Juazeiro, ao lado do padre Cícero, inicialmente, como executante da vontade do chefe espiritual do Cariri, logo a seguir, chefe político autônomo e, mais tarde, como verdadeiro ditador sobre a vontade do sacerdote e dos romeiros". Ver também o estudo já citado de LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder*. São Paulo: Annablume/Edições UFC, 1995, sobre a reinvenção das oligarquias nordestinas ao longo do século XX.

> Na véspera de nossa partida, o padre me deu o seu retrato autografado (em latim) e me perguntou o que eu desejava levar como lembrança de Juazeiro. (Esse retrato me foi carregado pela polícia, posteriormente, numa das buscas lá em casa) (...). "Meu padrinho, eu gostaria de levar um punhalzinho do Juazeiro" (era um artesanato delicadíssimo que se fazia lá, punhal de cabo de ouro ou de prata, muito bonito). Na hora do meu embarque, eu ia tomar o trem pensando que ele tinha esquecido o presente e eis que chega José Fausto e me entrega um pequeno embrulho, o presente do padre (...). Abri o embrulho, era um belíssimo crucifixo. E José Fausto explicou: "Meu padrinho mandou lhe dizer que este é o 'punhal do sacerdote'" [196].

Ao chegar em Fortaleza em 1929, lembrando a visita, Rachel escreveu um longo poema que foi publicado na revista literária *A Jandaia,* em 14 de dezembro e que mostra com clareza a admiração que a autora manifestará pelo *padim* ao longo de toda a vida:

> Meu padrinho...
> É já velhinho, bem velhinho!
> Mas tem a alma tão fresca quanto a flor do aguapé quando abre de noite.
> De tão curvado lembra uma interrogação...
> Mas tem o espírito desempenado como uma exclamação enérgica...
> Anda de preto como a visagem de um condenado...
> Mas tem o coração tão branco
> quanto o vestido branco de Nossa Senhora...
> Meu padrinho — só ele! — soube entender o caso do Nordeste.
> Meu padrinho conhece a alma do cangaceiro
> Como eu conheço a Fortaleza ensolarada
> recanto por recanto,
> calçada por calçada...
> (...)
> Meu Irmão do Sul,
> Antes de me abraçar,
> Tire o chapéu e beije a mão de meu padrinho.

Padre Cícero Romão Batista foi mencionado por Rachel em várias outras crônicas, publicadas e republicadas em diferentes épocas[197], além de compor o contexto da peça *A beata Maria do Egito,* publicada em 1958, cuja protagonista carregava algumas semelhanças com a figura da beata real, Maria de Araújo. Esta, ficara muito conhecida no Nordeste por conta dos milagres de transfiguração da hóstia em sangue no momento de sua comunhão, dada pelas mãos de Padre Cícero na década de 1890.

Um dos personagens mais controversos da história do Nordeste, portanto, padre Cícero foi representado em sua complexidade por Rachel de Queiroz, mas a representação santa do sacerdote em meio às diversas disputas de memória é o que

---

[196] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 244.

[197] Rachel publicou o poema *Meu padrinho* em *A Jandaia* de 14.12.1929 e em *O Povo* de 21.12.1930; também fez crônicas específicas como *O padre Cícero Romão Batista* (Escrita em jornal em 1944 e republicada na coletânea de crônicas *A donzela e a moura torta,* de 1945 e na coleção *Melhores Crônicas* – Global editora, 2004), além de *O padrinho do nordeste: Padre Cícero* (*A cigarra,* dez./1961). Além disso, existem informações de que Rachel escreveu um ensaio sobre Padre Cícero nos anos 1930. Ver: Rachel de Queiroz – *Caminho de Pedras* – Editor José Olympio. In: *Boletim de Ariel*. Fev. 1937. Ano VI n.5. p. 181. FCRB.

prevaleceu em seu relato: "(...) muito se caluniou o padre Cícero, alegando que ele explorava o povo, a crendice, o fervor religioso, o que não é verdade. Na sua mão não ficava um real", afirma a escritora nos anos 1990[198].

Rachel reforçou, assim, a imagem do milagreiro do Nordeste, optando por não explorar a dimensão política da trajetória deste sacerdote, que o ligava às grandes oligarquias cearenses da primeira metade do século XX. Padre Cícero aparece como alguém que tem como objetivo principal as funções religiosas e de caridade, delegando a outros as funções políticas[199].

Este, no entanto, recebera em sua casa diversos jagunços e cangaceiros, como recebeu no mesmo ano de 1926, o famoso bandido de extensa carreira, conhecido como Lampião (1897-1938), chefe de um dos mais temidos grupos de cangaceiros do sertão[200]. O evento foi retratado em alguns jornais cearenses, mas destacado especialmente num periódico recém-fundado na capital e conhecido por Rachel de Queiroz.

O periódico chamado *O Ceará*, gabava-se de ser "antipartidário" e "anticlerical". Começara a circular na capital em 1925, marcando o tom passional da oposição aos veículos católicos e ao governador Moreira da Rocha, acusado de sucumbir aos interesses dos chefes políticos ligados à situação. Seu dono era Júlio de Matos Ibiapina, um liberal e anticlerical radical, amigo do Dr. Daniel desde a época dos marretas e rabelistas.

Com um perfil marcadamente político, *O Ceará*, no entanto, agregava entre seus leitores a juventude de Fortaleza, presente no Liceu, nas Escolas Normais, no Colégio Militar e, para eles, destinava as matérias literárias, os concursos de Rainha dos Estudantes e os apelos políticos mais revolucionários.

Neste periódico, em março 1926, apareceu uma entrevista com Lampião no momento em que o cangaceiro viajou até Juazeiro do Norte para pedir a benção ao

---

[198] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 245.

[199] Assim como parte da historiografia sobre Padre Cícero, Rachel atribui a Floro Bartolomeu os mandos e desmandos políticos de Juazeiro, que aconteceriam mesmo à revelia do padre. No entanto, não menciona, por exemplo, a exploração de mão de obra de modo servil coordenada pelo padre Cícero desde o final do século XIX na região do Juazeiro, distribuindo centenas de romeiros nas tarefas agrícolas de acordo com as necessidades dos latifundiários, para servir às vezes como jagunços deles. Rachel tampouco fala sobre as inúmeras propriedades adquiridas pelo padre ao longo da vida, mesmo sendo conhecido por não "cobrar qualquer serviço religioso". Ver. FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p. 177-190. Para Facó, Padre Cícero cumpria o mesmo papel de um coronel tradicional, pregando não a rebeldia ou a revolução, como um Antônio Conselheiro, mas a obediência e a ordem.

[200] Lampião começou sua "carreira" de cangaceiro no final do século XIX e foi assassinado e degolado junto com sua mulher, Maria Bonita, em 1938. Em sua época outros famosos cangaceiros e grupos e cangaceiros povoaram os sertões, como Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, os Ciriatos, os Calangos etc.

padre Cícero[201]. O episódio foi lembrado por Rachel de Queiroz, mesmo aos oitenta e oito anos de idade:

> Certa vez, mesmo, o bandido foi se entregar a meu padrinho, que lhe pregou muita moral, tomou-lhe as armas, ordenou que ele se regenerasse. Dizem os "lampionólogos" (eu os li ao preparar minha peça, *Lampião*) que o cangaceiro saiu dali disposto a se regenerar. A polícia, porém, não aceitava isso. E, logo que ele deixou a fronteira do Ceará, os "macacos" tentaram pegá-lo, tentaram caçá-lo. Lampião havia declarado uma trégua, mas a polícia não respeitou essa trégua; e o cangaceiro, então, começou tudo de novo.
> Pouco depois da morte do padre Cícero, morreu também Lampião, cercado na grota do Angico[202].

Já a possibilidade de Lampião ter ido até o padre Cícero para ser recrutado no combate à Coluna Prestes, por exemplo, não é sequer mencionada pela autora cearense. Lampião saiu de Juazeiro repleto de armas e munições, além de uma falsa patente de capitão do Exército, dada a ele, a princípio, para ajudar os coronéis a combaterem a Coluna, o que o cangaceiro prometeu e simplesmente não cumpriu, tomando a direção contrária[203].

A primeira menção de Rachel de Queiroz às duas figuras, Lampião e padre Cícero, juntas, viria no pequeno livro *Mandacaru*, livro de poesias escritas por ela em 1928 e nunca entregues para publicação, a não ser postumamente[204]. Nesta coletânea, um poema é dedicado a cada um dos líderes nordestinos.

Em 1953, Rachel retomou o tema e publicou a peça *Lampião*, amplamente comentada pelos jornais da época, além de, dois anos antes, ter escrito os diálogos do longa-metragem *O Cangaceiro*, filme de Lima Barreto, sucesso de público. A recepção à peça, em geral positiva, enxergou o personagem de Virgulino, descrito por Rachel de Queiroz, através de seu lado cruel, da violência, da miséria e do abandono:

> A peça de Rachel de Queiroz intitula-se *Lampião*. É realista, de um realismo sóbrio que se adapta perfeitamente à paisagem do sertão e à mentalidade do cangaceiro. Tudo é árido, seco, denso, neste drama que nos apresenta um Lampião asperamente megalomaníaco e friamente cruel (...) Rachel de Queiroz não endeusou o cangaceiro, nem lhe desculpou os crimes. Não quis fazer sociologia nem tirar nenhum partido ideológico do fenômeno cangaço. Contou apenas a vida de Lampião a sequencia de maior dramaticidade e no-la projetou de modo quase objetivo[205].

---

[201] Ver LUSTOSA, Isabel. *De olho em Lampião: violência e esperteza.* São Paulo: Claro Enigma, 2011. p. 14.
[202] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 252.
[203] FACÓ, Rui. *Op. Cit.* p. 198.
[204] O poema *Lampião*, que constava na coletânea de *Mandacaru*, tinha sido publicado na revista *Cipó de fogo* de 27.09.1931.
[205] Recorte de crônica. Comentário sobre *Lampião.* Assinado S.M. Coluna *Vida Intelectual.* Sem data. Pasta Rachel de Queiroz. O autor deste comentário é, provavelmente, o escritor Sábato Magaldi. FCRB.

Interessante pensar que, nos anos 1940, Oliveira Vianna[206] assim classificava os *tipos sociais* originais do Brasil e, em especial do Nordeste: o "oligarca"; o "coronel"; o "manda-chuva"; o "potentado do sertão"; o "caudilho da fronteira"; o "oposicionista sistemático"; o "governista incondicional"; o "genro"; o sobrinho" e o "afilhado"; os "encostados" da burocracia; o "político profissional"; o "presidente-soldado de partido"; o juiz "nosso"; o delegado "nosso"; o "eleitor de cabresto"; o "capanga"; o "cangaceiro"; o "coiteiro"; também o "sertanista", o "arreador", o "grileiro", "capitão-do-mato", o "bandeirante" etc, estes últimos tipos já desaparecidos, segundo Vianna[207].

Muitas destas figuras, que fazem parte do imaginário político sobre o Nordeste ainda hoje, foram perpetuadas pelo trabalho de vários escritores, músicos, pintores e artistas brasileiros ao longo de todo o século XX, e ajudaram a conformar o significado do Nordeste no interior do discurso sobre o Brasil.

Entre eles está de modo especial Rachel de Queiroz, que, convivendo com este legendário sertanejo desde a infância, construiu não só uma representação da crueldade do cangaço e da força da crença religiosa do sertão, encarnados em Lampião e no padre Cícero, como também a figura política da mulher sertaneja, imortalizada em sua personagem, Maria Moura, talvez o melhor acabamento dado a este imaginário no país.

História de um nome

A adolescência de Rachel de Queiros seguiu permeada de novas descobertas. Após o fim do Colégio, a jovem de cabelos ondulados voltou a morar com os pais no sertão e depois na chácara do Benfica, em Fortaleza, onde permaneceu entre 1926 e 1927.

---

[206] Considerado um dos principais ideólogos do Estado Novo, Oliveira Vianna foi um sociólogo e jurista brasileiro, nascido em Saquarema em 1883. Ocupou diversos cargos de confiança no governo federal desde, pelo menos, 1932, além de ter sido Ministro do Tribunal de Contas da União a partir de 1940. Além de membro eleito pela Academia Brasileira de Letras, Vianna foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos seus congêneres do Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará; da Academia Fluminense de Letras; da *Société des* Américanistes, de Paris; do Instituto Internacional de Antropologia; da Academia de História de Portugal; da Academia Dominicana de História e da Sociedade de Antropologia e Etnologia do Porto.

[207] VIANNA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras.* Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999. p.186. A análise de Oliveira Vianna sobre os clãs parentais no Brasil está diretamente relacionada com o momento em que o teórico escreve seus resultados. É importante para ele identificar as origens tradicionais da sociedade brasileira que provocaram sua fragmentação e os mandonismos regionais e locais para, desta forma, pensar uma política alternativa, com a afirmação de um estado forte e centralizado. Conhecido como o "ideólogo do Estado Novo", Oliveira Vianna foi por longo tempo abandonado pelos estudos acadêmicos, tendo sido retomado nas últimas décadas.

Sua mãe deu à luz o quinto filho, a segunda menina, batizada com o nome da avó materna, Maria Luiza. Esta falecera com apenas 53 anos, quando D. Clotilde estava grávida de 5 meses. No meio da tristeza do luto, D. Clotilde se desinteressou completamente pelo bebê e Rachel, com apenas dezesseis anos, assumiu a criança como sua, dando banho, limpando, fazendo sapatinhos de lã e preparando todo o enxoval[208].

Em algum momento desta adolescência cheia de expectativas para o futuro, Rachel cismou que queria ser atriz: "Lá em casa, tínhamos a assinatura das revistas especializadas e íamos a todos os espetáculos que apareciam em nossa cidade".

Após cada peça, Rachel vinha com uma ou outra atriz para casa: "Eu tinha 18 anos quando as atrizes me convenceram a pintar os olhos. Fazia aqueles círculos todos, reforçava as sobrancelhas, até que papai olhou pra mim e disse: 'você parece uma cômica'. E eu logo respondi: 'E o que é que tem ser cômica? Está aí. Quero ser uma atriz cômica" [209].

Fortaleza era, então, a sétima capital do país em número de habitantes, ainda que contasse com pouco mais de cem mil moradores, enquanto os dois primeiros lugares eram ocupados por Rio de Janeiro e São Paulo, explodindo suas fronteiras em mais de um milhão de pessoas.

Se não tinha população comparável à capital nacional, Fortaleza tinha, no entanto, problemas parecidos em relação ao saneamento básico, transportes, pobreza e à falta de moradias populares. O Ceará, portanto, entrava no rol dos estados brasileiros que tentavam reformar suas capitais e criar um ambiente salubre *à la française.*

Ainda na década de 1880 inaugurou-se o Passeio Público, perto do mar, bem arborizado e colorido, erguido sobre a antiga Praça dos Mártires, onde os cearenses que participaram da Confederação do Equador – incluindo aí parentes de Rachel de Queiroz – tinham sido executados[210]. Neste espaço de sociabilidade, dividido em três planos distintos, que acabavam representando a ocupação social da praça, as elites desfilavam a última moda que chegava dos navios europeus enquanto as classes populares os assustavam com barulhos, bebidas e diversões.

Já na década de 1910 chegaram os primeiros automóveis. Os bondes, até então puxados por burros, foram trocados por bondes elétricos, onde os jovens passeavam e se

---

[208] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 16. APIL.
[209] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 171.
[210] PONTE, Sebastião Rogério. A *belle époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 163-191. p. 170.

deslocavam com mais velocidade pela cidade, ampliando o costume dos flertes entre os moços do bonde e as meninas debruçadas sobre as janelas, ou entre os estudantes do Colégio Militar e as mocinhas do Colégio de freiras, como descreve Rachel de Queiroz em um de seus romances[211].

O ponto de encontro intelectual e cultural ficava na famosa Praça do Ferreira, centro da cidade[212]. Este foi o local por excelência da reunião de uma pequena multidão de intelectuais, jornalistas, políticos, operários, anarquistas e boêmios, como era o costume desde quando foi inaugurada no século XIX.

Mesmo depois da reforma de 1925 por Godofredo Maciel, que acabou com grande parte de seus jardins e cafés, a praça continuava sendo o centro cultural da cidade, abrigando o famoso Café Globo, além de restaurantes, tipografias, livrarias e outros estabelecimentos comerciais, repartições públicas, o terminal dos bondes, cinemas etc[213].

Ainda que Rachel de Queiroz não tivesse lido os autores socialistas que sua mãe colecionava com mimo[214], com certeza teria ouvido falar de Marx, Engels, Hegel, Gorki, Tolstoi, Proudhon, Kropotkin nas rodas de amigos ao redor da praça, em seus jardins ou no coreto.

Este mesmo lugar seria palco, em 1930, dos movimentos pela revolução, da deposição do governador Matos Peixoto e da incomunicabilidade que se instaurou entre amigos que, um ano antes, compartilhavam o mesmo espaço nas redações dos jornais e que a revolução acabou por dividir.

Nomes de importantes jornalistas, como o de Júlio Ibiapina (fundador do *O Ceará*) e Demócrito Rocha (1888-1943), além de jovens como Paulo Sarasate (1908-1968)[215] começavam a circular nas bocas e nas calçadas de Fortaleza, referindo-se, principalmente, aos polêmicos periódicos anticlericais e com inspirações modernistas

---

[211] QUEIROZ, Rachel de. *As Três Marias.* São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª. 1939).

[212] Ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860/1930).* Fortaleza: Fundações Demócrito Rocha, 1999.

[213] PONTE, Sebastião Rogério. *Op. Cit.* 2007. p. 171.

[214] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 164.

[215] Sarasate participou do movimento modernista no Ceará, e junto com Demócrito, articulava a publicação dos escritores no interior do jornal *O Povo.* Depois da revolução de 1930, Sarasate teria uma ascensão política impressionante, passando de deputado estadual (1934), federal (1945) e fundador da UDN em 1945 a governador do Estado (1954) e senador (1965), além de ter sido membro da ARENA a partir de 1964, assim como Rachel de Queiroz. De fato, a ligação entre Rachel e Sarasate seria responsável, nos anos 1940, pela relação de amizade que a autora passaria a estabelecer com o então general Humberto de Alencar Castelo Branco, futuro presidente militar do Brasil (QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 226).

fundados por eles, que disputavam os leitores da conservadora Fortaleza de começos do século XX.

Júlio de Matos Ibiapina tinha trinta e sete anos em 1927, era nascido em Aquiraz, Ceará, filho de família de tradicional participação política na cidade. Viajou para a Europa ainda na década de 1910, o que o auxiliou no conhecimento das línguas e possibilitou com que depois ensinasse francês, inglês e alemão, chegando a publicar diversos livros nesta direção.

Positivista, Ibiapina deu aulas no Liceu, na Escola Normal e no Colégio Militar do Ceará. Iniciou curso de Direito, foi membro da Academia Cearense de Letras a partir de 1922 e deputado estadual entre 1917 e 1920, além de participar constantemente da política cearense nos anos seguintes[216].

Dono do periódico *O Ceará*, que fundara em 1925, Ibiapina acumulou amigos e inimigos na capital cearense; sendo os segundos, principalmente parte da elite católica, que ele criticava sem dó nem piedade. Como Ibiapina era conhecido do Dr. Daniel desde a época dos marretas, seria normal que a família Queiroz, volta e meia, lesse os exemplares do *O Ceará* que circulavam diariamente na cidade. E foi justamente para este jornal que enviou Rachel de Queiroz uma carta, em 27 de janeiro de 1927, publicada em fevereiro pelo periódico.

A jovem, sob o pseudônimo de Rita de Queluz, comentava o concurso de Rainha dos Estudantes Cearenses, promovido pelo jornal de Ibiapina e vencido pela escritora e, não por coincidência, membro do jornal, Suzana de Alencar Guimarães (1910-2000). Esta era amiga de Rachel, e tinha a mesma raiz familiar em Quixadá. Apesar das trajetórias muito parecidas, Suzana começara a escrever em jornais aos quatorze anos de idade, antes mesmo de Rachel e, em 1927, já coordenava a seção literária do *O Ceará*[217].

Suzana usava os "cabelos cortados *à garçonne*, causava espanto e levantava os piores comentários quando passava nas ruas. Com colegas da Faculdade e amigos intelectuais, engrossava as rodas nos cafés, um escândalo à época. Homens e mulheres

---

[216] Uma curiosidade é que Ibiapina é considerado o primeiro a traduzir *Mein Kampft*, de Adolph Hitler, para o português. Ibiapina teve longa carreira profissional e política, deu aulas em Porto Alegre e no Rio de Janeiro e foi secretário de Fazenda do Estado do Ceará, falecendo no Rio de Janeiro. Ver: MONTENEGRO, Abelardo Fernando. *Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará*. Fortaleza: UFC, 2002. p. 11. Também utilizei como fonte de consulta o Portal da História do Ceará: http://portal.ceara.pro.br.

[217] Depois de frequentar a Faculdade de Farmácia e Odontologia, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, formando-se em 1936.

lhe impunham os piores adjetivos. Suzana bebia cerveja, falava, gargalhava"[218]. Segundo Rachel, Suzana era uma moça muito inteligente, que escrevia sob um "pseudônimo de madame ou mademoiselle de não sei o quê, um tipo de *literatura feminina* da época"[219].

Em janeiro de 1927, portanto, Rachel de Queiroz tinha dezesseis anos, acabara de se formar professora e fora morar no Junco, uma grande fazenda da família em Quixadá, com cinco mil hectares[220] e construções que datavam de 1837[221]. De lá, conhecendo a trajetória da amiga e o periódico de Ibiapina, resolveu mandar a carta sob o pseudônimo de Rita de Queluz:

> Minha graciosa Majestade: quero primeiro dar-lhe os parabéns calorosos pelo triunfo que sua bela inteligência de mulher culta alcançou sobre a dolorosa mediocridade de nossas melindrosas.
> Nada mais justo que o ato das classes estudiosas do Ceará, elegendo-a. Mas, agora que vais ter sobre a fronte o diadema real, pergunto-me se são de fato os parabéns que lhe devo dar.
> Não os acha mal cabidos, dada a atual desvalorização do sangue azul?
> E já pensou quantos inconvenientes acarretam atualmente o cetro e a coroa? (...)
> É por isso que avento a ideia de lhe mudarem o título: e em vez de ser chamada "Sua Majestade Suzana I, Rainha dos Estudantes Cearenses", proclamem-na "Chefe do Soviet Estudantal do Ceará". Rita de Queluz[222].

Num estilo jocoso e inclinado a certo socialismo, a jovem Rachel de Queiroz manteve em sua carta o teor republicano perpetuado pela memória de sua ascendência familiar[223].

Apesar de escrever pequenos contos e poesias – que não mostrava a ninguém - desde os doze anos[224], foi através desta carta, que a adolescente recém-formada iniciou seu trabalho com a escrita profissional em jornal, após conquistar a redação do periódico.

---

[218] SM Suzana de Alencar. *Diário do Nordeste.* 11/12/2000. Suplemento. http://diariodonordeste.globo.com/2000/12/11/050067.htm Acesso em 09/12/2013.

[219] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* .p. 29. Caberia aqui um debate teórico sobre o conceito de "escrita feminina", complexo e histórico em sua definição. Como não há espaço para a discussão, vale ressaltar que no contexto do começo do século XX, "literatura feminina" representa a literatura escrita por mulheres e vem carregada de pré-conceitos de gênero.

[220] O Junco era um latifúndio de quatorze quilômetros à margem da estrada de ferro, incluindo várias fazendas reunidas. Fora herdada pelo Dr. Daniel através de seu tio Miguel de Queiroz. Lá plantavam milho, feijão e mandioca, mas a fonte de renda era tirada da venda de madeira para a Estrada de Ferro. O *Não me deixes,* fazenda de Rachel de Queiroz, foi resultado de um desmembramento do Junco, herdado depois da morte de dona Clotilde em 1953. QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 108-109.

[221] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 44. APIL.

[222] QUEIROZ, Rachel de. *O Povo.* 06/08/1930. Reprodução da carta de 27/01/1927. ABPF.

[223] Ainda sobre este tema, ver a curiosa crônica de Rachel em QUEIROZ, Rachel de. Resposta a uma carta. *O Cruzeiro.* 16/04/1949, onde responde a uma carta do Príncipe Dom Pedro e defende a tradição republicana de sua família. Esta crônica também foi publicada em sua coletânea *Cem crônicas escolhidas*. AIMS. Do mesmo modo, Rachel comenta a tradição republicana dos Queiroz e dos Alencar em: _____. Imperial. *O Cruzeiro.* 01/08/1953. p. 98. AFBN.

[224] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 63.

Apesar de assinar com pseudônimo, a carta vinha com o carimbo do *Junco*, fazenda do Dr. Daniel, fazendo com que Rachel fosse logo descoberta por outro "primo" seu, Jader de Carvalho (1901-1985), também redator do *O Ceará*[225].

Em seguida, Ibiapina foi logo mandando uma carta ao pai de Rachel convidando-a a cooperar com o periódico. *O Ceará* ficava "naquele prédio lindo da Fênix Caixeral. Ali na Praça do Patrocínio. Praça José de Alencar foi depois da Estátua"[226].

Cerca de um ano depois, a jovem normalista assumia a parte literária, antes comandada por Suzana de Alencar, chamada *Jazz-Band.* Ganhava cem mil reis por mês e adquiria certa autonomia para convidar outros escritores e escritoras a também enviarem seus textos[227].

> Eu me iniciava timidamente, frequentando a roda dos literatos na cidade, roda liderada pelo nosso amado guru, Antônio Sales[228]. Júlio Ibiapina me deixava escrever as primeiras croniquinhas no jornal *O Ceará.* Foi quando conheci Demócrito Rocha, que me dava muita confiança literária; Djacir Menezes, amigo fraterno até hoje. Jader de Carvalho, meu primo, já amizade velha. O ruidoso e fulgurante Antônio Furtado. Ah, tantos que ainda são amigos, essa graça Deus me deu de conservar os amigos, só a Inominável os carrega[229].

Através da carta, enviada com alguma pretensão, formou-se o primeiro espaço de sociabilidade frequentado por Rachel de Queiroz na capital de seu estado. Era um grupo misto em termos de classe, geração, gênero; era formado por figuras ambiciosas literária e politicamente, como seria o caso da própria Rachel. Mas, na constelação de jovens e experientes jornalistas, destacava-se um em especial.

Nascido numa pequena aldeia de pescadores chamada Caravelas, na Bahia, Demócrito Rocha ficou órfão ainda jovem. Ele e seu irmão foram criados pela avó e, com ela, tiveram uma formação religiosa completa. No começo do século XX, mudou-se com o irmão para Aracajú, lá aprendeu esperanto, e começou o curso de odontologia. Ainda sem completá-lo, mudou-se para o Ceará em 1912 para trabalhar como telegrafista[230].

---

[225] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 28.
[226] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 17. APIL.
[227] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 30.
[228] Antônio Sales (1868-1940) era um escritor veterano em 1927. Nascido em Paracuru, chegou a ser caixeiro viajante e jornalista, antes de ser secretário do Interior e Justiça, deputado da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e funcionário do Tesouro Nacional. Literariamente, era conhecido e admirado por suas poesias, peças de teatro e como um dos membros fundadores da Padaria Espiritual (1892) e do Centro Republicano (1889).
[229] QUEIROZ, Rachel de. Pici. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.p. 75. Original de24/08/1975.
[230] PONTES, Cleto Brasileiro. *Demócrito Rocha.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 30.

Como definiu Pedro Gurjão em seu discurso sobre Demócrito nos anos 1990, o jornalista baiano foi um "profeta do pensamento holístico" [231]: operário, ferroviário, telegrafista, odontólogo, professor universitário, perito em grafologia, orador eloquente, poeta[232], prosador, biógrafo, beletrista, pensador, humanista, publicista, tribuno, polemista, debatedor de ideias, letrista de músicas, boêmio, poliglota, membro da Associação Cearense de Imprensa, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Parte integrante do grupo editorial do jornal *O Ceará,* de Ibiapina, Demócrito teve suas principais atuações políticas nas décadas de 20 e 30, no combate às velhas oligarquias cearenses, principalmente aquela que permanecia na figura dos Acioli. Para protestar, utilizou a arma da escrita e da ação política.

Para além da política, o jornalista baiano teve interesse também na renovação literária do Estado. Conhecedor das correntes modernistas do centro-sul, foi uma das pontas de lança do desenvolvimento de um modernismo bem cearense, que teria como consequência a introdução da própria Rachel de Queiroz nos círculos nacionais mais expressivos. "... A esse tempo Demócrito era o padrinho, o irmão mais velho, o companheiro diário e o crítico condescendente de quase todos os aprendizes de literatura e jornalismo em Fortaleza"[233].

Durante os dois primeiros anos de participação no *O Ceará,* Rachel de Queiroz escreveu dezenas de crônicas e poemas, publicados não só no periódico de Ibiapina, como em outros jornais, como *A farpa*[234], e o quinzenário literário *A Jandaia,* de Aldo Prado e Gastão Justa[235], lugar onde ganhou aos poucos o *status* de escritora, apesar de não receber um vintém pelo trabalho[236].

---

[231] GURJÃO, Pedro. *Demócrito Rocha: profeta do pensamento holístico*. Fortaleza: UFC, 1998. p. 33.
[232] Sob pseudônimos como Antônio Garrido e Barão de Almofala,
[233] QUEIROZ, Rachel de. Demócrito. *O Cruzeiro.* 20/01/1968. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
[234] O panfleto havia sido fundado por Aderaldo Castelo em 1926, mesmo ano em que vários de seus redatores, incluindo Paulo Sarasate, foram presos por publicar matérias contra o governo estadual. Rachel conta ter sido a única a escapar da prisão por ser mulher. In: QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 18. APIL.
[235] O tipógrafo Gastão Justa (1899-1969) ajudara a fundar o Partido Socialista Cearense (PSC) em 1919 e o jornal *O Ceará Socialista*, onde versava sobre legislação de proteção ao trabalho, cumprimento da jornada de 8h, denunciava a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres, a exploração do trabalho infantil, insalubridade, punições e multas aos operários, acidentes de trabalhos nas fábricas e fazia críticas às obras do governo, como a Estrada de Ferro Baturité (GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. *A imprensa libertária do Ceará 1908-1922.* São Paulo: Imaginário, 2000.p. 09-10). Foi colunista político, cronista, contista, poeta e crítico, mesmo tendo concluído apenas o ensino secundário; escreveu para a revista *Fon-Fon,* no Rio de Janeiro e para *A Farpa, O Ceará, a Jandaia* , *A Rua, A Razão* e *Jornal do Comércio,* além do *Ceará Social, A Gandaia, A Muralha, O Combate* e *O Povo.*
[236] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 17. APIL.

As redações em quase nada se pareciam com os jornais atuais. Assim que uma notícia era conhecida, todos corriam para o escritório, alguém era escolhido para bater o texto na máquina e os outros davam seus palpites, exigiam suas falas, debatiam e discordavam. O jornal funcionava como uma espécie de clube[237].

***

Em 1927, o Dr. Daniel adquiriu um grande sítio próximo a Fortaleza. Lá plantou de tudo e o terreno serviu por longo tempo como fonte de renda para a família. Uma curiosidade era que as terras tinham servido de campo de batalha durante a guerra entre marretas e rabelistas na década de 1910 e ainda conservavam longas faixas de trincheiras, cavadas por conta do conflito[238]:

> Foi em 1927, eu estava naquela faixa de entreaberto botão entrefechada rosa[239], louca por desabrochar e ver o mundo. No sertão o vento nordeste já soprava violento, a folha do marmeleiro enrolava e caía, e o mormaço do verão, entre as duas e as três da tarde, era de crestar a pele do rosto e as flores do meu pequeno jardim.
> E então nós iniciamos a campanha pelo sítio de veraneio; e meu pai acabou comprando o sonhado sítio: por nome Pici, com açude, pomar, baixio de cana, num vale fresco e ventilado para os lados da lagoa da Parangaba (...).
> E começou nessa época um período muito feliz. Nós éramos seis filhos – dois rapazes, dois meninos e a caçula que começava a engatinhar. E eu. O transporte era o trem suburbano que parava defronte ao Asilo e nos levava para a cidade[240].

Entre os vários textos que Rachel de Queiroz publicou durante os primeiros anos de atividade jornalística, encontram-se alguns poemas, publicados postumamente, em 2010, com o título *Serenata*[241] e uma primeira tentativa de folhetim em sete capítulos intitulado *História de um nome* e publicado entre 31 de julho e 28 de agosto de 1927[242].

Este exercício de escrita em capítulos pode ser considerado uma primeira tentativa de afirmação do nome próprio, um dos pontos de partida para a história do *eu*[243], uma vez que até então, para o leitor comum, Rachel de Queiroz não passava do pseudônimo Rita de Queluz.

---

[237] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 19. APIL.
[238] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 149.
[239] Frase de Machado de Assis.
[240] QUEIROZ, Rachel de. Pici. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 75.
[241] QUEIROZ, Rachel de. *Serenata.* Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.
[242] Para uma relação mais específica destes artigos consultar o fundo Rachel de Queiroz, no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, mais especificamente o álbum de Dona Clotilde Franklin.
[243] LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris: Éditions du Seuil, 1996. p. 34.

Segundo lembra Pierre Bourdieu, citando Ziff, o nome próprio é "um ponto fixo num mundo que se move, através dele, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis" [244]. Era, portanto, momento de dar-se um nome próprio.

A história deste nome próprio relatada no folhetim *História de um nome* não foi contada com base na família, mas com base na História, começando com a narrativa do nome "Rachel" na passagem bíblica sobre Jacó. Em seguida, o nome passa por diversos personagens hebreus e chega ao começo da era cristã, segue entre judeus da época medieval, uma freira em Portugal que viajara para explorar as terras da colônia, uma rica abolicionista em Pernambuco, chegando, enfim, a uma personagem sentimental de *O moço loiro*, romance de Joaquim Manoel de Macedo. Finda a última personagem que se apropriou do nome "Rachel", lá no Rio de Janeiro, ele teria sido, enfim, "contratado" pelo pai da autora daquelas crônicas, chegando, portanto, até o leitor.

Todos os aspectos mencionados: a questão judaica, a questão abolicionista e o preconceito racial, além de personagens femininas dos romances do século XIX, representam várias das questões vividas e pensadas por Rachel de Queiroz, adolescente naquele meado de 1927.

Foi através da *História de um nome*, estas pequenas crônicas em folhetim, que Beni Carvalho, "um homem lindo, muito culto, vice-governador do Ceará" [245], resolveu conhecer pessoalmente Rachel de Queiroz e, com isso, apresentou-a a círculos intelectuais importantes da capital. Contada, portanto, a *história*, construiu-se, aos poucos, o *nome*, que de *próprio* tornou-se *público*.

De fato, com as inúmeras participações em diferentes periódicos, Rachel começava, então, a ser considerada jornalista profissional, ao mesmo tempo em que assumia a função de professora de História da Escola Normal, ganhando quatrocentos mil reis por mês.

Primeiro sonho a ser realizado quando as coisas iam bem: comprar um carro! O primeiro automóvel da jovem escritora foi um Overland de quarta ou quinta mão,

---

[244] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191. p. 186. É importante citar aqui a discussão feita por François Dosse quanto à posição de Bourdieu frente à escrita biográfica. Dosse critica o sociólogo por impossibilitar, através de seus argumentos, a positividade da escrita biográfica e propõe um meio termo entre uma biografia construída apenas por suas relações sociais (estruturas, posição que seria a de Bourdieu) e uma biografia focada apenas no sujeito. Dosse cita a proposta de Jean-Claude Passeron. DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.* São Paulo: Editora da USP, 2009. p. 208-211.

[245] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 29.

valendo dois contos e quinhentos mil reis, pagos em duzentas promissórias. Com o carro, Rachel de Queiroz quase derrubou o alpendre da casa do Pici, sendo interditada pelo pai, que lhe fez prometer que nunca mais pegaria num carro na vida. Dito e feito[246].

Quando Demócrito Rocha fundou o jornal *O Povo*, em sete de janeiro de 1928, passaram a cooperar com ele Rachel, Suzana de Alencar Guimarães e Djacir Menezes: "O Demócrito fundou *O Povo* em 28, que era muito mais interessante para nós, porque o jornal do Ibiapina estava muito marcado com aquele negócio de bispo, de briga, e era o condenado, tinha aquela polêmica permanente com *O Nordeste*, e o *O Povo* era um jornal novo, arejado"[247]. Segundo o primeiro editorial:

> O Povo necessita de mais gritos que o estimulem, de mais vozes que lhe falem ao sentimento. Eis porque surgimos. Ao desfraldar a nossa bandeira de combate, pelos mais puros ideais de justiça e liberdade, não nos entontece a glória de vencer, porque a alvorada redentora ainda está muito longe de raiar no oriente da pátria[248].

Mesclando páginas políticas combativas, como era do feitio de Demócrito, e espaços especializados em literatura, *O Povo* foi aos poucos tomando um espaço privilegiado no conjunto dos periódicos cearenses. Em pouco tempo, condensou a vanguarda literária do estado, congregando os jovens estudantes. Bastava que "não fossem burros nem safados" [249] para que Demócrito lhes desse confiança:

> ...como nós éramos jovens a 7 de janeiro de 1928 ao nos reunirmos para tirar retrato na calçada da redação do "O Povo", na casa de porta e janela da rua Floriano Peixoto. [jovens] Não só na idade, embora na maioria rondássemos os dezessete anos. Jovem também era o nosso mundo, ingênuo mundo mal desperto para as durezas deste amargo século (...). Naquela manhã de janeiro de 1928 nós éramos todos uns cavaleiros andantes e daríamos o nosso sangue pelo Bem, pela Arte, pela Justiça, pela Igualdade, qualquer coisa, contando que a coisa fosse nobre e se escrevesse com letra maiúscula[250].

Na sessão *Modernos e Passadistas*, páginas do jornal em busca de equilíbrio entre textos de escritores novos e canônicos, Rachel de Queiroz escreveu poesias, comentários de crítica literária e foi homenageada por diversos autores. Mas o mais importante a ser destacado nesta primeira fase de participação no jornal *O Povo*, e da cada vez maior aproximação com Demócrito Rocha, foi a constituição do círculo da vanguarda modernista cearense que passou a incluir Rachel de Queiroz.

---

[246] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 30.
[247] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 17. APIL.
[248] Editorial. *O Povo.* 07.01.1928. ABPF.
[249] Depoimento de Rachel sobre a fundação do *O Povo* em QUEIROZ, Rachel de. "O Povo", jornal do Ceará. *Diário de Notícias.* 04/01/1953. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
[250] Depoimento de Rachel sobre a fundação do *O Povo* em QUEIROZ, Rachel de. "O Povo", jornal do Ceará. *Diário de Notícias.* 04/01/1953. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

Desde a Semana de Arte Moderna de 1922, o debate sobre o que seria o *modernismo* alcançou as terras cearenses. Em fevereiro de 1925, o poeta Guilherme de Almeida, envolvido que estivera com a Semana de 22, viajou por vários estados do país, incluindo o Ceará. Em Fortaleza, em pleno Teatro José de Alencar, promoveu uma conferência intitulada "A revelação do Brasil pela poesia moderna" [251].

Nesse tempo, alguns cearenses como Edgard de Alencar, redator-chefe da *A fanfarra,* já inseriam as quebras da rima e os versos livres na poesia. Mas aquele que foi considerado verdadeiro marco da poesia modernista cearense foi um pequeno livreto de quarenta páginas, editado pela Tipografia Urânia em fins de 1927.

O livro, dedicado ao poeta carioca Ronald de Carvalho, intitulou-se *O canto novo da raça,* e nele figuraram apenas quatro autores, entre os quais, o amigo de Rachel de Queiroz, Jader de Carvalho, então com vinte e seis anos[252]: "Jader era mais velho que nós, era o nosso guru. O Jader era tão inteligente que dava nervoso"[253].

Este livreto, cujo lançamento Rachel provavelmente acompanhou, foi comentado até por Tristão de Ataíde no Rio de Janeiro, sendo ele um dos mais importantes críticos literários do momento[254]. O volume trouxe temas e formas literárias que seriam posteriormente aprofundados pela própria Rachel e pelos demais modernistas que se reuniram em torno de Demócrito Rocha e do próprio Jader, o mais telúrico dos autores do *O Canto*[255].

Ao anunciar esta história é preciso não esquecer que os autores que gravitavam em volta do *O Povo, O Ceará, A esquerda, A Jandaia, A farpa,* e que participaram do movimento modernista cearense eram, em geral, estudantes, normalistas ou jovens jornalistas, ainda que tivessem o apoio de escritores mais velhos como Antônio Sales e Beni Carvalho e de jornalistas maduros como Júlio Ibiapina, Demócrito Rocha ou socialistas como Moacir Caminha. Os mais jovens constituíram nesse momento uma

---

[251] AZEVEDO, Sânzio. *O modernismo na poesia cearense.* Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995. p. 19.
[252] Além de Jader, escreveram Sydney Neto, Pereira Júnior e Franklin Nascimento.
[253] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 18. APIL.
[254] Ver: Ronald de Carvalho e o "Canto Novo da Raça". *O Povo.* 07/02/1928. p. 03. ABPF. O livro foi comentado positivamente por outros escritores e jornalistas como Paulo Sarasate.
[255] AZEVEDO, Sânzio. *Op. Cit.*.p. 23. Interessante perceber que, entre os poemas escritos por Jader neste primeiro livro, o tema do "moderno" (a velocidade, os cinemas, a moda, a revolução feminina) aparece na mesma medida em alguns textos que Rachel de Queiroz publicará neste mesmo ano como *A melindrosa* (em *O Ceará,* 10/04/1927) e *A alma da melindrosa* (*O Povo,* 24/03/1928).

vanguarda modernista que entrava em tensão com a grande maioria de intelectuais católicos e conservadores que imperava no estado[256].

A inserção de Rachel neste círculo, no entanto, não foi nada simples. Uma adolescente pertencente a família tradicional, recém formada na escola de freiras, escrevendo para periódicos modernistas, anticlericais, reformadores e, teoricamente, antipartidários – *O Ceará* era chamado, inclusive, de *O Condenado,* pelos órgãos católicos -, não passaria em branco.

Em 29 de março de 1928, um articulista do periódico católico *O Nordeste*, estampou em sua sessão uma crítica mordaz à moral da família e da própria Rachel, classificando-a como "bolchevista, sufragista e ateia", ao comentar uma crônica da autora[257]. *O Nordeste* neste contexto era não só o órgão oficial da Cúria católica, era também um importante jornal anticomunista no estado.

Assim que leu a reportagem maldosa sobre Rachel de Queiroz, Ibiapina, sentindo-se responsável por empregar a menina em seu periódico, enviou uma carta ao Dr. Daniel afirmando que, se a filha dele quisesse sair do jornal, não haveria problema algum, devido aos fatos recentes. Segundo Rachel de Queiroz, o Dr. Daniel teria respondido que ela não sairia de jeito nenhum e que os padres teriam que se ver com ele[258].

Em resposta ao *O Nordeste*, por sua vez, periódicos "amigos" do *O Ceará* e amigos de Rachel, como *A esquerda,* de Jader de Carvalho, *A Jandaia,* de Aldo Prado, e *O Povo*, saíram em defesa da jornalista, alegando preconceito e ridicularizando o comentário do articulista de *O Nordeste.* Mais uma polêmica estava criada.

Rachel de Queiroz, neste sentido, e mesmo por sua condição de gênero, foi muitas vezes desqualificada por seu comportamento, como no caso relatado, e causava escândalos na cidade, tanto por andar sozinha com o grupo modernista praticamente todo composto de homens, além de beber com eles, participar de saraus de poesia, viajar pelo estado sozinha – ainda que cumprindo suas funções pedagógicas -, quanto por outros tipos de escândalo que seu comportamento poderia causar em plenos anos 1920.

---

[256] Segundo Sânzio Azevedo, os autores que fizeram parte desta vanguarda dos anos 1920 foram: Mário Sobreira de Andrade, Filgueiras Lima, Edgar de Alencar (que desde 1926 estava no Rio de Janeiro), Heitor Marçal, Sydney Netto, Demócrito Rocha, Pereira Júnior, Martins D'Alvarez, Franklin Nascimento, Jader de Carvalho, Silveira Filho e Rachel de Queiroz. AZEVEDO, Sânzio. *Op. Cit.* p. 36. É importante dizer que, como esta é uma época ainda de diálogo com o modernismo que vem do centro-sul e a tentativa de produzir algo original do Ceará, muitos autores vão produzir e lançar versos ainda marcados pelo parnasianismo, ou pelo simbolismo ou penumbrismo.

[257] JÚNIOR, Netto. Coluna Às Quintas. *O Nordeste.* 29/03/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.

[258] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 29.

Se muitas das posições da autora ao longo da vida foram classificadas como conservadoras, neste momento, Rachel de Queiroz rompeu tabus e ganhou fama por seu aspecto vanguardista e rebelde.

Desde a publicação de *O canto novo da raça*, a jovem jornalista viveu um longo ano de 1928, quando se envolveu em polêmicas sobre os versos sentimentais do poeta Bastos Portella, participou de saraus literários no salão da Casa Juvenal Galeno e ensaiou seus primeiros versos modernistas, como em *Chê-Tapia*[259], dedicado a Jader de Carvalho, e *Tupan*[260], poema acusado de empregar um "primitivismo modernista", "paradoxal, sem dúvida"[261].

Percebe-se, desde então, a busca de Rachel pelas origens indígenas cearenses, num impulso que já vinha de seu ancestral, José de Alencar, mas adaptado ao anseio modernista, numa linguagem de revolta, com o mínimo de rimas e composta de versos livres.

Com certeza, pareceria paradoxal se pensarmos a primeira corrente modernista, aquela de 1922, influenciada pelo modelo europeu e sua admiração pela cidade, pelo tecnológico, pela máquina, pela velocidade, o carro, os ruídos das fábricas, o cinema etc. Por isso talvez a fórmula *modernos e passadistas* fosse uma boa resposta aos anseios literários cearenses.

Mas Rachel não era a primeira nem a única a revisitar criticamente Alencar; Demócrito também o fazia em seus versos. Constata-se, portanto, uma influência mútua de temas e objetivos entre os primeiros modernistas cearenses, onde a marca maior foi a busca pelas especificidades de sua terra, o sertão, o sol, os personagens característicos, o passado indígena, e o que as correntes modernistas pós-22 vinham fazendo no Rio de Janeiro e em São Paulo através do Movimento Antropofágico e do Anta.

É nesse sentido que Rachel escreve em abril de 1928:

> Há, atualmente, uma corrente artístico-literária sadia e rejuvenescedora que procura despertar na alma do brasileiro atual o aborígene, morto ou adormecido. À frente desse movimento surgem espíritos novos, brilhantes empreendedores, como Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Cardillo Filho, que empolgantemente nos falam de Tupiretama, a pátria imensa da gente tupi, que se

---

[259] QUELUZ, Rita de. Chê-Tapia. *A esquerda*. 13/03/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.

[260] "De primeiro, Tupan era o pavor das tribos.../Só falava em resmungados tonitroantes, na linguagem retumbante dos trovões,/Sinistro e vingativo/cuspia raios sobre as tabas encolhidas,/arredondadas de medo, no arrocho das estacadas;/riscava o céo de relâmpagos, cobria a terra de chuva,/empurrava com mão forte: parás d'água nas enchentes,/e engulia diariamente a grande braza do sol..." Tupan. *O Povo.* 01/12/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.

[261] Rita de Queluz e o primitivismo. *O Povo.* 31/12/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.

> estenderia desde a margem longínqua do Pacífico e cobriria quase toda a América do Sul, num grande abraço de expansão e de força[262].

De fato, a corrente mais ufanista daquele momento foi a que parecia melhor corresponder, no Centro-sul, aos ideais de alguns modernistas cearenses ou, segundo a opinião de Sânzio Azevedo, essa filiação ao *verde-amarelismo* seria uma confusão na interpretação das notícias que chegavam do sul do país: "Vemos que não obstante as ligações dos modernistas daqui com os 'antropófagos' de São Paulo, os cearenses teimavam em se enquadrar no verde-amarelismo, já renegado pelos corifeus da *Revista de Antropofagia*" [263].

Em 07 de janeiro de 1929, uma coluna específica do jornal *O Povo* sobre a poesia moderna anunciou: "Rita de Queluz – afirmação exuberante da literatura feminina no Brasil, vai oferecer-nos em breves dias um volume de versos modernos, *Mandacaru.* Aguardemo-lo. Esperemo-lo. Desejemo-lo. Para melhor aplaudir o talento e a cultura da artista"[264].

Em franca tendência modernista e regionalista, *Mandacaru* dirigia-se aos "novos do Sul", reunindo poemas de Rachel publicados na imprensa cearense e alguns ainda inéditos. Talvez por falta de coragem ou por realmente achar os textos ruins, como justificou certa vez, o livro permaneceu trancado a sete chaves e não foi publicado até 2010, na comemoração do centenário da autora[265]. Os poemas revelavam, no entanto, diversos dos temas que Rachel abordaria anos mais tarde, como a questão da seca, a figura de Lampião, as figuras femininas e os temas sertanejos de modo geral[266].

Em compensação, entre 7 de abril e 26 de maio de 1929 imprimiu-se um suplemento literário do jornal *O Povo,* mais um impulso promovido por Demócrito Rocha, Paulo Sarasate e Mário Sobreira de Andrade à vanguarda modernista do estado. O folheto fez sucesso na cidade e se chamou *Maracajá*[267]. Nele, Demócrito Rocha

---

[262] QUEIROZ, Rachel de. Artigo para O Ceará**.** 08.04.1928. AJAB. Manuscrito. Também se encontra este texto não datado no Álbum de Dona Clotilde Franklin, Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.
[263] AZEVEDO, Sânzio. *Op. Cit.* p. 47.
[264] Editorial. Poesia Moderna. *O Povo.* 07/01/1929. ABPF.
[265] QUEIROZ, Rachel de. *Mandacaru.* Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.
[266] Ver o estudo de Élvia Bezerra, na apresentação do livro QUEIROZ, Rachel de. *Op. Cit*. 2010.
[267] Conta Rachel que "Rebento de *O Povo* – aliás, seu suplemento literário – pelos meados de 1929 fundou-se um jornalzinho, *Maracajá.* Assinavam como 'A redação' Paulo Sarasate, Mário de Andrade (do Norte), e Demócrito Rocha, sob o pseudônimo de Antônio Garrido. Destinava-se *Maracajá* a pregar o modernismo pelas terras nordestinas, e nele todos nós desferimos vôo, convencidos de que fazer modernismo era escrever regionalismo com grande gosto de índios, antas, cocares e mais brasilidades, em frases de três palavras. Sei que tivemos a glória insigne de nos ver lidos e comentados por alguns dos grandes do Rio e S. Paulo – para nós as duas metades inacessíveis do Paraíso". In: QUEIROZ, R. Prefácio. In: SARASATE, Paulo. *O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta.* Rio de Janeiro: Freitas Bastos,

lançou um poema de sua autoria que ficaria muito conhecido na história da literatura cearense: *O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta.*

Rachel de Queiroz, por sua vez, publicou no exemplar do dia 07 de abril, dois textos em verso, *São Francisco do Canindé* e *Se eu fosse escrever meu manifesto artístico,* sendo este último uma representação primorosa do orgulho regional que envolvia a vanguarda cearense:

> Eu canto a alma de minha Terra e a alma de minha gente/Canto o meu sol ardente, amoroso e ruivo, que é o mais pessoal e característico de todos os sóis do mundo.(...)/ Dizem que a arte deve ser universal. Mas afinal, o que é que exprime universalmente a nossa arte?/ Transformá-la numa colcha de retalhos cosmopolitas ou lhe dar um perfil caracteristicamente brasileiro que a faça distinguir-se em meio ao concerto artístico universal?/Retalhando-a, espalhando-a, fracionada e anônima, por outros povos e por outras artes, operando um trabalho de dispersão, já praticado por dois séculos de literatura, dividindo-se pelos deuses da Grécia, pelas nevróticas perversões byronianas, pelo heroico preciosismo de Hugo, pela doentia extravagância do nefelibatismo, penumbrismo, futurismo, e quejandas contorções de decadência?[268].

Interessante seria perceber nos argumentos de Rachel e em vários dos intelectuais modernistas cearenses uma característica atribuída comumente ao pensamento intelectual dos anos 1920, que marcará profundamente a história nacional dos anos seguintes: apesar da imensa diversidade e mesmo oposição entre eles, um denominador comum se faz presente: a demanda por uma definição de *nacionalidade* brasileira, que incluísse a regionalidade[269].

Na *Maracajá* do dia 26 de maio, apareceram textos de Suzana de Alencar Guimarães, e Rachel publicou *Iniciação,* versos evocando diversas das figuras que eternizaria em suas crônicas posteriores, como os índios, os cangaceiros, Tristão e Bárbara de Alencar, além de abusar do vocabulário tupi-guarani.

Ao mesmo tempo, é importante destacar, como já o faz uma crítica literária atualizada, a tentativa de diferenciação que estes movimentos modernistas regionais fizeram em relação ao modernismo de 22, com sede em São Paulo[270]. O modernismo

---

1968. p. 08. Sânzio Azevedo também cita este trecho em seu livro. Em 1929, até o jornal *O Ceará* lança suplemento literário, o *Tangapema,* também de conhecimento dos paulistas. Esta comunicação, aliás, é feita, muito provavelmente, por meio de Raul Bopp (1898-1984), intelectual responsável pela *Revista de Antropofagia* junto a Oswald de Andrade. Bopp é nome corrente nos jornais *O Povo* e também escreve na *Maracajá*.

[268] Reeditado em *O Povo.* 14.04.2010. p. 12. ABPF. Original de 1929.

[269] Ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. Introdução.

[270] BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30.* São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006. p. 49. Bueno argumenta, inclusive, que existem diferenças ideológicas importantes entre as gerações de 22 e de 30: a primeira seria resultado de uma *belle époque,* de uma utopia de vanguarda, além de ser marcada pela renovação poética e pelos manifestos; e a segunda, resultado de uma época de crise, pós-utópica, voltada para a prosa. p. 59.

sulista era muitas vezes acusado de incompleto e estrangeiro pelos modernistas cearenses. Como não poderia deixar de ser, a tensão regional manifestada na literatura revelava também uma tensão política entre as diferentes regiões do país.

Rachel de Queiroz, como já foi visto, representa nos anos 1920 não só uma mocinha recém-formada pela Escola Normal, que divide seu tempo entre dar aulas, fiscalizar escolas, escrever para jornais e derrubar alpendres com seu automóvel, mas alguém que se insere no campo intelectual modernista de seu estado, sendo uma das poucas mulheres a fazer parte dele. A jornalista entrava em contato, ao mesmo tempo, com grupos em disputa no campo político que, não por coincidência, eram compostos pelas mesmas personalidades que disputavam o campo literário.

Neste sentido, é preciso inserir aqui uma observação acerca da noção de *campo*, tal qual foi formulada por Bourdieu, e utilizada em análises sobre os intelectuais dos anos 1930 no Brasil[271]. Para o sociólogo francês:

> ... nenhuma análise da essência, nenhuma definição formal pode, com efeito, esconder que a afirmação da especificidade do 'literário' ou do 'pictórico' e da sua irredutibilidade a qualquer outra forma de expressão é inseparável da afirmação da autonomia do campo de produção que ela supõe e, ao mesmo tempo, reforça. O movimento do campo literário ou do campo artístico para a autonomia pode ser compreendido como um processo de *depuração* em que cada gênero se orienta para aquilo que o distingue e o define de modo exclusivo, para além mesmo dos sinais exteriores, socialmente conhecidos e reconhecidos da sua identidade[272].

Este comentário pode ajudar a perceber que a renovação estética proposta pelo modernismo cearense, e não só por ele, mas pelos diversos modernismos regionais que se manifestaram após 1922, poderia estar também relacionada, entre outras coisas, com a busca pela autonomia do *campo literário* regional no contexto nacional.

Acontece que grande parte da política brasileira dos anos 1930 foi discutida em termos regionais, qual seja, problematizando a desigualdade dos poderes distribuídos

---

[271] Tanto Wilson Martins (*A ideia modernista.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002) e Sergio Miceli (*Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das letras, 2001), quanto Daniel Pécaut (*Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação.* São Paulo: Ática, 1990) trabalharam com a confluência entre as trajetórias literária e política dos intelectuais dos anos 1930 e sua inserção na história política nacional. Ambos demonstraram os valores elitistas do grupo intelectual vitorioso em 1930, o que demonstra muito mais uma "dança das cadeiras" entre oligarquias dominantes e oligarquias dependentes, do que uma verdadeira alteração da ordem social. Acreditamos que o exemplo de Rachel de Queiroz está inserido no interior desta interpretação. Miceli é visivelmente partidário do método de Bourdieu no campo da sociologia.

[272] BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo.* In:_____. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 59-73. p. 70.

entre as diferentes regiões do país, o que se traduziu, da mesma maneira, na desigualdade com que a produção artística era considerada[273].

Todo este argumento pode parecer um dado óbvio, visto que qualquer país acaba enfrentando vez ou outra esse tipo de maleabilidade entre o particular e o geral, o regional e o nacional. No entanto, ao pensarmos o evento que tomou conta do ano de 1930, chamado de "revolução", responsável por inserir o fenômeno Vargas na política nacional, esteve, não só relacionado com os conflitos políticos característicos desta época, mas também com a busca de autonomia do campo artístico/político regional no interior do campo artístico/político nacional, uma vez que os intelectuais eram muitas vezes os mesmos a participarem de ambos os campos.

Para complementar o argumento, citamos ainda Bourdieu, quando afirma que "as rupturas propriamente estéticas com uma tradição artística tem sempre algo que ver com a posição relativa, naquele campo, dos que defendem esta tradição e dos que se esforçam por quebrá-la"[274].

Pode-se perceber no caso cearense, que aqueles que procuraram renovar o campo literário foram os mesmos a se inserir na crítica à ordem política oligárquica até os anos 1930 e sua posição em relação a esta ordem relacionava-se diretamente com suas opiniões e produções estéticas.

Literatura e política se correspondiam, portanto, porque socialmente uma dependia da outra neste momento. Em menor escala, observando a trajetória específica de Rachel de Queiroz, percebe-se a correlação entre sua escrita (de crônicas, poemas, romances – enfim, sua inserção no campo literário modernista cearense) e a necessidade de assumir opiniões políticas no espaço público. Neste sentido, sua primeira militância inclinou-se à esquerda, ao socialismo, que neste momento representava uma possível confrontação à ordem oligárquica da primeira República.

---

[273] No estudo de Sânzio Azevedo sobre o modernismo cearense, no momento em que o autor trata das reproduções de *Maracajá* feitas pela *Revista de Antropofagia* de São Paulo (o que demonstra a interação entre estes intelectuais), Azevedo afirma o "clima de saudável descontração" do suplemento cearense, mesmo quando critica o modernismo paulista e "engravatado", os coronéis e almofadinhas, e mesmo os índios de Alencar: "...com o que seguiu a mesma linha d'*O Povo,* que soube promover a renovação modernista sem ataques a outras estéticas coevas e, muito menos, aos que, noutros periódicos, procuravam seguir os rumos das vanguardas"(p. 63). Gostaria de comentar, neste sentido, o que acredito ser uma dimensão conciliadora (conservadora?) da vanguarda modernista cearense e não só uma questão de "descontração" ou "brincadeira". Ao criar a sessão *Modernos e Passadistas,* por exemplo, Demócrito Rocha dá bem o tom do que foi este modernismo no Ceará: uma conciliação entre antigos cânones e novos intelectuais e literatos que vão ascender literária e politicamente após os anos 1930. O que quero dizer é que este tipo de atitude, a meu ver, reflete também as posições políticas destes intelectuais cearenses da década de 1920, muito avançadas em determinados pontos, mas conservadoras, em outros. Neste sentido, não é possível esquecer as raízes familiares oligárquicas de vários deles.

[274] BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2007. p.72.

No entanto, torna-se tendencioso para Rachel de Queiroz, com o correr dos anos e com sua inserção no mercado de trabalho, (que num plano nacional coincide com a autonomia de seu campo literário modernista regionalista no interior do campo literário modernista nacional), combinar o legado oligárquico tradicional e conservador familiar às suas opções políticas cotidianas.

É exatamente o "saber optar" no interior deste campo literário/político multifacetado e em constante mutação, que possibilitará contratos de trabalho, publicações de livro, mudanças geográficas e a própria fama literária. No contexto brasileiro vivido por Rachel de Queiroz, tudo isto era uma questão política, econômica, subjetiva e não só de arte e literatura.

À medida que Rachel passou a ocupar lugares de maior prestígio literário e intelectual no contexto nacional – no mesmo sentido em que vários de seus amigos modernistas passaram a ocupar postos políticos – suas opções se tornaram mais e mais conservadoras, talvez pela própria necessidade de preservar a conquista.

“Eu sou um animal político”

(1927-1937)

Rachel de Queiroz e a “roda de Maceió” – 1934
(Valdemar Cavalcanti, Graciliano Ramos, Aloísio Branco, Rachel de Queiroz e José Auto)
Fonte: Acervo Família Graciliano Ramos

Você se sentia uma traidora (do PCB)? *Não me sentia, tanto que em 1934* [sic]*, quando me mudei para São Paulo, eu me aproximei dos trotskistas, do grupo de Mário Pedrosa. E até hoje me considero uma trotskista. Trotski, ao contrário dos stalinistas, foi um grande escritor e propunha um aperfeiçoamento intelectual do marxismo. Acho que o marxismo continua valendo como ilusão, mas como atitude prática diante da vida não funciona mais.*
Rachel de Queiroz[275]

Encontro com o anarquismo

Nos anos 20, os jornais tiveram um papel essencial nas discussões sobre uma imprescindível reforma política. Para jornalistas cearenses de diferentes gerações, como Júlio de Matos Ibiapina, Demócrito Rocha e Jader de Carvalho, o jornal era a maior arma de ação, mesmo pela concepção que tinham em relação à função da imprensa que, segundo Ibiapina, por exemplo, deveria preocupar-se mais com os problemas estaduais e nacionais, com a conscientização do povo cidadão do que viver a serviço dos partidarismos[276].

Entre os grupos mais inclinados ao socialismo enquanto ideologia, duas figuras importantes se destacaram nos círculos intelectuais modernistas cearenses, e foram aquelas às quais Rachel de Queiroz atribuiu o fato de ter sido "comunizada", antes mesmo de entrar para o Partidão em 1931: Jader de Carvalho (1901-1985) e Djacir Menezes (1907-1996).

Ambos nascidos no interior do Ceará, Jader por sua vez, era primo de Rachel pelo lado dos Queiroz, e conhecia muito bem o sertão de onde ela provinha, pois nascera em Quixeramobim, a pouco mais de setenta quilômetros de onde a família de Rachel tinha suas terras. Nos anos 1920, Jader e Djacir Menezes eram estudantes da Faculdade de Direito, assim como Sarasate, o que localizava todos os quatro (Rachel incluída) no campo estudantil da capital cearense[277].

---

[275] Rachel percorre suas lembranças pelas mãos da irmã. *O Estado de São Paulo.* 29/09/1998. AFBN.
[276] MONTENEGRO, Abelardo Fernando. *Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará.* Fortaleza: UFC, 2002. p. 20.
[277] É interessante notar que os operários comunistas que participaram da fundação do Bloco Operário e Camponês (BOC) em 1927 em Fortaleza, possuíam núcleos comunistas em cidades como Camocin, Aquiraz, Aracati e Quixadá, justamente por serem cidades escoadoras de mercadoria para a exportação, o que facilitava sua ligação com a capital. Ou seja, desde 1927, Rachel deve ter conhecimento de grupos comunistas não só em Fortaleza, através dos círculos de amizade, mas também pelo "boca a boca" na própria cidade de Quixadá.

Djacir Menezes revelou desde cedo seu lado filosófico, indicando leituras e discutindo ideias socialistas com Rachel de Queiroz. Ao longo da vida, dedicar-se-ia à carreira acadêmica, defendendo sua tese na Faculdade de Direito do Ceará em 1932, intitulada *Kant e a ideia do Direito.* Depois de aprovada a tese, tornou-se professor da mesma instituição e também da Escola Normal[278].

Além dos dois estudantes, Rachel de Queiroz cita ainda Hyder Correa Lima (1903-1981)[279], médico cearense, também envolvido com os socialistas e responsável, alguns anos mais tarde, por munir Rachel de uma carta de apresentação destinada ao grupo de simpatizantes comunistas do Rio de Janeiro.

Já no ano de 1927, portanto, é possível observar a publicação da primeira crônica com ênfase política escrita por Rachel de Queiroz, ainda sob o pseudônimo de Rita de Queluz, e que, de modo interessante, intitulou-se *Sacco & Vanzetti*[280]. Foi publicada em primeiro de outubro no periódico *A Farpa*, onde se encontravam como redatores Paulo Sarasate e Djacir Menezes. A crônica de Rachel apareceu dois meses após a morte dos dois imigrantes anarquistas italianos, condenados à cadeira elétrica pelo estado de Massachussets num longo processo judicial que durou sete anos[281].

O caso já era famoso na imprensa brasileira e ainda mais na imprensa operária, pois várias passeatas desde pelo menos 1924 e matérias de jornais libertários comentaram o processo judicial contra os italianos e protestaram junto a uma corrente

---

[278] Além disso, nos anos seguintes, Menezes escreveu para diversos periódicos como o *A manhã*, órgão oficial do Estado Novo, foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará e da Academia de Comércio, além de ter sido reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro em plena ditadura militar. Sendo muito respeitado no meio acadêmico, foi convidado por Gilberto Freyre a escrever um livro para a coleção *Documentos Brasileiros*, publicado pela José Olympio em 1937. Neste livro, intitulado *O Outro Nordeste* se dedicou especialmente a analisar as influências possíveis do meio ambiente do sertão e da caatinga na personalidade do sertanejo. Para os dados coletados sobre os intelectuais cearenses utilizei, além de livros específicos mencionados ao longo do texto, o portal da história do Ceará: http://portal.ceara.pro.br/ e NOBRE, Silva. *1001 cearenses notáveis*. Fortaleza: Casa do Ceará Editora, 1996.

[279] Augusto Hyder Correa Lima, médico, hoje patrono da Academia Cearense de Medicina, nasceu em Fortaleza. Foi Delegado Federal da Criança na época da Aliança para o Progresso (Programa de desenvolvimento da América Latina com financiamento americano nos anos 1960).

[280] Nicola Sacco (1891-1927) e Bartolomeo Vanzetti (1888-1927) foram dois imigrantes italianos, um peixeiro e o outro sapateiro, que viveram em Massachusetts, nos Estados Unidos. Os dois foram acusados de participar de um assalto seguido de morte no ano de 1920 mas, por inconsistência das provas e da acusação, o processo demorou sete anos para chegar ao veredito final. No dia 23 de agosto de 1927, Sacco e Vanzetti foram executados na cadeira elétrica, apesar dos protestos que mobilizaram grande parte do cenário mundial, pois a imprensa socialista via a condenação dos dois imigrantes como uma punição de indivíduos envolvidos com movimentos socialistas.

[281] Ver FAST, Howard. *Sacco & Vanzetti: a história de dois imigrantes italianos condenados à morte.* Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.

internacional contra a condenação injusta do padeiro Nicola Sacco e do peixeiro Bartolomeu Vanzetti[282].

A morte de ambos foi interpretada pelas correntes socialistas como uma atitude autoritária do governo americano frente ao movimento operário de modo geral, numa sequência de repressões que vinha desde as manifestações de Chicago em fins do século XIX e que deram origem às comemorações do primeiro de maio, Dia Internacional do Trabalho.

Assim como os mártires de Chicago, Sacco e Vanzetti permaneceram no imaginário da luta anarquista e na luta operária[283], sendo lembrados e comentados ao longo de todo o século XX. Da mesma forma, Rachel de Queiroz escreveu pelo menos mais uma crônica com este título em 1947, republicando-a em seu livro *Cem crônicas escolhidas*, além de ter comentado o caso em outras crônicas[284] e de dedicar todo um capítulo de sua obra mais autobiográfica a recontar o caso dos anarquistas italianos, destacando a marca que eles deixaram em sua memória:

> Foi a história da execução de Sacco e Vanzetti a primeira grande emoção política por que passei. (…). Mamãe e eu acompanhávamos, pelos jornais (não havia rádio ainda lá em casa), os telegramas que chegavam, via Western, pelo cabo submarino (…). Bom, 'a justiça implacável de Massachusetts' condenou mesmo e executou os dois anarquistas. Foi, como eu disse, a primeira grande reação libertária que tive por minha conta, sem ser induzida por ninguém – pelo contrário, fui eu que induzi mamãe[285].

Aqui se percebe a construção memorialística de uma Rachel política já aos dezesseis anos, optando pelo socialismo, independente do contexto familiar. Em seguida a este trecho de *Tantos Anos*, Rachel comenta que ela e sua rede de amigos não discutiam muito a questão social nos Estados Unidos, como greves, trabalho, salários, jornada de operários etc, mas era a sociedade americana no seu todo que os horrorizava, pois eram considerados "os vilões do preconceito racial, os assassinos de anarquistas e exploradores de imigrantes, além de estarem marcados pelo banditismo das máfias de Chicago" [286].

---

[282] TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil da Primeira República. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.) *As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 53-87. p. 70-71.
[283] Ver também: RUSSEL, Francis. *A tragédia de Sacco e Vanzetti.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
[284] Como em QUEIROZ, Rachel de. A Vigília Cívica. *O Cruzeiro.* 19/11/1955. p. 138. AFBN.
[285] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 143.
[286] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 144.

De fato, neste primeiro artigo de 1927, apesar da inclinação socialista, Rachel não parece ainda estar envolvida com as discussões do movimento operário ou com a imprensa libertária. Seu socialismo é mais retórica que prática, mais emoção que militância.

Anos depois, recordaria que, no momento exato da execução dos "mártires" nos Estados Unidos, Rachel gritaria assustada para a mãe em casa: "Mamãe, neste instante estão matando os dois – e mamãe já se levantava, emocionada também, quando a voz de papai lembrou a diferença de hora daqui pra lá. Senti-me aliviada, como se houvesse obtido um adiamento da execução"[287].

Ao longo desta crônica de 1927 a autora destacava dois pontos principais: a desumanização porque passaram os anarquistas durante o processo judicial, quando melhor teria sido "levá-los às galés", afinal, "um homem em trabalhos forçados com um grilhão ao pé, uma picareta à mão e um guarda à vista, é tão inofensivo quanto um defunto" [288]; e o efeito contrário ao que pretendia o governo americano, uma vez que a morte de Sacco e Vanzetti provocou uma maior difusão dos ideais socialistas e comunistas pelo mundo, inclusive para o contexto daquela mocinha de dezesseis anos.

Do círculo intelectual mais amplo, que conviveu com Rachel de Queiroz nos jornais cearenses, Gastão Justa (1899-1969) e Moacir Caminha (?) foram aqueles que mais tiveram experiência na militância operária e que provinham, de fato, desta classe social.

Justa e Caminha estavam há muito tempo envolvidos nos movimentos sindicais e, junto com Eurico Pinto e Raimundo Ramos tinham participado da fundação do primeiro Partido Socialista Cearense (PSC) em 1919 e de jornais que divulgavam propostas ideológicas socialistas[289].

---

[287] QUEIROZ, Rachel de. A Vigília Cívica. *O Cruzeiro.* 19/111955. p. 138. AIMS.
[288] QUELUZ, Rita de. Sacco & Vanzetti. *A Farpa.* 01/10/1927. AIMS.
[289] Além de sua profissão como tipógrafo, Gastão Justa foi colunista político, cronista, contista, poeta e crítico, mesmo tendo concluído apenas o ensino secundário; escreveu para a revista *Fon-Fon*, no Rio de Janeiro, e para *A Farpa, O Ceará, a Jandaia, A Rua, A Razão* e *Jornal do Comércio,* além do *Ceará Social, A Gandaia, A Muralha, O Combate* e *O Povo.* O jornalista e esperantista de Icó, Moacir Caminha, cuja tendência foi se separando da de Gastão Justa à medida que cooperava com jornais mais voltados para o anarquismo, escreveu em periódicos como *O Regenerador* (1908), *Voz do Gráphico* (1920-1922), *O Combate* (1921) onde divulgou ideias do socialismo libertário a partir do pensamento de Proudhon, Bakunin, Kropotkin etc. Além disso, fundou em 1911, com outros colegas, a Escola Humanidade Nova, que durou apenas um ano.

Como afirma Adelaide Gonçalves[290], a imprensa operária[291] que se expandiu desde o século XIX no Ceará, foi responsável pela visão de mundo política dos trabalhadores que, mesmo quando analfabetos, comentavam e discutiam o conteúdo dos jornais em leituras públicas e nos seus lugares de sociabilidade.

No entanto, Justa e Caminha manifestaram opiniões discordantes entre si ao longo da década de 1920 e, enquanto Moacir Caminha optou pelo anarcossindicalismo, Gastão Gonçalves Justa aproximou-se dos comunistas, sendo inclusive o candidato escolhido pelo Bloco Trabalhista Independente à câmara municipal de Fortaleza nas eleições de 1927[292].

No final da década a influência ideológica sobre o movimento operário cearense era disputada tanto pelo Bloco Operário e Camponês dirigido pelos comunistas, como pelos grupos maçônicos e pela Igreja, declaradamente anticomunistas.

Já a classe média cearense, justamente por se situar num lugar ambíguo, qual seja, entre as classes dominantes e o proletariado, assumiu as lutas políticas e ideológicas de uma destas outras duas classes, dependendo do momento e dos interesses envolvidos[293].

---

[290] GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias. In: SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 259-286. p. 261.

[291] O termo "operário" é muito ambíguo no contexto cearense deste momento. Com a indústria ainda incipiente no Ceará, o grupo que chamamos de "operários" não era composto apenas dos funcionários das fábricas, mas de tipos heterogêneos, como os tipógrafos, gráficos, caixeiros, barbeiros, tanoeiros, marmoristas, tecelões, condutores de bondes, alfaiates, trabalhadores do mar, padeiros, poetas, pintores, artistas de teatro, militantes, fazedores de partidos e de greves (GONÇALVES, Adelaide. *Op. Cit.* 2007. p. 261).

[292] Com a promulgação da Lei Celerada de Washington Luís (1869-1957) em agosto de 1927 o Partido Comunista do Brasil, assim como os demais movimentos operários, caíram novamente na ilegalidade passando, então, a agir através do Bloco Operário Camponês (BOC) e seus variantes, servindo de fachada ao partido nas atividades públicas (RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947).* Fortaleza: NUDOC, 1989. p. 33). A orientação do partido em 1927 era concorrer às eleições através dos Blocos Operários por todo o país onde pudesse influir e, colocada a questão da Coluna Prestes no interior do PCB, indicava-se a necessidade – visto a ilegalidade em que estavam - em articular o movimento operário e as massas trabalhadoras com a pequena burguesia urbana e, ainda mais, formar uma aliança que englobasse todas as forças de oposição ao regime das oligarquias e estimulasse a chamada "terceira revolta" dos jovens militares (PINHEIRO, Paulo Sergio. Classes Médias Urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris. (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo III – O Brasil Republicano vol. 2 Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.p. 07-37. p. 12).

[293] Um exemplo dos problemas desta apropriação da classe média no plano nacional foram justamente as manifestações do tenentismo e suas dificuldades de aproximação e articulação com o movimento operário. A atitudes dos tenentes em relação às massas seriam uma atitude tutelar da classe média, justificada pela "impotência das massas" para se rebelar eficazmente e para prevenir as consequências desastrosas nas relações sociais que uma intervenção comandada pelas massas provocaria (PINHEIRO, Paulo Sergio. *Op. Cit.* p. 15).

No caso do Nordeste, é importante mencionar que as classes médias se formaram, em sua maioria, a partir de tradicionais famílias rurais, algumas já decadentes. Foram estas famílias as primeiras a fornecerem o contingente dos funcionários públicos, grupos profissionais e empregados de indústria e comércio quando da expansão das cidades.

Com base nestas definições, é possível pensar vários dos intelectuais que escreviam para *O Ceará, O Povo, O Combate, A farpa* etc como participantes desta classe em expansão e que, não sem querer, apoiaram por vezes os movimentos operários, as intervenções tenentistas e mesmo a revolução de 1930.

Neste sentido, jovens estudantes envolvidos com Demócrito Rocha, Júlio de Matos Ibiapina e com o jornal *O Ceará* fundaram em 1927, na Escola de Agronomia, o Partido da Mocidade[294], partido idealista da classe média, que saiu em defesa dos trabalhadores e suas lutas, mas cuja ação parece ter ficado restrita ao campo das ideias, segundo Ribeiro:

> Uma leitura mais consistente do Manifesto e Programa deste partido mostrar-nos-á que se trata, na realidade, de um partido reformista baseando sua plataforma política mais na classe média do que efetivamente no operariado. Suas propostas se limitavam à atividade de diminuição dos conflitos entre capital e trabalho e de melhoria das condições de vida das classes média e operária. Os fins propugnados são mais sociais do que políticos[295].

Nos anos 1920, Rachel de Queiroz, Djacir Menezes, Moesia Rolim, Hyder Correa Lima e Jader de Carvalho, todos jovens, estudantes e simpatizantes dos comunistas, encontravam-se nos cafés da Praça do Ferreira, proferiam discursos, execravam os periódicos católicos, como *O Nordeste* , e começavam a escrever seus primeiros versos modernistas, alguns publicados no livro pioneiro de 1927 e em jornais e revistas. Além disso, procuravam aproximar-se dos círculos operários, de quem acreditavam poder compreender e representar as causas.

Em outro sentido, mais duas crônicas políticas importantes foram publicadas por Rachel entre 1927 e 1928. A primeira foi em janeiro de 1928 e dedicou-se a explorar a questão do voto feminino:

---

[294] Em 1926 também havia sido fundado um Partido da Mocidade em São Paulo, com propostas liberais frente ao Partido Republicano Paulista.
[295] RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. Cit.* p. 25.

> As mulheres não votarão. É coisa decidida. Os nossos pais da pátria não consentem. Embalde alguns velhotes do Senado, num lindo gesto galante, propuseram o ingresso na política das saias curtas, dos *cloches*, das boquinhas pintadas, das cabeleiras *à garçonne.* Os outros licurgos, fossilizados e carrancas, já sem veleidades sentimentais – pudera! – foram de encontro àquele projeto gentil de galanteria. Clamam, enfurecidos e ridículos, que a mulher não pode ter direitos políticos "enquanto não assegurar sua independência econômica". - Eis a grande injustiça do homem, o mais preguiçoso, o mais ingrato, o pior pagador, de todos os animais que Deus pôs no mundo durante seis dias bíblicos…- Toda mulher, mesmo a mais inútil, ganha sua vida. A mulher trabalha mais que o homem – que, afinal de contas, não é mais que um grande preguiçoso e um grande fiteiro… É administradora do lar, é a gerente gratuita de uma casa onde trabalham dezenas de pessoas. É a vice-cozinheira, a vice-copeira, a vice-engomadeira. É a reserva sempre pronta e sempre utilizada. E o marido, longe de ajudá-la neste penoso encargo de substituta, é o primeiro a reclamar quando a sopa queima, quando o *bureau* tem poeira, quando uma faísca malfazeja enegrece ou esburaca a alvura da camisa engomada…[296].

Neste contexto, a luta feminista internacional[297] pelo sufrágio, iniciada com a Revolução Francesa, era uma velha conhecida brasileira, sendo aventada desde a elaboração da primeira Constituição republicana em 1891. Algumas mulheres de classes privilegiadas, muitas inclusive frequentadoras das faculdades de Direito, tentavam argumentar juridicamente sua inserção no eleitorado nacional, sabendo que, antes de 1928, a Nova Zelândia (1898), Finlândia (1906), Alemanha (1918), Suécia (1919), Uruguai (1927), os Estados Unidos (1920) e a Inglaterra (1918) haviam conquistado o voto feminino, ainda que alguns países em caráter restritivo[298].

É muito provável que os argumentos da crônica de Rachel de Queiroz comentassem estes vários casos polêmicos, incluindo os ocorridos no Brasil, desde o requerimento para alistamento eleitoral de três mulheres de vanguarda: a advogada Myrthes de Campos (1875-?)[299]; a fundadora do Partido Republicano Feminino (1910), professora Leolinda Daltro (1860-1935); e a potiguar Celina Guimarães Viana (1890-1972) que, dois meses antes da crônica de Rachel de Queiroz, entrara com uma petição exigindo seu nome no rol dos eleitores de seu estado, petição que foi parar no Senado.

---

[296] QUEIROZ, Rachel de. Essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 14/01/1928; _____. Ainda essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 21/01/1928; _____. Ainda essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 28/01/1928. Álbum de D. Clotilde. AIMS.

[297] Cabe aqui ressaltar que o vocábulo "feminismo" remonta, de acordo com Christine Bard, ao ano de 1872, quando Alexandre Dumas, filho, o utiliza em seu livro *L'Homme Femme,* desviando o termo de seu sentido médico, até então empregado para designar "aspectos do indivíduo masculino que apresenta características secundárias do sexo feminino". Daí, segundo Bard, a constante utilização subsequente do vocábulo "feminismo" para designar homens "afeminados" ou mulheres "masculinizadas". Apesar de o feminismo assumir diversas formas ao longo do tempo, sempre plurais (feminismo burguês, socialista, livre-pensador, cristão, moderado, integral etc) aquele que foi mais atacado pelo(a)s antifeministas foi o feminismo emancipatório, como é o caso no discurso de Rachel de Queiroz a partir dos anos 1930. Ver: BARD, Christine. *Les filles de Marianne: histoire des féminismes (1914-1940).* Fayard, 1995. p. 19.

[298] Ver: KARAWEJCZYK, Mônica. Breves considerações sobre a conquista do voto feminino no Brasil. In: *Veredas da Historia*. Revista Eletrônica. Ano III, ed. 1, 1º sem. 2010.

[299] Formada em Direito no Rio de Janeiro em 1898, só foi aceita pelo Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil em 1906. Foi a primeira mulher a requerer alistamento eleitoral.

Além disso, o feminismo sufragista no Brasil tinha, desde 1919, um nome de destaque entre suas fileiras, o da bióloga Bertha Lutz. Sob influência europeia e americana, Lutz trouxe a questão do sufrágio para o debate público através de estratégias que combinavam este debate com a pressão sobre os membros do Congresso, de modo a adquirir adeptos para a causa[300].

Na crônica *Essa questão do voto feminino,* que acabou gerando mais uma polêmica jornalística que se estendeu por duas semanas, Rachel de Queiroz expôs, num tom muito irônico, a importância econômica da mulher na sociedade moderna, o que justificaria, a princípio, seu direito ao voto. A polêmica, gênero clássico do jornalismo brasileiro desta época, era um modo de desafiar o periódico em questão e também a legitimidade da autoria da redatora, afinal, uma normalista de dezessete anos.

Em resposta às críticas de outros periódicos, Rachel, na semana seguinte, argumentou não apoiar nem negar a briga pelo sufrágio feminino, uma vez que o Brasil é um país "onde a fiscalização é nula e a *blague* completa, porque creio que num país de política tão desmoralizada quanto a nossa – uma *mélange* indesejável de ambiciosos vulgares e cabotinos invulgares – não somos tentadas absolutamente a nos transformar em cabos eleitorais…" [301]. Sua verdadeira reivindicação se debruçaria, portanto, sobre a injustiça social no país, que prejudicava as mulheres das classes baixas, "aquelas que bordam e tecem as roupas dos galantes do Senado".

---

[300] SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006. p. 32-35. Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) em agosto de 1922, sob apoio da instituição americana *National American Woman's Suffrage Association* (NAWSA), de vertente conservadora. A instituição recorreu ao apoio de figuras renomadas das letras brasileiras, como Maria Eugênia Celso e Julia Lopes de Almeida, e em seu estatuto versava sobre a educação feminina, a proteção à infância e à maternidade, além da causa sufragista. No entanto, como afirma Joan Scott: "A reiterada exclusão da mulher da política fez com que as feministas adquirissem um senso de solidariedade, mesmo tendo visões divergentes sobre quem eram e sobre o que as mulheres deveriam ser. Na verdade, a experiência comum de exclusão, não raramente, foi tomada, por engano, como uma visão compartilhada por todas do significado de ser mulher. Em consequência, as histórias do feminismo, se por um lado tratavam dos desacordos marcantes sobre questões de tática e estratégias, por outro deixavam de abordar diferenças entre 'mulher' e 'feminista', pressupondo a existência de conceitos imutáveis e auto-evidentes para cada um desses vocábulos" (SCOTT, JOAN. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2002. p.42-43). Esta afirmação auxilia a compreender porque nos anos seguintes ao encontro com Maria Lacerda de Moura, Rachel de Queiroz manteria seu discurso antifeminista tão evidente, ainda que resgatasse o anarquismo, definindo-se como "anarcoide sentimental" nos anos 1980. Sua rejeição refere-se aos feminismos ditos "oficiais": o sufragista dos anos 1930 e o feminismo diferencialista da década de 1970. No entanto, a discussão feminista foi plural em toda a história brasileira, e, nos anos 1920, Maria Lacerda de Moura fez parte desta pluralidade, ao mesmo tempo em que Bertha Lutz e Ercília Cobra, por exemplo, levantavam suas bandeiras. Com Moura, a jovem Rachel de Queiroz dialogou, compartilhou e mesmo defendeu.

[301] QUEIROZ, Rachel de. Ainda essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 21/01/1928; _____. Ainda essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 28/01/1928. Álbum D. Clotilde. AIMS.

Sendo assim, ao comentar a questão do voto, Rachel não se inseria necessariamente no grupo feminista sufragista, mas se aproximava das reivindicações contra a corrupção do sistema político e eleitoral brasileiro e as críticas à democracia liberal, típicas deste momento da história nacional, destacadas tanto pelo movimento tenentista, quanto pelos comunistas, modernistas e as feministas etc[302].

A segunda crônica política neste pequeno intervalo de tempo lembrava as comemorações do "13 de maio", aniversário da abolição da escravidão no Brasil. Neste artigo, a jovem jornalista cearense apresentou um breve histórico da exploração do povo indígena e negro no país, além do fato de considerar que a abolição teria sido muito mais uma luta deste mesmo povo por sua liberdade do que uma benção da princesa Isabel[303].

Através das crônicas acima, já é possível auferir alguns temas que serão repetidos por Rachel de Queiroz ao longo de seus setenta anos de trajetória profissional, como a importância da consciência eleitoral e cidadã para a construção da política democrática e a questão do racismo no Brasil. Ao mesmo tempo, é possível perceber como a política para Rachel, mesmo que não se filie ao feminismo, passa pela representação da questão de gênero, ou seja, pela representação das diferenças sexuais associadas às diferenças sociais, raciais e mesmo geracionais [304].

É bom lembrar que, no contexto familiar de Rachel de Queiroz, os homens ocupavam o espaço público e os lugares políticos, fossem como magistrados, professores, deputados, senadores, governadores, fundadores de academias e centros de convivência intelectual, enquanto as mulheres eram valorizadas por sua erudição e intelectualidade, mas restritas à atuação no ambiente privado.

Mesmo que o exemplo da heroína Bárbara de Alencar e da viúva Ana Triste, estivessem presentes na memória do Ceará e na memória ancestral de Rachel de Queiroz como figuras mitologizadas, a maior parte das mulheres, como as avós, a mãe, algumas tias e primas eram destacadas como "inteligentes", ou "belas" ou "intelectuais"

---

[302] Em 1934, a primeira deputada eleita pelo sufrágio feminino foi Ana Carlota Pereira de Queiroz, descendente do ramo paulista da família.

[303] QUEIROZ, Rachel de. 13 de maio. *A Jandaia.* 12/05/1928. Álbum D. Clotilde. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

[304] Considera-se, aqui, *Gênero* como um termo que "remete à cultura, aponta para a construção social das diferenças sexuais, diz respeito às classificações sociais de masculino e de feminino." Este termo é sempre relacional (raça /etnia, classe, geração, profissão etc.). In: PINSKY, Carla Bassanezi. "Estudos de Gênero e História Social"**.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009. p. 162. Ver também: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica**.** In: *Revista Educação e Realidade.* Número 16(2), jul/dez.Porto Alegre: UFRS, 1990.

e “eruditas”, mas à formação destas mulheres ainda não acompanhava uma incorporação à vida pública brasileira e ao mercado de trabalho, como aconteceria com a geração de Rachel de Queiroz.

Sendo assim, é possível pensar que, para seguir a tradição familiar de importantes figuras públicas masculinas e mulheres intelectuais, Rachel de Queiroz visse novas oportunidades de satisfação pessoal no contexto dos anos 1920, que não se apresentaram às suas avós e à sua mãe.

Aqui, poder-se-ia destacar, por exemplo, trechos de *O Quinze*, primeiro romance de Rachel, publicado em 1930:

> Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... - Esta menina tem umas ideias! Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente destas leituras é que lhe saíam as piores das tais *ideias*, estranhas e absurdas à avó. Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso ideias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa[305].

No trecho apresenta-se uma tensão geracional de gênero, onde questões como maternidade consciente, profissão e casamento por amor constituem um exemplo das mudanças que enfrentaram as mulheres neste contexto social.

Nos anos 1920, a opção pela carreira jurídica de seu pai seria, por exemplo, uma possibilidade profissional para Rachel de Queiroz. No entanto, seria uma carreira onde a participação feminina ainda era muito rara e sofria mais preconceito do que outras profissões como, por exemplo, a formação na Escola Normal e a atividade pedagógica, considerada mais “natural” para a mulher[306].

---

[305] QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985. p. 4-5.

[306] Em 1827 foram criadas as primeiras escolas primárias para mulheres no Brasil, o que obrigou à formação de um quadro de magistério formado pelas próprias mulheres, daí a criação da Escola Normal. Esta foi vinculada desde o começo à ideia de vocação “natural” da mulher, qual seja, a criação dos filhos e dos novos cidadãos da República. No entanto, quarenta anos depois da proclamação, a Escola Normal tornou-se uma formação não só muito comum como quesito pré-nupcial entre as mulheres de diferentes classes sociais, como também uma maneira de ingressar no mercado de trabalho do ensino e da produção de materiais didáticos, gênero com maior garantia de remuneração financeira no começo do século XX. Ver: LAJOLO. Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998. p.91. Ver também: SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceito. In: *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu, MG, 23ª Reunião, outubro de 2000. In: http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0217t.PDF. e GALUCIO, Andrea Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política*. Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2009. p. 46.

Neste sentido, é interessante pensar como Rachel de Queiroz, já aos oitenta e sete anos, lembra-se das opções profissionais oferecidas às mulheres de sua geração:

> Profissão de mulher, até então, só professora. Exigia apenas o curso normal: para as que renunciavam ou eram renunciadas aos deveres e alegrias do matrimônio. Só o ensino lhes restava, pois, afinal, representava uma espécie de maternidade alternativa, digamos. Mas, calada ainda, a mulher já lutava, labutando para quebrar a casca que a encobria, formando as primeiras associações feministas, conseguindo (que triunfo!) o direito do voto (no Brasil, em 1932) fazendo concurso às repartições públicas, formando-se em diferentes cursos nas faculdades e não apenas na pediatria. Apareciam pouco a pouco as bacharelas, as arquitetas — até que finalmente o final de outro conflito mundial, a 2ª Grande Guerra, lhes escancarou as portas do mundo masculino; e a mulher passou a disputar palmo a palmo, ao rival, o seu direito a qualquer profissão. Hoje, até nas forças armadas, temos batalhões de mulheres[307].

Da mesma forma, a opção racheliana pela participação na imprensa não foi tão excepcional quanto possa parecer, pois desde meados do século XIX mulheres publicavam seus próprios periódicos ou passavam aos poucos a integrar periódicos mistos.

No centro-sul do país, os exemplos de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Emilia Moncorvo Bandeira (1852- 1910), Maria Eugênia Celso (1886-1963) e outras tantas eram conhecidos pelos cearenses, além das próprias mulheres cearenses que se aventuraram na escrita mesmo antes de Rachel de Queiroz, como Francisca Clotilde (1862-1935), Emília de Freitas (1855-1908), Ana Facó (1855-1937), Maria Rodrigues (1874-1962)[308] etc. O papel que desempenhou nesta imprensa, no entanto, é que fez de Rachel uma exceção.

Assim é que, em agosto de 1928, num rompante rebelde, a jornalista de dezessete anos alterou um de seus bens mais preciosos: os cabelos. Foi a mãe quem cortou os longos cachos negros da jovem Rachel de Queiroz, na tentativa de imitar a última moda das mocinhas de Paris e das feministas nacionais, ou seja, *à garçonne.* O motivo não era qualquer um: naquela mesma semana Rachel enviaria uma carta com a foto de seus novos cabelos à famosa anarquista mineira, Maria Lacerda de Moura[309].

Se Rachel, coordenadora da sessão *Jaz-Band* do *O Ceará,* tinha apenas dezessete anos quando enviou uma correspondência e convidou Maria Lacerda de Moura para escrever sobre suas últimas reflexões filosóficas no jornal cearense, esta escritora, nascida em 1887 na fazenda Monte Alverne, em Minas Gerais, já era conhecida em vários estados brasileiros e argentinos como uma das mais importantes vozes do

---

[307] QUEIROZ, Rachel de. Profissão de Mulher. *O Estado de São Paulo.* 16-17/08/1997. AIMS.

[308] Ver: CUNHA, Cecília. *Além do amor e das flores:* primeiras escritoras cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

[309] Foto de Rachel de Queiroz onde está escrito e assinado: "À Maria Lacerda de Moura homenagem de Rachel de Queiroz", Ceará, 16/08/928. nº 011. Acervo fotográfico. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.

socialismo libertário nacional. Entre 1919 e 1935, Maria Lacerda podia ser lida e ouvida através de palestras e conferências em lugares como Juiz de Fora, Santos, Sorocaba, Barbacena, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Rosário, na Argentina, além de ser constantemente lida na imprensa[310].

Apesar de ter nascido numa fazenda do interior de Minas Gerais, já no ano de 1891, o pai de Maria Lacerda fora transferido para a cidade de Barbacena para trabalhar no Cartório de Órfãos, enquanto a mãe auxiliava a economia doméstica vendendo doces. Lacerda iniciou seus estudos no Asilo de Órfãos da cidade e também se formou na Escola Normal em 1904, como grande parte das meninas com quem convivia.

Casou-se logo em seguida com um pequeno funcionário, Carlos Ferreira de Moura, com quem não teve filhos, apesar de ter adotado um sobrinho e uma menina órfã. Retomou a vida profissional de professora após o casamento, em 1908, e a de jornalista em 1912, vindo a discutir publicamente a questão da educação desde pelo menos 1918, quando lançou o livro *Em torno da educação.*

Diferentemente de Rachel de Queiroz, portanto, Maria Lacerda provinha de uma classe social de poucos recursos, sendo seu pai um homem simples, livre pensador espírita e membro da maçonaria em Barbacena. No entanto, como afirma Miriam Moreira Leite: "A missão [de Maria Lacerda] de esclarecer as mulheres sobre sua situação de escravidão da família, do Estado e da Igreja foi desempenhada através de um enorme esforço autodidata e de um despojamento total das conquistas sociais que já alcançara" [311].

Mudando-se nos anos 1920 para a cidade de São Paulo, Maria Lacerda conheceu o cotidiano multiétnico dos operários paulistas, que agregava à época não só imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, mas também muitos antigos escravos ou descendentes de escravos, estigmatizados pela instituição abolida havia pouco mais de trinta anos.

Se as diferenças étnicas e linguísticas dificultaram o diálogo entre os operários paulistas no século XIX, com o tempo a situação de exploração comum acabou encontrando pontos de convergência, reunindo-os nos movimentos sindicais e nos protestos, além das festas operárias e das escolas promovidas por eles mesmos[312].

---

[310] LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.* Ensaios 112. São Paulo: Editora Ática, 1984. p. VII-VIII.
[311] LEITE, Miriam Moreira. *Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica.* Florianópolis: Editora Mulheres/ Co-edição EDUNISC. 2005. p. 34.
[312] ADDOR, Carlos. *Um homem vale um homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues.* Rio de Janeiro: Achiamé, 2012. p. 99-100.

Neste contexto de 10 a 16 horas de trabalho por dia, sem finais de semana livres, ou direitos básicos de salubridade, marcados por frequentes acidentes de trabalho, assédios sexuais e sem tempos de descanso, Maria Lacerda denunciou também a exploração do trabalho feminino e infantil e a extrema violência do cotidiano fabril[313].

Até 1928, já era possível encontrar 10 títulos de textos escritos pela anarquista mineira a partir da convivência com o cotidiano fabril e a vida operária de São Paulo[314]. Temas dificilmente discutidos por mulheres de sua época, como "a educação sexual dos/das jovens, a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito ao prazer sexual, o divórcio, a maternidade consciente e a prostituição figuram entre os mais importantes [temas], na extensa produção intelectual da polêmica escritora" [315].

Sendo assim, Maria Lacerda, com seus cabelos *à garçonne*, sobrancelhas grossas e lábios finos, tinha uma experiência política, jornalística e literária de cerca de uma década em 1928, tempo em que decidiu se isolar da sociedade paulista e experimentar uma vida libertária numa das mais antigas colônias anarquistas do Brasil.

A Colônia de Guararema foi fundada em 1888 pelo joalheiro italiano Artur Campagnoli, com a ajuda de libertários russos, franceses, espanhóis, italianos e, mais tarde, brasileiros[316]. De lá, Maria Lacerda passou a cooperar com o jornal *O Combate*, de São Paulo e a produzir reflexões filosóficas com forte influência do francês A. Néblind, seu mentor na Colônia.

Como várias das mulheres que adentraram o espaço público de seu tempo, Moura sofreu inúmeras críticas e manifestações de preconceito, além de declarações de repúdio público a suas posições. Um exemplo que marcou sua trajetória aconteceu justamente no ano de 1928, quando a pensadora anarquista passou a questionar o

---

[313] O contexto industrial de São Paulo nesta época seria descrito anos mais tarde, em 1933, num livrinho quase esquecido, por uma escritora modernista envolvida com os comunistas, chamada Patrícia Galvão (1910-1962), que dividirá o espaço da revista *Vanguarda Socialista* com Rachel de Queiroz nos anos 1940. GALVÃO, Patrícia. Parque Industrial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (1ª ed. 1933).

[314] Segundo a contracapa de *Religião do Amor e da Beleza*, são eles: *Em torno da Educação* (1918); *Por que vence o porvir?* (Conferência - 1919), *Renovação* (1919), *A Fraternidade e a Escola* (Conferência - 1922), *A Mulher e a Maçonaria* (Conferência - 1922), *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização futura* (Conferência - 1923), *A mulher é uma degenerada?* (1924), *La mujeres uma degenerada?* (Edição Buenos Aires 1925), *Lições de Pedagogia* (1925), *Religião do Amor e da Beleza* (1926), *De Amundsen a Del Prete* (1928). Moura fez escola através destes diversos livros, mas também através de conferências e artigos em periódicos como o *Jornal do Brasil*.

[315] RAGO, Margareth. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. Disponível em: http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf . Visualizado em 24/03/2013. p. 06. Ver também a crônica "Profissão de mulher", escrita por Rachel de Queiroz no *O Estado de São Paulo* em 17/08/1997, comentando os pontos positivos e negativos das conquistas femininas ao longo do século XX, onde a maternidade se torna a questão mais complexa.

[316] ADDOR, Carlos. *Op. Cit.* p. 107.

pensamento autoritário fascista que tomava conta da Europa e que possuía seus representantes no Brasil e no contexto paulista que ela bem conhecia[317].

Como uma de suas maiores reivindicações era contra correntes fascistas que se manifestavam no contexto brasileiro, Moura enfrentou uma séria polêmica com os jornais da colônia italiana de São Paulo, *Il Piccolo* e a *La Fanfulla.* "Esta polêmica chegou a movimentar estudantes de Direito, provocou comícios e o empastelamento de jornais em sua defesa" [318].

Por conta do embate, que inclusive auxiliou na divulgação do nome da pensadora mineira nos jornais de todo o país, a jovem Rachel de Queiroz, responsável pela sessão *Jazz-band* de *O Ceará,* em Fortaleza, há milhares de quilômetros, chamou Maria Lacerda de Moura para cooperar com o jornal:

> *O Ceará*, quinta-feira, 13 de outubro de 1928
> Maria Lacerda de Moura é o maior nome feminino do momento brasileiro. Marchando em pós [sic] um grande sonho, desdenhosamente incrédula das democracias, das pseudo-fraternidades, das religiões, dos grandes engodos da humanidade, porque vê mais longe e ambiciona um bem mais alto, ela já vislumbrou a verdadeira solução do problema humano. (…). Eu ainda não compreendi **o que quer** Maria Lacerda de Moura; não percebi ainda qual o objetivo total de sua Reforma. (…) Apenas compreendi **o que ela não quer**. Porque o que ela não quer e afasta eu o tenho também palpado e repelido, que isso, infelizmente nos está a tocar e a renojar diariamente (...). O Brasil que a apedrejou por vezes, aplaude-a comovido. E a mais vigorosa demonstração desse aplauso foi o gesto da mocidade paulista, nobre e generosa, que a desafrontou, que a exalçou, que caxotou a canzoada fascista ladradora e insolente, indo de encontro às polícias, às patas de cavalo, ao **dever de manter a ordem dos governos.** É por meu intermédio que Maria Lacerda de Moura envia o seu verbo para o Ceará. E isso tanto me rejubila e orgulha que o quero proclamar e espalhar e agradecer, na suprema vaidade de com a minha interferência, - de moço de recados, embora – de com minha interferência, colaborar também na sua obra de Evangelização e Beleza.
> Rachel de Queiroz[319].

Neste comentário jornalístico, alguns ideais da jovem cearense admitem dialogar com o discurso da experiente mineira. Apesar de confessar não entender bem o programa - aliás, crítica muito comum na época aos escritos de Maria Lacerda -, Rachel se dispôs a compreendê-lo pela negativa, com a qual concorda.

No entanto, como não poderia deixar de ser, "ambas mulheres, ambas escritoras, ambas senhoras de brilhante talento, ambas padecentes de involuntária sofistaria…", afirmou o colunista Políbio, da *Gazeta de Notícias,* de Fortaleza, Ceará, a 19 de outubro de 1928. E continuava:

---

[317] Entre 1928 e 1937, inclusive, "pronunciou as conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas; teve o encontro com Luís Carlos Prestes, exilado em Buenos Aires; fez conferências pacifistas e auxiliou a desencadear a campanha antifascista em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba". LEITE, Miriam Moreira. *Op. Cit.* 1984. p. X.
[318] LEITE, Miriam Moreira. *Op. Cit.* 1984. p. 57-58.
[319] Toda a polêmica relativa a Rachel e Maria Lacerda de Moura está concentrada no álbum de D. Clotilde. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS. [grifos do original]

> Educada [Rachel de Queiroz], embora, em um meio espiritualmente acanhado, como o nosso, onde os homens pensam mal e as mulheres não pensam de maneira alguma, a revolucionária cearense não trepida em atirar ao aposento dos trastes imprestáveis instituições, normas e ideais que, para o povo de sua e nossa terra, constituem a suprema aspiração dos que, no mundo moral, alguma coisa aspiram (…)[320].

Na sequência do artigo, repetindo uma crítica que circulava em toda a imprensa contrária a Maria Lacerda, o jornalista Teodoro Cabral (1891-1955), dono do pseudônimo, destacou o ímpeto de destruição dos dizeres da pensadora mineira. Ao mesmo tempo, condenou suas propostas como vagas e imprecisas, apesar de vindas de "duas almas boas, generosas e dedicadas, que sentem horror às cruas vulgaridades da vida", ironicamente falando, claro.

O conhecido envolvimento de Moura com correntes anarquistas e comunistas paulistas nos anos anteriores a 1928, portanto, acabou por associá-la à visão estereotipada deste tipo de movimento. Foi assim que Políbio julgou e acusou sua filosofia de optar pela "destruição", sem construção[321].

É este medo o que revela o articulista da *Gazeta de Notícias* no artigo crítico a Maria Lacerda e a Rachel de Queiroz no ano de 1928, um medo da palavra "revolução". O autor afirma que seria muito bonito poder modificar todas as injustiças e estabelecer uma sociedade mais "bela". Mas "gemendo, chorando ou rindo, o que é mais filosófico, temos de adaptar-nos ao planeta que nos coube por sorte" [322].

"Para que o movimento revolucionário gere progressos e produza vantagens, a primeira necessidade é que os revolucionários ou reformadores de antemão tenham traçado o seu programa de atividade", afirmava Políbio. Mais uma vez, o articulista enfatizava a falta de objetivos claros no "programa" de Maria Lacerda, demandando da autora e, consequentemente, de sua defensora, Rachel de Queiroz, um programa claro de definição doutrinária.

No entanto, exigir um "programa de ação" é quase exigir um projeto de governo para alguém que questiona a própria noção de Estado e de governo. O anarquismo de Moura, intrinsecamente permeado pelas discussões de gênero de seu tempo, não cabia

---

[320] POLÍBIO. Ecos & Fatos. *Gazeta de Notícias.* Fortaleza, Ceará. 19/10/1928. A coluna em que escreve Políbio, chamada *Ecos & Fatos* foi uma das mais populares da cidade de Fortaleza à época.
[321] Sobre anarquismo e violência, ver a introdução de WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários.* Vol. I. Porto Alegre: L&PM, 1983.
[322] POLÍBIO, *Op. Cit.* AIMS.

em definições cartesianas de "programas de ação". Mas foi justamente por este viés que a escritora mineira mais se sentiu cobrada em sua trajetória política[323].

Assim instaurou-se mais uma polêmica. E quem a encarou não foi Maria Lacerda, muito pelo contrário, foi Rachel de Queiroz. Logicamente, o que estava em discussão não eram somente os artigos da escritora mineira a serem publicados no *O Ceará*, mas também a legitimidade da voz feminina política neste periódico e a autoridade da jovem Rachel de Queiroz. Ao atacar o pernosticismo e a inconsistência dos argumentos de Lacerda e Queiroz, Políbio reforçava os argumentos que durante muito tempo mantiveram as mulheres fora do campo de atuação e discussão política.

Por mais cerca de cinco artigos e dez dias de polêmica, Políbio desafiou Rachel de Queiroz a provar seus conhecimentos sobre a obra e os ideais de Maria Lacerda de Moura, incitando-a a demonstrar sua capacidade argumentativa, moral e política sobre o assunto. A jornalista cearense, por sua vez, cedeu à provocação e, num ímpeto quase inocente, de quem está disputando espaço num campo intelectual hostil, passou a resumir e citar cada um dos livros e alguns artigos publicados por Maria Lacerda de Moura até então.

Religião do Amor e da Beleza, talvez o livro mais importante de Maria Lacerda, foi citado página por página por Rachel de Queiroz, o que demonstra leitura atenta. Não seria uma coincidência comparar o destino de grande parte das protagonistas dos romances publicados por Rachel até 1939 ao sentimento de solidão afirmado por Moura na introdução do livro:

> Se a natureza me condenou à esterilidade do seio materno, num assomo de brutalidade que o vácuo do meu peito não perdoa, eu tenho necessidade de derramar os tesouros desse afeto, reservado para os meus filhos, noutros corações, e daí o meu grande ideal que extravasa da palavra e da pena, como se fosse possível uma criatura sozinha trazer a felicidade para dentro de todos os corações[324].

Moura nomeia seu livro de "Utopia", valorizando terem-na chamado criticamente de "ingênua", pois "ingênuos são todos os apóstolos e paladinos da causa do Ideal, ingênuos são os descobridores, os cientistas das verdades inéditas, os profetas, os

---

[323] Em *Um quarto todo seu* (1929), Virginia Woolf comenta a questão educacional que tanto limitou a escrita das mulheres ao longo do tempo. As mulheres, até pelo menos o século XIX, a não ser que fossem rainhas ou muito ricas, dependiam exclusivamente de seu autodidatismo para aprender a escrever e argumentar, pois não aprendiam as regras da retórica e da lógica, não estudavam filosofia, direito ou oratória. Da mesma forma, no Brasil do século XX, o aprendizado destas duas mulheres, Rachel e Maria Lacerda, terminou com a Escola Normal voltada para o ensino feminino. Criticá-las por não se expressarem em termos formais e lógicos era, portanto, a melhor maneira de menosprezar seus argumentos.

[324] MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do Amor e da Belleza.* São Paulo: Editora Pensamento, 1929. p. 12. AFBN.

clarividentes, as cabeças que as massas levantam...". Não por coincidência, em 1929, Rachel de Queiroz escreveria no prefácio de seu primeiro romance: "Respeitável público: *O Quinze* é uma ousadia ingênua de ensaísta".

Como muitas mulheres intelectuais de seu tempo, Rachel de Queiroz acompanhou as discussões de ponta difundidas por Maria Lacerda de Moura, por sua vez, atenta aos recentes debates europeus acerca da condição feminina, do mundo do trabalho e da exploração social[325], questionando o preconceito contra as mulheres, inclusive no interior dos próprios movimentos libertários[326].

Além disso, Rachel compartilhou com Maria Lacerda a reivindicação comum do anarquismo brasileiro deste momento, no que tange à crítica ao caráter classista do Estado e às correntes fascistas e a denúncia do caráter fraudulento do sistema eleitoral[327].

Encerrando-se a polêmica, em 18 de novembro de 1928, e por conta do aniversário de Rachel de Queiroz no dia anterior, a pensadora anarquista mineira escreveu uma carta aberta para o periódico *A manhã*, dizendo: "Minha nobre amiguinha Rachel de Queiroz (…). Bela estreia de polemista! E o meu infinito reconhecimento pela sua atitude admirável ante os ataques de que fui alvo. Não sei o que disseram de mim e nem mesmo me interessa o ataque ou o jornalista. Mas o seu gesto me encantou"[328] . Ao longo do artigo, Moura apresentou e defendeu seu programa que, afirmava não querer estabelecer uma doutrina fixa ou um propósito definido; muito pelo contrário, orgulhava-se de sua indefinição.

No entanto, apesar de trocar correspondências com Rachel em 1928, os textos de Maria Lacerda sobre o filósofo Han Ryner e o amor plural[329] foram publicados apenas em 1930 no jornal *O Ceará*, e provavelmente lidos por Rachel de Queiroz. Ainda em 1929 ela manteve contato com Moura, pois ofereceu ao jornal *O Povo* um exemplar do

---

[325] E que constituíram suas fontes de informação – Nietszche, Forel, Ellen Key, Marguerite Albana, Federica Montseny.
[326] MOURA, Maria Lacerda de. *Op. Cit.* p.74.
[327] TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.* p. 65.
[328] MOURA, Maria Lacerda de. Carta aberta aos dezessete anos maravilhosos de uma cearense. *O Ceará.* 18/11/1928. "Especial para *A Manhã*". Álbum D. Clotilde. AIMS.
[329] Segundo Edilene Toledo, várias correntes anarquistas estiveram em disputa no começo do século XX no Brasil (stirnerianos, tolstoianos, kropotkianos, malatestianos etc), sendo que o maior alvo de críticas era o individualismo exagerado de Max Stirner (TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.* p. 69), também chamado "anarquismo egoísta". Segundo Toledo, este anarquismo se aproximaria dos principais alvos da crítica anarquista, que é o pensamento liberal. No entanto, em http://hanryner.over-blog.fr/article-ryner-au-colloque-stirner-84375392.html (Acesso em 09/12/2013) vemos uma diferenciação entre o individualismo de Stirner e o de Ryner, considerado este último um "anarquismo harmônico" e não "egoísta".

último livro da anarquista mineira, entregue a ela, criticando a ideologia fascista italiana no Brasil [330]. Em 1933, Rachel de Queiroz participaria da mesma editora onde Moura publicava seus livros. Mas esta é outra história, e o caminho é longo até lá.

Para além da polêmica estabelecida em 1928 nos jornais cearenses em relação a Maria Lacerda de Moura constituir um testemunho das tramas envolvendo o campo intelectual entre homens e mulheres no começo do século XX no país, as fontes também demonstram o contato que a jovem Rachel de Queiroz teve com o pensamento anarquista e antifascista de sua época e, especialmente, o pensamento de Maria Lacerda de Moura.

Como foi visto, as reflexões da escritora mineira se desenvolveram em múltiplos focos, que abrigavam desde a luta contra a opressão do Estado, da Igreja, dos partidos políticos e do capitalismo, até a crítica ao sistema oligárquico brasileiro, a luta pela emancipação feminina e individual e, principalmente, a luta antifascista. Todos estes aspectos marcaram sobremaneira a juventude racheliana, pois estavam em diálogo com as reivindicações dos círculos de esquerda cearense que Rachel frequentava nesta mesma época.

Flerte com o comunismo

No mesmo ano em que convidou Maria Lacerda de Moura para escrever para o jornal *O Ceará*, Rachel de Queiroz participou da fundação do *O Povo*, situado então na Praça General Tibúrcio 158, em Fortaleza. Em 1928, Jader de Carvalho já tinha lido toda a literatura de revolta - Máximo Górki, Marx, Engels e Lenin. Envolvido que estava com a ideologia socialista, Jader fundou o periódico *A esquerda* e, em seguida, *O Combate*, ambos altamente críticos à estrutura oligárquica da primeira República[331].

Retomando, portanto, a história contada até aqui: diplomada professora em 1925, Rachel passou os anos de 1926 e 1927 na fazenda do Junco, em Quixadá, e na casa do Benfica, antes de se mudar para o Pici, em fins de 1927. No descanso bucólico e no espaço que ficou vago depois dos anos de escola, Rachel leu tudo que vinha à mão, como o filósofo Max Nordau e suas *Mentiras convencionais da nossa civilização*

---

[330] Maria Lacerda de Moura: mais um livro da vibrante escritora paulista [sic]. *O Povo.* 17/04/1929. ABPF.

[331] LEAL, Ângela de Barros. *Op. Cit.* p. 32. Jader será um dos amigos de Rachel de Queiroz a combater o integralismo de Plínio Salgado nos anos 1930, a candidatar-se deputado federal com Rachel pela FUA em 1934 e a ser preso pelo Estado Novo de Vargas ainda em 1943.

(1886), com ácidas críticas à hipocrisia da sociedade moderna, além de Barbusse e os russos, Dostoievski, Gorki, Tolstoi, "e, por isso, socialismo, revolução russa, comunismo, e até mesmo marxismo propriamente dito, já me eram então assuntos familiares" [332].

Não é à toa que, em janeiro de 1927, Rachel escreveu a famosa carta à rainha dos estudantes que a inseriu na redação do jornal *O Ceará,* e onde já falava em "sovietes estudantis" lembrando a Revolução Russa de 1917. As notícias políticas, no plano internacional, sobre o leninismo e o stalinismo a partir de 1924, além das reivindicações políticas da Coluna Prestes, o cangaço de Lampião e o mito de padre Cícero no plano nacional, povoaram a imaginação juvenil de Rachel neste momento, como foi visto.

O encontro com a literatura de Maria Lacerda de Moura e com o círculo dos jornalistas envolvidos com o comunismo em Fortaleza, portanto, foi uma sequência no envolvimento da autora com a crítica à situação política que o Brasil vivia e que era muito discutida também no círculo familiar.

Nesta direção, os primeiros escritos políticos rachelianos demonstram uma aproximação ideológica com o socialismo libertário a partir de 1927, mas, apesar do contato direto com Maria Lacerda de Moura, esse anarquismo não se tornou militância na prática, devendo ser destacada, porém, a importância das questões de gênero despertadas por Moura no coração juvenil de Rachel de Queiroz.

Por outro lado, já em fins de 1928, a opção pela ideologia comunista se tornou mais clara na mente de Rachel. Esta corrente também viria a predominar como corrente ideológica no movimento operário cearense, em lugar do anarcossindicalismo[333].

Ou seja, o imaginário comunista passou a circular cada vez mais nos lugares de sociabilidade e de troca de informações entre operários, artistas e estudantes cearenses: livrarias, tertúlias, aulas noturnas, cafés, bodegas, mercados, feiras, quermesses, missas, praças, procissões, festivais, nas comemorações do 1º de maio, no cinema, nas

---

[332] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 41.

[333] Em 1924, credenciado na Internacional Comunista, o Partido do Brasil (PCB) passou a receber maior influência da ideologia bolchevique e do stalinismo que se ampliava cada vez mais após a morte de Lenin no mesmo ano. Em 1926, a situação do Partido se agravou com a lei que inibia a organização operária. Até então o PCB tinha trabalhado em regime de Frente Única para atuar contra a lei mas, depois dela ter sido aprovada, alguma estratégia seria necessária para continuar a atuação comunista na organização do movimento operário. E foi justamente nesta época, segundo Ribeiro (1989), que o PCB passou a ter maior influência no Ceará. Os primeiros trabalhadores a tomarem conhecimento das articulações que o PCB fazia no Recife e no centro-sul começaram a se reunir na antiga sede da União dos Pedreiros do Ceará em 1926 para discutir a plataforma política dos comunistas e a possibilidade de formar um Bloco Operário para concorrer às eleições de 1927 em caráter nacional.

apresentações de grupos amadores de teatro, na escolha da "rainha dos caixeiros", "rainha dos estudantes", "rainha dos operários", na formação de times de futebol etc[334].

Foi justamente nesta época, quando o governo do presidente Washington Luís mais reprimiu os movimentos operários em todo o país e perseguiu os filiados a Blocos Operários, que Rachel conheceu alguns de seus membros, dos quais recorda o pedreiro Oliveira, "um dos participantes mais ativos e interessados". Havia também "um rapaz de olhos verdes de cujo nome não me lembro, empregado na Estrada de Ferro. E, principalmente havia o meu amigo, Laudomiro Pereira, bancário, muito culto, já absolutamente politizado" [335].

Atuando como professora na Escola Normal, jornalista na capital do estado, conhecida das rodas modernistas e socialistas, Rachel de Queiroz candidatou-se a Rainha dos Estudantes Cearenses, o mesmo concurso que ela havia ironizado em 1927, por conta da eleição de Suzana de Alencar Guimarães. Na verdade, se forem consultados os jornais *O Ceará* e *O Povo,* ver-se-á que Rachel, talvez mesmo contra sua vontade, já fora candidata à coroa desde 1928, tomando à frente somente nas eleições que começaram em início de 1930.

Ao mesmo tempo a jovem Rachel arriscou uma nova forma literária, iniciada nas madrugadas de fins de 1929, quando escreveu sob a luz de um lampião aquele que viria a ser seu romance consagrador, *O Quinze.* Conta a autora que estava sobre regime de cuidados excessivos, por conta de uma congestão pulmonar que poderia até desenvolver uma tuberculose, a famosa doença da juventude boêmia do entresséculos[336].

Nestes dias de repouso escreveu em pouco tempo um romance de cento e poucas páginas, em cadernos escolares e a lápis, relatando as consequências da seca de 1915 para alguns grupos de diferentes classes sociais: "quando toda a casa sossegava, mamãe dormia, todo mundo dormia, eu pegava um caderno, um lápis, vinha para a sala, o farol era no chão, eu me lembro daquelas tábuas lavadinhas, lavada com a areia da praia, ficava tão cheirosinho o assoalho, eu me deitava de barriga no chão e escrevi todo *O Quinze* a lápis"[337].

O Quinze foi concebido numa época em que Rachel já tinha informações e engajamento suficientes na ideologia comunista, mas nunca se pretendeu enquanto

---

[334] GONÇALVES, Adelaide. *Op. Cit.* 2007. p. 264-265.
[335] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 43.
[336] Ver: ACIOLI, S. *Rachel de Queiroz.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. Também: Programa Frente a Frente com Arnaldo Niskier. *Rede Vida.* s/d (provavelmente 1998). https://www.youtube.com/watch?v=F6Wl0vzRhLM Acesso em 25/04/2014.
[337] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 20/21.APIL.

romance engajado. Era baseado no relato oral dos caboclos com quem Rachel conversava na fazenda, além de sua própria experiência: "A partir dos dados da tradição oral, das histórias que eu ouvia desde pequena, foi possível imaginar as situações e criar as cenas descritas"[338].

Foi com muito custo que Rachel mostrou o magro romance a seus pais. Estes, sentiram que ali havia um romance de verdade e não mais um texto de estudante. Em seguida foi a vez de Beni Carvalho e Antônio Sales lerem o texto. O Dr. Daniel comprou uma maquininha alemã, uma Corona de segunda mão, e Rachel datilografou todo o livro:

> O Quinze é uma ousadia ingênua de ensaísta. Livro feito aos dezenove anos, há de ter todos os defeitos daquilo que a gente produz nesta idade em que estou, quando não se tem a sossegada prudência de ir devagar para fazer bem feito, quando nos governa a impaciência insofrida de não esperar, de ver o nosso pensamento, mal é concebido, logo escrito, impresso, disseminado, cotejado com outros alheios, fazendo parte do patrimônio mental da humanidade...[339].

Foi por insistência do Dr. Daniel, segundo conta Rachel, que levaram o livro para o doutor "Camarão", na Tipografia Urânia, a mesma que editara *O canto novo da raça*[340]. Rachel não tinha coragem ainda para mandar o livro para uma editora no Rio de Janeiro[341]. A capa foi feita por um amigo, que carregou o tom num vermelho alaranjado, representando em destaque o contorno de uma cruz ao centro, o que parecia contraditório em se tratando de uma jornalista conhecida, que escrevia até para *O Condenado.*

O custo da impressão dos mil exemplares foi de mais de dois contos de reis, pagos pelo Dr. Daniel com a promessa de que seria recompensado assim que possível pela escritora estreante. Assim, em junho de 1930 já se poderia ver estampado no periódico *O Povo* a propaganda d' "O Romance de Rachel de Queiroz", tendo como vendedora exclusiva a Livraria Moraes, a 6000 reis[342].

---

[338] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto: Funpec Editora, 2002. p. 68.

[339] Prefácio da primeira edição de QUEIROZ, R. de. *O Quinze.* Fortaleza: Ed. Graphica Urânia, 1930. AJAB.

[340] Ver também: QUEIROZ, Rachel de. Moços e Livros. *O Cruzeiro.* 28/02/1959. p. 130. AFBN: "Vai fazer vinte e oito anos que aconteceu esta história: uma rapariga de Fortaleza, Ceará, acabou de escrever o seu livrinho e, como é natural, pensou em editá-lo. Já nesse tempo havia grandes editores, mas quem era ela para interessar editoras? A mocinha conhecia o seu lugar. E então arranjou dois contos de réis com que pagou à saudosa "Gráfica Urânia" uma edição de mil exemplares, e pôs na rua o que ela entendeu de chamar 'romance' – um volume muito feinho, com uma espantosa capa vermelha".

[341] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 21.APIL.

[342] Como curiosidade: também no ano de 1930, a escritora Dinah Silveira (1911-1982), casou-se com Narcélio de Queiroz, primo de Rachel de Queiroz, filho do tio Batista. Narcélio morava no Rio de Janeiro

No mesmo mês, o Salão Cariry realizou um baile em homenagem à "escritora Rachel de Queiroz e senhorinha Alba Frota", promovido pelo casal Dr. Leão Sampaio, com grande número de famílias e onde Rachel recitou inúmeros versos de sua autoria[343]. Para completar, em vinte e seis de julho, Rachel foi coroada Rainha dos Estudantes Cearenses, no salão da Escola Normal Pedro II[344]. Mais de mil convites foram distribuídos, as autoridades e a imprensa tendo lugares garantidos, e a recepção ficara por conta das normalistas:

> Raramente se tem visto nesta capital público mais numeroso do que o da noite de 26 na Escola Normal. O edifício não pôde conter toda a assistência, em que era maior o número de senhoras e senhorinhas. Além da multidão que se comprimia na praça do Colégio, o vestíbulo, os corredores e os salões do palacete regurgitavam de pessoas. Na sala do trono, estavam presentes o Sr. Presidente do Estado, o Dr. Hypolito de Azevedo, diretor da Escola, o coronel Edgard Facó, comandante do Regimento Militar, altas autoridades federais e estaduais, magistrados, professores, representantes da imprensa e grande número de excelentíssimas famílias e estudantes de todas as escolas[345].

Neste evento, diversos discursos foram feitos, inclusive pelo modernista cearense Filgueira Lima, e por um partidário do simbolismo, o jornalista Renato Viana, um dos que seriam responsáveis por ajudar Rachel a divulgar seu romance em outros estados do país.

Durante as várias elocuções feitas no evento, *O Quinze* foi mencionado e elogiado e Rachel de Queiroz exaltada como a representante maior do que significava a "mocidade" naquele contexto "caótico" em que se vivia, marcado pela crise econômica e política e pelo discurso nacionalista inflamado: "Sois vós, Estudantes, os Brasileiros que o Brasil está esperando para não morrer. Caminhai depressa. O Brasil precisa urgentemente da vossa mocidade, das vossas forças, dos vossos ideais..."[346].

Na "fala do trono", Rachel de Queiroz pronunciou um rápido, mas significativo discurso, resgate do significado simbólico daquela coroação em relação à sua tradição familiar:

---

e fora secretário do presidente Washington Luís e, em seguida, desembargador, vindo a falecer em 1961. Dinah e Rachel foram muito amigas e ambas envolveram-se na polêmica da entrada das mulheres para a ABL nos anos 1970.

[343] *O Povo.* 18/06/1930. s/p. ABPF.

[344] *O Povo.* 26/07/1930. s/p. ABPF.

[345] *O Povo.* 28/07/1930. p. 04. ABPF.

[346] VIANA, Renato. Discurso. *O Povo.* 28/07/1930. p. 04 e p. 07. ABPF.

> Quando, há quatro anos atrás, Suzana de Alencar Guimarães, cingiu a coroa de Rainha dos Estudantes, pela primeira vez apareci em público, protestando alegremente contra este título de *Rainha* que surgindo assim, anacronicamente, envolto nos arminhos de seu manto e sob o peso heráldico da coroa, se vinha misturar à simplicidade burguesa do nosso democrático barrete frígio. Talvez falasse em mim o sangue revolucionário desses meus numerosos avós que sacrificaram bem estar e vida por aquela magnífica utopia de 1824. Talvez a chama que inflamou em Tristão o sagrado ardor de rebelado e guerreiro, e o arrastou à sangrenta tragédia de Santa Rosa, reaparecesse na neta, abrandada pelo longo sono de mais de um século, apenas sob a forma amena e cômoda de inócuos cavaqueios literários[347].

Interessante perceber que, quase setenta anos depois, a memória racheliana sobre este evento seria outra, um tanto diferente. Em *Tantos Anos,* Rachel afirma que na hora em que estava sendo coroada, no salão de honras da Escola Normal, "vestida num longo de cauda, feito uma espécie de cetim pesado, cor de pérola", quando estavam colocando a coroa em sua cabeça, entrou um rapaz do Liceu, correndo fardado e contando que João Pessoa tinha sido assassinado no Recife:

> Com o alvoroço daquela notícia da morte de João Pessoa, a minha coroação ficou tumultuada, interrompeu-se tudo: eu tirei a coroa com uma das mãos e com a outra apanhei a saia, fui para o meio da confusão e a coroação acabou virando comício, com o pessoal fazendo discursos. O presidente do Estado, Matos Peixoto, que presidia a cerimônia, chamou papai e mamãe, me pegaram e me levaram para o carro oficial: realmente, eu ali, fantasiada de rainha, no meio daquele furdunço todo, estava meio esquisito. E as flores, os bolos, os presentes, foi tudo de roldão para o Pici, e acabou que João Pessoa estragou a minha festa[348].

De fato, o assassinato do ex-candidato à vice-presidência da República, João Pessoa, se deu no mesmo dia 26 de julho de 1930 e deve ter significado muito para aquela juventude reunida na Escola Normal e fervilhante de rebeldia. No ano anterior, o então presidente paulista Washington Luís sugerira como seu candidato à sucessão presidencial o governador de São Paulo, Júlio Prestes, contradizendo as predições da política do café-com-leite que costumava revezar candidatos de Minas Gerais e de São Paulo.

Por iniciativa dos mineiros, então aliados ao Rio Grande do Sul, formou-se uma coligação partidária oposicionista intitulada Aliança Liberal (AL), lançando a candidatura de Getúlio Vargas, um eminente político gaúcho de família oligárquica tradicional que fizera parte do ministério de Washington Luís[349]. Para vice, a AL

---

[347] *O Povo.* 28/07/1930. p. 07. ABPF.

[348] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 31.

[349] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 43. Getúlio Vargas (1882-1954) foi chefe da bancada gaúcha na Câmara dos deputados durante o governo de Artur Bernardes e ministro da Fazenda do governo de Washington Luís. Foi eleito em 1927 para o governo do estado do Rio Grande do Sul. Seu objetivo, a princípio, foi tentar diminuir o conflito entre os membros do PRR e os da Aliança Libertadora gaúcha, que vinham em disputas e guerras civis desde 1922. Os acordos que conseguiu fazer entre os dois grupos repercutiriam após os anos 1930, quando Vargas se tornou presidente da República (FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* São Paulo: Editora Edusp, 1995. p. 317). No sentido contrário do

escolheu João Pessoa, governador da Paraíba e sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa.

A Aliança era, assim, uma verdadeira colcha de retalhos; nela incluíam-se "oligarcas dissidentes", ex-presidentes como Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Venceslau Braz, e tenentes que haviam participado da Coluna Prestes como Juarez Távora, João Alberto, Eduardo Gomes, Cordeiro de Faria e Siqueira Campos. Naquela época, a bandeira dos tenentes era a favor da educação pública obrigatória, da reforma agrária e da adoção do voto secreto; além de considerarem-se antioligárquicos e proporem um novo lugar para o Exército[350].

> A despeito de sua heterogeneidade, no ideário da Aliança Liberal estavam presentes temas relacionados com justiça social e liberdade política. Os aliancistas propunham reformas no sistema político, a adoção do voto secreto e o fim das fraudes eleitorais. Pregavam anistia para os perseguidos políticos e defendiam direitos sociais como jornada de oito horas de trabalho, férias, salário mínimo, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Propunham também a diversificação da economia, com a defesa de outros produtos agrícolas além do café [351].

O fato é que em 1º de março de 1930, Júlio Prestes foi eleito presidente da República com maioria considerável e, apesar dos oligarcas da Aliança Liberal terem aceitado o resultado, jovens com ambições políticas como Oswaldo Aranha, Virgílio de Melo Franco e Lindolfo Collor juntaram-se a alguns tenentes para promover uma revolução contra o sistema oligárquico paulista, que mais uma vez reinara nas urnas.

A AL, porém, não teria provocado tanto tumulto se o incidente de 26 de julho de 1930 não tivesse acontecido. Enquanto Rachel de Queiroz celebrava sua coroação como Rainha dos Estudantes na cidade de Fortaleza, a alguns quilômetros dali, em Recife, o ex-candidato à vice-presidência pela oposição, João Pessoa, foi assassinado. O crime era resultado de motivo passional, mas foi visto na época como uma artimanha de inimigos

---

RS, em São Paulo em 1929, o principal partido, o PRP, fragmentava-se cada vez mais. Para maiores informações, ver o verbete sobre Getúlio Vargas escrito por Paulo Brandi em: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, disponível em http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb.

[350] Para Boris Fausto (*Op. Cit.* 1995.p. 319), o programa da Aliança Liberal refletia as aspirações das classes dominantes regionais não associadas ao núcleo cafeeiro e tinha por objetivo sensibilizar a classe média. Caravanas liberais lideradas pela juventude percorreram várias cidades do Nordeste e, no Ceará, tiveram o apoio de Demócrito Rocha. Em São Paulo, as massas proletárias juntaram-se à burguesia para aplaudir Getúlio Vargas. Com a crise econômica de 1929, o setor cafeeiro endividado foi mais um a ficar insatisfeito com a política do governo federal, que recusou conceder empréstimos financeiros. Isto, no entanto, não significou necessariamente o bandeamento destas oligarquias para o lado da oposição.

[351] PANDOLFFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-37. p. 16.

políticos[352]. Era o estopim que faltava para a Aliança Liberal ganhar mais adeptos e sair às ruas em outubro de 1930[353].

Já os comunistas brasileiros, com os preparativos do Secretariado Sul Americano (SSA) para o VI Congresso da Internacional Comunista em Moscou a partir de 1929, mudaram as diretrizes que tinham defendido até então e que incluía a possibilidade de alianças com a burguesia em prol da revolução social. Agora, no entanto afirmavam que:

> Em lugar disso, passa a ser destacado, como principal aliança da classe operária, o papel das massas camponesas e da revolução democrático-burguesa centrada na luta contra o latifúndio e o imperialismo. Nessa acepção, o BOC deveria configurar uma frente política de organizações operárias e camponesas sob direção dos comunistas, aberta a alianças ocasionais e pontuais com a pequena burguesia[354].

Mesmo tendo procurado alianças com os tenentes em fins dos anos 1920 com intuito belicoso, em 1930 os comunistas defendiam que a revolução que se deflagrava não passava de uma luta entre o imperialismo inglês e o norte-americano no que seria a agonia final do capitalismo, inevitavelmente desembocando em nova revolução das massas. Nesta época, e por conta de mudanças na Internacional Comunista, a relativa autonomia que o partido adquirira até então começou a ser cada vez mais minada[355].

Para os pecebistas mais radicais, Luís Carlos Prestes, herói da Coluna, ainda era visto como uma figura "pequeno-burguesa" [356], mesmo que ele também tivesse negado

---

[352] João Pessoa era à época governador da Paraíba, mas enfrentava forte oposição no estado. Para acabar de vez com seus inimigos políticos, deu ordem à polícia para que invadisse e apreendesse documentos de seus oposicionistas, entre eles, o jornalista João Duarte Dantas. Na casa foram encontradas cartas trocadas entre Dantas e sua amante, a professora Anayde Beiriz. As cartas foram imediatamente publicadas na imprensa, sujando a "honra" de Anayde e de seu amante. Este, a princípio, teria sido motivo suficiente para que o jornalista viajasse a Recife e assassinasse João Pessoa. Sobre as representações da história de Anayde ver a tese de ESTEVES, Flávia Cópio. *Reinventando o político nas telas: Gênero, memória e poder no cinema brasileiro (décadas de 1970 e 1980).* Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2013. 338p. p. 174 a 242.

[353] O comando geral do movimento armado foi entregue ao tenente-coronel alagoano Góes Monteiro que, ironicamente, havia combatido a Coluna Prestes no interior do Nordeste na década de 1920. Seu ex-inimigo, Juarez Távora, foi quem, a partir da Paraíba, instaurou o Governo Provisório em Pernambuco, no Ceará e em todo o Nordeste, enquanto os revolucionários invadiam São Paulo e o Distrito Federal, empossando Getúlio Vargas em 03 de novembro de 1930, com grande apoio popular.

[354] DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.) *As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 223-248. p. 241.

[355] É a partir dessa época que os principais fundadores do Partido, Astrogildo Pereira e Otávio Brandão, passam a ser vetados em suas funções. Ver: VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-105. p. 71.

[356] DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1934):* um ensaio de interpretação histórica. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013. p. 100. Demier ainda afirma que as revisões feitas pela IC serviram

apoio aos tenentes da AL e às oligarquias dissidentes, afirmando-se um socialista revolucionário[357].

Neste sentido, tampouco o pequeno círculo de simpatizantes comunistas do qual Rachel de Queiroz fazia parte, apoiou a revolução de 1930, pois segundo lembra a autora, a revolução era considerada '"absolutamente burguesa, sem característica social'" [358].

No entanto, ao contar este episódio nos idos dos anos 1990, Rachel "esquece" que em 1930, ela era chamada "maravilha", quer dizer, fazia parte dos círculos sociais que eram próximos ao governador cearense Matos Peixoto. Inclusive, volta e meia, comparecia até no palácio do governo[359].

***

Lançado *O Quinze* na capital cearense, e após as confusões provocadas pela morte de João Pessoa, o governador Matos Peixoto foi deposto e Rachel de Queiroz deixou de ser funcionária da Escola Normal. Ao mesmo tempo, aproveitou para enviar cartas de recomendação escritas por Antônio Sales e Renato Vianna aos quatro cantos do país, para críticos como Mário de Andrade, Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima e outros jornalistas. Acompanhando as cartas iam alguns dos 1000 exemplares impressos do "romance ingênuo" da ensaísta.

---

também como armas políticas "na cruenta luta contra o trotskismo levada a cabo pela burocracia estalinista".

[357] FAUSTO, Boris. *Op. Cit.*, 1995, p. 322. Nesta época, Prestes já teria contato com o fundador do PCB, Astrogildo Pereira, e com membros do PC argentino e uruguaio, mas manteve uma posição personalista até 1934, quando se filiou oficialmente ao PCB.

[358] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 39. É interessante pensar que, para Facó, o movimento de 1930 vai ser o grande fator desmobilizador dos coronéis do NE, sendo eles desarmados e submetidos a interrogatórios, pegando-lhes as armas e às vezes, a terra. "Os coronéis como que haviam pressentido a tendência acentuadamente burguesa do movimento de 1930 (...). Desde a primeira hora haviam lutado contra os revolucionários da Aliança Liberal". Se Rachel, nos anos 1990 diz que não apoiou a revolução porque ela fazia parte da esquerda que via nos revolucionários apenas burgueses, será que ela não está esquecendo o fato de que ela não apoiou a Revolução também porque a família dela fazia parte de uma oligarquia? Facó argumenta a decadência destes senhores de terras e muitas vezes suas humilhações frente à polícia e a funcionários do novo governo: "Não julgue, por isso, que houve uma ruptura completa e definitiva entre a burguesia e o latifúndio". Para Facó, o domínio passa para a mão das classes liberais, como bacharéis e médicos, "Mas na realidade, estes elementos não passam, muitas vezes, de simples prepostos dos coronéis, ou, no melhor dos casos, de conciliadores de interesses entre o coronelismo e a burguesia comercial local". FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (1ª ed. 1950). p. 213.

[359] DANTAS, Pedro. A questão de confiança. *Diário de Notícias.* 31/01/1958, p. 04: "Era governo – foi nos fins da República Velha – o professor Matos Peixoto. E a nossa grande Rachel fazia parte do governo dos frequentadores do palácio – o grupo chamado das "maravilhas". O nome, salvo engano, foi dado pelos adversários do governo, que sofria o combate de uma oposição feroz, e aceito, ostentado num desafio. Rachel foi "maravilha", pela primeira vez, nesse sentido político e em luta regional que alcançou repercussão federal das mais vivas".

No Ceará, as opiniões se dividiram. Assim que *O Quinze* saiu nas bancas, a veterana feminista, Henriqueta Galeno, foi uma das primeiras a parabenizar a jovem autora. Mesmo sabendo que o círculo de jornalistas próximos a Rachel viva debochando dela e das outras feministas[360], promoveu um baile em sua homenagem:

> Festejando o aparecimento do apreciado romance *O Quinze,* o salão Juvenal Galeno abrirá hoje suas portas para recepcionar a escritora Rachel de Queiroz, realizando-se ali brilhante serão literário-musical em homenagem à jovem e talentosa beletrista [361].

O círculo de Rachel, em geral, também a apoiou e *O Povo* reproduziu as críticas que iam despontando por diversas regiões do país. Porém, segundo lembra Rachel, em Fortaleza a recepção não foi tão boa assim. Alguns disseram que a impressão era ruim e o papel inferior, outros insistiram em afirmar que o livro não tinha sido escrito por ela, mas por seu pai[362].

Netto Júnior, do *O Nordeste,* e Teodoro Cabral, da *Gazeta de Notícias* - os mesmos que já haviam criado polêmicas com a estreante-, criticaram a incoerência da personagem Conceição e apontaram como defeito a linguagem coloquial e popular empregada no romance[363].

Por outro lado, e para surpresa destes jornalistas e de muitos outros, os críticos literários do centro-sul do país responderam positivamente às cartas enviadas por Rachel de Queiroz. A resposta deles se deu por meio dos jornais, o que fez circular o nome da jornalista cearense entre os círculos mais importantes da intelectualidade nacional. Até então a jovem tinha aparecido vez ou outra com alguns poemas publicados na revista *O Cruzeiro,* de circulação nacional[364], mas nada que a fizesse ser lembrada pelos grandes críticos.

Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)[365], jovem poeta conhecido das rodas literárias modernistas do Rio de Janeiro e dono da Livraria Católica, foi o primeiro a se

---

[360] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 18. APIL.
[361] Homenagem do Salão Juvenal Galeno à autora de *O Quinze. O Povo.* 08.08.1930. ABPF.
[362] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 35. Ver também ACIOLI, Socorro. *Op. Cit.* p. 37.
[363] Ver: *Livros Novos* (10/06/1930), *Ecos & Factos* (12/06/1930), *Em torno do aparecimento do "O Quinze"* (12/06/1930). In: Coleção Alba Frota. Recortes 1927-1967. AIMS.
[364] O poema de Rachel, *Nhengarêçaua,* tinha sido publicado em *O Povo* a 07.01.1930 e em *O Cruzeiro* em 22.02.1930 e *Renda da Terra* em *O Cruzeiro* de 23.11.1929. A revista *O Cruzeiro* fora fundada em 1928, fazia parte da rede midiática dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand e, ainda que nesta época, não fosse uma revista de grande expressão, alcançaria o posto de revista de maior tiragem do Brasil ao longo dos anos 1950.
[365] Augusto Frederico Schmidt (1906-1965) nasceu na rua Marques de Abrantes, Flamengo, filho de Gustavo e Anita Schmidt. Mudou-se aos 8 anos para a Suíça onde estudou até a morte do pai em 1916, quando sua família retornou ao Brasil, mais especificamente Juiz de Fora. Augusto mudou-se para o Rio

manifestar publicamente, no *As novidades literárias, artísticas e científicas*[366] de 18 de agosto de 1930, recém-publicado o livro:

> Dentro da nossa limitadíssima produção feminina [brasileira], não me lembro de nada que seja revelador de tanta possibilidade como esse romance escrito por uma mocinha [Rachel de Queiroz] – (não obstante algumas informações, que venho de obter, há em meu espírito ainda alguma dúvida sobre a autenticidade desses dezenove anos tão singularmente graves e compreensivos) – uma mocinha que veio, pelo menos, dar aos escritores nossos de hoje, e são raros os que não necessitam, uma lição de simplicidade (...). Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome[367].

Em seguida, um conterrâneo de Rachel, Martins Capistrano, redator-secretário do periódico *Fon-Fon*, enviou uma carta à autora, que foi publicada no jornal *O Povo*. Capistrano destacava, através de elogios, a economia da linguagem e as evocações que considerou típicas de sua terra e que faziam do livro de Rachel "um livro cearense, com todo vigor e toda a inquietação de nossa terra mártir" [368]. O romance, para ele, revelava a problematização do regional sem a necessidade da escrita naturalista exagerada sobre as mazelas da seca. A escrita do *O Quinze* era forte e direta, seca.

Em seguida, foi a vez do conhecido modernista paulista, Mário de Andrade, publicar sua avaliação no *Diário de Notícias*:

> Rachel de Queiroz, com seus divinos dezenove anos, recheada de literatura, provavelmente loquaz como todo nordestino que se preza, muito lindinha de certo, teve vontade de escrever, que é mesmo por onde a gente começa. Mas, não sei, foi escrever e não é que se esqueceu dessa impiedade luminosa que é peculiar à mocidade? Esqueceu. Escreveu um prefácio e uma citação em verso, provavelmente dela pois não traz nome de outro autor. Prefácio e verso são literatice mas da gorda. Basta dizer que a versalhada principia: "O sol, qual Moloch das lendas caducas"! O que surpreende mais é justamente isso, tanta literatice inicial se sorveter de repente, e a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, sem exagero, sem sonoridade, uma seca,

---

em 1922. Em 1924 frequentou os cafés do centro da cidade e, através das amizades que fez aí, arrumou um emprego como caixeiro-viajante em São Paulo, onde conheceu a geração dos modernistas, especialmente Mário e Oswald de Andrade, e Plínio Salgado, que tornou-se seu grande amigo. Em 1928 retornou ao RJ como empregado de uma serralheria em Nova Iguaçu e lançou seu primeiro livro de poesias. Em 1930, financiado por amigos, fundou a Schmidt Editora, que lançou Vinícius de Moraes, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Marques Rebelo, Jorge Amado, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, Hamilton Nogueira. A editora durou pouco mais de três anos. Fonte: Fundação Schmidt. www.fundacaoschmidt.com.br. A carreira de Schmidt não foi só literária e editorial, no entanto. Ao longo dos anos 1940 e 1960, integrou o quadro partidário do PSD, tendo importante atuação no apoio do partido ao mandato de Castelo Branco em 1964.

[366] A revista era editada pelo próprio Schmidt e por Jaime Ovale.

[367] SCHMIDT, Augusto Frederico. Uma revelação – O Quinze. In: *As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas* . Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 34ª edição. 1985.

[368] CAPISTRANO, Martins. Carta de Martins Capistrano para Rachel de Queiroz – 1º. De agosto de 1930. Reproduzido em *O Povo.* 20.08.30. ABPF.

> pura, detestável, medonha, em que o fantasma da morte e das maiores desgraças não voa mais que sobre a São Paulo dos desocupados. Rachel de Queiroz eleva a seca às suas proporções exatas. Nem mais, nem menos. É horroroso mas não é Miguel Anjo. E medonho mas não é Dante. É a seca. É mais que uma conversão da seca à realidade, é uma conversão à humanidade. E, talvez, impulsionada por esse maravilhoso calor do ser, Rachel de Queiroz achou jeito de humanizar tão dolorosamente o pequeno entrecho amoroso disperso no livro, que a gente se percebe dignificado, por assim dizer, justificado quando o caso se acaba, tão sublimemente proporcionado à incompetência humana. Os outros escritores da seca criaram obras-primas literárias. Como artistas, como criadores se conservam muito acima de Rachel de Queiroz. Mas essa moça inventou a obra-prima também: Obra-prima, *tout court*[369].

Raymundo Morais, escritor do Norte, publicou o artigo "Um livro de fogo" em 19 de setembro de 1930, que também foi reproduzido no *O Povo.* Destacava o poder que *O Quinze* teria em transportar o leitor para a aridez cearense, mesmo aquele leitor mais acostumado com as "beiradas marginais do aranhol hídrico". E, novamente, surgia a ênfase no estilo direto, seco: "onde há uma pedra, ela coloca a pedra; onde há uma lágrima, ela coloca a lágrima (...) a fantasia lírica não lhe perturba o enredo de modo a fazer numa troca de imagens, rosas de chagas" [370].

No centro-sul, *O Quinze* ainda recebeu a atenção dos maiores críticos do momento, Tristão de Ataíde e de Agripino Grieco[371]. Rachel, já idosa, lembra que a autoridade de Grieco neste momento poderia até mesmo acabar com uma reputação literária, de onde o pavor que ela teve quando soube que ele tinha escrito algumas palavras sobre *O Quinze*[372].

> Bom trabalho, sem dúvida, exatamente porque quase não é literatura, porque a autora, avessa a armar tempestade no tinteiro, conduziu, talvez sem pretendê-lo, uma ofensiva contra os lugares comuns da seca e do dramático cearense e, não realizando *meeting* em favor dos flagelados, realizou algo de mais humano, que o Brasil todo pode ler e entender (…) Numa adolescência graciosa de tom, a narradora surpreende-nos, não pela novidade que inventa, mas pela novidade que tira da velharia (…)[373].

---

[369] ANDRADE, Mário de. Rachel de Queiroz. In: _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005. Crônica de 14.09.1930.

[370] MORAES, Raymundo. Um livro de fogo. *O Povo.* 19.09.1930. ABPF.

[371] Também Otávio de Faria publicou sua crítica sobre *O Quinze* no periódico *O Imparcial:* "Assegura o Sr. Augusto Frederico Schmidt que Rachel de Queiroz é mesmo uma moça e que não se trata de modo algum de pseudônimo de um escritor. Como a querer dar uma prova disso, *As novidade Literárias* publicam o retrato da autora. E não o fazem sem razão. Lendo-se *O Quinze* sem saber o nome ou o sexo de quem o escreve, dificilmente poder-se-á reconhecer nele a mão de uma mulher. Há um equilíbrio geral de todos os sentimentos – sobretudo das pequenas cousas – uma economia de traços, um vigor nas expressões que não é comum encontrar nos romances femininos. (...). [*O Quinze*] não é só uma exceção. É quase um milagre (...)". A crítica de Faria está reproduzida em *O Povo,* mas a data está mutilada no periódico que consultamos. No entanto, é quase indiscutível que tenha saído em data muito próxima à de Augusto Frederico Schmidt.

[372] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 247.

[373] GRIECO, Agripino. 1933. Apud. BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30.* São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006. p. 125.

Maria Eugênia Celso (1886-1963), poeta e jornalista mineira, participante ativa, junto com Bertha Lutz, da campanha pelo voto feminino, também deu seu parecer sobre o primeiro livro de Rachel de Queiroz, reproduzido no *O Povo* de 27 de setembro de 1930:

> É um livro que me chegou do nordeste. Um livro de capa rutila como o sol deste Ceará de que as suas páginas contam a mortífera incandescência. O livro de estreia de uma menina de dezenove anos. Um romance: *O Quinze,* de Rachel de Queiroz. Conheci Rachel de Queiroz ao saltar em Fortaleza, por um dia bem nordestino, dourado e quente, em que até os "verdes mares bravios" num excesso de hospitalidade para com a viajante que chagava se haviam amainado em balanço alfáveis (…). No sarau do Salão Juvenal Galeno, em que tantos talentos poéticos despetalaram em minha intenção as mais formosas flores do seu estro, a saudação de Rachel de Queiroz, feita em versos matutos, com uma pontinha deste humorismo simples da gente do interior, teve um sabor especialíssimo de fruta bem brasileira (...). A morte do pequeno Josias, envenenado por ter comido uma raiz de manipeba, é de uma sobriedade de tintas, de um realismo de emoção tão sugestivo e tão perfeito, na sua simplicidade de água-forte, que mais se diria de um escritor já senhor de todos os recursos da profissão do que de uma estreante a que a inexperiência dos vinte anos ainda para completar, escusaria a sobrecarga quase inevitável do sombreado ao efeito do desenho. A sobriedade constitui, aliás, a qualidade mestra de Rachel de Queiroz. Uma qualidade rara à exuberância dos dezenove anos. Porque tal veio de água transparente atravessando todo este angustioso painel de fome, de miséria e de morte, um sóbrio, um discreto, um delicado idílio deixa adivinhar [374].

A crítica literária, portanto, surpreendeu-se com o fato daquele livro, tão forte, direto e seco, ter sido escrito por uma mulher, e jovem. Mesmo com a desconfiança, puderam perceber os elementos modernos do texto, vindos principalmente pela linguagem, numa *mímesis*[375] perfeita do ambiente seco do sertão nordestino.

Rachel cumpria na prosa alguns dos ideais da revolução modernista: economia de linguagem, rompimento com o Naturalismo, foco na relação do homem (e da mulher) com a terra, utilização da linguagem coloquial (oral e não só escrita), estabelecimento de tensões entre campo e cidade, rural e urbano, arcaico e moderno etc. Sem esquecer nem um minuto, no entanto, de que esta obra nascia generificada, nascia no paradoxo da chamada, então, *literatura feminina*[376].

Em outubro, trechos do *O Quinze* foram publicados no *Correio da manhã*[377], no Rio de Janeiro, e já no fim do ano chegaram duas notícias inesperadas: a Companhia Editora Nacional, a maior do país, propusera publicar a segunda edição do romance em

---

[374] CELSO, Maria Eugênia. O Quinze. Reproduzido em *O Povo*. 27.09.1930. Original do *Jornal do Brasil.* 05.09.1930. ABPF.
[375] Ver: LIMA, Luiz Costa. *Mímesis:* desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
[376] Em minha dissertação de mestrado faço uma longa discussão sobre esta definição nos anos 1930, utilizada pela crítica para classificar os textos escritos por mulheres. Rachel desconcerta a crítica neste sentido, pois seu texto aparece como um paradoxo frente a esta definição.
[377] *Correio da manhã.* 05/10/1930. Suplemento. AFBN.

capa dura[378], e este tinha sido escolhido para receber o primeiro prêmio Graça Aranha, no ano seguinte, junto com poesias de Murilo Mendes e quadros de Cícero Dias.

Apenas um baque emocional perturbou as comemorações da jovem escritora: em março de 1931, morreu Dona Rachel de Queiroz Lima, a matriarca da família, deixando a escritora Rachel de Queiroz a prolongar o epônimo sob o manto negro de um luto que durou seis meses.

Rachel conta ter viajado para o Rio de Janeiro somente em junho de 1931[379], pela primeira vez sozinha, com escala em Pernambuco. Lá conheceu o poeta e bancário José Auto, um ano mais velho. Ele era um homem alto e bonito, de olhos verdes, também simpatizante comunista, e amigo de Cícero Dias em Recife. Logo se apaixonou por ele e, assim que retornou a Fortaleza, passaram a trocar cartas, oficializando um namoro à moda antiga, ainda que a família não gostasse muito da ideia, afinal, não poderia ser bom "namorar com alguém que nem primo era"[380].

Antes disso, porém, ao longo dos dois meses que passou no Rio de Janeiro e ansiosa para conhecer o Instituto Graça Aranha onde receberia o prêmio pelo *O Quinze*, Rachel hospedou-se na casa de seu tio paterno, Espiridião de Queiroz Lima, o mesmo que escreveria as memórias da família anos mais tarde. Acontece que tio Espiridião morava no melhor local para a jovem Rachel de Queiroz se socializar no Rio de Janeiro: a subida de Santa Teresa[381].

Em Santa Teresa moravam todos os amigos de Hyder Correa Lima envolvidos com o comunismo e com o modernismo na capital federal, e para os quais Rachel levou uma carta de apresentação escrita por ele. Este era o grupo formado pelo casal de médicos Nise da Silveira e Mário Magalhães, além de Adelmo de Mendonça e Eneida de Morais[382], todos amigos de Correa Lima[383].

---

[378] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 132. Para esta segunda edição, Rachel cortaria mais de cem palavras, de acordo com José Murilo de Carvalho.

[379] Interessante ver a manchete da chegada de Rachel ao Rio de Janeiro: "Rachel de Queiroz fala à esquerda. A autora do "O Quinze" é anti-feminista e como tal considera a mulher não só inferior ao homem, como ainda um "animal palrador e impertinente". *A Esquerda*, 05/06/1931. p. 03. AFBN.

[380] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 79.

[381] Existe uma controvérsia nesta afirmação: Em Nery (*Op. Cit*, p. 132), Rachel diz que seu tio morava em Ipanema e em *Tantos Anos* (*Op. Cit*, p. 48), ela afirma ter se hospedado em Santa Teresa. Decidimos preservar a versão da obra editada pela família.

[382] Em QUEIROZ, Rachel de. Eneida. *O Cruzeiro.* 15/03/1958, p. 114. AFBN. "A risonha Eneida. A bem agradecida Eneida. Eneida sem ressentimentos, Eneida sem raiva da vida – por pior que a vida proceda. Eneida, coração talhado em medida amazônica, e portanto imenso. Eneida rainha das amigas. Eneida, madrinha oficial do desamparo, do sozinho, do *under-dog.* Eneida, a independente. Eneida, homem de bem".

[383] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 42.

Inclusive, foi ele mesmo quem apresentou a teoria marxista também a Nise e Mário, através dos cursos do professor "marxizado" da Universidade do Brasil, Edgardo de Castro Rebelo, no Rio de Janeiro[384], e de Bruno Lobo[385], um *guru* dos comunistas da época, grupo em torno do qual todos se reuniam. De Nise da Silveira, Rachel guardaria a lembrança de uma grandeza moral sem igual[386].

Nise nasceu em Maceió, filha única de um casal com bom nível cultural, pai jornalista e mãe pianista. Aos dezesseis anos mudou-se para Salvador e foi a única mulher entre cento e cinquenta e sete homens a formar-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1926 com a tese *A criminalidade das mulheres no Brasil*. Chegou ao Rio de Janeiro em 1927, com poucos recursos e órfã de pai. Morou primeiro em uma pensão em Copacabana e depois na Rua do Curvelo, em Santa Teresa, onde ficou conhecida por integrar a famosa "trinca do Curvelo", formada por ela e pelos poetas Manuel Bandeira e Ribeiro Couto[387].

Alguns de seus vizinhos eram ninguém menos do que Laura e Otávio Brandão (1896-1980). Ele, um dos principais dirigentes do Partido Comunista (PCB) no Rio de Janeiro e que, portanto, vivia detido ou perseguido pela polícia do presidente Washington Luís. Nise rapidamente tornou-se amiga do casal, leu inúmeros livros indicados por eles e acompanhou de perto a vitória das eleições de 1927, que deram a Brandão e ao marmorista, Minervino de Oliveira, o cargo de vereadores no Rio de Janeiro através do Bloco Operário e Camponês.

Nessa época, por intermédio de Hyder Correa Lima, Nise leu livros marxistas e passou a frequentar as reuniões do PCB, filiando-se em seguida, mas o abandonando algum tempo depois[388]. O governo de Getúlio Vargas, iniciado com a revolução de 1930, deportou Otávio Brandão e toda a família para a Alemanha, justamente no mês em que Rachel de Queiroz desembarcava na cidade, junho de 1931[389]. Rachel chegou a

---

[384] Também Mário Pedrosa, Lívio Xavier e Rodolfo Coutinho frequentaram estes cursos do professor Rebello nos anos 1920, onde tiveram seu primeiro contato com o marxismo.
[385] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 133.
[386] Apud. BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo.* Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p. 151.
[387] BEZERRA, Elvia. *Op. Cit.* p. 137.
[388] BEZERRA, Elvia. *Op. Cit.* p. 144
[389] Anos mais tarde, em 1936, ainda que não mais envolvida com o PCB, Nise seria denunciada por colegas de trabalho e presa pelo DOPS, permanecendo no mesmo cárcere que Eneida de Morais e Graciliano Ramos. Nesta sala esteve com mulheres torturadas, como Elisa Berger, esposa de Harry Berger, a quem queimavam os seios durante a tortura e que, em 1936, foi deportada para a Alemanha com Olga Benário, morrendo no campo de concentração nazista. Nise só foi readmitida no funcionalismo público em 1944. É a partir desta data que começa a "verdadeira briga" de Nise da Silveira por uma nova forma de tratamento psiquiátrico. Entrevista a Ferreira Gullar, 1996. http://www.psicorama.com.br/emfoco_detalhe.asp?ID=19. Acesso em 13/01/2014.

ir para o cais junto com outros comunistas para se despedirem de Brandão, momento em que começou a ser visada pela polícia do Rio de Janeiro[390].

Neste contexto clandestino, Rachel e Eneida de Morais frequentavam as reuniões do partido juntas e eram duas das pouquíssimas mulheres que iam aos encontros. As reuniões se davam "no meio do mato", em Anchieta, ou na rua Gonçalves Dias, centro do Rio. Muitas vezes iam almoçar com todo o grupo no restaurante Reis, "que era ali no Largo da Carioca, pedia meia porção de frango para a gente, porque a gente estava na miséria"[391]:

> Quando nele entrei, o Partido mal completara dez anos de vida no Brasil. E já havia uma rede de comunistas pelo país inteiro: onde a gente chegava, encontrava amigos. Os mais ruidosos eram os simpatizantes, os que não tinham compromisso ideológico firmado. Aliás, nessa época, entrar para o Partido não era fácil. Os simpatizantes ficavam muito tempo em período de provação. Era mister dar provas durante anos, principalmente no que se referia à submissão ideológica ao stalinismo. Pois essa foi a fase mais temível do stalinismo, logo depois da morte de Lênin[392].

Aconteceu que durante a viagem, Rachel fez contato com o poeta modernista Augusto Frederico Schmidt, aquele que havia feito o primeiro elogio público ao *O Quinze*. Foi na livraria de Schmidt na Travessa do Ouvidor, "uma loja comprida com escritório no fundo", que Rachel ouviu falar pela primeira vez de Graciliano Ramos ao ver os originais de *Caetés*[393], o qual leu admirada. Irônico pensar que Graciliano, antes de conhecer pessoalmente Rachel, jurava que o autor do *O Quinze* era um homem sob pseudônimo.

Na Schmidt editora, Rachel ainda travou amizade com os católicos Otávio de Faria, autor de *Maquiavel e o Brasil* e que também escrevera resenhas sobre *O Quinze*, e Marques Rebelo, autor de *Oscarina.* Da mesma forma, o prêmio Graça Aranha acabou por aproximar a jovem escritora cearense da viúva de Graça, Nazareth Prado, tornando-as grandes amigas. No apartamento enorme que Nazareth mantinha à Praia do

---

[390] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 24.APIL.

[391] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/07/1992-17/08/1992. p. 73.APIL.

[392] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* . p. 77.

[393] QUEIROZ, Rachel de. Centenário de Graciliano. *O Dia.* 17/05/1992. AIMS: "Lá, tronejava o poeta, virado então em editor. 'Schmidt Editor'. Fora um dos meus descobridores, falando de *O Quinze*, em *Novidades Literárias*, Schmidt me tomara os originais de *João Miguel* (que eu resgatara dos comunistas), meteu-os na gaveta e, dessa mesma gaveta, puxou outro original pessimamente datilografado e me mandou que o folheasse "leia". E como eu levantasse os olhos, ele ordenou de novo: Vá lendo. E eu fui lendo, encantada e reverente: eram os originais de *Caetés*. Por fim, me tomou da mão o manuscrito e me contou quem era aquele alagoano um Eça de Queiroz, é o puro Eça – e aí deu pra ler os famosos relatórios do Prefeito de Palmeira dos Índios, que foram, na realidade a revelação literária de Graciliano. Quando, em fins de 34 fui morar em Maceió, já Graciliano era nacionalmente famoso, já publicara *São Bernardo*. Era diretor da Instrução Pública e embora mal passasse dos 40 anos, para nós (José Lins, Aurélio Buarque de Hollanda, Valdemar Cavalcante, José Auto, Raul Lima, Alberto Passos, Diegues Jr. E tantos outros) todos na casa dos 20 anos (só Zé Lins chegara aos 30) era o 'velho Graça, O mestre'".

Flamengo, Rachel frequentou chás e jantares com a alta sociedade carioca, formada por diplomatas e políticos[394].

Terminados os dois meses vividos na capital federal e voltando a Fortaleza em fins de 1931, portanto, Rachel de Queiroz estava oficializada como membro do Partido Comunista e levava materiais de propaganda, credenciais e doutrinários, pronta para ajudar a fundar uma sede na capital cearense a partir dos restos do Bloco Operário e Camponês.

Contraditoriamente, a jovem escritora tornara-se grande amiga de intelectuais católicos, além de ter frequentado noites de gala junto a grã-finos cariocas. Como afirma José Murilo de Carvalho em depoimento sobre a autora, Rachel veio ao Rio para receber o prêmio e acabou fazendo amizades que durariam a vida toda, "algumas à esquerda, outras à direita, sem faltar as de centro. À esquerda, o grupo de Bruno Lobo, à direita, o futuro integralista Adonias Filho e o fascista (são palavras de Rachel) Otávio de Faria, ao centro, Graça Aranha[395], Jayme Ovale, Manuel Bandeira"[396].

Além disso, descobriu estar apaixonada por um pernambucano que conhecera no meio do caminho e logo percebeu que seu contato com todas estas pessoas começava a dar sinais de perigo, uma vez que Getúlio Vargas ampliava seus poderes no governo federal:

> Era engraçada a minha situação: eu levava uma vida dupla, como a de um romance. À noite, eu era a donzelinha cearense, de boa família, casta, bem vestida e que ia frequentar as festas da Academia, onde se reunia toda a fina flor da intelectualidade carioca. E durante o dia, eu me envolvia com os comunistas, ia para as suas reuniões, participava de suas atividades, numa fase de grande perseguição. Afinal, você sabe: quando o Getúlio assumiu, os comunistas tinham sido banidos. Esse foi o clima que vivi no Rio, quando eu tinha vinte anos[397].

***

---

[394] Mesmo que sendo uma mórbida lembrança, Rachel de Queiroz conta em suas memórias que, quando foi chamada para conhecer a Fundação Graça Aranha, ainda nos anos 30, constatou a veracidade da informação sobre a "última leitura" de Graça: "na reconstituição do gabinete do mestre, aberto sobre o braço da *bergère* onde ele costumava sentar-se para ler, estava o exemplar do *O Quinze* que eu lhe mandara com dedicatória. Fiquei meio encabulada e achei a homenagem um tanto fúnebre. E os amigos me gozavam, dizendo que Graça morrera da leitura...". QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 53.

[395] Refere-se ao Almirante Graça Aranha, irmão do literato.

[396] CARVALHO, José Murilo de & ARINOS, filho, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Affonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 30 p.

[397] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 132.

Chegando em Fortaleza, Rachel começou a preparar um novo romance, cujo enredo se daria em torno da mentalidade de um homem do povo, que havia cometido um assassinato.

Para isso, a jovem escritora resolveu visitar uma prisão perto da cidade de Fortaleza e recolher aí material "documental". Acontece que, nesta época, um coronel havia sido preso por ter assassinado o irmão de um daqueles jornalistas que haviam criticado negativamente *O Quinze* em Fortaleza. Rachel conta que, certo dia, ao encontrar o tal jornalista no meio do caminho entre a cidade e a penitenciária, desferiu em sua cabeça inúmeros golpes de sombrinha, punindo-o por ter duvidado de sua autoria[398].

Ao longo do ano de 1932, Rachel de Queiroz também manteve correspondências com a sede do Partido Comunista, além de realizar reuniões e de receber e distribuir panfletos de propaganda que vinham do Uruguai, mal traduzidos do espanhol[399]. Seu maior contato comunista no Ceará era Hyder Correa Lima que, no entanto, estava clinicando em Granja, no interior do estado.

Enquanto namorava o bancário José Auto por cartas, Rachel e ele começaram a juntar dinheiro para estudarem na Rússia através do Partido:

> Eu acho que foi na minha passagem pelo Recife que nós fomos para a direção do Partido lá no Recife, ao qual o Zé Auto já estava filiado, e entregamos, levamos o dinheiro para comprar nossa passagem e tudo mais. Não. O tal sujeito dizia que já tínhamos as passagens. E disse: "Então, tragam o dinheiro". Nós levamos. Eu não sei como era o meu cheque, que era do Ceará. Não sei como foi que eu fiz. Acho que era uma carta de crédito, uma coisa assim. Entregamos a ele. Ele disse: - É, mas esse dinheiro vocês não vão usar, porque vai financiar a passagem de um companheiro proletário que não tem dinheiro. Vocês são burgueses e têm meios de se instruir aqui, podem frequentar a faculdade que vocês quiserem. Isso vai financiar os estudos de dois operários. E pegaram o nosso dinheiro[400].

Em consequência da intensa atividade, com reuniões que chegavam a acontecer na casa dos pais, no Pici, a escritora foi presa pela primeira vez em abril de 1932 em Fortaleza, por "ideologia comunista"[401]. Interrogada por alguns dias e liberada logo em seguida[402], Rachel entrou numa fase de tristeza. Com ajuda do pai, decidiu retornar ao

---

398 QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 36.
399 QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 37-45.
400 QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 30/31. APIL.
401 Rachel esteve presa durante três dias em Fortaleza/CE. *Diário de Notícias.* 08/04/1932. p. 11. e *Jornal do Brasil.* 13/04/1932. AFBN. Interessante notar que ambos os jornais noticiam a prisão da "famosa escritora, Rachel de Queiroz" como um equívoco da polícia de Fortaleza, pois não acreditam no envolvimento dela com os comunistas.
402 "Fiquei no Ceará até 1932, quando voltei ao Rio. Eu tinha sido presa em Fortaleza, andava meio desgostosa e papai, para me consolar, me deu uma passagem de ida e volta para o Rio de Janeiro". In: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* . p. 51.

Rio de Janeiro para visitar a família e acabou participando de algumas reuniões do PCB que aconteciam quase sempre no coreto da praça da estação do Méier ou em barracos com trinta a quarenta pessoas. Lá, os militantes descobriram que a autora carregava os originais de seu segundo romance, *João Miguel*, que Rachel terminara em dezembro de 1931 e prometera publicar pela editora de Augusto Frederico Schmidt[403].

Neste tempo, o PCB passou por sérias mudanças com a stalinização das diretrizes comunistas, que foram responsáveis, no Brasil, pela destituição de seus principais líderes e fundadores, o posteriormente exilado Otávio Brandão, e Astrogildo Pereira (1890-1965).

À exigência de fornecer os originais para a avaliação dos dirigentes do PCB, se juntou a decepção que Rachel sentira ainda no Ceará, quando entrou em contato com os operários que haviam participado do BOC desde 1927. A maior parte deles tendia a exigir obediência cega por parte dos intelectuais, e a menosprezá-los por sua condição de classe, crescendo no partido a suspeita em relação aos comportamentos pequeno-burgueses de seus membros[404].

Após um mês no Rio de Janeiro, momento em que se viu desesperada sem seus originais, Rachel foi intimada a prestar contas do conteúdo burguês encontrado em seus escritos. Para provar sua filiação ao Partido, a autora deveria mudar características de alguns personagens, fazendo, por exemplo, da moça rica uma prostituta e da moça de classe inferior, moça honesta.

Indignada com a crítica dos militantes e mesmo com medo por ver nas mãos deles o único original de seu livro - embrulhado em papel cor-de-rosa[405], a autora rompeu oficialmente com o partido e, segundo relata em suas memórias, foi considerada "irradiada por ideologia fascista, trotskista e inimiga do proletariado" [406].

---

[403] Rachel afirma em suas memórias: "Schmidt era um sujeito incrível, uma das personalidades mais estranhas, singulares e variadas que conheci. Um homem de um grande talento poético, de um grande senso lírico, aliado a um sentimento trágico do mundo. Isso fazia parte do judeu que ele era. E havia a outra parte, a do judeu clássico dos antissemitas, o comerciante, o homem de interesses, que não pagava, antes tomava o dinheiro da gente. Mas, ao mesmo tempo em que nos tomava o dinheiro, lançava-se naquela aventura de ser editor, e só publicava textos que considerasse de muito boa qualidade". In: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* . p. 46/47.
[404] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 47.
[405] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 30.APIL.
[406] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 49.

Aos setenta anos, Rachel de Queiroz recordava não ter suportado "a estreiteza, o fanatismo obreirista, a mesquinharia das diretivas e das posições de chefia, aquela obediência jesuítica" [407] por parte dos comunistas de seu tempo.

Em maior escala, a destituição de Rachel de Queiroz e de diversos outros militantes nessa época, fez parte de um processo de substituição dos chamados "pequeno-burgueses" por "verdadeiros proletários", criando grande suspeita sobre a fração intelectual[408]. A expulsão de alguns membros foi traumatizante, uma vez que seu anseio pela mudança social via em sua origem de classe um impedimento.

Como vimos na introdução, ao analisar a memória de Rachel de Queiroz sobre sua participação no PCB, percebe-se o apagamento desta participação, com frases como: "Na verdade, éramos os revolucionários mais ingênuos do mundo", ou: "pertenci ao Partido Comunista durante 24 horas. Era simpatizante, fui admitida, mas no dia seguinte, tive uma grande briga e abandonei o partido" etc[409].

É preciso, no entanto, acrescentar que muitas destas opiniões que subestimam sua participação no PCB foram dadas em entrevistas a partir dos anos 1970, ou seja, cooperam com o próprio apagamento da importância do Partidão na história do país. Pelo relato que vem sendo feito nesta tese, o contato de Rachel com os comunistas, seja como simpatizante e, depois, como credenciada, durou cerca de cinco anos, desde pelo menos seus dezessete anos de idade. Num total de mais de noventa anos de vida, podia-se supor que este período tivesse até mesmo sido "esquecido", no sentido mnemônico simples de "não lembrar".

O que vemos na memória da autora, no entanto, é um "esquecimento" no sentido de um "apagamento" [410], até porque os entrevistadores dos anos 1970 fazem questão de registrar este período da vida de Rachel de Queiroz nas perguntas feitas à autora. Em suas respostas, porém, aparece certo "menosprezo" por esta fase política, obscurecida

---

[407] Entrevista. STEEN, Edla Van. 70 anos de fardão e prestações pagas. *Jornal da Tarde.* 15/11/1980. AFBN.

[408] AMARAL, Roberto Mansilla. Uma voz destoante no PCB: Otávio Brandão, militante e intelectual. In: FILHO, Daniel Aarão Reis. *Intelectuais, História e Política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.p. 98-136. p. 109.

[409] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* . p. 77; QUEIROZ, Rachel de. Entrevista à Folha Ilustrada. São Paulo. Set/1998. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml. Acessado em 15/06/2010.

[410] Paul Ricoeur, em *Memória, História, Esquecimento.* Campinas: Ed. Unicamp, 2ª ed., 2010, através de uma análise fenomenológica da *Memória*, afirma a existência, desde a definição platônica de "presente do ausente" uma problematização inerente acerca do "esquecimento". Ou seja, a *Memória* é uma operação feita com base no esquecimento, porque feita com base na seleção e *representação* e não na *reprodução* pura e simples. No entanto, o "esquecimento" não é necessariamente o simples "não lembrar", mas a conformação do "não lembrar" ao que deve ser lembrado.

nas definições de "ingenuidade", "juventude", "fugacidade". Torna-se extremamente importante para Rachel de Queiroz não ser associada ao comunismo, principalmente em suas entrevistas a partir dos anos 1970. Muito diferente, porém, é sua memória sobre a participação no movimento trotskista.

Namoro com o trotskismo

Já expulsa do PCB, mas ainda no Rio de Janeiro de 1932, Rachel foi presa na sede da polícia na Rua da Relação, por fazer protestos a favor dos constitucionalistas de São Paulo, em comício na Frente do Teatro Municipal[411]. Sob estrita responsabilidade do tio Eusébio de Queiroz, exímio jurista que conseguiu tirá-la da cela em que se encontrava ao lado de duas prostitutas, Rachel foi deportada de volta para o Ceará[412].

Na escala em Recife, foi revistada pela polícia a bordo do navio *Itapé*, passando a noite na Secretaria de Segurança Pública, onde foi identificada, "e prosseguiu viagem sob vigilância da polícia pernambucana" [413]. Em outra escala não conseguiu ver o namorado José Auto, que também se encontrava detido em Maceió, e de quem Rachel obteve um bilhete secreto, através de uma vendedora de rendas: "Ein million Kussen"[414].

Em junho de 1932, a Schmidt editora já anunciava a venda de *João Miguel*, segundo romance da polêmica escritora de *O Quinze*, que contava a história de um camponês preso por assassinato. O tom introspectivo do protagonista é muito mais visível do que no romance anterior: misturam-se um forte apelo realista através da descrição da cadeia, da situação da Justiça e da impunidade dos matadores profissionais protegidos pelos políticos, aos dramas psicológicos de João Miguel em sua crise de identidade e seu abandono na prisão. Neste sentido, segundo Luís Bueno, em *João Miguel* percebe-se uma característica mais 'intimista', o que o afastaria do chamado *romance proletário*, tendência literária que emerge à época[415].

---

[411] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 27.APIL.
[412] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p.53.
[413] *Diário de Notícias.* 14/05/1932. p. 04; *Jornal do Brasil.* 15/05/1932. p. 19. O jornal *A Manhã* (RJ) de 14/05/1932, conta que a polícia de Recife pediu a Rachel sua identificação, no que a escritora ironicamente apresentou um crediário "d'A Exposição", um grande comércio do Rio de Janeiro e "com o qual se pode adquirir qualquer mercadoria quase sem dinheiro, como na Rússia". p. 06. AFBN.
[414] Ver NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 92.
[415] BUENO, Luís. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: *Revista Letras***.** n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 32.

O romance seria o único escrito pela autora tendo um protagonista masculino. Muito se questionava o porquê da mudança e, ao longo do tempo, a crítica literária do século XX foi esquecendo *João Miguel*. Interessante pensar, no entanto, que Rachel costumava dizer: "parafraseando o Flaubert, que dizia que *Madame Bovary c'est moi*, o João Miguel sou eu. Eu dizia sempre que meu personagem mais parecido comigo era o João Miguel[416].

Na recém-lançada revista *Boletim de Ariel*[417], o amigo católico Otávio de Faria, publicou uma crítica positiva:

> Depois que as páginas harmoniosamente amargas e tranquilas do *Quinze* foram ficando para traz na nossa memória e que ao primeiro encanto e à primeira crítica sucederam os novos encantos das leituras repetidas e as novas críticas, mais profundas, mais detalhadas, restou apenas diante da afirmação do novo nome surgido na nossa literatura uma única duvida que perseguia a muitos: - seria Rachel de Queiroz realmente uma romancista? Ou fora apenas a autora de um romance, a escritora feliz que conseguira dar de início em um único livro tudo que possuía, sem ter possibilidade de se renovar? Ou, mais precisamente ainda: Rachel de Queiroz só nos daria *O Quinze* ou conseguiria se firmar como romancista em *João Miguel* e nos possíveis romances que lhe sucedessem?[418].

O segundo livro de Rachel de Queiroz veio, portanto, desfazer qualquer dúvida em relação à capacidade autoral daquela "mocinha" e, na década de 1930, tornou-se mais consagrado que *O Quinze*. A *Revista Acadêmica* de 1939, por exemplo, fez uma entrevista com intelectuais sobre os 10 livros considerados mais importantes na literatura brasileira. Dos mais de trinta entrevistados, quatro citaram *O Quinze* e oito citaram *João Miguel*; entre eles Jorge Amado, Lúcio Cardoso e José Lins do Rêgo[419].

> É tão raro encontrar no Brasil um verdadeiro 'romancista' que não estranha que muitos tenham duvidado de que Rachel de Queiroz – ainda mais tratando-se de uma mulher – conseguisse mais do que já dera, renovar-se, ela que parecia ter dado tanto de si. Prefira-se ou não *João Miguel* ao *Quinze*, o que parece entretanto indiscutível é que *João Miguel* vem afirmar em Rachel de Queiroz isso que se tem de chamar: um romancista. O *Quinze* poderia ter sido uma exceção, um 'caso' bem contado. Certamente foi mais do que isso, foi um 'romance' escrito por um 'romancista', mas é só agora com o aparecimento de *João Miguel* que se torna bem claro o incrível fenômeno sucedido ao Norte do país: surgiu um novo romancista no Brasil[420].

---

[416] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 60. APIL.
[417] Periódico exclusivamente literário, publicado pela Editora Ariel de Gastão Cruls e Agripino Grieco.
[418] FARIA, Otávio de. O novo romance de Rachel de Queiroz**.** In: *Boletim de Ariel*. 1932. no. 07. FCRB.
[419] *Revista Acadêmica* 1939, no. 44. FCRB.
[420] FARIA, Octavio de. *Op. Cit.* De fato, o segundo livro de Rachel de Queiroz apresenta uma narrativa mais acabada, amadurecida, com mais diálogos, sendo estes curtos e impressionantes pela precisão e objetividade. Além disso, o próprio tema da solidão e do abandono é tratado sem floreios ou exageros. Neste sentido, o crítico percebe a influência de romancistas russos, como Dostoievski e Tolstoi - lembrando que Rachel vai ser tradutora destes autores no Brasil - e de temas como o socialismo, o comunismo e a relação do governo com os problemas sociais, tudo cercado por um clima meio soturno.

Na *Revista Nova*, de dezembro de 1932, foi a vez de Mário de Andrade apontar o progresso da técnica em *João Miguel*, no qual as personagens femininas teriam sido desenhadas magistralmente, em comparação aos personagens masculinos, "que parecem menos vivos". Para o crítico modernista mais importante da época, o novo romance era uma obra-prima da literatura brasileira e confirmava a capacidade de Rachel de Queiroz em objetivar a realidade, mesmo que cruel, como no caso da história trágica de João Miguel[421].

Um dia antes da crítica consagradora de Andrade, Rachel de Queiroz casou-se com o poeta José Auto, a quem tinha visto pessoalmente apenas em três ocasiões[422]. Depois de uma bonita festa na casa do Pici, em Fortaleza, o casal seguiu para Salvador, para a casa do tio Agesislau Auto e, em seguida, Ilhéus, onde foram recebidos no bangalô da família do estudante e jovem escritor Jorge Amado (1912-2001), com quem Rachel já travara amizade em 1930 através de Carlos Schmidt, este "um amigo muito querido, gaúcho, falante (...), uma figura fascinante"[423]:

> Jorge Amado faz 80 anos e isso é coisa que está acontecendo com grande frequência à nossa geração. Mas ouve um tempo em que éramos todos jovens, e gosto de recordar o menino de 19 anos que conheci no Rio, nos princípios da era de 30, magro, baiano, falador e, como nós todos, meio irresponsável, tal como convinha a tanta juventude. Surgia ele com o seu já vitorioso romance de estreia, *O País do Carnaval*; falava um baianês chiado, contando as graças do velho Pinheiro Viegas e do seu grupo de Salvador. (...). Namorador, Jorge tinha a mania de ficar noivo, curtos noivados que ele logo rompia, inventando a história de um filho natural que teria de uma moça, na Bahia... Foi-me Jorge apresentado pelo nosso querido, saudoso, nunca esquecido amigo Carlos Echenique, figura lendária que eu tentei pintar canhestramente sob os traços do empresário Brandini, personagem do meu *Dora, Doralina* (...). Jorge estudava Direito e escrevia, escrevia, escrevia (...). Só o famoso artigo 13, do regulamento do Partidão, viria anos mais tarde nos distanciar, proibindo o convívio dele com a 'canalha trotskista' que éramos nós. Não podiam nem nos cumprimentar na rua! Foi um baque. Talvez o patriarca glorioso das nossas letras se lembre ainda desses tempos antigos e inocentes. E sinta uma ponta de saudade. Como, enternecida, sinto eu[424].

José Auto, funcionário do Banco do Brasil[425], havia sido transferido para a pequena e distante cidade de Itabuna, interior da Bahia, onde desembarcaram de trem no dia 02 de janeiro de 1933. Do tempo em que esteve na cidade, num sobradinho alugado perto do rio, Rachel conta, em carta a Antônio Sales, no dia 05 de julho de 1933: "O que

---

[421] ANDRADE, Mário de. Rachel de Queiroz: João Miguel. In: *Revista Nova.* São Paulo. 15.12.1932. p. 104-105. FCRB.
[422] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.92.
[423] Schmidt vai inspirar o personagem de Brandini, assim como sua mulher Julinha inspirará Estrela, em Dôra, Doralina. NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.176.
[424] QUEIROZ, Rachel de. Jorge Amado, 80 anos. *O Estado de São Paulo.* 06/09/1992. AIMS.
[425] José Auto também escrevia poemas. Rachel conta que, certa vez, mandou alguns poemas do marido para Mário de Andrade avaliar. Depois da resposta do crítico, Zé Auto pareceu desistir de escrever poesia com a frequência que tinha até então, passando a fazê-lo apenas esporadicamente. QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 118.

estou certa é que isso nunca me dará um livro. Não conheço nada mais abjeto e pitoresco do que este sul baiano. Ah! Que saudade do Nordeste" [426].

A primeira filha do casal foi concebida ainda no primeiro ano de casamento e a gravidez foi marcada pela doença: diversos enjoos, tonturas, quedas e desmaios, além da malária, contraída no final da gestação. "O José Auto ficava no Banco, muito envolvido com o seu trabalho"[427], deixando a jovem escritora sob os cuidados da empregada Carmelita, "uma negra alta, forte (...) que fora dona de uma pensão de mulheres", e do jovem índio Tiabê, de sete anos de idade, "inteligentíssimo e muito cheio de truques", que chegou a lhe salvar a vida quando, certa vez, Rachel tombou escada abaixo[428].

O amigo, Jorge Amado, também vinha visitá-la constantemente e lhe administrava os medicamentos contra a malária. Nas fazendas da cercania, morava ainda a família de um dos amigos de Jorge Amado, Adonias Filho (1915-1990), que estudava nesta época em Salvador[429] e era também conhecido de Rachel de Queiroz.

Lá pelo sétimo mês de gravidez, Rachel sofreu outro tombo, rompendo a bolsa. Por estes tempos o Dr. Daniel tinha pedido a Roberto que buscasse a irmã em Ilhéus e viesse com ela até Fortaleza, para ter sua filha junto da família no Ceará, como era a tradição. José Auto não tinha ainda conseguido transferência para a capital cearense e só viu a filha recém-nascida quando esta completou um mês de vida.

Com a ajuda de uma velha parteira, Rachel teve seu bebê na cama de D. Clotilde, na casa do Pici, em 02 de setembro de 1933. A pequena, dona dos olhos verdes do pai, nasceu prematura, pequena e frágil, acompanhada pela mãe e pela avó[430]. Rachel recebera seu nome da matriarca da família e agora dava a sua filha o nome de Clotilde. Clotildinha. Uma homenagem à mãe, mulher que povoou sua infância e adolescência como exemplo de beleza e inteligência.

Em seguida ao nascimento da pequena, o jovem casal se mudou para o Rio de Janeiro, alugando uma casa na rua do Curvelo, Santa Teresa: "foi para essa nossa casa de Santa Teresa que Jorge Amado raptou a sua primeira mulher, Matilde e a 'depositou'

---

[426] *Correspondência a Antônio Sales.* 05.07.1933. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa. FCRB.
[427] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.93.
[428] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de *Op. Cit.* p. 58/59.
[429] Meu relato nestes parágrafos foi baseado em *Tantos Anos* e no relato de Adelindo Kfoury, disponível em: http://www.ciadanoticia.com.br/v1/tag/a-itabunense-rachel-de-queiroz/ Acesso em 10/12/2012.
[430] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de *Op. Cit.* p. 67. QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 32. APIL.

conosco. Casaram-se. Nós, o Santa Rosa[431], Echenique e todo o demais grupo do Rio apadrinhamos o casamento". No Rio não ficaram mais que três meses, quando saiu a transferência de José Auto para a capital paulista.

O marido de Rachel possuía alguns contatos políticos em Pernambuco e, quando foi transferido para São Paulo em 1933, conheceram os dissidentes comunistas cearenses Lívio[432] (com quem Rachel se envolveu mais intensamente em termos políticos) e Berenice Xavier, além do paraibano Mário Pedrosa[433], do mineiro Aristides Lobo[434] ("um homem muito bonito, praticamente o galã do nosso time"[435]), do gaúcho Plínio Melo[436] e do paulista Arnaldo Pedroso D'Horta[437].

---

[431] Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956) foi ilustrador, artista gráfico, cenógrafo, pintor, decorador, figurinista, gravador, professor e crítico. Estudou no Liceu Paraibano e trabalhou já aos 14 anos em repartições do governo, mudando-se para Salvador em 1931 trabalhando como contabilista do Banco do Brasil. Em 1933 colaborou como ilustrador em *Sua Revista* e *Rio Magazine* e ilustra *Cacau*, de Jorge Amado. Em 1935 inicia colaboração na *José Olympio*. Em 1938 fundou o grupo *Os Comediantes*. Em 1945, por indicação de Alceu Amoroso Lima, tornou-se crítico de arte do *Diário de notícias* no lugar de Di Cavalcanti e fundou com Jorge Lacerda o jornal *A manhã*. De todas as suas cenografias destacam-se *Orfeu*, de Jean Cocteau e *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues em 1943. Colaborou também com o Teatro Experimental do Negro (TEN). Ocupou o cargo de secretário do Conselho Nacional de Teatro em 1954 e em 1956 representou o Brasil na Conferência Internacional de Teatro.

[432] Lívio Barreto Xavier (1900-1988) fundou a Liga Comunista Internacionalista, ligada à Oposição de Esquerda Internacional, dirigida por Trotski em 1929. Nasceu no norte do Ceará, em *Granja*, filho da importante família Xavier, de onde um de seus tios, chamado então também Lívio Barreto, participara inclusive da Padaria Espiritual. Traduziu Trotski, Maquiavel, Hegel, Rosa de Luxemburgo. Pseudônimo de L. Leon.

[433] Mário Pedrosa (1900-1981): nome mais importante da primeira geração trotskista, Pedrosa era filho de um ex-senador e ex-ministro da República e, por sua condição privilegiada, estudou na Suíça ainda criança, voltando ao Brasil em 1916, formando-se em Direito no Rio de Janeiro em 1923. Filiou-se ao PCB em 1926 e, em 1927 mudou-se da Paraíba para São Paulo para trabalhar junto à Organização Internacional para Apoio a Revolucionários. No mesmo ano foi enviado pelo secretário geral do Partido para estudar na Escola Internacional Leninista em Moscou, onde nunca chegou. Radicado em Berlim, acompanhou os movimentos da Oposição Internacional às diretrizes do PCUS, inclusive a expulsão de Trotski. Voltando ao Brasil, organizou a oposição interna e, por isso, é considerado o grande mentor intelectual da primeira geração trotskista brasileira. Mário Pedrosa pseudônimo de C. Camboa.

[434] Aristides da Silveira Lobo (1905-1968) professor, jornalista e militante. Fundador do Grupo Comunista Lenin em 1929, junto com Mário Pedrosa e, em seguida, da Liga Comunista Internacionalista. Nessa época, já era veterano das cadeias, tendo sido preso uma dezena de vezes. Como curiosidade, Aristides era cego de um olho e filho do propagandista da República Aristides Lobo.

[435] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 142.

[436] Plínio Mello (1900-?), jornalista e estudante de Direito em Porto Alegre, participou da revolução de 1923 ao lado dos maragatos contra os ximangos. Foi para o Rio em 1923 e lá dirigiu com Oscar Pedroso Horta (irmão de Arnaldo Pedroso Horta, e futuro ministro de Jânio Quadros) o jornal *A mocidade.* Mudou-se para SP em 1925 e voltou a estudar Direito, tornou-se simpatizante comunista devido à influência de Mário e Lívio, mesmo tendo sido nacionalista antes. Filiou-se ao PCB de SP em 1927, indo para o RS em 1928 para divulgar ideologias do Partido. Em 1929 tornou-se responsável pelo BOC Gaúcho. Foi preso em 1930 e refugiou-se no Uruguai. Voltou para SP em 1930, criticou a posição de Astrogildo Pereira e foi expulso do PCB. Voltou a encontrar-se com Mário e Lívio, que haviam se afastado do Partido por criticar seu autoritarismo interno. Filiou-se aos trotskistas e foi preso em 1932. Ficou dois anos encarcerado no navio Pedro I junto com outros presos políticos em 1935, por conta da Intentona Comunista.

[437] Arnaldo Pedroso Horta (1914-1973), desenhista, gravador, crítico de arte, pintor, jornalista. Iniciou carreira jornalística em 1931, formou-se em Direito em SP em 1937. Foi trotskista e teve influência sobre vários intelectuais, como Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles etc.

Grande parte deles escrevia em jornais, tinha formação erudita exemplar e falava mais de duas línguas, além de serem dissidentes comunistas, o que cooperou com a maior identificação de Rachel com este grupo do que com a militância do Partidão[438]:

> Estávamos dispostos a morrer, a matar, a aceitar todas as submissões. Quanto mais o Partido exigia, mais a gente se submetia, mais se entregava. Tempos depois, o que nos encantou, a mim e a Zé Auto, quando tivemos contato com os trotskistas, foi a sua liberdade de espírito, de pensar, de dizer as coisas[439].

Aliás, é importante destacar a posição contraditória destes intelectuais frente à luta pela revolução proletária. Simplesmente porque a maior parte deles não era de proletários. Subjetivamente, muitos destes intelectuais, de onde destacamos o próprio Mário Pedrosa, nome mais importante do grupo, e Rachel de Queiroz, a protagonista da nossa história, sofriam e cobravam-se por não conseguirem corresponder aos ideais da esquerda, por militarem junto aos proletários e viverem em meio aos burgueses, por ambicionarem a revolução e, ao mesmo tempo, o dinheiro de um sustento confortável, por desejarem uma mudança política significativa para o país e terem entre seus pais e parentes os mais dignos representantes da tradição[440].

Foi este o grupo hoje considerado a primeira geração trotskista do Brasil e que, no contexto mundial, intitulava-se Oposição de Esquerda ou, no caso específico deste grupo, veio a nomear-se Liga Comunista Internacionalista (LCI) [441]. Todos eram antigos

---

[438] Como um exemplo da característica intelectual destes ex-militantes, cumpre citar o também trotskista, Fúlvio Abramo: "Além disso, o Athos [irmão de Fúlvio] começou a ter problemas com o pessoal do Partido [comunista], porque ele era muito inteligente, muito lido, muito informado e não podia aceitar aquelas generalizações primárias do PCB. Nós tínhamos uma cultura muito maior, este é o problema. Ainda que não tivéssemos experiência de luta nenhuma. Pombas, a gente já tinha lido a *Ética* de Espinosa, já tínhamos aprendido de cor o primeiro canto da *Odisséia*, o primeiro canto da *Ilíada*, em italiano. Como é que eu podia aceitar aquele livro do Brandão, o chefão do PC, aquele livro que serviu de base para toda a linha do PC até 1930 [*Agrarismo e Industrialismo*]?". In:AZEVEDO, Ricardo de & MAUÉS, Flamarion. (Orgs). *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 15.

[439] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 77.

[440] Ver: NETO, José Castilho Marques. O jovem intelectual e os primeiros anos de militância. In:_____. *Mário Pedrosa e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.p. 83-98: "E como clamar a vida toda pela revolução e a revolução não vem e a gente, teoricamente desesperado, vai, bem ou mal, gozando a vida... que condenamos; no meio da burguesia... que condenamos; cavando o dinheiro, que condenamos; as mulheres, que condenamos, etc., etc., que condenamos!"

[441] "Trotskismo" foi o nome dado por Joseph Stalin ao movimento de oposição instaurado pelas reivindicações de Leon Trotski a partir de 1923. A repressão de Stalin a estes movimentos de oposição no interior do partido foi cruel, pois no final da década, dos 31 membros do Comitê Central do PCUS entre 1918 e 1921, 18 foram assassinados pelas ordens dele. Comandada principalmente por Leon Trotski (1879-1940), a Oposição se autodenominou "bolchevique-leninista", por acreditar manter os ideais originais da revolução de 1917. No início, criou-se sobre uma plataforma de luta pela democratização do PCUS, ampliando-se a partir de 1925/26 ao plano internacional, combatendo a política stalinista frente à greve geral inglesa e, sobretudo, à política da *Internacional Comunista* na China. O elo da Oposição de Esquerda era o internacionalismo, ou seja, a crença na interdependência mundial da luta de classes.

membros do PCB, insatisfeitos com as diretrizes tomadas pelo partido desde o fim dos anos 1920.

Lívio Barreto Xavier, conterrâneo de Rachel, e de família tradicional no estado, era à época, noivo da prima do grande amigo de Rachel de Queiroz, Hyder Correa Lima, o mesmo que lhe munira das cartas de apresentação responsáveis por integrar Rachel nos círculos de esquerda do Rio e de São Paulo nos anos anteriores.

Segundo a autora cearense, muitos dos militantes habitavam um edifício residencial na Praça da Sé[442] e as reuniões eram feitas no apartamento de Lívio. O trabalho consistia em traduzir "as memórias de Trotski para uma editora chamada Atena [sic][443], cujo dono era um *soi-disant* trotskista (…) Salvador Pintaúde. Salvador botava a gente para trabalhar e nos pagava a preço vil, pois dizia que estávamos fazendo trabalho ideológico" [444].

Das traduções feitas do inglês e do francês, Lívio e Mário ocupavam-se das memórias de Trotski - de quem tinham conseguido, através de correspondências, os direitos autorais completos[445]; e os outros traduziam coisas menores: "foi um trabalho coletivo, feito com paixão (...). Fizemos aquilo com entrega e idealismo" [446]. Além das traduções, Rachel dava aulas particulares no Sindicato de Professores do Ensino Livre, coordenado pelos trotskistas, e cuidava de sua filha recém-nascida:

Trotski foi banido da URSS em 1929 e exilou-se por fim no México, o que favoreceu a divulgação de seus escritos na América Latina. A partir de 1930 passou a propor não só a oposição no interior do PCUS, mas uma revolução política contra a burocracia na URSS e a reforma política de toda a *Internacional* (IC) e dos países comunistas. Ver: COGGIOLA, Osvaldo. *O Trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984; CARONE, Edgar. As origens da III Internacional comunista. In: *Estudos de Sociologia.* Vol. 5, n. 8, 2000. p. 129-141.; JACKOBSEN, Kjeld. A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea. *Textos para debate. Secretaria de Relações internacionais do PT,* V. 4. In: *www*.pagina13.org.br/download/sri_caderno4.pdf. Acesso em 10/12/2012.

[442] "Nós alugamos um apartamento cuja proprietária era uma alemã muito autoritária, devia ser simpatizante do nazismo, ou pelo menos devia se entusiasmar com aquilo tudo. Então ficamos lá por um tempo. A praça da Sé era um lugar muito bonito e agradável. Nem existia esta atual Catedral. O que havia era uma igreja muito velha, mas com seu toque de beleza". NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 142.

[443] Rachel refere-se à Gráfica e Editora *Unitas*, de propriedade de Salvador Cosí Pintaúde que publicou os escritos dos trotskistas nesta época. Ver: CASTRO Castro, Ricardo Figueiredo. Os intelectuais trotskistas nos anos 1920. In: Daniel Aarão Reis Filho. *Intelectuais, História e Política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000. p. 151.

[444] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 74.

[445] Quando voltou da Alemanha, Pedrosa fundou o Grupo Comunista Lênin que, a partir de maio de 1930, editou o jornal *A luta de classes.* Em 1931, passaram a se chamar a Liga Comunista Internacionalista (LCI).

[446] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 143.

> Toda a vida da cidade se exercia dentro dos limites do chamado Triângulo, formado pela rua Direita, rua 15, rua de São Bento e se prolongando um pouco pela avenida São João, rua Líbero, praça do Patriarca. Grande marco era o viaduto do Chá, de onde as mulheres traídas ameaçavam suicidar-se. Dentro dessa geografia funcionava tudo, ou, antes, funcionávamos nós. O nosso limite extremo, no tempo e no espaço, era o Bar Franciscano, onde se tirava um belo chope escuro e onde debatíamos soturnamente os destinos do país e do mundo – quero dizer, do proletariado internacional. E do nacional também. (...). Nas manhãs de sol tinha o parque Pedro II, onde um velho italiano, barbudo e solitário, me ensinava a fazer tricô enquanto tecia intermináveis cachecóis de lã cinzenta. No gramado, junto ao banco, a minha menininha engatinhava; e, à saída, eu deixava que ela estendesse a mãozinha e roubasse uma flor na moita de heliotrópio[447].

Por outro lado, utilizando sua característica linguagem objetiva, simples e didática, Rachel conta em suas memórias a repressão que os trotskistas, assim como os comunistas, sofreram em São Paulo nesta época, principalmente após o fim da revolução constitucionalista de 1932, quando "Getúlio tinha colocado propositadamente tropas nordestinas para esmagar os paulistas"[448].

Vários membros do PCB foram presos pela polícia política do governo provisório de Getúlio Vargas mais de uma vez, incluindo o marido da escritora cearense, José Auto, que tinha ficha na polícia de São Paulo desde quando chegou na cidade. Rachel, por sua vez, foi fichada em doze de março de 1934, por "atividades comunistas", não chegando a ser presa por ainda estar amamentando a filha pequena.

No mesmo ano, Zé Auto foi preso novamente, desta vez por mais de quinze dias, e decidiu pedir nova transferência para o Ceará, onde desembarcaram Rachel e sua filha, Clotildinha, em setembro[449]. Somente em São Paulo, para além dos amigos presos e torturados, Rachel de Queiroz foi vigiada todas as vezes que passava pela cidade até pelo menos 1940[450], mas nunca deixou de afirmar como fora feliz naquela cidade.

Na capital cearense, em setembro de 1934, Rachel foi convidada pelo Partido Socialista a se candidatar a deputada federal participando da Frente Única Antifascista[451] (FUA) junto com os amigos stalinistas, como Jader de Carvalho. De fato, isto só foi possível com o sufrágio universal e a candidatura feminina garantida pela

---

[447] QUEIROZ, Rachel de. Ainda não havia Rita Lee. *O Estado de São Paulo.* 12/01/1988. AIMS.

[448] Ver NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 141. Após revolução de 1930, as oligarquias paulistas, acostumadas ao núcleo do poder executivo, não se contentaram ao perceberam que Getúlio Vargas adiava cada vez mais a elaboração de uma nova Constituição, além de ter limitado a autonomia e o crédito dos estados. A revolta de 1932 em São Paulo foi apoiada e financiada em sua maioria pelas classes médias e pelas elites paulistas, durou três meses, terminou esmagada, mas conseguiu algumas concessões, como a interventoria de um paulista civil, Armando Sales de Oliveira, e a convocação das eleições, além de acelerar o processo da Constituinte que foi convocada em novembro de 1933 e promulgada em 1934, resultado da combinação dos interesses mais diversos presentes desde 1930.

[449] *Diário de Notícias.* 29/09/1934. p. 8, segunda sessão. AFBN.

[450] Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Ordem Social. Prontuário 2883. APESP.

[451] A Frente Única Antifascista foi fundada em 1933, integrando anarquistas, comunistas, trotskistas e cerca de trinta organizações sindicais, além de atuar dentro do Partido Socialista.

nova Constituição, lançada neste mesmo ano e que elegeu oficialmente Getúlio Vargas como presidente[452]:

> O Jader era do Partido. Então, eu fazia um comício: - eu sou comunista... não sei o quê... Aí, vinha o Jader e falava assim: - eu também sou comunista, mas eu sou do partido bom. Não sou [incompreensível] (risos). E teve esse episódio que eu contei outro dia para o José Bonifácio, que nós fizemos um comício na praça José de Alencar, onde tem uma estátua do José de Alencar sentado assim, não é... Então, quando começou, a polícia veio, começou a atirar neles, de bala. E os meus guarda-costas... como é que se chamava?... agente próprio [?] os meus agentes próprios [?] me levantaram, me sentaram no colo do José de Alencar. O tiroteio correndo lá embaixo e eu lá em cima. "Sentada no colo do tio dela". O sujeito achava que o José de Alencar era meu tio. Era primo[453].

Além disso, a aliança entre as diversas correntes de esquerda foram facilitadas com a nova mudança na orientação da IC em relação aos Partidos Comunistas que, com a ascensão do nazismo na Alemanha, passou a enxergar a "colaboração de classes" como uma boa estratégia de luta contra a extrema direita[454]. Assim, comunistas e trotskistas puderam aproximar-se, ainda que provisoriamente.

Realizando comícios assim que desembarcou em Fortaleza, Rachel atacou veementemente os integralistas e a Liga Eleitoral Católica (LEC), um dos mais fortes grupos anticomunistas no Ceará [455]. Aliás, Dom Hélder Câmara (1909-1999), que seria um grande amigo de Rachel nos anos 1950, era nesta época um dos líderes da LEC e da Ação Integralista, e foi uma figura fundamental para o sucesso da Liga nas eleições cearenses de 1934, com o slogan: "Um voto para a LEC é um voto para Nosso Senhor Jesus Cristo" [456].

---

[452] Esta mesma Constituição possibilitou, logicamente, a formação dos partidos políticos, como a Liga Eleitoral Católica (LEC) marcada por figuras como Alceu Amoroso Lima no sudeste e D. Helder Câmara no nordeste. Já os "tenentes" lançaram a "União Cívica Nacional". Entre os mais importantes partidos formados nesta época, destacaram-se o Partido Republicano Liberal (PRL), formado no Rio Grande do Sul por Flores da Cunha com o apoio de Osvaldo Aranha, e o Partido Progressista (PP) mineiro articulado por Olegário Maciel, Gustavo Capanema, Virgílio de Melo Franco. A formação destas siglas é interessante na medida em que observamos o incentivo de Getúlio Vargas para que se criassem partidos liderados por seus interventores. Nesta dinâmica, consagraram-se forças políticas que predominarão, pelo menos, até os anos 1960. Ver DEMIER, Felipe. *Op. Cit.* p. 105.

[453] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 64. APIL.

[454] DEMIER, Felipe. *Op. Cit.* p. 120.

[455] *Diário de Notícias* (RJ). 05/10/1934. p. 4 Segunda Sessão. AFBN. Ver também: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit* . p. 77.

[456] GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p. 251: "A ação caridosa de d. Helder era apenas uma de suas características, talvez a menos importante, acessória à essência da personalidade que o transformou na maior figura política da história da Igreja no Brasil. Líder fascista nos anos 1930, popularesco nos 50 e homem de esquerda para o resto da vida, foi acima de tudo um organizador da força do catolicismo. Passou de seminarista a bispo em 29 anos, sem cuidar de paróquia (...). Trazido para o Rio de Janeiro, reorganizou a Ação Católica Brasileira e trabalhou junto a Roma para a criação da CNBB. (...) Criada a CNBB, d. Helder ocupou sua secretaria geral por doze anos. Em 1964 ele era a um só tempo nome da estima do papa Paulo VI, encanto da esquerda católica europeia, símbolo do apostolado dos humildes, poderoso articulador na CNBB e o mais popular dos sacerdotes brasileiros". Além disso, a partir dos anos 1950, Rachel de Queiroz será sua grande amiga e promotora.

Candidatando-se pela Frente Única do Partido Socialista Rachel mantinha-se fiel às diretrizes do secretariado trotskista, mas logo sofreu embates com a direção geral. Em 7 de outubro de 1934 foi prevista uma manifestação da Ação Integralista Brasileira (AIB) pelas ruas de São Paulo, com cerca de 5000 participantes, mais os simpatizantes.

A AIB tinha sido fundada oficialmente em outubro de 1932 e era dirigida por Plínio Salgado (1895-1975)[457], o mesmo intelectual do verde-amarelismo literário que o grupo modernista de Rachel chegou a simpatizar nos anos 1920 mas que logo em seguida será abominado por ela: "Não podíamos aceitar aquele xenofobismo e todas as variantes do nacionalismo tupiniquim"[458].

O integralismo que Salgado promoveu nos anos 1930 tinha suas origens no mesmo sentimento nacional que defendera na literatura, mas adquiria agora ampla inspiração fascista e teve como um dos principais ideólogos o cearense antissemita Gustavo Barroso (1888-1959)[459], que Rachel conhecera ainda nas redações do *O Povo*. Aliás, segundo Rachel, o primeiro lugar onde houve um movimento fascista no Brasil foi o Ceará, com a Legião Trabalhista Brasileira [sic] comandada pelo então coronel Severino Sombra[460].

A AIB possuía uma estrutura paramilitar, pautava-se no nacionalismo e moralismo extremados, combatia os partidos políticos e defendia a integração total da sociedade e do Estado. Até sua extinção em 1938, chegou a ter entre 500 e 800 mil membros para uma população total de 41 milhões de brasileiros[461]. "A preocupação de mobilizar amplamente a população levava-os a realizarem encontros, festas, palestras e

---

[457] Plínio Salgado nasceu em São Bento de Sapucaí (SP), participou, de forma secundária, na Semana de Arte Moderna de 1922 e publicou *O estrangeiro* em 1926, além de integrar os grupos Verde Amarelo e Anta. Como político (elegeu-se deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista em 1928), escritor e jornalista (do *Correio Paulistano*), Salgado tornou-se participante dos debates intelectuais e políticos dos anos 1920. Deixou dezenas de livros publicados, entre literatura, ensaios e tradução.

[458] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.145.

[459] Gustavo Barroso nasceu em Fortaleza (CE): jornalista, advogado e político, escreveu diversos livros, de ficção, poesia, teatro, museologia, história regional, do Brasil e história militar, entre outros. Em 1915 foi deputado federal pelo Ceará e em 1919 foi representante brasileiro na Conferência da Paz de Versalhes. Foi presidente da Academia Brasileira de Letras, cujas reuniões chegou a frequentar vestido com uniforme integralista. Ficou conhecido por seu anti-semitismo.

[460] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 143. Rachel refere-se à Legião Cearense do Trabalho.

[461] MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 39-62. p. 42.

manifestações de rua, durante as quais entravam em choque aberto com os comunistas"[462].

No evento de outubro de 1934, a FUA articulara também uma manifestação, no mesmo dia e local, como estratégia de combate ideológico ao fascismo. O resultado foi uma "batalha campal" na Praça da Sé: "foi um tiroteio feio, pois alguns reagiram. A cavalaria estava ali. Não sei que partido eles tomaram, isso não ficou bem claro, sei que tinha muita fumaça, muita correria, muito grito. Os tiros passaram por cima da gente", lembra Lélia Abramo[463], que militava entre os trotskistas.

A batalha resultou em seis policiais mortos, além da morte de Décio Oliveira, membro da juventude comunista. Mário Pedrosa saiu com a nádega ferida a bala. Tanto para Rachel de Queiroz, quanto para outros trotskistas como Aristides Lobo e Victor Azevedo, o levante foi avaliado como uma política "aventurista", foi "como brincar de guerra" [464], afirmavam. A discordância destes resultou num mal estar entre os membros da Liga, além da expulsão de Rachel, Lobo e Azevedo do núcleo principal.

Ao mesmo tempo, em Fortaleza, Rachel e Jader perderam as eleições realizadas em outubro, apesar de terem arrecadado um bom número de votos. Acusado de corrupto, o resultado das eleições foi divulgado somente em fevereiro de 1935 devido à necessidade de eleições suplementares em diversas sessões eleitorais do estado do Ceará[465]. Mas nesta época, José Auto já havia sido transferido novamente e mudara-se com a família, desta vez para Alagoas, perto da família dele.

Finda sua participação nas eleições de 1934 e brigada com alguns trotskistas do núcleo paulista, Rachel de Queiroz dedicou-se à filha pequena, e participou dos círculos intelectuais de peso que se formavam em Maceió, cidade onde passou a morar a partir do começo do ano seguinte.

Lá, encontrou-se com o círculo intelectual incentivado por Graciliano Ramos (1892-1953)[466], que reunia seus conterrâneos, Jorge de Lima (1893-1953)[467], Valdemar

---

[462] PANDOLFFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-37. p. 31.

[463] ABRAMO, Lélia. In: AZEVEDO, Ricardo de & MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* p. 67.

[464] *Apud*, BROUÉ, Pierre. O movimento trotskista na América Latina até 1940. In: *Cad. AEL*, v.12, n.22/23, 2005, p. 167-193. p.179. Ver também: SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930.* Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. p. 120.

[465] Ver BEZERRA, Carlos André Oliveira. *Aspectos Históricos da Justiça Eleitoral e da Vida Político-Eleitoral do Ceará*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Direito e Processo Eleitoral. Fortaleza, ESMEC/UVA/EJE, 2008. 46p.

[466] Graciliano Ramos (1892-1953) nasceu em Quebrangulo, Alagoas, morou no sertão de PE quando pequeno, escreveu em jornais a partir de 1906. Em 1914 mudou-se para o RJ, escreveu no *Correio da*

Cavalcanti (1912-1982)[468], Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989), Alberto Passos Guimarães (1908-1993) e Manuel Diegues Junior (1912-1991), além do pernambucano Zé Lins do Rego (1901-1957)[469], do paraibano Tomás Santa Rosa (1909-1956) e outros.

Eram todos escritores envolvidos com a crítica estética e social modernista desde o começo da década e teriam projeção nacional nos anos seguintes[470]. Todos os ilustres senhores, e Rachel de Queiroz, faziam parte dos famosos cafés literários de Maceió da década de 1930: "A gente se reunia quer no Bar do Ponto, defronte ao relógio, quer na casa uns dos outros, quer na praia"[471]; "eu fazia muito escândalo em Maceió, eu sentava com os homens, mas eu ia de marido ao lado, que era muito garantido, não é"[472].

Em 1934, enquanto Rachel mudava-se de Fortaleza para Maceió e compartilhava chopps e literatura com os intelectuais da capital alagoana, todos acompanhavam a organização de um movimento de luta social chamado Aliança Nacional Libertadora (ANL), fundada oficialmente em março de 1935, em cerimônia realizada no teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. Apesar de contar com o apoio de vários comunistas e outras

---

manhã, entre outros, voltou para Palmeira dos Índios em 1915 por conta da morte de seus irmãos, vítimas da peste bubônica. Em 1917, assumiu uma loja de tecidos. Foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios em 1927, começando em 1928, renunciando dois anos depois. Acontece então a história do famoso relatório de 1929 onde presta contas ao governo e é descoberto literariamente por Augusto Schmidt. Foi preso em março de 1936 em Maceió e levado para o RJ. Filiou-se ao PCB em agosto de 1945, a convite de Prestes. Em 1951 tornou-se Presidente da Associação Brasileira de Escritores e em 1952 viajou pela URSS. Morreu de câncer no pulmão em 1953.

[467] Jorge de Lima (1893-1953) foi poeta, nasceu em União, Alagoas, estudou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Nos anos 1920 publicou vários livros de poemas. Em 1922 voltou a Maceió e em 1923 passou a lecionar na Escola Normal. Em 1924 assumiu a direção do Liceu Alagoano, foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicano alagoano em 1926; foi exilado politicamente de seu estado em 1930, transferindo-se para o Rio de Janeiro, abrindo consultório na Cinelândia. Em 1946 foi eleito vereador pela UDN e presidente da Câmara em 1948. Lecionou na Universidade do Brasil e Universidade Católica em 1949, quando abandonou a carreira política. Morreu no RJ em 1953. Biografia retirada de LIMA, Jorge de. *Coleção Nossos Clássicos.* Rio de Janeiro: Agir, 1990.

[468] Cavalcanti (1897-1976) foi jornalista, crítico literário e funcionário público. Ainda nos anos 1920, foi secretário da prefeitura de Maceió, envolveu-se com a crítica ao movimento modernista de 1922 influenciada por Gilberto Freyre, Mudou-se para o Rio de Janeiro com José Lins do Rego em 1933, trabalhando no *Diário de Notícias,* voltando ao nordeste em 1934 para assumir o *Diário de Pernambuco,* e em seguida, para Alagoas. Voltando ao Rio em 1937, começando a trabalhar no IBGE, trabalhou como jornalista em diversos órgãos dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, assim como Rachel de Queiroz a partir de 1939.

[469]Zé Lins (1901-1957) nasceu no Engenho Corredor, na Paraíba e morreu no Rio de Janeiro. Estudou em João Pessoa e em Recife, formou-se em 1923 em Direito na Faculdade do Recife, travou aí amizade com José Américo de Almeida e Gilberto Freyre, entre outros. Nomeado promotor em Manhuçu MG (mesmo distrito de Maria Lacerda de Moura) em 1925, transferiu-se em 1926 para Alagoas, sendo fiscal de banco de 1926 a 1930, e fiscal de consumo de 1931-1935. Transferiu-se para o RJ em 1935. Foi Secretário Geral da Confederação Brasileira de Desportos de 1942-1954.

[470] Os escritores alagoanos acima citados já se conheciam há alguns anos, desde pelo menos a fundação da revista *Novidades,* em 1931, onde escreviam poemas, críticas literárias e também políticas à revolução de 1930. Ver: LEBENSZTAYN, Ieda. *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis.* Tese defendida no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009. 410f.

[471] QUEIROZ, Rachel de. Centenário de Graciliano. *O Dia.* 17/05/1992. AIMS.

[472] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 23/11/1993. p. 65. APIL.

tendências de esquerda, os primeiros dirigentes da ANL foram alguns tenentes descontentes com os rumos do governo de Vargas desde a revolução de 1930, apoiados pela fatia da classe média a favor das reformas sociais[473].

Na ocasião do comício no teatro João Caetano, um jovem comunista, estudante de Direito, chamado Carlos Lacerda (1914-1977), sugeriu simbolicamente a concessão da presidência da ANL a Luís Carlos Prestes, que não se encontrava presente no comício. O conteúdo do programa da ANL era mais nacionalista que socialista, exigia a suspensão definitiva da dívida externa, a nacionalização de empresas estrangeiras, reforma agrária, garantia das liberdades populares[474].

Apesar das aproximações entre os tenentes e os comunistas, por conta da luta democrática, antiimperialista, antilatifundiária e antifascista, uma grande diferença os afastava: a questão do poder. Os comunistas eram a favor da tomada do poder por um governo popular enquanto os tenentes não falavam sequer de tomada do poder, e sua luta democrática voltava-se mais para a moralidade política. Além disso, os tenentes pregavam a união de classes e não a luta delas e defendiam a unidade nacional[475].

A ANL ganhou projeção ao longo do ano de 1935 chegando a cerca de 70 mil adeptos, o que começou a assustar o governo Vargas e a Ação Integralista Brasileira. Aliás, a ANL e a AIB introduziram os movimentos políticos de massa no Brasil, e os embates entre ambos aconteciam nas ruas, dando ao presidente uma ideia da belicosidade destes movimentos.

No mesmo momento e em consequência do contexto vivido no país, Rachel de Queiroz e Zé Auto tornaram-se cada vez mais visados pela polícia e, por isso, preferiram se afastar aos poucos da militância política. Enquanto as esquerdas se organizavam em torno da ANL, em Maceió Rachel sofreu dois terríveis traumas pessoais, um seguido do outro:

---

[473] É importante mencionar aqui a proposição, pelo ministro da Justiça, Vicente Rao, em janeiro de 1935, de um projeto que definia crimes contra a ordem política e social, denominada Lei de Segurança Nacional (LSN), defendida no Congresso pelos liberais e aqueles que queriam fortalecer o poder executivo. Logo após a fundação da ANL, já em abril, a LSN foi sancionada por Vargas e seria utilizada várias vezes ao longo do ano de 1935.

[474] FAUSTO, Boris. *Op. Cit.* p.359.

[475] VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *Op. Cit.* p. 63-105. p. 81.

> Eis que uma febre alta, seguida de meningite, em vinte e quatro dias roubou minha filhinha, em fevereiro de 1935. Três meses depois morreu meu irmão Flávio de quem o nosso Flávio atual [sobrinho de Rachel] herdou o nome. Flávio morreu de uma septicemia causada por uma espinha no rosto. Mamãe, arrasada, eu, profundamente desolada, conseguimos de Zé Auto transferir-se para o Ceará e fomos morar no Pici. Ficamos um tempo lá e depois alugamos casa em Fortaleza[476].

Enfrentando juntas o luto, Rachel teve de dar suporte emocional à sua mãe, que nunca se recuperou da morte do filho, naquela época aluno do Colégio Militar e orgulho da família. Flávio, seis anos mais novo que Rachel, era seu irmão predileto, fora alfabetizado por ela e com ela estudara para os exames preparatórios do Colégio[477]. Após a morte dele, Dona Clotilde mandou queimar todas as fotografias em que o menino aparecia, além de um livro que escrevera, roupas, uniformes e até botões de roupa que lembrassem ele.

A partir dali, a única coisa que interessaria a ela seriam as mudas de árvore que Flávio plantara no quintal do Pici. A irmã caçula de Rachel, Maria Luiza, então com menos de dez anos[478], sofreu diretamente as consequências do luto da mãe, aproximando-se cada vez mais da irmã mais velha, que procurava compensar na vida da pequena o isolamento de dona Clotilde.

Já Rachel, mesmo aparentando mais força, nunca se recuperou, no entanto, da morte da filha: "Eu a amei apaixonadamente e nunca me recuperei do golpe que foi perdê-la, assim tão novinha. Tudo foi muito difícil... a malária durante a gravidez, a complicação no parto e depois a septicemia que a levou (...). Foi um dos piores anos da minha vida"[479].

Marcado pelo luto familiar, o ano de 1935 transcorreu em crises de depressão e de afastamento também entre José Auto e Rachel de Queiroz. Ambos, um poeta e uma escritora, permaneciam dias seguidos deitados em suas redes, quietos e mudos, sofrendo a morte da filha e deixando a relação em frangalhos. E o ano terminaria pior ainda, com as notícias que chegavam a Fortaleza.

Em 1935 Luís Carlos Prestes retornou de Moscou e procurava assumir a direção do movimento iniciado com a ANL. Ainda que Rachel de Queiroz não estivesse mais militando no Partido Comunista desde 1932, os trotskistas eram considerados uma

---

[476] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p.78. Rachel visitou sua mãe em Fortaleza após a morte de Clotildinha e Flávio, e tentou voltar a Maceió para realizar a mudança definitiva para a capital cearense. Foi novamente presa, em 30 de julho de 1935, antes de embarcar no navio "Itaimbé" rumo a Alagoas. *A Manhã* (RJ), 30/07/1935. p. 07. AFBN. A verdadeira causa da morte de Clotildinha nos escapa, pois não encontramos arquivos que nos informassem.
[477] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 15. APIL.
[478] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 96.
[479] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 94.

dissidência no interior deste movimento e respeitavam ainda a III Internacional. Assim, a interpretação da polícia política não percebia esta diferenciação[480]. A ignorância sobre o funcionamento das esquerdas levou à repressão a toda e qualquer manifestação contrária ao governo, fazendo com que Vargas e seu sistema de propaganda política, por exemplo, igualassem publicamente a ANL e o PCB.

Por isso, além do trauma da morte de sua filha e de seu irmão, além do fracasso matrimonial, Rachel de Queiroz sofreria o preconceito de amigos e parentes, e a repressão policial que aumentava proporcionalmente à medida que a ANL crescia. Em 1935, Ivo Meirelles, um de seus amigos comunistas que estivera exilado em Moscou, foi visitar Rachel para tentar convencê-la a apoiar um possível putsch comunista que se estava anunciando: "Ele veio me doutrinar para entrar no "putsch". Eu tive a briga mais violenta do mundo com ele"[481].

Em novembro de 1935 ocorreu o episódio da história brasileira chamado pejorativamente em sua época de "intentona comunista". O movimento consistiu em levantes rebeldes comandados em sua maioria por tenentes, capitães e outros militares de baixa patente nos dias 23 em Natal, 24 em Recife e 27 no Rio de Janeiro. Rachel e os trotskistas foram totalmente contra o movimento e manifestaram seu repúdio publicamente[482].

Os levantes não foram articulados entre si, duraram no máximo alguns dias e não tinham sido previamente organizados. Começando quase sem planejamento em Natal e em Pernambuco, tiveram, no entanto, o comando de Luís Carlos Prestes no Rio de Janeiro.

Segundo Marly Vianna, o ponto em comum ligando aqueles que pertenciam à ANL e os militantes comunistas era justamente a figura-símbolo de Prestes. Foi ele

---

[480] Rachel conta que, ainda em São Paulo, a polícia invadira uma vez a casa de Lívio Xavier para prender a todos, acusando-os de comunistas. Na hora, eles mostraram os números do jornal *A classe operária*, periódico do PCB, que afirmava sua expulsão do Partido. Dessa forma, conseguiram que o inspetor de polícia fosse embora, voltando, no entanto, dias depois e dizendo: "agora que eu tive contato com outros comunistas e fiquei sabendo da verdade. Me explicaram que vocês são muito piores do que eles, porque eles só querem fazer uma revolução única, e vocês querem fazer revolução todo tempo, com esse negócio de 'revolução permanente'". In: QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 70. "A teoria da Revolução permanente foi enunciada por Trotski pela primeira vez em 1905 (...). A teoria contém dois elementos principais. De um lado, ela é a interpretação, a explicação e a justificação do advento da Revolução num país não altamente industrializado, e da 'superação' do estágio formal da Revolução democrático-burguesa (...). Do outro, a Revolução permanente constitui o oposto do socialismo num único país; é a teorização da vigorosa exposição da necessidade de expansão, pelo menos aos países industrializados, da Revolução socialista, é a mesa de ensaio da solidariedade do movimento operário internacional". PASQUINO, Gianfranco. Revolução. In: _____; BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da UnB. 1998. p. 1127.

[481] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 66. APIL.

[482] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 34. APIL.

quem argumentou a necessidade da solidariedade aos companheiros do Nordeste e incentivou os levantes na capital federal.

Diferentemente do que dizia a propaganda anticomunista e alarmante do governo federal, as revoltas não passaram de quarteladas, não tiveram apoio das massas, nem elaboravam um programa definido para um possível governo revolucionário, e muito menos programas socialistas para serem instaurados. O resultado na capital federal foi um total de 12 horas de combate, 1700 sublevados, 19 mortos e 167 feridos[483].

Para Vianna, o movimento pertenceria à sequência de revoltas tenentistas que fazia parte da história política brasileira, e que reivindicava melhorias sociais, democracia ou procurava responder a conflitos pontuais em seus contextos de origem[484]. Neste sentido, ao contrário do que afirmou o governo Vargas, não foi uma tentativa de revolução comunista para a tomada do poder no Brasil.

O fato é que as revoltas foram cruelmente reprimidas e seus principais líderes presos, torturados e mesmo assassinados nos meses seguintes. Entre 03 de dezembro e 10 de janeiro foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, comandada pelo ministro da Guerra, Góes Monteiro, e executada pelo chefe da polícia política, Filinto Muller.

A Comissão seria responsável por investigar atos e crimes contra as instituições do país, sendo dotada de poderes "especiais": "foram atingidos [pela repressão] não só comunistas e aliancistas, mas todos os democratas e quem mais se opusesse ao governo" [485].

No mesmo mês de dezembro de 1935 foram presos milhares de pessoas, entre militantes, sindicalistas, funcionários públicos, militares. Entre os casos de maior repercussão, o governo encarcerou o casal alemão Arthur Ernst Ewrt, conhecido como Harry Berger, e sua companheira Elise Saborowski, membros da Internacional Comunistas que desempenhavam suas funções políticas no Brasil.

---

[483] BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 151.

[484] Para aprofundar a discussão, sugiro a leitura de VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *Op. Cit.* p. 63-105.

[485] VIANNA, Marly de Almeida G. *Op. Cit.* p. 97. Antes mesmo do levante no Rio de Janeiro no dia 27, Vargas já tinha pedido ao Congresso a aprovação do *estado de sítio* por cerca de um mês. Após o levante, o presidente apresentou três emendas, aprovadas pelo Congresso: a primeira concedia ao presidente autorização para declarar o *estado de guerra*, a segunda e a terceira eliminavam a estabilidade dos militares e funcionários civis do estado, que poderiam ser destituídos de suas funções caso fizessem parte em levantes e atos subversivos. Com aprovação do Congresso e do Senado, Vargas foi, aos poucos, prolongando o *estado de sítio* e aumentando exponencialmente a repressão.

Em 1936 foi criado o Tribunal de Segurança Nacional, para julgar os participantes do levante do ano anterior. Em janeiro prenderam o "Miranda", membro do diretório nacional do PCB; em seguida Victor Barron, norte-americano também pertencente aos principais quadros do partido e, em março, Luís Carlos Prestes e Olga Benário, sua companheira.

Um dos desfechos mais brutais desta perseguição, e que traumatizou a esquerda brasileira, foi a eliminação completa dos representantes comunistas nos sindicatos, os estupros de presas políticas e a deportação de Elise Berger e Olga Benário, grávida de sete meses de um filho de Prestes, diretamente para a Alemanha nazista, onde ambas morreram nos campos de concentração.

No Brasil, Harry Berger e Barron foram torturados barbaramente, culminando com o enlouquecimento do primeiro e a morte do segundo. Entre dezembro de 1936 e dezembro de 1937, o Tribunal de Segurança Nacional processou e condenou 1420 réus[486].

Como lembra R.S. Rose[487], a polícia política do governo Vargas disseminava histórias terríveis de tortura e deportações. Grupos especiais da polícia, como os "cabeças de tomate" [488], eram conhecidos por sua brutalidade e técnicas de tortura: alicates para amassar testículos, arames enfiados nos ouvidos e na uretra, fios aquecidos, estupros, esmagamento de crânios, cortes de seios. Além disso, rumores das prisões federais, como os porões do navio *Pedro I* ou o isolamento da prisão de *Dois Rios*, na Ilha Grande, não paravam de circular, descritas com requintes de crueldade.

O fim da militância de Rachel na esquerda em meados dos anos 1930 coincidiu, portanto, com a própria desorganização do movimento trotskista, após a Batalha da Sé de outubro de 34, com a morte de sua única filha e de seu irmão em fevereiro de 1935 e com o aumento da repressão após as revoltas de novembro. Este período constituiria um grande trauma na vida de Rachel de Queiroz, a ponto de dizer décadas depois:

> Realmente, tudo o que houve aqui durante os governos militares, a tortura, os assassinatos, os desaparecimentos de pessoas etc, não chegou àquele clima de terror que atravessávamos durante a Segunda Grande Guerra; principalmente porque não havia para nós, no ambiente internacional, nada que denunciasse as iniquidades que se cometiam no Brasil. Nós também sofremos muito, então[489].

---

[486] Apud. BRANDI, Paulo. In: DEMIER, Felipe. *Op. Cit.* p. 134.
[487] ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil (1930-1954).* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p. 46-53.
[488] Curiosamente, a Polícia Especial era comandada por Euzébio de Queiroz Filho, sádico compulsivo, que "permitia a entrada de jovens candidatos no grupo para poder explorá-los sexualmente" (Rose, R. S.).
[489] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 138.

Resultado da balança: Rachel foi obrigada a deixar para trás seu período de maior militância política, pois viu praticamente todos os amigos ou conhecidos presos, exilados ou foragidos, quando não tinham sido torturados ou mortos. Mais do que uma história a lembrar, o trauma que a militância política deste período deixou em Rachel de Queiroz e na esquerda de modo geral, foi responsável por grande parte de suas opiniões políticas nas décadas seguintes, inclusive as posições mais conservadoras dos anos 1960.

Até o fim da ditadura Vargas, a jovem escritora permaneceu vigiada constantemente pela polícia em qualquer cidade onde colocava os pés, sendo inúmeras vezes detida, o que fez com que ela se retraísse cada vez mais, afastando-se completamente da política e mesmo, temporariamente, da literatura.

Em suas memórias, o período de militância é lembrado como aquele "desejo de justiça que todo jovem generoso tem"[490]. Nesta direção, várias das entrevistas concedidas por Rachel de Queiroz a partir dos anos 1970 tendem a menosprezar esta vivência pessoal, caracterizada por ela como "juvenil" (no sentido de ingênua), "efêmera" ou equivocada.

Cabe aqui ressaltar, como o faz Paul Ricoeur, a presença da *anamnésis* na própria definição da Memória. Esta contém a seleção, a ordenação e o esquecimento. Durante muito tempo, a filosofia e as ciências sociais suspeitaram da Memória como algo enganador, suspeito, falso, justamente por considerarem seu funcionamento. Cabe, no entanto, pensar positivamente estas características, como parte da elaboração subjetiva feita em cada momento da vida de uma pessoa, sendo o esquecimento muitas vezes aquilo que "sustenta o edifício inteiro"[491].

Ao mesmo tempo em que menospreza a vivência política na esquerda dos anos 1930, Rachel descreve o trotskismo deste tempo com certa nostalgia, afirmando nos anos 1990 ser "esse período em São Paulo o melhor do meu trotskismo. Era esse grupo de trotskistas a fina flor do movimento. A desgraça é que só tínhamos teóricos e não tínhamos massa" [492]. Para Rachel, foi o trotskismo que a reconciliou com o marxismo depois da expulsão do PCB[493].

Para uma história das esquerdas no Brasil, a importância da primeira geração trotskista não se deu por sua cooptação das massas, que pouco ou quase nunca

---

[490] QUINTELA, Ary. Rachel de Queiroz. *Jornal do Comércio.* 14/03/1970. AFBN.
[491] LISPECTOR, Clarice. *Correspondências.* São Paulo: Rocco, 2002. p. 165.
[492] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 74.
[493] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 31. APIL.

aconteceu. Além da luta contra o fascismo como elemento importante para a contribuição trotskista, foram eles os primeiros a fazer uma avaliação conjuntural da revolução de 1930, assim como o fizeram alguns membros do PCB. Ambas as avaliações orientariam grande parte do pensamento de esquerda, inclusive aquele que penetra os discursos universitários a partir da década de 1950[494].

Como afirma Ricardo Figueiredo de Castro, poder-se-ia "dizer que as principais contribuições desses intelectuais [trotskistas] foram suas importantes análises sobre a história do Brasil e a conjuntura do imediato pós-30 e suas propostas políticas alternativas para as esquerdas brasileiras […]. Além disso, exerceram intensa atividade editorial e jornalística de difusão do marxismo e do antifascismo" [495].

O fato de serem intelectuais e, em sua maioria, eruditos, os fez capazes de, apesar de serem poucos, realizarem as análises teóricas mais produtivas e capacitadas daquela conjuntura, até mesmo por terem contato com as obras marxistas e trotskistas, quando a maioria da esquerda ainda lia os manuais soviéticos e os textos doutrinários de Stálin.

Para o pesquisador é difícil saber qualitativamente sobre as leituras trotskistas de Rachel de Queiroz, pois sua produção divulgada ao público nesta época concentrou-se na ficção. É, no entanto, possível demonstrar seu convívio tanto com o pensamento comunista até 1932, quanto com os principais intelectuais trotskistas a partir de 1933.

Foi na militância, nas manifestações, nos comícios, nas prisões e na perseguição policial que Rachel de Queiroz mais aprendeu os diversos significados de socialismo, democracia, fascismo e comunismo no Brasil daquele momento. Nesta fase, que durou até seus vinte e cinco anos de idade, Rachel de Queiroz moldou grande parte do pensamento político que a seguiria anos a fio e onde o trauma varguista seria o fantasma a bater sempre à porta.

---

[494] Ver: SILVA, José Ângelo. *Op. Cit.* 2002. Avaliações como a de Edgard Carone em relação à revolução de 1930 vão no sentido da avaliação trotskista. Segundo o autor, a revolução de 30 foi a quebra de um sistema de domínio baseado, em primeiro lugar, na existência dos poderes locais e estaduais dos fazendeiros e, em segundo lugar, na preponderância dos grandes estados (MG, SP). 1930 vê a participação nova de forças sociais dinâmicas, que são as classes médias e o proletariado. Assim, o jogo é diferente: as classes agrárias dominam (ainda que cada vez mais divididas), mas são obrigadas a aceitar a colaboração ou a presença das outras classes. CARONE, Edgar. _____. *O Estado Novo* (1937-1945). Coleção Corpo e Alma do Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977. p. 144.

[495] CASTRO, Ricardo Figueiredo. *Op. Cit.* p. 141-142.

“Estar só e ser autêntica”

(1937-1951)

Rachel de Queiroz nos anos 1940
Fonte: http://www.elfikurten.com.br/2012/11/rachel-de-queiroz-dama-sertaneja-das.html. Acesso em 30/12/2014

Na verdade, o que há de mais desgraçado na condição humana é esta estúpida capacidade que têm os povos de se deixarem seduzir, arrastar por uma pregação qualquer, seja ela a mais insensata, vise ela o seu próprio aniquilamento: é essa facilidade de se embriagarem com mentiras, com "slogans" primários, com toques de clarim, e saírem matando e morrendo, por amor de ideias que nem sabem quais são, em defesa de princípios em que nunca pensaram antes
Rachel de Queiroz[496]

Falei que Rachel era novidadeira. É, sempre foi. Toda a vida fez coisas diferentes do que se esperava, diferentes do que os outros fazem, sem aceitar conselho e sem ligar para a opinião de ninguém.
Maria Luiza de Queiroz[497]

Convivendo com o inimigo

Até hoje, Getúlio Vargas é uma das personalidades políticas mais estudadas do país. O modo como governou o Brasil e a influência de sua imagem mesmo após a morte desperta o interesse de qualquer estudioso do político no século XX. Tanto hoje, como em sua época, Vargas mexeu com as opiniões de todos, conquistando amigos e inimigos, e muito das posições políticas de Rachel de Queiroz a partir dos anos 1930 giraram diretamente em torno da figura e do legado varguista.

Com o aumento da repressão e da censura e a criação do Tribunal de Segurança Nacional para julgar os "criminosos" de 1935, além da constante propaganda anticomunista, Rachel de Queiroz e José Auto procuraram afastar-se da militância nos quadros da esquerda.

Decisão influenciada também pelas perdas pessoais sofridas no "maldito" ano de 1935. Voltando a Fortaleza depois da morte da filha Clotilde, o casal passou um tempo com a família no Pici até alugar um grande salão em Fortaleza, conhecido na família como o "Sobradão"[498]. Rachel conta ter mantido contato com os trotskistas de Fortaleza nessa época que, segundo ela, eram trotskistas poéticos, quase sem ação militante[499].

---

[496] QUEIROZ, Rachel de. Cruzados. *Diário de Notícias.* 01/06/1947. AFBN.
[497] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 74.
[498] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 74.
[499] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 36. APIL.

Para completar a situação, Rachel estava desempregada e passava os dias em casa, envolta em depressão. Ainda em Maceió, José Lins do Rego havia dito que a Editora José Olympio - começando a cooptar os autores que faziam parte do catálogo da extinta Schmidt Editora -, e onde Zé Lins estava imprimindo seus livros, talvez se interessasse pelo trabalho de Rachel:

> Maceió, 22 de março de 1935
> Caro Sr. José Olympio.
> Por intermédio do José Lins, soube que lhe interessava uma tradução que tenho feita do "Edouard VII et son temps", de André Maurois. Essa tradução eu tinha feito por encomenda da "Unitas", hoje falecida. E foi milagre eu a ter salvo, no espólio da finada, a minha tradução, que ainda não me tinha sido paga. Naturalmente que não cabia a mim, simples tradutora, cuidar dos direitos autorais. E eu creio que o Pintaúde, o gerente da Unitas, sempre descuidado e em falta, pouco ou nada fizera para a aquisição desses direitos. Está, pois, aqui a tradução, à sua disposição. Espero as suas ordens para a remeter pela primeira mala[500].

A vantagem da José Olympio era que normalmente pagava as traduções ou direitos autorais adiantados – algo quase impensável à época - e seu dono tinha coragem suficiente para publicar tanto os discursos de Getúlio Vargas, quanto os romances dos comunistas e socialistas, como Jorge Amado, e talvez Rachel.

De fato, o editor entrou em contato com a escritora cearense imediatamente, que lhe propôs a entrega de um novo romance no ano seguinte, para ser publicado ao mesmo tempo em que publicariam *Usina*, livro que Zé Lins preparava.

Em outubro de 1936 o romance estava pronto, chamava-se *Caminho de Pedras* e congregava o turbilhão de sentimentos que Rachel vivera nos três últimos anos: "Uma das minhas maiores dificuldades é dar nome aos livros. A ideia talvez tenha sido esta minha visão realista da vida, de que tudo é feito com muita dificuldade, de que a estrada da vida é mesmo feita de pedras. Um caminho que a gente percorre e que, muitas vezes, nos causa mais perplexidade que satisfação"[501].

No mesmo mês, porém, José Auto foi denunciado à polícia, sendo preso por alguns meses. O susto da família tinha fundamento. Em maio, Jader de Carvalho, entre outros conhecidos, fora preso pelo governo estadual, registrado como comunista perigoso, permanecendo encarcerado até setembro. Aliás, a história de Jader nas prisões do governo Vargas foi longa. Depois desta detenção em 1936, voltaria ao cárcere por dois meses entre outubro e dezembro de 1937 e, em 1944 - por ter "pronunciado um

---

[500] Carta de Rachel de Queiroz a José Olympio. Datilografada. Pasta Rachel de Queiroz. Fundo José Olympio. ANNB/L.JOE.ADM.RED.EDT.365. FCRB.
[501] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto: Funpec Editora, 2002. p. 104.

discurso de caráter comunista", foi processado e condenado a 2 anos e 4 meses de prisão, libertado antes disso pela anistia de 1945[502].

Ao mesmo tempo em que escrevia o romance prometido à J.O., Rachel deu aulas preparatórias para concursos do Banco do Brasil. A verdade é que os livros não davam muito dinheiro em direitos autorais e o balanço do que fora vendido só aparecia um ano depois. Para os alunos particulares, Rachel ensinava Ciências, História, Português, não se metia nem em Matemática nem em datilografia[503].

Pouco tempo depois encontrou um emprego regular, encarregando-se da correspondência em inglês e francês na empresa *Gradhvol et Fils*, grupo de exportação com sede na França e cujos donos eram judeus. A firma exportava peles, mamona, algodão e semente de cumaru, principalmente para a França e a Alemanha e um pouco para os EUA. Seu patrão, o Sr. Roberto, acabou tornando-se um grande amigo e, em pouco tempo, a jovem, que até então tivera pretensões literárias e socialistas, crescia justamente no ramo do comércio[504]. Irônico.

Em 1936, o presidente da República consolidou as manobras políticas para impedir as eleições que ele mesmo havia garantido realizar, e, com o apoio de militares como Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, planejou um golpe de Estado que o assegurasse no poder. A justificativa, demonstrada pela denúncia do plano Cohen[505] nos jornais, era o potencial subversivo e a necessidade da segurança nacional, principalmente contra os comunistas.

Ao mesmo tempo, no plano internacional, as notícias chegavam pelo rádio: Salazar fortalecia-se enquanto primeiro-ministro de Portugal; o Japão havia invadido a Manchúria em 1931, Hitler tornara-se chanceler da Alemanha em 1933; no ano seguinte, Mussolini invadira a Abissínia e, em 1936 começou a Guerra Civil espanhola. Era o avanço das propostas autoritárias e nacionalistas frente a duas outras correntes: o liberalismo fracassado dos anos 1920 com seus ideais de democracia e representação, e o comunismo internacionalista com sede na União Soviética:

---

[502] Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Ceará. Cópia encontrada no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Estados. Notação: 06. Dossiê: 01. Folhas: 25, 33, 45. APERJ.
[503] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 13/11/1993. p. 35/36. APIL.
[504] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 72.
[505] Documento apresentado por Góes Monteiro a Vargas e divulgado pelo governo brasileiro em setembro de 1937, atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano para a tomada do poder pelos comunistas. Anos mais tarde, ficaria comprovado que o documento foi forjado com a intenção de justificar a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. Ver: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen. Acesso em: 10/05/2014.

> Naquele meu tempo, ou você era comunista ou era integralista, ou fascista puro. O liberal quase não tinha vez: era execrado por todos. O simples fato de alguém ser liberal já fazia com que fosse considerado reacionário. (...) Recordo que eu, por exemplo, embora ainda muito nova, era tão politizada que no dia em que Hitler tomou o poder – quando recebeu a posição de chanceler do Reich das mãos do velho marechal Hindenburg – passei a noite acordada, ouvindo (em francês) a cerimônia pelo rádio, e chorando[506].

Nas recordações de Rachel de Queiroz, Sacco, Vanzetti e Hitler foram os responsáveis pelas duas vezes que a mocinha-mulher chorou abertamente por motivos políticos[507]. Com o tempo, seu coração amadureceria, e endureceria.

Para os brasileiros, as notícias que chegavam pelo rádio e pelos jornais apresentavam este cenário distante, europeu e oriental (no caso da China do Kuomitang, por exemplo), mas que mexia com as sensibilidades políticas individuais, fazendo ressurgir sentimentos nacionalistas, interesses pelos movimentos de esquerda ou solidariedade com os países em guerra.

No entanto, o que prevalecia na mídia era a propaganda anticomunista e, à medida que as esquerdas eram demonizadas, os integralistas ganhavam prestígio entre as massas e entre os intelectuais católicos e/ou os mais conservadores.

Em certos momentos e de diferentes formas, personalidades como próprio José Lins do Rego, D. Helder Câmara, Adonias Filho e Alceu Amoroso Lima, foram alguns entre os milhares dos que se sentiram atraídos pelo discurso do integralismo. Ironicamente, eles eram, ou seriam nos anos seguintes, grandes amigos de Rachel de Queiroz[508].

Em 10 de novembro de 1937, Vargas oficializou suas manobras e instituiu autoritariamente o regime chamado de Estado Novo, lançando nova Constituição e fechando o Congresso, que seria substituído por Conselhos Técnicos[509]. O povo soube do golpe pelo rádio e pelos jornais, aliás, mecanismos muito utilizados pelo presidente desde 1930 para fazer propaganda positiva de seu governo[510].

De acordo com uma recente leitura marxista da história deste período, Felipe Demier classifica o golpe de 1937 como a forma plena do *bonapartismo* brasileiro. Para

---

[506] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 79.
[507] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 136.
[508] Mais irônico ainda é pensar que, durante o regime militar, D. Helder e Alceu Amoroso Lima se colocaram críticos à ditadura, enquanto Rachel defendia o regime ou se abstinha de comentá-lo.
[509] Ao longo do regime, o governo voltou-se para o mercado interno, aboliu os impostos interestaduais, introduziu um sistema tributário padronizado e incentivou a indústria com uma política de substituição das importações, o que aproximou as classes industriais do Estado. Ver: CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 107-143. P. 111.
[510] CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 119.

Demier, Vargas ocupou a partir de 1930, um lugar de poder que não conseguia ser exercido por nenhuma das classes ou frações das classes dominantes naquele momento da história. Visando garantir o funcionamento do sistema capitalista brasileiro, permeado pela crise agrícola que vinha desde 1929 e do clima da guerra europeia, Vargas seria o vértice dos diversos blocos que tentavam, em vão, impor sua hegemonia.

Ou seja, abdicando de disputar entre pares um poder hegemônico, a burguesia cedia a essa figura *bonapartista* um tipo de dominação não hegemônica, que garantiria, ao mesmo tempo, a permanência dos interesses desta mesma burguesia, não excluindo, no entanto, benefícios de caráter social[511]. O importante é perceber como Vargas foi esvaziando o poder representativo do país entre 1930 e 1937: primeiro as antigas oligarquias e elites nacionais, depois os radicais, populistas e liberais[512].

No entanto, nem tudo são flores. Com o golpe, Vargas foi semeando mais alguns inimigos políticos. Entre eles, os frustrados candidatos às eleições presidenciais de 1938: o liberal paulista, Armando Sales de Oliveira; o candidato da AIB, Plínio Salgado[513]; e o escritor e político paraibano, José Américo de Almeida, que encarnava a voz popular neste momento.

Almeida fora autor do romance *A bagaceira*, de 1928. Na história canônica da literatura brasileira, este é o romance normalmente associado ao início do ciclo nordestino junto com *O Quinze*, de Rachel de Queiroz[514]. Tanto Almeida, quanto Armando Sales e Plínio Salgado, apesar de manterem relações com o regime de Vargas

---

[511] Para compreender melhor esta elaboração, que bebe na tradição weberiana, comunista e trotskista do pensamento social brasileiro, vale à pena ler o trabalho completo em DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1954):* um ensaio de interpretação histórica. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013. Para se ter uma ideia, já em 1932, Getúlio instituíra a carteira profissional, a jornada de oito horas e disposições sobre o trabalho dos menores. Nos anos 1940, lançaria a CGT, que regulamentaria todas as atividades do trabalho no Brasil, pela primeira vez na nossa história.

[512] Referência à pesquisa de Aspásia Camargo em: BOJUNGA, Claudio. *JK: o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 156.

[513] A AIB tornara-se partido político em 1936. É importante, ainda, destacar que no processo eleitoral de 1937, antes do golpe do Estado Novo, o PCB cogitara apoiar a candidatura de José Américo de Almeida, pois publicamente, este era o candidato bastião contrário à tentativa de Vargas de permanecer no poder. Não é à toa que em 1945, seu nome volte à tona no movimento pelo fim da ditadura do Estado Novo.

[514] Esta é uma questão polêmica. Luís Bueno (*Uma história do romance de 30.* São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006. p. 84-86), partindo da classificação do romance de 30 como um romance documental, argumenta o pioneirismo de outros livros, como *Dentro da vida* (Ranulpho Prata – 1922) e *O estrangeiro* (Plínio Salgado- 1926), além de possivelmente poder incluir *Sob o olhar malicioso dos trópicos* (Barreto Filho – 1929). Se, por outro lado, pensarmos a classificação baseados numa tradição de romance regionalista moderna, a nosso ver, o que faz de Rachel de Queiroz pioneira frente a José Américo não é o tema da seca e das mazelas nordestinas (aliás, o tema da seca já está presente na literatura nordestina desde o século XIX), mas a linguagem *mimética* (no sentido costalimeano no termo) e a introdução da questão de gênero (a questão do "outro" na literatura).

no momento do golpe, talvez até como estratégia política, não hesitarão em condená-lo alguns anos depois.

Contudo, por uma extrema habilidade para o poder, a ditadura Vargas também foi capaz de cooptar muitos intelectuais que não necessariamente apoiavam todas as ações da ditadura[515].

É conhecido na historiografia o caso do Ministério da Cultura, presidido pelo mineiro Gustavo Capanema, que foi capaz de congregar diferentes tendências intelectuais em seus quadros, projetos políticos e publicações, como Alceu Amoroso Lima, mentor intelectual do catolicismo, Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista, e Gilberto Freyre que, mesmo com suas desavenças com o interventor varguista em seu estado, publicava artigos na revista oficial do governo[516].

Freyre era amigo de Rachel de Queiroz desde o tempo em que ambos editavam pela Schmidt no Rio de Janeiro. A partir de então, e por conta da onda regionalista que impregnava a literatura nacional, inclusive despertada pelo próprio Gilberto Freyre desde 1926 com seu *Manifesto Regionalista*, ambos desenvolveram uma amizade que durou até a morte deste, em 1987. Esta foi uma amizade fortalecida pelo *background* comum entre os dois[517] e que transparecia na vida pública, devido aos vários artigos feitos por Rachel para/ou sobre Freyre e vice-versa, elogiando livros e/ou comentando atividades políticas.

Cabe ressaltar que, mesmo com todas as diferentes tendências ideológicas que conviveram neste período, havia um discurso comum no interior da elite intelectual, que se autodefinia como minoria estratégica, guia capacitado para conduzir a sociedade politicamente, e tendo como preocupação fundamental a busca da realidade, do Brasil 'real'[518].

---

[515] Ironicamente, encontramos um bilhete manuscrito, assinado por Rachel, de 04/09/1941, afirmando a autora estar trabalhando no Departamento Nacional da Propriedade Industrial, do Ministério do Trabalho. No entanto, foi impossível mapear do que exatamente se tratava. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.

[516] OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. Introdução. p. 11.

[517] De fato, Freyre, filho do juiz Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre, além de trabalhar com o oligarca Estácio Coimbra no governo de Pernambuco até 1930, combateria nos anos seguintes a ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945), seria eleito deputado federal em 1946 pela UDN e apoiaria o golpe de 1964, fazendo parte do partido da ARENA. Estes são dados que guardam algumas semelhanças com a trajetória política de Rachel de Queiroz, também filha de advogado, opositora ferrenha de Vargas e membro da ARENA até 1972, época em que, curiosamente, o presidente do partido era Filinto Muller, chefe da polícia política de Vargas entre 1933 e 1942. Contradições como esta vão cooperar com a crítica negativa da obra destes dois intelectuais por parte da esquerda acadêmica dos anos 1950 e 60.

[518] OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Op. Cit.* p. 16.

Muito também se discute na historiografia sobre uma possível aproximação do Estado Novo com os movimentos fascistas de sua época. Para pesquisadores como Demier, por exemplo, Vargas exercia um *bonapartismo semifascista* neste momento[519]. Já para Lúcia Lippi Oliveira, o governo de Vargas estaria mais próximo de um nacionalismo extremado, autoritário e conservador, do que do fascismo *à la* europeia. Isto por três características fascistas **não** encontradas no contexto brasileiro: a) presença de um partido de massas, forte e organizado; b) militarização de suas forças a ponto de competirem com as próprias Forças Armadas regulares (apesar da existência da AIB); c) Estado como totalidade espiritual, síntese necessária com cada indivíduo do corpo social[520].

Se nem todos aqueles envolvidos com o governo Vargas admitiam simpatias com o nazifascismo, alguns o faziam abertamente, como Filinto Muller, chefe da Polícia Política de Vargas, e Lourival Fontes que, a partir de 1939, seria o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Cabe ainda destacar, no Estado Novo, o aumento de poder político e militar de figuras como Góes Monteiro, agora chefe do Estado Maior, e seu Ministro da Guerra, o general Dutra, ambos amigos de Getúlio Vargas desde o tempo do Bloco Acadêmico Castilhista de 1907[521].

A nova Constituição, imposta por Vargas em 1937, legalizou a censura prévia dos meios de comunicação, atingindo principalmente os jornais, muitos deles empastelados, apropriados pelo governo ou esvaziados de seu conteúdo político em busca de barganha financeira. Através de uma polícia nova, violenta e antidemocrática, funcionando como braço executivo do Estado, a censura, que sempre esteve presente, foi radicalizada, atingindo principalmente as esquerdas:

> O Estado Novo caiu em cima da gente como uma pedrada na cabeça. O Getúlio mandou o Negrão de Lima pegar o avião, parar em todas as capitais do Brasil e pedir para os governadores fazerem uma operação varredura, isto é, prender todos os intelectuais de esquerda. Nem todos aceitaram essa determinação (...). Foi o pega pra capar. O Getúlio deixou todo mundo preso (os intelectuais de esquerda, trotskistas, stalinistas, anarquistas) até janeiro, incomunicável[522].

---

[519] DEMIER, Felipe. *Op. Cit*. p. 119.
[520] OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Op. Cit.* p. 27.
[521] PINTO, Sérgio Murillo. *A* doutrina Góis: síntese do pensamento militar do Estado Novo. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Op. Cit.* p. 291-307. p. 303. Ver também o verbete "Getúlio Vargas" do *Dicionário Histórico-biográfico brasileiro.* Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb.
[522] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto: Funpec Editora, 2002. p. 103.

Em fins de 1937, a casa de Rachel de Queiroz em Fortaleza foi invadida, documentos pessoais apreendidos, e a autora presa na sala de cinema do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, lá permanecendo entre 24 de outubro e 03 de dezembro. Da mesma forma, seu romance, lançado no começo do ano pela José Olympio, foi proibido de circular e os exemplares encontrados foram queimados em praça pública, junto com tantos outros, de outros autores considerados "perigosos" [523].

Até agosto daquele ano, somente algumas críticas tinham saído sobre o livro, mesmo sendo Rachel de Queiroz uma das escritoras mais comentadas na imprensa nacional. As poucas que saíram foram negativas, apontando um esgotamento da capacidade literária de Rachel e procurando causar escândalo por conta de algumas cenas do romance, tidas como "decadentes". Somente em maio e agosto, Almir de Andrade[524] e Teixeira de Sales tinham publicado comentários favoráveis nas revistas literárias *Boletim de Ariel* e *Dom Casmurro*, respectivamente. Os críticos tentavam compreender o romance, lançado com um intervalo de cinco anos do anterior, e completamente desconcertante.

Caminho de Pedras contava a história de Noemi, casada com João Jacques e mãe de "Guri", funcionária de uma pequena loja de fotografias[525] em Fortaleza, que se envolvia amorosamente com um militante comunista vindo do Rio de Janeiro, de nome Roberto, responsável por ajudar a organizar uma sessão do partido na cidade. Confessa Rachel:

> Olha, aqueles comícios, aquela figura patética daquela operariazinha, os seus companheiros... todos eles foram meus companheiros do Partido. Aquele judeu muito bem humorado, aquele velho que ia preso, dizia desaforos ao delegado e continuava preso... eram os meus companheiros de luta. Alguns nomes, eu os mantive na íntegra[526].

A trama começa com o envolvimento de Noemi e Roberto, a princípio por afinidades ideológicas, e que acaba, com o tempo, descambando numa relação amorosa condenada socialmente. Cenas que apresentam páginas de desejo sexual feminino, traição e hipocrisia social, além da descrição da morte de uma criança, despertaram em alguns críticos condenações morais ao romance:

---

[523] MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz.* Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, nº 04, jan/2002. p. 73.
[524] Almir de Andrade ainda seria diretor do *Cultura Política*, periódico oficial do Estado Novo.
[525] A loja tirava e retocava fotografias.
[526] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.103.

> O acolhimento que fez a crítica do último romance de Rachel de Queiroz contrasta de modo curioso com o acolhimento feito às suas obras anteriores. Ouvimos acusações as mais disparatadas e ridículas: até acusadores anônimos têm vindo à baila, aparecendo pela primeira vez nas colunas dos jornais para atirar em rosto da romancista cearense encrespações nascidas não sei de que subterrâneas intenções de mediocridade e de desrespeito... Não se limitam eles à tentativa risível de se criar "escândalo" em torno do romance: chegam a ferir a própria romancista condenando-a à decadência e ao esgotamento de sua capacidade literária. Em meio dessa onda hostil, há alguns críticos que se mantiveram serenos e objetivos; mas, mesmo dentre esses, poucos se atreveram a reconhecer o que há de verdadeiro valor literário em *Caminho de pedras* [527].

O problema é que, para além das questões morais e de gênero, o romance tinha um fundo político que não pareceu agradar nenhum dos lados ideológicos predominantes naquele ano de 1937. Rachel de Queiroz era nacionalmente conhecida pelo seu envolvimento com as esquerdas no começo da década e, de repente, apareceu com um livro em que o comportamento e os preconceitos no interior do Partido Comunista eram visivelmente questionados.

Acontece que *Caminho de Pedras,* para além da história romântica entre Noemi e Roberto, apresentava uma forte crítica ao PC, ao denunciar o preconceito sofrido por Roberto, considerado "intelectual", por parte daqueles considerados os "verdadeiros proletários".

Pelo lado político e pelo lado moral, portanto, ficava clara a relação entre o romance e a trajetória de Rachel de Queiroz até então, da forma como vimos construindo o argumento até agora. Basta ler algumas páginas com atenção:

> Foi para o quarto, começou a se despir febrilmente. Arrancou os botões, descobriu de uma vez só o corpo todo. E parou, de repente, para contemplar com surpresa a sua carne que era sempre mesma, fresca, jovem, sã. Nada da medonha destruição que a esmagava transparecia ali. Que esperava ela? Talvez estar ferida, machucada, coberta de vergonhas, sangrando? Não seria muito mais lógico do que aquela carne insolente de juventude, rija, moça, com um sangue morno e ativo correndo dentro? Olhou duramente o peito, o seio que a boquinha dele sugou tantos meses, que ele amava e desejava com tanta fúria. Correu as mãos pelo ventre, pelos quadris, por esse corpo que ele ocupou, do qual foi mais senhor do que um amante. Ah, o orgulho de ter saído da sua carne aquela perfeição, as mãozinhas, a cara, o sorriso, o cabelinho crespo! Parou de novo o olhar em si, com rancor, com um desejo mau de destruição. Estéril, inútil. Perdeu o filho, como um bicho que perde a cria, e continua vivendo, feliz, engordando, arranjando outros. Até que chegou a um ponto em que não pôde mais, enrolou-se no roupão, cobriu com as mãos o rosto num acesso medonho de desespero. Caiu na cama, chorou, chorou como ainda não chorara um choro que subia das entranhas, que queimava o peito, os olhos, a cabeça, como um fogo, como um veneno[528].

Ao lembrarmos o trauma sofrido pela morte de Clotildinha, podemos concordar com o biógrafo Michel Schneider: "É preciso, pois, ler os livros que os escritores

---

[527] ANDRADE, Almir de. Caminho de Pedras.; In: *Boletim de Ariel.* Maio 1937. AABL.

[528] QUEIROZ, Rachel de. *Caminho de Pedras.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004. 12ª ed. p. 150/151.

[biografados] escreveram – é lá que estão narradas suas mortes. O escritor é alguém que morre a vida inteira em frases compridas e palavras curtas"[529].

Em seu movimento de desencantamento com o Partido Comunista em 1932 e, depois, com a perseguição às esquerdas por parte do governo, aliado à morte de sua filha e ao fracasso do casamento, *Caminho de Pedras* não esconde nem um pouco os sentimentos presentes na vida da autora, tornando-os mesmo explícitos, talvez até como fuga para a depressão. E por isso não agrada nem direitas, nem esquerdas[530], não traz pregações morais, não faz apologia ao governo Vargas, nem se encaixa no chamado *romance proletário*[531].

Pode-se considerar, a partir deste livro de 1937, duas características da escritora e da pessoa, Rachel de Queiroz: pelo viés literário, *Caminho de Pedras* traz, apesar do desconcerto que provoca, um traço comum à literatura de sua época, que é o sintoma do fracasso, a avaliação negativa do presente. Segundo Mário de Andrade, a literatura dos anos 1930 teria no fracasso sua visão de nacionalidade[532].

Já do ponto de vista pessoal, Rachel optou, a partir deste livro, pela *autonomia* frente seja às correntes literárias predominantes, seja aos movimentos políticos organizados em torno de instituições ou personalidades. Uma afirmação da crítica de Teixeira de Sales – provavelmente a última feita sobre o livro - metaforiza esta ideia, quando diz em certo momento: "A vida pessoal de ambos [Noemi e Roberto] vence a vida política do livro" [533]. Assim, a autonomia política de Rachel vence sua militância em grupos.

> Depois de mais de quatro anos de ausência, "Caminho de Pedras" não aparece, como muita gente naturalmente supõe, representando um marco de evolução, o resultado de um prolongado esforço de aperfeiçoamento. Pelo contrário, durante esses anos todos andei por este mundo, navegando, trabalhando, lutando, amando e sofrendo e naturalmente esqueci o ofício. (...). Felizmente ainda não estou tão velha que não possa recomeçar. O que quero é me livrar da responsabilidade dos escritos antigos, fazer de conta que me inauguro outra vez, que ninguém me sobrecarregue com os

---

[529] Michel Schneider: *Apud.* DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.* São Paulo: Editora da USP, 2009. p. 58.

[530] Afirma Rachel: "Trata-se de um livreco que por uma curiosa fatalidade, atrai condenações como um pára-raios. Logo à sua saída desencadeou uma chuva de insultos dos amigos estalinistas (traidora, policial, derrotista, etc.) numa porção de artigos e cartas, alguns dos quais assinados, mas na maioria anônimos". In: QUEIROZ, Rachel de. Senhores do Pixe. *Vanguarda Socialista.* 30/11/1945. p. 01. CEMAP.

[531] Para um estudo específico sobre a recepção a este romance, ver: BUENO, Luís. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: *Revista Letras*. n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997, p. 19-38. E também minha dissertação de mestrado: GUERELLUS, Natália de Santanna. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o campo literário dos anos 1930.* Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

[532] Interpretação de BUENO, Luís. *Op. Cit.* 1997. p. 75.

[533] SALES, Fritz Teixeira. Sobre uma escritora. *Dom Casmurro.* 05/08/1937. p. 05. AFBN.

> compromissos, a que não me submeto, de profissional. Amadora, só amadora é que sou. De profissão, sou professora. E, aliás, má professora. RQ[534].

Durante a prisão no Corpo de Bombeiros, Maria Luiza de Queiroz conta que, a princípio, Rachel ficou incomunicável mas, por conta das relações políticas e de amizade do Dr. Daniel, a família logo pôde visitá-la aos domingos. Por ser romancista, Rachel foi considerada bacharel, o que fez com que não fosse parar no xadrez comum, como a maior parte dos encarcerados políticos[535].

Não foi registrada tortura, privações ou qualquer outro tipo de violência. O intuito parecia ser mesmo tirar a escritora de circulação por um tempo, enquanto a política do governo federal se sedimentava. Quando foi libertada em dezembro, Rachel retomou a rotina da *Gradhvol et Fils*, onde dali a pouco ascendeu ao cargo de gerência. Até 1939, a autora ganharia o mesmo salário que o interventor do estado, cerca de três contos de réis por mês[536].

Enquanto Rachel voltava à atividade comercial, José Lins do Rego tornara-se fiador dela junto à editora José Olympio no Rio de Janeiro. Aliás, não só fiador de Rachel como de praticamente todos os "romancistas do norte", pois ele era quem pedia aos amigos uma crítica, uma nota, um comentário sobre os livros publicados pelo círculo regional cada vez mais estabelecido na literatura brasileira.

Já a crítica literária estava aparentemente às voltas com a tentativa de pensar a tradição do romance brasileiro por dois vieses: o regional/social e o psicológico, seguindo uma possível tradição que ascenderia, de um lado, de José de Alencar e, de outro, de Machado de Assis, respectivamente[537].

No entanto, independente de filiar-se a uma ou outra corrente, a crítica tendia a privilegiar texto e autor a partir da capacidade que eles teriam em representar a realidade brasileira, esta sim, centro do debate literário.

Neste sentido, os autores eram impelidos a assumirem posições políticas e fazerem de sua literatura uma tradução destas. Daí classificações recorrentes de um Jorge Amado como escritor revolucionário e de um Otávio de Faria como escritor católico e conservador por excelência. Para Bueno, trata-se, portanto, não somente de

---

[534] QUEIROZ, Rachel de. *Caminho de Pedras.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937. 1ª ed. Prefácio. AJAB.
[535] QUEIROZ, Rachel de. Senhores do Pixe. *Vanguarda Socialista*. 30/11/1945. p. 01. CEMAP.
[536] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 73.
[537] Ver o artigo de FUSCO, Rosário. Capítulo de Política Literária. *Diário de Notícias.* 07/08/1938. p. 02. AFBN.

autores engajados, mas também de uma crítica engajada, que tinha dificuldades em classificar textos dissonantes, como *Caminho de Pedras*[538].

Propondo uma abordagem que se torna interessante para o argumento desta tese, Luís Bueno pretende analisar os romances de 30 como um conjunto de textos que, por seu próprio contexto, trouxe para a história do romance brasileiro, novos protagonistas. Sendo grande parte dos autores deste período membros de uma elite urbana ou rural, tiveram que se confrontar com o *outro* da *realidade* brasileira: fosse o pobre, o proletário, o sertanejo, o adolescente, o homossexual, o louco ou a mulher[539]. Uma análise literária desta época, portanto, não pode ser resumida simplesmente ao embate do social *versus* o psicológico, mas às diferentes formas da literatura representar seus *outros*, seus fantasmas. No caso do romance racheliano, é no *outro*, principalmente na mulher, que se encontra a inserção de um olhar original sobre este "novo" protagonista na história da literatura nacional.

***

Depois da caça aos comunistas, ainda nos primeiros anos da ditadura, Vargas desmobilizou o último de seus antigos aliados: os integralistas. Até então, a AIB, como já foi dito, concentrava muitos daqueles que, mesmo heterogêneos ideologicamente, eram a favor de um estado centralizado e autoritário, críticos ao capitalismo liberal e ao comunismo. E, assim, foram parceiros do governo Vargas e exerceram papel importante na instauração do Estado Novo em novembro de 1937, chegando a fazer desfiles e discursos em sua homenagem[540].

Por outro lado, com o fim dos partidos a partir do dia 03 de dezembro do mesmo ano, a AIB tornou-se praticamente uma organização cultural, ainda que continuasse contando com milhares de membros e simpatizantes. Sendo assim, com o passar do ano de 1938 e a consolidação da ditadura, aumentaram os rancores pela candidatura frustrada de Plínio Salgado à presidência no ano anterior. A isto, se aliava o descontentamento com a censura e o regime personalista do Estado Novo, que acabara relegando a AIB a um papel simbólico.

---

[538] BUENO, Luís. *Op. Cit.* 2006. p. 37.
[539] BUENO, Luís. *Op. Cit.* 2006. p. 24.
[540] MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 39-62. p. 47.

O resultado foram dois *putschs* integralistas em março e em maio de 1938, visando assumir o governo federal. Eram tentativas de um golpe dentro do golpe: ambos frustrados, terminando com a prisão de dezenas de militantes, o exílio de Plínio Salgado e o progressivo fim da organização, ainda que o integralismo enquanto corrente ideológica permanecesse na cultura política brasileira nas décadas seguintes.

Aos oitenta anos, Rachel de Queiroz ainda lembrava bem das histórias que corriam sobre a repressão aos integralistas:

> David Nasser tem um livro do que fizeram com os integralistas. Diz que assassinaram, que passavam metralhadora. E os chefes, eles botaram... deixaram morrer. Ele morreu tuberculoso, porque botaram ele numa celazinha e todo dia a cela era lavada; enchia d' água, e não escorria nem nada. E ele dormia ali, sobre o chão. Nem jornal tinha. Tinha tuberculoso[541].

Era, portanto, o auge da figura pública de Vargas e de sua ditadura, além da eliminação de praticamente todos seus concorrentes e inimigos políticos. Com a consolidação do Estado Novo no país inaugurou-se um regime em diálogo com um contexto mundial de descrença na democracia liberal e ávido por unidade nacional[542].

Da mesma forma, mais do que nunca, o governo dava importância ao centro do poder, fosse no sentido da centralização política em torno do Executivo, fosse no sentido da centralização geográfica em torno da capital federal.

O estado do Rio de Janeiro concentrava as atenções, era a terra do "nacional" por excelência: o samba nacional, a rádio nacional, os cantores nacionais, o cinema nacional e, futuramente, a Companhia Siderúrgica Nacional, projeto econômico de peso da campanha de Getúlio Vargas desde 1930.

Para se ter uma ideia, no ano de 1939, o Distrito Federal e São Paulo eram as únicas cidades do país a possuírem mais de um milhão de habitantes (1.896.998 e 1.322.643, respectivamente), um aumento de 800% em setenta anos! Enquanto Fortaleza tinha, à mesma época, 153.644 habitantes. Da mesma forma, apesar do Brasil

---

[541] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 52. APIL.

[542] OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. p. 08. Dessa época, Rachel também recorda as notícias que vinham da Europa: "num período de apenas dois dias, mais de 250 sinagogas foram queimadas, cerca de 7.000 estabelecimentos comerciais judaicos destruídos, dezenas de judeus foram mortos, e cemitérios, hospitais, escolas e casas judias saqueadas, tudo ante a total indiferença da polícia e dos bombeiros e da população. Era "a noite dos cristais", o começo da perseguição em massa dos judeus na Alemanha". QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 136.

ser um país ainda predominantemente rural, sua população urbana crescia exponencialmente, numa média de 36% no Rio e 60% em São Paulo[543].

Culturalmente, a capital federal era atrativa para qualquer autor que quisesse ter maior expressão no país, sede que era das maiores editoras e livrarias e dos mais importantes jornais.

A cidade ficou na mira de Rachel de Queiroz desde o início da carreira, mas se tornou projeto pessoal provavelmente a partir de 1938, momento em que escrevia com regularidade no *Correio do Ceará*, mas Fortaleza tornava-se um ambiente complicado para suas ambições pessoais e profissionais.

Ao contrário do que poderia prever a censura, Rachel despertava a curiosidade do leitor comum, justamente por ser uma escritora "proibida". Em 1938, seus dois primeiros romances começavam a ter uma ótima aceitação no centro-sul: a Companhia Editora Nacional oferecera publicar a terceira edição de *O Quinze* e a segunda de *João Miguel*, e os livros estavam sendo traduzidos na Argentina e na Alemanha[544].

Para Rachel, porém, era importante fortalecer relações com a editora José Olympio, que crescia exponencialmente nesta década, publicando a fina flor da literatura e da sociologia brasileiras[545]. Por isso, a autora logo enviou um bilhete à JO contando sobre a proposta da Companhia Editora Nacional e prometendo entregar um próximo romance ainda em julho de 1938.

O tempo, no entanto, foi cruel, mesmo que a partir de agosto o livro prometido parecesse avançar:

---

[543] CARONE, Edgard. *O Estado Novo* (1937-1945). Coleção Corpo e Alma do Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977. p. 05.

[544] Bilhete de Fortaleza, 04/05/1938, manuscrito. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio.Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.

[545] José Olimpio nasceu em Batatais, SP, em 1902, e começou trabalhando na arrumação e limpeza de livros na Casa Garraux, em São Paulo. Seu primeiro lançamento como editor foi a tradução de *How to psychoanalyse yourself*, de Joseph Ralph, livro continuamente reimpresso ao longo dos vinte anos seguintes. A editora foi, no entanto, periodicamente paralisada em 1932 por conta da Revolução Constitucionalista em São Paulo. José Olympio só conseguiu voltar a publicar em 33, desta vez lançando livro de Humberto de Campos, autor que seria sua viga mestra a partir de então. Em 1934, o editor achou por bem encarar o crescente mercado de livros da capital federal, ainda mais após a derrota de São Paulo em 1932 e as dificuldades que daí advieram. A editora mudou-se, de vez, para o Rio de Janeiro, sendo oficialmente batizada de "A Casa". Logo virou polo de encontro dos escritores da moda. Todo o grupo dos nordestinos se encontrava por lá. Ver: Sobre a biografia de José Olympio, ver: HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil.* São Paulo: Edusp, 1985; SOARES, Lucília. *Rua do Ouvidor 110.* Rio de Janeiro**:** Editora José Olympio, 2006; PEREIRA, José Mário. (Org.) *José Olympio: O editor e sua Casa.* Rio de Janeiro: Sextante, 2010; VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores.* Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.

> O meu livro vai andando e andando muito rapidamente, agora. Tenho muito medo do que vocês irão pensar dele. É um pouco diferente, mais pensamento que ação, escrito na primeira pessoa. O nome, como vocês já sabem, é *As Três Marias*[546].

No entanto, somente em março de 1939 Rachel conseguiu terminar o romance que prometera à J.O. quase um ano antes. O livro mantinha o título de *As três Marias* e foi dedicado ao poeta Manuel Bandeira que, apesar de ter quase a idade do Dr. Daniel, era um dos melhores amigos da escritora no Rio de Janeiro desde 1931[547].

Pela primeira vez, Rachel de Queiroz escrevia um romance na primeira pessoa, num tom declaradamente autobiográfico, revivendo memórias da infância. Mais tarde, confessaria que muito da relação entre Guta, personagem principal do livro, e o pai, era uma ficcionalização do que Rachel vivera em sua família[548] e nos tempos do Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza.

Segundo Luís Bueno, "ao contrário do realismo do século XIX, que havia estigmatizado a narrativa em primeira pessoa, muitas vezes o romance de 30 priorizou-o". O efeito era duplo: por um lado, conferia maior veracidade a uma literatura que se propunha documental; por outro, sublinhava o "caráter definitivo das derrotas narradas, já que para ninguém o impasse pode ser tão profundo, ou mais sem saída a situação, do que para aquele a quem não é dada uma perspectiva mais ampla ou distanciada do problema" [549].

Além disso, surge num importante personagem do romance a figura do judeu, representando uma das personagens que mais permeavam o imaginário brasileiro enquanto a guerra se preparava na Europa. O livro tinha outra característica que não passou despercebida pela crítica de seu tempo: o tom quase exclusivamente feminino,

---

[546]Correspondência a Graciliano e José Lins do Rego, 22.08.1938. FCRB.

[547] Ver bilhete datilografado de 15/03/1939 de Rachel de Queiroz a José Olympio. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.

[548] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 100. Ver também: "*As três Marias* é meu livro mais autobiográfico. Elas realmente existiram. A Guta sou eu, a Maria da Glória morreu há três anos e a Maria José estava com o presidente Castelo Branco, quando sofreram aquele desastre aéreo fatal. A Maria da Glória, por exemplo, era órfã. Tudo aquilo é rigorosamente biográfico. Há muito da minha vida de jovem, a minha primeira vinda ao Rio, aquela paixão por aquele homem... Tudo aquilo foi um retrato fidedigno daquele tempo". NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 107. Sua irmã, Maria Luiza de Queiroz, ainda comenta em entrevistas que o caso amoroso entre Guta e um intelectual judeu foi também um fato real, referente a um namorado que Rachel tivera quando de suas primeiras visitas ao Rio de Janeiro dos anos 1930. Ver QUEIROZ, Maria Luiza de. Entrevista à autora. 17/12/2010, p. 21. Arquivo pessoal.

[549] BUENO, Luís. *Op. Cit.* 2006. p. 79. Também Haroldo Bruno comenta em crítica de 1974, por conta da reedição de *As Três Marias,* como Rachel de Queiroz não sobrepõe nenhuma ideologia ou pressupostos morais ao caráter imaginativo, ao caminho de liberdade percorrido pelas personagens. Ver: BRUNO, Haroldo. Rachel de Queiroz. Suplemento Literário do *O Estado de São Paulo.* 10/03/1974, p. 01.AFBN.

recontando em especial a história de três personagens principais, mas construindo inúmeras tramas na vida das internas do colégio de freiras, palco onde se desenrola grande parte da história.

As três Marias traz um excelente panorama dos enfrentamentos femininos da década de 1930 com suas aspirações, seus limites, projetos e frustrações, os paradoxos de gênero daquela sociedade, as impossibilidades profissionais e amorosas, o horizonte de expectativas para tempos futuros. Aqui, as definições do *romance social* não fazem muito sentido e talvez por isso, *As Três Marias* tenha quase desaparecido dos atuais livros didáticos que tratam do regionalismo de 30.

Considerado um romance de formação por excelência, *As Três Marias* fechava o primeiro ciclo de Rachel de Queiroz, que só viria a publicar romances novamente em 1975[550]. No Anuário de Literatura de 1940, afirmou Jaime de Barros:

> Parece-me, porém, que o romance mais forte, de maior densidade, publicado em 1939, foi o da senhora, Rachel de Queiroz. Em *As Três Marias* a autora de *O Quinze* ampliou sua visão, caracterizou com segurança as figuras centrais de Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória. Composto em tom fragmentário de reminiscência, o romance não perde a intensidade tão vivo é o jogo de situações e de destinos, tão poderosa a capacidade da senhora Rachel de Queiroz de dar realidade aos personagens, comunicar sua emoção, animar e desenvolver episódios[551].

De fato, *As três Marias* foi considerado, por muito tempo, o melhor romance de Rachel de Queiroz, o mais acabado e equilibrado, resultado de seu amadurecimento literário. Do lado profissional, portanto, a autora cearense alcançava a admiração da crítica em geral e parecia consolidar seu nome como um "fenômeno literário".

Afirma o crítico Mário de Andrade, que até então não conhecera pessoalmente Rachel: "Ninguém distribui certidão de obra-prima. Em todo caso, *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz me parece uma das obras mais belas e ao mesmo tempo mais intensamente vividas da nossa literatura contemporânea"[552].

Se nos anos 1930 foi assim que o maior crítico literário definiu o romance, até os anos 1950 ele criaria novas interpretações, com as constantes republicações. Já em 1958, Adolfo Casais Monteiro, por exemplo, queixa-se de como o personagem masculino principal, Isaac, o amante e pai do filho abortado de Guta, some

---

[550] Não considero aqui *O Galo de Ouro*, romance em folhetim, publicado na revista *O Cruzeiro* nos anos 1950 que foi lido em emissão radiofônica pela Rádio Roquette Pinto em meados de 1964 e publicado como livro na íntegra nos anos 1980.

[551] BARROS, Jaime de. Tendências do Romance Brasileiro. In: *Anuário Brasileiro de Literatura*, 1940. p. 53. FCRB. Ver também "Letras femininas em 40". In: *O Imparcial*, 05/01/1941, p. 6. AFBN, onde *As três Marias* é descrito como "um romance bem conduzido e ótimamente escrito", entre outros elogios.

[552] ANDRADE, Mário de. *Apud*. NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 248.

completamente da trama sem mais nem menos. *As Três Marias* permanece como um romance do feminino e é descrito como ambíguo, mistura entre crônica e memória, de gênero literário indefinido[553].

Por outro lado, a trajetória política de Rachel já tinha virado motivo suficiente para afastar antigos amigos. Mesmo alguns parentes fingiam não a conhecer ou negavam o parentesco, afirmando seu "ódio e medo dos comunistas" (a diferença entre comunista e trotskista não era percebida), classificados como a "canalha, os negros e os gatunos"; ou argumentavam não querer compartilhar de "semelhante companhia" [554]. Afinal, "ser comunista, então, era uma coisa tão perigosa quanto ser terrorista hoje" [555], define a senhora Rachel em 1998.

Acrescentado a isso, havia um assunto mais importante e urgente: o casamento com o bancário José Auto Cruz Oliveira dava seus últimos suspiros de morto-vivo:

> Ele era um homem muito fechado. A gente quase não conversava sobre as nossas coisas pessoais. Faltava comunicação entre nós. É importante, numa relação a dois, "compartilhar" as experiências, preservando evidentemente a individualidade de cada um. O José Auto era um homem muito silencioso, introspectivo. Ele sentiu muito a morte da nossa filha, mas não soube expandir o calor necessário que pudesse minimizar as nossas dores. Ele ficou recluso na sua concha e fomos nos distanciando, pouco a pouco. Após a morte da nossa filha, a separação foi inevitável [556].

Em tempos onde o divórcio era ilegal e considerado o "germe do enfraquecimento e da desordem social" [557], um pedido de desquite seria fatal para a imagem da família do Dr. Daniel, principalmente por conta do catolicismo arraigado em grande parte de seus parentes, que já começavam a acusar Rachel de, entre outras coisas, não ser digna do nome de avó, a grande matrona do sertão[558].

Para completar, no contexto internacional, a Alemanha nazista declarara guerra contra a França e a Inglaterra, e a *Gradhvol et Fils* sentia os primeiros impactos da crise econômica-política europeia que a prejudicaria definitivamente nos próximos meses: "Quando os alemães entraram em Paris, mataram a família todinha, desapareceu até

---

[553] MONTEIRO, Adolfo Casais. Ainda de Rachel de Queiroz. *O Estado de São Paulo.* 22/03/1958. Seção Literatura e Arte. AFBN.
[554] Ver carta de Clotilde para Rachel. 10 de maio, sem ano (provável do fim dos anos 1940, pelos indícios históricos). 2p. frente e verso. Série de Correspondências Familiares. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
[555] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 76.
[556] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p.94.
[557] Apud BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 37.
[558] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 73.

hoje. Tinha os mais velhos, os três irmãos mais velhos. A sede da firma era em Paris”[559].

No começo de 1939, com o apoio do Dr. Daniel e de Dona Clotilde, José Auto pediu transferência para o Rio de Janeiro e Rachel, apesar de ganhar quase três contos de reis por mês, mais do que o governador do Estado, achou que o Rio de Janeiro lhe proporcionaria maior contato com a vida cultural e literária, sua verdadeira vocação[560].

Na capital federal, o casal ficou três meses morando no nono andar do Edifício, Avenida Beira-Mar 160, na Esplanada do Castelo, Centro. Dividiam o apartamento, mas cada um com seu espaço próprio[561]. No terceiro andar, morava o jornalista, linguista e músico cearense, Evandro Moreira Pequeno, amigo de Aníbal Machado[562], Alfredo Lage e Barreto Leite Filho.

Na casa de Aníbal, em Ipanema, reunia-se todo domingo à noite um grande círculo de intelectuais, que incluía ainda os amigos de Rachel, Pedro Nava, Afonso Arinos, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Carlos Leão[563]. Com outra roda de amigos, Rachel frequentava a casa do pintor Cândido Portinari, onde se reuniam Drummond, Carlos Leão e onde a escritora conheceu uma de suas grandes amigas, Carlota de Macedo Soares, a futura realizadora do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro[564]. Para completar, Rachel voltou a tomar contato com os trotskistas que estavam no Rio através de Mário Pedrosa[565].

Logo Rachel acessou seus contatos e, através de Raimundo Magalhães Jr. (1907-1981), começou a fazer crítica de cinema na *Vamos ler*, além de crônicas semanais no *Diário de Notícias*, periódico de alta tiragem no Rio de Janeiro, propriedade em 1930 do cearense Orlando Ribeiro Dantas.

A princípio, o *Diário* apoiou a revolução de 1930 e a posse de Vargas, voltando-se, no entanto, contra ele já em 1932. Durante todo o Estado Novo, manteve-se

---

[559] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 65. APIL.
[560] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 97.
[561] Ficha de registro de moradores. Setor Administração. Notação 15, Dossiê 1, Folha 04-C. APERJ; NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 97.
[562] Aníbal Machado (1894-1964), mineiro de Sabará, formou-se em Direito, foi escritor e professor. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1923, quando começou a congregar o círculo dos escritores e artistas mais importantes da cidade. Nos anos 1930 escreve para o *Correio da Manhã* e o *Diário do Povo.* Em 1944 é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e é ele quem organiza em São Paulo o I Encontro Brasileiro de Escritores, onde protestou contra a Ditadura do Estado Novo. É pai da dramaturga Maria Clara Machado (1921-2001).
[563] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 122/123.
[564] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 39. APIL.
[565] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/07/1992-17/08/1992. p. 66. APIL.

"independente", sendo um dos poucos periódicos a recusar as constantes "propinas" oferecidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda para divulgar a política do governo. Neste sentido, mesmo afirmando-se um jornal interessado em literatura, condensaria o discurso político anti-Vargas logo após o fim da ditadura. Para escrever no *Diário,* Rachel conta ter fechado um contrato de cem mil reis por semana[566], sabendo que o salário mínimo estabelecido em 1940 era de duzentos e vinte mil reis por mês[567].

Jornal localizado no centro da cidade e distante do edifício *Marcelle* apenas alguns quarteirões, o *Diário de Notícias* viu muitas vezes Rachel sair da redação acompanhada de Evandro e dos amigos do jornal, por volta de onze, onze e meia da noite, sem deixar de antes passar no Café Globo. Lá, entre uma e outra colherada de canja, acompanhavam as manobras da guerra na Europa e souberam "quando Neville Chamberlain[568], o primeiro-ministro inglês (um pacificador), foi a Munique preparar com Hitler um tipo de acordo; saiu de lá triunfante. Parecia que haviam armado uma espécie de trégua, que, aliás, não durou nada" [569].

Com Evandro, Rachel também começou a fazer traduções de livros em inglês, língua que até então não era de seu total domínio. Aliás, vender matérias para jornais e realizar traduções eram as formas mais rentáveis de viver de literatura nesse momento e assim procedeu Rachel assim que chegou no Rio: vendeu matérias para o *Correio da Manhã, Revista do Brasil, Diário Carioca, O Jornal, Diretrizes* (de Samuel Wainer)[570], fez traduções para jornais e para a José Olympio[571], deu palestras sobre cinema e

---

566 QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/07/1992-17/08/1992. p. 71. APIL.

567 Ver: http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/salariominimo.htm Acesso em 27/01/2015.

568 Arthur Neville Chamberlain (1869-1940) nasceu em Birmingham, Reino Unido. Foi eleito parlamentar pelo Partido Conservador em 1918. Além disso, exerceu os cargos de ministro da saúde e chanceler do tesouro antes de ser eleito primeiro-ministro em 1937. Ficou conhecido na história por seus acordos de paz com Hitler diante da ameaça de uma nova guerra mundial. Os dois assinaram, por exemplo, o Pacto de Munique, que cedeu grande parte do território tchecoslovaco à Alemanha. No entanto, visto o fracasso de sua política, Chamberlain declarou guerra à Alemanha em 1939, permanecendo no governo até 1940 e morrendo meses depois.

569 QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 137.

570 Rachel assinou a coluna *O livro estrangeiro* entre 1941 e 1942.

571 Ambiente que a consagrou com uma das mais importantes tradutoras da década de 1940, com clássicos como Emily Brontë, Dostoievski, Tolstoi, Santa Teresa D'Ávila, Cronin, Elizabeth Gaskell, Samuel Butler, John Galsworthy, além das memórias de Chaplin. Foram mais de quarenta livros ao total. As memórias do Chaplin foram traduzidas junto com Magalhães Júnior e Dostoievski junto com José Américo de Almeida. Vale à pena comentar também que a dificuldade de importação de livros estrangeiros desde a crise de 1929 até o final dos anos 1940, além da censura estadonovista a autores brasileiros, incentivou a publicação de livros traduzidos e a consequente profissionalização dos tradutores, que passavam a fazer parte do quadro de empregados das editoras. Ver: GALUCIO, Andrea Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política.* Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 44.

literatura, e trabalhou como jornalista na agência de notícias Reuters, "que ficava em cima do Café Amarelinho" na Cinelândia[572]. Entrava às 5h da manhã e saía às 11h[573].

Sobre Evandro Pequeno, Rachel de Queiroz conta várias histórias, retratando seu bom humor e suas peripécias no Rio de Janeiro. Inclusive, lembra quando o jornalista resolveu aprender russo para poder traduzir Dostoievski, Gorki, Tolstói, Gogol, Pushkin, direto do original, e poder vendê-los às editoras.

No dia em que a polícia apareceu no apartamento do linguista, informados de seu envolvimento pessoal com esquerdistas (inclusive com Rachel), Evandro foi preso e passou três meses no cárcere até conseguir explicar a existência dos romances russos, luxuosamente encadernados, encontrados em sua casa[574].

Segundo a Divisão de Polícia Política do Rio, que se mantinha no encalço de Rachel, o casal em processo de desquite mudou-se em outubro para um edifício de dois andares, na rua Ermenegildo de Barros, 179, Santa Teresa: "nesta última residência José foi detido, escapando sua esposa por não se encontrar na ocasião. Viviam em constantes desinteligências e eram muito visitados por várias pessoas" [575].

A partir daí, pode-se dizer que o término da escrita de *As Três Marias* e sua publicação coincidiu com importantes mudanças no plano pessoal: a instalação definitiva no Rio de Janeiro, o término do casamento com o bancário José Auto e a afirmação do nome literário de Rachel em jornais, na editora e na crítica, além de todo um novo espaço de sociabilidade que se formava em torno dela.

Em sua trajetória literária, Rachel avançava numa perspectiva interessante, se pensarmos no argumento de Luís Bueno sobre os romancistas de 1930 que, segundo ele, "produziram uma vigorosa força de oposição a uma visão 'total' – totalitária mesmo – de Brasil, proposta por Getúlio Vargas".

Ou seja, se por um lado, a propaganda ideológica do regime do Estado Novo criava em torno de Vargas uma ideologia voltada para a unidade nacional em torno de um chefe comum, a literatura, por sua vez, criava um contraste significativo ao apresentar "a visão do país como um conjunto de realidades locais que merecia ser conhecido nas suas particularidades"[576].

---

[572] QUEIROZ, Rachel de. Jorge, falecido. *Diário de Notícias.* 22/11/1953, suplemento literário, p.01.AFBN.
[573] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 39. APIL.
[574] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 92.
[575] Departamento Federal de Segurança Pública. Serviço de Informações. Setor Administração. Notação 15, Dossiê 5. p. 0003. APERJ.
[576] BUENO, Luís. *Op. Cit.* 2006. p. 80.

O ano da deposição

Em sua boemia discreta[577], Rachel frequentava, além do Café Globo, a Taberna da Glória, situada no começo da rua do Catete, perto de onde morava Mário de Andrade, então "exilado" no Rio de Janeiro. Apesar de conhecer o trabalho do crítico desde os anos 1920, foi somente em 1939 que travaram uma forte amizade que duraria até a morte dele, em 1945. Rachel se gabava quando ele dizia que, "no meio desse mulherio, você é diferente" [578].

Na Taberna, esbarrava-se com outros frequentadores ilustres, como o escritor Rubem Braga, o diretor da *Revista Acadêmica*, Murilo Miranda, e Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro, onde trabalhava (e implicava com) Mário de Andrade[579].

Através de Mário, Rachel passou a conviver mais de perto também com Moacir Werneck de Castro e com o jornalista e ex-comunista Carlos Lacerda, reencontrando-se, às vezes, também com Eneida de Moraes, sua companheira do Rio desde 1931. Em 39, Eneida também escrevia para jornais e Carlos Lacerda começava a criar sua imagem pública e polêmica.

Fruto deste contexto de amizades, não é à toa que Rachel de Queiroz comente com sua amiga, Alba Frota:

> Creio que uma das principais razões da minha difícil adaptação aqui tem sido a sua ausência. Me sinto muito desacompanhada, desprotegida. Não vejo mulheres, e as que vejo, me horrorizam. Ando sozinha pelas ruas, no meio dum bando de homens, tomo whisky com eles pelos bares, janto nos restaurantes mais extravagantes, vou a conferências, a redações de jornal, a cinemas (muitos cinemas), vago pelas praias discutindo moral e política, enfim, não tenho quase nenhuma atividade feminina, a não ser ouvir alguns galanteios deles e retificar a pintura de vez em quando. Para uma mulher da minha capacidade maternal, você há de reconhecer que é pouco [580].

Se as rodas frequentadas pela escritora cearense no Rio de Janeiro eram compostas praticamente por homens, na livraria e editora José Olympio - neste tempo funcionando no "Beco dos Barbeiros, uma relíquia colonial ali perto de Ouvidor e 1º de Março[581]" -, quem fazia sucesso eram as mulheres. O quarteto feminino das letras era

---

[577] Rachel conta que a única vez que se embebedou pra valer foi na posse de Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras, em agosto de 1940.
[578] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 121.
[579] QUEIROZ, Rachel de& QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 116/117.
[580]Correspondência de Rachel de Queiroz a Alba Frota. 26.08.1939. Fundo Rachel de Queiroz. AJAB.
[581] *Depoimento de Rachel de Queiroz à Editora José Olympio sobre os seus 50 anos na casa.* Especial para o *Jornal do Brasil.* Datilografado e a versão manuscrita xerox. 05/03/1987. Papel timbrado JO. Duas

composto por Rachel, Lúcia Miguel Pereira, Adalgisa Nery e Dinah Silveira de Queiroz.

A segunda, casada com o escritor Otávio Tarquínio de Souza, estreara no romance com *Maria Luísa* e *Em Surdina* em 1933, editada pela editora de Augusto Frederico Schmidt. Lúcia se tornou conhecida nacionalmente, contudo, por seu estudo crítico acerca de Machado de Assis, publicado em 1936. Além disso, escreveu para periódicos como *O Correio da Manhã, O Estado de S. Paulo, Revista do Brasil, Boletim de Ariel, A ordem, Lanterna Verde* etc. [582].

Já Adalgisa Nery (1905-1980) era uma das grandes sensações da JO, tanto por sua beleza e charme, como por sua inteligência. Nasceu no Rio de Janeiro, casou-se aos 16 anos com o pintor e poeta paraense Ismael Nery, amigo de Murilo Mendes, Jorge de Lima, Aníbal Machado, Manuel Bandeira. Ismael morreu de tuberculose, muito novo, ainda em 1934. Viúva, Adalgisa iniciou sua carreira literária, começando, em 1935, na *Revista Acadêmica.* No mesmo ano, publicou o livro *Poemas*, aplaudido pela crítica em geral. Colaborou, também, com *O Jornal, Dom Casmurro* e na *Revista da Semana*, junto com seu trabalho como tradutora pela José Olympio.

Casou-se novamente com Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o órgão do Estado Novo responsável pela censura à imprensa. A aproximação entre Lourival e J.O. foi benéfica no fim das contas, pois auxiliou a editora em momentos de recrudescimento da repressão. Adalgisa ainda atuou como Diretora Social do Departamento, promovendo festas e realizando o trabalho de relações públicas[583].

---

folhas. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.

[582] Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) foi crítica literária, biógrafa, romancista, tradutora, autora de livros infantis. Ver: DUARTE, Constância Lima. (Org.) *Mulheres em Letras:* antologia de escritoras mineiras. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

[583] Com Lourival nomeado embaixador do Brasil no México, Adalgisa circulou com desenvoltura na vida intelectual daquele país, tornando-se amiga de pintores como Diego Rivera (que pintou seu retrato) e Frida Kalo. O casamento terminou em 1953, quando Lourival era chefe da Casa Civil do segundo governo Vargas. Separada, iniciou a carreira de articulista política. De 1954 a 66 escreveu famosa coluna no jornal *A Última Hora* - de Samuel Wainer, a coluna diária "Retrato sem Retoque", com teses nacionalistas e socialistas, atacando várias personalidades. Candidatou-se pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), sendo eleita para a Assembleia Constituinte do recém criado Estado da Guanabara em 1960 e reeleita em mais dois mandatos em 62 e 66. Uma de suas principais posições era o combate ao governo de Carlos Lacerda. Em 1969 foi cassada pela junta militar que governava o país. Seu maior sucesso literário foi com o romance *A imaginaria* de 59, de cunho nitidamente autobiográfico e que teve varias edições em pouco tempo. Adalgisa viveu os anos depois da cassação em grande depressão e faleceu praticamente abandonada, em abrigo para idosos, no Rio de Janeiro, em 1980. Ver: SCHUNAHER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) *Dicionário Mulheres do Brasil.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 19 e CAMPOI, Isabela. *Adalgisa Nery e as questões políticas de seu tempo (1905-1980).* 287f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2008.

Dinah Silveira (1917-1982), por fim, ligava-se a Rachel de Queiroz não só por laços amigáveis, mas também familiares, pois se casara alguns anos antes com o primo de Rachel, Narcélio de Queiroz. Dinah nasceu em São Paulo, e seria escritora, jornalista, radialista, crítica literária, romancista, cronista, dramaturga. Ganhou, em 1940, o Prêmio Antônio Alcântara Machado da Academia Paulista de Letras, por *Floradas na Serra*, romance que estreou em 1939 e disputou a lista dos melhores do ano, junto com *As três Marias.*

Floradas se tornaria filme em 1941, com Cacilda Becker no papel principal. Dinah foi uma das autoras que mais rendeu lucros à José Olympio, pelo grande aceite de seus romances junto ao público. Seria também uma das maiores combatentes pela entrada das mulheres na Academia Brasileira de Letras, à qual ingressa em 1980. *A Muralha*, livro de 1954, chegou a ser *best-seller*, quando de sua adaptação pela Tv Globo em 2000[584].

Nos anos 1940, portanto, as matérias literárias que procuravam dar um panorama da "escrita feminina" destes tempos, constantemente mencionavam os nomes acima citados, mesmo que as autoras não tivessem necessariamente grandes amizades entre si[585]. As quatro, todas editadas pela José Olympio, eram as escritoras "da moda", consideradas fenômenos literários.

Rachel, no entanto preferia a companhia dos escritores homens, era com eles que mais dialogava na livraria:

> Era uma loja comprida e no fundo tinha uma espécie de um salãozinho onde a gente se sentava, não tinha bebida, não tinha nada, era só para conversar. E Graciliano dava ponto lá todo dia. Graciliano, José Lins, eu, Jorge Amado, Joel Silveira começou ali. O Zé Olympio era o nosso patriarca. Era outro centro catalisador. Os emissários dele eram Jorge, era eu, era Otávio (Farias), era... Schmidt esteve muitas vezes lá, aparecia. Depois, ele saiu, não pagou a gente. Quem era mais? Graciliano, Otávio Tarquínio de Souza, Gilberto Freire. Saía-se toda noite, não é?[586]

Ainda uma última figura que vale à pena ser mencionada nesta rede de sociabilidades de Rachel de Queiroz no Rio de Janeiro de fins dos anos 1930 é José Américo de Almeida (1887-1990), que a autora chamava de "marrueiro". Conhecidos desde a época em que Rachel morava em Fortaleza, os dois mantiveram o respeito e a

---

[584] SCHUNAHER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.). *Op. Cit.* p. 180. A questão da entrada das mulheres na Academia Brasileira de Letras e o imbróglio que existiu entre a candidatura de Rachel e de Dinah é um capítulo à parte nesta história. Ver: FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo, 2009, 387p.

[585] Ver reportagem em *O Imparcial*, em 05/01/1941, p. 06, "Letras femininas em 1940" e os Anuários de Literatura. AFBN.

[586] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 70. APIL.

amizade até a morte dele quase sem interrupções. No Rio de Janeiro, Rachel frequentava reuniões no gabinete de Zé Américo, acompanhada de Raimundo Magalhães Júnior[587]:

> Acontecia assim: ao se encerrar o expediente, Zé Américo reunia um verdadeiro salão literário no seu gabinete; e foi para lá que Magalhães[588] me levou. Compareci diversas vezes ao "Salão Zé Américo", como dizíamos. Só se conversava literatura ou temas políticos ligados à literatura e alguma política social.
> Zé Américo era um espírito muito aberto – o grande liberal – com aquele sotaque paraibano. E eu, fora as secretárias, era a única moça que ia lá. Ficávamos conversando horas e, engraçado, esse convívio nunca teve publicidade, nem os getulistas se metiam conosco. Éramos só nordestinos que nos reuníamos para discutir literatura. Foi lá que conheci Simeão Leal, sobrinho de Zé Américo (...). Nelson Lustosa, Rui Carneiro, Herman Lima. E também Antenor Navarro, com quem eu tinha feito uma viagem de navio, daí ficando muito bons camaradas; ele era então interventor na Paraíba[589].

Comparando entrevistas feitas por Rachel de Queiroz nos anos 1990, fica confuso compreender se estas reuniões eram feitas nos anos 1930 ou nos anos 1950, uma vez que José Américo de Almeida trabalhou no ministério de Getúlio Vargas tanto durante o Estado Novo quanto no mandato democrático a partir de 1953[590].

O interessante nesta lembrança, de qualquer modo, é o fato de Rachel de Queiroz, presa quase uma dezena de vezes desde 1930 e constantemente vigiada pela repressão, registrada como "comunista perigosa" desde 1932 nos arquivos da polícia - além de ser agora uma "desquitada perigosa", frequentar reuniões literárias no gabinete do ministro do governo Vargas.

É importante entender que José Américo de Almeida teve uma trajetória peculiar neste sentido. Em primeiro lugar, o político paraibano esteve envolvido com a candidatura de João Pessoa para a vice-presidência em 1930, assumindo seu lugar na política estadual quando do assassinato de Pessoa. Apoiando a revolução, ficou

---

[587] Rachel conta que às vezes frequentava a casa de José Américo também acompanhada de Graciliano Ramos e sua mulher. SILVA, Simone. A "roda de Maceió" e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul/dez, 2011, p. 91-107. p. 93.

[588] Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) foi um historiador, dramaturgo, tradutor e biógrafo cearense. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1930 e auxiliou na fundação do *Diário de Notícias.* Na capital federal teve contato com as esquerdas e foi constantemente perseguido pela ditadura Vargas. Exilou-se nos Estados Unidos entre 1941 e 1944. Fundou a UDN como membro da ED em 1945 e, dois anos depois, participou da fundação do PSB. Foi eleito vereador em 1949 e 1954, sendo um autor bastante reconhecido pelo meio intelectual dos anos 1950.

[589] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 125.

[590] Comparar, por exemplo, a versão contada em *Tantos Anos* publicada em 1998 (p.125), com a entrevista feita a Isabel Lustosa em 1992 (p. 71).

conhecido como um dos "vice-reis" do Nordeste junto com Juarez Távora, tamanho o poder político concedido a eles por Getúlio[591].

Após a posse de Vargas no governo federal, Zé Américo foi nomeado ministro da Viação e Obras Públicas, e durante a Constituinte de 1933/1934, participou defendendo a continuação de Vargas no poder. Em 1934 assumiu o ministério do TCU e não largou o osso nem mesmo com o golpe de 1937, que eliminou seu nome da lista de candidatos à presidência das possíveis eleições para 1938.

A diferença é que, após a instauração do regime ditatorial, Zé Américo afastou-se cada vez mais de Vargas, sendo capaz, por exemplo, de reunir em torno de si uma grande malha de intelectuais de diferentes matizes ideológicas mas, em sua maioria, críticos ao regime ditatorial e personalista do Estado Novo. Rachel de Queiroz diz ter escrito uma crônica em 1937, criticando Zé Américo por manter sua posição no ministério mesmo com a instauração da ditadura. Foi um dos únicos períodos que lembra ter brigado com o autor de *A bagaceira*, tensão que logo foi dissolvida quando chegou no Rio de Janeiro[592].

De tudo o que foi dito até aqui, é preciso confessar que se torna difícil para o pesquisador mapear qualitativamente as atividades políticas de Rachel de Queiroz na primeira metade dos anos 1940. Isto porque só o que resta são entrevistas concedidas pela autora a partir dos anos 1970, relembrando este tempo.

Nos jornais, Rachel assinava colunas ficcionais, além de trabalhar como tradutora. Em entrevistas, afirma ter se envolvido com o trotskismo até antes do assassinato de Trotski, em agosto de 1940, "a notícia de sua morte nos comoveu profundamente. Os jornais, as rádios e o cinema a veicularam com todos os detalhes. Quando soubemos que ele morreu, ficou evidente para nós que tinha sido assassinado"[593]. No entanto, percebemos seu contato com os militantes até bem depois disso, mas crônicas ou escritos políticos não aparecem.

Pode-se explicar este comportamento pela constante vigilância policial em torno de seu nome, além da censura tácita aos jornais de modo geral. Contudo, sabe-se que as mudanças ocorridas por conta do desquite trouxeram a Rachel um novo círculo de sociabilidades que, este sim, pode ser mapeado, verificando-se como a autora não se afasta dos círculos políticos, sempre coincidentes com os círculos literários. Sendo

---

[591] Zé Américo foi nomeado, por Vargas, chefe civil da revolução no Norte e no Nordeste, enquanto Juarez Távora foi nomeado chefe militar.
[592] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p.126.
[593] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 144.

mulher e desquitada, sofria muitos preconceitos, mas também recebia galanteios, de onde poucos poderiam ser levados à sério.

Entre Rachel e a família no Ceará, afirma a irmã Maria Luiza que a correspondência era constante:

> Minha mãe, meticulosa como era, tinha o dia certo da semana para lhe escrever e, nessa ocupação, levava a semana inteira, sob recomendações expressas de não ser incomodada. Eram longas cartas em papel fino, de um lado e de outro, na sua letra elegante e firme, contando o que se passava com a família e com ela (...). Como no Pici não chegavam os carteiros, tínhamos uma caixa postal na agência dos Correios da cidade. Todas as nossas idas a Fortaleza incluíam uma passagem obrigatória pelo feio prédio dos Correios, além de um portador oficial que ia lá, no mínimo, duas vezes por semana. E a frustração era total quando se metia a mão e a caixa estava vazia. Pois eram as cartas de Rachel que, lidas em voz alta, nos traziam as cores de outros mundos e, num paradoxo, nos ancoravam no cotidiano (...). Em todos esses anos, os anos bons, os anos tristes, em todo o nosso tempo de vida, nunca houve uma quebra de comunicação e – fora o breve período em que partiu com Oyama e antes que as coisas se esclarecessem – nunca deixamos de participar da sua vida e ela da nossa[594].

Entre 1939 e 1940, Rachel de Queiroz conheceu Oyama de Macedo, – também desquitado - que trabalhava como médico assistente no hospital Carlos Chagas, onde Pedro Nava (1903-1984) era chefe da Enfermaria[595]. Oyama era um homem alto, moreno, bonito, jogava sinuca muito bem, era filho de um senador por Goiás e estava sempre muito envolvido em política[596].

Já Nava tornara-se amigo da autora no Rio mas era sobrinho de Antônio Sales, um dos "padrinhos literários" e gurus de Rachel em Fortaleza. Logo que se separou, Rachel passou a conviver bastante com Nava, que "se fazia" de companheiro de Rachel nas saídas noturnas, nos bailes de Carnaval que iam até a madrugada ou nas sextas-feiras no Bar Vitrine[597].

Pedro Nava também tinha como amigos Afonso Arinos de Melo Franco, Mário Dias, Prudente de Moraes Neto e Manuel Bandeira, com quem Rachel passou a conviver nos "sagrados domingos" na casa de Aníbal Machado, rua Visconde de Pirajá, vizinho ao bar Zepelin. Na casa de Aníbal apareciam também outras mulheres como Eneida e Carla Konder, além de músicos como Vila-Lobos.

Nava falava muito de Oyama para Rachel, assim como falava de Rachel para o rapaz. Sendo Rachel mais velha do que ele apenas nove meses, ambos constituíam os

---

[594] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 94.
[595] Pedro Nava (1903-1984): médico e poeta juiz-forano, participou da revista modernista mineira *A Revista* (1925-1926) onde escrevia também Carlos Drummond de Andrade. Foi amigo de Juscelino Kubitschek e Afonso Arinos de Melo Franco. No entanto, ficou mais conhecido como memorialista da geração modernista após ter publicado, em 1972, o primeiro de cinco volumes de suas memórias.
[596] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 224.
[597] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 195.

"garotos da turma" [598]. A princípio, o médico não simpatizou com a autora, não gostava de mulher literata[599] e ainda menos casada, mas certo dia, num dos jantares na casa de Aníbal, Nava marcou um encontro com Oyama no bar Zepelin. No entanto, por algum desses acasos inexplicáveis, Nava não pôde ir ao encontro e mandou Rachel avisar Oyama. Encontraram-se nas mesas do Zepelin e nunca mais se separaram.

Como se vê pela pequena frase no testemunho de Maria Luiza, Oyama trouxe mudanças significativas na vida da escritora cearense, a começar pelo seu desaparecimento da família e dos amigos.

Em torno de uma paixão avassaladora que durou, enquanto paixão, mais de quarenta anos, Rachel de Queiroz compartilhou projetos de vida, opiniões políticas, cedeu seu tempo e dedicação[600]. É muito difícil afirmar quanto de influência houve entre ambos ao longo da relação amorosa: "Amor pode ser uma rosa e pode ser um bife, um beijo, uma colher de xarope. Mas o que é o amor, principalmente, são duas pessoas neste mundo"[601].

Rachel, apesar de morar no mesmo imóvel que Zé Auto em Santa Teresa, não o via durante meses. Quando conheceu Oyama, moveu um processo de desquite[602], saiu de Santa Teresa e mudou-se para Botafogo, Rua São Clemente 107[603].José Auto não gostou nada da história, rompendo qualquer tipo de aproximação que ainda existisse entre ele e a escritora, e dizia: "a gente pode ter uma mulher em cada esquina mas tem que manter o lar"[604]. Rachel e Oyama oficializaram a relação em 21 de maio de 1941[605] e já em 1942 podemos ler este testemunho, em carta a Alba Frota:

> De tudo que eu lhe disse, querida, não vá deduzir que meu amor é um Otelo furibundo me perseguindo e fiscalizando; tudo se resolve muito suavemente, porque eu não tenho necessidade de nada, fora ele, e a ele, tenho-o sempre junto de mim. Pode quem quiser pensar que é literatura, romance, o que quiser; mas nós conseguimos chegar a um ponto de entrega total e recíproca, e a

---

[598] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 196.
[599] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 39. APIL.
[600]"Eu e o Oyama fomos casados durante 42 anos. Nós vivemos, de fato, uma solidão a dois. Fazíamos longas viagens sem falar com ninguém (...). Eu o conheci através do meu primo Pedro Nava, que eu adorava. O Oyama era assistente dele no Hospital Carlos Chagas, onde ambos trabalhavam. Nava me apresentou o Oyama. Eu estava divorciada... tinha me separado do meu marido há pouco tempo, há quase um ano... e aí foi paixão à primeira vista. Até ele morrer nunca mais nos separamos" In: NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 91.
[601] Frases da semana – Rachel de Queiroz. *Correio da manhã.* 13/05/1962, p. 01. AFBN.
[602] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 97.
[603] Departamento Federal de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política e Social. Pasta nº 15, p. 0004. APERJ. Rachel continuava vigiada pela polícia, como prova o documento. Estes também são os últimos resquícios que encontramos de José Auto.
[604] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 66. APIL.
[605] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 41. APIL.

> única definição para o nosso entendimento, é o velho lugar comum: viver um para o outro e pelo outro... e, se ele me exige tudo, me dá tudo...[606]

Além disso, as fotografias tiradas ao longo do tempo, as diversas cartas de amor e bilhetes de carinho[607], escritos sem cessar até os anos 1980, dão a dimensão de um caso raro, de amor. Se, por um lado, boatos correm sobre a influência de certo conservadorismo político por parte de Oyama, documentos provam a enorme influência sertaneja de Rachel sobre ele.

A escritora presenciou seu "xifópago", - modo como Oyama batizou a relação dos dois -, se transformar em um autêntico senhor dos sertões. Desde que assumiram a relação a dois, em meio a uma polêmica familiar inevitável, tiveram como projeto uma vida autenticamente sertaneja, baseada no "tempo das frutas" e no espaço da terra

E assim seguiu o ano de 1940, entre os inúmeros trabalhos, o tempo de boemia, cessado aos poucos, e a descoberta de um novo amor. Oyama e Rachel mudaram-se para o Jardim Laranjeiras, "numa rua por nome Badajós, logo acima da Belisário Távora. A casa era quase em meio à floresta, tinha passarinhos e tinha cigarras"[608]. A casa ficava na subida de uma ladeira, que eles costumavam subir com o Chevrolet preto de Oyama. Lá receberam a visita de dona Clotilde, que foi simbolicamente abençoar a nova relação perante possíveis críticas familiares.

Em relação às notícias internacionais, ouvidas pela rádio BBC[609], com certeza a que mais chamava a atenção de todos era a guerra que se alastrava pela Europa, tendo Hitler travado um acordo de "colaboração" com a França em junho de1940 e ocupando Paris no ano seguinte. A balança parecia pender para o lado alemão e para os regimes autoritários e Rachel sentia perto dela as consequências mais graves do conflito: "Quando uma tia do Oyama, a dona Virgínia, veio para Maceió com seus dois filhos, o navio foi bombardeado e todos morreram: os meninos que um dia tinham ido para a Itália, filhos de amigos, sobrinhos e outros parentes... A toda hora recebíamos notícias de que alguém tinha morrido na guerra"[610]. Assim, em 11 de junho de 1942, Rachel assinou com inúmeros outros intelectuais um manifesto contra o fascismo internacional e brasileiro, posicionando-se publicamente frente à guerra[611].

---

[606] QUEIROZ, *Carta a Alba Frota*,05.09.1942. AJAB.
[607] Consultados na pasta de Correspondências Pessoais. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
[608] QUEIROZ, Rachel de. O Rio no Temporal. *O Cruzeiro.* 11/03/1967. p. 130. AFBN.
[609] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 140.
[610] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 97.
[611] Declaração de princípio. *Diretrizes.* 11/06/1942. p.09. AFBN.

Segundo Maria Helena Capelato, pode-se dividir o Estado Novo em dois momentos, com base na influência da Segunda Guerra Mundial sobre o contexto brasileiro: o primeiro iria até 1942, com reformas significativas propostas pelo governo e a tentativa de legitimação do regime; já entre 1942 e 1945, com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, apareceram contradições internas e cresce a ênfase que Vargas vai depositar sobre as classes trabalhadoras[612].

De todo modo, durante o regime o traço autoritário foi marcante, ainda que permeado por diversas reformas sociais, pela reorganização do Estado e o reordenamento da economia traduzidos em: trabalhismo, centralização e industrialização. A legitimidade foi garantida pela forte repressão e pela propaganda política, que passava pelo rádio, pelos jornais, por políticas culturais e mesmo pelos materiais didáticos utilizados nas escolas[613].

Contrapondo-se à centralização, porém, as autonomias regionais nunca deixaram de se manifestar e de questionar a ordem estadonovista (veja-se o exemplo da literatura), pois com o golpe de novembro de 1937 e a nomeação das interventorias, o estado federativo chegou ao fim, passando mesmo a existir uma só bandeira para todos eles[614].

Ao mesmo tempo, Vargas estabeleceu-se como mediador oficial das relações patrão/empregado através das leis trabalhistas, perseguindo os opositores ao regime que se encontravam no interior dos sindicatos. Em 1942, o governo instituiu o salário mínimo e a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que regulava salário, férias, horas de trabalho, carteira de trabalho, instituía a justiça trabalhista etc.

O Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália em 31 de agosto, depois de muita pressão por parte da opinião pública e, em meados de 1944, Vargas autorizou o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Itália, atuando no front da guerra. Rachel acompanhava tudo com interesse:

> A II Guerra, sofremo-la todos na carne, era quase como se estivéssemos combatendo. Varávamos noites insones, cada notícia era uma punhalada ou uma aleluia. Durante parte de 1941 era eu tradutora de telegrama da Agência Reuters – e então me sentia envolvida, direta e pessoalmente, no grande drama. Tinha até meus pequenos momentos de orgulho. Por exemplo, fui eu a primeira pessoa a receber e a espalhar o lance sensacional da fuga de Rudolf Hess[615], no seu voo para a Escócia. Enquanto traduzia e dava a notícia para a distribuição aos jornais, sentia-me o próprio

---

[612] CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 113.
[613] CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 125.
[614] CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 117.
[615] Político de destaque na Alemanha nazista, foi preso no final da guerra, ao tentar fugir sozinho de avião em direção à Escócia. Foi, em seguida, julgado por crimes de guerra, e condenado à prisão perpétua.

> arauto dos grandes acontecimentos e me perdia em conjecturas quanto às determinantes do enigmático sucesso[616].

Já em outubro, durante visita de inspeção à FEB, o ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra havia conversado com um grande número de militares, de todos os escalões, que manifestaram a contradição entre lutar pela redemocratização dos países europeus e viver uma ditadura em seu próprio país.

Segundo Osvaldo Trigueiro do Vale, a primeira atitude de Dutra ao desembarcar no Rio de Janeiro teria sido alertar Getúlio Vargas de que o regime não poderia se manter por longo tempo e de que a redemocratização fazia-se necessária[617]. Getúlio, na verdade, já percebera a iminência do fim de seu regime: os manifestos dos estudantes e professores do Largo de São Francisco nunca cessaram desde 1937 e aumentavam ainda mais o número de adeptos da oposição.

Aliados às manifestações estudantis, uma sequência de fatos alinhavava-se neste momento: o "Manifesto dos Mineiros" [618] tinha sido assinado em outubro de 1943, o retorno da FEB deu-se em 1944, uma entrevista polêmica, concedida por José Américo de Almeida ao *Correio da Manhã*, com comentários de Carlos Lacerda, saiu em fevereiro de 1945[619] (exigindo eleições livres e sugerindo o Brigadeiro Eduardo Gomes como presidente) e o I Congresso Brasileiro de Escritores[620] realizou-se em janeiro em

---

[616] QUEIROZ, Rachel de. Ai, tanta guerra para tão pouca vida. *O Dia*. 27/01/1990. AIMS.

[617] VALE, Osvaldo Trigueiro do. *O general Dutra e a redemocratização de 45.* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978. p. 17.

[618] O "Manifesto dos Mineiros" (24/10/1943) foi a primeira oposição ostensiva, coletiva e assinada por membros das elites liberais e é considerado ainda hoje a pedra fundamental na luta pela redemocratização e o fim do governo Vargas. Surge no interior do Congresso Jurídico Nacional, realizado no Rio em agosto de 1943, quando os oposicionistas abandonam o Congresso. Seus principais inspiradores foram: Pedro Aleixo, Milton Campos, Virgílio de Mello Franco, Luis Camilo de Oliveira Neto, Afonso Arinos, Dario de Almeida Magalhães e Odilon Braga. Constaram 92 assinaturas exclusivas de mineiros. Para Benevides, o Manifesto foi também um elemento sutil de luta pelo poder, colocando os mineiros como ponta de lança da redemocratização. Vários dos assinantes sofreram sanções (demissões ou aposentadorias) do Estado, mas não sanções policiais, e eram membros de uma elite que queria voltar ao centro das decisões. BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Op. Cit.* p. 35 e 36.

[619] Segundo Delgado, foi a partir desta entrevista que o nome de Lacerda começou a crescer exponencialmente, capitaneando o movimento antigetulistas, que seria seu principal argumento político até, pelo menos, o golpe de 1964. DELGADO, Márcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964). In: *Locus*, revista de história, 2º proS8: 137-153. p. 141.

[620] O I Congresso de Escritores contou com a participação de cerca de 200 intelectuais, sendo eles membros liberais e de esquerda (inclusive socialistas amigos de Rachel), não fazendo apelos à intervenção militar. Sua principal intenção foi conclamar a união de diversas forças contra a ditadura, e se manifestar contra a censura e a violência. Assinaram a declaração intelectuais de diversas tendências como Carlos Lacerda, Hermes Lima e Prado Kelly, entre outros. Ela só foi publicada na imprensa em março de 1945, após entrevistas como a de Zé Américo, que não tinham sido censuradas. BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Op. Cit.* p. 38.

São Paulo. Além disso, foram registradas inúmeras greves e protestos, contra ou a favor do governo.

Enquanto a política nacional era o assunto do dia, Rachel e Oyama mudaram-se para Ipanema e o nome literário da autora continuava a se fortalecer na imprensa, como jornalista e tradutora. Somente na década de 1940, Rachel traduziu mais de trinta livros para a José Olympio e, além disso, *As três Marias* ganhou o Prêmio Felipe de Oliveira em 1940. Ao mesmo tempo, do nordeste veio a notícia da morte de Demócrito Rocha. Seu principal mentor intelectual, o verdadeiro promotor e incentivador de Rachel no jornalismo cearense, morreu em Fortaleza, deixando sua herança jornalística a seu genro e grande amigo de Rachel, Paulo Sarasate.

Em 1944, notas dos periódicos *A manhã* e *Revista Brasileira* anunciavam que a escritora cearense escrevia um livro, "Vida, virtudes e Milagres do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista", e uma peça de teatro, "A mulher de Lampião" [621], nunca publicados. Por outro lado, uma primeira coletânea de crônicas escritas até 1944, inclusive crônicas sobre a Segunda Guerra Mundial, começava a ser preparada, mas foi lançada somente em 1948[622].

Apesar de ter grande parte de seus amigos envolvidos nos protestos contra o Estado Novo, como Zé Américo, Hermes Lima e Carlos Lacerda, o nome de Rachel de Queiroz não aparece entre aqueles que participaram do I Congresso de Escritores[623]. Sua voz, porém, não permaneceria mais calada, e a expressão dela viria por um meio público por excelência e amigo íntimo de Rachel: o jornal.

> Quando, no começo do ano, a entrevista de Zé Américo arrombou o açude do DIP, todo aquele que queria desabafar as mágoas engolidas desde o fatal 10 de novembro de 1937, corria aflito a fazer o seu artiguinho ou o seu discurso, pois lá no fundo do peito o coração lhe dizia que aquela felicidade não poderia durar muito.
> Felizmente vem durando mais do que se esperava. Mas é um durar à força o que conseguimos e um ceder contrariado, a que a ditadura se submete, fazendo questão em demonstrar (...)
> Na sua casa listada de vermelho, na avenida Osvaldo Cruz, a sucursal brasileira da Inquisição continua *au grande complet*, aguerrida, com a falange de areopagitas pronta para fazer justiça dentro da mesma mentalidade sob o mesmo critério e servindo-se das mesmas "leis" com que nos tem "justiçado" no correr de todos estes anos de despotismo[624].

---

[621] Anunciados em *A manhã.* 23/06/1944. p. 3.; *A Manhã,* 09/08/1944. p. 3; 27/09/1944.p. 3. E *Revista Brasileira,* março de 1945. p. 158. AFBN.

[622] *A donzela e a moura torta* já era anunciado pela imprensa desde 1945, mas só foi publicado em 1948, pela José Olympio.

[623] Por outro lado, no II Congresso, de 1947, Rachel aparece como representante eleita do Ceará.

[624] QUEIROZ, Rachel de. A Marcha para a Democracia. *Vanguarda Socialista*. 14/09/1945. p. 01. CEMAP.

Bem se vê que, com o fim da guerra e as diversas manifestações contrárias ao regime estadonovista, a censura arrefeceu um pouco seus métodos de punição. Além disso, Getúlio parecia querer demonstrar inclinação para a democracia, tendo convocado eleições presidenciais para o final do ano de 1945 e aberto os processos para a Constituinte, que deveriam se encerrar em setembro. Os jornalistas que até então tinham permanecido calados, arregaçaram as mangas e soltaram o verbo nos jornais.

O desfecho da Segunda Guerra Mundial também influenciou inúmeras crônicas rachelianas de caráter mais emotivo, ao mesmo tempo em que a autora assumia uma ascendência judaica ficcional. Se retomarmos o primeiro folhetim publicado pela autora cearense em 1927, intitulado *História de um nome*, recordaremos que o nome "Rachel" é descrito, primeiramente, por conta de sua origem judaica. Entenda-se: origem do nome e não necessariamente de Rachel de Queiroz.

A partir dos anos 1940, porém, e com a vitória dos Aliados, a escritora começou a construir um discurso que ficcionaliza uma possível ascendência familiar de cristãos novos (judeus convertidos), que teriam sido os primeiros a chegar ao Brasil. Assim que a guerra terminou, Rachel começou a adquirir diversos livros sobre as atrocidades nazistas a ponto de seus amigos brincarem que ela queria fazer uma coleção[625].

A opção pela defesa tácita da questão judaica por parte de Rachel vem acompanhada, neste sentido, pelos discursos sobre o holocausto que invadem a imprensa nacional de modo geral. Assim, a autora construirá sua personalidade judaica, ao mesmo tempo em que adotará sentimentalmente a etnia, apoiará a fundação do Estado de Israel em 1948 e os judeus no conflito com os árabes a partir de então[626]. Em 1945, a escritora cearense começou a assinar colunas em dois periódicos do Rio de Janeiro e um de circulação nacional, para além da presença frequente no *O Povo*, de

---

[625] QUEIROZ, Maria Luiza de. Entrevista à autora. 7/12/2010. Arquivo pessoal. P. 21.

[626] Como reconhecimento por sua atuação nos jornais, fundou-se em 1985 a creche "Casa Rachel de Queiroz", em Tel-Aviv. "Celebrou este mês a jovem república de Israel o seu primeiro aniversário. E, durante esse ano, todos nós, amigos dos judeus espalhados pelo mundo, testemunhas aterradas da sua espantosa tragédia, nos fomos libertando daquele obscuro sentimento de culpa que nos assaltava antes – porque ficávamos de braços cruzados, porque não tínhamos outro recurso senão um fraco protesto, porque, afinal de contas, tínhamos também no drama uma responsabilidade negativa, já que não pudemos impedir a eliminação implacável de seis milhões de seres humanos – que foi esse o número de judeus destruídos pelo nazismo". In: QUEIROZ, Rachel de. Aniversário em Israel. *Diário de Notícias.* 26/06/1949; _____. Judeus. *Diário de Notícias.* 25/05/1947.; _____. Arco do Triunfo. *O Cruzeiro.* 30/08/1947; _____. O balanço obrigatório. *O Cruzeiro.* 10/01/1953; _____. Israel. *O Cruzeiro.* 24/06/1967; _____. A guerra do Ion Quipur. *O Cruzeiro.* 31/10/1973; _____. Natal em guerra. *O Cruzeiro.* 26/12/1973. Pessoalmente, Rachel começará uma coleção particular sobre a Segunda Guerra Mundial, hoje encontrada em sua biblioteca depositada no IMS.

Fortaleza[627]. Um deles foi o *Vanguarda Socialista*[628], que a autora ajudou a fundar com Mário Pedrosa, que desde o golpe do Estado Novo viveu exilado entre a Europa e os Estados Unidos. Em sua peregrinação, Pedrosa participou da fundação da IV Internacional na França em 38 e, nos EUA, foi correspondente do *Correio da Manhã.*

Regressando ao Brasil de vez, fundou o *Vanguarda* em fins de agosto de 1945, e procurou reunir os socialistas que conhecia em torno da União Socialista Popular. Rachel encontrava-se entre seus contatos mais próximos, muito por conta da convivência trotskista em São Paulo nos idos de 1933. A divulgação do periódico seria restrita, tendo em torno de sete páginas e poucas impressões, produzidas por "socialistas independentes e revolucionários ou comunistas dissidentes" [629].

O periódico durou poucos anos e, apesar de ter participado de sua fundação, a escritora cearense assinou colunas apenas em 1945, não sendo encontrada entre os colunistas dos anos posteriores. Sendo um periódico assumidamente socialista, além do caráter erudito herdado da militância trotskista presente no jornal (faziam-se, por exemplo, resenhas e traduções dos escritos de Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Trotsky, etc), o *Vanguarda* manteve-se apartidário até maio de 1948, quando vários de seus membros, se não eram, filiaram-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o jornal virou órgão oficial do partido[630].

Por serem poucas, cumpre citar as crônicas escritas por Rachel neste periódico, pois elas expressam a ebulição antigetulista do conturbado ano de 1945, que terminaria por depor Vargas da presidência. Em 31 de agosto, Rachel assinou *Os patriotas,* em 14/09 *A marcha para a democracia,* em 12/10 *Os dois líderes,* e em 30/11 *Os senhores do pixe.*

Cumpre lembrar, no entanto, que ao mesmo tempo em que Zé Américo concedia sua entrevista para a imprensa e os escritores, os universitários, os professores e políticos da oposição começavam a manifestar publicamente sua insatisfação com o regime ditatorial, do outro lado das barricadas encontrava-se grande parte da classe popular, que também saiu às ruas, "querendo Getúlio".

---

[627] Para *O Povo,* muitas vezes, Rachel enviou as mesmas crônicas que publicava no *Diário de Notícias.* Além destes periódicos, a autora também assinou, entre 1941 e 1942, a coluna "O Livro Estrangeiro", no periódico *Diretrizes,* de Samuel Wainer, e, a partir de 45, uma coluna sobre crítica de cinema na *Revista do Brasil,* de Otávio Tarquínio de Souza.

[628] Cooperaram no *Vanguarda*, entre outros, Hílcar Leite, Arnaldo Pedroso D'Horta, Aristides Lobo, Patrícia Galvão, Edgard Carone,

[629] Posições políticas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.

[630] SILVA, Luiz Dário. *PSB: o socialismo pragmático, uma análise política e histórica.* Recife: Ecco, 1992. p. 62. Arquivo em PDF.

O chamado "queremismo" foi um movimento de massas que surgiu entre fevereiro de 1945, depois da famosa entrevista de Zé Américo para o *Correio da Manhã*, e a deposição de Vargas em 29 de outubro. Não compreendendo estas manifestações pró-Getúlio, muitos intelectuais da época classificaram o movimento como resultado da ilusão provocada pela intensa propaganda política feita pelo presidente desde 1930[631].

Em termos políticos, havia um medo generalizado, por parte dos sindicatos e dos poucos jornais a favor do governo, de que, assim que Getúlio saísse da presidência, os benefícios da legislação social não fossem mais garantidos. Os manifestantes estariam, portanto, defendendo não só Getúlio, mas as conquistas do trabalhismo[632]. Para Ferreira, a transição democrática viu, pela primeira vez, o surgimento da figura política do trabalhador, que seria obrigado a ser considerado pelas elites a partir de então[633].

O problema é que as manifestações, que começaram como uma reação popular às ofensas públicas contra Getúlio, logo passaram a receber apoio do DIP e do Ministério do Trabalho. A partir de julho de 1945, foi criado no Distrito Federal o Comitê pró-candidatura Getúlio Vargas, realizando comícios, abaixo-assinados, organizando comitês de bairro e grupos que se infiltravam nos eventos da oposição. Para a oposição, onde se incluía Rachel de Queiroz, queremismo, trabalhismo e getulismo tornaram-se sinônimos neste momento[634].

Convocadas as eleições, o movimento queremista, tendo Hugo Borghi (1910-2002)[635] à frente, sugeriu a candidatura do próprio Getúlio à presidência, o que logo se

---

[631] FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 13-46. p. 15.

[632] Considerando seriamente as lutas trabalhistas que vinham desde o começo do período republicano, o Governo Provisório de Getúlio Vargas também criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e o Ministério da Educação e Saúde Pública; foram promulgados diversos decretos e leis de proteção ao trabalhador que culminariam com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943. No entanto, realizar as reformas trabalhistas significou manter o movimento operário sob a tutela do estado e reprimir os esforços organizatórios fora dele, como era o caso dos partidos e organizações de esquerda.

[633] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 18.

[634] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 39.

[635] "Hugo Borghi, paulista de Campinas, estudou economia política na Itália. Retornou ao Brasil em 1930 e passou a trabalhar em empresas privadas. Em 1932, participou como aviador do Movimento Constitucionalista deflagrado pelas forças políticas paulistas contra o governo de Getúlio Vargas. Por conta disso, esteve foragido por um breve período na Argentina e no Paraguai, após a derrota do movimento. De volta ao Brasil, passou a se dedicar às atividades empresariais. Fez fortuna durante a Segunda Guerra Mundial quando, de posse de informações governamentais sigilosas, realizou grandes negócios no comércio de algodão. Em 1945, através de financiamento federal, adquiriu três emissoras de rádio, transformando-as em instrumento de propaganda do governo Vargas. Ainda em 1945, integrou-se ativamente ao movimento queremista. Após a deposição de Getúlio, deu apoio à candidatura presidencial do general Eurico Gaspar Dutra. Foi Borghi também que atribuiu ao candidato adversário, o brigadeiro

viu como uma impossibilidade, visto o antigetulismo generalizado na imprensa. A solução foi exigir a "Constituinte com Getúlio", termo que virou propaganda política dos queremistas e que foi apoiada até pelos comunistas[636].

Nas crônicas para o *Vanguarda*, Rachel de Queiroz indignou-se com Luís Carlos Prestes que, recém-libertado da prisão pela lei da anistia promulgada em abril, e voltando a ser ícone nacional por conta da legalização do Partido Comunista em julho, resolvera entrar na onda de apoio à Constituinte com ou sem Getúlio:

> Houve um tempo em que pedir liberdade para Prestes era ação tão temerariamente arriscada quanto dar morras a Getúlio. Hoje, podem-se juntar os nomes de ambos os caudilhos num único dístico, reunir os seus dois retratos no mesmo laço de fita e pregar a política de um, apoiado pela polícia do outro[637].

Por este ato, Prestes foi considerado por Rachel de Queiroz como um traidor do socialismo e das esquerdas, além de trair a memória de sua ex-companheira, Olga Benário, assassinada pela Alemanha nazista.

Ao mesmo tempo em que apareciam futuros candidatos à presidência da República, e lançado o novo código eleitoral, foram fundados também novos partidos políticos. Em abril, foi fundada a União Democrática Nacional (UDN), em maio o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)[638] e em julho o Partido Social Democrático (PSD)[639]. Dos três, o PTB e o PSD foram criados a partir de Getúlio Vargas, no primeiro sendo ele o fundador, e no segundo, convidado a ser presidente do diretório nacional[640].

Neste momento, Rachel pareceu compartilhar a voz da oposição antigetulista momentaneamente concentrada em torno da União Democrática Nacional. A UDN, ou

---

Eduardo Gomes, a declaração segundo a qual não necessitava do "voto dos marmiteiros", caracterizando-o como um candidato elitista e antipopular". Ver mais informações em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hugo_borghi. Acesso em 10/05/2014.

[636] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 36-38.

[637] QUEIROZ, Rachel de. Patriotas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.

[638] Partido político criado em março de 1945. Sua principal base eram os trabalhadores urbanos cujas entidades sindicais eram controladas pelo Ministério do Trabalho. Nas articulações para a criação do PTB destacaram-se Alexandre Marcondes Filho, o último titular da pasta do Trabalho no Estado Novo, além de outros altos funcionários do ministério, como José Segadas Viana e Paulo Baeta Neves. Algumas correntes de base doutrinária mais sólida, como o grupo gaúcho liderado por Alberto Pasqualini, também participaram da formação do partido. Ver: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/DireitosSociaisTrabalhistas/PTB. Acesso em 22/07/2014; e D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945-1965.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

[639] Segundo Hippolito, o PSD, partido fundado no final do estado Novo pelos interventores nomeados por Getúlio Vargas, será o principal responsável pela superação das graves crises políticas do período democrático. HIPPOLITO, Lucia. *PSD: de raposas e reformistas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.27.

[640] Ver a crônica irônica que Rachel de Queiroz escreve em 1963 explicando a origem varguista dos dois partidos: QUEIROZ, Rachel de. Liderança. *O Cruzeiro.* 06/07/1963, p. 114. AIMS.

"partido da eterna vigilância", congregou neste momento as mais diversas correntes ideológicas, tendo como ponto em comum a luta pela redemocratização, o antigetulismo e a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República. De fato, a formação de um partido nacional numa sociedade tão marcada ainda por regionalismos e políticas oligárquicas só seria possível em torno de um inimigo ou de um herói comum, que foi encarnado neste momento na figura do brigadeiro[641].

Segundo Benevides, as diferentes correntes que fundaram a UDN podiam ser resumidas em: a) oligarquias destronadas com a revolução de 30; b) antigos aliados de Getúlio, marginalizados depois de 30 ou em 37; c) os que participaram do Estado Novo e se afastaram antes de 1945; d) Grupos liberais com uma forte identificação regional (aqui aparece um Graciliano Ramos, Evaristo de Morais Filho, Orígenes Lessa, Pedro Nava, Alceu Amoroso Lima; e) as esquerdas, como Hermes Lima, João Mangabeira, Domingos Velasco, além de Astrogildo Pereira e Silvio Meireles, comunistas dissidentes da corrente principal que apoiava a Constituinte com Getúlio[642].

Fica patente a presença de grandes amigos de Rachel dentro da UDN, como José Américo, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e o velho conhecido Paulo Sarasate, que nos anos 1950 seria responsável por apresentar Rachel ao então coronel Humberto de Alencar Castelo Branco.

No interior da Esquerda Democrática, os velhos amigos seriam Hermes Lima e Arnaldo Pedroso d'Horta[643]. Rachel, no entanto, não se filiou ao partido, nem tampouco o defendeu neste confuso ano de 1945. Isto porque sua tendência política gravitava em torno do socialismo e de Mário Pedrosa.

Neste sentido, só podemos mapear as posições políticas rachelianas sobre o contexto do final do Estado Novo a partir da fundação do *Vanguarda Socialista,* em fins

---

[641] BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Op. Cit.* p. 24.
[642] BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Op. Cit.* p. 29.
[643] A Esquerda Democrática (ED) surgiu como movimento público em 12 de junho de 1945, fundada por João Mangabeira, Domingos Velasco, Osório Borba e Hermes Lima, todos membros fundadores da UDN, mas que sempre se colocaram como independentes, pois tendiam mais à esquerda. Defendiam: a) regime representativo popular, universal, direto e secreto, b) liberdade de manifestação de pensamento, de organização partidária, de associação, de reunião e de cátedra; c) liberdade de crenças e cultos; d) autonomia sindical e direito de greve. Além disso, a defesa da democracia e a transformação do liberalismo econômico, defendendo que a propriedade não podia ir de encontro ao interesse coletivo. Apoiavam a reforma do modelo econômico e a socialização gradual e progressiva dos meios de produção, conforme as necessidades do país. Entre seus programas políticos encontrava-se: "organização da economia agrária, segundo as circunstâncias peculiares a cada região, mas inspirada sempre no propósito de criar para a população rural condições que lhe proporcionassem real elevação do nível de vida". SILVA, Luiz Dário. *Op. Cit.* p. 43.

de agosto de 1945[644], ou seja, após o Congresso de Escritores (janeiro), a entrevista de Zé Américo (fevereiro), a fundação da UDN (abril), da ED (junho) e o Comitê pro-Getúlio (julho). Isto quer dizer que o *Vanguarda*, reunindo a nata dos intelectuais socialistas que gravitavam em torno de Pedrosa, pôde fazer uma avaliação contundente sobre o movimento político que parecia pôr fim ao regime varguista.

Em seu editorial de fundação escrito por Pedrosa, avaliaram que, no começo de 1945, a bandeira da Constituinte seria a única capaz de reunir toda a oposição mas, segundo eles, "Prestes e o seu partido torpedearam esse movimento, dividiram as forças democráticas, deram alento novo ao Ditador já em pânico, provocando o surto infeccioso do queremismo"[645].

É importante notar, neste sentido, que a associação que o *Vanguarda* fazia entre Getúlio e o comunismo de Prestes poderia levar facilmente a um anticomunismo que, até então, a direita, entre liberais e integralistas, pregavam[646]. Veja-se, por exemplo, o argumento de Rachel de Queiroz na sequência de um artigo já mencionado, publicado na mesma página deste editorial:

> Também houve tempo em que não apenas referir-se com simpatia aos russos, mas até mesmo dizer o nome "Rússia" era tabu. Falar a palavra "Moscou" era pedir cadeia, e triste do jornal que imprimisse num inocente telegrama o vocábulo "soviet" ou "soviético".
> Hoje a Rússia e todas as suas repúblicas estão no galarim, e encarado com suspeita e repugnância é todo aquele que não canta no coro da louvação soviética.
> E, claro, nas fileiras do novo Partido Comunista nacional e colaboracionista, esse entusiasmo pela "Rússia-maior" chega ao delírio (...)
> E falei mal quando me referi a entusiasmo; trata-se de um sentimento muito menos superficial que o entusiasmo, muito mais poderoso e exigente: é amor, puro amor, amor da pátria, da pátria distante – patriotismo, afinal, que é esse o nome que cabe ao amor à pátria.
> Ai, como amam a Rússia; e sem interesses secundários, sem pensar em revolução, em apoio político, sem pedirem explicações nem exigirem reciprocidade. Amam, entregam-se, deixam-se possuir (...)
> Amam a Rússia tal como os *gauleiters* da Áustria ou de Santa Catarina amavam o Reich hitlerista[647].

Nos argumentos encontrados em todo o artigo, começam a ser desenhadas algumas características do pensamento político racheliano: filiação ao socialismo, crítica profunda ao comunismo *prestista* (considerado traidor do internacionalismo

---

[644] Encontramos algumas crônicas esparsas de Rachel de Queiroz no *Correio da manhã* e *O Povo* no ano de 1944. Todas têm como tema a guerra.
[645] Posições políticas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.
[646] Aliás, Rachel afirma em crônica, que os socialistas independentes realizaram uma verdadeira campanha de conscientização antiprestista nesse momento, através dos jornais. Somente depois da perseguição aos comunistas instaurada em 1947, é que o *Vanguarda* tentará um equilíbrio em seus argumentos, para evitar ser identificado com os anticomunistas.
[647] QUEIROZ, Rachel de. Patriotas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.

socialista)[648] e ao getulismo e seus "descendentes" (queremismo, trabalhismo). Além disso, é um pensamento cada vez mais recheado de um nacionalismo peculiar, neste momento chegando a nivelar comunismo e nazismo, eleitos seus dois maiores inimigos políticos.

Apesar de aproximar-se, portanto, do pensamento udenista, as posições políticas da escritora cearense não podem ser inteiramente confundidas com o socialismo da ED ou o liberalismo da UDN, ou qualquer outra definição baseada em instituições partidárias, por conta de sua posição autônoma frente aos partidos desde os anos 1940. O problema para o historiador é lidar com este período em termos historiográficos, onde predominam os estudos sobre os sistemas partidários, e tentar compreender as difíceis relações estabelecidas entre as opiniões próprias da autora e as influências de seus círculos de sociabilidade.

Segundo o editorial do *Vanguarda*, após a fusão entre Prestes e Getúlio, restou à oposição reunir-se em torno do Brigadeiro Eduardo Gomes, "elemento aglutinador na luta contra o Estado Novo e pela democratização do Brasil"[649]. No entanto, os socialistas já reconheciam no movimento eduardista uma "ala realmente democrática e proletária" e uma outra "ala conservadora".

Para eles, uma das consequências da aliança entre Prestes e Vargas seria o aumento da força das direitas contra o centro e a esquerda, num caminho tendente a um golpe reacionário. O editorial critica, neste sentido, tanto os prestistas do PCB, os getulistas do PTB e do PSD, os liberais da UDN e da esquerda democrática aliada a eles, além dos integralistas que futuramente fundarão o PRP.

> Nossa linha está aqui, esperamos, claramente traçada. O nosso apoio a Eduardo Gomes se concentra na luta contra a ditadura; esta é a primeira tarefa a cumprir. Sem a liquidação da

---

[648] Para Rachel, a URSS não representa o socialismo (resquícios do trotskismo no pensamento racheliano) e os comunistas brasileiros são fieis exclusivos da Rússia.

[649] Gostaria de fazer uma observação que acredito importante, mas não cabe no corpo do texto. Nos estudos mais conhecidos sobre o tempo da experiência democrática brasileira (1945-64), referindo-me aqui a Weffort, Benevides, Hippolito, Silva, Picaluga, Sampaio, é muito interessante perceber como a avaliação feita por estes pesquisadores sobre os momentos políticos do período, coincidem com a leitura feita pelo socialismo dito independente (onde Pedrosa, Antônio Cândido e Perseu Abramo talvez sejam os maiores nomes). Baseio-me, para esta afirmação, no livro de SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930.* Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. Nesta tese, o autor defende a ideia de que a Universidade interpretou o movimento revolucionário de 1930 a partir das avaliações feitas pela esquerda comunista e trotskista. Daí minha afirmação ampliando a interpretação de Silva para o período entre 1945 e 64, pois acredito também estar impregnado do socialismo "independente" que vigorou a partir de 1940 em nossa tradição intelectual. Mais interessante ainda seria pensar, nos termos da relação entre Gênero e política, por que é celebrada hoje a memória política de socialistas como Pedrosa, Abramo, Cândido, a despeito de escritoras tão atuantes politicamente como a própria Rachel, Eneida ou ainda Patrícia Galvão (também fundadora do *Vanguarda* e com longa trajetória política) e Adalgisa Nery (que representará o PSB na Câmara nos anos 1950).

> ditadura, sem o esfacelamento do jugo do Estado sobre o proletariado, não há no Brasil a menor expectativa de um desenvolvimento democrático. Sem a organização autônoma e independente das classes trabalhadoras, tanto no domínio econômico quanto no domínio político, no social como no cultural, nenhum movimento socialista é possível no Brasil. Logo, a democracia também não será possível. Nem a continuação de Getúlio, com Prestes ao lado ou não, nem o triunfo de Prestes com Getúlio ou sem ele, nem a subida do general Dutra, ou qualquer coisa de intermediário, como um governo militar, abrirá caminho à democracia[650].

Longe de ocorrer mediante um processo democrático, Getúlio Vargas foi deposto do governo em 29 de outubro de 1945, por uma junta militar constituída de amigos até então próximos a ele: os generais Góes Monteiro e Cordeiro de Farias, sendo que da conspiração fizeram parte também Gaspar Dutra e Eduardo Gomes. A presidência foi entregue a José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, enquanto Góes assumiu o Comando Geral do Exército e Farias, a chefia do Estado Maior. As primeiras medidas do novo presidente foram pôr fim ao Tribunal de Segurança Nacional, criado em 1936, e regulamentar as eleições. Vargas retirou-se para suas terras em São Borja e a UDN retomou com força a campanha pela eleição do Brigadeiro, chamada à época "campanha do lenço branco":

> Sobrecarregada de trabalho, doente, passei cerca de um mês sem comparecer nas prezadas colunas da Vanguarda. E parece que minha ausência deu sorte, porque nesse ínterim, muita coisa boa aconteceu. Caiu o Homem Eterno e tudo vai-se repondo nos velhos eixos; não são eixos ótimos, direis, e eu concordo. Mas são eixos bem melhores do que o horrendo desmantelo em que nos sacolejávamos, opressos e desnorteados[651].

Ao lembrar desta época, já com oitenta anos de idade, Rachel afirma que "era brigadeiro. Eu não era UDN, nunca fui UDN, mas eu era do brigadeiro. Porque era anti-Getúlio. O negócio de Getúlio era fascismo. Porque vocês não têm noção, vocês de hoje, o que foi o fascismo Giuliano [sic]"[652]. Já em outra entrevista da mesma década, Rachel confessa: "na época, achavam que eu era partidária do brigadeiro. Mas eu não era partidária de ninguém, era mesmo franco-atiradora"[653].

Nesta direção, tudo parecia seguir o caminho previsto pela oposição até que, em 02 de dezembro, o general Dutra foi eleito presidente da República, com 55% dos votos frente aos 35% de Eduardo Gomes. Segundo Benevides, Dutra contou com o apoio de polos opostos: setores da burguesia agrária conservadora e da nova burguesia industrial

---

[650] Posições políticas. *Vanguarda Socialista*. 31/08/1945. p. 01. CEMAP.
[651] QUEIROZ, Rachel de. Os senhores do Pixe. *Vanguarda Socialista*. 30/11/1940. p. 01. CEMAP.
[652] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 52. APIL.
[653] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 155.

e, por outro lado, das camadas populares, distantes do elitismo da campanha do Brigadeiro[654].

Mesmo com sua visível herança estadonovista, o presidente, no entanto, representava a ala antigetulista do PSD. A UDN, por sua vez, iniciava a sua longa tradição de derrotas presidenciais, ainda que Dutra não fosse o pior de seus inimigos. Rachel, por sua vez, lamentava ver a continuação do que ela acreditava ser o varguismo em seu sentido mais amplo, afinal, enquanto Getúlio exilava-se de certa forma na bucólica São Borja, seus amigos continuavam a governar o Brasil.

O que é a democracia?

O fim de 1945 trouxe importantes mudanças profissionais para Rachel de Queiroz. A partir de então, a escritora cearense negligenciaria as colunas do *Vanguarda* e dirigiria suas crônicas políticas para o *Diário de Notícias*. Nos anos 1940, escreviam para o jornal alguns dos principais udenistas, como Otávio Mangabeira, Adauto Lúcio Cardoso, Eduardo Gomes e Afonso Arinos.

Rachel, apesar de escrever para o *Diário* desde antes de 1939, com uma crônica ou outra, passou a assinar regularmente uma coluna em 1946, sempre na primeira página da sessão *Letras e Artes, Ideias Gerais*, onde alternava temas políticos e literários, com predominância daqueles. No *Diário*, permaneceria regular até 1953, publicando mais de duzentos e cinquenta crônicas[655].

Ao mesmo tempo, a escritora-jornalista enviava seus textos para inúmeros periódicos os mais diversos e em diferentes estados no nordeste e no centro-sul, sendo contratada em 1945 pela maior rede midiática do Brasil: os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand (1892-1968) [656]. Apesar de já ter publicado artigos no *O Jornal*,

---

[654] BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Op. Cit.* p. 57.

[655] A lista que elaborei a partir do *Diário de notícias* disponível na Hemeroteca Digital do AFBN, consta de 262 crônicas, publicadas entre 09/10/1938 e 26/07/1953.

[656] *O Cruzeiro* foi uma revista fundada em 1928. Sua intenção, a princípio, era tornar-se uma revista semanal ilustrada dentro do conjunto de veículos pertencentes a Assis Chateaubriand. Com suas fotos coloridas e papel *couché* de primeira classe, a revista era luxuosa também por contar com colaboradores do porte de Menotti Del Pichia, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e também reproduções de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Ismael Nery. Sendo assim, fez sucesso até os anos 1930 quando, segundo Accioly Netto, a revista estava prestes a falir, com pagamentos atrasados, pouco espaço para suas maquinarias e saturada nos temas das principais matérias. O fato é que nos anos 1940 *O Cruzeiro* voltou a caminhar de vento em popa, alcançando seu ápice de vendas entre as décadas de 50 e 60 no território nacional e mesmo internacional. Ver: NETO, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro.* Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

carro chefe da rede, Rachel nunca tinha efetivado um contrato tão regular, nem com eles, nem com nenhuma outra rede de notícias:

> Cá estamos também os dois no nosso "enfim sós" — e ambos, como é natural, meio desajeitados, meio carecidos de assunto: Comecemos pois a falar de você, que é tema mais interessante do que eu. Confesso-lhe, leitor que diante da entidade coletiva que você é, o meu primeiro sentimento foi de susto —, sim, susto ante as suas proporções quase imensuráveis. Disseram-me que o leitor de O CRUZEIRO representa pelo barato mais de cem mil leitores, uma vez que a revista põe semanalmente na rua a bagatela de 100.000 exemplares. (...).
> Apesar entretanto de todas essas dificuldades, tenho a esperança de que nos entenderemos. Voltando à comparação dos casamentos de príncipe, o fato é que as mais das vezes davam certo. Não viu o do nosso Pedro II com a sua Teresa Cristina? Ele quase chorou de raiva quando deu de si casado com aquele rosto sem beleza, com aquela perna claudicante; porém com o tempo se acostumaram, se amaram, foram felizes, e ela ganhou o nome de Mãe dos Brasileiros. Assim há de ser conosco, que eu, se não claudico no andar, claudico na gramática e em outras artes exigentes. Mas sou uma senhora amorável, tal como a finada imperatriz, e de alma muito maternal. A política é que às vezes me azeda mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais sempre me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; eu sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca. E tenho sempre casos para contar, casos de minha terra, desta ilha onde moro; mentiras, recordações, mexericos, que talvez divirtam seus tédios[657].

Nesta crônica inaugural, como em inúmeras outras, Rachel de Queiroz instaura um novo jogo na relação entre gênero e política. Talvez por escrever para um veículo de grande circulação nacional destinado às classes médias ou por imposição dos editores, a escritora começou a utilizar frequentemente argumentos de gênero para, "humildemente", falar de política.

Assim, encontram-se frases como nesta crônica, "senhora amorável, alma maternal, alma lírica", ou em outras, também referentes à política: "aproveitei-me de muito auxílio ocasional, mormente da condição de mulher, que serve para todos tirarem desconto" [658], "pois os donos da revista não me querem ver metida em política (...). Acham decerto que seria malvadeza permitir que uma senhora desprotegida como a pobre de mim se atirasse inocentemente a lobos e leões"[659], "não tenho vocação para mulher pública", etc.

Eram argumentos ambíguos utilizados por Rachel, variavam do conservadorismo à ironia pois, na prática, a escritora cearense sempre falou sobre política. Tal como afirmou Roger Chartier, "nem todas as fissuras que fendem a dominação masculina assumem a forma de rupturas espetaculares nem se expressam sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Elas nascem frequentemente dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a

---

[657] QUEIROZ, Rachel de. Crônica nº01. *O Cruzeiro.* 01/12/1945, p. 90. AFBN.
[658] QUEIROZ, Rachel de. Os moços. *Diário de notícias.* 07/07/1946. AIMS.
[659] QUEIROZ, Rachel de. Votar. *O Cruzeiro.* 11/01/1947, p. 90. AFBN.

insubmissão”[660]. Esta é, portanto, uma das dimensões que ligam gênero e política em Rachel de Queiroz, qual seja, a camada da humildade e da feminilidade disfarçando um tema considerado essencialmente masculino.

Mas é apenas a dimensão mais explícita. Há muito que a historiografia voltada para as discussões de gênero insiste em não criarem-se apenas histórias paralelas, de um lado os homens, de outro as mulheres. O gênero, como visão de mundo, deve se tornar um conceito transformador de pontos de vista[661].

No tocante a esta tese, ao assumir o estudo sobre a trajetória política de Rachel de Queiroz e os diversos argumentos de gênero que medeiam este percurso, podemos compreender facetas de um país onde a participação feminina na política partidária – a questão da “paridade” política, não passa mesmo hoje em dia dos 10%. Para ser mais explícita no argumento: espera-se que este estudo contribua com os estudos sobre relações estabelecidas entre gênero e política no Brasil.

A questão torna-se ainda mais interessante por ser Rachel de Queiroz antifeminista convicta, criticando em dezenas de crônicas os pressupostos feministas pregados, principalmente, pelas gerações dos anos 1930 e dos anos 1960 e assumindo um discurso conservador nesse sentido. Ou seja, colocar em foco gênero e política em Rachel de Queiroz é ainda uma forma de problematizar a questão para além da história do feminismo.

***

Eurico Gaspar Dutra governou o Brasil entre 30 de janeiro de 1946 e 30 de janeiro de 1951. Na crônica política, seu governo aparece como o governo da “união nacional”, da “pacificação”, da “estabilidade econômica” e do “respeito sagrado à Constituição”. Rachel de Queiroz talvez seja uma das intelectuais responsáveis por essa memória, ainda que, no caso dela, a memória faça parte de um discurso contraditório:

> Meu Deus! Ninguém está querendo agora apresentar o General Dutra como um salvador, como uma espécie de Jeanne D’Arc do Mato Grosso; mas também ninguém pode negar que ele sai destes cinco anos de governo com outra estatura, com tamanho muito maior do que nos aparecia

---

[660] CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes.* Porto Alegre: Editora Universitária/UFRGS, 2002. p. 96.

[661] Ver especialmente os já mencionados: SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, 2007. p. 281-300; PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009. p. 162. Ver também: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica**.** In: *Revista Educação e Realidade.* Número 16(2), jul/dez.Porto Alegre: UFRS, 1990.

> em 1946. Quem subiu ao poder, depois das desastrosas eleições de 1945, foi o braço forte da ditadura, foi o condestável do Estado Novo, foi um dos campeões da Polaca. E quem governou o Brasil até janeiro de 1951 foi um homem talvez cheio de fraquezas e de erros, - mas a negação do autocrata, um respeitador fiel da letra da lei, o oposto da violência e da prepotência oficial – o contrário absoluto de todo seu passado conhecido. No que pecou foi justamente por fraqueza – por se deixar levar por maus conselhos, por uma certa boa fé ingênua na filáucia e na bem falância de alguns dos seus espertos amigos[662].

Se alguém que nunca tivesse lido a coluna de Rachel de Queiroz no *O Cruzeiro* se deparasse com a afirmação acima, diria que ela era uma crítica suave, partidária de Eurico Gaspar Dutra. Mas esta afirmação é improvável. A coluna assinada por Rachel sempre à "Última Página" do *O Cruzeiro* era uma das mais lidas e comentadas na imprensa e em cartas enviadas à própria revista e à autora[663]. Provavelmente, muitos estudantes dos anos 1940 aprenderam a ler através destas crônicas de fácil digestão e sempre polêmicas. O mais provável, então, é que o leitor entendesse perfeitamente o *mea culpa* da autora nesta crônica, uma vez que ela foi feita logo após o resultado das eleições de 1950.

Mas, até lá, muito caminho andado.

O fim da ditadura trouxe novos ares ao país e a Rachel de Queiroz que, logo após as eleições de 1945, decidiu que não moraria mais na Zona Sul. Queria espaço e tranquilidade. Como tinha o hábito de fazer de suas crônicas a janela de sua casa, anunciou no jornal: "Compramos uma casa nesta Ilha. Pode ser velha. Pode mesmo estar em ruínas. Queremos consertá-la, pisar nos ladrilhos gastos (...). Basta que tenha um telhado, um palmo de terra onde cresça uma árvore, um ângulo de oitão onde se possa criar um galo que cante de madrugada..."[664]

Em 1945, mudou-se de Ipanema para a chamada *Cova da Onça*, na Ilha do Governador. Com a ajuda do irmão de Oyama, pararam de pagar aluguel e compraram um terreno de oito mil metros quadrados, onde construíram uma casa[665]:

> Na Cova da Onça, os cabritos e galinhas mariscavam no capim da rua, onde uma grande vala, durante muitos anos, servia para escoar as águas pluviais. Todo mundo se conhecia. Comprava-se à porta o peixe, a fruta, a hortaliça. No tempo da guerra nunca nos faltavam os gêneros racionados; nem sequer precisava fazer fila. Cada um tinha o seu açougueiro amigo, o vendeiro escondia os

---

[662] QUEIROZ, Rachel de. Confissão Geral. *O Cruzeiro.* 03/02/1951, p. 122. AFBN.

[663] Rachel menciona estas cartas em várias crônicas, chegando mesmo a respondê-las publicamente. No arquivo do IMS, encontramos cartas respostas de ilustres figuras, como Ademar de Barros (PSP) e Juarez Távora (UDN). Também jornais como *A Manhã, Jornal do Brasil, Letras e Artes* etc sempre comentavam as crônicas semanais de Rachel. Até os anos 1960, momento em que a revista começa a falir, Rachel de Queiroz é um fenômeno nacional.

[664] QUEIROZ, Rachel de. Diálogo das grandezas da Ilha do Governador. In: *A Donzela e a Moura Torta.* Obra Reunida vol. 3. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 119.

[665] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 42. APIL.

> pacotes de açúcar para os fregueses de estimação, o dono da vacaria garantia o leite e a manteiga[666].

Na Ilha, a autora estabeleceu seu sonho de exilada: um sítio do sertão em pleno Rio de Janeiro, na época em que o acesso à Ilha era feito somente pela barca da Ribeira. Oyama arrumou um emprego no hospital Paulino Werneck como chefe da clínica geral, e ambos compraram um terreno e construíram uma casa.

No "Flash Rachel de Queiroz", coluna de perfis da revista *Letras e Artes*, pode-se ter uma ideia de como se parecia Rachel de Queiroz aos 38 anos de idade: "casada, 1,60m, 61kg (vive de dieta), usa óculos (fundo de garrafa), sapato 35, adora andar de automóvel, só escuta rádio por causa do noticiário, sua leitura predileta são os romances policiais, acorda e dorme cedo, só escreve de manhã, vai ao cinema quase diariamente (nesta época é responsável pela crítica de cinema da *Revista do Brasil*), gosta de cachorros, cria galinhas e patos, é ótima cozinheira, fuma cigarros Tabaco Douradinho, não gosta de nenhum de seus livros, é afilhada do padre Cícero, trabalha em casa, é uma péssima correspondente epistolar, é torcedora fanática do Vasco da Gama e espera morrer no Ceará"[667].

A partir de 1946, hipotéticos livros seus eram anunciados aos montes, com alguns títulos escabrosos: "As Virgens Loucas" [668], "Aleluia" [669], "Maria Bárbara"[670], ou a tão esperada biografia de padre Cícero e um drama sobre Lampião[671]. Para a editora José Olympio até 1949, Rachel traduziu Samuel Butler, Emily Brontë, Santa Terezinha e vários romances de Dostoievski[672]: "eles faziam a lista dos livros que compravam e eu escolhia aqueles que me interessavam"[673]. Além disso, escreveu os diálogos para o filme *Jangada*, do cineasta Raul Roulien[674] e para *O cangaceiro*, de Lima Barreto, lançado pela companhia Vera Cruz e ganhador de dois prêmios no Festival de Cannes[675].

---

[666] Crônica escrita à Academia Brasileira de Letras em abril/1985. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, Fundação Casa Rui Barbosa. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.
[667] Flash Rachel de Queiroz. *Letras e Artes.* 23/05/1948. p. 08. AABL.
[668] PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura.* Porto: Edições Lopes da Silva, 1940. AABL.
[669] Nota. *A manhã.* 04/06/1946. p. 03. AFBN.
[670] Nota. *Suplemento Literário* de *A Manhã.* 04/02/1951, p. 02. AFBN.
[671] Nota. *Scena Muda.* 1949. p. 10. AFBN.
[672] Nota. *Scena Muda.* 1949. p. 10. AFBN.
[673] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 166.
[674] O filme era produzido pela Cine do Brasil S.A. (*Revista do Radio*, Ano 01 n. 3 abril/1948. AFBN). Em *A Scena Muda*, de 16/03/1948, afirmam que o filme se passaria nas dunas do Ceará e falaria sobre a luta pela abolição da escravidão e sobre o "Dragão do Mar", sociedade secreta capitaneada por um personagem idealizado, um jangadeiro que arrisca a vida pela libertação dos oprimidos.
[675] *Revista do Radio.* 20/11/1951. AFBN.

Rachel de Queiroz se tornou um verdadeiro fenômeno literário. Das mais de quinhentas e trinta crônicas publicadas até o fim do governo Dutra no *Diário de Notícias* e na revista *O Cruzeiro,* cerca de 160 tinham tema político, o que corresponde a 30% do total[676]. Numa pesquisa mais ampla, com as crônicas escritas por Rachel de Queiroz em toda a sua vida, a margem dos 30% permanece, o que demonstra, mais uma vez, a importância das crônicas políticas no interior da sua escrita e o que justifica ainda mais questionarmos o porquê desta dimensão ter permanecido "esquecida" no que se refere aos estudos críticos sobre a vida e a literatura desta importante escritora cearense.

Política, no argumento acima, não se refere somente ao caráter democrático representativo, apesar dele ser nosso motor principal por uma questão de verticalização da pesquisa. Mas em relação aos ditos "temas políticos", referimo-nos à política considerada sob um sentido mais amplo, o de *cultura política*[677], o que pode significar, no conjunto de textos rachelianos: o discurso sobre os marginalizados, os pobres, as políticas públicas, manifestações culturais, problemas estruturais da cidade e do campo, eleições, maternidade consciente, divórcio, democracia, saneamento básico, feminismo e a condição da mulher, política internacional, liberdade de imprensa, violência, condições de trabalho, saúde e educação, história política do Brasil e preconceito racial, para além das questões político-partidárias brasileiras neste momento.

Como se torna impossível, no espaço deste trabalho, abordar todos os temas que Rachel de Queiroz tratou em setenta e cinco anos de profissão, cabe destacar a importância que tem, neste conjunto de temas que mapeamos, a questão racial. A escritora cearense foi militante no que toca à eliminação do racismo no Brasil, criando, ao longo dos anos, vários dossiês com denúncias de preconceito, além dela mesma

---

[676] Esta proporção é afirmada com base na lista de crônicas escritas por Rachel de Queiroz: 265 no *Diário de Notícias* e 1386 crônicas no *O Cruzeiro.*

[677] Mesmo com sua operacionalidade, este é ainda um conceito de difícil consenso. Advém da ciência política dos anos 60, que estabelece a *cultura política* como um conjunto de tendências psicológicas dos membros de uma sociedade em relação à política. Esta perspectiva teve sua crítica formulada por Geertz que foi também posteriormente criticado pela própria sociologia política, pela história cultural e pela micro história. Passou-se então ao interesse cada vez maior por pequenos contextos e fenômenos mais particulares, recusando o estudo da *cultura política* somente como sistemas simbólicos ou funcionais, ampliando-se para o estudo das lógicas de ação e de situação, estruturas de temporalidade, estruturas de interação e de pertinência. Outros referentes analíticos em seu mapeamento são as ideias de universos políticos, usos pragmáticos e estratégicos das *culturas políticas* e sua semântica, gramática da autoridade e do consentimento, a economia psíquica, afetividades e sensibilidades, ritos, mitos, as relações com a memória, processos de invenção e imaginação de tradições e comunidades. Ver: BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre. & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural.* Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363; DUTRA, Eliana. História e culturas políticas. In: *Vária História.* no. 28. dez. 2002. p. 13-28.

denunciar casos particulares em suas crônicas. Este seria um tema para ocupar toda uma tese.

No entanto, como procuramos compreender seu pensamento político desde a adolescência até o golpe militar de 1964, é com pesar que optamos por limitar as fontes àquelas referentes somente a alguns eventos importantes no contexto nacional entre 1927 e 1964.

***

Em 1948, apesar de não mais escrever para o *Vanguarda Socialista*, de Mário Pedrosa, a partir de então órgão oficial do PSB, Rachel dá a entender que ainda faz parte de seus quadros e elogia o periódico em crônica para o *Diário de Notícias*:

> Não, meus queridos, amigos, não é o nome de um partido novo. Partidos já os temos de sobra; e quem sou eu para lançar partidos? E mesmo que os pudesse lançar, será que valeria à pena?
> Vanguarda Socialista é o nome de um jornal que, espero, vocês conheçam e se o conhecem lhe deem o devido apreço. Nestes tempos de agora, em que continua a moda de fechar jornais tanto a chanfalho quanto a decreto, como se nada houvesse ocorrido de 1945 para cá, é bem que se faça o inventário dos bons jornais (...).
> "Vanguarda Socialista" é, pois, um pequeno e heróico jornal que vem circulando há três anos nesta cidade. Tribuna aberta a todos os que não dispõem de outra tribuna e têm alguma verdade para dizer. Modesto, de limitada tiragem, não explora sensacionalismos, não usa manchetes, não insulta pessoas nem diviniza ninguém. Procura e consegue ser um instrumento da verdade e da boa pregação socialista, levando muito a sério o papel que lhe cabe como honesto órgão da imprensa: o papel de orientador, de testemunha e de intérprete[678].

De todos os grupos mencionados, aquele que se constituiu enquanto partido político somente depois de 1945 foi a Esquerda Democrática (ED) que, num primeiro momento, participou da fundação da União Democrática Nacional (UDN) com quem esteve vinculada até 1946, ainda que se mantivesse independente ideologicamente. Nas eleições para a Constituinte de 1946, a ED, através do acordo ED/UDN, elegeu como representante Hermes Lima, professor da Universidade do Brasil e amigo de Rachel de Queiroz, e Domingos Velasco[679], também militante socialista.[680]. Aliás, ambos seriam figuras carimbadas no Congresso durante todo o período democrático[681].

---

[678] QUEIROZ, Rachel de. Vanguarda Socialista. *Diário de Notícias.* 11/04/1948. AFBN.

[679] Velasco (1899-1973) participou dos levantes tenentistas de 1924. Tenente reformado, passou a dedicar-se ao jornalismo. Apoiou a Aliança Liberal e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930. Foi chefe de polícia e Secretário de Segurança Pública em Goiás, lutou na revolução constitucionalista de 1932 ao lado do governo, foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte em 1933. Velasco foi se aproximando da esquerda socialista e acabou apoiando a ANL em 1935, sendo preso em 1936. Com o fim do Estado Novo, participou da fundação da UDN enquanto ED. Foi eleito deputado federal pelo PSB e

Membros da ED fundariam em 1947 o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Até então, porém, os intelectuais do *Vanguarda Socialista* não podiam ser confundidos nem com a Esquerda Democrática de 1945, nem com o PSB de 1947. Somente em 1948 é que Mário Pedrosa e outros redatores passaram a integrar oficialmente o partido. Antes disso, havia, inclusive, certas hostilidades e mútuas acusações, mesmo que ambos pretendessem ser "organismos populares e socialistas"[682].

É importante destacar, neste sentido, que durante todo o período entre 1947 e 1964, o PSB foi um partido muito pequeno em relação ao número de adeptos e à representação no Congresso, mas a maior parte de seus membros eram figuras ilustres e de grande representatividade social, era a elite intelectual de esquerda no país. O PSB configurou-se, portanto, como um partido essencialmente de quadros, que pretendeu em certo momento ser um partido de massas, mas nunca conseguiu ter apelo junto aos trabalhadores, que preferiam se filiar ao PCB ou ao PTB[683].

Em 1947, o Partido Socialista propagava o "aperfeiçoamento das instituições democráticas e, no plano econômico, a transformação da estrutura social através da gradual e progressiva socialização dos meios de produção" [684], de acordo com as condições do País no momento. Comprometia-se, ainda, a defender os interesses dos trabalhadores e não os de uma única classe.

Até 1948, portanto, Pedrosa e o *Vanguarda Socialista* pareceram cumprir o anseio político pessoal de Rachel de Queiroz, qual seja: "não tomar a benção a Moscou nem a Washington", "saber o que quer e para onde vai" e realizar seu papel de "orientador, de testemunha e de intérprete da sociedade brasileira" [685]. Após a filiação partidária do jornal, porém, e mesmo que simpatizasse com o PSB, Rachel preferiu manter-se afastada da militância partidária.

Ao longo de toda a sua trajetória política, portanto, se pudéssemos aproximar Rachel de algum todo político coerente, diríamos que seu partido eram suas amizades,

---

Senador pelo PSB em 1950. Em 1958, no entanto, saiu do PSB e, assim como Hermes Lima, filiou-se ao PTB, sendo eleito deputado federal.

[680] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 31.

[681] Hermes Lima (1902-1978) migrou para o PTB em 1953, e, em 1961, foi convidado a chefiar o Gabinete Civil do governo parlamentarista pelo PSB novamente. Em 1962, foi Ministro do Trabalho e em seguida primeiro-ministro, ministro das Relações Exteriores e ministro do STF. Foi aposentado pelo AI-5.

[682] Nota. *Diário de Notícias.* 11/05/1946. p. 01, primeira sessão. AFBN.

[683] SILVA, Luiz Dário da. *Op. Cit.* p. 14.

[684] SILVA, Luiz Dário da. *Op. Cit.* p. 17.

[685] Todas citações foram retiradas da mesma crônica: QUEIROZ, Rachel de. Vanguarda Socialista. *Diário de Notícias.* 11/04/1948. AFBN.

tal foi a heterogeneidade de posições políticas que provaram da comida e da hospitalidade de Rachel de Queiroz ao longo do tempo.

Nos anos 1940, o importante para autora cearense, compreendendo que o contexto da Guerra Fria havia polarizado ainda mais as opiniões políticas, era manter-se independente do imperialismo americano ou soviético:

> As condições criadas pelo desenlace da Segunda Guerra Mundial colocaram os povos da terra entre as faces de dois poderosos adversários, cuja inimizade recíproca – isto é, quanto mais crescem e se fortalecem, mais necessitam de se devorar um ao outro. Sob os rótulos de "comunistas" e "democráticos" os dois grandes Estados candidatos ao domínio do mundo – a Rússia e os Estados Unidos – (sendo que um é tão pouco democrata quanto o outro é pouco comunista), dividem o planeta em dois campos de ideologias em luta e para esses campos, procuram arrastar as massas internacionais, apelando para todos os estímulos que costumam galvanizar as massas e levá-las à ação: o desejo de segurança, o terror da miséria, a promessa de proteção e prosperidade, o sentimento messiânico de "salvação" (de um lado a cruzada contra os "vermelhos", do outro a cruzada contra a "plutocracia imperialista") ou a simples e pura intimidação, muito bem expressa pela misteriosa e aterradora ameaça da bomba atômica[686].

De fato, Rachel conseguia ter uma visão clara da influência do contexto internacional nas políticas de repressão do governo Dutra. Já em 1946, muitos ficaram espantados com o resultado das eleições para a Constituinte, tamanha a influência que o Partido Comunista exerceu no eleitorado.

Enquanto a UDN elegeu 77 deputados mais um pela ED e 10 senadores (27.2%), o PSD 151 deputados e 26 senadores, o PTB 22 deputados e 2 senadores, o PCB tinha eleito 14 deputados e 1 senador[687]. Mesmo com um número mínimo frente ao maior partido do período democrático, o PSD, todos se espantaram com o alcance eleitoral dos comunistas, calejados pelas duas décadas de ilegalidade e perseguição.

Em 1946, o PCB já contava com 200.000 militantes, inúmeros comitês populares, oito jornais, duas editoras e vários semanários, era o partido que mais crescia no país[688]. Este crescimento dos adeptos ao comunismo ocorria não só no Brasil, mas também em diversos países europeus, influenciados pela imagem positiva da URSS neste momento, o grande urso que esmagara Hitler na batalha final[689].

Foi assim que, em 07 de maio de 1947, votou-se uma emenda constitucional que permitiu ao Tribunal Superior Eleitoral cassar o registro eleitoral do PCB. A

---

[686] Essa crônica foi escrita a partir da entrevista de Mário Pedrosa para o *Diário Carioca* nesta mesma semana. QUEIROZ, Rachel de. O Partido da Resistência. *Diário de Notícias.* 23/11/1947. Quinta sessão. AFBN.

[687] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 63.

[688] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 65.

[689] Ver, para o contexto francês, por exemplo: SIRINELLI, Jean-François. *Désenclaver l'histoire: nouveaux regards sur le XXe siècle français.* Paris: CNRS éditions, 2013.

justificativa era o fato de o partido respeitar a um projeto internacionalista e, portanto, incompatível com a democracia nacional. Esta lei foi considerada por alguns, como "o primeiro crime de Dutra contra a democracia" [690], mal havia terminado a censura ditatorial. Em 07 de janeiro do ano seguinte, todos os deputados e o senador eleito pelos comunistas foram cassados e o partido teve de dar adeus aos poucos meses de legalidade constitucional.

Mas o tal projeto lei fora resultado de um longo e intenso debate no Congresso, que beirou a violência. Mesmo a UDN, partido mais à direita, estava dividida quanto ao assunto e, anos depois, confessaria que a "Carta de 46", de que tanto se orgulharam, tinha sido mais liberal do que libertária[691] neste sentido.

Rachel de Queiroz, por sua vez, tradutora que era do debate parlamentar para a grande imprensa, não deixou de comentar o assunto da perseguição anticomunista que se instalou desde 1947:

> Está acontecendo agora um fenômeno curioso na imprensa brasileira: todos os jornalistas que se dão ao luxo de ter opinião democrática e defender essa opinião – sejam eles socialistas ou católicos, tenham um notório passado antifascista, sejam veteranos no combate à ditadura, com dezenas de anos de vida dedicados a esse combate, veem-se agora sistemática e maliciosamente arrastados por provocadores a se definir, se explicar, a prestar contas minuciosas das suas vidas, das suas ideias, da sua religião e em alguns casos até dos seus haveres.
> É lógico que visam os provocadores com essa guerra de nervos assustar os tímidos, descobrir rabos de palha, desmascarar "vermelhos", desmoralizar as vozes daqueles que lhes denunciam as manobras e o falso patriotismo. Pois tais provocadores que não são outros senão os fascistas bem ou mal encobertos, os saudosistas do "estado forte", que já não podem mais com tanta liberdade, com tanta gente falando sem rolha, e querem de urgência reestabelecer a velha opressão, o reinado policial, os assassinatos oficiais, o Tribunal de Segurança, as prisões em massa, as demissões ilegais, o fechamento do Congresso, a censura da imprensa, o repúdio à incômoda Constituição de 46 e a volta aos braços saudosos da polaca de 37. E para a realização de todos esses sonhos dispõem como justificativa única o surrado, desmoralizado mas ainda utilizável pretexto de "combate ao comunismo", que desde o pacto do anti-Komitern vem servindo para tanto crime e para tanta coisa suja[692].

A escritora cearense foi expressamente contra a perseguição e a cassação dos comunistas durante o governo Dutra, mesmo assumindo ser politicamente contra a ideologia do PCB desde 1933: "mas a coisa a que ninguém me obriga é atirar as castanhas do fogo para os espertalhões, é me prestar ao jogo sórdido dos reacionários inimigos da humanidade, e escolher uma das alternativas do seu desonesto dilema: ou estás conosco, ou estás com a Rússia" [693].

---

[690] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 65.
[691] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 68.
[692] QUEIROZ, Rachel de. Definição. *Diário de notícias.* 05/10/1947. Recorte. AIMS.
[693] QUEIROZ, Rachel de. Definição. *Diário de notícias.* 05/10/1947. Recorte. AIMS. Sobre o tema, ver ainda: QUEIROZ, Rachel de. Necrológio. *Diário de Notícias.* 04/01/1948; QUEIROZ, Rachel de. Um

Os atos de repressão, em parte influenciados pelo contexto da Guerra Fria, como afirma Rachel, não se limitaram ao PCB e aos jornais. Os que mais sofreram foram as classes populares, principalmente aquelas pertencentes ao movimento operário. Para Benevides, quem apoiava o governo Dutra eram, em sua maioria, os empresários e as correntes conservadoras, onde a preocupação era manter a ordem política e econômica. Isto porque do outro lado do muro liberal, o comunismo era diretamente associado aos movimentos populares e aos sindicatos operários[694].

Em consequência, entre 1946 e 1947 multiplicaram-se as intervenções nos sindicatos, as eleições sindicais foram suspensas e os comícios proibidos. Em 47, lançaram-se decretos contra a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), o Movimento Unitário dos Trabalhadores (MUT) e a União das Juventudes Comunistas. Para estes, o governo Dutra foi o governo da "traição nacional" e não da "união nacional".

O único partido político com forças para lutar contra os desmandos do governo neste momento seria o partido oficial da oposição, a UDN. Mas esta, caracteristicamente elitista, ainda que polarizada internamente, preferiu adotar uma posição conciliatória com Dutra, principalmente porque visava desde o começo do governo do general, as eleições de 1950[695].

***

Na vida pessoal, Rachel de Queiroz parecia navegar na maré boa. Em novembro de 1947, entregou os originais de seu primeiro livro de crônicas, *A Donzela e a Moura Torta*, a ser publicado pela José Olympio[696]. Era uma coletânea de artigos que escrevera para o *Correio da manhã* e *O jornal* até 1945 falando inclusive sobre Segunda Guerra, e que causou inveja até em Rubem Braga[697]. Além disso, anunciava-se uma edição de seus três primeiros romances num só volume em breve.

---

jeep. *Diário de Notícias.* 18/01/1948; QUEIROZ, Rachel de. Cala-te boca. *Diário de notícias.* 15/02/1948, p. 01. AFBN QUEIROZ, Rachel de. O diabo penoso vestido de verde. *Diário de notícias.* 28/08/1949; QUEIROZ, Rachel de. As rãs opinam sobre o rei. *Diário de Notícias.* 18/12/1949; QUEIROZ, Rachel de. O último dos Merovíngios. *Diário de Notícias.* 12/03/1950. Todas estas fontes podem ser consultadas no AIMS em forma de recortes.

[694]Só no primeiro ano do governo Dutra, foram registradas 87 greves no país. BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 62, com base em Weffort (1972).

[695] Segundo Benevides, até 1950, PSD e UDN apresentavam várias semelhanças ideológicas, justamente por serem formadas por uma elite conservadora. BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 76.

[696] Editorial. *Diário de Notícias.* 02/11/1947, p. 03. AFBN.

[697] BRAGA, Rubem. A busca do coentro. *Diário de Notícias.* 24/08/1948, p. 03. AFBN.

Já o ano de 1948 correu pelas estradas do Brasil. Em março, Rachel e Oyama saíram da Cova da Onça e passaram um mês viajando pelo interior de Minas Gerais, percorrendo a antiga rota do Ouro: "fazíamos longas viagens sem falar com ninguém. Ficávamos de automóvel andando por aí (...). Estivemos em tantos lugares, e nunca andamos a quatro, a seis, a oito. Fizemos sempre a dois. Fazíamos as nossas coisas juntos, tínhamos o nosso universo a compartilhar" [698]. Ainda que viajando de carro pelas precárias estradas do país, o roteiro rendeu-lhe quatro belas crônicas "turísticas" à revista *O Cruzeiro.* O ano parecia começar com o pé direito.

Mas em agosto:

> Os quinze dias que papai ainda viveu, depois de minha chegada, foram um calvário. Ele teve morte longa e dolorosa – embora até o fim muito lúcido (…). O que mais o maltratava era o fígado, que entrava em cirrose. Mas o que o levou foi um colapso cardíaco de modo brusco, praticamente inesperado (...).Papai ainda podia viver tantos anos, gostava tanto deste mundo, de nós, das coisas dele, de política, de livros! Até morrer fez projetos, combinou ir conosco para o planalto central, assim que ficasse bom, fazer uma grande fazenda de criação. Só pensava em termos de vida, não de morte, era otimista e esperançoso como um rapaz[699].

O "Dr. Daniel", que ensinara Rachel a cuidar da terra, que negligenciara uma carreira jurídica promissora para plantar arroz no sertão, aquele que casara jovem e jovem permanecera na memória da filha porque era carinhoso e brincalhão às vezes, político e declamador outras, melancólico sempre; este pai não mais existia.

Na memória vinha o homem que esteve presente quando a filha tentou ler um livro pela primeira vez e riu quando esta pronunciou *Ubirajara* sem conseguir; o homem que era apaixonado por teatro, que levou Rachel para assistir a primeira peça de sua vida, aquele que adorava ópera e "insistia em querer cantarolar as árias, desafinado que era"[700]. Este eterno rapaz, sinônimo de liberdade e de autonomia, desaparecia para sempre, em agosto de 1948.

Há meses, o Dr. Daniel estava doente. A situação era difícil. Para completar, o irmão, Luciano, então com vinte e oito anos, tinha uma doença cardíaca que exigia muitos remédios. O tratamento no Ceará era caro, assim como o medicamento. Por isso, Rachel escreveu a Daniel Pereira, irmão de José Olympio e seu grande amigo, pedindo que lhe adiantasse algum dinheiro da venda dos livros para que ela pudesse comprar

---

[698] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 91.
[699] Carta manuscrita a Daniel Pereira, de 26/08/1948. 6 folhas. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.
[700] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 171.

remédios, pois a redação do jornal era muito desorganizada com os pagamentos e ela não sabia quando receberia[701].

Daniel, amigo sempre solidário, que esteve ao lado de Rachel em diversos momentos difíceis além de ser o homônimo de seu pai, sentiu-se tocado pelo pedido e pelo discurso da perda. Ajudou no que foi possível e trocou cartas carinhosas com a escritora. Em setembro, Rachel de Queiroz já era órfã de pai, aos trinta e sete anos. Acompanhou-o na agonia do final da doença e enterrou-o no Ceará:

> Quando meu pai morreu o que mais me doía era pensar nas coisas que ele sabia, o que lera – lera tanto! – e com a morte estava perdido. A fonte de lembranças e experiência para a qual eu diariamente recorria; certa poesia que nós dois amávamos e que ele sozinho sabia toda – aquela poesia esquecida dos outros, só dele lembrada, perdera-se como se nunca houvesse existido. E as histórias que ele contava. A inteligência clara que entendia tanto. E o amor – aquele peito grande cheio de amor, aquele coração cansado que só por amor batia? Acabara-se também o amor – ficavam sem resposta os meus gestos de amor, como ficavam as perguntas sem resposta[702].

Dias depois, precisando voltar ao trabalho, a escritora pegou o navio Pedro II, que a levou até o Rio de Janeiro. Com a morte do patriarca, pensou em trazer D. Clotilde, Maria Luiza e Luciano para morarem com ela na capital federal. Faria um apartamentinho no pavilhão do terreno da Ilha para eles e, deste modo, estariam todos por perto[703].

Um mês depois da morte do Dr. Daniel, a primeira medida efetiva foi trazer Luciano para se tratar na capital, era impossível mantê-lo no Ceará com os recursos lá disponíveis. Na viagem, porém, como se já não bastasse, Luciano teve um ataque produzido por sua doença enquanto o navio passava pela Bahia, e nem mesmo chegou ao Rio de Janeiro, falecendo no caminho.

Assim, parecia que a morte, ao se deparar com Rachel de Queiroz, gostava de brindá-la em dose dupla. Era o lembrete daquela constante "sensação de uma absoluta solidão[704]", que a escritora tanto temia e da qual sua obra literária é o maior acabamento.

No Rio de Janeiro de 1948, a vida seguiu maculada, Rachel continuava a ligar seu radinho de pilha para ouvir as notícias da política nacional, e Dick Farney fazia sucesso com "a saudade mata a gente, morena/ a saudade é dor pungente, morena".

---

[701] Carta manuscrita a Daniel Pereira, de 26/08/1948. *Op. Cit.* FCRB.
[702] QUEIROZ, Rachel de. Churchill. O *Cruzeiro.* 13/02/1965, p. 114. AFBN.
[703] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 43. APIL.
[704] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 185.

***

O Rio fervia naquele verão: "O ar dá pra ser apanhado em colheradas, de tão espesso e morno. Brisas são meros sonhos, as folhas das árvores imóveis parecem folhas de papel e arame, para um cenário de filme. O mar, no fundo da baía, é uma lâmina de estanho lisa e espelhando fogo"[705].

À parte o calor insuportável do verão que sufocava as manhãs da capital federal, as propagandas políticas disparavam por todos os lados: na imprensa, no rádio, nas ruas, nos carros de propaganda. Não fazia nem três anos completos que o presidente Dutra assumira o governo e os partidos políticos já se preocupavam em continuar ou tomar o poder.

Em março de 1949, Rachel começou a questionar em suas crônicas, os possíveis candidatos às eleições de 1950: "neste alvoroço que já vai alto, de palpites sobre a sucessão presidencial, animei-me também e resolvi fazer o meu modesto inquérito tipo *gallup*, indagando de amigos, conhecidos e alguns desconhecidos com quem tenha oportunidade de trocar palavra, qual deve ser o nosso candidato ao Catete". As respostas deram à crônica um inevitável viés humorístico. Segue em resumo:

Nereu Ramos, vice-presidente da República pelo PSD: "poucos conhecem e quem conhece não gosta", é definido pelos tais entrevistados como "mal encarado, resíduo do Estado Novo, instrumento dos nazistas do sul, politiqueiro". "Também há os que aprovam, mas parecem poucos".

O general Canrobert, também do PSD, é avaliado com as seguintes afirmativas: "já chega de tanto general", "ninguém sabe quem ele é", "x político", "talvez sirva se houver guerra contra a Rússia".

O Brigadeiro Eduardo Gomes, ex-candidato pela UDN, também não encontra muito entusiasmo: "ele não sabe perder. Com a derrota se desinteressou pelo país", "puro demais para sujar as mãos na podridão da política", "um herói só em estátua", "estamos fartos de carolas", "contra, desde que ele se manifestou contra o divórcio".

Ademar de Barros, do PSP de São Paulo: "se todo mundo se mete em ladroeiras, por que ele também não pode se meter?", "ele só compra quem se vende", "vai promover de novo a hegemonia de São Paulo", "o Ademar sabe onde está o dinheiro".

---

[705] QUEIROZ, Rachel de. O calor e o trabalho. *O Cruzeiro*, 05/02/1949, p. 98. AFBN.

Osvaldo Aranha, ex-ministro do Estado Novo: “não serve porque está vendido aos judeus” ou “vendido ao imperialismo americano”.

Otávio Mangabeira, presidente da UDN: “aliado secreto dos generais”, “cheio de manhas”.

Pra completar, “Dona Valinda, que tem uma pensão por terras do sul, acha que desta vez o presidente devia ser mulher, pra variar; e também porque já chegou a hora das mulheres mostrarem o que valem”.

Todos os comentários eram levados num clima de bom humor. Mas quando chegou a hora de Getúlio Vargas, afirma Rachel:

> Muitos o querem. É vergonha mas é verdade. Principalmente aqui no Rio. ‘Que não é tão ruim como se diz’. ‘Que no tempo dele político não levantava a cabeça’. ‘Que não admitia comunista solto’. ‘Que melhorou a vida dos pobres’. Mas há igualmente uma tremenda onda de ódio e desprezo contra esse homem – o que pensando bem não é para admirar. Podem-se resumir suas declarações nestas fórmulas: ‘Getúlio seria uma vergonha’ ou ‘ a última das vergonhas’[706].

Enquanto para o *Diário de Notícias* Rachel escrevia as matérias mais críticas, como a descrita acima, avaliando candidato por candidato e manifestando explicitamente seu repúdio a Vargas, no *O Cruzeiro* a autora decidiu realizar uma campanha de consciência democrática, discutindo inúmeros aspectos da cidadania, como a questão do voto e o funcionamento da máquina eleitoral.

Em 1950, Rachel criou na revista de Chateaubriand, uma série de três crônicas, escritas durante três semanas imediatamente anteriores às eleições: a primeira, explicava a importância das eleições e insistia no sigilo do voto; a segunda, destrinchava as características dos diversos partidos políticos e seus respectivos candidatos; e a última, era destinada exclusivamente às mulheres, considerando que “política também é assunto para mulheres”.

Sem a menor pretensão de ser neutra, Rachel de Queiroz desclassificava o PSD, herdeiro do ditador, o PSP de Ademar de Barros, e o PRP dos integralistas. Por outro lado, apesar de não concordar ideologicamente com a UDN, acreditava que seu candidato merecia voto de confiança, assim como o candidato do PSB.

A única característica comum entre todas as três crônicas “catequéticas” de Rachel de Queiroz em 1949 era o antigetulismo confesso da autora cearense, que continuava a utilizar as páginas da revista para falar mal do ex-ditador:

---

[706] QUEIROZ, Rachel de. O Candidato. *Diário de notícias.* 20/03/1949. AIMS.

> A essas mulheres venho prevenir que votem nesse homem – digamos logo o nome dele – que votem em Getúlio Vargas – se querem novamente ver no Brasil um governo de força. E que não pensem que, pelo simples fato de ser eleito num pleito democrático, um antidemocrata visceral pode mudar as suas convicções e se congir aos limites que lhe marca a Constituição.
> Lembrem-se de que as mais livres eleições do mundo podem entregar o poder a um ditador. A maioria dos golpes de estado são dados por aqueles que, protegidos pelas suas imunidades legais, podem preparar a conspiração com segurança, e quando o povo se apercebe das manobras, já é tarde[707].

Estava lançada a sorte de toda a oposição antigetulista que se reunira em 1945, primeiro em torno da Constituinte, depois em torno da candidatura do Brigadeiro, mas sempre contra Getúlio Vargas. O problema é que a oposição fragmentara-se visivelmente desde a eleição de Dutra e os discursos, apesar de homogêneos na crítica a Getúlio, pareciam confusos em relação a suas próprias diretrizes ideológicas.

Os socialistas, agora em grande parte congregados no PSB, acusavam a falta de programas de governo por parte dos demais partidos. De fato, este era um argumento que pendia para o lado deles. Assim como o amigo Arnaldo Pedroso D'Horta tinha publicado no *Folha Socialista*[708], também Rachel de Queiroz, em suas crônicas, insistia que o "povo brasileiro" não queria mais nomes ou personalidades individuais, mas programas partidários, coerência ideológica em torno de um projeto de governo.

A escritora cearense foi tão didática e convincente em suas crônicas políticas durante a eleição de 1950 que o escritor Osório Borba, ironicamente, sugeriu seu nome para a sucessão de Eurico Gaspar Dutra na presidência: "Pois fique sabendo, meu caro Borba, que a mosca azul é o diabo. Pega. Não carece nem de morder com uma possibilidade, uma esperança"[709].

Eis a lista dos feitos de Rachel em seu devaneio de rainha, quer dizer, presidenta: primeiro, afirma não gostar de luxo e, não roubando, não deixaria roubar. Dos projetos presidenciais, logo colocaria como proposta para o Congresso a volta da antiga lei de Talião, que atingiria em primeiro lugar a polícia: "olho por olho, dente por dente". Caso a cidade estivesse esburacada, sem higiene e sem saúde, Rachel faria com que o prefeito daquela cidade fosse o primeiro a experimentar as consequências. Outra lei: aposentadoria compulsória para ex-presidentes.

Em relação ao petróleo: "confesso que não tenho nada resolvido"; e sobre os comunistas, deixá-los-ia soltos, "não ia gastar o bom dinheiro, tão útil à minha

---

[707] QUEIROZ, Rachel de. Eleições III – para as mulheres. *O Cruzeiro.* 29/07/1950, p. 130 . Ver também: QUEIROZ, Rachel de. Eleições I – O Voto. *O Cruzeiro.* 15/07/1950, p. 130. QUEIROZ, Rachel de. Eleições II – Partidos. *O Cruzeiro.* 22/07/1950, p. 130.
[708] BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 80.
[709] QUEIROZ, Rachel de. Eu, Presidente. *Diário de Notícias.* 28/04/1950. Recortes. AIMS.

propaganda, fazendo propaganda deles". A política internacional seria na base do espião e, na política interna, cassação direta de governadores e congressistas envolvidos nos ramos do comércio (argumento referindo-se especialmente ao queremista Hugo Borghi e a Ademar de Barros). Quanto a Getúlio, somente preces públicas: "é como sogro e sogra, milho e feijão, só pode ter préstimo debaixo do chão"[710].

Bem se vê que o limite entre a solução democrática e a autoritária é muito sutil: "receio que, uma vez no governo, minha tendência fosse menos para uma presidência rigorosamente democrática do que para uma versão feminina do 'bom déspota'" [711]. Neste sentido, percebe-se que a crônica de jornal, gênero narrativo feito semanalmente, cotidiana e fluida, é uma fonte interessante para perceber as contradições de uma intelectual como Rachel de Queiroz. Isso porque a crônica está mais próxima ao "rés-do-chão" e, diríamos, da realidade cotidiana.

É para ser coerente com seu projeto político pessoal, que visa à imprensa como tribuna, que Rachel passou os anos de 1949 e 1950 denunciando a precariedade dos hospitais públicos, a insalubridade do Rio de Janeiro, falta de assistência às mães solteiras, o problema das favelas e as enchentes que aterrorizavam a cidade todos os anos. Lemos suas crônicas como se fossem mais contemporâneas do que nunca e o Brasil de Rachel de Queiroz torna-se uma mistura de projetos de futuro, cercados por um desânimo dos constantes problemas do país.

***

A data da eleição se aproximava e, como para não ver o que temiam, Rachel e Oyama decidiram viajar para a Europa pela primeira vez na vida dela. E, como viajar para o exterior nessa época era extremamente caro, Rachel negociou com a revista *O Cruzeiro* a publicação de um romance em folhetim, que a autora entregou ao longo de quarenta fascículos e que intitulou *O Galo de Ouro.* Este foi o único romance exclusivamente urbano de Rachel, ainda que se passe na quase rural terra da Ilha do Governador. Em julho, com o dinheiro do livro recebido adiantado e com uma ajudinha diplomática do ministro do Exterior, Raul Fernandes[712], pegaram o *Constellation*, levando 24 horas para chegar no destino final.

---

[710] QUEIROZ, Rachel de. Eu, Presidente. *Diário de Notícias.* 28/04/1950. Recortes. AIMS.
[711] QUEIROZ, Rachel de. Eu, Presidente. *Diário de Notícias.* 28/04/1950. Recortes. AIMS.
[712] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 154.

Havia em Rachel de Queiroz uma enorme curiosidade pelos lugares da guerra. Suas anotações giraram em torno das marcas da destruição e também da restauração. Chegaram em Paris, foram em seguida ao sul da França, depois Gênova, Roma, Florença, Suíça, Lugano, Berna: "eu me recusei a entrar na Alemanha: ainda estava com muita raiva de alemão"[713].

Ainda que a quilômetros de distância, o Brasil não saiu de sua pena e, ao passar pela Inglaterra e pela França, a escritora, dona de uma personalidade de maníaca observação, de curiosidade obsessiva, não cessou de comparar a situação vivida pela Europa com o seu próprio país. A França, por exemplo, foi percebida por Rachel de Queiroz neste ano de 1950 como um exemplo de bom convívio entre negros e brancos, que agradava "ao mais honesto coração democrático" [714] e servia de exemplo para o Brasil. Irônico.

Ao voltar de viagem, imagina-se qual não foi a decepção quando os resultados das eleições confirmaram as predições que Rachel notara desde os questionários de 1949: 48,7% dos votos para Getúlio (PTB), 29,7% para o Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), 21,5% para Cristiano Machado (PSD)[715] e 0,1% para João Mangabeira (PSB). O susto foi tanto que Rachel teve uma crise de apendicite que a levou à mesa de cirurgia no momento em que se realizava o pleito. Quando acordou da anestesia, pensou que tinha desencarnado de seu corpo morto ao ver a cara de tristeza de todo mundo. Mas o susto era por conta de Getúlio[716].

O fantasma, "imagem quimérica, da fantasia e do sonho" [717], visão alucinatória, produto da imaginação, que se retirara às terras de São Borja mas nunca se contentara ao papel de mero espectador, ressurgia dos pampas para assombrar todos aqueles que lutavam contra seu regime há mais de quinze anos, e desta vez, eleito pelo "povo brasileiro". Não importavam mais as críticas ao governo Dutra, o verdadeiro inimigo voltava à tona. Décadas depois, Rachel se arrependeria de tê-lo criticado tanto e ele se tornaria, em sua memória, um bom presidente, um democrata[718].

Os resultados de 03 de outubro não foram só uma perda eleitoral. Sensivelmente, a volta de Vargas alterou o modo com que Rachel passou a ver a si mesma enquanto intelectual:

---

[713] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 154.
[714] QUEIROZ, Rachel de. Negros em Paris. *O Cruzeiro.* 07/10/1950. p. 114. AFBN.
[715] Cristiano era irmão do grande amigo de Rachel, Aníbal Machado.
[716] QUEIROZ, Rachel de. Presidências. *O Cruzeiro.* 18/07/1959, p. 114. AFBN.
[717] http://www.dicionariodoaurelio.com/fantasma. Acesso em 10/10/2014.
[718] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 51. APIL.

> O resultado das eleições de 3 de outubro veio confirmar: é que fracassamos, fracassamos completamente todos os que, jornalistas e escritores, nos imaginávamos em contato com o povo, nos iludíamos, cuidando que éramos intérpretes do seu pensamento. A dolorosa verdade é que o povo, - as chamadas massas trabalhadoras – o povo não nos lê, o povo não nos conhece. E a pequena parte dele que nos lê, não nos escuta. O povo não se interessa absolutamente pelo que dizemos. No fundo o que nós somos é um divertimento de grã-finos – ou quando muito, de pequeno-burgueses. Para o povo não passamos de um bando de 'cartolas'[719].

As ilusões dos intelectuais que se auto valorizavam como guias, orientadores, mentores da nação, revelaram-se cruamente. Diante de Rachel o óbvio se apresentava, a mesma diferença que a expulsara do Partido Comunista, classificando-a de "pequeno-burguesa, inimiga do proletariado" voltava à tona. Ela mesma integrava o enorme processo de desigualdade que marcava o Brasil. Ela e seus amigos intelectuais não eram "o povo" e "o povo" não os lia: "Toda a nossa massa de leitores está dentro das chamadas elites – e se algum de nós tem pruridos aristocráticos, console-se com essa ideia"[720].

Nesta crônica, Rachel reconhecia a derrota nas urnas daqueles que ela defendia no campo partidário, ao mesmo tempo em que aprofundava a compreensão da diferença entre ela e o povo. No entanto, estabelecia polaridades de valor. Ela e o grupo de intelectuais que defende estão do lado da democracia. Já "o povo", que não os lê, se interessa mais pelo discurso "populista":

> Qual a linguagem que eles sabem falar que nós não sabemos? (...) Temos que descobrir o mistério do êxito deles. Será a pura, a vazia, a cínica demagogia? Talvez. Mas não é tão simples assim, porque nem todos os demagogos conseguem êxito. Será a pregação revolucionária, a promessa de dias melhores, a revolta (embora dissimulada) contra as desigualdades econômicas e sociais que os 'populistas' proclamam? Mas então porque fracassaram os comunistas que também pregam revolta, e por sinal falam muito mais claro, cobram muito mais reivindicações? E porque fracassaram os meus amigos socialistas – que esses em verdade pregam reformas radicais e defendem direitos do povo com mais verdade, decência e rigor do que ninguém? Será porque nós somos do povo, não somos "um deles". E por acaso Getúlio será um deles?[721].

Sendo assim, se uma postura democrática foi defendida por Rachel de Queiroz quando do resultado das eleições, em outros momentos a autora dividia a política do país em dois grupos: "os que desejam a continuação da vida democrática e os que tratam de ressuscitar a ditadura"[722].

---

[719] QUEIROZ, Rachel de. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. Recortes AIMS.
[720] QUEIROZ, Rachel de. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. Recortes AIMS.
[721] QUEIROZ, Rachel de. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. AFBN.
[722] QUEIROZ, Rachel de. A última hora. *Diário de Notícias.* 01/10/1950. AFBN.

Reproduzindo o mundo dicotômico deste tempo de Guerra Fria, Rachel dividia o mundo entre bem e mal, entre eu e eles, democracia e ditadura, as "pessoas de juízo" contra o "inimigo comum", Getúlio Vargas, que a autora começa insistentemente a comparar com Perón na Argentina. Para Rachel, Vargas representa a continuidade, a bagunça, falta de planejamento, propaganda, demagogia. Já o governo Dutra, tornava-se então os "anos de relativa paz, relativa ordem, relativa decência"[723].

No contexto internacional para além da Argentina de Perón, a dinâmica do pós-guerra trazia notícias sobre a reconstrução europeia em tempo recorde, com a ajuda do Plano Marshall[724] e o aumento da influência imperialista dos Estados Unidos sobre a Europa e a América Latina, preocupados que estavam com a expansão da União Soviética. No Brasil dos anos 1950, os Estados Unidos já tinham se tornado a nação estrangeira mais importante em nossa economia e cultura.

Rachel de Queiroz fazia a ponte entre todas estas novas dimensões do Brasil: era uma jornalista importante, vivendo na capital do país e viajando para a Europa ao longo destas décadas; além disso, escrevia para a revista de maior circulação nacional, era dona de uma perspectiva "vocacionária" em relação à profissão intelectual e, em relação ao governo que ela desprezava, o "demagógico", "inconstitucional", "contraditório", "continuísta", "antidemocrático" Vargas, "a palavra de ordem continua mesma: é a Eterna Vigilância"[725], reprodução da pregação udenista.

Assim, entre uma cadeira de madeira e uma máquina de escrever trazidas dos tempos do jornalismo no Ceará, e entre um cigarro Douradinho e outro, Rachel tornara-se uma importante jornalista e tradutora de literatura francesa, inglesa e americana, ao mesmo tempo em que procurava "traduzir" em linguagem popular o cotidiano político tal qual ela interpretava.

Enquanto escritora, sua busca nesta tradução era o acesso à emoção, o despertar das polêmicas, a tentativa do convencimento. O objetivo era acessar o coração do "povo", assim como ela via fazerem os "populistas" e, junto a isso, Rachel jogava com esta palavra, explorando seu sentido negativo todos os dias, quando ligava seu radinho de pilha para escutar toda e qualquer notícia que tratasse de política.

---

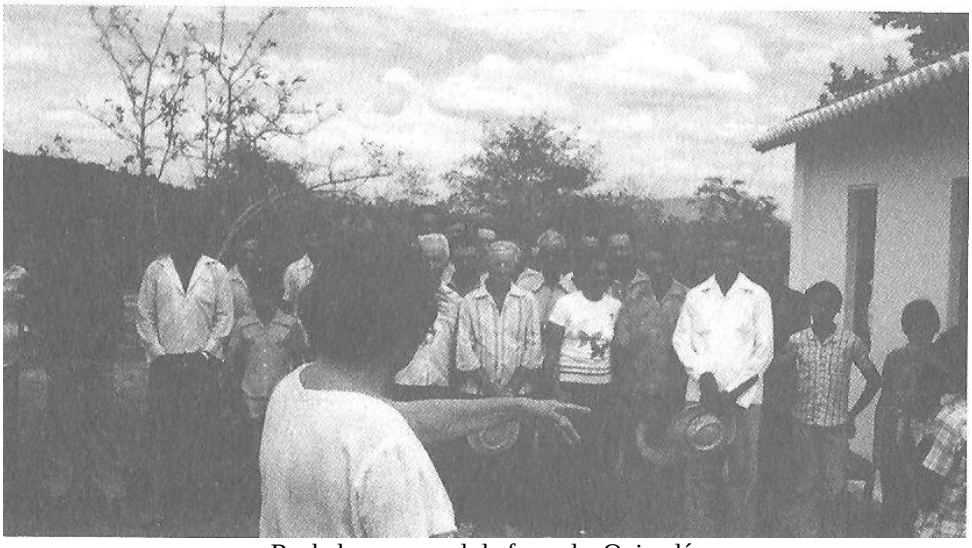
[723] QUEIROZ, Rachel de. A última hora. *Diário de Notícias.* 01/10/1950. AFBN.

[724] O Plano Marshall foi proposto pelos Estados Unidos em 1947, funcionando durante 4 anos, e consistia no financiamento para a recuperação econômica dos países europeus afetados pela Segunda Guerra Mundial.

[725] QUEIROZ, Rachel de. Anticonstitucionalíssimamente. *Diário de Notícias.* 12/11/1950. Recortes. AIMS.

“Convivência de Contrários”

(1951-1960)



Rachel e o pessoal da fazenda. Quixadá.
Fonte: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 152.

Política, há muito tempo deixou de ser esporte de gabinete e de salão, mudou-se para os campos de concentração e para as refregas de rua. Política, hoje, é carne e sangue, vida e morte. Não podemos ter cordialidade para com o nosso adversário porque ele é, realmente, o nosso inimigo. Representa o contrário da nossa concepção de segurança, do nosso ideal democrático, representa, de fato, uma ameaça à nossa sobrevivência[726].

Eterno Retorno

O Brasil mudou significativamente desde que Rachel de Queiroz publicou *O Quinze* e surpreendeu a literatura brasileira com sua juventude e talento. Em 1950, o país passava paulatinamente de uma sociedade essencialmente rural para um país de maioria urbana, e metade desta população concentrava-se no Rio de Janeiro, que duplicara seu número de habitantes desde 1930, chegando a 2.336.000[727]. Essa significativa mudança do perfil social brasileiro colocava em primeiro plano as classes industriais, comerciais, os operários urbanos e a classe média urbana em expansão.

Já em razão do contexto internacional, o fim da guerra começava a mostrar seus efeitos econômicos no Brasil. Até 1947, o país conseguira manter um nível de inflação razoável, "em parte porque as grandes reservas de dinheiro estrangeiras estavam disponíveis para financiar a explosão das importações que atendiam à demanda interna"[728]. Depois de 1947, porém, quando estas reservas acabaram e as fontes internas de suprimento não respondiam mais às necessidades, o Brasil começou a sofrer constantes aumentos de preços. Para se ter uma ideia, entre 1946 e 1952, o custo de vida no RJ aumentou de 6% para 21% ao ano[729].

Por fim, um novo fenômeno de grande importância emergia na cultura política brasileira dos anos 1950: a opinião pública, bombardeada pela grande imprensa em expansão. *O Cruzeiro* não era mais a única revista a atingir centenas de milhares de vendas, sofrendo agora a concorrência de revistas como a *Manchete*. O rádio ainda era o meio de comunicação mais popular, mas a televisão começava a engatinhar, o que

---

[726] QUEIROZ, Rachel de. Convivência de Contrários. *O Cruzeiro.* 18/05/1957, p. 138. AIMS.
[727] Desde 1941, a atividade industrial dava mais lucros ao Brasil do que as atividades agrícolas (22.512.550 contos *versus* 8.682.414). Ver CARONE, Edgard. *A República Liberal* (1945-1964). São Paulo: DIFEL, 1985. p. 05-15.
[728] SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1ª edição 1967). p. 127.
[729] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 127

impulsionava uma rede midiática com caráter cada vez mais empresarial e complexo. Foi em 1950 que Assis Chateaubriand, o dono da maior rede midiática do país, incluindo a revista *O Cruzeiro,* fundou o primeiro canal de televisão, a TV Tupi.

Novamente eleito, Getúlio Vargas viu-se diante deste Brasil diferente, onde a maior parte da imprensa adotava uma postura liberal e democrática seguindo a tendência mundial do pós-guerra. Esta imprensa não cansava de sublinhar o papel de ditador que Vargas cumprira até 1945. Além disso, o sistema de governo representativo restringia o poder Executivo de um modo que Getúlio jamais experimentara.

A partir de janeiro de 1951, antes mesmo da posse, alguns governadores foram visitar o futuro presidente para demonstrar seu apoio ao novo governo. Um deles foi o candidato eleito pelo PSD mineiro, Juscelino Kubitschek (1902-1976), médico de 49 anos com a carreira política em rápida ascensão, a quem Getúlio confessou "voltar à política para terminar o que havia iniciado. Governaria acima dos partidos para pacificar a nação, mas o faria em estreita cooperação com os governadores"[730].

Neste sentido, Getúlio Vargas apesar de reconhecer o valor da democracia enquanto sistema que prevalecera no pós-guerra, dificilmente seria visto como um democrata por aqueles que viveram o Estado Novo. Como disse publicamente o popular jornalista Carlos Lacerda, amigo de Rachel de Queiroz: "O senhor Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar"[731].

De fato, no Congresso a oposição se dividiu logo após o resultado das eleições, alguns encarando com realismo a derrota nos pleitos, outros sugerindo uma estratégia para anular a eleição, uma vez que Vargas não alcançara a maioria absoluta. Esta era a posição da ala mais intransigente da UDN, que assumiu a diretoria do partido neste momento e era comandada por Aliomar Baleeiro, apoiada por antigetulistas como Lacerda. A proposta deles era radical: ou o Congresso tomava as rédeas da situação e escolhia ele mesmo o presidente, ou novas eleições deveriam ser realizadas entre os dois candidatos mais votados. Uma coisa era certa: "O povo errou", disseram eles[732].

---

[730] BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 244.
[731] LACERDA, Carlos. *Apud.*. BOJUNGA, Claudio. *Op. Cit.* p. 245.
[732] BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 82.

O debate chegou à imprensa, onde alguns acusaram a UDN de tentativa golpista. Rachel de Queiroz foi uma delas pois, mesmo tentando manter-se discreta na crítica ao partido, sua opção pela democracia neste momento era prioridade:

> Pra começar digo que nós – eu e muita gente – não nos entusiasmamos demais com a chamada "tese da maioria absoluta". (...). Hoje correm quase todos para esta solução, da qual em princípio não se discorda e que possivelmente é constitucional. Contudo, a gente não pode deixar de se sentir inquieto ao pensar nas consequências que terá sobre o eleitorado essa espécie de "golpe de estado legal", essa negação de última hora do já conhecido e proclamado resultado das urnas. Pela primeira vez no Brasil tivemos uma eleição livre – tenha havido ou não tenha havido fraude nos estados (...). O que valeu essa liberdade eleitoral como lição de democracia ao povo, a ninguém é lícito duvidar. Nos sessenta e um anos de república nunca se deu passo tão importante quanto esse no caminho de politização do povo[733].

A tentativa da UDN não se concretizou, até porque não conseguiu apoio dos militares que, neste momento, também preferiram comprometer-se com a "legalidade"[734]. Empossado o presidente, logo Rachel assumiu seu lugar na oposição ao governo: denunciou a aliança PTB/PSD em torno do líder supremo Getúlio Vargas; aliança que ela definia como uma cumplicidade entre "bombachas" e "suspensórios"[735], "simplistas" e "sofistas", respectivamente. Para Rachel, raríssimas exceções valiam à pena, como era o caso do "intelectualizado" Pasqualini do PTB[736].

Em 31 de janeiro de 1951, o general Dutra passou o cargo para Getúlio Vargas e, em fevereiro, Rachel preparava suas malas mais cedo do que o normal para reencontrar suas terras no sertão, que andava estranhamente chuvoso nestes tempos. Iriam de carro - um jipe ou outra dessas "latas humildes" -, passando por Realeza, Conquista, Canudos, Milagres, Icó, Feira de Santanna e as margens do rio São Francisco. A verdade é que a capital lhe irritava neste momento, "o calor, a falta de água e de condução", além da "náusea" que lhe davam certas pessoas no Rio de Janeiro:

---

[733] QUEIROZ, Rachel de. Anticonstitucionalíssimamente. *Diário de Notícias.* 12/11/1950. Recortes. AIMS.
[734] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 137.
[735] QUEIROZ, Rachel de. O torneio. *Diário de Notícias.* 28/01/1951. AIMS.
[736] QUEIROZ, Rachel de. Maioria, minoria etc. *Diário de Notícias.* 24/06/1951. AIMS. Ver também um elogio a Pasqualini em QUEIROZ, Rachel de. Liderança. *O Cruzeiro.* 06/07/1963, p. 114. AIMS. Alberto Pasqualini (1901-1960) foi um político gaúcho, originário do Partido Libertador, que exerceu as funções de secretário do Interior e Justiça do estado do Rio Grande do Sul. Após romper com o partido dedicou-se à elaboração de um programa social-reformista inspirado no trabalhismo britânico e na socialdemocracia europeia, o que acabou gerando a União Social Brasileira. A USB integrou, nos anos 1940, o PTB sendo a única sessão regional do partido a incorporar neste momento um movimento de esquerda. Ver: FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 56.

> ...não só pelos getulistas e o seu amo (...). O que faz mais nojo são os adversários de ontem e correligionários incondicionais de hoje: agora esses transfugas só tem uma palavra na boca e com que açúcar, com que mel a temperam! Essa palavra é o **doutor.** Antes era o ditador, o caudilho, o fronteiriço, ou simplesmente 'Vargas', nas horas mais amenas. Agora é docemente o 'doutor Getúlio' sem sobrenome, para mostrar intimidade[737].

Entende-se a "dor de cotovelo" dos antigetulistas, principalmente neste carnaval de 1951, quando a marchinha mais cantada foi o *Retrato do velho*: "Bota o retrato do velho outra vez / Bota no mesmo lugar / O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar", seguido sempre de grande comoção popular nas ruas da capital federal[738]. "O velho", "o chefe", "amigo dos trabalhadores", "pai dos pobres", estava de volta, coroado pelo povo.

Na páscoa de 1951, a escritora cearense suplicava a Deus que viesse em socorro, pois: "Houve uma grande eleição, há pouco. Belo, teríeis dito lá de cima. Belo, aquilo é democracia e Eu sempre fui o Primeiro dos Democratas. Ah, perdoai-me a heresia, Senhor, mas se tal dizeis estáveis iludido". E continuava:

> Tudo sonho, tudo falsas aparências. Falavam em governo de trabalhadores, em socialismo, em oportunidades para todos, barateamento da vida, saúde, castigo aos tubarões, expulsão dos politiqueiros indesejáveis – e o povo que não tem faro pois apenas está fantasiado de povo livre e ainda é, no fundo, o dócil rebanho de sempre, o povo acreditou, votou – e aí está... Foi justamente entregar o governo aos inimigos do trabalho, aos antissocialistas, aos fabricantes de favelas, aos exploradores da miséria[739].

Mais do que nunca, Rachel passou a dar diferentes nuances às suas crônicas escritas para *O Cruzeiro* e para o *Diário de Notícias*, os dois mais importantes periódicos onde publicava neste momento, além de manter a atividade de tradutora e ensaiar roteiros para cinema.

Na revista de circulação nacional a autora adotou uma linguagem mais emotiva, didática, quase pedagógica, variando o leque de temas, não se limitando de forma alguma à política, ainda que pregasse lições sobre a democracia, o funcionamento das eleições e da máquina pública, por exemplo.

Já no jornal carioca, cujo público além de ser muito menor era também um público mais específico, tendo entre seus leitores a classe média e alta urbana, Rachel desenvolveu um discurso argumentativo mais elaborado e voltado quase exclusivamente para o tema político.

---

[737] QUEIROZ, Rachel de. O melhor é viajar. *Diário de Notícias.* 18/02/1951. AIMS.
[738] Ver verbete "Getúlio Vargas", autoria de Paulo Brandi. In: http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx
[739] QUEIROZ, Rachel de. Oração de Páscoa. *Diário de Notícias.* 25/03/1951. AIMS.

Esta diferença entre o que era escrito no *Diário* e no *O Cruzeiro* também se dava pelo maior espaço destinado para o primeiro. Rachel conta que o diretor do jornal, Orlando Dantas, ficava mais feliz quanto maior fosse o texto, pois tinha todo o Suplemento Literário a ser preenchido. Enquanto isso, *O Cruzeiro* destinava apenas uma página à autora, o que limitava um pouco sua escrita[740].

Suas crônicas no *Diário* denunciavam desde os problemas estruturais da cidade e do país (saneamento, pobreza, violência, preconceito racial, campanhas públicas, dificuldade de comunicação, transporte, estradas, a seca no Nordeste etc) até as notícias do Congresso Nacional. E isto na primeira página do caderno *Letras e Artes, Ideias Gerais*, um espaço tradicionalmente literário, onde Rachel de Queiroz e a velha amiga Eneida de Morais eram as únicas mulheres a assinar colunas regulares e de tema político.

Ao mesmo tempo, como dizia Rachel: "nos já longos anos de vida desta última página há um elemento constante que vale junto à cronista como uma espécie de termômetro para o seu trabalho: é a correspondência dos leitores"[741]. As cartas eram em geral enviadas aos jornais e redistribuídas aos autores, donde Rachel era uma das que sempre as comentava em suas colunas, tanto no *O Cruzeiro* quanto no *Diário de Notícias*.

Em 16 de setembro de 1951, por exemplo, Rachel respondeu à carta de um jovem leitor que terminou o grau científico e desejava entrar para um partido político e, neste sentido, pedia conselhos à autora. Aí está Rachel de Queiroz constituindo-se enquanto conselheira política no *Diário de Notícias.* Pois bem, a escritora cearense aproveitou a crônica para fazer um resumo crítico de cada partido e para nós interessa compreender até que ponto a análise feita por ela reflete sua opinião sobre os partidos em si ou está ligada às amizades políticas.

Neste sentido, para a jornalista cearense o PSB, partido de esquerda, continuava a ser o único com programa definido:

---

[740] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 49. APIL.

[741] "Fielmente, o leitor escreve. Dos mais distantes lugares do mundo onde chegue *O Cruzeiro,* o leitor escreve. Estimulando, ralhando, reclamando, elogiando, desancando. Fazendo convites, oferecimentos, apelos, pedidos. Exigindo contas das coisas que acontecem no país, dos desacertos dos governantes, das injustiças sociais – como se *esta pobre mulher* pudesse influir no mais mínimo nas coisas que sucedem lá *no domínio dos* grandes". In: QUEIROZ, Rachel de. Carta de leitores. *O Cruzeiro.* 21/10/1961, p. 146. AABI. Grifo meu.

> Mas como o único partido socialista do Brasil é o PSB, e, apesar de seus desvios de linha, do oportunismo primário de alguns de seus dirigentes, da falta de combatividade e de convicção de quase todos, é ele entretanto o único partido que tem um programa definido, uma orientação geral, coerente e mais ou menos segura. Por isso todo brasileiro que tem convicções socialistas e deseja militar ativamente na política o jeito que tem é ingressar no PSB porque não há outra escolha, porque ainda é possível um rejuvenescimento, um expurgo, um renovamento de quadros, de linha de conduta...[742].

Já a UDN era definida como um partido de centro com boas intenções, mas péssima prática:

> Temos em primeiro lugar a UDN, que tem o esqueleto, a envergadura e os dirigentes capazes de o elevarem à posição do nosso melhor partido democrático – no sentido do liberalismo burguês. Infelizmente a UDN não tem correspondido às esperanças que provocou. Contradições da sua própria formação ideológica, personalismo excessivo das suas figuras mais eminentes, é a UDN um partido cheio de boas intenções e de grandes homens e que entretanto marcha de capitulação em capitulação, de derrota em derrota, e cada dia enfraquece mais em vez de se robustecer. Partido de resistência, - não resiste a nada. Partido de oposição, é tão débil e tão dividida, que a menor batalha parlamentar a deixa sucumbida e exausta[743].

Os demais partidos cabiam em definições simples e "ácidas": lá vai o PTB que, "mudasse o nome para Partido Getulista, mal seria percebida a alteração"; tem também o Partido "Ademarista" (PSP), rival do anterior na "busca de base popularesca"; e tem o PSD, que Rachel define como de direita, uma "espécie de ajuntamento de chefes de todos os matizes políticos, gente que se arranja de qualquer maneira, e que só trata de crescer e engordar".

O que mais tarde a pesquisadora Lúcia Hippólito definiria como a importância do pragmatismo das raposas pessedistas para a manutenção do equilíbrio político da democracia dos anos 1950, Rachel de Queiroz definia em sua época como uma falta de programa político, uma covardia em assumir posições frente ao governo, uma submissão: pois o PSD fica com o governo, "oferece o lombo e assina de cruz".

De qualquer forma, o importante é observar que Rachel de Queiroz dá nome à política e não há partido que não passe por sua crítica, simplesmente porque a intelectual cearense encara a política através de um olhar carregado de dimensões de gênero, ou seja, concebe-a como assunto no ambiente privado, nas reuniões entre amigos, nos jantares, na cozinha, no conhecimento do cotidiano do sujeito político.

Além disso, a autora percebia as particularidades e diferenças em cada partido; no PTB, partido essencialmente getulista, poderia salvar-se um Pasqualini, a quem a autora

---

[742] QUEIROZ, Rachel de. O moço quer ingressar na política. *Diário de notícias.* 16/09/1951. AIMS.
[743] QUEIROZ, Rachel de. O moço quer ingressar na política. *Diário de notícias.* 16/09/1951. AIMS.

elogia frequentemente. Da mesma forma, o PSD das raposas getulistas teria Dutra, que Rachel qualifica neste momento como verdadeiro democrata.

Em relação à UDN, onde seus amigos Gilberto Freyre, Paulo Sarasate, José Américo de Almeida, Afonso Arinos e Carlos Lacerda militavam, além do economista liberal Eugênio Gudin[744], Rachel não deixa de criticar seu caráter fragmentado e confuso, apontando certo radicalismo em ascensão.

Já o socialismo, ideologia que a autora classifica neste momento como "a única esperança do mundo moderno", encarnava-se num PSB que tinha José Lins do Rego, Rubem Braga, Helio Peregrino, Mário Pedrosa, Osório Borba, Raimundo Magalhães Júnior e Arnaldo Pedroso D'Horta entre os amigos de Rachel e nem por isso deixava de ser alvo de suas críticas.

No Congresso até então, o PSB tinha uma bancada inexpressiva numericamente, mas de alta qualidade, composta por Hermes Lima, Domingos Vellasco e João Mangabeira. No entanto, em 1953, Lima saiu do PSB para filiar-se ao PTB e não sabemos até que ponto a atitude do amigo neste momento influenciou a opinião altamente crítica de Rachel de Queiroz aos "desvios de conduta" do partido socialista[745].

De todo modo, neste meado dos anos 1950, a política partidária representada pela escritora cearense em suas crônicas era carregada de uma complexidade que não se limitava a generalizar ideologias partidárias, mas que "dava nome aos bois", fazia uma crítica minuciosa.

O único ponto indiscutível em sua opinião política era o inimigo comum, facilmente identificável: Getúlio Vargas, o bode expiatório da crise que se aprofundava cada vez mais. Em 1950 era ele que fazia com que antigos amigos da época da ditadura de 37 pudessem ainda falar a mesma língua.

A Guerra Fria também dava a sua contribuição ao hábito de eleger inimigos. Desde 1950, a guerra da Coreia e a constante ameaça de bomba atômica eram temas constantes dos jornais e da rádio. Tornava-se, assim, um elemento a mais naquele contexto saturado de crises políticas e econômicas.

Tendo sido o único país latino-americano a enviar tropas para combater ao lado das forças aliadas na Segunda Guerra, o Brasil sentia-se parte integrante das consequências geradas durante a Guerra Fria. A invasão do Paralelo 38, que iniciou a

---

[744] Gudin seria responsável pela fundação do primeiro curso de Economia do pais, na antiga Universidade do Brasil.
[745] Em 1958 seria a vez de Domingos Vellasco fazer a migração para o PTB.

guerra na Coreia, mexeu com a opinião pública brasileira, inclusive entre os militares dentro do Clube Militar. O medo de haver tendências comunistas no interior da instituição deixava ainda mais tensa a disputa entre os mais nacionalistas e os mais liberais[746].

Da mesma forma, as crônicas rachelianas começaram a transparecer o clima do contexto internacional, marcadas por um cansaço, uma melancolia e uma descrença na política tal qual se apresentava para aquela geração. Assim, tudo se tornava motivo para um discurso pessimista que pairava como sombra acima dos textos da autora cearense, assim como pairava sobre o planeta o fantasma da bomba atômica.

Como afirma o historiador Eric Hobsbawn: "gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais (...). Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro, achavam difícil não ser pessimistas"[747]. A Guerra Fria viera em sequência da Segunda Guerra Mundial sem dar tempo para respirar, e se manteve por mais de quarenta anos com base na criação de um medo coletivo, o medo do "inimigo".

Da mesma forma, os intelectuais elegiam seus inimigos e, se um tema qualquer surgia como objeto de uma crônica racheliana, inevitavelmente ele desaguava na crítica a Vargas e na lamentação do mundo, "assim enlouquecido, esquecido de todos os valores reais da vida, na sua corrida cega pelo poder e pelo dinheiro..."[748].

Mas os anos 1950 trouxeram uma grande vitória em relação à luta contra o preconceito racial no Brasil, assunto que Rachel de Queiroz problematizou desde suas primeiras crônicas da juventude. Em 1950, a bailarina americana Katherine Dunham foi impedida de se hospedar num famoso hotel em São Paulo. A justificativa era sua cor de pele. Este não era o primeiro caso de preconceito racial envolvendo questões diplomáticas. Em fevereiro de 1947, a intelectual americana Irene Diggs foi impedida de se hospedar no Hotel Serrador, no Rio de Janeiro. Uma placa na frente do hotel dizia: negro, não![749]

Estes casos polêmicos, que Rachel costumava relatar em suas páginas de jornal, causaram escândalo em toda a imprensa, exigindo uma solução prática por parte do

---

[746] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 140.
[747] HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)* São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 224.
[748] QUEIROZ, Rachel de. Os 95 anos dos soldados do fogo. *Diário de notícias.* 07/08/1951. AIMS.
[749] Ver crônica de QUEIROZ, Rachel de. Negro, não! *Diário de Notícias.* 16/02/1947. AIMS.

governo, uma vez que começavam a comparar a segregação racial nos Estados Unidos com o que era vivido no Brasil.

Em 1951, Afonso Arinos de Melo Franco, amigo pessoal de Rachel de Queiroz e deputado eleito pela UDN, apresentou um projeto de lei aprovado quase unanimemente pelo Congresso. A chamada "lei Afonso Arinos", lei nº 1390/1951, saudada por Rachel em crônicas para *O Cruzeiro*[750], definia como crime de contravenção o impedimento de acesso de alguém a serviços, à educação ou a empregos públicos com base na cor de pele. No entanto, por mais que inúmeras denúncias fossem feitas à polícia com base na lei 1390, sua ação foi ínfima, pois os acusados nunca eram condenados ou punidos[751].

***

Enquanto corria o primeiro ano do segundo governo Vargas, a escritora cearense decidiu investir no plano de suas férias de 1952. O objetivo agora era pegar o carro e percorrer o país em direção aos pampas gaúchos, a terra de seu arquiinimigo. Afinal, para combatê-lo nada melhor do que bem conhecê-lo. Carregando Oyama consigo, a escritora passou por São Paulo, Paraná e Santa Catarina chegando, enfim, ao Rio Grande do Sul: "A viagem continua ótima. Pouca chuva, estradas razoáveis. E estamos adorando o Rio Grande. Cada churrasco, menino, você nem imagina!", escreve de Bagé em março[752]. Até o fim do mês chegaria a Montevidéu.

Enfim Rachel rendera-se ao Sul e em sua sede de conhecer o "povo brasileiro", talvez procurasse os indícios do fenômeno varguista na história do país. E neste sentido revela-se uma importante característica da personalidade de Rachel de Queiroz: sua incansável curiosidade, que se desdobrava em conversa fácil com qualquer pessoa, de

---

[750] Ver: QUEROZ, Rachel de. Cadeia contra a "linha de cor". *Diário de Notícias.* 15/07/1951. AIMS; QUEIROZ, Rachel de. Agora é lei. *O Cruzeiro.* 04/08/1951, p. 114; QUEIROZ, Rachel de. Lei Afonso Arinos. *O Cruzeiro.* 14/04/1956, p. 114; QUEIROZ, Rachel de. A cor. *O Cruzeiro.* 29/04/1961, p. 130 etc. AFBN. É importante destacar aqui que Rachel de Queiroz sempre escreveu crônicas sobre o preconceito racial no Brasil, mas sua visão de igualdade de cor implicava na ideia de harmonia racial. Rachel, por exemplo, não era a favor da formação de grupos exclusivamente negros ou que iniciassem políticas específicas para negros. Em sua época, a autora enxergava como única solução para o fim do preconceito racial, o momento em que a cor de pele não mais importasse enquanto definição. Lembrando que este momento é muito anterior à aplicação das políticas afirmativas no Brasil, portanto, o horizonte de Rachel de Queiroz para avaliar a situação brasileira são o exemplo americano e o *apparteid* na África do Sul. Daí seu medo de políticas afirmativas.

[751] ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil.* Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 274-275.

[752] Bilhete datilografado, sem destinatário, 21/03/1952. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.

qualquer classe social, tudo em nome de um desejo profundo de conhecer o animal humano[753].

Neste recanto até então desconhecido para ela, Rachel teve contato direto com a leva de imigrantes europeus, assunto que a marcou sensivelmente. Em crônica de 1952 contou ter, em determinado momento, pedido informações para um jovem descendente de alemão na antiga cidade de Pomerode. Oyama perguntou a ele se era, por acaso, alemão. O homem disse que sim, mas que nascera no Brasil, assim como seu pai e seu avô; quem nascera mesmo na Alemanha fora seu bisavô. Estranhando a resposta do jovem, retorquiu Oyama: "Seu avô, seu pai, você nasceram aqui, e você é alemão?". O homem respondeu: "O gato que nasce no forno não é biscoito"[754].

Nos anos seguintes, em algumas de suas crônicas para a revista *O Cruzeiro*, Rachel criticaria certa falta de integração nacional por parte das comunidades europeias instaladas no sul do país, principalmente aquelas que faziam questão de não se misturarem, nem mesmo aprendendo o português. Sua opinião não era mais do que a expressão de um forte sentimento nacionalista, que emergia no contexto brasileiro como um todo, sempre reforçado pela presença e pelos discursos do presidente Vargas e o começo de sua política nacional-desenvolvimentista[755].

Na historiografia sobre o período, a questão nacional na política governamental era representada principalmente pelo debate sobre a criação da Petrobrás, onde o fato dela ser uma empresa exclusivamente estatal ou mista era o principal nó a ser resolvido pelos políticos. O debate, que chegou à opinião pública, exigiu um posicionamento dos partidos.

Até a UDN, definida como o mais liberal deles, preferiu optar por argumentos nacionalistas e defender a criação da empresa de monopólio estatal. Curiosamente, porém, não encontramos crônicas rachelianas exclusivas sobre o assunto, ainda que este

---

[753] Gostaria de agradecer especialmente a Emilie Bonamy, que conviveu com Rachel de Queiroz no Brasil, pela conversa que tivemos em torno deste sujeito.

[754] QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 145.

[755] A política nacional-desenvolvimentista começava a engatinhar em 1950, sendo melhor definida a partir do relatório da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), divulgado poucos meses depois da posse de Vargas: "Defensores dessa fórmula partiam do pressuposto de que o Brasil tinha uma necessidade imperativa de industrializar-se, mas argumentavam que as forças espontâneas que haviam alcançado a industrialização no Atlântico Norte não conseguiriam se impor no Brasil (...). A nova estratégia deveria buscar uma economia mista, na qual o setor privado receberia novos incentivos (...). Ao mesmo tempo, o Estado interviria mais diretamente, por meio de empresas estatais e empresas mistas público-privadas, a fim de eliminar gargalos e assegurar investimentos em áreas nas quais o setor privado não tivesse nem interesse nem recurso para aplicar". In: SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 123.

fosse um debate constante no Congresso e na imprensa desde o projeto de lei apresentado por Vargas em 1951 até sua aprovação em outubro de 1953.

No entanto, o nacionalismo que circulava na opinião pública ia muito além da questão do petróleo e, ainda que Rachel apelasse para este argumento frequentemente, tinha um cuidado especial em não se confundir com o nacionalismo pregado por Vargas.

Segundo explica Skidmore, o apelo nacionalista de Vargas dirigia-se principalmente para a classe operária urbana em expansão, pois acreditava ter aí uma resposta positiva mais certa. No entanto, a estratégia do nacionalismo quando chegava ao campo econômico tinha seus perigos, porque ameaçava uma divisão política no Brasil. Acompanhemos o raciocínio apresentado por Skidmore:

> Infelizmente, porém, os propagadores políticos do nacionalismo também eram revolucionários internos. Eram os proponentes da fórmula econômica do nacionalismo radical. Alguns eram intelectuais marxistas, outros, membros do Partido Comunista, e outros ainda eram esquerdistas radicais, que não se sujeitavam a nenhuma disciplina política ou intelectual. Suas doutrinas contra estrangeiros e a política capitalista para o país, faziam parte de uma estratégia mais ampla, que visava a uma profunda reestruturação do sistema econômico e social do Brasil. Em outras palavras, a campanha dos nacionalistas radicais contra estrangeiros pretendia ser o primeiro estágio de um processo de radicalização política, cuja consequência final seria uma radical redistribuição de poder entre as classes[756].

De fato, em algumas crônicas de 1952, 1953, Rachel de Queiroz apresentava uma visão que identificava facilmente os partidários de Getúlio com os stalinistas, quando passou a afirmar em diversas crônicas, por exemplo, que "soviéticos e fascistas são a mesma coisa"[757].

O que Rachel identificava nos dois era justamente um nacionalismo radical e antiliberal que de fato emergiu nestes anos 1950, mas que terá um longo caminho até 1964 e ao qual ela começa a se opor, assumindo uma posição cada vez mais liberal.

Na crítica a um nacionalismo radical encarnado na figura do presidente Vargas, cumpre destacar o papel do então famoso jornalista Carlos Lacerda, dono do periódico carioca *Tribuna da Imprensa*, fundado em 1949.

Desde o fim do Estado Novo em 1945, Lacerda foi incorporando publicamente o personagem antípoda a Getúlio Vargas. Sendo amigo de Rachel de Queiroz há mais de uma década em 1950, além de representar a ala radical udenista no Congresso, cumpre perceber a aproximação de Lacerda e Rachel sem, no entanto, confundi-los.

---

[756] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p.145.
[757] QUEIROZ, Rachel de. A impossível convivência. *Diário de Notícias.* 01/02/1953. AIMS.

De fato, entre os dois, muitas aproximações podem ser feitas: ambos foram militantes comunistas na juventude e, por suas atividades enquanto tal, acabaram perseguidos pela polícia política varguista ao longo de toda a década de 1930. Os dois conheceram-se em 1939 no Rio de Janeiro, época em que ambos escreviam para jornais em comum. Nos anos 1950, eram jornalistas importantes na grande imprensa e amigos próximos e, em agosto de 1953, Lacerda fundou o chamado *Clube da Lanterna*, grupo parlamentar de oposição getulista, enquanto Rachel de Queiroz engrossava a massa intelectual antigetulistas na imprensa.

No entanto, Lacerda, além de ser quatro anos mais novo que Rachel de Queiroz, cresceu numa família de políticos de primeiro plano, com parentes que integraram os quadros parlamentares do Congresso e do Senado, e alguns também militantes do PCB. Sua história de rompimento com o Partidão se deu em 1939 de maneira muito diversa e sete anos depois de Rachel abandonar os quadros do partido.

Enquanto ele ainda militava na juventude comunista, Rachel vivia sua experiência trotskista, que duraria mais de dez anos e marcaria fortemente seu pensamento político. Essa experiência se constituiu no Brasil principalmente pela luta contra a ditadura e o fascismo, e não tanto com a luta operária por questões salariais ou condições de trabalho[758], como aconteceu mais diretamente entre os comunistas no contexto de desenvolvimento do trabalhismo.

Lacerda não viveu essa experiência com um socialismo independente, crítico ao stalinismo sem abandonar as prerrogativas da esquerda. Seu rompimento oficial com o PCB foi abrupto e radical, marcado pela publicação de um artigo de jornal de teor anticomunista e mesmo liberal, publicado por ele com apoio do DIP estadonovista em 1939.

Colocar em paralelo o caminho de ambos os jornalistas, portanto, possibilita não apenas perceber uma mudança de pensamento que vai da esquerda para a direita na história política do país, mas pensar de qual esquerda veio cada um dos dois e as trajetórias percorridas por eles após o fim da militância comunista.

Neste começo da década de 1950 por onde caminha o segundo governo Vargas, Lacerda assumiu uma posição declaradamente liberal, antigetulista e mesmo golpista, enquanto a autora cearense, ainda que também fosse antigetulista, não abandonava,

---

[758] SILVA, Luiz Dário. *PSB: o socialismo pragmático, uma análise política e histórica.* Recife: Ecco, 1992. Arquivo em PDF. p. 15.

porém, sua fé no socialismo como a melhor opção no interior de uma política democrática. Resta, porém, saber que socialismo era esse.

***

Como foi visto desde 1945, além de fenômeno literário, Rachel foi constituindo-se enquanto personalidade política, cuja opinião era solicitada frequentemente. A autora vivia ao telefone[759] respondendo a outros jornalistas, estudantes ou conversando com amigos.

Em fevereiro de 1953 lançou-se o filme *O Cangaceiro*, do diretor Lima Barreto com diálogos de Rachel de Queiroz, ensaiando então sua entrada no cinema. O filme foi bastante comentado na imprensa, inclusive com algumas críticas negativas em relação ao roteiro e aos diálogos, mas chegou a ir para o festival de Cannes. O sucesso da autora cearense na vida pública reproduzia-se na vida privada, que seguia um caminho estável e mesmo confortável.

Em crônica da época, a autora conta seu cotidiano de trabalho na casa bucólica da Ilha do Governador*:* acorda às seis horas da manhã, consciente de que é horário de verão e de que, na verdade, acordara às cinco; o calor de janeiro é insuportável e seu primeiro pensamento do dia seria poder fugir para a serra. Ao invés disso, toma seu banho, "areia" os dentes, escova os cabelos e toma um café da manhã milimetricamente preparado. É a velha dieta de sempre mas dessa vez, além de estar bem acima do peso, corre o risco de desenvolver uma doença grave.

Enquanto resolve o cardápio do dia com a cozinheira, dirige-se para a máquina de escrever, esboçando dez linhas da crônica semanal, até que o telefone começa a tocar: naquela terça-feira era um repórter que queria sua opinião sobre um evento ocorrido por aqueles dias. A autora tem vontade de fazer uma piada, mas responde qualquer "tolice" e desliga o aparelho sentindo certo complexo de inferioridade[760].

Acende um cigarro (talvez ainda seja o Douradinho?), escreve mais algumas linhas e pega o jornal com as crônicas de seu ídolo Gustavo Corção, publicadas frequentemente ao lado das suas no *Diário de Notícias*, e que a fazem sentir novamente o "familiar complexo de inferioridade".

---

[759] Em conversas informais com amigos de Rachel, a menção ao telefone é uma constante; este era sua maior fonte de informação e atualização.
[760] QUEIROZ, Rachel de. Terça-feira, dia de trabalho. *Diário de Notícias.* 11/01/1953. AIMS.

Distrai-se, senta-se novamente à máquina, depois na poltrona, depois na rede, e começa a reler um livro que deve resenhar ainda esta semana. Marca o livro, faz anotações.

Atende ao telefone pouco antes do doutor Oyama, que trabalha por perto, chegar para o almoço com dieta. Findo o almoço, a escritora se dá o direito a uma pequena sesta, seguida de um banho para amenizar o calor, além de várias outras chamadas telefônicas e tentativas de terminar o artigo do dia.

Às sete horas, "televisão: Eisenhower promete, Getúlio passeia, Cabello inaugura. Depois Dorival Caymmi canta tão lírico que é ver a própria Bahia". Dez horas em ponto é a hora do descanso, a hora oficial de terminar o livro a ser resenhado. Acabou mais um dia. "Paz"[761].

Calma, estabilidade, trabalhos, amizades e paz. A Ilha parece até um oásis no meio do deserto, é o exílio racheliano em meio à selva urbana, onde o telefone lhe salva do isolamento. Caso contrário, mal poderia falar com seus amigos, que dificilmente se dispunham a atravessar a Baía de barco a cada momento.

Do outro lado do mar, ao contrário, a cidade fervia, do Catete à Baixada Fluminense. Rachel acompanhava as notícias pelos jornais – era "leitora contumaz do *Diário do Congresso"*[762] -, rádio, TV (inclusive, ela deveria ser uma das únicas pessoas a ter uma televisão nesta época). Terminados os dois primeiros anos do governo Vargas, a tensão econômica criada pela inflação chegou ao ápice.

A carestia de vida, a pobreza, a falta de infra-estrutura e de transporte na capital federal, além da seca nordestina que durava agora três anos, foram temas insistentemente explorados pela autora em sua crítica ao governo no âmbito nacional e municipal[763].

Rachel aproveitava suas crônicas de começo e de fim de ano para fazer os famosos "remate de males" resumindo os principais eventos nacionais e internacionais. Esta prática continuaria a cada ano nas décadas seguintes, principalmente na revista *O Cruzeiro*.

No final de 1952, Rachel misturava a melancolia a certa conformação. No *O Cruzeiro* escreveu em tom pessimista sobre as notícias internacionais: de um lado,

---

[761] QUEIROZ, Rachel de. Terça-feira, dia de trabalho. *Diário de Notícias.* 11/01/1953. AIMS.
[762] QUEIROZ, Rachel de. Elites. *O Cruzeiro.* 03/11/1956, p. 138. AIMS.
[763] Ver, entre as crônicas mais expressivas deste aspecto, QUEIROZ, Rachel de. Bouquê de flores oficiais. *Diário de Notícias.* 05/08/1951; QUEIROZ, Rachel de. Sangria em defunto. *Diário de Notícias.* 28/09/1952. AIMS.

Stálin resolvera dar um passo para negociar a paz na Coreia, de outro acabavam de ser divulgados os crimes da União Soviética contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, o que tocou profundamente Rachel de Queiroz.

Já no contexto nacional, e ainda que pareça contraditório, as previsões eram melhores do que há dois anos. Isto não em relação ao Executivo, mas em relação ao Congresso Nacional:

> E por falar em Congresso, registre-se um voto de louvor aos bravos pais da pátria que encheram as nossas duas casas do Parlamento em 1952. Portaram-se de modo geral muitíssimo bem. Tivemos um congresso alerta, vigilante, inteligente e, somando tudo, decente. Diz-se mal dele, mas a verdade é que, com todos os seus defeitos, o congresso tem sido, desde janeiro de 1951, uma autêntica guarda nacional do regime[764].

Apesar da visão otimista por parte de uma intelectual da oposição como Rachel de Queiroz no fim de 1952, não seria possível ouvir o mesmo da boca do presidente. Em longo prazo perceber-se-ia que à crise econômica aliava-se uma séria crise política.

Desde que Vargas assumiu o poder tentou, como era hábito seu, uma conciliação entre as diversas correntes políticas que o haviam apoiado, ainda que sua ligação direta fosse com o PSD, que tinha o maior número de deputados no Congresso, e seu próprio partido, o PTB, em rápida ascensão[765].

Tentar uma aliança com a UDN, porém, seria muito positivo para Vargas uma vez que atrairia considerável parte do eleitorado de classe média urbana em expansão. Mas o presidente logo compreendeu até que ponto ia o antigetulismo udenista: ele estava acima de qualquer proposição do governo, mesmo as menos ambiciosas.

O apoio às propostas do Executivo era raro e o Congresso, que Rachel definiu como “alerta, vigilante e inteligente”, procurava na verdade travar qualquer iniciativa presidencial de reforma político-econômica.

Todavia, a tentativa de aproximação com a UDN teve como efeito um desequilíbrio entre aqueles políticos que apoiavam Vargas, gerando desconfiança por parte dos fiéis pessedistas e petebistas.

Já em setembro de 1951, por exemplo, o único ministro do PTB nomeado por Vargas, Danton Coelho, entregou sua carta de renúncia, sendo substituído por José de Segadas Viana que, apesar de petebista, tinha um repertório mais próximo à UDN[766].

---

[764] QUEIROZ, Rachel de. Remate de males. *Diário de Notícias.* 23/12/1952. AIMS.
[765] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.*p. 137.
[766] Segadas Viana defendera no interior do PTB o apoio à candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) nas eleições de 1945. Desde então, Viana representava uma corrente do PTB mais próxima aos liberais e afastada da corrente de Hugo Borghi.

Da mesma forma que a crise política se radicalizava no Congresso, cada vez mais a polarização penetrava também o discurso da imprensa, assim como o discurso racheliano, de modo consciente e mesmo violento:

> Atravessamos hora mundo dividida, no mundo da bomba atômica. (...). Não, não há entendimento possível. Ou são eles ou somos nós, nada há que justifique ilusões de fraternidade. Se eles nos pegam de jeito, bebem-nos o sangue. Quem for homem e forte, se prepare para a briga, que cedo ou tarde há de chegar. Eu, por mim, fraca mulher e que não brigo, só posso prometer vigiar, fugir, denunciar. E minha mão a eles, minha palavra de amizade, isso não dou não. Não dou nem bom dia, se puder evitar; nem sequer digo saúde, quando espirram[767].

Para uma "fraca mulher que não briga" esta crônica parece, ao contrário, uma declaração de guerra. E a guerra se retroalimenta facilmente. No início de 1953 inúmeras paralisações de trabalhadores começaram a pipocar no país, seguidas de greves como a dos Trezentos Mil, que reclamavam a equiparação dos salários ao aumento significativo do custo de vida. A inflação exigia uma mudança de postura urgente por parte do governo.

Em junho, Vargas fez novamente mudanças em seu ministério, e a pasta do Trabalho passou para as mãos de um petebista mais próximo das lideranças sindicais, João Vicente Belchior Goulart, um jovem político gaúcho, apadrinhado do presidente[768].

Em consequência da reforma, aumentou a crise no Congresso. Segundo Lúcia Hippolito, a substituição de alguns ministros por outros, mesmo sendo todos dos mesmos partidos, aprofundou as cisões partidárias internas, agravando a relação de todos com o poder Executivo[769].

Para a imprensa e os partidos de centro, por exemplo, a nomeação de Goulart indicava uma tentativa de aproximação entre Vargas e a classe operária numa guinada à esquerda. No entanto, para a imprensa liberal, Jango – grande proprietário rural do interior do Rio Grande do Sul - era uma figura contraditória, "um agitador demagógico" que acabaria por ajudar Getúlio a instaurar um regime sindicalista *à la* Juan Perón na Argentina[770].

---

[767] QUEIROZ, Rachel de. A impossível convivência. *Diário de Notícias.* 01/02/1953. AIMS.

[768] Segundo Jorge Ferreira, nos anos 1950, Goulart já era um confidente de Getúlio Vargas e seu amigo mais próximo. Ver FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 58.

[769] HIPPOLITO, Lucia. *PSD: de raposas e reformistas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 92. Interessante afirmar que Rachel de Queiroz lamentou a saída de Francisco Negrão de Lima (PSD), ministro da Justiça, que ela tantas vezes condenara durante o Estado Novo. Ver: QUEIROZ, Rachel de. Escola de bem-viver. *Diário de Notícias.* 28/03/1954. AIMS.

[770] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 150. Falava-se em "República Sindicalista" peronista.

Todavia, para Rachel, a nomeação de Goulart não constituía o maior problema da reforma. A grande decepção da autora viria do amigo de longa data, o udenista José Américo de Almeida, que abandonou o governo da Paraíba para aceitar o Ministério da Viação, oferecido por Vargas:

> Dá uma melancolia, um desânimo, não é? Se a gente não houvesse outrora confiado tanto no homem, aplaudido tanto a sua entrevista de 45, aquela que arrombou o açude do Estado Novo... Se a gente não houvesse acreditado nas promessas que ele fez à alma de Armando Sales[771]
> E o amor pela Paraíba, onde é que fica? Será que ser ministro irresponsável, ministro só de assinar papel, sem autoridade nem prestígio, sujeito a demissão pelo telefone, submisso aos caprichos não só do Velho, mas de toda a sua temperamental *entourage*, - vale mais do que o governo da Paraíba?[772].

Esta foi a segunda vez que sua amizade com Zé Américo se viu estremecida por algum tempo, o que demonstra os efeitos da opinião política de Rachel, divulgada em mídias importantes[773], refletindo sobre sua vida pessoal, assim como sobre os leitores de suas crônicas.

Em abril de 1953, a velha amiga Eneida de Morais contou no *Diário de Notícias* ter recebido uma carta "violenta" de um leitor de boa formação, escrita em papel timbrado com endereço de consultório médico[774].

O missivista acusava a ela e a Rachel de Queiroz de estarem "matando" as crianças do Brasil e, não só as crianças, "mas tudo que há de bom por aqui", são "criaturas que em lugar de escrever coisas belas, em lugar de contar e cantar nossas belezas, ficam por aí azedas, irritadas, más, desperdiçando talento e papel para falar em misérias e tristezas". O leitor aconselhava inclusive que, se elas quisessem fazer a revolução, que fizessem uma "revolução branca" e se filiassem a algum partido político, ao invés de reclamarem no jornal.

Salta do papel, mais uma vez, dimensões de gênero naturalizadas quando se trata de mulheres que escrevem sobre política. Começa pela ideia de que as jornalistas em questão escrevem para crianças, sendo que nada no jornal indica esta especificidade.

---

[771] Podemos lembrar que Armando Sales de Oliveira (1887-1945) foi nomeado por Getúlio interventor de São Paulo após a Revolução Constitucionalista de 1932 e pretendeu candidatar-se à presidência, assim como José Américo de Almeida, em 1937. Ambos foram, porém, proibidos de fazê-lo devido ao regime ditatorial do Estado Novo implantado no mesmo ano. Armando Sales passou cerca de um ano em prisão domiciliar exilando-se na França em 1938 e, em seguida, nos Estados Unidos e na Argentina. Ao retornar ao Brasil pela lei da anistia de 1945, chegou a participar da fundação da UDN junto a Américo de Almeida mas, gravemente doente, faleceu em maio do mesmo ano.

[772] QUEIROZ, Rachel de. Carta a um camarada ausente na Europa. *Diário de Notícias.* 31/06/1953. AIMS.

[773] O *Diário de Notícias* era, nesta época, o periódico de maior tiragem do Distrito Federal.

[774] MORAES, Eneida de. Certas vozes e árvores. *Diário de Notícias.* 19/04/1953. Suplemento Literário, p. 02. AFBN.

Eneida e Rachel assinavam colunas no mesmo lugar destinado a qualquer outro escritor convidado pelo periódico. Da mesma forma, estranha ao dito leitor mulheres jornalistas e escritoras que utilizavam estas colunas para denunciar as misérias do país, ao invés de falarem de "coisas belas", algo que seria tão mais lógico para ele.

Eneida pensou até em ligar para Rachel no famoso telefone da Ilha para contar-lhe sobre a missiva: "riríamos ambas, principalmente porque o conselho da revolução cor branca não é coisa que se possa esquecer ou menosprezar". Definitivamente, a "revolução" esteve por algum tempo presente no vocabulário das duas jornalistas, quando iam juntas assistir às reuniões do PCB no Rio de Janeiro de 1931 mas, naquele tempo, seus horizontes eram os de uma revolução vermelha.

Assim como Rachel, Eneida foi perseguida pelo Estado Novo por cerca de uma década, passando mais tempo na prisão do que a autora cearense. Rachel acompanhou de perto o ano em que Eneida e Nise da Silveira dividiram um cubículo com muitas outras presas políticas. A coisa que mais lhes fazia falta então era justamente "a voz das crianças e as árvores" e, como responde Eneida,: "quanto ao missivista, sua carta ficaria entre outras, não precisasse eu hoje dizer o que acabo de dizer" [775].

Em 1953, da mesma forma que Rachel, Eneida defendia uma prática política fora dos partidos que se apresentavam na cena pública; defendia uma política independente, mas que elegia a imprensa como tribuna, e era desta forma que enxergavam sua participação na democracia.

Por outro lado, se a atuação destas escritoras nas páginas dos jornais era quase compulsiva, a Rachel cronista intensamente envolvida em política começava a ser cobrada por seus colegas intelectuais devido ao abandono da escrita de livros. O último romance tinha sido publicado em 1939, sem contar a coletânea de crônicas de 1948 e o romance em folhetim de 1950. Em tempos onde a crônica não era valorizada como "alta literatura", esperava-se dela que ainda fosse capaz de escrever livros[776]. Assim é que, após ter se aventurado em roteiros de cinema, Rachel prometeu lançar uma peça de teatro ainda naquele ano.

---

[775] MORAES, Eneida de. Certas vozes e árvores. *Diário de Notícias.* 19/04/1953. Suplemento Literário, p. 02. AFBN.

[776] Ver: PEREZ, Renard. Notinha sobre Lampião. *Diário de Notícias.* 23/08/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.

Em agosto saiu *Lampião* pela editora José Olympio. Era a primeira peça escrita por Rachel de Queiroz[777] e, apesar de algumas propostas para que fosse lançada nos palcos, foi antes publicada em livro, algo raro. Contava com 24 personagens, sendo em sua maior parte personagens secundários. Nesta peça, Rachel condensava o universo do sertão que tanto conhecia e, de certa forma, voltava às memórias sobre Padre Cícero, ao misticismo sertanejo e ao contexto do cangaço que viveu de perto nos idos dos anos 1920.

Além disso, a autora realizava de certa forma um sonho de menina: "Quando eu era adolescente, achava que queria ser atriz. Lá em casa, tínhamos a assinatura das revistas especializadas e íamos a todos os espetáculos que apareciam em nossa cidade", "havia algo de muito sedutor e exótico na vida dos atores e atrizes que conheci" [778]. Não podendo ser atriz, ousou escrever teatro.

Na verdade, o tema girava em sua cabeça há muitos anos, desde o começo dos anos 1930[779] e, a princípio, falaria de Maria Bonita, "inclusive o seu nome seria o próprio título da peça. Mas depois, quando fui compondo os diálogos, a figura do Lampião cresceu, se apossou do terreno, acabou se impondo, tomou conta da situação e se tornou a personagem principal"[780].

O drama retratando a última batalha do cangaceiro mais famoso do país, assassinado e decapitado em 1938, trouxe, justamente por encarnar um gênero narrativo próprio ao teatro, o jogo psicológico que envolvia o personagem principal. O Lampião de Rachel de Queiroz é um homem de contradições, "herói e facínora, valente e covarde, humano e cruel"[781], é inquieto, duro, desconfiado, quase paranoico. Suspeita até mesmo da própria mulher que se devotara a ele durante anos. O próprio cangaceiro se resume assim: "O que eu sei é que um homem como Lampião é sozinho no mundo"[782]. Nada mais racheliano.

---

[777] Não consideramos aqui *Minha prima Nazaré*, artigo publicado por Rachel de Queiroz ainda nos anos 1920 nos periódicos cearenses e descrito como seu primeiro ensaio teatral. Infelizmente, não tivemos acesso a esta publicação e, assim, não pudermos verificar sua definição enquanto peça de teatro ou outro estilo narrativo (crônica, diálogos, conto etc).
[778] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 171.
[779] Ver MONTENEGRO, Braga. Drama e Cangaço. *Diário de Notícias.* 08/11/1953, suplemento literário, p. 01. AFBN.
[780] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 174.
[781] RAWET, Samuel. "Lampião", talvez um marco. *Diário de Notícias.* 20/09/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.
[782] PEREZ, Renard. Notinha sobre Lampião. *Diário de Notícias.* 23/08/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.

Mas Lampião era também um símbolo da violência, do poder brutal, do autoritarismo ditatorial. Em 1951, Rachel escreveu:

> No fundo um Franco, um Perón, um Stalin, procedem e vivem dentro do mesmo estado de espírito do nosso falecido patrício Virgulino Ferreira, o Lampião. Apenas Franco, Perón etc., tiveram oportunidades mais vastas e usam processos menos primitivos de ação. Mas tanto uns como o outro se atribuem imunidades superiores, de natureza quase divina, emprestam a si próprios uma utilidade e uma infalibilidade de messias e, assim, consideram-se inteiramente fora da bitola do homem comum. O que é crime para os mais, para eles é recurso legítimo[783].

O interesse pela personalidade de Lampião, que Rachel traduziria na peça de 1953, partia de uma reflexão que a autora fazia acerca do autoritarismo, presente nas ditaduras que viveu ou conheceu através dos jornais; era uma curiosidade sobre a personalidade, sobre a figura do ditador. Após a morte de Hitler e Mussolini este foi um assunto que encantou grande parte da intelectualidade mundial, da mesma forma que a Rachel de Queiroz. Na revista *O Cruzeiro* dos anos 1950, a escritora cearense insistirá frequentemente neste tema.

As críticas à peça escrita foram muito positivas, inclusive reafirmando a qualidade literária de Rachel, que tinha sido questionada pelos diálogos escritos para o filme *O Cangaceiro,* e valorizando a importância de peças publicadas em formato de livro para divulgação entre os estudantes.

No entanto, alguns críticos desconfiavam de como se daria sua realização nos palcos. A peça foi encenada pela primeira vez em maio do ano seguinte no Teatro Duse, uma pequena sala de espetáculos localizada em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. O grupo Teatro do Estudante, composto por atores amadores que renovaram a cena teatral carioca dos anos 1940 e 1950, estreou *Lampião* sob a direção de Sálvio de Oliveira e cenário de Portinari.

A crítica foi temerária, afirmando o risco que Rachel de Queiroz correu ao permitir a representação de sua primeira peça por um grupo amador e num lugar pequeno, mas ela manteve a decisão. Já em outubro do mesmo ano, o famoso ator Sérgio Cardoso estreou a peça em São Paulo, sendo ele diretor e personagem principal[784], ao lado da cearense Aracy de Oliveira (esposa do cineasta Lima Barreto)

---

[783] QUEIROZ, Rachel de. O drama de "La Prensa". *O Cruzeiro.* 21/04/1951, p. 130. AFBN.

[784] Rachel afirma em entrevista ter escrito *Lampião* pensando em Sérgio Cardoso como personagem principal. Ver: QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 73. APIL. Na época, Sérgio Cardoso era considerado um dos melhores atores brasileiros de teatro, ao lado de Paulo Autran e do polonês Ziembinski. Sérgio escolheu representar *Lampião,* de Rachel de Queiroz, para marcar a estreia da Companhia que o ator fundou com sua mulher, a atriz Nydia Lícia, em São Paulo em 1954. A peça, no entanto, recebeu algumas críticas negativas em São Paulo, mencionando inclusive falhas

como Maria Bonita e com cenário do também cearense Aldemir Martins. Após as representações da peça, Rachel de Queiroz a recebeu o prêmio Sacy do jornal *O Estado de São Paulo,* como melhor autor de 1954[785].

Cumpre destacar que *Lampião* apareceu na imprensa de finais de 1953, associado ao romance *Cangaceiros,* que José Lins do Rego lançou à mesma época também pela José Olympio. Ambos foram responsáveis por colocar novamente no espaço público o imaginário sobre o nordeste.

Tudo celebrado com muita festa neste ano de 1953 mas, como toda festa dura pouco, mais uma vez a morte rondava os cantos da vida de Rachel de Queiroz. Em março Rachel despediu-se do amigo, "esquisito, esquivo"[786], Graciliano Ramos, vítima de um câncer de pulmão que o matara violentamente. E no final do ano:

> Natal com mãe doente. Nem peru, nem vestido novo, nem brinquedos para as crianças, nem exasperadas excursões pelas lojas. Só este velar, este cuidado inquieto – parece até que os papeis se trocaram, que a mãe é filha e a filha virou mãe; e a hora do termômetro, e a hora da injeção, e a hora do doutor e a hora do caldo.
> -Mas será que nem uma castanha bem cozida, ela pode comer? Poder pode, minha senhora, se tiver apetite. Sim, o fastio, conheço. Isso se chama anorexia. Anda a par com outra, chama astenia. E na quarta-feira passada apareceu outra irmã, mais feia ainda, chamada lipotimia[787].

A mãe de Rachel enterrou dois de seus filhos homens, uma neta ainda bebê e o próprio marido e, aos sessenta e dois anos, decorridos diversos momentos de depressão, não tinha mais vontade sequer de se alimentar. Rachel esteve presente em todas as mortes acima anunciadas, inclusive na de sua mãe. Clotilde Franklin de Queiroz foi enterrada ao meio dia do dia 18 de fevereiro de 1954, no cemitério da Ilha do Governador[788].

Viera para o Rio de Janeiro por volta de 1951 cerca de quatro anos depois do falecimento do Dr. Daniel. Nessa época, o sítio do Pici era a maior fonte de renda da família, "de cana, de engenho, de cachaça, de horta, de pomares, de vacaria" [789]. Ainda nos anos 1940, por conta de uma situação financeira complicada, a família vendera uma parte não produtiva das terras para servir como base aérea americana[790]. Eles asfaltaram

---

na escrita dramatúrgica racheliana. Ver PONTES, Heloisa. *Intérpretes da metrópole,* São Paulo: Edusp, 2010, p. 283.

[785] Ver os editoriais de *Diário de Notícias,* 26/05/1954, primeira sessão, p. 08 e *O Estado de São Paulo.* 02/09/1954, p.06; *Diário do Paraná,* 30/11/1960, p. 03.AFBN.

[786] QUEIROZ, Rachel de. Graciliano. *O Cruzeiro.* 07/06/1947, p. 90. AFBN.

[787] QUEIROZ, Rachel de. Natal com mãe doente. *Diário de Notícias.* 27/12/1953, suplemento literário, p. 01. AFBN.

[788] Anúncio de falecimento. *Diário de Notícias.* 18/02/1954, primeira sessão, p. 06. AFBN.

[789] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p. 45. APIL.

[790] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 150. Ver também QUEIROZ, Rachel de. Tangerine-Girl. In: *A Donzela e a Moura Torta.* Obra Reunida vol. 3. Rio de Janeiro: José Olympio

as terras que davam acesso ao sítio, instalaram energia elétrica e, assim, atraíram a população.

Com a morte do Dr. Daniel e de Luciano em seguida, o sítio ficou perigoso para D. Clotilde e Maria Luiza cuidarem sozinhas. As antigas terras da base aérea transformavam-se no aeroporto internacional[791]. A cidade crescia em volta, desordenadamente, trazendo consigo a pobreza e os ladrões. Foi quando os filhos restantes pressionaram a mãe para que vendesse as terras que tinham adquirido em 1927, conservando apenas algumas outras propriedades e a fazenda do Junco em Quixadá.

Clotilde morara um tempo na *Cova da Onça* com Rachel e Oyama até comprar um apartamento na Rua Paissandu, no bairro do Flamengo. Nesse meio tempo, Izinha - como chamavam Maria Luiza, começou a publicar algumas crônicas tanto no *Diário de Notícias* quanto no *O Cruzeiro,* ao mesmo tempo em que trabalhava na Comissão mista Brasil-Estados Unidos como tradutora[792].

Foi no momento da orfandade, mais do que nunca, que a cumplicidade entre as duas irmãs se solidificou para sempre. Até a morte de Rachel de Queiroz em 2003, Maria Luiza foi a pessoa mais próxima a ela, a "filha" que Rachel não pôde ter, a amiga no momento em que outras mortes importantes se anunciaram e, principalmente, a herdeira legítima de todo o legado material e intelectual de Rachel de Queiroz.

***

Após a morte de D. Clotilde as crônicas rachelianas no *Diário de Notícias* foram diretamente afetadas, chegando a rarear cada vez mais a partir de junho. Já no *O Cruzeiro,* local onde Rachel tinha um contrato permanente, seus textos continuavam assíduos, semanalmente, mas com uma proporção de crônicas políticas bem menor:

> Durante os dois meses e tanto de ausência desta coluna, andei, meus amigos, viajando por um país escuro e subterrâneo; tonta e cansada, mal me orientando ainda, tento sair dele como quem sai de um túnel, e estranho a claridade, o sol alegre, as crianças sadias, o povo feliz. Novamente venho pedir, a vocês que me querem bem, um lugarzinho sossegado onde possa me sentar no chão e ficar

---

Editora, 1989. p. 95. Esta crônica é uma "licença poética" em homenagem a Maria Luiza adolescente, no tempo em que a base aérea americana começou a funcionar perto do sítio da família.

[791] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 153.

[792] Comissão elaborada por acordo entre os dois países e que funcionou entre 19 de julho de 1951 e 31 de julho de 1953. Visava ao financiamento de um programa de reaparelhamento dos setores de infra-estrutura da economia brasileira e era parte do plano norte-americano de assistência técnica para a América Latina.

> espiando o mundo. Espiando só ao redor de mim, olhando o aqui e o hoje. Sim, porque para trás não posso olhar – tenho mortos demais semeados no caminho. E para diante tenho medo: sei lá o que me espera, sei lá o que me pretendem roubar ainda![793]

Já no começo de 1954, Rachel comentava as campanhas eleitorais para vereador e senador, apoiando os socialistas Raimundo Magalhães Júnior – um de seus amigos mais próximos- e João Mangabeira, respectivamente. Rachel seria responsável por distribuir as cédulas de votação do PSB para os moradores da *Cova da Onça*, na Ilha do Governador, quando as eleições chegassem[794]. Ajudá-los era nada mais do que seguir sua posição política pública até então: "[não pertenço] A partido nenhum. Sou socialista. Mas franco-atiradora"[795].

Sendo assim, ainda que tivesse contato com o PSB e mesmo com a UDN, principalmente por laços de amizade, a escritora cearense mantinha sua posição pessoal fora das organizações partidárias e, neste sentido, parecia representar na imprensa a orfandade da classe média brasileira, que carecia de uma representação na qual confiasse.

Como afirma Thomas Skidmore, a UDN deixara de representar os interesses da classe média desde o final do governo Dutra, transformando-se em rígida defensora do constitucionalismo liberal econômico, mas representando muitas vezes os interesses rurais de velhas oligarquias. Sua ala radical, intransigente e golpista não agradava em nada uma considerável parte da opinião pública.

Por outro lado, o PSB não fazia nem cócegas enquanto partido de esquerda no Congresso Nacional, devido ao seu limitado número de representantes e campo de ação. Cada vez mais as esquerdas, principalmente aquela herdeira do comunismo, migravam para o PTB e, em menor medida, para o PSP de Ademar de Barros. Neste sentido, a classe média parecia órfã, ainda que se tornasse aos poucos a classe social mais importante do país[796].

No campo do Executivo, Vargas não sabia mais para onde jogar a corda de resgate: tentara apoio da UDN no começo do mandato e de nada adiantou. Voltou-se então para os trabalhadores através do PTB e do Ministério do Trabalho. Nas instituições militares, sofria diversas desaprovações e críticas, ainda que o Exército se mantivesse dentro do discurso legalista. Para completar, a imprensa lida pela classe

---

[793] QUEIROZ, Rachel de. Cabra-Cega à saída do Túnel. *Diário de Notícias.* 07/03/1954. AIMS.
[794] Editorial. *Diário de Notícias.* 17/09/1954, primeira seção, p. 02. AFBN.
[795] QUEIROZ, Rachel de. Perguntas & Respostas. *O Cruzeiro.* 24/04/1954, p. 98. AFBN.
[796] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 155.

média era praticamente toda de oposição, concentrada em veículos como *O Estado São Paulo* e nos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

Neste contexto político complexo, Rachel de Queiroz tinha seus melhores amigos, entre radicais e moderados, na UDN e no PSB, além de escrever numa das revistas mais importantes de Assis Chateaubriand. Além disso, começava a acompanhar de perto o contexto dos militares, principalmente da ala mais conservadora (liberais economicamente, e anticomunistas ferrenhos).

Foi neste período que Paulo Sarasate[797], velho conhecido de Rachel de Queiroz da época do modernismo cearense e agora deputado federal pela UDN, apresentara a Rachel e a Oyama o coronel - também cearense - Humberto de Alencar Castelo Branco. Alencar que era, logo Rachel identificou-se com ele e, desde então, uma sólida amizade e admiração mútua surgiram entre o casal da Ilha do Governador e a figura do militar "exemplar e erudito", representado por Castelo Branco.

Como ocorrera no começo do século em relação aos tenentes, o papel do Exército ganhava cada vez mais espaço no contexto democrático brasileiro, pois sobre ele recaía a responsabilidade numa possível intervenção na crise econômica e política que se instalara nos anos 1950.

Entre todos estes mundos, Rachel de Queiroz navegava durante o segundo governo Vargas. Ainda que tivesse deixado de comentar com assiduidade o cotidiano político do país depois da morte de sua mãe em fevereiro, a escritora não deixou de acompanhar pelos jornais, pelo rádio ou pelo "telefone da Ilha", o buraco sem fundo em que o país se metia.

Em finais de 1953, havia ocorrido o polêmico processo judicial contra Samuel Wainer e o jornal *Última Hora*[798]. Rachel tinha escrito artigos para Wainer no periódico *Diretrizes* em fins dos anos 1930 e o considerava um homem inteligente, "um jornalista muito vivo e dinâmico", mas que pecava por querer agradar demais a Getúlio Vargas[799].

---

[797] Em janeiro de 1954, Rachel de Queiroz fez uma defesa pública da candidatura de Sarasate ao governo do Ceará: QUEIROZ, Rachel de. Candidatura e Candidato. *Diário de Notícias.* 24/01/1954. AIMS.

[798] Considerado como um dos momentos de maior crise do segundo governo Vargas, o processo contra Samuel Wainer e o jornal *Última Hora,* um periódico assumidamente getulista, foi movido no Congresso pela UDN, acusando o jornalista de ter fundado o *Última Hora* em 1951 com recursos públicos em prol de objetivos partidários. Uma observação importante é que Wainer chegou a trabalhar nos *Diários Associados,* de Assis Chateaubriand entre 1947 e 1949. Uma declaração interessante de Wainer é a seguinte: "A *Última Hora,* subitamente, era o sonho dos jornalistas mais românticos que havia na época, do conceito de um jornal popular, porque nós queríamos vender, nós queríamos circulação, tínhamos o sentimento, embora fossemos intelectualmente elitistas". *Apud.* Wainer. BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* p. 172-173.

[799] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 139.

Já no começo de 1954, a situação econômica que chegava a uma inflação exorbitante, foi complicada pelas greves e protestos populares que pipocavam pelo país. Em 08 de fevereiro, foi a vez de alguns coronéis assinarem um memorando entregue ao Ministro da Guerra denunciando uma "crise de autoridade" dentro do Exército, onde estava implícita a penetração do comunismo e do nacionalismo radical entre baixos oficiais e recrutas, muito por conta, segundo eles, do descaso do Governo Federal com as Forças Armadas[800].

Em 22 do mesmo mês o ministro do Trabalho, João Goulart, entregou um relatório propondo o aumento de cem por cento no salário mínimo para apaziguar os ânimos grevistas, o que beneficiaria principalmente empregados do comércio e da indústria no setor urbano. Seu relatório, no entanto, foi visto pela imprensa liberal como uma prova de sua atividade "subversiva" junto à classe operária e, neste sentido, serviu ao mesmo tempo como sua carta de demissão[801].

Já em abril, Vargas propôs a criação da Eletrobrás, num discurso entregue ao Congresso que demonstrava mais uma vez sua opção pelo nacionalismo radical e descrente do "mercado livre"[802]. E, no mesmo mês, o ex-ministro das Relações Exteriores, Neves da Fontoura, contou à imprensa que Vargas teria se encontrado com Péron, presidente da Argentina, visando à criação de um acordo entre países do ABC (Argentina, Brasil, Chile) como forma de se opor aos Estados Unidos[803]. Foi o que

---

[800] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 165. O "Manifesto dos Coronéis" foi divulgado em 20 de fevereiro de 1954 e assinado por 82 oficiais do Exército reclamando da precariedade de equipamentos e de formação dos quadros da instituição, além da disparidade salarial entre militares e civis, que seria agravada com a sugestão do aumento do salário mínimo. Entre os assinantes do manifesto estavam presentes muitos dos que deporiam Goulart da presidência em 1964: Sylvio Frota, Golbery do Couto e Silva, Antônio Carlos Muricy, Sizeno Sarmento, Ademar Queiroz, Jurandir Mamede, Amaury Kruel etc.

[801] Como aponta Jorge Ferreira, é no ministério do Trabalho que as relações entre Goulart e os sindicatos vão se aprofundar. Como ministro, Jango negociou o fim da greve dos marítimos com grande vantagem para estes, além de ter abolido o conhecido "atestado ideológico" exigido até então aos sindicalistas para cumprirem suas atividades. Além disso, nota-se sua aproximação com o PCB no âmbito sindical, o que possibilitou a partir de 1952, uma simbiose entre trabalhistas e comunistas, procurando dar autonomia aos sindicatos em relação às vontades do empresariado que dirigia o Estado. Em seus discursos nesta época, Jango reiterava estar a favor dos trabalhadores, incentivando, por exemplo, denúncias do não cumprimento das leis trabalhistas. Além disso, Goulart possibilitou a participação dos sindicalistas da administração da Previdência Social (Congresso da Previdência Social). Neste sentido, pode-se concluir a importância de João Goulart na identificação crescente entre os trabalhistas e os comunistas, e estes concentrados no PTB, que parecia ser o único partido a representar seus interesses. FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83-122.

[802] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 167.

[803] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 168.

faltava para a UDN pedir o impeachment do presidente junto ao Congresso Nacional, acusando-o de querer instaurar um estado sindicalista no país[804].

Em crônica ao *Diário de Notícias,* Rachel procurou definir o que seria o *impeachment,* conceito "tão estranho ao Brasil que os brasileiros ainda nem ao menos lhe puseram um nome em língua nossa"[805]. Não explicitando se era a favor ou contra sua aplicação, a escritora procurava, no entanto, destacar a importância de seu debate no Congresso, visto as últimas notícias sobre o governo federal.

Para ela, políticos getulistas não queriam debater o *impeachment* porque o consideravam uma falta de tempo, uma vez que Getúlio nunca sairia do governo. Segundo Rachel, estes políticos não compreendiam a democracia enquanto campo de debate, viam-na como campo da autoridade: "o sonho para eles é um apenas: a ditadura", "e se o debate do *impeachment* não resultar em outra coisa, resultará pelo menos nesta grande conquista: familiarizar o povo com a vulnerabilidade constitucional do presidente da República" [806].

E neste clima nada ameno, chegou o primeiro de maio:

> Hoje é o primeiro de maio, quer dizer que começa o mês das noivas, das flores e de Nossa Senhora. Já foi também o mês dos trabalhadores, que justamente a primeiro de maio comemoravam o seu dia especial. Dia de recordação e reparação, aniversário do sacrifício dos mártires de Chicago. Era dia em que se podia celebrar com entusiasmo e sem escrúpulos, antes que o fascismo, o stalinismo e o estadonovismo tomassem conta dele e o maculassem com o seu bafo demagógico[807].

Dia do Trabalho, o primeiro de maio era talvez a data preferida de Getúlio Vargas, quando aproveitava para fazer apelos trabalhistas. Naquele primeiro de maio de 1954, o presidente pronunciou um polêmico discurso em Petrópolis, afirmando o reajuste do salário em cem por cento, endossando a proposta feita por Jango antes de renunciar ao ministério.

---

[804] As aproximações entre o regime Varguista e o Peronista tornaram-se uma constante na imprensa de oposição, principalmente após a entrada de João Goulart no ministério do Trabalho, momento em que inúmeras greves dos mais diversos setores estouraram por todo o país. Segundo a oposição, as greves eram incitadas pelo próprio ministro. FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* p. 106.

[805] QUEIROZ, Rachel de. A batalha do impeachment. *Diário de Notícias.* 13/06/1954. AIMS.

[806] QUEIROZ, Rachel de. A batalha do impeachment. *Diário de Notícias.* 13/06/1954. AIMS.

[807] QUEIROZ, Rachel de. Mês de maio. *O Cruzeiro.* p. 98. AFBN. É importante destacar que Rachel de Queiroz vai repetir constantemente estes nomes associados um ao outro, ao ponto de igualá-los em sua crítica a eles. Ver QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 215.

Os empregadores apavoraram-se, o aumento significava um aumento real do salário, ou seja, acima da inflação. Esta seria, com certeza, repassada aos produtos consumidos pela classe média[808].

Por outro lado, tendo ainda apoio do PSD e do PTB no Congresso, Vargas conseguiu se livrar do pedido de impeachment udenista, o que deixava como último recurso para grande parte dos antigetulistas, a tão recorrente solução militar. Rumores de complôs militares na Aeronáutica e no Exército começaram a circular no mesmo mês de maio e isto sem esquecermos que a democracia brasileira não tinha nem dez anos de existência.

Assim, os acontecimentos da política passavam rápido neste ano de 1954, enquanto Rachel de Queiroz vivia outra contagem do tempo, a contagem da saudade, da dor e da perda. À parte algumas crônicas com tema político, como aquela sobre o primeiro de maio, os textos rachelianos para *O Cruzeiro* trataram do Ceará, de histórias de sua terra, reflexões sobre um lugar paralelo em relação às polêmicas nacionais.

Esse lugar paralelo é o lugar da vida do sujeito, que só uma biografia pode mapear. Ainda que o mundo político estivesse em vias de combustão, como destaca a historiografia sobre este momento da história brasileira, Rachel de Queiroz vivia a sua vida particular, envolvida que estava no processo do luto familiar.

Pela necessidade de regulamentar a herança materna e paterna após a morte de D. Clotilde[809], e sendo Rachel a filha mais velha do casal, o sertão cearense ocupou praticamente todo o ano de 1954 na vida da famosa escritora. Era preciso limpar a casa velha, cheia de "recordações e saudades. As gavetas cheias de cartas – quarenta anos de cartas que é preciso rasgar chorando"[810]. Estas eram correspondências recebidas por Rachel entre 1930 e 1940, que D. Clotilde guardara. Entre os missivistas, estavam Graça Aranha e Augusto Frederico Schmidt, além de outros[811].

Na repartição das terras, o irmão Roberto ficou com a fazenda maior, a do Junco e Maria Luiza com o Arizona, uma fazenda pequena mas de muito valor, onde ela tinha comandado sozinha a maior parte da construção de um açude[812]. Rachel herdou outra parte, mais desabitada, que o Dr. Daniel tinha reservado especialmente para ela:

---

[808] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 169.
[809] QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 230.
[810] QUEIROZ, Rachel de. Ida e volta. *O Cruzeiro.* 19/06/1954, p. 106. AFBN.
[811] FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã.* 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN.
[812] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 46. APIL.

> Chama-se "Não me deixes" aquela garra de chão que eu chamo de minha. O nome vem de longe; diz que o velho Miguel Francisco, lá pela era de 50, no século passado, dera a um parente a terra da lagoa do Seixo para lá sitiar uma fazenda. Mas se tratava de criatura inquieta ou inconstante, que, com pouco tempo de posse, um ano ou dois, precisou, vendeu. Gasto o dinheiro, voltou ele à presença do velho, arrependido, chorou miséria, conseguiu comover. Meu tio Miguel comprou a terra ao novo dono, devolveu-a ao inconstante, mas preveniu: "Volte para lá. Mas d'ora em vante o Seixo passa a se chamar 'Não me deixes', que é para você não repetir a ingratidão". Isso já faz mais de cem anos; e até hoje o 'Não me deixes' não mudou[813].

Em abril de 1954 a escritora viajou com Oyama no *Constellation*[814] para Recife e seguiu para Fortaleza, passando apenas alguns dias, indo direto para Quixadá. Roberto era o único dos irmãos homens ainda vivo e, sendo juiz em Pacatuba, não pôde ajudar muito nas obras da fazenda, a não ser emprestando seu jipe, um Land Rover inglês[815].

A fazenda, até então abandonada, ganharia nos próximos dois anos uma casa nova, reformas no velho açude e um curral. Cercas seriam refeitas, iniciou-se a marcação do gado zebu recém-comprado, ganhou-se uma nova roda de farinha, galinhas e bezerros, cabras e ovelhas. Consertaram-se os telhados das casas dos caboclos: "fazendo casa, aumentando o açude, pensando em livros, 'amando, gozando e querendo bem, como Lampião"[816].

Foi neste momento de definitiva orfandade que Rachel de Queiroz assumiu por completo sua herança sertaneja, encarnada no papel da "dona com seus caboclos, que são os donos da dona..."[817]. Neste sentido, poderíamos pensar em Dora, Doralina, personagem do romance que a escritora cearense publicaria em 1975. Rachel foi, em 1954, a Dora que voltou para a terra do sertão depois de ter conhecido o mundo, voltou para juntar os cacos, cuidar do baú de coisas velhas, das lembranças que rondavam pela casa. Era preciso assumir o lugar deixado pelos fantasmas da história centenária daquelas fazendas.

Oyama teve, nesse sentido, um papel fundamental. Ele gostava de caçar, pescar, gostava de mato, mas não imaginava investir naquelas terras do sertão; para ele isso era uma loucura. Em 1954, arrumou três meses de férias para acompanhar Rachel nesta viagem ao *Não me deixes,* e se apaixonou completamente pelo lugar[818]. Mesmo sendo sujeito citadino, encarnou como a esposa o papel de fazendeiro ontológico, possibilitando que Rachel mantivesse o sertão em sua vida e que transferisse para

---

[813] QUEIROZ, Rachel de. 'Não me deixes'. *O Cruzeiro.* 12/06/1954, p. 98. AFBN.
[814] QUEIROZ, Rachel de. O profeta Roque. *Diário de Notícias.* 01/05/1954. AIMS.
[815] QUEIROZ, Rachel de & QUEIOZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 231.
[816] Bilhete manuscrito a José Olympio. 12/06/1955, 1p. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18.
[817] QUEIROZ, Rachel de. 'Não me deixes'. *O Cruzeiro.* 12/06/1954, p. 98. AFBN.
[818] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 46. APIL.

Oyama uma imagem nesse momento necessária: "Oyama assumiu todas as atitudes de papai e, praticamente sem ter visto como papai agia, fazia o mesmo, mais por instinto"[819].

De fato, adentrar a fazenda abandonada era forçosamente ter ainda mais saudades do Dr. Daniel. Nos idos dos anos 1920, como Rachel conta em suas memórias, seu pai mandou selar dois cavalos e levou a filha, que recém aprendera a montar, para o pedaço de terra do *Não me Deixes*. Era só mato, longe da estação do trem, sem casa nem construção alguma, uma terra quase sem interesse. No entanto, situava-se perto da lagoa do Seixo, "linda, cheirando a aguapé, tudo ainda florido" e, no alto, um bosque de angicos que dava para o açude. Lá, o Dr. Daniel mandou que Rachel fizesse sua casa e fosse morar com o marido, quando tivesse um.

Vendo naquele momento Oyama assumir a reforma da fazenda, mesmo sem ainda entender nada do funcionamento daquelas terras, Rachel compensava, de certa forma, a falta do pai, era o "eterno retorno". "Quando mais tarde perdi Oyama, passei algum tempo sem querer voltar ao *Não me Deixes*. Iria doer demais"[820], afirma a autora aos oitenta anos. Sobreviver a tantas perdas deixou na idosa Rachel de Queiroz um anseio infinito pela morte, definida por ela já a partir dos anos 1950 como "a grande recompensa" [821].

Interregno

Toda vez que passava as férias de um mês no sertão, viajando pelo Brasil ou pelo exterior, Rachel não deixava de escrever suas crônicas para jornal. A dinâmica mudava um pouco, porque o tempo de chegada das crônicas ao Rio de Janeiro era muito longo e sujeito a intempéries, desvios, desaparecimentos.

Deste modo, normalmente a escritora ausentava-se do *Diário de Notícias* durante todas as férias, pois suas crônicas publicadas neste periódico eram escritas na mesma semana da publicação e, não estando na capital, não conseguiria entregá-las. Já para *O Cruzeiro*, onde o contrato era outro, Rachel escrevia suas duas a quatro folhas datilografadas e revisadas a caneta cerca de quinze dias antes de serem publicadas, estivesse ela no Rio de Janeiro ou fora dele. Quando ia para o sertão, a escritora

---

[819] QUEIROZ, Rachel de & QUEIOZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 234.
[820] QUEIROZ, Rachel de & QUEIOZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 234.
[821] QUEIROZ, Rachel de. Perguntas & Respostas. *O Cruzeiro.* 24/04/1954, p. 98. AFBN.

dispunha de um homem que vinha a cavalo pegar a crônica e levá-la ao correio em Quixadá[822]. É interessante pensar, neste sentido, que mesmo que as crônicas de jornal sejam consideradas como o relato do tempo imediato, nem sempre o tempo é tão imediato assim. Para alguns eventos, este intervalo gerava até certos inconvenientes.

Assim foi que o mês de agosto de 1954, talvez o mês mais dramático da história do Brasil Republicano, só apareceu comentado nas crônicas rachelianas a partir do dia 04 de setembro.

Tudo aconteceu muito rápido. No dia 05 de agosto o famoso jornalista e político antigetulista Carlos Lacerda sofreu um atentado em frente à sua residência, rua Toneleros, Copacabana, Rio de Janeiro. Apesar de ter escapado apenas com o pé ferido a bala, Lacerda presenciou a morte de seu guarda-costas, o major da Aeronáutica, de nome Rubens Florentino Vaz.

A notícia foi imediatamente divulgada na imprensa. O *Diário de notícias* declarava que o país sentia-se insultado com o assassinato, *O Globo* trazia "novas revelações sobre o revoltante atentado". No *Correio da manhã* destacava-se a multidão que acompanhou o enterro do major e o *Diário carioca* exaltava: "Povo chora, ajoelha e grita na rua"[823]. Como não poderia deixar de ser, a suspeita recaia inteiramente sobre o presidente da República ou alguém próximo a ele. Nos jornais antigetulistas, as Forças Armadas eram incitadas a se manifestarem em relação ao episódio, sendo consideradas o único instrumento capaz de derrubar o governo.

Sob tamanha pressão e em solidariedade ao colega assassinado, a FAB entrou em rebelião contra o presidente ao mesmo tempo em que prosseguia as investigações sobre o crime da rua Toneleros. Provada a participação da guarda pessoal de Getúlio Vargas no atentado contra Lacerda, militares da Aeronáutica, Marinha e Exército entregaram um documento pedindo a renúncia do presidente nos dias 22 e 23 de agosto. Até seu próprio ministro da Guerra, o general Zenóbio da Costa, temia não poder mais controlar a situação de revolta militar[824].

Diante da proposta de licenciamento do cargo até o fim das investigações, Vargas cedeu, ainda que contrariado. Mas quando os militares mostraram-se intransigentes, exigindo sua renúncia, o presidente recolheu-se aos seus aposentos, esperou a noite

---

[822] QUEIROZ, Maria Luiza de. Entrevista à autora. 17/12/2010. p. 10. Arquivo pessoal.
[823] BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 182.
[824] FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 301-342. p. 309.

chegar, colocou seu pijama listrado e disparou um tiro certeiro contra o peito, não sem antes deixar uma carta testamento que dramatizaria ainda mais o fim de sua longa trajetória política.

Getúlio Vargas era então um senhor de setenta e um anos, além do maior símbolo nacional que o Brasil já tivera, e sua carta tornou-se um manifesto do trabalhismo brasileiro, contra os interesses dos monopólios estrangeiros[825]. No avião que levou o corpo do presidente para ser enterrado em São Borja estavam presentes a viúva, Darcy Vargas, a filha Alzira, o genro Amaral Peixoto e o amigo e ex-ministro, João Goulart.

No dia 04 de setembro, anacronicamente, a crônica racheliana ainda estava discursando sobre o atentado:

> E sobre esse crime, nesta hora atrasada, que mais resta a dizer? Apenas constatar que poucos homens, quando caem mortos, provocam um eco tão grande de cólera, dor, indignação, vergonha, qual foi o eco da morte do jovem aviador assassinado. Dizer que o Brasil inteiro pôs luto, que o Brasil inteiro até este momento ainda se sente no abalo e na angústia do primeiro dia do atentado, esperando que justiça seja feita e remédios eficazes se apliquem aos males provocados pelo hediondo sucesso.
> Esperemos que à hora em que este número de *O Cruzeiro* estiver nas ruas (e não será cedo!) o atentado da Rua Toneleros já não seja um mistério para ninguém, e no lugar que lhes é devido, - a cadeia – estejam os seus responsáveis, materiais e intelectuais[826].

Irônico pensar que, no momento em que Rachel de Queiroz publicou estas palavras, a morte mais comentada na imprensa já era outra. Naquela data, a população indignada com o suicídio do presidente em 25 de agosto já tinha saído às ruas com paus e pedras, atacado jornais da oposição liberal, a Embaixada dos Estados Unidos, bancos e empresas norte-americanos, além de tacar fogo em caminhões. Escolas cancelaram as aulas, sindicatos decretaram greve, passeatas e protestos aludindo ao imperialismo americano pipocaram por todo o país. Carlos Lacerda, mancando de um pé só, refugiou-se primeiramente na Embaixada dos Estados Unidos, sendo em seguida transportado de helicóptero até um navio de guerra ancorado na Baía de Guanabara[827].

Pela primeira vez, a crônica racheliana era publicada totalmente fora de contexto e, ao aludir à importância de uma morte por ela sentida, parecia, na verdade, comentar a outra, por ela tantas vezes desejada. Anacronicamente, afirmava a autora em 04 de setembro: “As eleições estão próximas, feliz, felicíssimamente. De modo que, seja qual for a solução política que os dirigentes do país deem a este terrível caso, o povo, nas

---

[825] FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 130.
[826] QUEIROZ, Rachel de. A hora dramática. *O Cruzeiro.* 04/09/1954, p.122. AFBN.
[827] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 210-215.

urnas, há de confirmar a sentença do Judiciário”[828]. E pensar que, com um só ato, um só tiro no peito da nação, Vargas acabou com as esperanças que já começavam a se desenhar nos olhos da oposição. Através de seu suicídio, Vargas e aqueles que se consideravam seus herdeiros políticos saíram mais fortes do que nunca.

***

Aos oitenta anos, Rachel de Queiroz lembrava-se muito bem do efeito que a morte de Getúlio Vargas provocou nela e na oposição:

> A carta foi uma... Porque tinha muita coisa, muito elogio, muita coisa que não era verdadeira... Era uma carta para ler num palanque, não para uma mesa de suicida. Foi uma carta de palanque. E a gente sentia o aproveitamento político do suicídio. Foi uma coisa. O Oyama ficou tão revoltado! "Esse filho da puta! Nem morrendo o homem eu desagravo". A população estava cercando o Catete, não é, para o Getúlio sair. Fora Getúlio! Aquela coisa (...). Quando de repente, o Getúlio se suicidou, a multidão virou. Virou completamente, e foi cassado o Lacerda. Teve que se correr[829].

Na época, o que restou à escritora cearense foi comentar os últimos acontecimentos na revista *O Cruzeiro*, mas com muita moderação, “esperando que as emoções serenem, que os desolados sequem o choro, e, principalmente, que sejam contidos os exploradores da emoção popular, os aproveitadores e negociantes do drama”[830].

Rachel acreditava que, desaparecendo Getúlio, desapareceria a política que ele corporificava e levaria ao desespero aqueles que a ele se filiavam: “esperemos que esta era malfadada de perturbação, de medo, de corrupção política, de dramas subterrâneos, de democracia inquieta, insegura e ameaçada, seja plenamente uma era que passou”[831].

Rachel entusiasmava-se não só pelo que ela acreditava ser o fim da “Era Getuliana”, mas porque o potiguar Café Filho (1899-1970), vice-presidente do antigo governo, assumiria o poder até o fim do mandato.

Café Filho, além de jornalista, estivera envolvido em política desde a revolução de 1930, tendo atuado como chefe de polícia, inspetor do Ministério do Trabalho do primeiro governo Vargas, na Assembleia Nacional Constituinte de 1934 e como deputado federal. Filiado ao PSP de Ademar de Barros, tinha, no entanto, uma posição política mais conservadora que seus correligionários: “minha opinião sincera é que a

---

[828] QUEIROZ, Rachel de. A hora dramática. *O Cruzeiro.* 04/09/1954, p.122. AFBN.
[829] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 53. APIL.
[830] QUEIROZ, Rachel de. Sombra e Luz. *O Cruzeiro.* Rio de Janeiro. 11/09/1954, p. 114. AFBN.
[831] QUEIROZ, Rachel de. Sombra e Luz. *O Cruzeiro.* Rio de Janeiro. 11/09/1954, p. 114. AFBN.

presença de um homem da espécie do Sr. Café Filho na vice-presidência da República, por ocasião da tragédia de 24 de agosto, foi uma circunstância, realmente, providencial"[832].

Como vice, Café Filho tentara propor soluções para a crise antes de Vargas decidir se suicidar, e por isso, sua posição no último ano do mandato presidencial era tentar acalmar os partidos e garantir as eleições parlamentares de 03 de outubro de 1954, além de afirmar manter "aos humildes a proteção que Vargas sempre lhes deu"[833].

Na reorganização do ministério após o suicídio, o novo presidente passou a incluir figuras da UDN, como Prado Kelly no ministério da Justiça, Eugênio Gudin no ministério da Fazenda e Raul Fernandes no das Relações Exteriores. Além disso, os ministérios da Aeronáutica e da Marinha foram legados a ninguém menos que o brigadeiro Eduardo Gomes e o almirante Amorim do Vale, respectivamente. O ministério da Guerra chegou a ser cogitado para o general conservador Juarez Távora, mas quem levou a coroa foi o general Henrique Teixeira Lott, conhecido por suas posições legalistas e de centro. Távora, assim mesmo, ficou com a Casa Militar.

Se o extrato radical da UDN onde figurava Carlos Lacerda continuava a tentar manobras golpistas aliciando militares radicais e agindo na Câmara e na imprensa para que não viessem as próximas eleições, Rachel de Queiroz sentia-se enfim politicamente feliz. Era amiga pessoal de Raul Fernandes, Juarez Távora, Eugênio Gudin e de ninguém menos que o próprio presidente da República, a quem ela valorizava como alguém de origem modesta que "prestava um grande serviço ao país"[834].

Café Filho era um velho conhecido da escritora cearense, "não era um homem culto, no sentido de letrado, mas era um homem muito inteligente. E lia muito. Mas não tinha cultura assim, formal, sociológica etc. Eu creio que ele não era nem formado. Mas era nosso velho amigo, cupincha, que a gente gostava muito"[835]. Assim que assumiu o governo, o presidente insistiu para que ela ocupasse a direção do Serviço de Assistência ao Menor (SAM):

> Então, o Café: Rachel, você tem que me ajudar. Você, uma mulher, no SAM, vai humanizar o SAM. E eu: Não, não quero. Não me venha com essa história de SAM. E então, ele me mandou uma vez uns recortes de menininho abandonado, não sei o quê. Na véspera, tinha havido uns crimes medonhos, feitos por uns adolescentes. Uns negões enormes, beiçudões, os negões tinham matado, trucidado uma porção. Ele disse: O seu coração maternal não se compadece? E me mandou as criancinhas abandonadas e tal. E eu aí colei as outras. Aqueles negões assim. Já na

---

[832] QUEIROZ, Rachel de. Perguntas de política. *O Cruzeiro.* 24/09/1855, p. 114. AIMS.
[833] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* P. 180.
[834] QUEIROZ, Rachel de. Democracia. *O Cruzeiro.* 28/07/1956, p. 162. AIMS.
[835] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 53. APIL.

> margem de 17, não é. Eu: Mas o coração maternal não chega até esses daqui. Ele guardou isso toda a vida. Eu colei bem bonitinho também: Mas o coração maternal não chega até esses daqui. Imagina se eu ia me meter no... Eu nunca aceitei cargo político[836].

Mais uma vez o discurso político de Rachel de Queiroz caminhava pelas coxias, sua política era feita nos almoços no Catete, ao lado do presidente, especulando com ele e com os militares presentes sobre como seria fazer a "revolução" para limpar o Congresso dos getulistas. Não, ela diz nunca ter assumido cargos políticos. Rachel exerceu a própria política, no sentido mais estrito da palavra[837].

Como vinha fazendo há alguns anos, a escritora cearense dedicou uma crônica especial à eleição marcada para o dia 03 de outubro, e nela abusou do discurso retórico que, no sentido dramático, em muito se aproximava do discurso que Carlos Lacerda: "[Em 03 de outubro] iremos decidir se este país se endireita ou se continuará na degradação e na bagunça, entregue aos exploradores do coração do povo, aos crocodilos chorões, aos gatunos de gravata"[838]. Foi durante esta eleição que Rachel distribuiu de sua casa as cédulas de votação do PSB, defendendo a candidatura de seu amigo Magalhães Júnior e do senador veterano João Mangabeira.

Ao mesmo tempo, a política avançava de modo tão rápido e as previsões eram tão confusas, que a escritora ainda tinha esperança no crescimento de seus partidos preferidos quando publicou a crônica de 16 de outubro na revista *O Cruzeiro*. Seu texto era, mais uma vez, anacrônico, o que nos leva a repensar a imediaticidade da crônica política neste momento.

A eleição realizada duas semanas antes da crônica, ao contrário do que esperava Rachel, viu crescer o número de parlamentares do PSD e do PTB ao mesmo tempo em que a UDN perdia 10 deputados na Câmara. Já Magalhães e Mangabeira tinham sido reeleitos, o que era uma boa notícia, mas não alterava o perfil de atuação do PSB no Congresso. Isso significava que, mesmo com os ministérios e o privilégio junto ao presidente, os antigetulistas enfrentariam a ira do Congresso Nacional.

Ao longo do ano de 1955 o governo fez vários apelos à população em relação ao consumo consciente, uma vez que a crise econômica que vinha desde 1947 e atingira

---

[836] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 54. APIL.

[837] Na crônica QUEIROZ, Rachel de. Perguntas de política. *O Cruzeiro.* 24/09/1855, p. 114. AIMS, Rachel chega a afirmar: "Não sou dada a 'admirações' nem a 'solidariedades' políticas, nunca fui governista, e a este governo nada peço, dele nada quero (...). É esta uma das principais vantagens de se ser um obscuro particular. Creio, pois, que a minha opinião pode não valer de nada, mas é pelo menos insuspeita".

[838] QUEIROZ, Rachel de. Do povo, para o povo, pelo povo... *O Cruzeiro.* 18/09/1954, p. 114. AFBN.

seu ápice com o aumento do salário mínimo em 1954, só enxergava era mesmo o fundo do poço.

Rachel de Queiroz entrou na campanha, elogiando o governo federal, por seu comedimento e pedindo "austeridade" à população, "austeridade, afinal, não é tão difícil nem tão duro. Não é pedir para passar fome. É pedir apenas para se abrir mão do supérfluo. Parar com esta insolência de novos-ricos com que nos comportamos – mormente porque não somos novos-ricos, somos em vez uns pobres diabos"[839]. Rachel, neste texto dialogava principalmente com o plano econômico ortodoxo levado à frente por Eugênio Gudin, amigo seu, para tentar resolver a crise econômica.

O ano seguiu com os apelos da escritora pela desburocratização das repartições públicas, denunciando o preconceito racial e contra a falta de energia elétrica na Ilha do Governador, um grande problema para ela, que tinha "televisão, quatro rádios, batedeira elétrica, enceradeira, geladeira, liquidificador, torradeira, navalha, ferros elétricos, chuveiro, e mais todas aquelas pequenas invenções à base de eletricidade com que os americanos invadiram o mundo"[840].

No mais, o ano correu rápido e os ânimos políticos voltaram a se exceder à medida que se aproximava a eleição presidencial de 1955. Este período inaugura o que foi considerado pela historiografia política como a segunda grande crise brasileira depois da restauração da democracia em 1945, sendo a primeira crise aquela provocada pelo suicídio de Vargas.

Na campanha eleitoral, Juscelino Kubitschek foi escolhido candidato pelo PSD com apoio da nova geração pessedista encarnada na chamada Ala Moça, constituída de políticos mais à esquerda. Juscelino causou forte polêmica, porém, ao oficializar uma aliança com o PTB, que lançou João Goulart à candidatura da vice-presidência. Para completar, os candidatos receberam apoio público de Luís Carlos Prestes.

Goulart amargara dois meses de depressão depois da morte de Vargas, quase decidido a abandonar a política de vez. Sendo proprietário de fazendas, Jango não precisava de cargos políticos para se beneficiar financeiramente. No entanto, por pressão do diretório do PTB, foi candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul, perdendo as eleições de 1954. Em 1955, porém, incentivado por Leonel Brizola e Oswaldo

---

[839] QUEIROZ, Rachel de. Austeridade. *O Cruzeiro.* 15/01/1955, p. 98. AFBN.
[840] QUEIROZ, Rachel de. Luz, bonde e cemitério. *O Cruzeiro.* 12/03/1955, p. 130. AFBN.

Aranha, continuou atuando como presidente do PTB e, representando a nova geração do partido, acabou escolhido candidato à vice-presidência na aliança PTB/PSD[841].

Em 1954, Juscelino Kubitschek (1902-1976) era um dos nomes mais importantes do PSD mineiro. Médico cirurgião, vislumbrou o horizonte político a partir do casamento com Sarah Luísa Lemos, de tradicional família política no estado. Seu encontro com a nata da política mineira até então, completou-se quando conheceu Benedito Valadares (1892-1973), dentista de família tradicional que começara a carreira política ainda nos anos 1920, sendo nomeado interventor por Vargas em 1933.

Apesar da aproximação direta entre Juscelino e Valadares desde os anos 1930, o primeiro via os limites de sua influência política com o predomínio constante do segundo no diretório mineiro do PSD. Segundo Lúcia Hippólito, ambos realizaram uma trajetória cruzada e inversa, uma vez que Valadares viu seu poder declinar cada vez mais à medida que Juscelino ascendia nacionalmente[842].

Não seria, portanto, de estranhar que a campanha Kubitschek girasse em torno dos temas da inovação e da modernização, tendo como slogan principal de campanha: "Energia e Transporte", que ele já aplicara enquanto governador de Minas Gerais, na ampliação da Cemig (Companhia Elétrica de Minas Gerais). O slogan dava bem a tônica do trinômio modernidade/progresso/praticidade administrativa, que encarnavam sua atividade política desde o início da carreira, ainda que seu partido, o PSD, fosse considerado por muitos como conservador e abrigo dos ex-interventores e coronéis da política varguista.

Tanto para Lúcia Hippolito como para Claudio Bojunga, Juscelino encarnava uma geração nova no interior do PSD. Ao mesmo tempo em que, como outros, Juscelino nascera e dependia da velha geração das raposas pessedistas que controlavam a política nos estados desde os anos 1930, ele representava certa renovação desta política e brigava contra seu caráter conservador, ruralista e acomodado, "construía o futuro com as armas do passado"[843].

Já a UDN, temendo esta poderosa aliança, aliou-se ao PSB, PDC e PL e escolheu novamente como candidato um militar, desta vez o general Juarez Távora, amigo

---

[841] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 135. *Apud.* Kubitschek. p. 146: "Mas eu sabia que uma aliança com o PTB era imprescindível; somente uma aliança muito forte poderia enfrentar a oposição e sair vitoriosa; e somente com um candidato que conseguisse a reconciliação entre o voto rural do PSD e o voto urbano do PTB. Foi por isso que insisti no nome de Jango para a vice-presidência; como candidato, tinha que pensar em termos de cálculo político e isto me obrigava a uma aliança com o PTB. No PTB, o nome de Goulart era o que reunia maiores possibilidades".

[842] HIPPÓLITO, Lúcia. *Op Cit.* p. 136.

[843] BOJUNGA, Claudio. *JK:O artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 253.

pessoal de Rachel de Queiroz. Ao contrário de Juscelino, sua campanha repetia os apelos morais característicos da UDN. Já em relação à crise econômica, prometia conservar as leis de bem-estar social, algo bem diferente do que o brigadeiro Eduardo Gomes defendera anos antes[844].

Para completar o quadro eleitoral, Ademar de Barros saía candidato à presidência pelo PSP e o ex-líder integralista, Plínio Salgado, pelo PRP. Prevendo o sucesso da aliança PSD/PTB, Lacerda clamava pelo cancelamento das eleições em seu jornal *Tribuna da Imprensa*. Rachel, por sua vez, lamentava as alianças políticas que, para ela, não tinham pé nem cabeça:

> Vinte e quatro anos de getulismo só poderiam produzir essa casta de dirigentes que aí temos, sem autoridade, sem contato real com a base dos partidos que pensam representar, fazendo obstinadamente uma política de cúpula, brincando de ciranda e quatro cantos, com a ilusão de poder que lhes é dada pela ocupação de cargos partidários – cargos puramente nominais, sem apoio na massa. Pois os próprios partidos que eles dirigem são meras superestruturas, com a estrutura interna carcomida; partidos que não crescem por recrutamento ou pregação política, apenas por aglutinação; e quando se multiplicam, são como as amebas, por cissiparidade. Chega a um ponto em que as dissidências por tal forma reduzem os organismos iniciais que os transformam em quase nada: é então que os que se dividiram se ajuntam outra vez, ao acaso de combinações e conchavos os mais estranhos, e formam indivíduos novos, híbridos de pais que se suporiam incompatíveis, assim como se a gente cruzasse jacaré com sabiá[845].

Esta crônica é muito interessante, não só por explicar com um vocabulário quase marxista a configuração política de sua época, mas porque a analisa num ato de desespero frente ao que Rachel acredita ser uma bagunça generalizada nos quadros partidários; um argumento que caberia perfeitamente ao próprio PSB que Rachel tanto apoiou, um partido "sem massas" e sem crescimento parlamentar.

De fato, justamente por não ter nenhuma lei de fidelidade partidária, a política brasileira dos anos 1950, principalmente após a morte de Vargas e a necessidade de uma reorganização, viu exemplos extravagantes acontecerem, como candidatos que se elegiam por uma legenda trocarem de partido após a eleição, ou parlamentares votarem em emendas onde seu partido, em geral, era contra[846].

Além disso, emergiam novas frentes parlamentares no interior dos principais partidos, como a já citada Ala Moça do PSD e a Banda de Música da UDN. Entre sindicalistas, comunistas e trabalhistas, fundava-se o Movimento Nacional Popular

---

[844] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 184.
[845] QUEIROZ, Rachel de. Na hora da sucessão. *O Cruzeiro.* 06/08/1955, p. 114. AABI.
[846] HIPPOLITO, Lucia. *PSD: de raposas e reformistas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 61.

Trabalhista (MNPT), que pregava o nacionalismo, a política estatizante, a reforma agrária, a ampliação das liberdades sindicais e apoiava a aliança do PSD com o PTB[847].

Para Lúcia Hippolito, getulismo e antigetulismo não era mais um binômio satisfatório para explicar a política, pois "questões como opções para o desenvolvimento, industrialização, fortalecimento do mercado interno, crescimento da urbanização, modernização administrativa, extensão da legislação trabalhista ao campo, acesso à terra, voto do analfabeto, entre outras, assomam ao centro dos debates"[848].

A nosso ver, Rachel de Queiroz, enquanto pensadora do político, caía na própria armadilha. Não sabia ainda como se mover num mundo sem Getúlio Vargas, um mundo que englobasse outros debates no campo político e econômico. Daí sua insistência em encontrar novos inimigos, mantendo os antigos, que justificassem seus argumentos pessimistas e cada vez mais radicais, ainda que democráticos até o momento.

> Então, o Lacerda fazendo uma campanha terrível contra a posse do Juscelino. Mas o Café, pelo contrário. Me lembro tanto, o Café, de vez em quando, o Café, chamava a gente para almoçar no Catete, ou para tomar café com ele, ficava naquela sala ali, e ele dizia: Vocês nunca me levarão a um golpe. A gente fazendo os maiores planos... Eu, Odilo [?], que era mais... Rubem Braga, acho que o Otto já estava por lá... Não. Acho que o Otto era mineiro. Não, mas eu acho que o Otto estava por lá. Eu sei que tinha jovens jornalistas, que eram amigos do Café... Café era um amigo da gente, não é. Ele entrou pelo partido do Ademar mas... E nesse tempo, o candidato a vice não precisava ser do mesmo partido do presidente. Todo candidato a vice era de outro partido. E então, nunca nós conseguimos uma palavra do Café contra a posse do Juscelino. Não era contra o Juscelino. Era contra o PSD mineiro. Que era uma força reacionária tremenda. Era o Benedito Valadares, era o aliado do Juscelino. Você pensa. Eram os getulistas todos. Aquilo que a gente tinha derrubado com tanto sacrifício... O getulismo sempre foi conservador. Nunca teve ala mais conservadora. Eram sempre... o Getúlio...[849].

Em relação a essa imagem de arauto democrático que Rachel de Queiroz construiu para Café Filho, outras versões correm pela historiografia. Café Filho teria, na verdade, concordado com uma proposta de militares conservadores como Juarez Távora, que sugeriram ao presidente apresentar ao eleitorado um candidato único de todos os partidos numa forma de "união nacional".

Concordando com esta tese, o presidente teria chamado Juscelino Kubitschek a seu gabinete para aconselhá-lo a abandonar a candidatura pelo PSD, caso contrário corria-se grave risco de haver um golpe. Juscelino retorquiu: "No dia em que o

---

[847] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 150.
[848] HIPPÓLITO, Lúcia. *Op Cit.* p. 61.
[849] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 54. APIL. Rachel de Queiroz sempre defendeu a posição legalista de Café Filho. Em 1966, quando foram lançadas as memórias do ex-presidente (*Café Filho, do sindicato ao Catete*, com prefácio de Afonso Arinos), ela testemunhou: "Aquele sentimento constante da sua tremenda responsabilidades: a fidelidade à Constituição jurada, que nunca o abandonou um instante, que nunca lhe permitiu deixar-se seduzir pelos amigos e desviar-se do trilho inflexível da legalidade". Editorial. *Jornal do Brasil.* 10/12/1966,p. 43

governador de 10 milhões de brasileiros, em ordem com todos os preceitos legais e ainda por cima indicado pelo partido de maior eleitorado político do país, não puder ser candidato, acabou-se a democracia no Brasil"[850].

No pleito de 03 de outubro de 1955, mesma data das eleições parlamentares do ano anterior, o resultado foi apertado. Rachel declarou publicamente que iria votar na chapa Juarez/Milton Santos, candidatos da UDN[851]. Por muito pouco Juarez Távora não ganhou com seus 30% dos votos. Juscelino Kubitschek assumiu a liderança com 36%, enquanto Ademar de Barros alcançava os 26% e Plínio Salgado, 8%.

O papel político desempenhado por Kubitschek ia de acordo com o próprio contexto nacional. Segundo Bojunga, dos anos 1930 aos anos 1950, o Brasil passara da noção de '"país novo' – que ainda não pudera realizar-se, mas que se atribuía grandes possibilidades de progresso futuro – para a noção de 'país atrasado', atrofiado, subdesenvolvido".

Juscelino compreendia muito bem a importância da economia mundial e do investimento estrangeiro para o desenvolvimento do país[852]. Apesar da aproximação com as esquerdas principalmente através do PTB, talvez ele fosse o político mais liberal entre os nacionalistas de herança pessedista/getulista.

No entanto, logo após as eleições, Kubitschek enfrentou a ira da UDN. O principal motivo desta histórica perseguição estava diretamente relacionado com um possível "continuísmo" que Juscelino representava em relação à política de Getúlio Vargas, principalmente no que concernia ao apelo popular e à demagogia.

Na interpretação de Rachel, já aos oitenta e dois anos:

> ... o negócio era esse: o Juscelino não tinha maioria política, tinha aquele grupo deles, que era muito forte, muito atuante. E o Café, nunca pretendeu dar golpe realmente. Mas os militares que estavam com Juscelino, porque o Café tinha apoiado o Juarez Távora na eleição, não é, os anti-Juarez, Juarez representava a revolução, a Coluna Prestes, aquelas coisas do passado, e o Juscelino estava com o Lott, com aqueles generais da... que eram os... engraçado, como as coisas viram, os reacionários eram os do... Café; tinha sido antigo comunista e tudo mais. E o pessoal do Juscelino era o PSD mineiro. O que havia de mais reacionário no Brasil. O Juscelino era aquele danado, vivo, esperto, mas era filiado ao PSD. A UDN , que era anti-Getúlio, o antifascismo e tudo mais. E o PSD era a reação, a República Velha, os carcomidos, o apoio ao Hitler que o Getúlio deu toda a vida, ao salazarismo. Os grupos mais para a esquerda estavam com Café. E os grupos mais à direita estavam com Juscelino. Era muito engraçado. Como as posições se invertem[853].

---

[850] *Apud.* FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 148.
[851] Ver QUEIROZ, Rachel de. Perguntas de política. *O Cruzeiro.* 24/09/1855, p. 114.
[852] BOJUNGA, Claudio. *Op. Cit.* p. 264-265.
[853] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 54. APIL.

Bem se vê que, décadas depois, torna-se difícil explicar as direitas e as esquerdas deste período, as posições se invertem e se confundem, restando um único fio condutor que seja capaz de explicar a trama: o fantasma de Getúlio. Uma de nossas hipóteses é a de que é a partir da eleição de Juscelino Kubitschek, momento em que Rachel de Queiroz sente na prática a continuação de uma política que ela despreza e que acreditava enterrada com a morte de Vargas, que suas crônicas tornam-se mais e mais radicais:

> Quero ir-me embora. Ai, quero ir-me embora. Mudar de terra. Ouvir outra língua. Falar outros nomes, meu Jesus misericórdia, outros nomes. Outros, não estes que ouvimos sem parar; outros, não estes que leio e releio, que trovejam no rádio, careteiam na televisão, abrem jamegão nos jornais. (...). Entre sessenta milhões de brasileiros, só haverá realmente esses – esses dez, esses vinte, esses cinquenta? Nem mais um – **um** só, **um** chorado, desconhecido, novo, inédito, que nunca ninguém viu? (grifos do original)[854].

A indignação, aliás, não era só pela eleição de Juscelino Kubitschek, mas pela votação espetacular de João Goulart. Desde 1945, os pleitos para a presidência e a vice-presidência eram separados, podendo até mesmo ocorrer a eleição de candidatos de partidos antagônicos. No pleito de 1955, Kubitschek foi eleito com 3.077.411 dos votos, enquanto Jango ganhara com 3.591.409[855]. O número refletia o apoio que Jango tinha principalmente entre os trabalhadores. Além disso, a vice-presidência não era um cargo puramente decorativo. De acordo com a Constituição de 1946, o vice assumia automaticamente a presidência do Senado Federal e, com isso, entrava em relação direta com embaixadores de países estrangeiros.

Assim que os resultados foram divulgados, mais manobras udenistas para evitar a posse ocuparam o cenário nacional: denúncia de apoio comunista à candidatura de Juscelino e fraudes eleitorais seriam os mais recorrentes argumentos, além da outras vezes usada "tese da maioria absoluta". Estes eram os argumentos utilizados pela ala mais conservadora do partido, cujo maior representante era Carlos Lacerda[856].

No Exército, as posições se dividiam entre legalistas e golpistas, de um lado generais como Zenóbio da Costa e Estillac Leal; de outro Juarez Távora e Cordeiro de

---

[854] QUEIROZ, Rachel de. Quero ir-me embora. *O Cruzeiro.* 11/02/1956, p. 114. AFBN.
[855] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 186.
[856] Uma das maiores polêmicas envolvendo a candidatura presidencial foi a divulgação feita por Carlos Lacerda de uma carta batizada "Carta Brandi". Ela teria sido enviada pelo deputado peronista Antônio Brandi a João Goulart na época em que este era ministro do Trabalho. A carta denunciava a intenção de Goulart em formar "brigadas de choque obreiras", além de indicar que ele teria comprado equipamento militar em Córdoba para trazê-lo clandestinamente ao Brasil. A denúncia feita por Lacerda chegou a formar uma Comissão Militar de Inquérito que, em meados de outubro de 1954, comprovou a falsificação grosseira do documento. Dias antes, o falsificador tinha sido preso e acusara o próprio Carlos Lacerda de tê-lo forçado a cometer o delito.

Farias. O ministro da Guerra, Henrique Lott, procurou manter uma posição neutra exigindo que os militares não se pronunciassem publicamente sobre os eventos políticos, punindo os que o faziam tanto de um lado como de outro.

Da mesma forma, alguns setores da imprensa como o *Correio da manhã* repudiaram as tentativas de rompimento institucional, além de estudantes, empresários da Confederação Nacional do Comércio e intelectuais defenderam a posse de Kubitschek[857]. Discursando na TV Rio, o advogado Sobral Pinto lançou a Liga da Defesa da Legalidade, seguido de outros manifestos de intelectuais[858].

Rachel de Queiroz se manifestou de forma ambígua. Antes das eleições, quando já se falava na possibilidade de um golpe, ela afirmou: "*golpe* só para derrubar um ditador, declarado ou disfarçado. Mas nesse caso não se chama golpe, chama-se movimento nacional para restauração das franquias democráticas"[859]. Depois das eleições, evitou comentar o assunto na imprensa até que, no dia 03 de novembro, um incidente veio a piorar a situação de crise que se instalara após as eleições. Café Filho teve um infarto e não pôde mais assumir a presidência da República. Lembra Rachel de Queiroz:

> Engraçado, no 10 de novembro... eles afastaram o Café. Café se afastou durante. A coisa estava fervendo, quando o Café teve um infarto. Oyama ajudou a examinar o Café Filho.
> Oyama era cardiologista. Teve um infarto. Aquela história que foi mentira que ele sofreu um infarto são dessas calúnias que se tornam verdade. Oyama examinou, botou o ouvido dele, com o clínico que estava com o Café, e viram. Eu não estava lá, porque não podia estar, mas ele me contou, estava lá a chamado deles. O Café, então, foi mandado para o Hospital dos Servidores. Estava infartado. E o Lott sabia que ele estava infartado. Todos eles sabiam. E aí, entrou o Carlos Luz, que eles depuseram. O Carlos Luz pegou aquele navio e tal, eles depuseram também o Carlos Luz[860].

Rachel narra nesta entrevista o episódio que ficou conhecido como "contragolpe" ou "novembrada" de Henrique Teixeira Lott[861]. Dias antes do infarto do presidente, morreu o general Canrobert Pereira da Costa e, no seu enterro, diante de várias autoridades civis e militares, o coronel Jurandir Mamede pronunciou um discurso político acusando a democracia brasileira de corrompida e imoral, que elege um presidente com voto da minoria[862].

---

[857] FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 301-342. p. 317/318.
[858] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 156.
[859] QUEIROZ, Rachel de. Perguntas de política. *O Cruzeiro.* 24/09/1955, p. 114. AIMS.
[860] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 53. APIL.
[861] Quem utilizava este apelido pejorativo (novembrada = novembro+quartelada) eram os udenistas.
[862] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 321.

A primeira reação do ministro da Guerra foi a de punir Mamede e dar-lhe ordem de prisão, mas foi inibido pelo apoio dado ao coronel por altos setores políticos como o presidente da Câmara dos deputados, Carlos Luz, filiado à corrente mais conservadora do PSD. Após o acidente de Café Filho, quem assumiu a presidência foi justamente o presidente da Câmara.

No dia 10 de novembro Carlos Luz chamou Lott ao gabinete presidencial, não sem deixá-lo aguardando duas horas para ser atendido, o que em termos militares significava uma enorme falta de respeito pela autoridade militar. Ao recebê-lo, pronunciou-se contra a punição do coronel Mamede, o que levou Lott a pedir a exoneração do cargo. A atitude do ministro da Guerra era radical, e abria rapidamente espaço para a tentativa golpista que alguns tanto esperavam.

Deixar o cargo, porém, não significava abandonar o barco e contentar-se em vê-lo naufragar. Teixeira Lott recebeu o apoio de cerca de 30 generais dispostos a manterem a legalidade constitucional e garantir a posse de Kubistchek e Jango na capital federal. Entre eles estava o general Odílio Denys, que definiu o movimento como "contragolpe" em defesa da Constituição[863].

Realizando uma manobra militar de controle das principais regiões do país, Lott estabeleceu contato com o PSD, maior partido na Câmara e pediu que elegessem um civil para ocupar a presidência após a deposição forçada de Luz. Ficou decidido por votação que Nereu Ramos assumiria o lugar vago e governaria sobre estado de sítio. Soldados ocuparam o Arsenal da Marinha, o Campo dos Afonsos e os aeroportos do Rio de Janeiro, assim como estações de rádio e jornais.

O coronel Mamede, Carlos Luz, o ministro da justiça Prado Kelly, e Carlos Lacerda zarparam imediatamente da Baía de Guanabara rumo a Santos, visando estabelecer aí um governo provisório com apoio do governador do estado, Jânio Quadros.

O brigadeiro Eduardo Gomes, líder da insurreição, viajou para São Paulo a fim de encontrá-los. Enquanto o navio *Tamandaré* seguia rumo a Santos e Eduardo Gomes era escoltado pela Força Aérea, Jânio Quadros, por sua vez, pronunciou-se a favor da ordem legal, afundando de vez os planos dos fugitivos[864].

As lideranças golpistas não foram punidas neste momento, mas Carlos Lacerda preferiu pedir asilo político na embaixada do Peru e, em seguida de Cuba, embarcando

---

[863] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.*2011. p. 161.
[864] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 323-324.

enfim para os Estados Unidos. No dia 21 de novembro, Café Filho saiu do hospital e procurou reassumir a presidência da República, mas foi impedido pelo Exército e pela Câmara dos deputados.

Terminava, assim, a tentativa de rompimento constitucional. A atitude dos generais comandados por Lott, por outro lado, deu impulso às correntes de esquerda, tanto no PSD quanto no PTB, além da tendência nacionalista das Forças Armadas. Entre estes, alguns se associaram a sindicalistas, petebistas e comunistas, em torno da Frente de Novembro, organização unida em torno de ideais nacionalistas e democráticos e cujo presidente era João Goulart.

A partir de 1955, os trabalhistas investiram, portanto, na aproximação com os militares, conscientes de sua importância para qualquer reforma proposta por eles. Talvez ali já soubessem que estavam cooperando diretamente com uma crise na hierarquia das próprias Forças Armadas[865].

Rachel de Queiroz, pessoalmente contra a novembrada de Lott[866], manifestou-se de viés sobre o assunto nos jornais, talvez para não incorrer em outros anacronismos, já que a política amanhecia de um lado e anoitecia do lado oposto. "A tentação seria falar de política – mas como não há nada a dizer de política senão que este mundo está perdido, falemos em coisa diversa"[867], afirmou ela antes de iniciar uma longa crônica sobre a ocupação militar da Ilha do Governador durante a fuga do *Tamandaré* pela Baía de Guanabara. Mais um drible de Rachel de Queiroz para falar exatamente sobre a política.

Heranças políticas

O período do governo Kubitschek é de sutil mudança no pensamento político racheliano. Ao mesmo tempo em que se cansa e se queixa da permanência do que ela considera uma tradição getulista no poder, ao mesmo tempo em que proclama não ver saídas para a situação política brasileira, a autora cearense não deixa de defender publicamente a democracia.

Mesmo que em entrevistas dos anos 1990 ela comente os almoços com Café Filho, onde já se discutia a possibilidade de um golpe, ou que comente sua aproximação

---

[865] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.*2011. p. 164/165. É importante lembrar que Lott era anticomunista declarado, apesar de nacionalista e legalista.
[866] Ver a crônica QUEIROZ, Rachel de. O gênio engarrafado. *O Cruzeiro.* 03/03/1956, p. 122. AIMS.
[867] QUEIROZ, Rachel de. Os marcianos. *O Cruzeiro.* 03/12/1955, p. 130.

com políticos e militares radicais, Rachel publica nos anos 1950 diversas crônicas defendendo a "liberdade", a "escolha do povo" e a "democracia". Sua posição pessoal, divulgada publicamente pelo *O Cruzeiro,* era a de uma socialista apartidária[868], chegando alguns a definirem-na como "uma escritora lúcida que tem mantido posições trotskistas muito válidas diante do ambiente caótico das esquerdas brasileiras"[869]:

> Tudo o mais é tirania. E não pode haver [ilegível] de bem geral que justifique a tirania. Quando somos jovens e idealistas, atormentados com o sofrimento dos pequenos, pensamos (e eu fui uma que assim pensei) que uma revolução destinada a garantir os direitos da maioria espoliada contra a minoria espoliadora poderia chegar até o seu derramamentozinho de sangue a uma ditadura temporária. Mas com os anos, com a experiência, a gente se convence de que o caminho único para a liberdade é a própria liberdade. Que seria impossível chegar à fraternidade através da tirania. Quem derrama sangue semeia sangue, nada mais[870].

No entanto, para Rachel, a democracia não era sinônimo de República. Para ela, monarquias como a inglesa, a sueca, a dinamarquesa e a norueguesa eram mais democráticas do que as repúblicas latino-americanas, como por exemplo a de São Domingos, governada por Rafael Leónidas Trujillo (1891-1961): "o ideal de governo, segundo penso, é a sociedade sem classes, com distribuição igual de riquezas e oportunidades"[871].

Em maio de 1956, a famosa escritora enviou uma mensagem de solidariedade para ser lida na fundação da Ação Democrática, uma aliança, a princípio, independente dos partidos, mas que reunia entre seus membros, políticos do PSD e da UDN[872], e que tinha na diretoria provisória o amigo, Mário Pedrosa.

A Ação defendia neste momento uma "remodelação da democracia", além da "defesa das liberdades democráticas", reforma eleitoral, reforma do aparelho do Estado, reforma agrária, "defesa intransigente da Petrobrás", defesa da liberdade e da autonomia sindicais, combate à corrupção administrativa etc. Conclamavam a "todos os cidadãos" a se juntarem a eles no combate "à plutocracia que governa o Brasil desde 1937" [873].

Para Rachel de Queiroz, além deste, outro mal se anunciava nos anos 1950, um mal que só tendia a crescer a partir daí, eram os "pelegos", os sindicatos "mantidos à sombra do Ministério do Trabalho". A escritora percebe aí o crescimento exponencial que o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) vinha adquirindo principalmente através dos

---

[868] Ver QUEIROZ, Rachel de. Democracia. *O Cruzeiro.* 28/07/1956, p. 162. AIMS.
[869] A Beata Maria do Egito. *Diário de Notícias.* s/d. Hemeroteca Digital. AFBN.
[870] QUEIROZ, Rachel de. Matar. *O Cruzeiro.* 07/07/1956, p. 114. AABI.
[871] QUEIROZ, Rachel de. Democracia. *O Cruzeiro.* 28/07/1956, p. 162. AIMS.
[872] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 290.
[873] Nota. *Diário de Notícias.* 26/04/1956, p. 04. AFBN.

representantes gaúchos, o vice-presidente eleito João Goulart e seu cunhado, Leonel Brizola.

Nos anos 1990, tendo Brizola voltado a exercer a política após o fim da ditadura militar, Rachel assim o define: " o Brizola não é esquerdista coisíssima nenhuma. Ele é a revivescência do caudilho sul-americano. (...). O Brizola tenta ser o herdeiro de Getúlio Vargas. É autoritário e arcaico. Um dinossauro com a máscara do socialismo"[874].

Mesmo com a oposição se organizando também fora do Congresso, Juscelino Kubitschek assumiu a presidência ao lado de João Goulart em 31 de janeiro de 1956, após mais de um mês de estado de sítio. Pela experiência do governo Kubitschek, solidificou-se a ideia de desenvolvimentismo no Brasil, apesar de ter sido iniciada ainda no governo anterior. O período juscelinista foi por muito tempo definido como estável e mesmo próspero, onde a produção industrial cresceu 80% ao final dos cinco anos de governo, num índice de crescimento real de 7% ao ano[875].

Além disso, Juscelino foi quem incentivou verdadeiramente a existência de uma indústria automobilística no país. Em seu governo, construiu-se a hidrelétrica de Furnas, mais de 2 mil km de ferrovias, além de importantes estradas. No plano internacional, o governo foi marcado pela criação da Operação Pan-Americana, a OPA, uma espécie de Plano Marshall voltado para a América Latina. Mas, como procuram relativizar os pesquisadores, o mandato de Juscelino também enfrentou problemas como crises econômicas, insubordinações militares, e muitas críticas na imprensa[876].

No Congresso, o presidente tentou aliciar um e outro lado, procurando aproximar-se também da UDN para que suas propostas fossem aprovadas. Sem sucesso com a maioria, o presidente optou por um apoio de Centro, procurando isolar os udenistas radicais e os conservadores de seu próprio partido. Além disso, manteve Teixeira Lott e Odílio Denys na pasta da Guerra, de modo a assegurar o regime.

---

[874] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto, SP: Funpec Editora, 2002. p. 146.

[875] (Indústrias de aço, indústrias mecânicas, indústrias elétricas e de comunicação, indústrias de equipamentos e transportes, etc). In: SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 203.

[876] Ver: BENEVIDES, Maria Victoria. *O governo Kubitschek.* São Paulo: Paz e Terra. 1979. Duas das mais importantes foram as insubordinações de Jacareacanga - PA (1956) e Aragarças – GO (1957), levantes de pequena monta iniciados por militares da Aeronáutica que eram contrários ao governo de JK. Os responsáveis foram punidos rapidamente, mas logo anistiados. Ver: LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, CPDOC, 2002. Disponível em: < http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista117.pdf> Acesso em: 20/04/2012.

Para Maria Victoria Benevides, Kubitschek manteve um sistema estável do ponto de vista do jogo político, mas instável do ponto de vista institucional, pois o Programa de Metas[877], o apoio da aliança PSD/PTB, a mobilização pelo desenvolvimento e a cooptação dos militares – variáveis básicas para se entender o êxito do governo Kubitschek –, esgotaram sua eficácia logo no final do governo, contribuindo para a crise que veio em seguida e que culminou no golpe de 1964[878]:

> Eu nunca fui juscelinista. Eu nunca tive nem simpatia pelo Juscelino. Porque ele era "charmeur" profissional. Tanto que ele fez tudo... nesse tempo a minha coluna d' *O Cruzeiro* era influente, todo mundo lia, ele fez tudo para me seduzir para Brasília, não é, para eu ir ver Brasília. Botava o José Cândido... Eu digo que Brasília é uma cidade de proveta. Eu digo sempre que Brasília é fruto do encontro de dois gêmeos com um louco. Pois é. Mas então, ele me mandava o José Cândido dizer: Rachel, o presidente mandou dizer que está com um aviãozinho à sua disposição. Na hora que quiser, eu vou, te mostro Brasília. Ele quer que você veja Brasília. Você não pode falar de Brasília sem ir lá. Eu dizia: Não vou. - Mas por que você não vai? - Não vou. Um dia, ele me apertou: Por que você não vai? - Eu digo: Diga ao presidente que ele é um "charmeur" profissional, um encantador profissional. E eu não vou cair sob as garras dele, não. Não vou me deixar encantar por ele e sair falando bem de Brasília. Não vou. Não quero conhecer. Não vou, porque não quero correr esse risco. De forma que ele ficou muito lisonjeado por eu ter mandado dizer isso a ele, não é[879].

Relembrando este tempo, nota-se a posição radical assumida pela escritora cearense. Para ela, o presidente tinha se enganado de vocação, tinha nascido para o *show business* e, "em vez de o levarem a fugir com o primeiro mambembe que passasse em Diamantina", sua ambição o levou à política[880]. Em outra crônica, sugere que o presidente era a reencarnação de Maria Antonieta, rainha da França antes da Revolução: "cento e tantos anos depois que os malvados lhe cortaram a cabeça em praça pública (...) e mudou de mulher para homem e mudou de língua e mudou não só de pátria, mas até de continente, - e contudo não aprendeu nada"[881].

Era de tal modo importante afastar-se do presidente eleito que, em 1958, Kubitschek ofereceu uma recepção para os "intelectuais e artistas" na Universidade do Brasil e o nome de Rachel de Queiroz constou na lista dos presentes. Imediatamente, a escritora pediu que o *Diário de Notícias* publicasse uma nota desmentindo sua participação, afirmando que "a Rachel era outra", não ela[882]:

---

[877] O Programa de governo lançado por Kubitschek era flexível e procurava priorizar indústrias de base e de consumo, relegando a segundo plano, no entanto, áreas como a agricultura e a educação. FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 179.
[878] BENEVIDES, Maria Victoria. *O governo Kubitschek*: a esperança como fator de desenvolvimento. In: Gomes, Ângela de Casto. *Os anos JK.* Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. 1991. p. 18/19.
[879] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 55. APIL.
[880] QUEIROZ, Rachel de. Engano de vocação. *O Cruzeiro.* 01/09/1956, p. 122. AIMS.
[881] QUEIROZ, Rachel de. Maria Antonieta. *O Cruzeiro.* 18/12/1957, p. 146. AIMS.
[882] Rachel de Queiroz não era. *Diário de Notícias.* 30/01/1958, p. 04. AFBN.

> Política hoje é carne e sangue, vida e morte. Não podemos ter cordialidade para com o nosso adversário porque ele é, realmente, o nosso inimigo. Representa o contrário da nossa concepção de segurança, do nosso ideal democrático, representa, de fato, uma ameaça à nossa sobrevivência[883].

As intenções do presidente em torno de Rachel de Queiroz tinham fundamento. Já em campanha, Juscelino tinha anunciado o Plano de Metas, "cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo" cujo carro chefe seria a construção de Brasília, a nova capital federal, moderna, planejada, arrojada. Kubitschek encarnava neste projeto, na verdade, a realização de uma utopia nacional cuja origem vinha de longa data, desde pelo menos o século XVIII, além de ser um símbolo perfeito para um país que se queria a caminho da superação econômica[884].

Como afirma Thomas Skidmore: "[Brasília] conferiu ao resto do programa econômico de Juscelino, cujos detalhes continuavam desconhecidos da maior parte do grande público, um símbolo de reconhecimento imediato"[885]. Para isso, todo apoio possível por parte da grande imprensa era necessário.

O projeto de construção da capital federal abrigou três vertentes fundamentais: o nacionalismo, o nacional-desenvolvimentismo e o modernismo urbano-arquitetônico. Junto aos arquitetos e engenheiros responsáveis pela construção de Brasília, Juscelino aliou a estética modernista ao plano de divulgação de um governo dinâmico e progressista.

Deste modo, a *Novacap*[886], como passou a ser chamada, pode ser vista como o principal símbolo deste governo, como um grande monumento do final dos anos 1950 e da ideologia nacional-desenvolvimentista muito influenciada pelo modernismo anterior, não só brasileiro de forma geral, mas especificamente mineiro[887].

Mas a história de Brasília é mais longa. Foi ainda no governo do general Eurico Gaspar Dutra que, em 1946, se estabeleceu a Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil. E, em seguida, o segundo governo Vargas, em 1953, votou e sancionou a lei que autorizou o Poder Executivo a realizar os estudos definitivos

---

[883] QUEIROZ, Rachel de. Convivência de contrários. *O Cruzeiro.* 18/05/1957, p. 138. AIMS.

[884] Ver CEBALLOS, Viviane Gomes de. *"E a história se fez cidade..."*: a construção histórica e historiográfica de Brasília. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2005.

[885] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 206.

[886] *Novacap* foi, na verdade, o nome dado à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, que foi responsável pelo planejamento e pela execução dos serviços de localização, organização e construção da futura capital federal, a partir de 1956. No entanto, Rachel utiliza quase sempre esse título em referência à Brasília como um todo.

[887] BOMENY, Helena. Utopias de Cidade: As Capitais do Modernismo. In: GOMES, Ângela Maria de. (Org.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: FGV, 1991, v. , p. 144-161.

necessários à localização da nova capital no Planalto Central. Interessante destacar que o próprio Juscelino Kubitschek já participava, enquanto político, destas discussões desde, pelo menos, o governo Dutra.

Em relação à construção da nova capital, pensada pelos governantes, arquitetos e demais envolvidos, em termos de estrutura, economia, modernidade, eficácia, racionalidade; nas crônicas literárias, como as de Rachel de Queiroz, percebemos a dimensão social, sensível, microscópica desta mudança.

Ao mesmo tempo, a mudança da capital federal coincidia com a mudança pessoal da *Cova da Onça*, residência de Rachel de Queiroz na Ilha do Governador. Desde o final dos anos 1940, começara a obra que construiria a primeira ponte ligando a Ilha ao continente. Ela teve financiamento conjunto com a Aeronáutica e em 1956 estava sendo plenamente utilizada:

> A Ilha do Governador, devido às deficiências do transporte marítimo, ficou, até pouco tempo, a salvo da maré de crescimento da cidade. Sua imensa área, escassamente povoada, era uma espécie de "reserva de habitação" com que a cidade contava. (...). O *rush* para a Ilha, desde a ponte, tem sido evidentemente extraordinário. Creio que em nenhuma outra zona da cidade se constrói na proporção em que se está construindo aqui (...). Mas houve outra consequência da construção da ponte, que até chega a ser comovente: a zona norte, o subúrbio, os enjeitados da Leopoldina e da Central, passaram subitamente a dispor de uma zona balneária – a Ilha[888].

Depois de alguns anos a Ilha do Governador não era mais o recanto sertanejo de Rachel de Queiroz no Rio de Janeiro[889]. Com a cada vez maior afluência de cariocas e turistas para lá, a escritora cearense tornava-se ela mesma um dos pontos turísticos que todos queriam conhecer na Ilha:

> Quando a ponte se fixou... acabou com a intimidade da Ilha. Ficou um subúrbio da zona norte. Aos domingos era impossível, a gente tinha que fechar as portas todas. Uma vez, nós abrimos, parece que vieram 68 pessoas ou 70 pessoas bater na porta. Eu no *O Cruzeiro*, nesse tempo se lia muito mais revista, estava começando a televisão ainda, não é... Mas era um inferno. Um inferno. Nós tínhamos que fechar a casa toda e soltar os cachorros no quintal. Nós tínhamos 12, 14 cachorros. A gente adorava os cachorrinhos. Via nascer. Tinha muitos. Turista que ia visitar a Ilha, um dos pontos de turismo era eu. Era um inferno. E aí, eu fui azedando com a Ilha, por isso[890].

Nesta época, Maria Luiza já estava casada e morava no bairro do Flamengo, zona Sul da cidade. Quando engravidou do primeiro filho, Flávio, que Rachel considerava seu neto, começou a campanha para que a irmã saísse da Ilha e fosse para mais perto deles. Foi então que decidiram alugar a casa enorme da *Cova da Onça* e, com o dinheiro

---

[888] QUEIROZ, Rachel de. A Ilha em Polvorosa. *Diário de Notícias.* 18/04/1954. Suplemento Literário, p. 01. AIMS.
[889] QUEIROZ, Rachel de. Amor traído. *O Cruzeiro.* 23/06/1956, p. 114. AFBN.
[890] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 43. APIL.

que sobrara da herança materna, compraram um apartamento no bairro da Glória, começo da Zona Sul, perto do centro da cidade:

> Bem, em 56, quando Maria Luiza ficou grávida do Flávio, então, eu vim. Compramos um apartamento muito bom. Depois o local, a rua foi que se degradou muito. Onde tem a Casa da Suíça, aquele restaurante. A embaixada era lá, prédio de embaixada, tinha até elevador para automóvel. Ainda hoje tem lá. Nesse tempo a rua era boa[891].

Em 1956, *O Cruzeiro* alcançou o auge no número de tiragens: 700.000 exemplares eram computados. Mesmo por isso, era a mais importante revista a divulgar as realizações do governo federal, fosse para aplaudi-las, fosse para criticá-las. Chateaubriand, chefe maior do grupo dos *Diários Associados,* ao qual pertencia a revista, mantinha algumas relações com o governo de JK.

A simpatia por Juscelino começou quando Chateaubriand escapou de um acidente de avião. Ao fazer escala em Recife, o proprietário dos *Diários* acabou perdendo o voo que o levaria ao Rio de Janeiro e, por sorte, escapou de ser mais um entre os dezessete mortos no acidente aéreo da Panair em 17 de junho de 1953. O motivo de ter perdido o avião: uma acalorada discussão com o governador de Pernambuco sobre a possibilidade do apoio ou não à candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República.

Fora a coincidência, foi em 1957 que JK nomeou Assis Chateaubriand embaixador do Brasil na Inglaterra, um dos postos mais importantes da diplomacia brasileira. O laço entre os dois foi mesmo selado quando o dono dos *Diários* conseguiu um empréstimo de grande soma junto à Caixa Econômica Federal para quitar uma dívida com banco americano. O banco tinha apreendido importantes obras do Museu de Artes de São Paulo – a *menina dos olhos* de Chateaubriand, quando estas foram expostas nos EUA, como forma de hipoteca da dívida de Chatô. Pago o banco, resgatadas as obras, a dívida foi assumida pelo governo federal até pelo menos a década de 1970[892].

Apesar das relações entre o proprietário dos *Diários Associados* e o presidente Juscelino Kubitschek, nada garantia o apoio dos jornais e revistas de Chateaubriand à política do governo. Segundo Fernando Morais, Chatô garantia certa "liberdade" e autonomia a seus principais jornalistas e colaboradores. Assim foi, ao menos, com

---

[891] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 44. APIL.
[892] MORAIS, Fernando. *Chatô*: O Rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1994, p. 592.

Rachel de Queiroz, opositora ferrenha do governo JK[893]. Esta "liberdade" era uma estratégia constantemente aplicada por Chatô, usada provavelmente para manter seus veículos em equilíbrio com qualquer um dos lados em disputa, de modo a não perder benefícios ou consegui-los quando necessário.

Assim, como afirma Prado, num mesmo número de *O Cruzeiro,* por exemplo, poder-se-ia encontrar matérias totalmente a favor das políticas governamentais e outras altamente críticas, mostrando certa multiplicidade de opiniões no mesmo órgão[894]. No entanto, é importante lembrar o desenvolvimento da imprensa neste momento dos anos 1950.

Para o jornalismo brasileiro este foi o momento da modernidade das redações de jornal, com a introdução do *copy-desk* e de regras especiais para a escrita de textos jornalísticos, importadas dos Estados Unidos e de outros países. O primeiro exemplo foi dado pela reforma do *Diário Carioca*, seguida rapidamente pelo *Tribuna da Imprensa* e outros. Carlos Lacerda, assim como Pompeu de Souza, foram jornalistas fundamentais na implementação do moderno jornalismo, principalmente no que consta à transformação técnica e profissional.

Todo este processo de reformulação gráfica, editorial, linguística e empresarial foi acompanhado também de uma reformulação na própria concepção da função do jornalista e do repórter; começava a expandir então o ideal de "neutralidade" e "objetividade" jornalística tal como se desenvolvia em outros países[895]. Algo muito diferente da formação de Rachel de Queiroz nas cadeias combativas dos bacharéis do *O Ceará* e *O Povo* dos anos 1930, onde o bom jornalista era justamente aquele dono de opinião.

Neste sentido, os ideais e reformulações da imprensa, importados dos Estados Unidos e de países europeus se deparava aqui com uma historicidade muito diferente. No Brasil, por exemplo, a "liberdade de imprensa" era uma prática muito longe de ser aplicada tal como nestes países.

---

[893] Ver a crônica QUEIROZ, Rachel de. Lei. *O Cruzeiro.* 27/10/1956, p. 138. AIMS: "Nós aqui em *O Cruzeiro,* somos uma casa rigorosamente democrática. Cada um, quando escreve, diz o que pensa, a respeito de qualquer problema, sem interferência da direção da revista, que manter um nobre e exemplar respeito pela liberdade de pensamento".

[894] PRADO, Eugênio Pacceli Areias do. *Brasília*: construção modernizante da imagem do poder. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Humanas e naturais,) –, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2007. p. 122.

[895] BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 150.

Para Marialva Barbosa, esta é uma das razões para afirmar que a profissionalização no país se dá exatamente pelo vínculo estreito com a sociedade política em regimes de completa falta de liberdade de imprensa. Como estratégia, o jornal constrói-se simbolicamente como o único intermediário possível entre o público e o poder político[896].

***

Entre aqueles que criaram maior resistência à mudança da capital, está com certeza, a própria cidade do Rio de Janeiro. Enquanto o apoio da população do país em geral aumentou de 21% em janeiro de 1958 para 74% em janeiro de 1960, segundo pesquisa do IBOPE à época,[897] o Rio de Janeiro ainda mantinha em 1959 o pólo de resistência, onde 48% dos entrevistados acreditavam que a mudança deveria ocorrer de forma mais gradual e não tão rápida como o previsto[898].

Como destaca Vera e Miguel Chaia[899], acredita-se hoje que outro forte motivo para a pressa com que Kubitschek realizou a mudança da capital teria relação direta com a percepção da fragilidade do governo, estando ele localizado na cidade do Rio de Janeiro, devido às constantes crises políticas provocadas por militares, partidos políticos oposicionistas e grupos organizados.

As respostas dadas por políticos da época à revista *O Cruzeiro* em março de 1959 refletem bem as tensões entre as diversas opiniões acerca da mudança da capital:

> - Adauto Lúcio Cardoso (UDN): "Brasília é um monumento do desatino de JK".
> - Mario Martins (UDN): "Apelo para que JK não fuja para a Europa. Que ele fique em Brasília, sofrendo conosco".
> - Meneses Côrtes (UDN): "É pena que a mudança tenha sido simbólica. Aguardo o inquérito contra a NOVACAP".
> - João Agripino (UDN): "Brasília custa a fome e a miséria dos humildes, vítimas da inflação".
> - José Bonifácio (UDN): "A câmara não está funcionando bem. Dos seus 700 funcionários, só 200 podem ser instalados debaixo das cuias de Niemeyer. E os anexos não estão prontos".
> - Nélson Carneiro (PSD): "Brasília é um estímulo ao interior, que não pode continuar como penitenciária agrícola".
> - Etelvino Lins (PSD): "Brasília livrou os brasileiros de um complexo de inferioridade".
> - San Tiago Dantas (PTB): "A rotina, a esterilidade, a protelação estão em cheque com o que já se sente ser o espírito de Brasília".

---

[896] BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* p. 163.
[897] Pesquisa feita pelo IBOPE em grandes centros urbanos como, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte, Santos, Campinas e Fortaleza: a primeira em janeiro, a segunda em dezembro de 1958 e a terceira em março de 1960, próxima da inauguração da nova capital. PRADO, Eugênio. *Op. Cit.* p. 86.
[898] PRADO, Eugênio P. A. *Op. Cit.* p. 134.
[899] CHAIA, Vera & CHAIA, Miguel. A dimensão política de Brasília. *Cadernos Metrópole.* N. 20, 2º. Sem., 2008, p. 165-178. p. 171.

> - Armando Carneiro (PSD): "Com toda falta de conforto, Brasília merece o melhor sentimento de brasilidade".
> - Adalberto Vale (PSD): "Brasília é um poema de cimento, além de ser a segunda etapa do descobrimento do Brasil"[900].

Fica evidente o apoio dos políticos do PTB e PSD e a opinião contrária centrada no argumento dos políticos da UDN. Ao mesmo tempo, ao revelar ambos os lados, a revista mantinha-se no ponto de equilíbrio em relação a um governo cada vez mais popular, como foi o de JK. Torna-se necessário, no entanto, destacar que a popularidade do governo Juscelino se dava principalmente pela propaganda referente à construção de Brasília e o discurso desenvolvimentista, mas o tipo de nacionalismo juscelinista estava mais baseado na elite empresarial e administrativa do país e não num movimento de massa[901].

Rachel de Queiroz, apesar de não ser filiada a nenhuma sigla partidária, manteve-se declaradamente ao lado da oposição. No entanto, os argumentos da escritora cearense não iam somente de encontro a Brasília, falavam também do Rio de Janeiro. Foi através da discussão sobre a mudança da capital, que Rachel mais produziu crônicas sobre a cidade em que morava, criticando e elogiando-a, compadecendo-se e amaldiçoando. Para ela, o Rio era um microcosmo dos problemas enfrentados em todo o país.

Na crônica *Favela*, por exemplo, publicada ainda em maio de 1949 no *O Cruzeiro*, a escritora cearense faz uma análise da origem da palavra e de como ela passou de nome de morro a nome de canção e, em seguida, ao nome das habitações dos mais pobres e marginalizados.

Depois de constatar o aumento constante do número de favelas no Rio de Janeiro, perdendo cada vez mais sua conotação boêmia e poética, a questão da habitação tornara-se um dos principais problemas a serem resolvidos pelos governantes. Para solucioná-lo, de acordo com a escritora cearense:

> ...o remédio não há de ser apenas construir casas. Há causas mais profundas, produzindo essas ondas misteriosas de gente na miséria, que invade as cidades grandes. Eu sugeriria que dessem trabalho e trato a esse povo, não aqui, mas no interior de onde eles vêm. Com o trabalho, saúde, comida e algum dinheirinho, deixasse estar que eles faziam as próprias casas como sempre fizeram. (...). Mas o Brasil é tão grande e tão pobre que o governo desanima. Prefere levantar umas casinhas, inaugurá-las com banda de música e se trancar no gabinete discutindo o nome do sucessor, esporte mais divertido que decifrar palavras cruzadas[902].

---

[900] *Apud.* PRADO, Eugênio, *Op. Cit.* p. 136.
[901] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 208.
[902] QUEIROZ, Rachel de. Favela. *O Cruzeiro.* 05/11/1949, p. 14. AIMS.

Mestre na utilização da ironia, Rachel de Queiroz fez dela sua principal arma de crítica social nas crônicas que escreveu para *O Cruzeiro.* Como o "combinado" era não falar sobre política, a autora fez política de uma forma diferente: denunciando o cotidiano dos problemas sociais do lugar em que habitava e conhecia, e consequentemente, dos problemas sociais do país: "O que acontece em São Paulo – e lá acontecem coisas da maior importância – não repercute no resto do Brasil. Mas o que o Rio faz é, em escala maior ou menor, o que todo o Brasil faz. Até mesmo as suas loucuras passageiras, certas paixões inexplicáveis, o resto do país acompanha"[903].

De imagem idealizada e promessa de esperança, como era até então retratado em seus romances, o Rio de Janeiro passou, na voz de Rachel de Queiroz, a expressar as ambiguidades da cidade grande, idílica na tristeza de seus pobres, triste na soberba de seus ricos:

> É a mágica da cidade, que não se sabe direito onde é que opera. A de Paris, dizem que está no ar. Mas aqui no Rio onde é que estará? No ar não creio, que não é leve, nem seco de champanha, nem sofisticado como o parisiense. Talvez venha da terra, da areia da praia, talvez desça dos morros (...). Extravasa pelos sambas, anima as expansões dos namorados, tão ardentes e tão inumeráveis de vez em quando é preciso armar uma cruzada policial para conter os limites. (...). Está um pouco nos negros, sim está decerto muito nos negros. Eles que têm essa alegria e essa tristeza inocentes e espontâneas, base de toda paixão humana. Está na lenda dos malandros, Zé da Ilha e Carne seca; aqui trata-se tudo levianamente, assunto de vida e assunto de morte, cadeia e navalha, religião e política. Vai-se pela simpatia, por uma palavra, por uma risada, por um dito[904].

Era esta amada e criticada cidade que perderia sua coroa em 1960. Utilizando todo seu tom sarcástico, Rachel de Queiroz escreveu uma divertida crônica acerca da transferência da capital. A crônica chamava-se "Capital Nova, Brasil Novo", de dezesseis de abril de 1955:

> Pelos meus cálculos, com a mudança da capital irá embora daqui pelo menos um milhão de pessoas. Pensem que delícia – um milhão de gente abrindo vaga no Rio! E logo um milhão escolhido, o milhão que ocupa os melhores lugares, um milhão de privilegiados, um milhão de "você sabe com quem está falando?" (...). Creio que não há nenhum outro assunto a respeito do qual se note tal unanimidade de concordância no coração dos brasileiros: a mudança da capital. Muito difícil é encontrar argumentos para discordar. Sim, desta cidade balneária, desta cidade de prazer, (...) desta cidade de turismo, tirar a capital administrativa e os serviços oficiais. Arrancar de junto às tentações do Rio a gente que tem obrigação de trabalhar e que, entre o divertimento e o transporte, sobra-lhe tão pouco tempo para dedicar ao bem público[905].

Ironizando o apoio à transferência da capital, Rachel aproveitou a crônica para ironizar também o comportamento dos políticos que, em meio ao deserto que ainda era

---

[903] QUEIROZ, Rachel de. O Rio. *O Cruzeiro.* 10/08/1963, p. 130. AIMS.
[904] QUEIROZ, Rachel de. Pobreza da Cidade. *O Cruzeiro.*17/11/1951, p. 138. AIMS.
[905] QUEIROZ, Rachel de. Capital nova, Brasil novo. *O Cruzeiro.* 16/04/1955, p. 114. AIMS.

Brasília em 1955, não teriam desculpas para não trabalhar, como poderiam ter, estando na cidade maravilhosa.

Mas o objetivo principal das críticas a Brasília não se dirigia exclusivamente à capital ou ao sonho de avançar pelo interior do país. Na verdade, a grande obra de Kubitschek era julgada por conta da crise econômica e política na qual o país emergiu já ao fim do governo:

> Enquanto isso (enquanto a crise se instaura), o Governo Federal faz como a Rainha Dona Carlota Joaquina e parte para Brasília, batendo o pó dos sapatos e dizendo que do Rio só quer a distância e as poucas lembranças. Também, no estado em que fica a nossa velha cidade, é natural que o hóspede ingrato corra em procura de pouso mais ameno. Há por tudo um ar de ruína. O aterro da Glória largado a meio, coberto de mato e lama. O morro de Santo Antônio, como bolo em fim de festa meio em pé meio devorado. O esquema da Perimetral, também largado, assombrando a zona do cais do porto, feito uma imensa ossada de serpente antediluviana. O Túnel Catumbi – Laranjeiras ainda tem algum futuro; pode ser alugado como cenário de mina abandonada, para filme de faroeste, (...).
> Isso tudo dito friamente, sem exageros. Os três milhões de habitantes da Cidade que não me deixem mentir. Se engano há, é a menos, não a mais, neste rosário de males.
> Pergunta-se agora: qual será o destino do Rio, depois da mudança? Fala-se em intervenção, possivelmente militar. Tinha que ser. Depois da batalha, os soldados ocupam a terra arrasada. E pouca cidade sai de uma guerra mais malferida que a nossa[906].

Brasília, nesta guerra de gigantes, tornou-se o argumento ambíguo para a aprovação por parte dos *pró*-governo ou para a reprovação por parte da oposição. Carlos Lacerda, carioca de carteirinha, apostava na incapacidade de Kubitschek para realizar obra de tamanha envergadura. Ao ser questionado sobre a mudança da capital, em 1956, afirmou: "Vai (mudar) nada. Juscelino não é de nada. Isso aí vai é desmoralizá-lo, porque ele não dará conta"[907].

Para Rachel de Queiroz, a construção de Brasília simbolizava a modernidade para a qual se lançava um governo que ela não apoiava. De certo modo, a autora cearense enxergava no Rio de Janeiro a representação de toda uma tradição que ela acreditava importante e via a ação de Juscelino como um abandono da *Velhacap.* Ao longo dos anos seguintes à inauguração de Brasília, esse abandono será visto como a causa dos males da cidade:

> Alguien ha dicho que ser carioca, ante todo, es um estado de espíritu independiente de la circunstancia del nacimiento.
> Eso era em los buenos tiempos de la vieja capital, quando la condición de carioca era uma de las bienaventuranzas brasileñas, el ideal de todos los provincianos.

---

[906] QUEIROZ, Rachel de. Crise. *O Cruzeiro.* 30/04/1960, p. 118. AIMS.
[907] COUTO, Ronaldo Costa. A saga da construção. In: Brasília 50 anos: o nascimento de uma nação. Revista *Veja*. Editora Abril: São Paulo, Nov. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/brasilia/saga-construcao-p-102.html> Acesso em 10/03/2012.

> Después, llegó el hombre de Diamantina (Kubitschek) y su sistemático sabotaje a la ciudad que, hace más de 300 años, había comenzado a ser como el corazón de Brasil. Aquél fue dejando que la ciudad se destruyera, se convertiera em ruínas y se justificase el título despectivo de Velhacap (Viejacapital) que le dieron los mudancistas. (...). Y fascinado com la idea de construir Brasília, abandono a su suerte a la ciudad de Rio de Janeiro, que por milagro no se arruíno irremediablemente[908].

Trinta anos depois, Rachel de Queiroz, apesar de ceder à beleza de Brasília, não deixa de comentar as consequências definitivas da transferência da capital, numa opinião próxima à que tinha antes:

> O Juscelino ficava querendo me converter, insistindo pra eu somar com o grupo que estava falando bem de Brasília, aquela coisa toda. Primeiro, porque eu achava melhor a capital do Brasil no Rio de Janeiro. O Juscelino era um homem que sabia fazer marketing, além, é claro, de persistir nos seus objetivos. Minha crítica a Brasília não era nem sob o aspecto estético em si. Sou amiga do Niemayer e sei o quanto ele se empenhou no projeto. Ele e o Lúcio Costa sempre foram muito criativos. O problema é que no Rio de Janeiro há o povo, as belezas naturais, a dinâmica da cidade, a história, enfim, todos esses ingredientes que faltam a Brasília. E depois: Brasília acabou virando o centro do nosso provincianismo. Estão todos lá, incrustados no Congresso. Aquela horda de provincianos chegaram lá e começaram a se sentir reis, agindo muitas vezes, como bárbaros primitivos, arraigados às picuinhas e interesses imediatistas e locais[909].

***

Ainda durante o governo Kubitschek, Rachel publicou sua segunda peça de teatro, *A beata Maria do Egito.* Os originais foram entregues à José Olympio em março de 1957[910], mas publicados somente em 1958: "Gostaria de escrever uma tragédia, mas o fôlego não dá para tanto. Fico no draminha de três atos, uma história de misticismo e de amor". Em 1939, *As Três Marias* foi dedicado a Manuel Bandeira. Em 1958, a peça *A beata Maria do Egito* inspirava-se em poema seu:

Balada de Santa Maria Egipcíaca

Santa Maria Egipcíaca seguia
Em peregrinação à terra do Senhor.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir...

Santa Maria Egipciaca chegou
À beira de um grande rio.
Era tão longe a outra margem!
E estava junto à ribanceira,
Num barco,
Um homem de olhar duro.

Santa Maria Egipcíaca rogou:

---

908 QUEIROZ, Rachel de. Rio de Janeiro. *O Cruzeiro Internacional.* s/d. Recortes de crônica. AIMS.
909 NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 223.
910 JARDIM, Luís. Rachel de Queiroz. *Diário de Notícias.* 27/03/1957, p. 02 da segunda seção. AFBN.

- Leva-me ao outro lado.
Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.

O homem duro fitou-a sem dó.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

- Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.
Leva-me ao outro lado.

O homem duro escarneceu: - Não tens dinheiro,
Mulher, mas tens teu corpo. Dá-me teu corpo e vou levar-te.

E fez um gesto. E a santa sorriu,
Na graça divina, ao gesto que ele fez.

Santa Maria Egipcíaca despiu
O manto, e entregou ao barqueiro
a santidade da sua nudez[911].

Apesar de alguns elogios públicos que recebeu - como recebera da peça *Lampião*, faltava a Rachel uma proximidade com o teatro e muitas críticas também surgiram em relação à peça[912]. Nelson Rodrigues, um dos seus amigos e o mais conhecido dramaturgo brasileiro do momento lhe dizia: "vai viver na coxia do teatro, acompanhar as encenações, os ensaios, para conhecer de perto a realidade do palco, senão a peça não chega ao efeito desejado". Rachel se convenceu de que a recomendação era justa. Mas ao invés de segui-la, abandonou a dramaturgia[913].

No mesmo ano de 1957, antes de partir para suas férias no Ceará, a autora ainda entregou os originais da segunda coletânea de crônicas depois de quase dez anos sem editá-las: era *O jogador de Snooker e 95 crônicas escolhidas*[914], publicada em agosto de 1958 como *Cem crônicas escolhidas*. E ainda no mesmo ano, a escritora fez sua estreia na televisão, escrevendo *o padrezinho santo*, peça a ser representada no *Teatro Wallita*, TV-Canal 6[915].

---

[911] *Apud.* BANDEIRA, Manuel. In: QUEIROZ, Rachel de. A beata Maria do Egito. *Obra Reunida Vol. 5.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. IX.
[912] A peça foi representada em outubro de 1959 no Teatro Nacional de Comédia pela companhia do Serviço Nacional de Teatro, tendo Glauce Rocha no papel principal. Ver *Última Hora.* 09/09/1960, p. 03. Também ganhou o Prêmio Municipal de Teatro de 1959. Ver: Prêmios Municipais de Teatro. *Correio da Manhã.* 06/01/1960, p. 03 do segundo caderno. Para críticas ver Editorial – Premiação da Prefeitura. *Diário de notícias.* 18/01/1960, p. 50.
[913] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 174. Apesar disso, Rachel continuou escrevendo roteiros para a televisão.
[914] JARDIM, Luís. Rachel de Queiroz. *Diário de Notícias.* 26/04/1957, p. 02 da segunda seção. AFBN.
[915] Rádio. *Diário de Notícias.* 08/03/1958, p. 08. AFBN. O Ano de 1957 marca também a morte do grande amigo, José Lins do Rego, menos de dois anos após ter sido eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Com tantas publicações novas nas livrarias e nas novas mídias, além de inúmeros prefácios, roteiros e outros textos inclassificáveis, o ano de 1958 ficou marcado, no entanto, pelo prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras à escritora cearense. Lá, Rachel de Queiroz foi saudada por Austregésilo de Ataíde, que lhe entregou o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra:

> Pois, se bem conheço que não sou um escritor, no sentido alevantado que tem essa palavra; se não posso aspirar a fazer parte dessa elite que se chama a *inteligentzia*; se não sou sequer, integralmente, um intelectual, e apenas uma mulher que vive para escrever; penso contudo que, nesta profissão que é a nossa, desempenho como posso o papel de artesão diligente. Não me premiam pelos talentos que não tenho, mas pelos trinta anos dedicados a este fiel artesanato, pelo amor humilde a um grande ofício[916].

Além dos vinte e seis anos de carreira e do pioneirismo no romance modernista, não há como negar a participação de Rachel de Queiroz na renovação do teatro nos anos 1950, ao lado de Nelson Rodrigues e outros[917]. No século XX, também não há como negar a contribuição da escritora cearense, assim como a de Rubem Braga, à elevação da crônica enquanto objeto de estudo literário, décadas depois.

Para comemorar o prêmio, as escritoras Eneida de Moraes, Lúcia Benedetti e Dinah Silveira de Queiroz fizeram uma grande homenagem a Rachel no dia 28 de junho, numa churrascaria da Rua Marquês de Abrantes, Flamengo, em evento aberto ao público[918]. A vez de Manuel Bandeira e Aurélio Buarque de Holanda homenagearem a escritora foi no dia 03 de julho, desta vez numa churrascaria da rua República do Peru. Em meados de julho o casal Gondim de Oliveira fez um jantar para ela, convidando os vários acadêmicos que estiveram presentes na entrega do prêmio; neste jantar, Maria Luiza compareceu e confirmou ter decidido largar uma "carreira literária promissora" para dar mais um "neto" a Rachel de Queiroz.

No ano de 1958, a popularidade da cearense estava em alta. Nos jornais em que seu nome aparecia, lia-se volta e meia a frase: "quem não ama Rachel?". Para se ter uma ideia de sua popularidade, pesquisamos referências a ela em todos os periódicos disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional entre 1930 e 1964. Nesta lista

---

[916] Concursos Literários de 1958. *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 1958. p. 123-124. AABL.

[917] O trio Nelson Rodrigues (autor), Tomás Santa Rosa (cenógrafo) e o polonês Zbignew Ziembinski (diretor) é considerado pioneiro do teatro moderno brasileiro. O encontro de ambos começou nos anos 1940 e interessa à história de Rachel de Queiroz porque o fato da autora escolher escrever peças de teatro nos anos 1950 dialoga com o próprio incentivo ao teatro nacional desde a década anterior. Para uma discussão sobre este contexto teatral da época, ver: PONTES, Heloisa. *Intérpretes da metrópole*, São Paulo: Edusp, 2010. Cap.03.

[918] MORAIS, Eneida de. Encontro matinal. *Diário de Notícias.* 22/06/1958, p. 01 da quarta seção. AFBN.

incluem-se os jornais de maior poder de difusão no Rio de Janeiro da época, como *O Jornal, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Última Hora* e o *Diário Carioca,* além do *Diário da Noite* e do *Jornal do Brasil*[919].

Foi, neste sentido, computado um total de 2493[920] notícias e/ou colunas assinadas pela autora. Destas, 42% encontram-se somente na década de 1950, demonstrando o auge de sua figura pública em relação ao período anterior. Da mesma forma, pouquíssimos são os momentos em que alguma crítica foi feita a Rachel de Queiroz. São tão poucas que todas as encontradas foram citadas nesta tese, seja no corpo do texto ou em notas de rodapé, e, em geral, restringiam-se a críticas literárias.

Logicamente, este dado demonstra três coisas importantes: o respeito e reconhecimento da figura pública de Rachel de Queiroz; a afinidade política existente entre a maior parte dos periódicos citados e a própria autora; e o fato de Rachel de Queiroz pertencer ao espaço de sociabilidade mais importante da imprensa da época, escrevendo para os periódicos e sendo amiga ou ao menos reconhecida por grande parte dos jornalistas, escritores e donos de jornal.

***

Desde que terminou as obras no *Não me deixes,* Rachel e Oyama optaram por passar cada vez mais tempo longe do Rio de Janeiro. A ausência se dava normalmente na época das colheitas, de maio a junho, mas dependendo de como o "inverno" (que, normalmente, significava chuva) se comportava a cada ano, assim variava também a ida de Rachel de Queiroz ao Ceará. Em 1955, 56, 57 e 58 o período fora da cidade variou de um a quatro meses. Em 1959, dois meses, e em pouco tempo seria a metade de um ano inteiro. Rachel escreve a José Olympio em 59:

> Meu caro Compadre... Estou realizando o milagre de me isolar completamente do mundo. Nestes 50 dias só vi dois jornais (e velhos) nem uma revista e não trouxe rádio. Já me esqueci até do Lott!

---

[919] A lista dos periódicos mais importantes do Rio de Janeiro nos anos 1950 foi consultada em BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 154: "*Última Hora,* criada por Samuel Wainer em 1951, *Tribuna da Imprensa,* fundada por Carlos Lacerda em 1949, *A luta democrática* e *O Dia,* ambos de 1954. Três desses diários estão em circulação há mais de cinquenta anos: o *Jornal do Brasil,* criado em 1891, *A Notícia,* fundada em 1894 e o *Correio da manhã,* em 1901. Os outros surgiram nas décadas de 1920/1930: *O Jornal,* fundado em 1919 e adquirido por Assis Chateaubriand em 1925; *O Globo,* de 1925; o *Diário Carioca,* de 1928 e o *Diário de Notícias,* de 1930".

[920] Mais especificamente: 350 entre 1930-1939, 593 entre 1940-1949, 1050 entre 1950-1959 e 500 entre 1960-1969.

> Disso é que vocês precisavam. Em vez de fazer casa em Cabo Frio, compre uma fazenda velha no Ceará![921]

A fazenda em Quixadá era um microcosmo do paraíso que Rachel tentara estabelecer desde jovem, fosse no sítio do Pici com a família, fosse no apartamento isolado da Rua das Laranjeiras ou no sítio da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. O *Não me deixes* tornou-se o espaço não só da geração de uma economia familiar, mas simbolicamente oferecia proteção. Lá, buscou guarita longe da cidade grande, isolamento reflexivo, uma volta à memória familiar, paz pessoal e também abrigo nos momentos de maior confusão política.

Para lá, Rachel de Queiroz parecia fugir ou se refugiar - palavras de mesma origem. As crônicas escritas no período em que estava no sertão falavam quase sempre dele, histórias de fazendeiros, de caboclos, as secas, os boatos da vizinhança. Era o relato de um mundo paralelo, quase parado no tempo, e que consolidou Rachel de Queiroz como escritora regionalista por excelência, ajudando a apagar outras dimensões de sua obra.

Por outro lado, o isolamento geográfico não significava a falta de interesse pelo contexto nacional e mesmo internacional. Se um movimento de isolamento físico garantia a Rachel um espaço protegido e único, a autora nunca deixou de conectar na escrita as três dimensões da política.

Nos anos 1950, a Guerra de Suez, o governo salazarista e o franquista, a vitória da guerrilha de Fidel Castro em Cuba[922] e, principalmente, a dinâmica política da vizinha Argentina em relação ao peronismo eram motivos a mais para a autora cearense repensar a própria política brasileira.

Como afirma Jean-François Sirinelli, a história política tem que estar atenta ao constante diálogo entre a *àgora* – o espaço de discussão dos políticos por excelência (Congresso, Senado, etc), a *Cité*, espaço de convívio social (as ruas, a opinião pública, os eventos, manifestações etc) e o *mundo*. Esta era uma relação claramente estabelecida

---

[921] Correspondência a José Olympio. 03/06/1959. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18.

[922] Sobre estes temas ao longo do governo Juscelino, ver: QUEIROZ, Rachel de. Matar. *O Cruzeiro.* 07/07/1956, p. 114; QUEIROZ, Rachel de. Estrela guia. *O Cruzeiro.* 22/12/1956, p. 162; QUEIROZ, Rachel de. Paz e Amor em Portugal. *O Cruzeiro.* 31/08/1957, p. 130; QUEIROZ, Rachel de. Meditações de janeiro. *O Cruzeiro.* 14/02/1959, p. 114; QUEIROZ, Rachel de.A hora do povo em Cuba. *A Cigarra.* Abr./1959, p. 92; QUEIROZ, Rachel de. Um mundo novo. *O Cruzeiro.* 18/04/1959, p. 118; QUEIROZ, Rachel de. Notícias. *O Cruzeiro.* 01/04/1961, p. 130

pelo conjunto das crônicas rachelianas[923]. A análise que a escritora cearense fez dessas escalas políticas deu tempero especial a seu pensamento.

Em crônica de novembro de 1955, a escritora cearense forneceu um panorama de sua geração, encadeando fatos e argumentos que ajudavam a explicar e dar lógica à sua posição política mais atual: começava com o assassinato de Sacco & Vanzetti, seguia-se a nomeação de Hitler como chanceler alemão, a guerra civil espanhola que levou Franco ao poder, a guerra da Abissínia que fez emergir Mussolini no contexto mundial, a da Segunda Guerra Mundial, depois os kamikazes e a bomba atômica, em seguida a eleição de Dutra e os anos incertos de seu governo, a eleição de Getúlio Vargas e a "vigília" constante, o 24 de agosto: "com a tragédia, poder-se-ia esperar que as coisas parassem. Afinal era um clímax. Mas quem disse que paravam? O que fez foi sair pra outra: tensão, eleição, tensão – eleição, apuração – crise"[924]. Era um encadeamento perfeito para que o eleitor entendesse aquela personagem, aquela Rachel de Queiroz política, que trazia para ele crônicas cada vez mais tensas e pessimistas.

Em outra direção, a defesa que a escritora fez das lutas anti-coloniais na África em várias de suas crônicas serviam para falar da liberdade, esta palavra tão repetida, necessária a qualquer povo[925].

Sua posição contrária ao salazarismo, ao franquismo, à URSS, sua saudação ao fim da ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba e a condenação ao peronismo na Argentina, por exemplo, forneciam-lhe argumentos para continuar a criticar o continuísmo varguista que ela identificava aos substantivos "ditadura", "fascismo", "censura". Isto, mesmo que João Goulart tentasse de todas as maneiras desmentir sua proximidade com os comunistas[926].

Quando Perón perdeu as eleições em 1957, Rachel se regozijou com os vizinhos argentinos: "grande gente esses argentinos. Quando a gente pensava que Perón e os peronistas os haviam hipnotizado, paralisado, envenenado para sempre, eles derrubam Perón"[927]. Já os brasileiros: "com exatamente doze anos da queda formal da nossa ditadura, continuamos no mesmo chove-não-molha: os mesmos homens, as mesmas

---

[923] Ver SIRINELLI, Jean-François. *Désenclaver l'histoire: nouveaux regards sur le XXe siècle français.* Paris : CNRS Éditions, 2013. A ser publicado em breve em português pela editora da UFMG.
[924] QUEIROZ, Rachel de. A Vigília Cívica. *O Cruzeiro.* 19/11/1955, p. 138. AIMS.
[925] QUEIROZ, Rachel de. Remate do ano. *O Cruzeiro.* 12/11/1955, p. 130. AIMS.
[926] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 210/211. Jango deu várias declarações públicas neste sentido, fosse ao visitar os Estados Unidos em 1956, ou em discurso no Congresso por conta das eleições de 1958. Para ele era importante afastar-se da ideia de comunismo da acusação de república sindicalista à la Perón.
[927] QUEIROZ, Rachel de. Feliz Eleição. *O Cruzeiro.* 17/08/1957, p. 130. AFBN.

caras, os mesmos discursos e – pior que tudo –os mesmos processos e métodos políticos”[928].

Ainda neste jogo de escalas, a escritora cearense não deixou de comentar a seca no Nordeste, a falta de escolas primárias no país, o desvio de dinheiro público pela prefeitura da capital, repressão policial, mutilações ocorridas por fogos de artifício na cidade, escolas que interditavam negros de serem matriculados, leis de proteção aos animais, iniciativas caridosas de D. Helder Câmara nas favelas da capital, a campanha pelo voto do analfabeto[929] e, principalmente, a censura que o governo aplicava à imprensa de oposição.

Neste quesito, Rachel escreveu a crônica *Caça às feiticeiras*, onde afirmava que o governo Juscelino utilizava-se do pretexto de caça aos comunistas – aliás, inspirado no macartismo americano - para instalar a censura e a perseguição policial. Para Rachel, o governo se utilizava de um jogo de palavras: dizendo perseguir comunistas, calava a oposição, que em sua grande maioria estava longe de ser comunista[930].

A indignação da autora foi tanta que transbordou em sua primeira atitude pública de desafio à democracia brasileira: “... me dirijo para lhes comunicar uma resolução que vem de meses e que eu ainda não publicara por achá-la grave”. Em outubro daquele ano de 1958, momento das eleições parlamentares: “NÃO RENOVEI O MEU TÍTULO DE ELEITOR E NÃO PRETENDO VOTAR”, afirmou a autora em letras garrafais e, pior, aconselhou seus leitores a fazerem o mesmo[931]. O motivo para ela era óbvio: a oposição era impedida de realizar sua propaganda política, da mesma forma que acontecia no regime salazarista português e da mesma maneira que teria sido feito na época da ditadura no Brasil.

Sem saber o impacto específico desta crônica racheliana que, no momento, dialogava com vários outros discursos políticos na mídia e no próprio parlamento, o fato

---

[928] QUEIROZ, Rachel de. Feliz Eleição. *O Cruzeiro.* 17/08/1957, p. 130. AFBN.

[929] QUEIROZ, Rachel de. Analfabetos. *O Cruzeiro.* 14/09/1957, p. 130. AIMS: “o homem, seja iletrado ou não, tem sede de conhecimento, e uma constante curiosidade pelo mundo e os seus fenômenos; assim, aqueles que não aprenderam a ler colhem a sua cultura de ouvido...”.

[930] QUEIROZ, Rachel de. Caça às feiticeiras. *O Cruzeiro*. 26/04/1958, p. 130. AIMS. A “censura” e perseguição policial se deu de diversas formas, principalmente contra a mídia de oposição (ainda que não só com ela) e não somente durante as eleições. O jornal *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, por exemplo, sofreu intervenção estatal em 1956, sendo apreendida toda uma edição do jornal que acusava JK de compactuar com os comunistas. No mesmo ano, o *Jornal do Brasil* publicara uma fotografia “maldosa” do presidente e de Foster Dulles, secretário de assuntos estrangeiros dos EUA. Como retaliação, João Goulart sustou um processo de concessão de canal de televisão ao *JB*. Ver BOJUNGA, Cláudio. *Op. Cit.* p. 677.

[931] QUEIROZ, Rachel de. Objeção de consciência. *O Cruzeiro*. 12/07/1958, p. 130. AFBN.

é que dois meses depois, o poder Judiciário mandou suspender a censura radiofônica nos dias próximos às eleições:

> Minha avó contava este caso: certa vez uma mulher levantou um falso testemunho contra outra. Arrependida depois, foi se confessar; e o padre lhe passou de penitência matar uma galinha e sair pelas ruas da cidade depenando a ave e atirando as penas em todas as direções. E quando a mulher, concluída a tarefa, compareceu de novo ao confessionário, o padre ordenou: "agora volte pelas mesmas ruas e vá apanhar as penas que você espalhou". A penitente assustou-se: "Mas seu padre, é impossível! O vento espalhou as penas de tal jeito que não vou encontrar nem uma!" E aí o padre chegou à moral da história: "Pois, minha filha, impossível também é reparar o mal que você espalhou com a sua língua imprudente"[932].

Foi desta maneira que Rachel de Queiroz justificou seu arrependimento por ter incitado seus leitores a não votarem: "verdade que eu não estava levantando falso nenhum (...). Mas pequei por desânimo, confesso. Pequei por falta de fé"[933]. Pena que a crônica arrependida só foi publicada uma semana depois das eleições de 03 de outubro. Enquanto a crônica de Rachel saía das esteiras de impressão do *O Cruzeiro*, as penas já se encontravam longe.

Foi exatamente a partir de outubro de 1958 que o layout da *Última Página* mudou. Nos anos 1940, as crônicas rachelianas apareciam em uma só coluna, ao lado do editorial, com um desenho à mão, colorido, logo abaixo do título. O desenho perdeu o colorido em 1952, tornando-se preto e branco e, em maio de 1958, desapareceu totalmente.

Com a ausência do desenho, perdeu-se também certa "inocência" representada pelas ilustrações com traços à mão, e em seu lugar estampou-se uma foto em preto e branco da escritora, sentada de frente para sua máquina de escrever, olhando sorridente para o leitor. Em realidade, a mudança na *Última Página* estava em sintonia com a renovação de diversos jornais e revistas à mesma época, numa onda de modernização que ia do espaço das redações, da redistribuição das funções profissionais, à configuração das capas, sumários, páginas literárias, notícias, reportagens etc[934].

Logo em outubro, a foto da coluna mudou e, ao lado do título e das duas colunas que passaram a constituir a crônica, Rachel de Queiroz posava com um meio sorriso de cumplicidade, aliado a um ar sério e responsável, segurando o queixo com uma das mãos e encarando o leitor de frente. O layout da coluna correspondia perfeitamente ao

---

[932] QUEIROZ, Rachel de. Antes da eleição. *O Cruzeiro.* 11/10/1958, p. 146. AFBN.
[933] QUEIROZ, Rachel de. *Op. Cit.*
[934] BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 158.

que as crônicas passaram a representar, dominadas que estavam pelo conteúdo político, em tom cada vez mais "catequético", pessimista e radical.

É importante notar também que os anos 1950 marcaram uma consolidação da imprensa moderna, onde a figura do jornalista associava-se cada vez mais à do educador. O jornal não era, portanto, somente fonte de informação mas de formação, estava consciente de seu papel social e construtor de cidadania. Neste momento, "Os jornalistas, notadamente os que possuem poder de fala ampliado, passam cada vez mais a construir um discurso em que as suas representações sociais conformam práticas, condutas e tomada de posição, o que permite reconhecer uma dada identidade de grupo"[935].

***

Mesmo com a estagnação do número de deputados eleitos no PSD e na UDN, além do aumento significativo da presença do PTB no parlamento, a escritora cearense enxergou positivamente as eleições de 03 de outubro. Afinal, Carvalho Pinto (coligação UDN-PSB-PR-PDC-PTN) tinha derrotado Ademar de Barros (PSP) no governo de São Paulo, Afonso Arinos (UDN) ganhara no Rio de Janeiro, Milton Campos (UDN) fora eleito senador em Minas e Juraci Magalhães (UDN) governador na Bahia. Só o Rio Grande do Sul continuava sendo a pedra no sapato político de Rachel de Queiroz, e lá vencera Leonel Brizola (PTB), figura que ela desconfiava desde seu início político no começo dos anos 1950; era um jovem dono de um "primarismo agressivo", de um "charme brutal"[936].

Após as eleições parlamentares, Juscelino lançou também um projeto de estabilização econômica que duraria até o final do governo, mas as desconfianças só aumentavam nos meios intelectuais. A questão era como conciliar o Programa de Metas com uma estabilização no plano econômico, duas frentes do governo que pareciam contraditórias.

A situação ainda deixava uma importante questão no ar, relativa às próximas eleições presidenciais que se preparavam para 1960: como um candidato poderia suceder Juscelino Kubitschek com uma propaganda impopular de combate à inflação e contenção econômica?

---

[935] BARBOSA, Marialva. *Op. Cit*. p. 160-162.
[936] QUEIROZ, Rachel de. Na crista da onda. *O Cruzeiro*. 22/11/1958, p. 130. AIMS.

Críticas vinham de todos os lados. As esquerdas e os nacionalistas radicais acusavam a política econômica de ceder a pressões vindas dos Estados Unidos que desde o fim da Segunda Guerra estabelecera uma importante estratégia de apoio financeiro à reconstrução dos países europeus, classificando a América Latina como região de baixa prioridade para os investimentos, a não ser pela questão da expansão comunista.

Além disso, após 1945 criaram-se organizações importantes no contexto internacional como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), a quem Juscelino recorreu várias vezes durante o mandato; aliás, "a inflação e o endividamento externo foram os instrumentos que financiaram o desenvolvimentismo de JK"[937]. O Fundo, no entanto, exigia ações drásticas para a estabilização da moeda, e mesmo os liberais atacavam as condições "irreais" do organismo internacional[938].

No governo, o vice João Goulart discordou imediatamente do plano de estabilização, pois acreditava que a política de contenção salarial proposta era incompatível com o programa trabalhista[939]. Sofrendo pressão de todos os lados e não querendo abandonar todas as iniciativas de seu Plano de Metas, representação visível de uma ação política que poderia levá-lo à presidência novamente em eleições futuras, Juscelino rompeu com o organismo internacional. O plano de estabilização foi praticamente engavetado e, baseado num discurso nacionalista, Kubitschek preferiu agarrar-se às promessas de modernização e industrialização que eram sua marca[940].

Em 14 de fevereiro de 1959, Rachel fez um levante das principais questões no Brasil e no mundo, anunciando todas as desgraças ocorridas o ano anterior: acidentes aéreos, a seca, a fome e a crise econômica: "enquanto isso, o governo mantém-se eufórico. Parece que só temos no poder adeptos os mais radicais da 'Christian Science' – cumprindo à risca o postulado de que o único remédio contra os males do mundo é lhes negar a existência"[941].

A opinião da escritora cearense era de que Juscelino preferia fingir que a crise econômica não existia, para continuar garantindo apoio popular frente a seus projetos mais concretos, como a própria construção de Brasília. Juscelino encarnava então, para ela, um típico representante de uma política populista.

---

[937] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.*2011. p. 180.
[938] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 218.
[939] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 203.
[940] BOJUNGA, Claudio. *Op. Cit.* p. 694-705. Ver também SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p.
[941] QUEIROZ, Rachel de. Meditações de janeiro. *O Cruzeiro.* 14/02/1959, p. 114. AIMS.

Aliás, *populismo* tornava-se vocábulo popular, por mais que esta sequência pareça tautológica. Como afirma Jorge Ferreira, "o populista é sempre o outro", e para Rachel de Queiroz uma sequência deles se formou lá nos anos 1930 com Getúlio Vargas, sendo os demais seus filhos políticos, membros da mesma "manada": João Goulart, Brizola, Juscelino Kubitschek e Ademar de Barros.

Aliás, ao caracterizá-los como populistas, a escritora cearense perdia de vista inúmeras diferenças entre eles e repetia em crônica uma versão sobre o termo que circulava também nos estudos acadêmicos[942]. A questão a reparar aqui, aliás, não é somente a suposta demagogia tantas vezes apontada por Rachel de Queiroz nos discursos dos políticos que ela critica, mas perceber o modo como a própria escritora pensou a participação popular na política[943].

Neste sentido, concorda-se que a mais importante lição tirada nesta primeira fase democrática brasileira foi o "reconhecimento do *povo* como ator político a ser conquistado e incorporado ao regime democrático representativo", fato que levou políticos e intelectuais a reverem suas estratégias de aproximação com as camadas populares.

Por mais que lhe incomodassem os discursos "populistas" e "peleguistas", o que mais impressionava Rachel de Queiroz era sua eficácia. Como já afirmara em crônica de 1950[944], somente uma estratégia parecida poderia virar do avesso o jogo político brasileiro que, em sua opinião, parecia perpetuar-se.

---

[942] Ver: FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira: _____. *O populismo e sua história.* Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001. Na academia nos anos 1950/60, o conceito serviu à caracterização de uma política de massas, exercida por governos nacional-populares que emergiram na América Latina desde a década de 1930, ligados à uma modernização forçada, guiada por um líder popular. Nessa concepção, os trabalhadores, não desenvolvendo ainda sua consciência de classe, se deixariam ludibriar por esta política elitista, mas apelativa às camadas populares.

[943] FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 08.

[944] QUEIROZ, Rachel de. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. Recortes AIMS.

“Deus vomita os mornos”

(1961-1964)

Fotografia da coluna Última Página, revista *O Cruzeiro* – 1958
Fonte: Acervo Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa

As pessoas alheias ou alienadas são aquelas que vivem a vida sem intensidade e paixão. São as pessoas neutras, acomodadas e indiferentes. Você sabe: "Deus vomita os mornos"[945].
Rachel de Queiroz

A última esperança

No começo de 1960, Rachel de Queiroz levou um susto ao tentar atravessar uma rua na Zona Sul da cidade. Foi atropelada por um "lotação", que bateu na lateral do seu corpo levando-a ao chão violentamente. A sorte é que um amigo encontrava-se no local e puxou-a rapidamente para perto do meio fio, antes que as outras lotações passassem por cima da escritora. O resultado foi uma contusão no braço, um galo na cabeça e, acima de tudo, a humilhação, a "vergonha, o cristão caído na rua, o povo acorrendo, o cidadão amável apanhando as miudezas escapadas à bolsa"[946].

Já no dia seguinte, anunciado o acidente na imprensa, chegaram cartões, telegramas, flores, telefonemas. A triste notícia do acidente tão comentado e sentido fisicamente, só foi compensada porque sobre a mesa, junto às missivas de solidariedade, estava um ofício da Câmara Municipal da Guanabara concedendo a Rachel, enfim, o título de cidadã carioca: "agora, que legalmente a terra é minha e eu sou dela, estou falando do que é meu!"[947]

Rachel de Queiroz completou meio século de vida em novembro daquele ano de 1960. Ainda que envelhecer não fosse encarado como algo animador pela autora cearense[948], encontravam-se crônicas suas por todos os lugares, como nos já

---

[945] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel:* conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002. p. 125.
[946] QUEIROZ, Rachel de. Impressões de atropelada. *O Cruzeiro.* 23/04/1960, p. 130. AABI.
[947] QUEIROZ, Rachel de. Impressões de atropelada. *O Cruzeiro.* 23/04/1960, p. 130. AABI.
[948] Rachel foi comemorar o aniversário com a família em Teresópolis, para evitar as comemorações no Rio de Janeiro. E declarou à imprensa: "é péssimo fazer cinquenta anos: 'o único consolo é que isso não se repetirá'. Disse também que em primeiro lugar coloca a família, a casa, a fazenda, a terra, vindo só depois a literatura ". In: Rachel de Queiroz comemora hoje 50 anos. *Diário de Notícias*. 17/11/1960, p. 01. AFBN. Alceu Amoroso Lima também declarou: "É a maior escritora brasileira de todos os tempos". Homenagens foram feitas publicamente pelos amigos Cecília Meireles, Ledo Ivo, Guimarães Rosa, Eneida de Moraes, Paulo Sarasate e outros. Toda a família de José Olympio foi a Teresópolis surpreendê-la com a edição de seus romances em primeira mão.

consagrados *Jornal do Brasil, O Cruzeiro, Diário da Tarde,* mas também nas lindíssimas revistas *Senhor*[949] e *Walkyrya: revista das elites.*

Além disso, Rachel escrevia scripts para o programa estreado pela atriz Tônia Carrero na TV Tupi, chamado "Teu nome é mulher..."[950] e suas únicas duas peças dramáticas foram sucesso neste ano e no seguinte, sendo representadas com frequência: "em 16 dias, 7600 espectadores assistiram *A beata Maria do Egito* de Rachel de Queiroz, apresentada pelo Teatro Experimental do SESI no Teatro Maria Della Costa". No mesmo mês, estreava a representação teatral de *Lampião,* no Canal 09, TV Continental[951].

A José Olympio, por sua vez, tornou-se definitivamente a segunda casa de Rachel de Queiroz depois dos trinta anos em que estiveram juntos: "[J.O.] sabia da nossa vida, interferia nos nossos problemas, chegava a nos determinar o que fazer. Casamentos, divórcios, empregos, encrencas com a polícia ou com patrão, falta de dinheiro!"[952].

Para comemorar o cinquentenário da autora, a J.O. lançou no fim do ano de 1960, sem o conhecimento de Rachel, a coletânea *Quatro Romances,* compreendendo "O Quinze" (1930), "João Miguel" (1932), "Caminho de pedras" (1937) e "As Três Marias" (1939)[953], com capa de Luís Jardim.

Nesta edição, constou pela primeira vez o "Louvado a Rachel de Queiroz", poema de Manuel Bandeira que seria reimpresso em diversas edições de romances e crônicas posteriores. Em 1961, a editora lançaria ainda as obras completas de Dostoievski, traduzidas por Rachel de Queiroz e outros autores[954].

Aliás, foi o momento oportuno para que os críticos literários dos anos 1960, agora muito mais acadêmicos e teóricos do que aqueles que primeiro leram Rachel de

---

[949] Rachel saiu da revista em março de 1962 junto com Odilo Costa Filho e Prudente de Moraes Neto, por discordâncias internas. Ver: FILHO, Odilo Costa. Porque deixei a direção de "Senhor". *Diário de Notícias.* 18/03/1962, p. 01, do suplemento literário. AFBN. Em 1962, a autora escreveu também um romance policial coletivo, *Os mistérios de MMM,* publicado no *O Cruzeiro.*

[950] Também escreviam para o programa Pedro Bloch, Origenes Lessa, Henrique Pongetti. Ver: *Diário da Noite.* 14/03/1961, p. 07. AFBN.

[951] Editorial. *Revista do Radio,* 12/08/1961, p. 37; editorial. *Revista do Radio,* 19/08/1961, p. 46.

[952] QUEIROZ, Rachel de. Apresentação. In: VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores.* Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001. p. 12. Até 1955, a editora esteve localizada no Centro, na rua do Ouvidor, em seguida na Praça XV, mas o grande sonho do proprietário era fazer um grande prédio para a Casa, onde pudesse haver almoços, encontros e locais de reunião; sonho que se realizaria em 1964, quando a Casa José Olympio foi inaugurada no bairro de Botafogo, Rua Marquês de Olinda.VILLAÇA, Antônio Carlos. *Op. Cit.* p. 226.

[953] Editorial. *Diário de Notícias.* 17/11/1960, p. 05. AFBN.

[954] Além de Rachel de Queiroz (que traduziu *Crime e Castigo*), foram tradutores também Brito Broca, Vivaldo Coaracy, Rosário Fusco, Ledo Ivo, José Geraldo Vieira, Boris Schualderman, Olivia Krahenbuhl, Wanda Murgel de Castro, Gulnara Lobato de Moraes Pereira, além dos ilustradores Santa Rosa, Osvaldo Goeldi e outros.

Queiroz, sedimentassem de vez na imprensa e nos estudos universitários o mito fundador do *O Quinze*, associando-o à "onda nordestina" dos anos 1930 e a uma forma de literatura social[955], escrito por uma autora de "vida lutada, limpa, generosa, consagrada à beleza e à justiça"[956]. No mesmo ano, Rachel seria incluída, ainda que à revelia, entre os membros da Academia Nacional de Cultura, fundada em Brasília[957].

As homenagens na imprensa servem, neste sentido, para que também conheçamos um pouco da personalidade de Rachel de Queiroz aos cinquenta anos, uma senhora "arisca, que vive na sua toca", do Ceará para o Rio de Janeiro, do Rio para o Ceará. "Uma mulher que era uma ilha e agora é um apartamento", conserva amizades de décadas, que poucas vezes encontra. Rachel mantinha amizades que inclusive discordavam dela em várias questões pessoais, políticas, questões de vida, mas a autora tinha um poder de agregação, um carisma que os mantinha fieis, e felizes das poucas oportunidades de compartilhar a sua presença[958].

Mas 1960 seria um longo ano entre campanhas presidenciais, as tradicionais polêmicas jornalísticas no característico estilo virulento da política brasileira, a chegada da televisão a cada vez mais residências, a crise econômica, os jogos olímpicos em Roma e tantas outras vivências daquele ano que nos escapa, diferente para cada pessoa, cada classe, cada raça, cada profissão, cada trajetória particular.

***

Em 1960, o governo Kubitschek tinha cumprido a promessa da inauguração de Brasília e a modernização, principalmente no setor de energia e transportes, era visível. De fato, foi o governo que mais investiu neste setor, trazendo várias empresas automobilísticas alemãs como a DKV, a Volkswagen e a Mercedes para iniciarem suas produções no país.

Por outro lado, Juscelino deixara uma bomba aos candidatos à sucessão presidencial: terminava o mandato com a inflação em alta, junto a uma grave crise econômica e denúncias de corrupção e favoritismo político.

---

[955] FILHO, Adonias. Estante. *Diário de Notícias.* 19/11/1960, p. 02, segunda seção. AFBN. Ver também Bruno Haroldo, quando afirma que a crônica racheliana era "participante e social, mesmo sem perder o caráter imaginativo"[955].

[956] PEREGRINO, Umberto. "Nem cora o sabre de chamá-lo irmão". *Diário de Notícias.* 27/11/1960, p. 02. AFBN.

[957] FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã.* 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN.

[958] MORAES, Eneida de. Viva Rachel! *Diário de Notícias.* 17/11/1960, p. 02, segunda seção. AFBN.

Ainda no ano anterior, os assessores que haviam proposto uma política de estabilização para equilibrar os gastos megalomaníacos, foram substituídos por intelectuais nacionalistas e a dívida externa crescera exponencialmente.

Durante o governo JK a inflação aumentara de 7% em 1957 para 24,3% em 1958 e 39,5% no ano seguinte. E a oposição a este sistema econômico não se dava somente do lado da imprensa liberal. Também o vice-presidente, maior representante do PTB, acusava a irresponsabilidade financeira do governo Juscelino[959].

Muito da opinião pública, porém, preferia atribuir aos Estados Unidos e aos organismos internacionais como o FMI a grande culpa pela crise econômica, fortalecendo assim o discurso nacionalista[960].

Neste sentido, via-se com grande apreensão o que estava por acontecer ao próximo candidato, e a sequer suposição de ter mais um político de herança varguista no poder fazia a oposição liberal tremer na base.

Além disso, o fim do governo Kubitschek trouxe a separação progressiva entre petebistas e pessedistas, principalmente com a desconfiança destes em relação à guinada de esquerda na política brasileira por parte daqueles.

Já o povo, segundo Rachel de Queiroz, parecia "fatigado, desconfiado, beirando o indiferente". No começo de 1960, a palavra de ordem era "crise", completada com a crise política, despertada pelo fracionamento dos partidos:

> A UDN, definitivamente aposentada como Oposição, não explica porque motivo queimou seu candidato natural, Juracy, se não tinha o que fazer com seu candidato escolhido, Jânio (...). Hoje, para o espectador de fora, o drama da UDN se assemelha ao da heroína do "Grande Industrial": se desgrace ela e todo mundo, mas se vingue do duque! – o PTB explode por todos os lados; afinal quem se enganou com ele foi porque quis. Todo mundo sabia que aquela caranguejada heterogênea nunca se acomodaria num balaio só (...). O PSP entra em fase dramática: a criatura devora o criador. Mas o Sr. Ademar esperneia e não diz o que significa sua candidatura. Por hora serve para apostas (...). O PSD, dos quatro grandes, é o mais aparentemente estável – já que nunca ninguém, dentro dele, teve ideia de mostrar coerência ou servir a um programa. A lei do PSD é muito simples: enquanto a vaca der leite, o bezerro mama. O diabo é quando a vaca aparta. Nos partidos pequenos, o PL e o PDC dão exemplo de limpeza, coerência ideológica, respeito próprio. São estrelas únicas, num céu tenebroso. Porque o colega deles em tamanho, o PSB, esse se atirou à galhofa, escolhendo Lott como candidato – Lott, essa flor de socialismo! É pra rir, rir, rir[961].

Para completar o argumento sobre a crise parlamentar, a escritora cearense divide a esquerda entre comunistas e "nacionalistas melancia": "os melancias pensam na

---

[959] FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 201.
[960] SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1ª edição 1967). p. 220.
[961] QUEIROZ, Rachel de. Crise. *O Cruzeiro.* 30/04/1960. p. 118. AIMS.

vitória da sua revolução, quando poderão passar a faca no pescoço dos comunistas, e os comunistas pensam na deles, quando poderão tacar fogo nos bobos dos melancias"[962].

Bem se vê não só o caráter apartidário de Rachel de Queiroz, permitindo atirar suas críticas para todos os lados, como podemos enxergar também um fenômeno mais geral: a falta de confiança no sistema representativo. Este é o ponto importante para compreender uma desilusão democrática que se instaura como veneno no argumento racheliano.

Até 1959 Rachel defendera Juraci Magalhães, que pleiteava sair candidato pela UDN, pois considerava outros políticos, como Jânio Quadros, "um grande candidato, mas a verdade é que a gente tem medo dele. Muito messias, muito salvador..."[963].

A candidatura de Juraci também era apoiada pelo PSD e por Juscelino, que tinha dois motivos para tanto: de um lado, acreditava que uma quarta derrota udenista nas urnas poderia levá-los ao golpe de uma vez por todas; de outro, sabia que uma administração austera e impopular da UDN o levaria mais facilmente à presidência em 1965[964].

Juraci Magalhães era, na época, presidente da UDN e durante seu mandato, o partido procurara se popularizar, afastando-se do estereótipo de partido elitista. Para isso, associara-se em âmbito estadual com o PTB, que se ampliava entre o eleitorado urbano das grandes capitais. O resultado tinha sido a vitória do próprio Juraci no governo da Bahia e de Afonso Arinos no Distrito Federal em 1958.

Já grande parte do PSB aproximara-se da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), formada também pelo PTB. A Frente apoiou o PSD na indicação do general Teixeira Lott para as eleições presidenciais de 1960, tendo João Goulart como vice. A estratégia do partido trabalhista parecia ser firma-se junto aos setores nacionalistas das Forças Armadas, para receber apoio junto à sua principal proposta durante as eleições: as reformas de base[965]. Na opinião de Rachel de Queiroz décadas depois, o PTB:

---

[962] QUEIROZ, Rachel de. Crise. *O Cruzeiro.* 30/04/1960. p. 118. AIMS.
[963] QUEIROZ, Rachel de. O dilema. *O Cruzeiro.* 26/09/1959. p. 138. AIMS.
[964] HIPPOLITO, Lúcia. *PSD: de raposas e reformistas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 200.
[965] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2011. p. 210. Nesta questão, Ferreira cita a opinião de Maria Celina D'Araújo. É durante a campanha da aliança PTB/PSD que acontece o episódio da tentativa de golpe conhecida como "Aragarças", um movimento militar para "eliminar os getulistas do país", bombardeando o palácio do Catete e das Laranjeiras. O levante, no entanto, quase não teve adesões e terminou com o exílio dos oficiais participantes. Ver p. 212. Já as reformas de base, foram levadas em frente pelos trabalhistas desde o fim dos anos 1950 e visava a reforma agrária, bancária, fiscal, tributária, administrativa e universitária, além da ampliação dos direitos políticos, controle do capital estrangeiro, monopólio estatal de setores estratégicos e a legalização do PCB.

> ...Era o que havia de mais reacionário. O PTB foi copiado do partido fascista italiano. A legislação trabalhista do Getúlio foi copiada da legislação corporativista fascista. Aquele negócio de deputado classista, de juiz classista, tudo aquilo era corporativo. Quando o Juscelino viu a coisa perigando, ele era muito hábil, aliou-se aos militares. Os mais reacionários. A turma do Lott toda. Os mais reacionários do Exército. Ele aliou-se[966].

A visão de Rachel nos lembra que Lott não era o candidato mais popular do mundo, era moralista, afirmava-se publicamente católico e anticomunista, mesmo diante de eleitores protestantes ou dos movimentos sindicais.

Assim, mesmo que o PTB sancionasse sua candidatura à presidência, a via com certa desconfiança. Por isso, Jango permitiu que seu nome fosse associado ao de Jânio Quadros, que tinha sido homologado pelo PDC, fortalecendo a campanha de grande apelo popular em torno do binômio *Jan-Jan.*

A UDN, por sua vez, desistiu da candidatura de Juraci Magalhães e apoiou a coligação de Jânio Quadros, apresentando Milton Campos para a vice-presidência. O PDC, que tinha sido o primeiro a encampar Jânio e era seu partido de origem, apresentava Fernando Ferrari, ex-petebista, para concorrer a vice.

Em 1960, portanto, nem UDN nem PSB pareciam corresponder mais ao sonho democrático tal qual o pensava Rachel de Queiroz. Para ela, nenhum deles assumia uma posição ideológica firme e definida, exigência que a autora repetia há muito tempo em suas crônicas sobre o partidarismo brasileiro.

Os grupos, ao contrário, dançavam conforme a música, pensavam mais em ganhar as eleições do que em propostas concretas para o país. Era visível a falência progressiva do sistema partidário tal como se instalara em 1945.

Com a saída da candidatura Juraci, portanto, a cronista cearense passou o ano de 1960 a meditar no que escrever sobre as eleições. Até que em setembro leitores já lhe exigiam uma posição mais firme e, em tom quase profético, Rachel anunciava: "esta eleição de 1960 é assunto sério, seriíssimo, na qual se estará jogando, provavelmente, o destino final da democracia brasileira"[967].

Em relação ao governo do estado da Guanabara, "a escolha é óbvia, e parece que já se pode considerar vencedora", seu candidato seria Carlos Lacerda (UDN), candidato

---

[966] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 55. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.
[967] QUEIROZ, Rachel de. Voto a descoberto. *O Cruzeiro.* 10/09/1960, p. 178. AIMS.

oficial da oposição e amigo de longa data, com quem a autora compartilhava então muitas posições políticas[968].

A vice-presidência, por sua vez, era defendida com veemência em torno do advogado e ex-governador de Minas Gerais, Milton Campos (UDN), "um homem cuja simples presença na vida pública é uma das causas da gente não desanimar de ser brasileiro"[969].

Para a Assembleia Constituinte que também era votada naquele ano, não havia dúvida, Aliomar Baleeiro (UDN), Afonso Arinos de Mello Franco Filho (UDN) – que iniciava carreira política, Murilo Miranda, Dulce Magalhães e até Lopo Coelho (do PSD dutrista).

Percebe-se claramente, nestas eleições de 1960, o udenismo que Rachel de Queiroz assume publicamente, e um udenismo concentrado na chamada Banda de Música, a ala mais combativa (barulhenta) do partido.

Com a aproximação do PSB com o PTB, ele deixou de ser uma opção para a autora cearense. Além disso, seus amigos mais próximos eram todos udenistas e a maior parte políticos eleitos, ocupando cargos na Câmara, no Senado, em prefeituras, estados e em breve na presidência do país.

Com as crises econômicas e políticas desde o segundo governo Vargas e a cada vez maior polarização entre diferentes propostas de esquerdas e direitas na sociedade e no interior dos partidos, a opção racheliana torna-se mais claramente conservadora, traduzida pelo udenismo, mas também por sua simpatia pela Ação Democrática Nacional, o antagonista parlamentar do movimento esquerdizante da Frente Parlamentar Nacionalista.

Sua oposição, portanto, não é mais somente contra os "varguistas" que ela facilmente identifica com nomes próprios, mas contra o trabalhismo petebista e o nacionalismo radical. É importante destacar, porém, que o anticomunismo ainda não aparece como foco das crônicas até 1961. Além disso, o discurso social nunca desapareceu da pena racheliana.

Outra observação importante aponta para o fato de que, em 1960, os intelectuais mais importantes da política nacional são filhos diretos da mesma geração que Rachel de Queiroz, uma geração marcada pela revolução de 1930 e pela Segunda Guerra

---

[968] Defenderam publicamente a candidatura de Carlos Lacerda em 1960: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Dinah Silveira de Queiroz, João Condé, Rubem Braga, Fernando Sabino e outros.

[969] QUEIROZ, Rachel de. Voto a descoberto. *O Cruzeiro.* 10/09/1960, p. 178. AIMS; Rachel faz propaganda política de Milton Campo em vários jornais. Ver: *O Fluminense.* 24/09/1960, p. 01. AFBN.

Mundial, que ascendeu ao poder e ao reconhecimento público a partir de então, e que estava entre seus cinquenta e setenta anos de idade em 1960. Rachel de Queiroz não fazia mais parte, portanto, de uma "juventude política", e de certa forma, via com reticência novas gerações que adentravam o campo do poder propondo alterações na ordem que ela, de certa forma, tinha ajudado a fundar com sua participação na política e na imprensa[970].

Para a candidatura à presidência deste ano, Rachel rendeu-se enfim a Jânio Quadros, mas ficava claro em seu argumento um acerto coletivo em torno do candidato: "para presidente da República já é notória a nossa escolha: Jânio Quadros. A nossa firme esperança é que Jânio venha restaurar no Brasil um estilo de governo federal que já quase ninguém recorda"[971].

É importante notar que as posições defendidas por Rachel nos periódicos para os quais escreve estavam cada vez mais recheadas da primeira pessoa do plural, "nós". Esta característica sutil denota a representação, não de um determinado partido ou organização política, mas de um círculo de amizades. De fato, Rachel e Oyama de Macedo começaram a reunir em torno de si um grupo de amigos intelectuais, para discutirem a política brasileira num momento diagnosticado como extremamente crítico.

É neste sentido que uma candidatura como a de Jânio Quadros, personagem que Rachel sempre temeu desde os tempos da prefeitura janista em São Paulo, assumiu-se enquanto candidato público de sua preferência: "um eleitor, um único, que esta criada de vocês consiga influenciar, já será um voto a mais para os candidatos que julgo melhores. E de voto em voto é que a urna enche o papo"[972].

E, de fato, na confusão sucessória que se instalou com o fim do governo Juscelino, nada melhor para uma jornalista apartidária quanto um candidato "acima dos

---

[970] Aliás, novas gerações invadiam a própria imprensa, que se revolucionou nos anos 1950 e 1960.

[971] QUEIROZ, Rachel de. Voto a descoberto. *O Cruzeiro.* 10/09/1960, p. 178. AIMS. Rachel foi muito criticada por esta posição, principalmente pela imprensa nacionalista, que até agora evitava mencionar-lhe o nome, por tê-la em alta conta. No periódico *O Semanário,* acusava-se Rachel de defender uma forma política que remontava a antes de 1930, considerada oligárquica e elitista. Ver: ANDRADE, Valter. Carta aberta a Rachel de Queiroz. *O Semanário.* 15/10/1960, p. 06. AFBN.

[972] QUEIROZ, Rachel de. Voto a descoberto. *O Cruzeiro.* 10/09/1960, p. 178. AIMS. Adonias Filho, Gilberto Freyre e Juarez Távora foram alguns dos que tentaram convencer Rachel a apoiar a candidatura, conscientes da importância de suas crônicas na opinião pública. Esta foi, de fato, a campanha mais militante de Rachel de Queiroz em relação à divulgação de nomes específicos de sua preferência na imprensa.

partidos", um "amador honesto"[973]. Esta era a imagem que Jânio Quadros fazia questão de divulgar.

Jânio era um sujeito nada ortodoxo; vereador em São Paulo pelo PDC em 1947, ganhou as eleições para a prefeitura da cidade já em 1953 em coligação com o PSB paulista e, em 1954, foi eleito governador do estado, ganhando de ninguém menos que Ademar de Barros. Chegava, portanto, à candidatura presidencial com apenas 44 anos de idade.

Jânio parecia tão estranho a tudo o que se vira até àquele momento em termos de campanhas presidenciais que Thomas Skidmore o chama de "o intruso". Sua ascensão meteórica parecia corresponder a um anseio de grande parte da população por um discurso moralizante, que dizia não estar preso às ideologias de nenhum partido político, além de afirmar se diferenciar da velharia política dos anos 1930, sendo fruto de um Brasil moderno e urbano: "Ele parecia encarar as esperanças da classe média, que queria governos dinâmicos, mas honestos; ao mesmo tempo, tinha apelo para a classe operária, que o achava um líder carismático"[974].

Por outro lado, Jânio não se declarava inimigo do atual presidente e mesmo recebendo apoio eleitoral da UDN, ele manteve relações muito cordiais com Juscelino Kubitschek desde pelo menos 1955, quando defendeu Henrique Teixeira Lott contra o golpe frustrado de Carlos Luz e Lacerda. Era a UDN que se rendia a um candidato de apelo popular, talvez sua única chance de chegar ao poder.

Antes de conhecer pessoalmente o candidato, Rachel de Queiroz desconfiava muito de sua figura "messiânica": "quanto a Jânio, confesso com medo, mas confesso, que não simpatizo com o homem. Não gosto de messias, nem que seja para a boa causa. E aquela dialética descabelada de Jânio, os seus fáceis efeitos oratórios, os seus versos pretensiosos, a consciência que ele tem da sua 'missão', tudo isso me inquieta bastante"[975], afirma a autora após a eleição que Jânio ganhou para a prefeitura de São Paulo em 1953.

De fato, Jânio foi o candidato apoiado por Rachel de Queiroz que mais se parecia com os populistas que ela tanto criticava. Tinha apelo direto e dramático ao povo,

---

[973] Para se ter uma ideia, Jânio concorrera a prefeito de São Paulo pela coligação PDC/PSB, já na candidatura ao governo do estado, rompeu com o PDC, mas recebeu apoio do PSB e do PTN. Para a presidência, foi eleito com uma coligação que associava UDN, PDC, PTN, PR e PL.
[974] SKIDMORE, Thomas. *Op Cit*. p. 228.
[975] QUEIROZ, Rachel de. Da popularidade. *O Cruzeiro*. 30/05/1953, p. 98. AIMS.

pregava uma mudança radical fortalecendo o personalismo numa só imagem redentora, a sua.

Além disso, prometia elevar-se acima da estrutura partidária e dirigia-se eminentemente ao leitor de classe média e classe média baixa. Jânio andava com a camisa desabotoada, não penteava os cabelos, não fazia a barba, comia sanduíches de mortadela em discursos públicos e tinha uma maneira teatral de discursar; além disso, até 1960 estava longe de ser identificado como antigetulista[976].

Para pesquisadores como Maria Victoria Benevides, o conjunto do governo janista significaria a falência do sistema partidário, com o populismo levado à sua contradição mais extrema, pois diluía o significado de "povo" e de "massa", normalmente associado ao discurso trabalhista e aos movimentos sociais, num discurso conservador, militarista, antiparlamentar e liberal[977].

Mesmo reticente em relação a Jânio Quadros nos anos 1950, a autora cearense pareceu ter mudado completamente de opinião ao conhecê-lo pessoalmente:

> Eu conheci o Jânio já depois dele eleito. Antes de tomar posse. Porque eu não ia votar no Jânio, não tinha simpatia política por ele, e não tinha afinidades políticas. O Jânio foi com o Lott. Então, o Juarez, que era meu primo, Juarez Távora, foi lá em casa, expressamente, para nos convencer, o Oyama e eu, para a gente apoiar o Jânio. E a gente achava que o Jânio era demagogo e tal, e ele nos provou que não era. E nos aproximou do Jânio. A gente conversou com o Jânio e tudo mais. E realmente, votamos no Jânio. Votamos no Jânio, em vez de votar no Lott, que era um homem da nossa (?)[978].

A desconfiança não era monopólio racheliano, ao contrário, era compartilhada pelos udenistas que achavam que o populismo de Jânio Quadros era um defeito, ainda que servisse para que fosse eleito. O discurso da campanha janista era baseado nos valores da honestidade e da democracia, mas comprometido com o crescimento econômico que privilegiaria áreas esquecidas como a agricultura, a educação e a saúde pública. Seu símbolo principal de combate à corrupção era uma vassoura, nada mais simbólico e generificado do que pregar uma "limpeza na casa"[979].

Além disso, comprometia-se com uma inflação controlada mantendo a independência do Brasil, mas aliado à criação de condições favoráveis aos investidores

---

[976] SKIDMORE, Thomas. *Op Cit*. p. 230.

[977] BENEVIDES, Maria Victoria M. *O governo Jânio Quadros.* São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 06. Benevides cita uma análise de Francisco Weffort sobre o governo Jânio.

[978] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 56. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

[979] Parte da historiografia, que define o governo Jânio Quadros como reacionário, manipulador, populista e elitista interpreta a vassoura não só no sentido da limpeza da corrupção, mas como a limpeza da plebe e da massa da política brasileira. Ver BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 39.

externos[980]. É possível, portanto, perceber a ambiguidade, uma verdadeira "salada de frutas" que Jânio Quadros elaborou em relação às expectativas do Brasil naquele momento, logo após o fim do governo Kubitschek. Ele parecia dizer o que todos queriam ouvir.

***

Com a ajuda de uma coligação poderosa, Jânio Quadros foi eleito presidente da República em outubro de 1960 com a maior votação da história da democracia brasileira até então - 48% dos votos válidos, contra 28% dados ao general Henrique Teixeira Lott e 23% a Ademar de Barros. Ao mesmo tempo, o número de eleitores crescera bastante no Brasil, de 5,9 milhões em 1945 para 11,7 milhões de pessoas em 1960[981]. Nesta votação, pela primeira vez, a UDN não reclamou a tese da maioria absoluta.

Jânio foi o primeiro presidente a receber o cargo na nova capital federal, Brasília, a 31 de janeiro de 1961 com apoio de seus 5.636.623 eleitores. Mas, para desgosto da UDN e dos setores mais conservadores da sociedade, governaria ao lado de João Goulart, eleito vice-presidente com 4.547.010 votos em contagem apertada contra Milton Campos e Fernando Ferrari.

Mesmo assim, Rachel de Queiroz sentia-se realizada, "o que nós enterramos sem choro nem vela é o **sistema**, o sistema que se estabelecera contra, sobre e em vez do **regime.** O abuso como lei, a camaradilha como autoridade, o cambalacho como princípio, a desídia como rotina"[982]. Terminava, enfim, para ela, o "reino getulista" que, até 1954 estava representado em Getúlio Vargas e no PSD, mas que em 1960 era encarnado no PTB e em João Goulart. Começava, enfim, uma "revolução branca"[983].

De tão feliz que se encontrava, até Juscelino Kubitschek Rachel de Queiroz "perdoou": "Agora que ele vai embora, não se podem negar as virtudes que inegavelmente são suas: capacidade de trabalho, entusiasmo, coragem, peito, e aquela irresistível, aquela arrasadora cordialidade"[984].

---

[980] SKIDMORE, Thomas. *Op Cit*. p. 232.
[981] SKIDMORE, Thomas. *Op Cit*. p. 233.
[982] QUEIROZ, Rachel de. O tempo das falas novas. *O Cruzeiro.* 29/10/1960, p. 168. AIMS. (Grifos do original)
[983] QUEIROZ, Rachel de. Mudar. *O Cruzeiro.* 25/03/1961, p. 130. AFBN.
[984] QUEIROZ, Rachel de. O tempo das falas novas. *O Cruzeiro.* 29/10/1960, p. 168. AIMS.

A escritora cearense sentia-se politicamente realizada, "meu Deus, parece um sonho. A gente volta a ter esperança. A acreditar em alguma coisa. A gente, a quem o governo nada tem a dar em posições nem em vantagens pessoais"[985]!

Assim que começou o ano XXXIII da revista *O Cruzeiro,* a foto da coluna *Última Página,* que terminara 1960 com a pose inquisitorial da autora diante da máquina de escrever, foi alterada por uma foto em que Rachel encontrava-se vestida com uma camisa branca *petits-pois,* não mais com uma das mãos sob o queixo, mas as duas, em tom sério, mas satisfeito.

Mesmo o contexto internacional apresentava novo colorido para a autora: afirmava-se enfim a onda de independências na África, formando uma grande "convulsão libertária", pela qual Rachel de Queiroz era totalmente a favor, especialmente no caso da Argélia, colônia francesa.

Cuba, de Fidel Castro, apesar de aproximar-se diretamente da União Soviética neste momento, ainda era para a escritora cearense "bem superior ao melhor dos Batistas". Na Europa, preparava-se o Concílio Vaticano II que prometia sacudir a tradicional instituição; Kennedy fora eleito presidente dos Estados Unidos e deveria trazer "novas ideias e uma nova energia para a Casa Branca"[986].

E no Nordeste, o maior dos mundos de Rachel de Queiroz, inaugurava-se o açude do Orós, antiga promessa de outros governos: "tudo para nós é mais duro que para os outros (...). Por isso sempre tive um medo danado de fascismo no Brasil; tinha a certeza de que assim que o Chefe-Plínio tomasse o poder, a primeira coisa que faria era mandar construir uns campinhos de concentração para exterminar cearense..."[987].

O ano de 1960 fecharia com chave de ouro, quando o presidente eleito enviou um telegrama a Rachel de Queiroz pedindo que ela fosse vê-lo em caráter oficial em São Paulo. Rachel e Oyama viajaram então para a capital estadual, hospedando-se na casa do irmão de Oyama, onde Jânio foi encontrá-los.

O casal ofereceu-lhe um drinque e puseram-se a conversar, até que Jânio disse a Oyama que lhes desse licença, pois tinha um assunto particular a tratar com Rachel de Queiroz. Os dois dirigiram-se para a sala de música[988]:

---

[985] QUEIROZ, Rachel de. O tempo das falas novas. *O Cruzeiro.* 29/10/1960, p. 168. AIMS.
[986] QUEIROZ, Rachel de. Balanço de fim de ano. *O Cruzeiro.* 31/12/1960, s/p. AIMS.
[987] QUEIROZ, Rachel de. Balanço de fim de ano. *O Cruzeiro.* 31/12/1960, s/p. AIMS.
[988] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 56/57. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL. "E recebemos, em vez de eu ir a casa do Jânio, recebemos o Jânio na casa do meu cunhado. Olha, era um homem encantador. Foi a pessoa mais inteligente que eu encontrei na minha vida. É raríssimo você encontrar um sujeito... eu encontrei Carlos Lacerda, o Jânio... quem, outra

> O Jânio Quadros me chamou para conversar. Ele queria que eu fosse ministra da Educação. Ficou três horas comigo trancado numa sala. Eu disse: **'Presidente, eu não nasci para mulher pública'**. Ele deu aquela sua gargalhada típica. E insistiu. Então eu falei firme: 'Presidente, colaboro no que for preciso, mas sem cargo oficial. Não posso por em risco a minha independência intelectual, nem nasci para viver em cortes palacianas. Você é obrigada a fazer concessões, e, às vezes, acaba ferindo seus princípios pessoais. A gente sabe que, por mais que trabalhe, há sempre um fuxico aqui, uma futrica ali. Eu não dou para essas coisas'. Ele era um homem muito inteligente, mas tinha seus repentes autoritários. Sempre me enviava um artigo, um bilhete e, quando podia, a gente se encontrava. Enquanto algum outro amigo ocupou a presidência, eu pouco o procurei. Depois que saiu de lá, aí sim, voltamos a estreitar contatos[989].

A notícia do convite ao ministério vazou rapidamente na imprensa, alguns afirmando que o educador Anísio Teixeira também tinha sido cogitado para o cargo[990] assim como Rachel e, com a recusa de ambos, quem assumiu foi Brígido Tinoco, que Rachel pessoalmente, achava "uma besta" [991] e que de fato, não tinha vivência alguma na área da educação. Caso aceitasse o cargo, Rachel de Queiroz seria a primeira ministra (mulher) do Brasil.

Em entrevista à historiadora Isabel Lustosa, a escritora cearense conta como, mesmo renunciando ao ministério, foi ela quem exerceu grande parte do cargo na prática. Foi ela quem nomeou praticamente todos os cargos da área cultural durante o governo Jânio Quadros, inserindo amigos seus em postos chave, como Adonias Filho, Raul Lima e outros[992].

Conhecendo este outro lado da história, podemos pensar de outra forma afirmações como esta que apareceram na imprensa da época:

---

pessoa tão inteligente assim?... Aquela vivacidade intelectual diabólica. Você está pensando aqui um... O Afonsinho, eu conversava muito com o Afonso Arinos sobre isso. Mas a rapidez da inteligência do Jânio era sobre-humano. Um negócio impressionante. A gente sempre dizia, eu dizia sempre, foi a pessoa, talvez, o homem mais inteligente com quem eu conversei na minha vida"

[989] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 223. Grifo meu.

[990] Editorial. *A Noite.* 30/03/1961, p. 04. AFBN. Ver também Editorial. *Diário de Notícias.* 28/01/1961, p. 01. AFBN.

[991] "Hoje, todo mundo morreu, eu posso contar. Mas ele determinou ao Tinoco que não fizesse nenhuma nomeação na área cultural, porque era Ministério da Educação e Cultura, não fizesse uma única nomeação, indicação e tudo mais, sem me consultar. Então, o Tinoco chegou pedindo uma audiência para mim. Eu disse: Ministro, o senhor é que dá audiência. Ele disse: Não, mas eu preciso ter uma conversa com a senhora. É confidencial. Mas chega o ministro, era ministro já, ministro da Educação, Tinoco, ele cruzou assim a perna, e tinha uma meia com uma liga aqui. (ri) E ele então me declarou: Olha, é confidencial entre a senhora e o Dr. Oyama, mas o presidente me recomendou isso, que na área cultural eu não devia fazer nenhuma nomeação sem ser ou por indicação ou, pelo menos, com a anuência da senhora". QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 57. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

[992] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 57. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

> [Jânio] Pensou antes em confiar o posto a essa admirável Rachel de Queiroz, uma mulher que só é mulher porque usa saias, mas que pensa como homem, que escreve como homem, que age como homem. E Rachel, por certo, só não aceitou a tarefa porque balanceou os *prós* e *contras* e viu que lhe faltava, no complexo de sua esplêndida personalidade, para exercer um clima de fogo, de ação comburente no Ministério da educação, a indispensável vocação política[993].

Interessante pensar a constante associação entre Rachel de Queiroz e a masculinidade quando se trata de elogiá-la ou admitir a autoridade com que a autora cearense falava e lidava com a política.

Mesmo recusando o cargo oficial com base num irônico argumento de gênero, Rachel exerceu o poder, mais uma vez pelas coxias, através das relações de amizade, do ambiente privado, do disfarce.

A questão que intriga é o que esta situação pode revelar sobre a forma como lidamos com a política no Brasil ainda hoje e qual a representação da figura da mulher associada à política.

Talvez seja um resquício dos ideais da mulher cidadã do século XIX, que não atua no espaço público mas "age" politicamente através da formação do filho (homem), futuro cidadão? Ou quem sabe exemplifica a maneira generificada com que homens e mulheres lidam com a política no país, como assunto privado, familiar, da mesma forma que lidam com a casa?

Outra interpretação ainda coloca em questão as estratégias que uma mulher de sucesso profissional como Rachel de Queiroz teve de utilizar para não correr o risco de perder o raro prestígio alcançado. Nenhuma destas problemáticas exige uma resposta objetiva e pronta, mas leva-nos a pensar nas complexas relações entre gênero e política no Brasil.

Mil novecentos e sessenta foi, portanto, o auge do sucesso da figura pública de nossa autora cearense[994]: "O segredo da comunicabilidade de Rachel de Queiroz com o leitor reside, sobretudo, na sua capacidade de se identificar, intimamente, com

---

[993] Editorial. *O Fluminense*, 04/02/1961, p. 01. AFBN. No mesmo ano Odilo Costa Filho diria de Rachel que era "a mais feminina das escritoras brasileiras porque sabe cozinhar, fazer doces, ser dona de casa". O jornal diz que houve um descontentamento geral da roda feminina intelectual com esta afirmação. In: MORAES, Eneida de. Emi Bulhões Carvalho da Fonseca, a romancista. *Diário de Notícias.* 08/01/1961, p. 02 do Suplemento Literário. AFBN.

[994] "A escritora Rachel de Queiroz nunca em sua vida gozou de tanto prestígio, apesar de ser autora de obra literária das mais importantes. Rachel de Queiroz, que não foi Ministro da Educação porque não quis, é 'persona grata' do Presidente Jânio Quadros, para quem seus pedidos são verdadeiras ordens. O que mais tem impressionado a escritora – segundo confidência feita a pessoa de sua intimidade – é o número de telefonemas que tem recebido. Diariamente, a partir das 7 horas da manhã, o telefone começa a tocar para Rachel". In: Editorial. *Última Hora.* 13/03/1961, p.05. AFBN.

simplicidade, sem demagogia, com as dores e alegrias de todos nós. Ela apanha os nossos problemas e transforma-os em problemas próprios"[995].

A autora sabia utilizar-se deste poder adquirido na opinião pública tanto para fazer propaganda política de amigos e candidatos, como também para realizar campanhas sociais.

Em abril de 1961, por exemplo, uma grande enchente devastou a cidade de Teresópolis, no Rio de Janeiro e, através do contato com grupos de assistência, Rachel utilizou sua coluna para realizar uma campanha de solidariedade aos desabrigados[996].

Além disso, Rachel envolvia-se com movimentos contra o desmatamento e, através do amigo Paulo Sarasate, integrou em agosto de 1961, o Conselho Nacional de Educandários Gratuitos, que visava a assistência a classes "mais modestas de recursos"[997].

No começo do ano, o ministério janista foi enfim formado, envolvendo políticos da UDN como Clemente Mariani na Fazenda[998] e Afonso Arinos nas Relações Exteriores, além de representantes de outros partidos menores que haviam apoiado a campanha presidencial.

O que todos os escolhidos tinham em comum era o antigetulismo. Já o ministério do Trabalho, reduto dos petebistas, o presidente utilizou uma estratégia de despolitização e desagregação indicando Francisco de Castro Neves, apenas formalmente filiado ao partido[999].

No ministério da Guerra, Jânio tinha escolhido Odílio Denys que neste momento já se afastara dos nacionalistas em torno de Teixeira Lott. Para a chefia do Estado Maior, o eleito foi o general conservador Cordeiro de Farias.

Assim, o presidente ganhava apoio da Escola Superior de Guerra (ESG)[1000], reduto mais importante da elite militar da época, ao mesmo tempo que era acusado

---

[995]BARBOSA, Rolmes. Suplemento Literário. *o Estado de São Paulo*. 14/01/1961, p. 04. AFBN.

[996] QUEIROZ, Rachel de. S.O.S Teresópolis. *O Cruzeiro.* 15/04/1961, p. 146. AFBN. A campanha foi comentada antes mesmo da crônica, em outros jornais como no *Diário da Noite* de 07/04/1961, na coluna de Sergio Porto, amigo da autora.

[997] Editorial. *Diário de Notícias.* 08/08/1961, p. 08. AFBN.

[998] Mariani era industrial e banqueiro, fora ministro da Educação do governo Dutra e presidente do Banco do Brasil durante o governo Café Filho.

[999] BENEVIDES, Maria Victoria M. *Op. Cit.* p. 06.

[1000] A ESG foi fundada em 20 de agosto de 1949, comandada pelo general Oswaldo Cordeiro de Farias e subordinada ao Estado Maior das Forças Armadas. Para João Roberto Martins Filho, ela nasce da vontade de estreitar laços civis e militares na luta contra o comunismo, além de ser o resultado do vínculo estabelecido com os militares norte-americanos durante a vivência da Segunda Guerra Mundial. Muito mais do que uma escola de guerra, funcionou como centro de altos estudos em economia, sociologia e política e foi por sua atuação que surgiu a ideologia de segurança nacional. Ver: FILHO, João Roberto

pelos petebistas de estar militarizando o governo em detrimento da autoridade civil parlamentar[1001].

Em relação à economia, o discurso janista voltava à questão da austeridade, já utilizada como discurso por Café Filho. Sua política econômica era ortodoxa, próxima ao que foi proposto - e em seguida rejeitado, pelo governo Kubitschek, apostando na contenção econômica.

Houve corte no subsídio a produtos essenciais de importação, como trigo e petróleo, o que implicou num aumento brusco no preço do pão e do transporte. Além disso, o presidente aumentou investimentos no setor de exportação, o que aproximou o governo novamente do FMI para renegociação da dívida externa e fez com que sua política fosse elogiada no exterior[1002].

Mesmo parecendo medidas impopulares, as atitudes de Jânio pareciam corresponder a seu discurso de posse, quando "tratou-nos a todos como a um povo adulto, que deve tomar consciência da sua situação difícil e enfrentá-la; não viu na nossa gente aquela massa de manobra, imbecilizada pela miséria e pela propaganda"[1003]. O novo presidente "só nos promete austeridade e trabalho".

No entanto, desde o ano anterior, polêmicas sobre Jânio Quadros invadiam a opinião pública. Um dos temas mais discutidos e contraditórios seria uma suposta aproximação de Jânio com o comunismo. A primeira suspeita se deu por conta de uma visita sua a Cuba a convite de Fidel Castro, ainda durante a campanha eleitoral, e agora se completava com as providências tomadas pelo governo para o reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética[1004].

Para Rachel de Queiroz, "o reatamento é um passo a mais no nosso progresso. Quanto ao fato de os russos serem um povo que a maioria não goste, por causa do regime, não teríamos motivos para mantermos ligações com Franco, Salazar e Chiang-Kei-Chek"[1005].

Martins. Forças Armadas e política, 1945-1964: a antessala do golpe. In: FERREIRA, Jorge. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 97-126. p. 107.

[1001] BENEVIDES, Maria Victoria M. *Op. Cit.* p. 18.

[1002] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 236.

[1003] QUEIROZ, Rachel de. O sol que nasce. *O Cruzeiro.* 18/02/1961, p. 130. AIMS.

[1004] As relações comerciais com a URSS já tinham sido reatadas pelo governo Kubitschek.

[1005] Editorial. *Diário da Noite.* 26/07/1961. p. 05. AFBN.

Inclusive, Rachel cita as polêmicas exageradas que alguns jornalistas brasileiros e estrangeiros faziam associando uma possível postura autoritária de Jânio Quadros, como se ele fosse "um novo Fidel do sul, um Nasser à paisana ou Lumumba branco"[1006].

A autora, amiga do presidente, sabia que de comunista ele não tinha nada, suas aproximações com o leste europeu ou com Cuba eram mais uma questão de oportunidades econômicas e comerciais ou uma defesa ideológica de certo latino-americanismo frente ao imperialismo dos Estados Unidos.

De fato, o debate sobre a revolução cubana deu novo rumo à "guerra fria" tal como era compreendida no continente americano. Jânio Quadros em seu plano de governo, junto com o ministro Afonso Arinos, instaurava a chamada "Política Externa Independente" (PEI) que, como o próprio nome já dizia, procurava manter uma posição diplomática autônoma do Brasil em relação as potências estrangeiras.

Afonso Arinos, assim como Rachel de Queiroz e outros intelectuais defensores da PEI, enfrentariam a reação de outras camadas conservadoras da sociedade, pois a política implicava uma aproximação não só com a URSS, mas com a China, Cuba e com países da África recém-independentes.

Desde abril de 1961, Rachel encontrava-se em seu paraíso particular no *Não me deixes*, onde o açude tinha sangrado já em março e não parava de chover, anunciando fartura para o ano. Lá pretendia terminar de escrever seu romance *O Solitário,* que já durava anos, fora anunciado várias vezes pela imprensa, mas foi entregue à editora para publicação somente em 1962[1007].

O título do livro casava-se perfeitamente com a obsessão de Rachel de Queiroz pela solidão do ser humano, principalmente aquela ligada ao poder. Em algumas de suas crônicas após o suicídio de Vargas, este era o tema central na tentativa de uma compreensão daquele ato final: "Na tragédia do Presidente Vargas o que mais me impressionou não foi o tiro no peito, não foi o drama político: foi a espantosa solidão em que vivia aquele homem"[1008].

O romance, no entanto, perdeu-se no tempo, não encontramos rastros seus em revistas, em livros ou outra forma de edição e não sabemos nem mesmo se os originais

---

[1006] Ver: QUEIROZ, Rachel de. Notícias. *O Cruzeiro.* 01/04/1961, p. 130. AIMS. No entanto, o próprio Jânio declarava admirar Lincoln, Tito, Nasser, De Gaulle. In: BENEVIDES, Maria Victoria de M. *Governo Jânio Quadros.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

[1007] FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã.* 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN. Ver também: Suplemento Literário do *O Estado de São Paulo*. 24/03/1962, p. 04 e no editorial do *Diário de Notícias*, 05/02/1961, p. 05. AFBN.

[1008] QUEIROZ, Rachel de. Solidão. *O Cruzeiro.* 10/11/1956, p. 146. AIMS.

ainda existem ou se Rachel aproveitou o texto para outras publicações, com outros títulos. *O Solitário* terminou só, em algum baú escondido ou foi queimado para não deixar rastros. Afinal: "a gente nasce e morre só. Mas, talvez, por isso mesmo, quer viver acompanhada" [1009].

***

Entre os tantos elogios que a escritora cearense fazia ao presidente Jânio Quadros um deles era a escolha do pernambucano Romero Cabral da Costa para o ministério da Agricultura, de quem ela acreditava existir propostas dedicadas especialmente ao Nordeste[1010].

A pesquisadora Maria Victoria Benevides, no entanto, descreve Romero Cabral como um usineiro, desconhecido na cena partidária nacional, e ligado aos setores mais arcaicos da estrutura agrária nordestina[1011].

A preocupação da escritora cearense com o mundo agrário e especialmente o contexto nordestino era antiga, conhecida de todos e manifestou-se em todo conjunto de suas crônicas políticas, além dos seus romances.

Em *O Quinze* a história da seca foi contada a partir da trajetória de diferentes classes sociais e relações de gênero. O mundo rural ainda foi marcante em *João Miguel, As Três Marias, Dora, Doralina* e em *Memorial de Maria Moura.* Neles, descrevia-se a dinâmica rural, entre o poder senhorial e a cumplicidade dos caboclos e dependentes, no modo específico como estas relações se desenvolveram no contexto cearense.

O debate sobre a seca, por exemplo, apareceu a cada vez que houve estiagens no Nordeste, principalmente nas longas, como as de 1953 e 1958. Campanhas foram feitas pela autora cearense, envolvendo a doação de dinheiro, roupas, utensílios e mantimentos além de uma ação de combate ao preconceito contra os nordestinos: "somos, talvez, o melhor retrato dos brasileiros"[1012].

No entanto, mais importante que a campanha solidária, Rachel voltava-se sempre para a questão das políticas públicas, escassas para as regiões da seca. "Todo auxílio que se dá ao Nordeste, é intermitente, emocional e desregrado. Não é uma obra de consciência, sem solução de continuidade, que os Presidentes da República deveriam

---

[1009] QUEIROZ, Rachel de. Solidão. *O Cruzeiro.* 10/11/1956, p. 146. AIMS.
[1010] QUEIROZ, Rachel de. Nordeste. *O Cruzeiro.* 20/05/1961, p. 146. AFBN.
[1011] BENEVIDES, Maria Victoria M. *Op. Cit.* p. 17.
[1012] QUEIROZ, Rachel de. Seca: assunto nacional. *O Cruzeiro.* 07/03/1953, p. 122. AABI.

receber, no começo do quatriênio...", afirma Rachel de Queiroz citando o exemplo de Artur Bernardes e o abandono das obras do açude de Orós desde a década de 1920[1013].

Para Rachel, o problema da seca não era apenas uma questão natural, e não se resolveria com esmolas: "acreditem todos: pode quem quiser dizer o contrário, mas o Brasil não vai pra frente enquanto não se recuperar o Nordeste"[1014].

A indignação pública se exaltou no período da construção de Brasília, quando as crônicas rachelianas reclamavam dos gastos extraordinários com a nova cidade, enquanto no Nordeste se passava fome. Rachel juntava-se a grande parte da oposição, que denunciava os planos macroeconômicos e megalomaníacos do governo JK, enquanto o país enfrentava um sério problema regional.

Rachel de Queiroz surpreendia-se por ainda não ver "a raiva e a revolta", nada mais natural para uma "justa cólera" por parte das vítimas, que viviam um mundo onde não "se conhece governo, nem presidente nem Ministro da Guerra. Nunca, creio mesmo que nunca, este povo daqui sentiu tal indiferença pelos seus chefes" [1015] mas,

> que acontecerá se esses dormentes acordam? Se um dia eles descobrem que não são mesmo bichos da catinga; e que se os demais homens se atribuem uma bela alma imortal, eles também têm direito à sua? É uma interrogação que leva a infinitas especulações. E para muita gente, especulações nem sempre agradáveis[1016].

O fato é que a seca de 1958 foi uma das piores do século XX e atingiu o Piauí, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e a Paraíba. No mesmo ano, Juscelino Kubitschek viajou ao Ceará, passando inclusive por Quixadá. Na capital do estado, foi recebido pelo governador e grande amigo de Rachel, Paulo Sarasate, que aproveitou para lembrar o caráter cíclico do drama.

Neste momento, Juscelino teve contato direto com a indiferença que Rachel tanto comentava nas crônicas do *O Cruzeiro.* Ficou marcada na memória do presidente a atitude da população após um discurso proferido na Paraíba*:* "Aguardei a reação da multidão, mas nada aconteceu. Nem uma voz se fez ouvir, quer para agradecer as providências, quer para discutir a situação. Os milhares de infelizes apenas me olharam. Era como se estivessem anestesiados"[1017].

[1013] QUEIROZ, Rachel de. Perdão, mas ainda é a seca. *O Cruzeiro.* 21/03/1953, p. 122. AIMS.
[1014] QUEIROZ, Rachel de. Seca. *O Cruzeiro.* 12/04/1958, p.130. AIMS.
[1015] QUEIROZ, Rachel de. Os dormentes. *O Cruzeiro.* 05/07/1958, p. 130. AIMS.
[1016] QUEIROZ, Rachel de. Os dormentes. *O Cruzeiro.* 05/07/1958, p. 130. AIMS. Ver também QUEIROZ, Rachel de. Falta a chuva. *O Cruzeiro.* 22/03/1958, p. 114. AABI.
[1017] BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 684/685.

Em setembro de 1959, uma série de reportagens polêmicas foi publicada por Antônio Callado no *Correio da Manhã*[1018], denunciando a "indústria das secas", uma prática corrupta realizada por latifundiários nordestinos para transformar os problemas decorrentes da estiagem num grande negócio.

O alvo primeiro de Callado era denunciar o que se fazia no Ceará, onde a prática corrupta consistia em desviar o dinheiro público (do Departamento Nacional de Obras contra as Secas - DNOCS), destinado ao combate à seca para propriedades particulares (na construção de açudes, por exemplo) ou redutos eleitorais de antigos latifundiários.

A denúncia chegava ao mesmo tempo em que o governo Kubitschek lançava no Congresso um projeto do economista Celso Furtado, que envolvia a Lei da Irrigação e levaria à criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em dezembro de 1959.

Na reportagem de Callado já se anunciava a necessidade de que houvesse algumas desapropriações de latifúndios para que a situação no Nordeste pudesse ser contornada[1019]:

> A loteria dos açudes, com seu bilhete negro de um lado e de ouro do outro lado tem criado em todo o Nordeste açudado uma classe de proprietários ausentes. Deixaram a terra irrigada rendendo e vão frequentar o Náutico ou o Ideal em Fortaleza, vão morar no Recife ou vêm diretamente para o Rio. São, por definição, os industriais da seca. Pois esses é que o governo do Ceará está defendendo...[1020].

Pela Lei de Irrigação realizar-se-ia de certa maneira uma "reforma agrária" nas regiões atingidas pelas secas, pois terras irrigadas com dinheiro público, improdutivas ou com dimensões específicas poderiam ser desapropriadas.

Na denúncia de corrupção no DNOCS encontrava-se também o embarreiramento da construção do açude Orós, uma bandeira que Rachel de Queiroz levantou em várias crônicas, indignada que estava com a demora na conclusão das obras. A questão chegou a envolver a Igreja Católica, na pessoa de D. Helder Câmara, que passou a cooperar com a equipe de Celso Furtado no assistencialismo às vítimas da seca[1021].

No entanto, a posição de Rachel de Queiroz era ambígua. Ainda que defendesse publicamente a construção do Orós e políticas públicas para acabar com a seca no Nordeste, ela fazia parte da família mais poderosa de Quixadá, dona de grande parte das

---

[1018] CALLADO, Antônio. O Ceará contra a Irrigação: Indústria e industriais da seca. *Correio da manhã.* 10/09/1959, p. 01. AFBN.
[1019] CALLADO, Antônio. O Ceará contra a Irrigação: Indústria e industriais da seca. *Correio da manhã.* 10/09/1959, p. 01. AFBN.
[1020] CALLADO, Antônio. O Ceará contra a Irrigação: Indústria e industriais da seca. *Correio da manhã.* 10/09/1959, p. 01. AFBN.
[1021] BOJUNGA, Claudio. *Op. Cit.* p. 691.

terras da região. Além disso, a escritora cearense cumpria bem o perfil da dona de terras que deixava a terra irrigando enquanto vivia do outro lado do país.

Em crônica posterior ao artigo de Callado, Rachel de Queiroz concordou com a denúncia que corria pela imprensa, "pois desde a seca de [18]77... muita gente tem vivido e ficado rica à custa da miséria dos retirantes"[1022]; eram os "nordestinos profissionais". No entanto, a autora aponta outro sujeito no debate, o "nordestino amador", que é a descrição metafórica de Juscelino e seu grupo de trabalho para o Nordeste.

No momento em que escreve a crônica, Rachel se coloca junto aos que enfrentam a seca e sofrem com ela, representados na crônica pelo "pau de arara, acompanhado da mulher e filharada" que espera na cozinha da casa, enquanto os donos discutem na sala, entre banquetes e regalias, as soluções para a fome do coitado: "o diabo é que com tanta festa e conversa, os [nordestinos] profissionais e os amadores se confundem cada vez mais"[1023].

Ao colocar-se incluída no símbolo do sujeito "pau-de-arara", Rachel exercia uma estratégia de discurso que denotava aproximação com o leitor médio e solidariedade com a questão social e com o retirante nordestino. Utilizando-se desta estratégia, a autora disfarçava o fato de ser ela mesma dona de terras no Ceará, na mesma região em que sua família ancestral possuiu a maior parte das propriedades locais, exercendo poder oligárquico.

Ao mesmo tempo, é preciso destacar a ambiguidade da sentença. Rachel de Queiroz é dona de um sobrenome e uma tradição familiar oligárquica e, enquanto tal, participava do capital social herdado por esta condição[1024].

Por outro lado, é também uma intelectual com forte apelo social, muito próxima sensivelmente de seus dependentes e empregados, a ponto de defendê-los e colocar-se junto a eles nas tantas crônicas escritas com o tema da seca e do Nordeste ao longo dos anos da *Última Página.*

O que pretendemos com esta afirmação é reconhecer, por um lado, a visão elitista e conservadora que Rachel de Queiroz manifestou ao longo da vida e que se radicalizaria à medida que os anos 1960 avançavam.

[1022] QUEIROZ, Rachel de. Nordestinos profissionais. *O Cruzeiro.* 19/12/1959, p. 158. AABI.
[1023] QUEIROZ, Rachel de. Nordestinos profissionais. *O Cruzeiro.* 19/12/1959, p. 158. AABI.
[1024] Ver de modo especial a crônica QUEIROZ, Rachel de. Açude. *O Cruzeiro.* 21/04/1962, p. 114. AABI. Neste texto, Rachel defende a *não* construção do açude do Labirinto, projeto do governo para a Serra do Baturité. Segundo a autora, sua defesa vem em nome da família que ocupa grande parte das terras nessa região e, com o açude, teriam suas propriedades inundadas.

Por outro lado, é preciso reconhecer a dimensão solidária militante de sua trajetória política, para evitarmos julgá-la incorrendo no mesmo equívoco que provocou sua expulsão do Partido Comunista dos anos 1930: a marca de sua condição de classe; como se esta condição a impedisse de sentir compaixão, solidariedade, disposição para combater a pobreza, a miséria, a exploração social, ainda que muitas vezes sob uma visão paternalista[1025].

Durante o governo Jânio Quadros foi debatido no Congresso o I Plano Diretor da SUDENE, que enfrentou grande resistência por parte da bancada nordestina, mas foi aprovado em agosto de 1961. Intrínseco a este debate estava o da reforma agrária, tema que servia de bandeira para o PTB desde meados dos anos 1950. A opinião de Rachel de Queiroz neste assunto era a seguinte:

> E longe da gente discordar da necessidade desta reforma onde quer que sobreviva o latifúndio. Mas não é só com uma garra de terra que se faz um lavrador, - há que assisti-lo, instruí-lo, ampará-lo com dinheiro e técnica. Fazer da reforma agrária um movimento puramente emocional como o 13 de maio, não adianta. Basta o abandono em que foram deixados e do quanto sofrem até hoje os pobres escravos forros[1026].

Para a escritora cearense, havia três problemas principais no contexto do pequeno trabalhador rural: a falta de instrução dos "caboclos" (em termos de educação formal e também do aprendizado de técnicas agrícolas); a situação de dependência senhorial (sendo "expulsável *adnutum*, sem nenhum direito adquirido, sem direito sequer a colher o que plantou, quando o patrão de repente o manda embora") e a "espontânea mobilidade e nomadismo do caboclo"[1027].

Durante o governo Jânio Quadros, Rachel de Queiroz defendeu a realização da reforma agrária, pois acreditava que "os remédios paternalistas, aqui como em outra parte, não servem", mas não escondia seu medo de que ela se realizasse: "a tão falada e indispensável reforma agrária terá que ser feita com a maior cautela e objetividade porque, aplicada por esses mestres-de-obras improvisadas no papel, só poderá levar a um pauperismo maior".

[1025] No entanto, podemos comentar aqui que Rachel de Queiroz se utilizava constantemente deste mesmo argumento para julgar políticos como João Goulart, de quem a autora costumava enfatizar a riqueza familiar baseada no latifúndio ao mesmo tempo em que pregava a reforma agrária. Para Rachel, a riqueza do presidente era a prova de sua demagogia.
[1026] QUEIROZ, Rachel de. Safra. *O Cruzeiro.* 18/03/1961, p. 122. AIMS.
[1027] QUEIROZ, Rachel de. Nordeste. *O Cruzeiro.* 20/05/1961, p. 146. AIMS.

Isto porque, segundo Rachel, o drama dos retirantes não atacava os moradores da fazenda que "bem ou mal, tem um patrão a cuidar deles", mas justamente os pequenos proprietários, sem dinheiro para construir um açude ou salvar parte da criação[1028].

A visão racheliana era visivelmente paternalista, repetia as fórmulas do bom senhor que cuida de seus dependentes e dos "caboclos" incapazes de lidar com a propriedade de forma autônoma, devendo ser fiscalizados, instruídos, coordenados. É assim que a reforma agrária apareceu como um discurso ambíguo no argumento racheliano.

Seus comentários, no entanto, foram pertinentes ao contexto dos anos 1950 e 1960, estando diretamente relacionados com a formação de associações camponesas e a atuação do advogado e deputado estadual, Francisco Julião em Recife.

Desde 1955, o deputado do PSB pernambucano vinha promovendo e incentivando discussões sobre o trabalho rural e o direito às terras, principalmente a partir da atuação no SAPPP (Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco) e o drama envolvendo as 140 famílias moradoras do Engenho Galileia[1029].

A partir da polêmica gerada por este movimento, uma das discussões mais importantes do governo Kubitschek e do governo de Jânio Quadros foi a possibilidade da reforma agrária, sendo a questão mais controversa o valor a ser pago como indenização aos latifundiários expropriados[1030].

Através da atuação de Francisco Julião e da formação das Ligas Camponesas realizaram-se congressos e associações entre trabalhador rural e operariado urbano organizado, fazendo com que o movimento tomasse proporções nacionais e promovesse

---

[1028] QUEIROZ, Rachel de. Nordeste. *O Cruzeiro.* 20/05/1961, p. 146. AIMS. Ver também a sequência desta crônica, intitulada "Nordeste II". *O Cruzeiro.* 27/05/1961, p. 162, onde Rachel faz uma descrição dos proprietários rurais do sertão. A escritora defende a ideia de que a situação econômica para eles também não é favorável, descreve-os como pessoas que vivem no limite de seus recursos financeiros.

[1029] Em meados de 1950, as famílias que ocupavam as terras do Engenho Galileia vivendo da agricultura de subsistência, foram afetadas pelo aumento do aluguel das terras utilizadas. Para o auxílio mútuo fundam a SAPPP, de caráter assistencialista e tendo o próprio proprietário das terras como presidente. No entanto, com a desconfiança de estar apoiando um movimento de caráter comunista, o proprietário exigiu em pouco tempo a extinção da SAPPP, além de ameaçar os moradores de despejo no intuito de utilizar as terras ocupadas por eles para a criação de gado. É neste momento que o deputado Francisco Julião atuou como advogado da SAPPP, colocando em questão a autoridade do proprietário e levando o debate sobre a desapropriação e a reforma agrária para o cenário político estadual e, em seguida, nacional. Por meio de uma grande pressão popular por parte das Ligas Camponesas, o governador de Pernambuco Cid Sampaio (UDN) assina o decreto de desapropriação das terras do Engenho Galileia, dando vitória aos trabalhadores mas conseguindo, por outro lado, a crítica feroz da imprensa liberal em defesa da propriedade privada. Ver: MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e Sindicatos Rurais em tempos de Revolução. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 241-271/ p. 253. Não encontramos colunas específicas de Rachel de Queiroz comentando assunto.

[1030] HIPPOLITO, Lucia. *Op. Cit.* p. 224.

a criação de um suporte jurídico e político parlamentar que rompia com o isolamento dos conflitos no meio rural. Segundo Montenegro, para alguns, esses movimentos constituíam um exemplo de resistência, para outros eram símbolos da influência comunista e constituíam uma ruptura da *pax* agrária[1031].

Até 1963, Rachel de Queiroz não associava o movimento pela reforma agrária exclusivamente ao comunismo; a autora sabia que era uma reforma necessária e reconhecia sua importância para a sociedade brasileira.

No entanto, sempre se colocando a partir do contexto cearense, que era o seu, Rachel de Queiroz não conseguia esconder o medo de que uma nova ordem e a forma como os projetos estavam sendo discutidos no Congresso perturbasse não só a *pax* do "pobre caboclo que não saberá o que fazer com a terra", mas a sua própria *pax*[1032].

Solução Final

Mesmo com as crônicas rachelianas insistindo em elogios ao novo governo, a autora escreveu dos sertões a José Olympio em abril de 1961: "Aqui no sertão o povo é todo muito janista e tem uma grande fé nos resultados da nova política. Eu continuo firme, mas inquieta – naquela base em que falamos, você e eu"[1033].

Passando cerca de três meses no *Não me deixes*, a autora tentava alcançar as notícias pelo rádio, onde o único programa que se conseguia ouvir era a *Voz do Brasil*, o resto parecia um longo silêncio.

De silêncio não tinha nada na política nacional. As inconstâncias de Jânio Quadros começaram já em abril, quando as propostas de combate à inflação feitas pelo seu ministro da Fazenda tornavam-se cada vez mais impopulares devido ao aumento no custo do pão e dos transportes.

[1031] MONTENEGRO, Antônio Torres. *Op. Cit.* p. 256.

[1032] Um dado interessante a mencionar é que Rachel de Queiroz faz questão de diferenciar o contexto do sertão cearense daquele da região da Zona da Mata ou do "brejo" pernambucano, onde se instalaram os grandes latifúndios de tradição açucareira. Esta diferenciação serve em seu argumento para criar uma identidade sertaneja cearense, onde "todos são *quase igualmente* pobres e pouca diferença se registra entre a casa e o padrão de vida do morador e a casa e a vida do pequeno fazendeiro. E, mesmo os grandes fazendeiros não vivem em nenhum castelo". QUEIROZ, Rachel de. Brejo & sertão. *O Cruzeiro.* 16/09/1967, p. 156. AABI.

[1033] Correspondência de Rachel de Queiroz a José Olympio. Bilhete manuscrito. *Não me deixes.* 23/04/1961. Pasta Rachel de Queiroz. Fundo José Olympio. ANNB/L.JOE.ADM.RED.EDT.365. FCRB.

Nesse mesmo mês, o presidente começou a se aproximar de intelectuais desenvolvimentistas, que argumentavam que a estabilização econômica deveria estar ligada a um projeto mais amplo de crescimento industrial e investimentos públicos[1034].

Em 05 de agosto Jânio criou a Comissão Nacional de Planejamento, que denotava o esgotamento do discurso da austeridade que tinha prevalecido na campanha eleitoral e nos primeiros meses do governo e se aproximava das propostas econômicas usadas pelo governo anterior.

Aliado a isso, o autoritarismo característico da personalidade de Jânio Quadros transparecia em todas as suas ações na presidência. Assim como Rachel de Queiroz recebia frequentemente bilhetinhos do presidente, todos aqueles próximos a ele viviam o mesmo processo.

Os recados eram famosos, cobravam desde responsabilidades administrativas até a aprovação de decretos de proibição do uso de biquínis nas praias do Rio de Janeiro. Além disso, denotavam o controle que Jânio Quadros procurava ter de todos os aspectos da política nacional, e sua indignação com a demora da ação correspondente a seus pedidos. Para Benevides, os bilhetinhos acabavam convertendo seus destinatários em meros executores das vontades presidenciais[1035].

Para completar, em maio de 1961, a UDN lançou um relatório denunciando o vice-presidente João Goulart por irregularidades no uso dos fundos de pensão. Jânio Quadros apoiou a investigação e, com isso, ganhou a antipatia do PSD e do PTB, que constituíam a maioria no Congresso.

Desse modo, aproximando-se dos desenvolvimentistas, o presidente gerava desconfianças na UDN; e apoiando as denúncias de corrupção feitas pela UDN, ganhava inimigos importantes no Congresso[1036].

Da mesma forma, ações com base na PEI geravam desconfiança nos conservadores e nos americanos, assim como os comprometimentos com o FMI no

---

[1034] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 237.
[1035] BENEVIDES, Maria Victoria M. *Op. Cit.* p. 16.
[1036] As denúncias não se limitaram ao relatório sobre João Goulart. Em realidade, os processos administrativos foram muitos e atacavam diretamente o governo anterior: sindicância da COFAP (Comissão Federal de Abastecimento e Preços), do Instituto Brasileiro do Café, do IBGE, da SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito), do Conselho Nacional de Pesquisas, da SPVEA (Superintendência pela Valorização da Amazônia), da Rede Ferroviária Federal, da Cia Siderúrgica Nacional, da Cia Vale do Rio Doce, do Departamento Nacional de Obras contra as Secas, além dos Institutos da Previdência Social, reduto quase exclusivo dos trabalhistas. Para completar o quadro, muitas destas comissões de inquérito eram presididas por oficiais militares.Ver: BENEVIDES, Maria Victoria M. *Op. Cit.* p. 22.

plano internacional geravam desconfiança nos nacionalistas de esquerda. A verdade é que Jânio Quadros encontrava-se numa sinuca de bico.

Mesmo assim, em crônica enviada do sertão e publicada em junho, Rachel dizia: "Podem os políticos [?] a 'nova classe', podem os sutis e os poderosos estar decepcionados com o Governo, mas o pequeno não está. Continua satisfeito e cheio de esperanças (...). E aplaudem as novidades de moralização da justiça"[1037].

Rachel ainda atribui as dificuldades de articulação do presidente ao fato da capital estar agora em perímetro extremamente isolado em relação ao resto do país: "Mas que o país se sente hoje mais ou menos como S. Denis, com a cabeça cortada debaixo do braço, isso sente. Ninguém sabe onde está nada, onde se dirigir, a quem falar". Mais à frente, Rachel traz uma das questões que não encontramos em outras interpretações sobre o governo Jânio Quadros: "Falam na excessiva interferência do Presidente em assuntos que às vezes podem não ser de sua alçada; mas se o Presidente não tomasse conta, quem tomava? O Congresso por acaso, que nunca sequer tem *quorum*, que não quer se acostumar àquele belíssimo Taj Mahal [...]?"[1038].

Neste sentido, aliado a toda a crise enfrentada pelo governo Jânio Quadros, seria interessante pensar no deslocamento da capital, recém posto em prática, como um dos aceleradores do descompasso janista em relação à máquina do governo.

Mas quem daria mesmo o golpe final no mandato de Jânio Quadros seria o grande temor dos presidentes, Carlos Lacerda. O problema é que, ao protestar contra o presidente, Lacerda refletia a inoperância da própria UDN dentro do governo, uma vez que era ela quem tinha servido de grande apoio à eleição janista.

O estopim do desconforto entre Jânio e a UDN se deu em 18 de agosto de 1961, quando o presidente condecorou Ernesto Guevara, então ministro da Economia de Cuba, com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Depois da condecoração, militares e intelectuais conservadores como Lacerda – neste momento governador da Guanabara, começaram a acusar Quadros de aproximar-se dos comunistas e nacionalistas radicais.

O argumento de Lacerda aliava-se a outras "fofocas" parlamentares que diziam que o presidente pensava em uma solução *gaullista*[1039] para o problema político e

---

[1037] QUEIROZ, Rachel de. Carta do "Não me deixes". *O Cruzeiro.* 03/06/1961, p. 146. AABI.
[1038] QUEIROZ, Rachel de. Capital (I). *O Cruzeiro.* 24/06/1961, p. 146. AABI.
[1039] Em 1958, o maior representante da resistência francesa à ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial, general De Gaulle, fundou a Quinta República francesa por meio de uma mudança constitucional que garantia mais poderes ao presidente.

econômico brasileiro. O presidente tentou impedir a divulgação das infâmias de Lacerda, principalmente através do rádio, mas foi frustrado em sua tentativa de censura pelo seu próprio ministro da Guerra, que não concordou em aplicar a medida[1040].

Em 25 de agosto de 1961 o vice-presidente João Goulart retornava de sua viagem oficial à China onde concretizava as intenções da PEI do governo Quadros. O país oriental era, com certeza, um dos lugares mais distantes em que o vice poderia se encontrar naquele momento.

Aproveitando-se da situação, através de uma manobra inesperada, abrupta e absurda para a opinião pública e para a classe política, o presidente Jânio Quadros entregou uma carta de renúncia ao Congresso Nacional, exatos sete anos e um dia depois da carta suicídio de Vargas.

Para sua própria surpresa, todavia, o Congresso contava com um *quorum* mínimo naquele dia e a renúncia inesperada foi imediatamente aceita, passando o cargo para as mãos do presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili (PSD).

Na carta, Jânio Quadros utilizava argumentos parecidos com os da carta suicida de Getúlio Vargas, mas exagerando na autocomiseração: "forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou difamam, até com a desculpa da colaboração"[1041].

As especulações em torno desta renúncia povoam o imaginário brasileiro até hoje e o episódio entrou para o rol das anedotas políticas brasileiras. Alguns especialistas destacam a difícil conjuntura vivida pelo presidente e as ambiguidades e paradoxos dos diferentes grupos que o elegeram; outros enfatizam sua inabilidade política e autoritarismo; outros ainda acreditam que ele superestimou o apoio popular que tinha até então, acreditando que o próprio povo não aceitaria sua renúncia:

> Ele [Jânio] falava muito engraçado. A fala dele era muito engraçada. Eu não o visitava muito. Quando a gente se encontrava, telefonava, mandava bilhetinho para mim. Quando eu escrevi, a interpretação que eu dei [?] da renúncia, por exemplo, ele mandou um bilhete logo. Escrevi dois artigos estudando a renúncia e dando a minha interpretação. Ele me mandou um bilhetinho: "Queridíssima. De todos os que escreveram sobre a Renúncia, (com erre grande) tu foste quem chegou mais perto da verdade[1042].

A "verdade" é que Rachel de Queiroz evitou comentários em relação ao evento no momento que este aconteceu, e somente quinze anos depois escreveria a crônica à qual

---

[1040] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 243.
[1041] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 248/249. Ver também: BENEVIDES, Maria Victoria. *Op. Cit.* p. 34. Em 1962 Jânio tentou ainda concorrer à prefeitura de São Paulo com a campanha "renúncia é denúncia", mas foi derrotado por Ademar de Barros numa coligação que teve apoio até da UDN.
[1042] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 13/11/1993. p.58. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

se refere na entrevista de 1993. Em março de 1976, a autora cearense escreveu *Jânio e a Renúncia,* uma dupla crônica publicada no jornal *Última Hora* em plena ditadura militar.

Não que não tivesse sido cobrada no momento mesmo do evento. Leitores enviaram-lhe bilhetes e cartas pedindo que a escritora, intelectual diretamente associada ao governo, desse-lhes uma explicação: "desde a semana passada evito falar, aqui nesta coluna, no que vai acontecendo pela política nacional. A revista se prepara com antecedência de dias e os fatos políticos ocorrem com tal inopinado e incoerência que o que se diz pela manhã já não tem oportunidade ao meio-dia..."[1043].

Em certo sentido, a crise desencadeada pela renúncia de Jânio Quadros lembrava a Rachel de Queiroz a crise de 1954, quando uma crônica sua sobre a morte do major Rubens Vaz tinha sido publicada na semana seguinte ao enterro de Getúlio Vargas. E, neste sentido, o momento crítico de 1961 exigia prudência.

Por isso mesmo, na crônica de setembro de 1961, a escritora não procurou explicar o acontecido, não fez interpretações ou especulações sobre a personalidade de Jânio Quadros ou sobre a conjuntura política diretamente ligada a ele. Enquanto a direita radical encarnada principalmente na fala de Carlos Lacerda escancarava suas críticas e a decepção em relação ao ex-presidente, Rachel de Queiroz limitou-se a elogiar abertamente o curto mandato janista e afirmar o que ela considerava ser a volta do pesadelo, "a gritaria demagógica, o reino triunfante dos pelegos, a euforia das negociatas, os figurões vazios de conteúdo, mas tão grossos de fala"[1044].

Em 1976, passados quinze anos da renúncia, Rachel ainda procurava defender Jânio Quadros: "a gente precisa recordar, em princípio, o que era o ambiente político do Brasil no tempo em que Jânio Quadros subiu à Presidência. Um país completamente ingovernável":

> O Congresso, fragmentado entre todas aquelas divisões partidárias, exigia ser cajolado e satisfeito em todas as suas exigências mais "fisiológicas" para dar maioria ao Presidente. O vice-presidente, reeleito, era aquele mesmo representante do mais pernicioso resíduo da herança getulista, e procurava manter por todos os meios a barganha anteriormente estabelecida com Juscelino, pela qual se dividia o poder entre ambos (...). As Forças Armadas, que sempre foram o sustentáculo dos nossos governos, dividiam-se também como os políticos. Já se deixavam infiltrar por perigosas ligações com janguistas, brizolistas e a própria esquerda ortodoxa[1045].

[1043] QUEIROZ, Rachel de. Maré. *O Cruzeiro.* 23/09/1961, p. 146. AABI.
[1044] QUEIROZ, Rachel de. Maré. *O Cruzeiro.* 23/09/1961, p. 146. AABI.
[1045] QUEIROZ, Rachel de. Jânio e a renúncia I. *Última Hora.* 19/03/1976, s/p. AIMS.

Para Rachel, fazia parte da ingovernabilidade a falta de destreza da UDN, partido que a autora cearense critica veementemente nesta crônica por sua falta de coesão interna.

Ao mesmo tempo, juntava-se à crise a inabilidade e falta de malícia por parte de Jânio - "ele era muito moço" para lidar com a crise. Esta opinião, por outro lado, servia muito bem em 1976, a uma legitimação do que ocorreu posteriormente, durante o governo João Goulart, o golpe de estado de 1964 e a instauração do regime militar de governo:

> E hoje, em remate a contas, não nos poderemos queixar muito. Antes devemos agradecer a Jânio. Pois, tivesse ele cedido às pressões que sofria e governado como os outros governaram, não se teria chegado tão depressa àquele clima de loucura e desgoverno que propiciou a salvadora intervenção armada de 1964. A crise poderia ter se alongado indefinidamente, e quem sabe não estaríamos hoje em situação parecida com a da Argentina, com o seu nó górdio ainda por cortar?[1046].

Não é à toa que Jânio Quadros elogiará pessoalmente a crônica racheliana, pois esta servia como uma ótima defesa para sua atitude inesperada de 25 de agosto de 1961. Ao mesmo tempo, ao defender Jânio Quadros enfatizando o contexto político extremamente complexo, tenso e polarizado dos anos 1960, Rachel de Queiroz defendia também sua própria posição frente ao regime militar que vivenciava e no qual ocupava uma posição de destaque nos anos 1970.

No entanto, não devemos nos iludir pela memória, que muitas vezes encadeia e organiza uma sequência de eventos em nome da salvação de uma ideia ou de determinada posição.

Como insistem pesquisas recentes, até março de 1964, o golpe civil militar nunca foi inevitável[1047]. Ele foi uma opção, entre outras possíveis, e até chegada sua hora, nada parecia definido na terra de Vera Cruz.

***

[1046] QUEIROZ, Rachel de. Jânio e a renúncia I. *Última Hora.* 19/03/1976, s/p. AIMS: "E a prova de que era impossível a Jânio governar em tais condições é que, mais tarde, por maiores que fossem os esforços feitos pelo primeiro Presidente da Revolução, o Marechal Castelo e, em seguida, pelo Presidente Costa e Silva, a fim de estabelecerem um governo democrático, as forças de contestação aliadas para derrubar qualquer empenho nesse sentido, não deram margem a que o governo revolucionário abrisse mão dos seus poderes excepcionais e entrasse pela regularidade democrática. Segundo era o desejo, quase obsessivo, do Presidente Castelo Branco".

[1047] Ver FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 16.

O ano de 1961 terminou com uma sequência de crônicas melancólicas na *Última Página*, revelando uma sensação que a partir daí predominará na escrita política de Rachel de Queiroz. O desânimo era total, "diz que o mais sério sinal da velhice é sentir-se melhor entre os defuntos que entre os vivos. É o que ora me acontece"[1048].

João Goulart era um jovem político de quarenta e um anos em 1961 e que, apesar da idade, subira rapidamente na carreira, sem dúvida com ajuda de seu grande amigo - apesar de vinte e sete anos mais velho -, Getúlio Vargas.

Desde pelo menos 1945, a influência do ex-ditador tinha sido decisiva para que Jango entrasse na vida política, sem abandonar, no entanto, a expressiva herança paterna representada pelas grandes fazendas que mantinha nos pampas gaúchos.

O diferencial de Goulart, que em 1960 já tinha sido eleito vereador, deputado federal, já fora presidente do diretório do PTB no Rio Grande do Sul, ministro do Trabalho em 1953 e presidente nacional do partido na mesma década, além de vice-presidente de Juscelino Kubitschek, era sua postura inovadora no interior do Partido Trabalhista.

Jango era reconhecido por seu diálogo fácil com os sindicatos e com a massa trabalhadora que apoiava o PTB[1049]: “Nunca vi o Jango. Nunca quis saber dele (...). O Jango era um aventureiro, sem formação cultural, um populista demagógico e cercado pela pior gente. Pelo menos essa era a opinião do nosso grupo”, afirma Rachel de Queiroz nos anos 1990[1050].

De fato, a escritora cearense comungava com a opinião que uma parte da imprensa tinha sobre Goulart desde que este fora ministro do Trabalho de Vargas em 1953. Aliás, as opiniões sobre o presidente variavam enormemente.

Para as esquerdas revolucionárias e a ortodoxia marxista-leninista, Jango era “um líder burguês de massa, uma liderança cuja origem de classe marcou seu comportamento dúbio e vacilante, com vocação inequívoca para trair a classe trabalhadora”[1051]. Aliás, Rachel de Queiroz compartilhava desta opinião[1052].

[1048] QUEIROZ, Rachel de. Os mortos. *O Cruzeiro.* 30/09/1961, p. 146. AFBN.
[1049] Ver FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. Capítulo 02: p.49-82.
[1050] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 224.
[1051] FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 343-404. p. 345.
[1052] Ver QUEIROZ, Rachel de. Liderança. *O Cruzeiro.* 06/07/1963, p. 114. AIMS.

Já para a UDN, setores do empresariado, alguns militares, petebistas dissidentes e a imprensa liberal, o presidente representava um político fraco, demagógico, manipulador dos operários.

Por fim, grande parte do PTB, o movimento sindical e o eleitorado petebista consideravam Jango um político nacionalista e reformista que pagava um alto preço por defender os trabalhadores urbanos e rurais desde os anos 1950[1053].

O que era verdade nisto tudo é que, após a morte de Vargas, Goulart se tornou o maior representante do partido que mais crescia no Brasil, o PTB. O investimento desta nova geração - que incluiu num primeiro momento não só Goulart, mas também Leonel Brizola, Fernando Ferrari e Lúcio Bittencourt -, progredia em dois sentidos.

O primeiro deles era a reestruturação e expansão da máquina partidária nos estados. O segundo, tinha como tarefa doutrinária e ideológica diferenciar getulismo de trabalhismo, "adequando o último às demandas econômicas, sociais e políticas da sociedade brasileira dos anos 1950 e 1960, e atualizando o projeto ao contexto das esquerdas latino-americanas e europeias ocidentais"[1054].

Desde 1954, portanto, houve uma espécie de "refundação" do PTB guiada por João Goulart, de caráter eminentemente reformista, aproximando-se cada vez mais da esquerda nacionalista composta por sindicatos, por subalternos das Forças Armadas, estudantes e também por comunistas.

Aliás, desde a vice-presidência do governo JK, Jango e os petebistas, que ocupavam 20% das cadeiras do Congresso naquele momento, tentavam aprovar projetos como a legalização do PCB e a reforma agrária[1055].

Para Jorge Ferreira, Goulart procurava conciliar, nas propostas do trabalhismo petebista, diferentes conquistas demonstradas pelo contexto internacional: de um lado havia a democracia americana e europeia baseadas no Estado de bem-estar social proporcionando crescimento da renda e do consumo. Existia também o modelo de industrialização acelerada experimentado pelo socialismo soviético. E, por fim, havia o

---

[1053] Jorge Ferreira cita Ângela de Castro Gomes nesta definição. FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011.p. 118/119.

[1054] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 137.

[1055] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 138, p. 181 e p. 191. Ferreira aponta, inclusive, a veia autoritária desta geração, concentrando no Diretório Nacional do PTB, pessoas que fossem leais a João Goulart e punindo os dissidentes com a exclusão dos diretórios regionais. Muitas destas dissidências aconteciam por discordarem da aproximação cada vez maior do Diretório Nacional com o movimento sindical e com os comunistas. Este foi o motivo da saída de Fernando Ferrari em 1956, por exemplo.

forte discurso anti-imperialista de emancipação econômica e política que se expandia na América Latina[1056].

Talvez por esta adaptação de diversas propostas econômicas e políticas internacionais ao contexto brasileiro, Rachel de Queiroz e a imprensa de oposição de modo geral queixava-se da falta de um programa ideológico prático e objetivo por parte dos partidos políticos e especialmente do PTB, vendo-os como aventureiros demagógicos. No entanto, de acordo com Goulart, este programa parecia claro, ao menos em sua defesa dos interesses dos trabalhadores.

Além disso, um dos amigos mais antigos de Rachel de Queiroz, Carlos Lacerda, era inimigo declarado do agora presidente, João Goulart. Suas reclamações na imprensa em relação a Jango passaram por diversas fases, beiraram o grotesco com denúncias não comprovadas, falsificação de documentos de acusação[1057], além de ataques pessoais em linguagem descortês.

Ainda na época do governo JK, a Câmara dos Deputados chegou a pedir a cassação do mandato de Lacerda por conta das falsas acusações que este levantava contra João Goulart a todo o momento. Mas, com apoio de Afonso Arinos, Prado Kelly e Milton Campos, Lacerda conseguiu escapar do vexame político causado por uma cassação[1058].

No entanto, para Rachel de Queiroz, João Goulart não fora o sujeito principal de sua crítica política até 1961, como o era no discurso de Lacerda desde pelo menos 1953. Isto não quer dizer, no entanto, que pessoalmente a autora cearense não concordasse diretamente com a radicalidade de seu amigo.

É importante lembrar, ainda, as cisões partidárias cada vez mais frequentes no sistema representativo brasileiro. Assim, o PSD estava cindido na Ala Moça e a UDN cindida no grupo Bossa Nova, ambas alas mais progressistas dos respectivos partidos.

Da mesma forma, novas frentes foram formadas no Congresso entre os diversos partidos, associando-se de forma suprapartidária. Foi o caso da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), fundada em 1956 com predominância de membros do PTB, mas incluindo as esquerdas pessedistas e udenistas, e voltada para a defesa das reformas de base e da implantação de uma economia nacional.

[1056] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2011. p. 140.
[1057] Como o episódio da “Carta Brandi”, o “escândalo do Pinho” etc.
[1058] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.*2011. p. 184.

Para Hippolito, o mais importante fator da crise representativa eram as polarizações e cisões internas no PSD, maior partido da experiência democrática brasileira, que não conseguia mais garantir um equilíbrio de centro que assegurasse um sistema de governo moderado[1059].

***

Passada a renúncia, e enquanto João Goulart encontrava-se a caminho do Brasil, manobras parlamentares e militares foram postas em prática para evitar sua posse. Ainda que o presidente da Câmara, Ranieri Mazzili (PSD) ocupasse a presidência, quem exercia realmente o poder naquele momento era uma junta militar formada pelos três ministros de Quadros[1060], em especial o ministro da Guerra. Odílio Denys declarara que a posse ou o *impeachment* de Goulart significariam uma escolha entre o comunismo e a democracia, respectivamente[1061].

De modo imediato, os ministros declararam a lei marcial, incluindo a censura à imprensa e às rádios. Em resposta à medida de exceção, uma séria crise política e mesmo uma ameaça de guerra civil se instalou no país. A chamada "campanha pela legalidade" foi iniciada de modo dramático por Leonel Brizola, neste momento governador do Rio Grande do Sul[1062].

Para garantir a posse do vice-presidente, Brizola, que era cunhado e correligionário de Goulart no PTB, conseguiu apoio da cúpula do III Exército situado na região sul do país. Ao mesmo tempo, furou a censura denunciando a junta militar através de frequências de rádio que partiam do Rio Grande do Sul.

Foi a chamada "Cadeia Radiofônica da Legalidade". Seu antagonista direto, além da junta militar, era ninguém menos que o governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, que mexia seus pauzinhos para garantir a possibilidade de um golpe.

Após dias à beira da guerra, mas com amplos setores civis e militares apoiando a legalidade constitucional[1063], a decisão tomada pelo Congresso foi assegurar a volta e a

---

[1059] HIPPOLITO, Lucia. *Op. Cit.* p. 214.
[1060] Odílio Denys, ministro da Guerra; brigadeiro Moss, ministro da Aeronáutica e o almirante Sílvio Heck, ministro da Marinha.
[1061] FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 35.
[1062] Ver: FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 301-342. p. 326-336.
[1063] Apoiaram a Legalidade a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Frente da Legalidade Democrática, a diretoria da União Nacional dos Estudantes, além do governador de Goiás, Mário Jorge.

posse de João Goulart na presidência. No entanto, por manobras operadas especialmente pelo PTB e pelo PSD (maioria na casa) para entrar em acordo com a junta militar, instituiu-se um regime parlamentarista *à brasileira*, garantido pela Emenda Constitucional nº4[1064].

Para Thomas Skidmore, Jango não se tornou presidente pelas pressões da esquerda, mas pela divisão nas Forças Armadas, "somada a uma larga base de opinião centrista, ansiosa para garantir a observância dos processos constitucionais"[1065].

Já Lúcia Hippolito chama a manobra parlamentarista de "operação reconquista", uma forma que o PSD encontrou para voltar ao poder, ainda mais num momento crucial em que vinha perdendo espaço político e eleitoral para os trabalhistas[1066].

Rachel de Queiroz, que já tinha sido cogitada por Jânio Quadros a assumir o ministério da Educação em janeiro de 1961, foi sugerida pela imprensa para ocupar o mesmo cargo agora no regime parlamentarista[1067].

Nada mais especulativo por parte da imprensa, afinal a escritora cearense não se aproximava do núcleo político que deteve o poder parlamentarista, composto pela maioria no Congresso e principalmente pelo partido mais poderoso da experiência democrática brasileira desde 1945: o PSD.

Assim, o reconhecimento da imagem pública da escritora cearense associada à do governo federal, não passou dos sete meses do mandato janista. Esta imagem foi plenamente assumida por ela: Rachel considerava-se governo. Através da utilização da primeira pessoa do plural, "nós", a autora defendeu-se contra acusações dirigidas a Jânio Quadros: "não mudamos nada, não derrubamos nada, não alteramos nada – estão vendo? – Pois parece que só assim se supõem eles ungidos com uma autoridade que tomaram por um golpe inaudito de sorte, e de cuja posse andam longe de se sentirem garantidos" [1068].

[1064] A carta do parlamentarismo foi redigida pelas mãos de San Tiago Dantas (PTB) e de Afonso Arinos de Mello Franco (UDN), com a presença de mais trinta políticos. No entanto, com a resistência da Junta Militar e a pressão exercida sobre o Congresso, a carta virou um Frankenstein de medidas apropriadas de outros países com regime parlamentarista, associadas a medidas criadas pelas necessidades do momento. É preciso lembrar, neste sentido, que era a primeira vez que o Brasil vivia um regime parlamentarista de governo. Ver: FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 52.
[1065] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 256.
[1066] HIPPOLITO, Lúcia. *Op. Cit.* p. 115.
[1067] Mulheres falam sobre mulheres no Gabinete. *Diário da Noite*, 06/02/1962, p. 19. AFBN.
[1068] Rachel comenta aqui as suspeitas que recaiam sobre Jânio Quadros de que este armara um golpe de estado, ao entregar sua carta de renúncia. Ver: QUEIROZ, Rachel de. Seja lá o que Deus quiser. *O Cruzeiro*. 14/10/1961, p. 162. AIMS.

A alteração da primeira pessoa do singular para a primeira do plural é um dado fundamental para se compreender a posição política de Rachel de Queiroz a partir de fins de 1961.

A intelectual "autônoma", "independente", "franco-atiradora", "autêntica", parecia naufragar neste momento de crise política e econômica. A força coletiva, radical e polarizada, que separava *bons* de *maus*, engolia aos poucos o discurso pessoal de Rachel de Queiroz, sem, no entanto, prescindir dele[1069].

Junto a isso, soma-se o argumento do "velho" e do "novo", do "antes" e "depois", que passou a integrar a radicalidade racheliana nos anos 1960: "Parecia que inaugurávamos tempos novos, que o Brasil afinal encontrara o seu caminho, aquele meio termo seguro que é a rota da regeneração e da saúde. Para dar nisso que está aí. Essa mesquinha confusão, essa comédia de erros e enganos"[1070].

Dona de crônica semanal entregue em torno de quinze dias antes de ser publicada, Rachel de Queiroz andava quase sempre em descompasso nesses momentos históricos mais atribulados, quando cada dia contava um conto, e cada conto aumentava um ponto.

Assim como ocorreu no momento do suicídio de Vargas e após a renúncia de Jânio Quadros, instauravam-se duas temporalidades da crônica racheliana: aquela da *intenção* da crônica, que revelava a opinião de Rachel de Queiroz sobre determinados eventos imediatos à sua escrita; e a temporalidade da *recepção* desta escrita, semanas depois, que podia gerar efeitos inesperados, uma vez que parecia falar de um *presente* que era, na verdade, *passado*.

Em 14 de outubro de 1961, por exemplo, a autora ainda comentava os primeiros momentos da instauração do parlamentarismo brasileiro, ocorridos a partir da segunda semana de setembro: "não se sabe o que é governo, quem é governo, onde se governa. Parecem os do governo um bando de crianças faveladas, amontoadas no mesmo colchão, disputando a mesma coberta (...) o mal é que a coberta é curta e rasga fácil"[1071].

[1069] Logicamente, como já discutimos em outras partes desta tese, Rachel de Queiroz sempre esteve em diálogo aberto com um ou outro grupo do cenário político (fossem determinados partidos ou algumas amizades). Mas, ao assumir em seu próprio discurso um sujeito coletivo, a autora negligencia a ideia tantas vezes defendida de *autonomia política* para assumir uma identidade de grupo muito específica.
[1070] QUEIROZ, Rachel de. 1962. *O Cruzeiro.* 06/01/1962, p. 114. AABI.
[1071] QUEIROZ, Rachel de. Seja lá o que Deus quiser. *O Cruzeiro.* 14/10/1961, p. 162. AIMS.

Os tempos atribulados entre a chegada de João Goulart no país, sua posse em 07 de setembro e o acordo parlamentar sobre o regime a ser empregado, era descrito por Rachel como "vácuo de governo" ou o "presente de um ausente"[1072].

A autora era totalmente contra a solução parlamentarista e, apesar de admirar o primeiro-ministro do Gabinete escolhido por João Goulart, o pessedista Tancredo Neves, Rachel acreditava que o governo estava, na verdade, imobilizado, incapaz de agir[1073].

Assim, o ano de 1961, que começara tão bem, para ela terminava com "todas as esperanças destruídas, o trabalho paciente de anos – a pregação, a expectativa, a escolha, a recusa dos falsos valores, a obstinada denúncia da impostoria, a palavra dita de um em um, a aparente vitória..."[1074]. O mau humor, desesperança, pessimismo e melancolia roubavam a cena como nunca, predominando em todas as crônicas a partir de então. Em *ABC de 1961:*

> A – é de **antes,** que nunca foi tão ruim. E é de **agora,** que nunca foi pior. E também é de **agonia, aflição, atraso.** Lembram os otimistas que é igualmente de **abono.**
> B – é de **Brasil.**
> C – é de **coitadinho** – referente ao Brasil acima. Também é de **crise**; sem esquecer que é de **cruzeiro**-moeda, que ao fim desta semana provavelmente já terá passado a barreira dos 350 por dólar. (...)
> J – ah, jota é letra grande! Tem tropismo para a presidência. Foi **Juscelino, Jânio,** agora é **Jango** e tem um verbo próprio, **jangar**. E é também da **jaculatória** dos moribundos, muito oportuna na ocasião: "**Jesus** seja contigo"[1075].

O tempo era mesmo de desgraças. Em 17 de dezembro de 1961, ocorreu um dos maiores desastres da história do país. O *Gran-Circus* norte-americano, instalado na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, foi sabotado por funcionários descontentes com os patrões da companhia circense. Em um dos dias de apresentação, a lona de seis toneladas pegou fogo enquanto 3 mil pessoas assistiam a um dos espetáculos. O resultado foi mais de 800 mortos, sendo a maioria das vítimas crianças. A tragédia viera mesmo para coroar o clima pessimista nacional[1076].

[1072] QUEIROZ, Rachel de. Seja lá o que Deus quiser. *O Cruzeiro.* 14/10/1961, p. 162. AIMS.
[1073] O chamado "Gabinete da conciliação nacional" foi composto por João Goulart, com três pessedistas, dois petebistas, dois udenistas e mais um ministro de cada um dos menores partidos, PDC, PSB e PSP. Destacaram-se Walter Moreira Salles (PSD) na Fazenda, Ulysses Guimarães (PSD) na Indústria e Comércio, San Tiago Dantas (PTB) nas Relações Exteriores, Hermes Lima (PSB) na Casa Civil, o general Amaury Kruel na Casa Militar e Franco Montoro (PDC) no ministério do Trabalho e Previdência Social.
[1074] QUEIROZ, Rachel de. 1962. *O Cruzeiro.* 06/01/1962, p. 114. AABI.
[1075] QUEIROZ, Rachel de. ABC de 1961. *O Cruzeiro.* 18/11/1961, p. 162. AABI.
[1076] Ver: QUEIROZ, Rachel de. A tragédia no Circo. *O Cruzeiro.* 13/01/1962, p. 114. AFBN.

Foi em janeiro de 1962 que uma opção radical apareceu nas crônicas da escritora cearense. Até então, em todas as crises desde 1945, Rachel de Queiroz defendera a democracia, ou ao menos se mantivera discreta em sua opinião pública, evitando declarar apoio a qualquer dos golpes tramados a cada momento de crise. Assim, no suicídio de Vargas em 1954, apesar de ser reconhecidamente antigetulista, não defendeu golpes ou intervenções militares.

Em 1955, mesmo condenando o "contragolpe" de Henrique Teixeira Lott, defendeu a posse de Juscelino Kubitschek e, em 1961, mesmo com o desespero e o pessimismo provocados pela renúncia de Jânio Quadros, a autora não publicou na *Última Página* nenhuma crônica defendendo a junta militar ou mesmo Carlos Lacerda[1077].

Somente em 1962, com o medo geral que se instaurou na imprensa liberal de que o país estaria à beira de uma guerra civil, apareceu em forma de pergunta o seguinte comentário racheliano: "qual será o fim de tudo isso? Revolução? Guerra? Anarquia? E quem vai chefiar a revolução, quem tem estatura para evitar a luta, quem é que tem peito para ordenar a anarquia?"[1078].

Revolução, de acordo com o dicionário político, "é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica"[1079].

As "autoridades políticas" a quem Rachel de Queiroz queria pôr fim eram aquelas de tradição varguista, que em 1962 a escritora localizava no trabalhismo do PTB e mais especificamente na pessoa de João Goulart. Radicalizava-se, assim, a batalha do **eles** *versus* **nós**[1080]. Em consequência, na *Última Página,* a fotografia simpática desapareceu

---

[1077] Duas crônicas importantes de Rachel de Queiroz afirmam seu medo de ter militares no poder. QUEIROZ, Rachel de. Eleições. *O Cruzeiro.* 15/02/1958, p. 130; QUEIROZ, Rachel de. Presidências. *O Cruzeiro.* 18/07/1959, p. 114. AFBN.

[1078] QUEIROZ, Rachel de. 1962. *O Cruzeiro.* 06/01/1962, p. 114. AABI.

[1079] PASQUINO, Gianfranco. Revolução. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política.* Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 1121.

[1080] É importante destacar que em suas memórias, Rachel explica sua oposição a João Goulart como uma oposição a uma política "reacionária de esquerda, - já que para nós fascismo e stalinismo se equivaliam" (QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 215). É muito importante estar atento a este jogo da memória racheliana, pois falar sobre o apoio ao golpe de 1964 estando nos anos 1990 incluía destacar a ameaça comunista presente no governo Goulart. No entanto, até 1962, Rachel de Queiroz **não fazia esta associação** nas crônicas. Ou seja, não aparece em seus escritos a definição do governo Goulart como governo comunista. Isto é importante na medida em que devemos entender a posição "revolucionária" assumida por Rachel de Queiroz entre outubro de 1961 e maio de 1962 como uma oposição ao que ela acredita ser a herança **varguista** na política brasileira*: o sindicalismo,* a *demagogia, a corrupção, o personalismo* agora encarnado em Goulart, etc. O

do layout, a página se radicalizou; restava somente a crônica, nua e crua, em dupla coluna com título em fontes garrafais.

Mas 1962 acabara de começar. Durante o ano, a escritora cearense publicou, junto com Murilo Mendes, Adolfo Casais Monteiro, Fernando Sabino e outros escritores, o livro *Salazar visto do Brasil,* "a personalidade do ditador português vista pelos melhores autores brasileiros e portugueses"[1081]. Era mais um estudo seu sobre o poder e a solidão.

Mil novecentos e sessenta e dois também foi o ano em que o Brasil, mesmo em meio a tantas crises, ganhou sua segunda Copa do Mundo ao vencer a Tchecoslováquia por 3 a 1, heroicizando os nomes de Garrincha, Zagallo e Pelé. Foi, portanto, um ano de discursos nacionalistas, mas também de discursos nervosos, medos generalizados de comunistas, de extraterrestres, de catástrofes naturais, e "se a Terceira Grande Guerra não rebentou, o susto foi grande"[1082].

Nesse ano morreram Marilyn Monroe[1083] e Cândido Portinari[1084], dois ícones do belo e da arte, e em Israel enforcaram o militar alemão, Adolf Eichmann, ícone do terror. Na metade do ano, Rachel de Queiroz divulgou o famoso caso de Edith Bone, uma médica húngara que amargou sete anos de prisão sob o regime soviético[1085]. Somada às denúncias do *Relatório Kruschev*[1086] em 1956 e à Revolução Húngara de 1958[1087], a história da doutora Bone só vinha a cooperar com um alarmante discurso anticomunista.

---

anticomunismo como argumento de radicalização política vai se manifestar depois de maio de 1962, após a leitura de *Sete anos de prisão,* livro sobre a vida da ex-comunista Edith Bone, além da aproximação de Rachel de Queiroz dos círculos militares conservadores e a crise dos mísseis em Cuba, quando se vê de modo mais claro a possibilidade de uma revolução comunista na América Latina.

[1081] Propaganda. *Novos Rumos.* 19 a 25/10/1962, p. 06. AFBN.

[1082] QUEIROZ, Rachel de. 1962. *O Cruzeiro.* 19/01/1963, p. 114. AABI.

[1083] Ver QUEIROZ, Rachel de. Mocidade e Morte. *O Cruzeiro.* 25/08/1962, p. 146. AFBN. Esta é a repetição de uma crônica de 17/07/1954, mas atualizada para contexto de suicídio da atriz americana: "O fato é que cada moço que se mata, a gente que é mais velho e continua vivendo, não se pode livrar de um incômodo sentimento de culpa. Aquilo dói no nosso coração como um [erro] nosso, um descuido – uma responsabilidade mal cumprida".

[1084] Ver QUEIROZ, Rachel de. Portinari. *O Cruzeiro.* 03/03/1962, p. 114. AFBN.

[1085] QUEIROZ, Rachel de. Sete anos de prisão I. *O Cruzeiro.* 05/05/1962, p. 130 e QUEIROZ, Rachel de. Sete anos de prisão II. *O Cruzeiro.* 12/05/1962, p. 130. AIMS.

[1086] O discurso de Nikita Kruschev (ou Khruschov), político russo, no XX Congresso do PCUS em 25 de fevereiro de 1956 denunciava o culto à pessoa de Stalin e o acusava das várias perseguições e expurgos no interior do partido, principalmente nos anos 1930.

[1087] A Revolução Húngara foi um dos movimentos mais importantes de resistência à política soviética no leste europeu, tendo sido um divisor de águas no interior dos partidos comunistas espalhados pelo mundo. O evento chegou a inspirar a filósofa Hanna Arendt a escrever seu famoso livro *Sobre a revolução,* publicado em 1962. As manifestações ocorridas em 1956 começaram como movimento pacífico em apoio a protestos ocorridos na Polônia e que questionavam a política econômica para estas regiões, mas foram duramente reprimidas pelas tropas soviéticas, ampliando o caráter de protesto da revolução no contexto internacional.

No entanto, o caso de Bone exerceu em Rachel de Queiroz uma fascinação e impacto especial, e poderíamos dizer definitivo, pois a partir deste relato, aliado às aproximações de Rachel com anticomunistas convictos, as crônicas rachelianas estarão marcadas pelo mesmo sentimento.

O problema é que Edith Bone poderia ser Rachel de Queiroz. "Trata-se de espantosa e inesquecível lição. Lição principalmente para todos nós que, nos anos da mocidade, nos deixamos arrastar para a órbita do comunismo, levados pelos nossos desejos de igualdade e justiça social". Isto porque Edith Bone, assim como Rachel, fora da juventude comunista do PC de seu país e, neste sentido, relacionava-se à trajetória racheliana não só pela questão da identidade, mas também porque auxiliava a escritora cearense a justificar sua própria saída e crítica ao partidão.

Para complicar a situação, João Goulart, mantendo-se coerente com a prática da PEI iniciada no governo Quadros, restabeleceu relações diplomáticas com países socialistas e com a União Soviética em novembro de 1961. Ao mesmo tempo, o governo defendeu a neutralidade em relação às tentativas americanas de bloqueio a Cuba. Naquela época, o governo ainda não sabia que "o grande fato político-militar do ano [seguinte seria], sem dúvida, o bloqueio de Cuba, Kennedy dando xeque-mate em Nikita e Fidel sem os seus foguetinhos", como definiu Rachel de Queiroz[1088].

No segundo semestre de 1962, Fidel Castro aceitou que mísseis nucleares russos fossem transportados até a ilha cubana, situada a poucos quilômetros do estado da Flórida. O que espantou os americanos foi o governo ter descoberto a manobra militar apenas quando os mísseis já estavam sendo montados na ilha.

Como afirmou um jornalista da revista *Veja* à época: "Kennedy e seus auxiliares caíram no conto de Kruschev, que jurava de pés juntos que a URSS não colocaria armas em Cuba"[1089].

A ironia da história foi o fato dos próprios cubanos terem alertado amigos e parentes que moravam em Miami, de que o arsenal que chegava à ilha não era normal. Mas o governo americano só começou a agir quando o presidente cubano, Osvaldo Dorticós, admitiu em plena conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova Iorque, que a ilha tinha adquirido armas e era capaz de se defender.

[1088] QUEIROZ, Rachel de. 1962. *O Cruzeiro.* 19/01/1963, p. 114. AABI.
[1089] Na beira do abismo. *Veja.* Outubro/1962. http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml Acesso em 20/07/2014.

A chamada "crise dos mísseis" durou quase duas semanas, momento em que o mundo realmente acreditou que a guerra atômica seria inevitável: "a verdade é que ao escutar o tropel guerreiro do cavalo do Apocalipse a reação de qualquer homem moderno que não seja um débil mental é de simples, gélido, indiscriminado pavor"[1090], testemunhou Rachel de Queiroz.

Voltava à tona o medo do fim do mundo, que permeou todo o período da Guerra Fria. Depois das ameaças americanas de atacarem Cuba sem piedade, Kruschev propôs enfim um acordo: os americanos prometeriam não atacar Cuba e os mísseis seriam retirados da ilha.

Apesar da solução "pacífica", a crise teve um efeito drástico tanto nos Estados Unidos quando na América Latina: "o espírito revolucionário se alastrava pela América. A revolução de Cuba, mitificada, chegava até aqui como uma espécie de convite à guerrilha", descreve Rachel de Queiroz nos anos 1990. Não só a ameaça comunista, mas a perspectiva de uma guerra total chegava ao continente como um golpe de realidade. Era:

> ...a confissão definitiva e clara de que Fidel Castro é hoje um simples títere russo (...). Boa lição para os ginetes nacionais que pensam que podem gritar pelo Diabo em seu auxílio, e na hora em que não precisarem mais dele mandam-no embora e ficam com as castanhas. Castanhas do Diabo, meus senhores, ele as assa, e **ele as come.** Ele só, e mais ninguém[1091].

A solução dada pelo presidente, apesar de relutante, foi apoiar o bloqueio econômico a Cuba, mas opondo-se a qualquer invasão militar, o que lhe rendeu pesadas críticas do governo americano que o acusou de se "esquerdizar" [1092].

Foi ao longo deste mesmo ano, sem podermos precisar quando, que Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo começaram a reunir amigos próximos para discutir seriamente a situação do país.

O grupo era composto pela oposição intelectual, David Nasser, Osório Borba, Raul Lima, Barreto Leite e, especialmente, Adonias Filho[1093], um amigo muito antigo, que Rachel conhecera junto com Jorge Amado nos anos 1930 e que tinha "flertado" com o integralismo nesta mesma época: "Adonias foi integralista, Otávio [de Farias] era fascista, Otávio nunca foi integralista, ele era fascista italiano, e eu comunista de papo vermelho. E nos adorávamos, nos escrevíamos..."[1094].

[1090] QUEIROZ, Rachel de. A paz queremos com fervor. *O Cruzeiro.* 17/11/1962, p. 146. AIMS.
[1091] QUEIROZ, Rachel de. A paz queremos com fervor. *O Cruzeiro.* 17/11/1962, p. 146. AIMS.
[1092] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008. p. 262.
[1093] QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 216.
[1094] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 27. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

Apesar de cinco anos mais novo, Adonias era um dos melhores amigos da escritora cearense e desde quando se conheceram, onde um escrevia, levava o outro. Assim aconteceu nos anos 1930 quando escreviam para o *Correio da manhã* e assim foi durante o mandato de Jânio Quadros, quando Rachel o indicou para a direção da Biblioteca Nacional.

Em 1977, Rachel foi acusada de ter colocado Adonias na presidência do Conselho Federal de Cultura, ao mesmo tempo em que este promovia a eleição dela na Academia Brasileira de Letras: "Adonias foi meu irmão. Adonias foi o maior amigo que eu tive na vida. Eu era muito amiga de Otávio [de Faria], era muito amiga de Odilo [Costa Filho], mas o meu amigo pessoal, que o Oyama adorava e que os dois se juntavam contra mim, para falar mal de mim e tal, era Adonias. Até ele morrer"[1095].

Mas além dele, o grupo de oposição em torno da autora formava-se também pela direita militar, aliás, instituição com a qual a autora foi aproximando-se desde os anos 1950, quando conheceu o então coronel Humberto de Alencar Castelo Branco.

Entre aqueles com quem Rachel de Queiroz manteve contato nos anos 1960 através de Adonias Filho, estavam importantes generais ligados diretamente à Escola Superior de Guerra (ESG) e/ou a grupos conservadores dentro do Exército, como "Newton Reis, [Heitor] Herrera, [Antônio Carlos] Muricy, Sizeno [Sarmento]"[1096], Golbery do Couto e Silva[1097] e Juarez Távora[1098]:

> Nós nos reuníamos aqui em casa para discutir a situação do Brasil. O Adonias Filho, por exemplo, vinha muito aqui, trazia alguns amigos seus que eram generais e não se conformavam com o Brasil nas mãos do Jango. Na História, as melhores ações não se fazem com ingenuidade, bom-intencionismo e pressa. O Jango, além de ignorante, era preguiçoso e odiava política. Seus lugares-

---

[1095] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 49. APIL. Um dado interessante é que Adonias Filho, assim como Rachel de Queiroz, costumava definir-se como um escritor "apolítico", interessado apenas em afirmar sua contribuição literária. Não é à toa que, mesmo tendo nascido na Bahia e escrevendo sobre a sociedade cacaueira da década de 1930, Adonias evitava confundir-se com seu colega Jorge Amado. No entanto, sua atuação política ao longo das décadas de 1930 a 1970 é visível, através de relações de amizade e da imprensa. Ver DANTAS, Robson Norberto. *Entre a arte, a história e a política: itinerários e representações da "Ficção Brasiliana" e da nação brasileira em Adonias Filho* (1937-1976). Tese apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2010. 215p. Adonias, ao contrário de Rachel, no entanto, vinha de origem humilde, numa família simples que enriqueceu rapidamente através do plantio de cacau no sul da Bahia. Além disso, Adonias – anticomunista convicto, manteria a vida toda uma crença espiritual e moral que não se identificam com o ateísmo declarado de Rachel de Queiroz.

[1096] QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit*. p. 216.

[1097] Então chefe do Gabinete da Secretaria Geral do Conselho Nacional: "Conversei bastante com ele também. Era um homem de grande preparo intelectual e tinha visão das coisas". In: NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit*. p. 225.

[1098] Mas um dado do estreitamento com os militares eram as publicações de Rachel de Queiroz em revistas militares como a do CPOR de Belo Horizonte. In: Revistas Militares em Revista. *Diário de Notícias.* 29/01/1961, p. 02. AFBN.

> tenentes é que faziam a coisa por ele. Tudo era feito sem planejamento e, principalmente, sem moral[1099].

Ao entrar em contato com este generalato, Rachel de Queiroz dialogava com concepções ideológicas sobre o Brasil fortemente marcadas por um anticomunismo radical e quase obsessivo e que começavam a conspirar contra o governo João Goulart já nesta época[1100].

Aliás, anticomunistas como Adonias Filho, não teriam tanta influência sobre Rachel como teve o pensamento militar radical dos anos 1960. Além disso, estes militares defendiam uma concepção de democracia ideal, que não comportava elementos como a agitação sindical, o nacionalismo extremado e a indisciplina militar, todas características presentes no governo Goulart naquele momento.

Este era, em geral, o grupo que se reunia em torno desta "amorável senhora", no começo da década de 1960. Rachel de Queiroz morava à época, no apartamento da rua Cândido Mendes, o mesmo prédio da Embaixada da Suíça, no bairro da Glória. Era "um local bastante protegido", perto do Centro da cidade, dos principais jornais e do Clube Militar, além de ser um bairro familiar e insuspeito nesta época.

A escritora oferecia lanches, almoços, jantares ou um simples cafezinho, recebendo seus convidados na sala de visitas, um cômodo "amplo e simples, nada de estantes ou livros, somente uma mesa, um divã, uma pequena estante com alguns santos barrocos do século XVII"[1101]. Lá se reuniam intelectuais, militares e políticos, como numa antiga tradição generificada.

Isto porque o discurso de Rachel de Queiroz sobre este tempo de "conspiração" e sua descrição das reuniões remonta a uma das mais antigas maneiras de atuação literária e política feminina: a autora parecia reinaugurar uma versão contemporânea tupiniquim dos velhos salões literários e políticos do século XVIII, onde a mulher era o sujeito agregador, que conectava uma pessoa à outra, suscitava os temas do debate, promovia a conversação.

Por volta deste mesmo ano de 1962 e através do mesmo espaço de sociabilidades, Rachel de Queiroz aproximou-se também do IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), que passou a considerar o nome da autora cearense como possível colaboradora na grande imprensa, ao lado de outros nomes como o de Carlos Lacerda.

[1099] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 224.
[1100] SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.* p. 267.
[1101] FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã*. 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN.

O instituto, definido em seu estatuto inicial como apartidário, foi fundado oficialmente em 29 de novembro de 1961, logo após a renúncia de Jânio Quadros, e afirmava-se com objetivos educacionais e cívicos de defesa e fortificação da democracia.

No entanto, o IPES reunia como membros fundadores a classe empresarial liberal especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de militares reformados como o general Golbery e o general Heitor Herrera.

Apesar de ter sido fundado somente em 1961 enquanto instituição, existiu enquanto intenção desde o governo JK. Seus princípios liberais e anticomunistas os colocaram ao lado da oposição nos anos 1950 e, em seguida, ao lado do governo Jânio Quadros, presidente em quem depositavam grande esperança.

Foi com a renúncia de Quadros em 1961 que a instituição se concretizou e ampliou seus campos de atuação. Em famoso estudo sobre a participação do IPES no golpe de 1964, René Dreifuss destacou seu caráter ideológico e propagandístico, dono de uma visão conservadora da democracia, além da defesa do liberalismo, e um anticomunismo radical.[1102].

Entre 1962 e 1963, vários amigos de Rachel de Queiroz cooperaram com o instituto, como Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima, Eugênio Gudin, além dos militares com quem a autora mantinha contato através de Adonias Filho, como o general Golbery e o general Heitor Herrera.

Bem se vê que o grupo, apesar de ser dirigido pela classe empresarial, incluía intelectuais, economistas, políticos, jornalista, militares e, em suas linhas gerais, identificava-se diretamente com a visão política de Rachel de Queiroz naquele momento.

Em reuniões realizadas com inúmeros simpatizantes e indivíduos de destaque na casa de empresários paulistas e cariocas, surgiu a "ideia de se estimular em todo país uma reação empresarial ao que foi percebido como a tendência esquerdista da vida política"[1103].

Além disso, o IPES ligava-se ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), formado a partir da frente da Ação Democrática no Congresso, a vertente suprapartidária de tendência conservadora que Rachel de Queiroz saudou publicamente

---

[1102] DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe.* Petrópolis: Editora Vozes, 1981. p. 162/163.
[1103] DREIFUSS, René. *Op. Cit.* p. 163.

nos anos 1950. Para Dreifuss, o IBAD agia como uma unidade tática enquanto o IPES agia como unidade estratégica, o IBAD estaria voltado para a ação política e o IPES para o estudo doutrinário.

Assim, o IPES teria se preocupado em fundir os diversos grupos de oposição ao governo, além de conseguir apoio no Congresso e, por fim, angariar todo o apoio possível na grande imprensa.

Apesar da descrição conspiratória feita por Dreifuss em seu livro clássico, em relação a Rachel de Queiroz o contato com o IPES foi uma consequência natural de sua própria posição política, tal qual vinha se desenvolvendo desde 1945.

O autor ainda aponta a participação da autora cearense nas atividades editoriais do IPES, junto com Augusto Frederico Schmidt e Odilo Costa Filho, amigos de longa data. Segundo Dreifuss, todos cooperariam com o Grupo de Publicações/Editorial do IPES, encabeçado por generais como Golbery e Herrera e intelectuais como o escritor José Rubem Fonseca[1104]. O grupo foi formalizado em agosto de 1962.

> O GPE escrevia, traduzia e distribuía material impresso anticomunista, antitrabalhista e antipopulista, bem como publicava, traduzia e reimprimia livros, artigos e panfletos escolhidos. Através da Unidade de Editorial, inseria comentários, debates e opiniões na imprensa e elaborava editoriais, divulgava notícias e artigos feitos de antemão por agências especializadas[1105].

Estima-se que a instituição tenha gastado entre 200 a 300 mil dólares por ano com a propaganda. Nos arquivos do IPES consultados no Arquivo Nacional, no entanto, não encontramos nenhuma ficha de cadastro com o nome de Rachel de Queiroz, nem seu nome na lista de associados e tão pouco no setor de Recursos Humanos da instituição.

Isto impossibilita que saibamos exatamente as funções e participações da autora, o que ela produziu ou coordenou. Rachel de Queiroz aparece somente em algumas atas de reunião dos grupos coordenadores como um dos nomes de jornalistas a cooperar com a visão ideológica do IPES através da imprensa[1106].

O que podemos constatar, neste sentido, ao ler as crônicas de Rachel de Queiroz entre 1961 e 1964 é de fato a presença de uma propaganda ideológica visivelmente ligada a um sujeito coletivo, como comentamos acima.

No entanto, em nada parece destoar de uma opinião que poderia ser a da própria escritora naquele momento. Ou seja, ainda que em sintonia com vários grupos políticos

---

[1104] DREIFUSS, René. *Op. Cit.* p. 194.
[1105] DREIFUSS, René. *Op. Cit.* p. 194/195.
[1106] O arquivo do IPES depositado no Arquivo Nacional está sob o código: BR AN,RIO QL. O arquivo é imenso, dividido em nove seções: Comunicação e Divulgação, Correspondência, Cursos, Filmes, Fotografias, Orçamento e Finanças, Organização e Funcionamento, Patrimônio, Recursos Humano.

de oposição, como o IPES e os próprios militares e intelectuais que se reuniam em sua casa, a escrita racheliana é natural, espontânea, faz parte de uma lógica que a autora vinha elaborando mesmo antes destes contatos.

Assim, esta é uma ótima situação para compreendermos as dinâmicas entre indivíduo e sociedade, entre culturas políticas estabelecidas e a margem de liberdade dos sujeitos.

Por isso, devemos destacar dois pontos diferenciais que se estabelecem entre as crônicas anteriores de Rachel de Queiroz e aquelas publicadas durante o governo João Goulart: o primeiro é o anticomunismo que, ao longo do ano de 1962 se solidificou enquanto argumento de crítica política no texto racheliano.

Como vimos, a complicada relação da autora cearense com o Partido Comunista começou em 1932 com o rompimento - ou a expulsão de Rachel dos quadros do grupo. No entanto, a escritora integrou em seguida o movimento trotskista, que era então uma dissidência comunista crítica ao stalinismo, mas presa às discussões da Internacional Comunista até pelo menos 1938, quando Trotsky fundou a chamada IV Internacional[1107].

Ao mesmo tempo, Rachel de Queiroz manteve relações pessoais com Mário Pedrosa e outros intelectuais de origem trotskista até pelo menos o final dos anos 1950, fosse por meio de jornais como o *Vanguarda Socialista*, fosse pela amizade ou apoio político a alguns destes intelectuais que integravam o Partido Socialista Brasileiro. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer, por exemplo, que a autora foi explicitamente contra a cassação do registro do PCB pelo governo Dutra em 1947.

O fim definitivo do apoio ao partido socialista, depois de várias decepções e críticas, coincidiu com a indicação que o PSB fez do general Henrique Teixeira Lott à presidência nas eleições de 1960. Neste momento, percebe-se mais claramente a radicalização conservadora de Rachel de Queiroz em torno de uma proposta de Estado autoritário, que não comunga mais com as opções políticas do Partido Socialista.

Ainda assim, o anticomunismo não se constituiu enquanto foco da crítica racheliana até, pelo menos, 1962. Isto porque o anticomunismo racheliano foi construído na esteira da crítica ao stalinismo e não ao ideal comunista de modo geral,

---

[1107] Em entrevista dos anos 1990, Rachel de Queiroz define Lenin: "Uma grande liderança, sem dúvida. Mas tinha lá suas limitações. É claro que ele não previu que a Rússia iria dar naquilo tudo: no stalinismo, nos gulags, etc. Era um homem de fortes convicções". In: NERY, Hermes Rodrigues. *Op.Cit.* p. 218.

baseado na igualdade e justiça social. A crítica ao stalinismo, sim, foi constante em seus escritos desde 1932.

Para ilustrar o que queremos dizer, cumpre citar uma frase de Rachel de Queiroz nos anos 1990, quando reconhece: "O problema deste século foi o autoritarismo. Tanto a esquerda quanto a direita tentaram viabilizar suas utopias com base no autoritarismo. É evidente que os mais generosos optaram pelo comunismo"[1108].

Neste sentido, o argumento anticomunista, que apareceu nas crônicas rachelianas a partir de 1962, refletia o contato cada vez maior de Rachel de Queiroz com os grupos oposicionistas que tinham como princípio básico um hiperbólico discurso anticomunista. Eram os grupos militares da ESG e outros militares conservadores, além dos grupos reunidos em torno do IPES e de jornalistas e intelectuais anticomunistas. O radicalismo ainda foi agravado pelo contexto internacional com a crise dos mísseis, o caso de Edith Bone, a Revolução Húngara e o relatório Kruschev.

Por outro lado, se na opinião pública, trabalhistas e comunistas começaram a se confundir, Rachel de Queiroz ainda diferenciava bem os dois em 1963: "quando [os trabalhistas] gritam que não são comunistas, curiosamente estão dizendo a verdade – mesmo porque na quase totalidade são chapadamente ignorantes e nunca abriram na vida um livro de teoria marxista"[1109].

Assim, Rachel declarava-se neste momento ao mesmo tempo anticomunista e antipopulista (neste termo congregava a tradição varguista que classifica como demagógica, trabalhista, pelega, etc); percebia que no momento os dois grupos lutavam juntos no cenário político, mas não eram a mesma coisa.

O segundo ponto que diferencia os textos escritos pela autora cearense a partir de 1962 das suas crônicas anteriores é que, agora, as crônicas políticas rachelianas assumiam um caráter evidentemente panfletário. Característica essa que serve para cooperar com a descrição de Dreifuss sobre a participação da autora na '"guerra psicológica"[1110] encampada pelo IPES para atingir a opinião pública.

Crônicas da *Última Página* assinadas no final do ano de 1962, por exemplo, apareceram com frases de efeito no fim da folha: "A desordem só ajuda aos inimigos da Liberdade", "A liberdade vale qualquer sacrifício", "5 sílabas definem nosso ideal: DE-MO-CRA-CI-A", "Querer é poder: trabalhemos pelas liberdades democráticas",

---

[1108] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 144.
[1109] QUEIROZ, Rachel de. Sede de Justiça. *O Cruzeiro*. 04/03/1963, p. 130. AIMS.
[1110] Termo empregado pelo autor.

"Nossos filhos confiam em nós. Trabalhemos agora pela sua liberdade", "Não é sacrifício defender a liberdade. É um direito seu", etc.

Independente de sabermos se as frases foram colocadas na página pela revista (uma vez que o IPES tinha uma ligação especial com os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand), ou pela vontade da autora, no mínimo compreendemos que ela, funcionária da empresa há quase vinte anos, as autorizava.

Ao mesmo tempo, as frases dialogavam com dois períodos críticos do ano de 1962. O primeiro deles foi o das eleições parlamentares, onde a Guanabara contou com um candidato inesperado a deputado federal: Leonel Brizola. Afirma a escritora nos anos 1990, momento em que Brizola acabara de ser reeleito governador do estado do Rio de Janeiro[1111]:

> Nós estamos falando aqui do Brizola. O problema é o seguinte: você não pode ser amigo do Brizola. Ele não tolera você ser contra. Você tem que ter a ideologia dele, pensar o que ele pensa, senão não dá. Foi essa intolerância, esse sectarismo, que afastou todos os intelectuais do Partido Comunista e dos demais Partidos de esquerda no Brasil. As lutas sociais devem e vão continuar, é evidente, mas toda vez em que impera o sectarismo, fica difícil dialogar e atuar dentro dos princípios democráticos. O patrulhamento ideológico é uma das coisas mais abomináveis. E muitos dos nossos intelectuais sofreram este patrulhamento. (...). Você deve ter sempre o direito de ser a favor ou contra. A partir do momento em que você perde sua autonomia, não pode expressar seu pensamento, fica tolhido e amarrado na camisa-de-força ideológica, você percebe que é melhor estar fora. A luta pela justiça social deve andar junto com o respeito pela liberdade individual.[1112]

Nos anos 1990, Rachel de Queiroz retrata Brizola de uma forma crítica quase cruel pois, nesta época, a autora cearense representa a herança da ditadura militar, e o governador do Rio de Janeiro representa a resistência à ditadura. Brizola é visto, neste momento, como um sobrevivente que foi capaz de voltar ao Rio de Janeiro e ainda ganhar as eleições.

No entanto, a opinião de Rachel de Queiroz nesta época guarda resquícios de uma dimensão repetida frequentemente nos anos 1960 em relação ao político gaúcho: sua radicalidade ideológica.

Para a oposição de 1963, Brizola era o exemplo mais acabado não só do típico político trabalhista de herança varguista, mas também do típico trabalhista com claras intenções de desencadear uma revolução comunista no país. Era, portanto, o antípoda perfeito da posição política racheliana antes do golpe de 1964.

[1111] Leonel Brizola foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1983 e 1987, reelegendo-se para o mandato de 1991 a 1995.

[1112] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 147. Pergunto-me se aqui não haveria um resquício do anarquismo individualista de Maria Lacerda de Moura.

A associação de Brizola com o radicalismo de esquerda emergiu durante sua atuação como governador do Rio Grande do Sul em 1959, quando desapropriou duas empresas americanas localizadas no estado. Apesar do presidente Goulart prever a crise que esta atitude poderia geraria nos anos seguintes, resolveu apoiar outras iniciativas de estatização do governador gaúcho já em 1962.

Mas o medo do comunismo ainda se agravava pelo acirramento das lutas no campo. Dois meses após João Goulart assumir a presidência em 1962, aconteceu o I Congresso Camponês, e Francisco Julião proclamou: "a reforma agrária será feita na lei ou na marra, com flores ou com sangue". Acontece que a reforma agrária era uma das bandeiras mais importantes levantadas pelo PTB e a solução que Brizola propunha para o entrave do governo no regime parlamentarista era que Jango fechasse o Congresso Nacional, assumisse o poder e realizasse as reformas de qualquer jeito[1113]. O clima de medo de uma revolução popular de massa era sentido de perto por Rachel de Queiroz:

> O engano de vocês é cuidarem que o povo é e será eternamente o manso jumento de que se pode abusar à vontade, matar de carga, de paulada e de fome. Pois o jumento de vez em quando vira onagro selvagem, corcel enfurecido. E sacode abaixo a cangalha e o cavaleiro, quando não os pisa ou morde[1114].

Um elemento a mais, destacado pela autora cearense com ênfase neste momento da vida política brasileira foi a apatia, a indiferença com que grande parte da sociedade encarava a "solução" parlamentarista.

Para Rachel, a população não entendia o funcionamento do sistema e por isso não sabia mais quem governava, quem era primeiro-ministro ou a função de cada um. De fato, o parlamentarismo, que em países como a Inglaterra foi instalado com base em guerras e degolas, apareceu no Brasil como um acordo entre pares.

Assim, a difícil situação política foi agravada pela crise econômica, com a inflação chegando a 45% em 1962. Aliadas à crise no campo, que culminou com o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, o país tendeu à radicalização, tanto para as esquerdas, quando para os conservadores.

As esquerdas que ainda depositavam confiança no governo de Goulart eram compostas pelo PCB, pelas Ligas Camponesas, o Comando Geral dos Trabalhadores

---

[1113] FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 343-404. p. 350.
[1114] QUEIROZ, Rachel de. Preparação eleitoral. *O Cruzeiro.* 21/07/1962, p. 130. AIMS.

(CGT), subalternos das Forças Armadas, pela Frente Parlamentar Nacionalista, pelos estudantes concentrados na UNE e por alguns trotskistas.

O conjunto das esquerdas tinha como personalidades representativas Leonel Brizola e Francisco Julião. Exigiam a aplicação imediata das reformas de base (bancária, fiscal, urbana, tributária, administrativa, agrária e universitária) além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não graduados das Forças Armadas e a legalização do PCB.

Uma prova da popularidade de Brizola foi dada com a sua eleição para deputado federal pelo PTB da Guanabara. Aliás, para desespero racheliano, ele obteve a maior votação proporcional já realizada no país, e o PTB, que em 1945 possuía apenas 22 deputados na Câmara, terminava 1962 com 104.

Por outro lado, os conservadores anti-Goulart encontravam-se representados nas Forças Armadas através dos oficiais da ESG, assim como pela chapa vencedora das eleições de 1958 para o Clube Militar, onde se encontrava o general Humberto de Alencar Castelo Branco.

Estes setores aliavam-se a empresários e intelectuais interessados em "catequizar" a opinião pública, agindo através do complexo IPES/IBAD, ou articulados à grande imprensa liberal e crítica ao trabalhismo varguista. No Congresso estavam representados pelas alas mais à direita presentes em todos os grandes partidos, como o PSD, a UDN e mesmo parte do PTB.

O gabinete Tancredo Neves durou pouco e, em 26 de junho de 1962, todos os ministros também pediram demissão. Para a vaga de primeiro-ministro, Goulart indicou San Tiago Dantas, político do PTB que exerceu o cargo de ministro das Relações Exteriores e que talvez facilitasse as articulações do presidente junto ao Congresso.

No entanto, sua candidatura foi vetada, assumindo Auro de Moura Andrade, pessedista conservador. A reação da população foi imediata e o movimento sindical deflagrou greve geral exigindo um gabinete nacionalista, até que foi escolhido o pessedista Francisco de Paula Brochado da Rocha, ex-secretário do governo de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul[1115].

Em pé de guerra, portanto, se passou o ano de 1962, com Rachel de Queiroz recebendo os amigos em sua casa, cuidando da logística das reuniões para a discussão dos rumos do país.

[1115] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.*2008b. p. 358.

A escritora levava e trazia informações, vivendo pendurada ao telefone. "As coisas foram se preparando, a gente conspirava, via o que um ou outro poderia fazer: passávamos às vezes a noite em 'vigília cívica'. Eu me mudava de quarto para poder receber os telefonemas de Adonias, já que Oyama se recusava a acordar para saber das notícias"[1116].

Numa época em que a política, para a autora cearense, "era carne e sangue, vida e morte"[1117], a imprensa servia como uma pequena fresta de tudo aquilo que era discutido em segredo, nas quatro paredes de um apartamento insuspeito.

O mito do Salvador

Com o novo ministério de Brochado da Rocha, Goulart assumiu o compromisso de resolver o problema da inflação e antecipar o plebiscito sobre a continuidade ou não do regime parlamentarista.

Rachel de Queiroz ironizava em novembro de 1962: "Agora saímos para o plebiscito. E a indagação que está na boca de todos é: 'com quem está você no plebiscito?' Dá vontade de devolver a pergunta – e você, quem é seu **candidato**?"[1118].

Segundo a escritora cearense, o problema do governo não era tanto saber qual regime escolher, mas a quem ele beneficiaria. Para Rachel não bastava dizer *sim* ou *não*, *presidencialismo* ou *parlamentarismo*. O que adiantaria marcar um xis em uma cédula se não se poderia escolher qual presidencialismo nem qual parlamentarismo - "esta bastarda criatura nascida da crise improvisada com pedaços díspares, Frankenstein político inventado para devorar os seus amigos?"[1119] A única solução seria votar no menos pior.

Depois de mais uma troca no ministério, que colocou o socialista Hermes Lima, na cabeça do governo, o plebiscito foi marcado para o dia 06 de janeiro de 1963 e, a esta altura, esquerdas, direitas, grupos conservadores e mesmo o empresariado já haviam

---

[1116] QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 217. Se, em *Tantos Anos*, Rachel procura "aliviar" a participação do marido nas conspirações, afirmando sua falta de interesse pelo assunto, em entrevista a Hermes Rodrigues Nery, afirma: "Combinavam as coisas. Quem falaria com quem, como fariam etc. Tudo feito com a maior discrição. Eles vinham na minha casa (um ou outro fardado) (...). Na realidade, o Oyama ficava discutindo mais. Ele já tinha se metido em conspirações anteriores. O seu pai era senador por Goiás e eles estavam muito envolvidos em política". Ver: NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 224.

[1117] QUEIROZ, Rachel de. Convivência de Contrários. *O Cruzeiro.* 18/05/1957, p. 138. AIMS.

[1118] QUEIROZ, Rachel de. Plebiscito. *O Cruzeiro.* 10/11/1962, p. 130. AIMS. Grifo da autora.

[1119] QUEIROZ, Rachel de. Plebiscito. *O Cruzeiro.* 10/11/1962, p. 130. AIMS.

notado o desgaste do regime parlamentarista[1120]. O resultado não poderia ser outro: cinco em cada seis brasileiros votaram pela volta ao regime presidencialista.

Mas, muito mais do que o plebiscito, o que incomodava Rachel de Queiroz era mesmo a inflação, especialmente num momento onde o dólar atingia a cota dos 800 cruzeiros "e vai subindo mais, subindo mais, como água de enchente".

Nem Brizola, nem João Goulart, nem a "Fórmula Felinto", nem a "Fórmula Mangabeira" nem outro assunto político interessava mais do que o quilo da carne a quinhentos cruzeiros: "Seus loucos, **esvaziados** estamos todos nós, sacos sem fundo, só com vento dentro! E eles dizem que devemos esperar o mês de junho para que se resolva o 'problema institucional'"[1121].

Rachel comparava o Brasil a Sodoma e Gomorra, as duas cidades ameaçadas de destruição pelas mãos de Javé no Antigo Testamento. Na Bíblia, as duas só se salvaram porque Deus encontrou alguns justos entre seus pecadores, mas "como querem vocês que nesta Gomorra nacional, milhões de vezes maior, muito mais desbragada, muito mais calejada no erro, na inconsciência, e na negociata, se encontrem justos suficientes para nos salvar?"[1122]

O ano era de muito drama e também de muito trabalho. Além das crônicas frequentes em jornais e revistas, Rachel de Queiroz assumiu diversas atividades diferentes em 1963.

No começo do ano, participou da comissão julgadora do primeiro Prêmio José Lins do Rego, ao lado de Adonias Filho e Otávio de Faria. A banca premiou, com 500.000 cruzeiros, Elisa Lispector, irmã de Clarice Lispector, por seu romance *O muro de pedras*[1123].

No mesmo ano, Rachel de Queiroz também seria "premiada". Seu romance *As Três Marias* estava sendo traduzido pela universidade do Texas, nos Estados Unidos. Ao perguntarem sobre a opção pela romancista, representantes da universidade afirmaram: "[Rachel é] uma romancista e ensaísta que se notabilizou pela sua defesa das reformas sociais e do progresso cultural e educacional"[1124].

[1120] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 359.
[1121] QUEIROZ, Rachel de. Onde estão os dez justos? *O Cruzeiro.* 08/12/1962, p. 130. AIMS. Grifos da autora.
[1122] QUEIROZ, Rachel de. Onde estão os dez justos? *O Cruzeiro.* 08/12/1962, p. 130. AIMS.
[1123] PRETA, Stanislaw Ponte (Sergio Porto). *Diário do Paraná.* 09/12/1962, p. 03. Ver também: *Correio da manhã*. 09/12/1962, quarto caderno p. 02 e *Diário de Notícias.* 10/04/1963, p. 03. AFBN.
[1124] Livro de Rachel nos EUA. *Jornal do Maranhão.* 03/01/1963, p. 08. AFBN.

Outra publicação sua sairia pela Editora do Autor. Era o livro o *Brasileiro Perplexo,* intitulada a partir de uma crônica homônima. Esta foi uma de suas melhores coletâneas de crônicas, constando um maior número de temas políticos.

Ao anunciar o lançamento do livro no Clube Marimbas, em Copacabana, Stanislaw Ponte Preta - pseudônimo de Sergio Porto, brincava: acalmem-se os leitores, o livro não era uma biografia de Jânio Quadros[1125].

Em março de 1963, Rachel "mudou-se" mais uma vez para o sertão[1126]. Lá passaria longo tempo:

> alguns meses passaremos entre céu e terra, sem edifícios nem ruas, nem lotações, nem política, nem literatos, nem teatro, nem cinema; nenhum dos encantos da civilização a prejudicar o indispensável recolhimento pelo qual a alma chora e que o corpo não dispensa, sob pena de morrer ou enloucar e sair brizolando por aí, atirando pedra em quem não merece[1127].

De fato, Leonel Brizola fazia coleção de discursos agressivos nesse momento, acusando Legislativo, Judiciário, Executivo, polemizando com latifundiários, financistas, comerciantes, empresários. A cada semana, lançava nova declaração que provocava a ira da imprensa de oposição.

Já Goulart, começou o ano de 1963 sorrindo como se tivesse ganhado novamente as eleições, seu prestígio estava em alta com o resultado do plebiscito e seu principal plano de ação era levar em frente as reformas de base[1128].

O ministério ensaiado por Goulart presidente procurava agregar os políticos de centro, principalmente os do PSD. Para Lúcia Hippolito, no entanto, o partido não conseguia mais ser fiador do equilíbrio político neste momento. Isto por dois motivos: primeiro, o contexto era de polarização acelerada, justamente pelo esvaziamento do centro.

Segundo, o PSD, ao longo do governo Goulart, apresentou cada vez menos coesão interna e por isso não teve capacidade de liderar o processo político como tinha ocorrido no passado. Tornara-se, muito pelo contrário, um partido meramente reativo e mandado pelo Executivo. Cada decisão tomada pelo presidente desde 1961 fragmentou o PSD,

---

[1125] Ver PRETA, Stanislaw Ponte. *Última Hora*, 22/11/1963, p.2. A festa de publicação se daria no Clube Marimbas, no posto 6, em frente à Tv-Rio, em Copacabana. A sessão de autógrafos incluiria outros autores da editora como Manuel Bandeira (*Poesia do Brasil*), Rubem Braga (*O homem rouco*), Sergio Porto (*A casa demolida*), Drummond (*Contos de aprendiz*), Cecília Meireles (*Antologia poética*) e Otto Lara Resende (*O braço direito*). Ver *O Fluminense*, 24/11/1963. p. 01. AFBN.
[1126] Editorial. *O Correio da manhã*. 22/02/1963, segundo caderno, p. 02. AFBN.
[1127] QUEIROZ, Rachel de. Até breve. *O Cruzeiro.* 09/03/1963, p. 130. AIMS.
[1128] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 362.

até suas bases romperem completamente com a cúpula e largas parcelas aliarem-se à oposição.[1129].

Assim, na Câmara, a UDN passou a receber apoio de grande parte do PSD que se "conservadorizava", e também do PSP de Ademar de Barros, que começou a apoiar até Carlos Lacerda. Todas as correntes reacionárias juntaram-se em torno da Ação Democrática Nacional e a principal medida de (re)ação foi o uso do veto quando das propostas presidenciais[1130].

O principal ponto de controversa era ainda a questão da reforma agrária proposta pelos trabalhistas. No Congresso, o debate girava em torno do valor das indenizações. "Reforma agrária, sim. Terra para o homem do campo, sim. Mas, primeiro que tudo, erguer do chão o homem do campo, dar-lhe escola, saúde, assistência, dignidade, ambição. A terra pura ninguém come. E o principal problema do homem do campo brasileiro ainda é, basicamente, o *comer*"[1131], dizia Rachel de Queiroz nos jornais.

Em meados de 1962, o Serviço de Repressão ao Contrabando descobriu um campo militar de treinamento pertencente a uma Liga Camponesa do interior de Goiás. Foram apreendidas armas, bandeiras cubanas, imagens de Fidel Castro e de Francisco Julião, assim como textos e manuais de instrução de combate, esquemas para sublevação armada em outras regiões do país e diversos outros artigos comprometedores.

Mesmo que as Ligas tivessem rompido oficialmente com o PCB em novembro de 1961, quando lançaram as teses da "Reforma Agrária Radical, na lei ou na marra", a descoberta de armas e manuais de guerrilha associavam diretamente as Ligas Camponesas aos comunistas cubanos, destacando a personalidade de Francisco Julião. E pior, uniam-se com o intuito de derrubar um governo que, teoricamente, era de esquerda[1132].

Porém, não só os comunistas se aproximavam dos trabalhadores rurais. Também parte da Igreja se solidarizava com a causa camponesa, agindo através de instituições como a SAR (Serviço de Assistência rural) no Rio Grande do Norte e a SORPE (Serviço de Orientação Rural de Pernambuco) em Pernambuco. Além do mais, desde pelo menos 1950, a Igreja tinha lançado oficialmente medidas para incentivar o trabalho

---

[1129] HIPPOLITO, Lúcia. *Op. Cit.* p. 214.
[1130] HIPPOLITO, Lúcia. *Op. Cit.* p. 222.
[1131] QUEIROZ, Rachel de. Reforma Agrária. *O Cruzeiro.* 01/06/1963, p. 114. AIMS.
[1132] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 359.

missionário de Evangelização e combate ao comunismo, ao espiritismo e ao protestantismo através da encíclica *Fidei it Donum*, lançada por Pio XII[1133].

Até fins de 1962, as Ligas acabaram ocupando o lugar dos sindicatos rurais, que dificilmente conseguiam suas cartas de aprovação junto ao governo. Quando André Franco Montoro assumiu o ministério do Trabalho e Previdência Social em 1962 diversas destas cartas sindicais de organismos rurais foram aprovadas, inclusive com intervenções de membros da Igreja. Para se ter uma ideia, passou-se de 08 sindicatos rurais reconhecidos no Brasil inteiro até 1960 para 43 reconhecidos só em Pernambuco em 1963[1134].

Em seguida ao reconhecimento dos sindicatos, no entanto, começou uma disputa entre a Igreja e os comunistas para ocupar os postos de liderança. Rachel de Queiroz publicou em maio de 1963:

> ...por que a Igreja Católica e com ela os cristãos e democratas do mundo inteiro deixam que a bandeira da justiça social, do combate à discriminação racial, dos direitos das pequenas nações, da luta contra a fome e a doença, e mais temas que interessam à paz internacional – por que deixam os católicos e os democratas que essas bandeiras sejam empunhadas justamente pelos comunistas e demagogos comunizantes?[1135].

Não é à toa, portanto, que quando Dom Helder Câmara foi ungido bispo de Olinda em 1964, Rachel de Queiroz apressou-se em dizer que os comunistas deveriam parar de comemorar, pois o padre, que ela conhecia muito bem desde quando estavam em polos políticos opostos nos anos 1930[1136], não tinha nada de comunista e nunca se associaria a eles (!)[1137].

Mas do outro lado do muro político, a situação não era diferente. Os conservadores também se armavam. Data desta época a aproximação maior entre o IPES e a Escola Superior de Guerra, principalmente através do general Golbery do Couto e Silva. Estima-se que, assim como as Ligas, o IPES possuía seu arsenal de metralhadoras estocadas e recebia orientações da própria CIA, nos Estados Unidos[1138].

[1133] MONTENEGRO, Antônio Torres. *Op. Cit.* p. 263.
[1134] MONTENEGRO, Antônio Torres. *Op. Cit.* p. 268.
[1135] QUEIROZ, Rachel de. Sede de Justiça. *O Cruzeiro*. 04/03/1963, p. 130. Em 1962, Rachel já tinha escrito: "Não pretendo subir além da minha chinela, mas acho muito bem pensada essa resolução dos bispos [que proibia padres de participarem das eleições]. Porque padre na política, conforme mostra a experiência, não é bom nem para o padre, nem para a política, nem para o rebanho". In: QUEIROZ, Rachel de. Padres na Política. *O Cruzeiro*. 28/04/1962, p. 130. AIMS.
[1136] Lembremos o ano de 1934, quando D. Helder militava pela Liga Católica no Ceará enquanto Rachel de Queiroz era candidata a deputada pela FUA.
[1137] QUEIROZ, Rachel de. O pastor de Olinda. *Jornal do Maranhão.* 17/05/1964, p. 03. AFBN.
[1138] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 360.

No entanto, João Goulart tentava ainda a conciliação política. Já no começo do governo apresentou o Plano Trienal, elaborado por Celso Furtado, que buscava coadunar combate à inflação e desenvolvimento econômico, medidas ortodoxas como aquelas impostas pelo FMI, com a alternativa estruturalista da reforma agrária.

O Plano, no entanto, esbarrou nas esquerdas radicais, que o acusaram de entreguista, reacionário, antipopular, antinacional, pró-imperialista[1139]. Com tanta resistência interna, em maio, o Plano já não funcionava mais.

O jeito, para Goulart, foi voltar-se para a ala reformista: "e essas reformas, e essas novidades e essas promessas e pior que tudo as ameaças (...). Mesmo porque, por hora só vai haver carnaval e nada mais, e na hora da angústia cívica nem carnaval consola. Ou consola demais, o que também é uma imprudência", considera Rachel de Queiroz ainda em fevereiro[1140].

Mas o debate sobre a reforma agrária se acirrou em março de 1963, quando Goulart propôs ao Congresso uma emenda constitucional que procurava alterar o artigo referente ao pagamento prévio em dinheiro para a desapropriação de terras. A proposta era de que esse pagamento fosse feito em títulos da dívida pública, medida que alteraria profundamente a estrutura agrária do país.

Apesar da pressão petebista no Congresso, a proposta foi considerada absurda pela bancada conservadora assim como pela imprensa de oposição. Tanto o PTB quanto a UDN e o PSD começaram, a partir daí, a ver as manobras de Goulart como irresponsáveis, resultado de uma incapacidade ou incompetência política[1141]. Lembra Rachel: "o Jango achou que poderia resolver esta questão com um simples decreto. Era arbitrário e perdia o senso da realidade"[1142].

Já Brizola, a CGT, a UNE e a FPN saíram às ruas, fazendo comícios, passeatas e ameaças de greve geral [1143], o que não adiantou em nada. A emenda não foi aprovada pelo Congresso, e ainda selou o fim da aliança entre pessedistas e petebistas. Goulart anunciou uma reforma ministerial logo em seguida e para tentar se reaproximar do PSD, indicou Carvalho Pinto, que expressava as demandas das elites industriais e financeiras

---

[1139] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 364/365.
[1140] QUEIROZ, Rachel de. Até breve. *O Cruzeiro.* 09/03/1963, p. 130. AIMS.
[1141] HIPPOLITO, Lucia. *Op. Cit.* p. 235.
[1142] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto, SP: Funpec Editora, 2002. p. 226.
[1143] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 367.

paulistas para a pasta da Fazenda. Brizola passou a acusá-lo de querer dar um golpe de estado[1144].

Depois de tantos protestos nas ruas e ameaças de greve tendo Leonel Brizola à frente, Rachel de Queiroz publicou a crônica *Os ratos de Pavlov.* Assim como os ratos de laboratório, a escritora cearense argumentava que o povo brasileiro era manobrado por alguns chefes políticos,

> Hoje o povo só reage por reflexo condicionado. Não adianta nem precisa lhe explicar nada, expor motivos, raciocinar ou argumentar: basta berrar os *slogans* preparados – e há uma porção deles que fazem o brasileiro reagir (...). Aposto um ano de salário como em cada mil brasileiros somente dez sabem o que é reforma de base – e desses dez uns oito não saberão qual a reforma de base que estão propondo os agitadores. E dos dois que sabem, um pelo menos não concordará ou com a reforma, ou com quem quer fazê-la[1145].

Assim, as crônicas de Rachel de Queiroz no ano de 1963 seguiram a tendência pessimista do ano anterior, mas cada vez mais em tom conspiratório e clamando por soluções radicais. Até porque, as cartas de leitores também aumentaram em termos de cobranças de opinião: "Por que você não comentou isto ou aquilo? Teve medo? Está vendida? Quanto recebe dos americanos? E os russos? Está muito rica e por isso se acomodou? A idade não a curou dos extremismos da mocidade? Tem inveja porque não consegue o dinheiro que eles ganham?"[1146]

No segundo semestre do ano, uma sublevação de Sargentos e Suboficiais das Forças Armadas em Brasília, ocupando várias áreas estratégicas da cidade, levou a radicalização para a área militar. Na imprensa, Rachel de Queiroz deu graças a Deus pelo Brasil ser uma federação com tamanho continental: "pode-se mesmo dizer que a nossa única esperança de sobrevivência está na capacidade de resistência isolada de cada uma das unidades estaduais, contra o caos que vem de cima". A escritora nomeava as "ilhas de segurança no meio da enchente": Meneghetti no Rio Grande do Sul, Ney Braga no Paraná, Carlos Lacerda na Guanabara, Aluízio Alves no Rio Grande do Norte, Magalhães Pinto em Minas, Virgílio Távora no Ceará[1147].

Cessada a tentativa de golpe por parte dos subalternos em plena capital federal, a reação da oficialidade foi imediata. A primeira medida foi a punição, expulsão ou

---

[1144] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 368.
[1145] QUEIROZ, Rachel de. Os ratos de Pavlov. *O Cruzeiro.* 20/07/1963, p. 130. AIMS: Mais uma vez se manifesta a decepção com a radicalização do PSB: "E esses *Quislings* se dizem nacionalistas! E o que dá mais raiva, esses traidores se dizem socialistas! E recebem o beneplácito não se sabe se imbecil ou criminoso dos socialistas de partido, sempre caudatários da provocação e do golpe".
[1146] QUEIROZ, Rachel de. O leitor e eu. *O Cruzeiro.* 26/10/1963, p. 130. AIMS.
[1147] QUEIROZ, Rachel de. As ilhas da federação. *Op. Cit.* 12/10/1963, p. 146. AIMS.

"exílio" através de transferências para regiões longínquas do país. Em seguida, acirrou-se o clima de indignação contra a quebra da hierarquia militar, levando a oficialidade a conspirar cada vez mais em prol da deposição de João Goulart[1148].

Em primeiro de outubro de 1963, Carlos Lacerda publicou uma entrevista feita com ele por um correspondente do *Los Angeles Times*, denunciando a infiltração comunista no governo do presidente brasileiro e chegando a pedir auxílio norte-americano para intervenção no país. Rachel de Queiroz, como sempre, evitava comentar as ações de Lacerda, mesmo quando concordava com elas. Era sempre um risco fazê-lo.

Após a declaração polêmica, que acirrou a crise no governo, aliado ao levante de suboficiais ocorrido em Brasília, os ministros militares de João Goulart pediram ao presidente a decretação do estado de sítio, que foi encaminhada ao Congresso e negada pela grande maioria da casa. A verdade é que praticamente todos os setores políticos, militares e intelectuais já desconfiavam da atuação de João Goulart na presidência e vários setores, tanto de esquerda como de direita viviam em clima conspiratório.

Ainda em outubro, João Calmon, deputado do PSD e vice-presidente dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, idealizou a formação da *Rede da Democracia*, a princípio um programa radiofônico comandado pelas rádios *Tupi*, *Globo* e *Jornal do Brasil*. Depois que iam para o ar, os programas eram publicados em jornais impressos como *O Globo, Jornal do Brasil* e *O Jornal.*

A cadeia midiática foi uma reação imediata a dois fatos que assustaram a oposição: o primeiro foi o pedido de estado de sítio por parte do presidente; o segundo, o programa que Leonel Brizola mantinha na rádio Mayrink Veiga, onde ficava de quatro a cinco horas pregando as reformas imediatas[1149].

Para competir com Brizola, a rede da democracia colocava em diálogo, diariamente, representantes políticos, militares, empresários, jornalistas, professores, intelectuais, sindicalistas e estudantes com partidos e grupos de oposição ao governo, como a UDN, o IPES, o IBAD.

Era, portanto, uma concepção explícita de imprensa enquanto prática política, e isto num campo extremamente polarizado. Seus argumentos principais eram o combate ao comunismo e o apelo à intervenção militar, aliados a uma concepção de política de massas, tal como acusavam Goulart de estar fazendo através dos sindicatos, do

---

[1148] FERREIRA, Jorge. *Op Cit.* 2008b. p. 371.
[1149] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 374.

movimento estudantil e das Ligas Camponesas. Integrava, portanto, também, uma disputa pelo monopólio da opinião pública[1150].

Em finais de 1963, Rachel de Queiroz ligava-se, portanto, a praticamente todos os grupos de oposição que conspiravam de uma forma ou outra contra o governo de João Goulart: desde a Ação Democrática e a UDN atuantes no Congresso, até o IPES, os militares, os intelectuais da oposição e os veículos midiáticos de Assis Chateaubriand.

A "militância" no interior destas correntes era tão profícua que a autora lembra nos anos 1990: "em tempo de revolução, o Oyama me botava para fora do quarto, porque eu tinha o telefone no quarto, então, eu ficava [?] eu e o Adonias. Quem sabia de uma coisa, contava"[1151].

No entanto, por mais que Rachel de Queiroz estivesse convencida da necessidade de pôr fim ao governo janguista, seu "sexto sentido" lhe alertava sobre os movimentos que giravam em torno dela. Em crônica de fins de dezembro, a escritora cearense declarava, como num último suspiro de esperança, "que a hora, aqui, está quase chegando a ser de desespero":

> E vejo, apavorada, que se vai cristalizando no espírito do brasileiro a ideia do SALVADOR (...) Um homem forte que liquide a bagunça. Um governo autoritário que prestigie novamente a autoridade... Ah, a fábula do bom déspota! Sim, disso é que eu tenho medo. Pois é assim que nascem as ditaduras, é nesse ambiente de miséria, desordem e desespero que se geram os ditadores (...) Disto é que eu tenho medo: que por tais caminhos nos acabe levando esta crise de desespero nacional. Que por exaustão, miséria, esperança de salvação, vamos nos atirar de olhos fechados num buraco ainda mais sem fundo. Ou vocês não se lembram mais de 1937?[1152].

***

A aproximação de Rachel de Queiroz com as Forças Armadas ao longo dos anos 1960 foi uma consequência da admiração que a escritora cearense sentia por alguns militares específicos, que conhecia de longa data, como Juarez Távora, tenente da famosa Coluna Prestes, e Humberto de Alencar Castelo Branco. Não foi à toa que em março de 1962, Rachel publicou duas crônicas com o título *Os revoltosos.*

[1150] CARVALHO, Aloysio Castelo. *A rede da Democracia:* O Globo, O Jornal e o Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-1964). Niterói: Editora da UFF, Editora NitPress, 2010.p. 15-19

[1151] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 77. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

[1152] QUEIROZ, Rachel de. A hora de perigo. *O Cruzeiro.* 28/12/1963, p. 130. AIMS. Em crônica do mesmo ano ainda afirmara: "E, encarnando a ditadura [teremos]um *salvador* – um Franco, um Perón, um Stroessner, ou um Stalin, um Tito, um Fidel Castro. Que eles se digam de direita ou de esquerda não tem importância; a desgraça é a ditadura, qualquer que seja a cor com que se pinte, e estará de cima, esmagando, e nós por baixo, gemendo e sangrando". In: QUEIROZ, Rachel de. Sede de Justiça. *O Cruzeiro.* 04/03/1963, p. 130. AIMS.

Apesar de ser uma crônica memorialística que relatava a passagem da Coluna Prestes pelo interior do Ceará em 1926, Rachel começava assim:

> Isto é uma história velha, passou-se lá por 1926. O País andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. Não, minto. Tanto não (...). Havia gente de armas na mão, contudo não era assim por conflito pessoal e ideológico, irredutível como agora. Era mais uma questão de princípios, de interpretação dentro de uma mesma ideologia — todos se diziam igualmente democráticos, nenhum dos combatentes disputava sobre questão social (...). Ademais, o povo em geral, embora não se pronunciasse abertamente, por medo de represálias do Governo ou descrença nas possibilidades da luta, o povo de coração estava com os chamados "revoltosos", seduzido pela legenda de bravura dos jovens tenentes (...). Acima de tudo aquela marcha épica da Coluna Prestes pelos fundões ignorados do Brasil, falava às imaginações e suscitava os mais ardentes entusiasmos. Creio mesmo que feito nenhum, na história nacional, tocara tanto o coração do povo. Os moços "generais e coronéis" da Coluna, que nos retratos recortados de revistas e jornais se mostravam tão belos e românticos, desencadeavam paixões nas moças e meninas[1153].

A crônica foi reproduzida outras vezes, em coletâneas de crônicas, e trazia uma imagem romantizada dos militares rebeldes que eram até então o símbolo da chamada revolução de 1930.

Quando resgata esta história no ano de 1962, ano conturbado da história nacional logo após a renúncia de Jânio Quadros, Rachel de Queiroz compara nostalgicamente o seu tempo de revolta com os dias em que vive.

Neste sentido, opta pelo recurso conservador e romântico que localiza uma "Idade do Ouro" das promessas políticas lá nos anos 1920, muito diferente dos anos 1960: lá, o sentimento comum de democracia, aqui, as irredutíveis disputas pessoais e ideológicas[1154].

A admiração pela farda tinha um sentido especial em 1963, quando a escritora cearense entrou em contato com os generais, reformados e ativos da Escola Superior de Guerra, membros da Cruzada Democrática ou veteranos da FEB. Mais do que Juarez Távora, a figura de destaque naquele momento entre eles era o general Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército, sempre elogiado pelos colegas por suas opiniões e atuação política.

Rachel de Queiroz considerava Humberto de Alencar Castelo Branco como seu "primo", mais pela amizade do que por laços familiares, uma vez que os dois se conheceram formalmente nos anos 1950, através de Paulo Sarasate. Aliás, Castelo Branco era mais próximo de Oyama de Macedo do que propriamente de Rachel: "os dois coincidiam melhor nas ideias. Eu era muito mais rebelde e indisciplinada"[1155].

[1153] QUEIROZ, Rachel de. Os revoltosos. *O Cruzeiro.* 24/03/1962, p. 146. AIMS.
[1154] Ver o mito político da Idade do Ouro, em: GIRARDET, Raoul. *Op. Cit.*
[1155] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 227.

O general era filho do oficial do Exército, Cândido Borges Castelo Branco e, desde o berço, aprendeu a importância da disciplina, da moral e do nacionalismo patriótico[1156], além de ter tido a possibilidade de conhecer diversas realidades do país.

Antes de completar a maioridade, por exemplo, Castelo Branco já habitara em diferentes estados da região Nordeste e também no Rio Grande do Sul, onde iniciou sua própria carreira militar. Até os trinta anos, já tinha servido nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia e Paraná, além de ser enviado para completar sua formação na *École Supérieure de Guerre*, em Paris[1157].

Por outro lado, como era costume na família Alencar, o incentivo à formação intelectual e erudita acabou transformando Castelo Branco num oficial conhecido por sua capacidade intelectual, tendo escrito artigos e livros, e recebido diversos prêmios e condecorações nos cursos que fez no Exército, além de ser um homem "exageradamente ético"[1158].

Com Amaury Kruel e Henrique Teixeira Lott, participou do curso de formação oferecido na cidade do Kansas, nos Estados Unidos e que daria origem à Força Expedicionária Brasileira (FEB) no ano de 1943. Em 1944, desembarcou na Itália com o 1º Escalão da FEB, comandado pelo general Zenóbio da Costa e adquiriu posto de destaque na conquista brasileira de Monte Castelo, em fevereiro de 1945.

Por sua importante atuação durante a guerra, foi o único membro do Estado-Maior da Divisão a receber a Cruz de Combate de Primeira Classe, além de receber a Estrela de Bronze do Exército norte-americano. Retornando ao Brasil, Castelo Branco foi dos primeiros militares a trazer a doutrina tática norte-americana que, aos poucos, substituiria a tradição militar francesa no Exército brasileiro.

Sua aproximação com a política, porém, começou em 1940, quando foi chefe de gabinete do ministro da guerra, general Eurico Gaspar Dutra. Com o fim do Estado Novo, Castelo Branco envolveu-se nas eleições do Clube Militar de 1950, ao lado de

---

[1156] Foi durante a Revolução Francesa que *Nação* e *Pátria* adquiriram significados diferenciados. Uma vez que o primeiro vocábulo passou a designar os limites e fronteiras nacionais, a *pátria* era um conceito ligado aos sentimentos de pertença à nação.

[1157] Ver KORNIS, Mônica. Humberto Castelo Branco. Verbete. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.* Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb. Acesso em 23/11/2014. No Rio Grande do Sul, foi colega dos gaúchos Riograndino e Amauri Kruel, Artur da Costa e Silva, Napoleão de Alencastro Guimarães e Nélson e Alcides Etchegoyen. Além disso, teve Henrique Teixeira Lott como instrutor quando serviu no Rio de Janeiro. Diferente de Juarez Távora, Castelo Branco nunca participou das revoltas tenentistas, inclusive combatendo-a no Mato Grosso e Bahia. Também resistiu à revolução de 1930

[1158] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa*. Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 77. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

militares conservadores como Cordeiro de Farias, Jurandir Mamede e Sizeno Sarmento. Este grupo entrava na disputa pela presidência do Clube, e encarnava uma corrente liberal, a favor da participação de capital estrangeiro na exploração petrolífera brasileira, que era a questão do momento.

Perdendo as eleições do Clube Militar de 1950, Castelo apoiou, no entanto, o movimento da Cruzada Democrática, grupo anticomunista do Exército que ganhou as eleições para o Clube em 1952 e 1954. Neste mesmo ano, Castelo Branco assinou com mais 30 militares um documento a favor da renúncia de Getúlio Vargas à presidência, no movimento que culminou com seu suicídio em agosto de 1954.

Na segunda metade da década de 1950, Castelo, que comandava a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), manteve um forte discurso de que os militares não deveriam intervir nas questões políticas nacionais. Mas no momento do 11 de novembro de 1954, apoiou Henrique Teixeira Lott na manobra militar que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência, o que dentro do Exército garantiu sua fama de democrata. No entanto, por divergências com Lott logo em seguida, acabou pedindo demissão da ECEME em 1956, ocupando no mesmo ano o comando do departamento de estudos da ESG.

Foi no comando da Escola Superior de Guerra que Castelo Branco ampliou sua atuação, sendo um dos principais responsáveis pela doutrina aplicada na instituição. “Ele era um obcecado pelos seus deveres e responsabilidades profissionais”, define Rachel de Queiroz[1159].

Com a aproximação de Lott e outros militares das correntes trabalhistas e de esquerda, Castelo Branco opôs-se publicamente ao grupo. Em 1958, foi candidato à presidência do Clube Militar, perdendo as eleições para a Chapa Amarela, de caráter nacionalista e pró-Lott. Neste mesmo ano, transferiram-no para Belém do Pará, o que alguns amigos consideraram como uma forma de exílio político[1160].

Assim como Rachel de Queiroz, Castelo Branco simpatizava com o governo Jânio Quadros e, quando houve a renúncia, também manifestou desconfiança sobre o regime parlamentarista, que considerava apenas como uma solução paliativa. Em 1962, o militar foi condecorado com a quarta estrela do generalato, assumindo em seguida a chefia do IV Exército em Recife, no lugar do general Artur da Costa e Silva.

[1159] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 225.
[1160] KORNIS, Mônica. *Op. Cit.*Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb. Acesso em 23/11/2014.

Esta pequena biografia de Castelo Branco dá uma ideia da posição que ocupava em 1963, quando se tornou uma das melhores opções para coordenar um movimento de oposição militar ao governo de João Goulart.

Acontece que Castelo Branco era chefe do Estado Maior do Exército e, por isso "nunca conspirou conosco (...). Como o Castelo estava exercendo sua função militar, disse que concordava com as nossas posições, mas nada podia fazer enquanto estivesse no seu cargo. Ele pouco interferia. Era o homem de maior credibilidade e autoridade naquele momento"[1161].

Para compreendermos a função do discurso racheliano em se tratando de Castelo Branco, cumpre citar o historiador Raoul Girardet, quando define os mitos políticos da seguinte forma:

> O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções[1162].

Entre os mitos presentes desde os primórdios da história humana, estaria o mito do Salvador, que como todos os outros serviria como resposta a fenômenos de desequilíbrios sociais, crises, períodos críticos: "o nascimento do mito político situa-se no instante em que o traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico"[1163]. Ao mesmo tempo, o mito do Salvador estaria diretamente arraigado na história, daí sua complexidade: como perceber o misterioso processo de heroicização, "que resulta na transmutação do real e em sua absorção no imaginário"[1164]?.

Rachel de Queiroz parecia tê-lo adivinhado em crônica de 1963. O processo se dá na longa duração, organizado em vários períodos sucessivos, diferentes uns dos outros. Há um *tempo da espera e outro do apelo*: "aquele em que se forma e se difunde a imagem de um Salvador desejado, cristalizando-se em torno dela a expressão coletiva de um conjunto, na maior parte das vezes confuso, de esperanças, nostalgias e de sonhos". Em seguida, vem o *tempo da presença* e, depois, o *tempo da lembrança*, onde a imagem mítica é modificada nos "jogos ambíguos da memória"[1165].

[1161] NERY, Hermes Rodrigues. *Op. Cit.* p. 225.
[1162] GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 13.
[1163] GIRARDET, Raoul. *Op. Cit.* p. 181-182.
[1164] GIRARDET, Raoul. *Op. Cit.* p. 71.
[1165] GIRARDET, Raoul. *Op. Cit.* p. 72.

Rachel de Queiroz encarnou em Castelo Branco uma boa dose do mito do Salvador. Suas descrições da idoneidade, moralidade e até de um espírito democrático do general permanecerão nas crônicas racheliana e em seu testemunho até o fim da vida. Neste sentido, a autora cearense será uma das principais responsáveis pelo "tempo da lembrança" desta figura mítica para os conservadores dos anos 1960. O discurso racheliano insistiu na descrição de Castelo Branco como um homem fora do comum, providencial, diferente[1166].

Mesmo tendo afirmado seu medo de que a necessidade de um "salvador" viesse a desencadear uma ditadura no Brasil, Rachel de Queiroz optou conscientemente por eleger um herói, talvez porque não enxergasse outra forma de solucionar os problemas que ela identificava no país.

***

Com a derrota do pedido de estado de sítio no Congresso em outubro de 1963, João Goulart encontrava-se completamente isolado, tanto direitas quanto esquerdas haviam proclamado publicamente o rompimento com o presidente, uns por considerá-lo demagogo, pelego, populista; outros por considerá-lo reacionário, burguês, covarde. Jango encontrava-se naquele exato momento crítico de extrema solidão, que Rachel de Queiroz tanto gostava de destacar em suas crônicas sobre o poder.

Curiosamente, 1964 começou com poucas crônicas políticas. A escritora cearense parecia navegar por outros mares, curiosidades, histórias infantis, relatos de viagens e visitas de amigos, moda, beleza; em uma ou outra crônica reclamava do cotidiano do Rio de Janeiro, onde faltava tudo: comida, transporte, segurança, "a cidade parece sitiada"[1167]. Para aqueles que estavam acostumados a ler uma crônica política a cada duas ou três publicadas, a ausência delas parecia muito suspeita.

Em uma crônica mais combativa, Rachel explicava mais uma vez ao leitor as "origens" dos "aventureiros" que estavam no poder. A autora desfilava a cronologia dos pecados trabalhistas: "desde então continua sendo o PTB, na sua maioria, o domínio dos pelegos; e o Ministério do Trabalho, as entidades de Previdência Social e o movimento

[1166] Em 1965, Rachel de Queiroz diria em entrevista: "Dura experiência tem ensinado o mundo a ter pavor de homens providenciais. Mas há o homem oportuno. Como Churchill, na hora mais grave da vida da Inglaterra, ou um De Gaulle, quando a França caiu. É como o nosso marechal está sendo e espero que continue a ser". In: LAUS, Lusimar. Entrevista com Rachel de Queiroz. *Revista Manchete*, 02/01/1965 p. 78. AFBN.

[1167] QUEIROZ, Rachel de. Cidade sitiada. 08/02/1964, p. 122. AIMS.

sindical oficial ou oficioso são o seu dote”[1168]. Rachel repetia ainda a descrição das riquezas latifundiárias de “alguns elementos” petebistas não citados, argumento suficiente para demonstrar a suposta hipocrisia presente no partido ao propor reformas sociais.

Desde novembro do ano anterior, o país estava parado, greves, assassinatos de líderes rurais, invasão de terras improdutivas e a renúncia do ministro da Fazenda em dezembro. Aliado a esta conjuntura, as suspeitas de complôs de esquerda e de direita comprometiam o já comprometido “governo de conciliação” de João Goulart.

Foi o ex-ministro San Tiago Dantas quem tentou uma última manobra de apoio ao governo, fundando a Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base, que ele chamou de “esquerda positiva”, para marcar seu afastamento de Leonel Brizola. Neste momento acontecia o improvável. Segundo Jorge Ferreira, em termos de discurso, “quem defendia a ordem legal eram os conservadores, com o argumento de que a Constituição era intocável” [1169]. Por outro lado, de uma posição defensiva e legalista em 1961, as esquerdas alternavam para uma estratégia ofensiva e de rompimento institucional em 1964.

A opção de Jango frente ao contexto foi rejeitar a Frente Progressista de San Tiago Dantas e abraçar de vez a via reformista radical de Leonel Brizola, optando por permanecer ao lado das promessas de reforma que ele sustentara desde os anos 1950. Afinal, em apenas mais um ano seu mandato terminaria e aquele era o momento de arriscar todas as fichas.

Foi nesta intenção que João Goulart decidiu realizar um comício na Central do Brasil no dia 13 de março de 1964. O evento foi organizado por diversos movimentos sindicais, estudantis e femininos e comportou cerca de 200.000 pessoas. Depois de discursarem no palanque, Brizola, Miguel Arraes e João Goulart saíram confiantes de que as reformas enfim sairiam do papel porque supostamente contavam com o apoio de grande parte da população[1170].

No dia 19, porém, saía às ruas de São Paulo a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, congregando cerca de 500.000 pessoas, a maioria de classe média e com forte discurso anti-janguista.

[1168] QUEIROZ, Rachel de. A lição dos escândalos. 22/02/1964, p. 122. AIMS.
[1169] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 381.
[1170] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 386.

Dias depois, o general Castelo Branco, que tinha o hábito de não se manifestar, endossava as críticas ao presidente, questionando publicamente se as Forças Armadas deveriam apoiar o governo, uma vez que ele caminhava para uma revolução que submeteria a nação ao comunismo de Moscou[1171].

No princípio de março de 1964, Rachel de Queiroz e Oyama de Macedo viajaram para o sertão, aguardando a época da colheita e refugiando-se das confusões políticas que pipocavam nas grandes capitais. Para ela, ir para o sertão não era somente a paixão pela terra e pelo isolamento. Politicamente, significava uma distância necessária para se ter "perspectiva": "vivemos dentro demais dos acontecimentos, somos absorvidos por eles, sugestionados por eles, exacerbados por eles. Eles é que nos arrastam, não somos nós que os esmiuçamos"[1172].

No entanto, "o isolamento campestre" não a afastava do noticiário. Inclusive, Rachel argumentava que "do lado de lá", no sertão, existiam milhões a mais que "do lado de cá", no Rio de Janeiro. Se cá era o "palco", lá era a "plateia", "vocês não sabem deles, mas eles sabem de vocês". "O doutor bota aqui a lei do arroz, do açúcar e da carne – deixem a gente ir ver como é que essa lei funciona lá no roçado onde o arroz nasce!"[1173].

Sem sequer mencionar qualquer um dos eventos acima citados (o 13 e o 19 de março) em suas crônicas semanais, Rachel de Queiroz informou-se das notícias do Rio e de São Paulo apenas pelo rádio, enquanto lia um livro e fazia crochê deitada na rede instalada no alpendre, ou caminhava pelo *Não me deixes* esperando a hora de colher os frutos daquele ano.

Não há como narrar o golpe civil-militar de 1964 de modo dramático e marcado por inúmeros eventos catalisadores, quando nossa personagem principal não os apresenta dessa forma.

Desde 22 de fevereiro de 1964, quando escreveu sua última crônica política antes do golpe, até maio do mesmo ano, Rachel viveu num mundo paralelo e protegido, inacessível para nós, que temos normalmente o olhar voltado para os eventos políticos dramáticos e excepcionais.

Se a história do Brasil entre janeiro e abril de 1964 poderia ser contada em mais 1000 páginas de uma tese, destrinchando cada um de seus detalhes, cada minuto de seus

---

[1171] FERREIRA, Jorge. *Op. Cit.* 2008b. p. 387.
[1172] QUEIROZ, Rachel de. Até breve. *O Cruzeiro.* 09/03/1963, p. 130. AIMS.
[1173] QUEIROZ, Rachel de. Até breve. *O Cruzeiro.* 09/03/1963, p. 130. AIMS.

dias, não temos nada a oferecer ao leitor até maio de 1964, quando Rachel comentou sua versão da revolução. Aliás, mais uma prova de que o golpe era imprevisível até ter acontecido.

A revolução de Rachel de Queiroz chegou "atrasada", como tantas outras crônicas rachelianas publicadas em outros momentos dramáticos da vida nacional. A *revolução pelo rádio* apareceu somente em 09 de maio de 1964 e cumpre citá-la na íntegra, pois talvez seja o único testemunho de como Rachel de Queiroz, isolada na fazenda do *Não me Deixes*, soube da "revolução", tantas vezes temida, tantas vezes sonhada:

> Quarta-feira, primeiro de abril, pela manhã, todo mundo na maior inocência. Ou tédio? Esperavam-se os comentários sobre o discurso do homem [João Goulart], feito no Automóvel Clube – mas de que servem os comentários enquanto eles agem? É afligir o aflito. Mas eis que no tranquilo microfone da Assunção, uma voz excitada lê um manifesto. Subversivo? Subversivo! O nosso velho coração de golpista histórica se expande como flor ao sol. É o Governador Magalhães Pinto. É o General Mourão Filho, comandante da tropa de Juiz de Fora! (...). Mas lidos os manifestos, as notícias embora retumbantes, são lacônicas. Nada mais se sabe, o locutor pede que não se desligue, assim que houver novas notícias serão dadas. Corre-se o dia em procura do Rio. E o Rio está pior que todo o mundo, o Rio mostra-se leviano e indiferente. Toca sambas. "Alvorada Musical". Será possível? Será boato? Nenhuma das estações de confiança parece ligar a mínima aos acontecimentos. Fica-se naquela grande perplexidade, a princípio não se cuida da explicação óbvia. Mas eis que o locutor da Tupi acha jeito de nos mandar uma mensagem. O ouvinte, ao telefone lhe pergunta como vai o tempo. E o leitor diz: "Tempo? Aqui tem sol – mas sol quadrado...". Para quem entende gíria carioca estava tudo dito "Sol quadrado" é cadeia – Censura! E aí começa a caçada, a desesperada corrida no dia atrás das notícias. Minas não se apanha de modo nenhum. E S. Paulo manda uma voz obscurecida por mil martelos de interferências, chiados, assobios, uivos. De repente a interferência cede e se escutam os conhecidos acentos paternais do Sr. Adhemar de Barros. Diretamente dos Campos Elíseos. Mas a interferência ataca, junto com um dobrado militar.
>
> Ouve-se o nome do General Amaury Kruel. Será contra ou a favor? Tenta-se novamente o Rio e cai-se por acaso na Rádio Nacional, onde um espique exaltado injuria o "traidor Kruel". Ora viva, foi a favor! Pernambuco diz que está tudo calmo. A gente se lembra do Chacrinha: "Tudo na mais perfeita ordem!" Baiões. Sambas. Hully-Gully. O som de um dobrado é um ímã para o caçador de notícias. Mas fica no dobrado. A nossa Rede da Democracia não parece bem organizada. Enquanto os de lá dão proclamações, discursos, notícias, falsas ou verídicas, os nossos tocam dobrados. Canção do Soldado, Cisne Branco, Avante Brasileiros. Chega dá nervoso. Nós não precisamos de estimulantes patrióticos, companheiros, precisamos é saber do que se passa! Estamos a quinhentas léguas do Rio de Janeiro, quinhentas e setenta de S. Paulo; cercados de água por todos os lados – rios, riachos e lagoas transbordantes. E com os trens parados piorou tudo. O rádio é a única ligação com o mundo exterior, e vocês ficam nos dobrados!
>
> Mas eis que uma voz começa a ler a proclamação do Segundo Exército. A interferência acode logo, feroz e histérica. E a gente recorda as interferências nazistas nas comunicações do rádio europeu, durante a Guerra. Era a mesma agonia.
>
> Quilômetros de crochê faz a senhora ao pé do rádio. O crochê age como amenizador da tensão – mas lá volta a comparação clássica com as megeras que faziam meias durante as sessões da Convenção, ou ao pé da guilhotina... Pois vivam as megeras, crochê ajuda muito.
>
> Nem comer em paz se pode. Traz-se o prato para o pé do rádio. Como dizia o nosso saudoso Evandro Pequeno: assim que a gente se descuida, alguém pode fazer uma sujeira...
>
> Duas horas da tarde, entre clarinadas e palavras truncadas, assobios e estática. É São Paulo. Reproduzem uma gravação com o dramático apelo do Governador Lacerda ao se ver atacado pelos fuzileiros do Almirante Aragão. Meu Deus, meu Deus, que fuzileiro é esse que impudente na rua tripudia? Antes ver-te morto na batalha... Desculpe, Castro Alves. O final do discurso de Lacerda é engolido pela interferência. Depois há um novo instante claro e a voz do locutor paulista exclama: "Talvez a estas horas o governador Lacerda já esteja preso ou assassinado pelos asseclas de Aragão!". Fica no ar aquela angústia. Durante umas duas horas pelo menos. Correm-se as faixas

> todas. Continua infrene a tal cadeia da legalidade. Blasonam. Pelegos pernósticos dizem besteira com voz heroica. Berram sua solidariedade in-con-di-ci-o-nal ao "imortal" Presidente Goulart. E a gente conhece quando é gaúcho que fala, porque lá eles dizem "gularte". As "nossas" estações prosseguem com músicas levianas e continua sem resposta a pergunta suscitada pelo locutor paulista. Na Rede da Democracia, os dobrados. Na "Legalidade", os dobrados.
> Nunca mais suportarei um dobrado em minha vida. Mas de repente se interrompe a música e voltam a irradiar dos Campos Elíseos. Vitória! Vitória! Mas que vitória? Vitória como? Ninguém entende. Sucedem-se os discursos, e nunca nos pareceu tão desesperantemente [sic] empolada a oratória nacional. Como falam – e não dizem nada, só rosários de clichês. Que vitória pode ser essa se o Rio ainda está mudo?
> Lembrete para a próxima revolução: proponho que as estações de rádio se dividam em dois grupos: o dos discursos e o das notícias. Nada mais desesperante para o ouvinte longínquo, louco por saber do que se passa, do que escutar um chato, mesmo que seja um chato correligionário, a discorrer sobre as excelências de Democracia, quando a gente quer saber é qual foi o general que aderiu e qual o político que se entregou.
> Mas como por milagre, naquela confusão sem sentido de discurseira e bombos, pega-se o Rio: e se escuta a voz clara de Sandra Cavalcante, a soar no alto-falante como um sino de prata: Jango fugiu pra Brasília, o Guanabara está salvo! O General Castelo Branco mandou os tanques na hora.
> Agora deixa haver discurso. Louvado seja Deus[1174].

Assim descreve Rachel de Queiroz o exato dia em que tanques de guerra cercaram a Guanabara e obrigaram Goulart a iniciar seu longo exílio. Não se descrevem as manobras militares de Mourão Filho, o desespero do presidente, a confusão no Congresso, ou ainda a tentativa de reação de Leonel Brizola a partir do Rio Grande do Sul. O importante para a autora era que o general Castelo Branco enfim aderira, Goulart fugia, Lacerda estava a salvo e começava, enfim, para ela, a "nova revolução"[1175].

Nada sabia a autora neste momento dos vinte anos que viriam sob o regime militar. Rachel não sabia ainda dos vários cargos que ela ocuparia em favor deste regime, das repressões, mudanças econômicas, do milagre econômico dos anos 1970 e do papel que ela teria no programa educacional e cultural do governo militar. Rachel de Queiroz não sabia que sua revolução se tornaria uma ditadura, mesmo podendo sugerir este destino em 1963.

Nos anos 1990, a escritora descreveria sua participação no golpe civil militar de 1964 como parte de um grande complô, onde lhe caberia determinada fração de responsabilidade, de acordo com seu lugar no campo intelectual e político brasileiro:

> Já o que fazíamos nós era conspiração mesmo: saber onde estava a tropa, o que tinha havido, se o coronel fulano tinha se manifestado, se o coronel beltrano era de confiança, que fulaninho era muito ambicioso, só queria se meter com a gente procurando posições, que se tinham sérias desconfianças de que fulano traía – era conversa de conspiração, no duro. Naturalmente que comigo eles não se abriam ou se aprofundavam muito. Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. Mas os trâmites secretos da conspiração eu não me metia a saber. Mesmo porque não eram da minha alçada. Nem mesmo da de Adonias. Nunca se chegava aos

---

[1174] QUEIROZ, Rachel de. Revolução pelo rádio. *O Cruzeiro.* 09/05/1964, p. 130. AIMS.
[1175] QUEIROZ, Rachel de. A nova revolução. *O Cruzeiro.* 23/05/1964, p. 130. AIMS.

> detalhes militares. Mas o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho[1176].

Assim, a autora não se envolveu diretamente com o movimento armado, muito pelo contrário, isolou-se do campo de batalha. Mas estava consciente de que havia intenções, objetivos e manobras principais e, inclusive, uma época provável, mas não poderia prever o dia exato em que aconteceria a tentativa de golpe e nem se teria a vitória.

É preciso, no entanto, ao analisar este testemunho, não esquecer dois fatores principais: o primeiro deles são os dispositivos da memória (seleção, ordenação, esquecimento, narrativa) que organizam os fatos a serem recontados para dar coerência à narrativa, muito mais do que para retratar a realidade tal qual foi. O segundo fator é a ficção, profissão por excelência de Rachel de Queiroz há mais de trinta anos em 1964, o que a auxilia a dramatizar e enfeitar a narrativa de sua própria vida.

Assim, se as ações militares combinadas entre pares, com auxílio de civis, seriam as responsáveis pela tomada de poder propriamente dito em 01 de abril de 1964, a palavra escrita e impressa funcionou como as penas que se espalharam pelo ar, alcançando os mais distantes recônditos da opinião pública. Elas fariam sua própria revolução – ou seu próprio golpe, na subjetividade das centenas de milhares de leitores.

[1176] QUEIROZ, Rachel. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 218.

Epílogo

Se a crônica de maio de 1964 descrevia a espera ansiosa pela vitória militar sobre o governo João Goulart, uma simples correspondência particular pode revelar o significado pessoal da conquista. Em maio do mesmo ano, Rachel de Queiroz enviou os originais do prefácio de um livro do escritor Vivaldo Coaracy para Daniel Pereira, irmão de José Olympio, e confidenciava:

> Creio que assim andaremos mais depressa que lhe mandando o recibo do registrado, enviado de Quixadá, pois a agência daqui andou 2 meses fechada, com a agente em férias! Acho que era perseguição pessoal do diretor dos Correios daqui contra mim, mas graças a Deus esse janguista de uma figa já foi chutado (...). Pelo rádio, felizmente, pudemos acompanhar a revolução e torcer danadamente! Gostaria de estar aí para assistir a tudo, mas creio que antes de julho não iremos. Não adiantava estarmos aí, em que se poderia ajudar? E o José, que diz disso tudo? Você, nem pergunto, deve estar soltando foguetes, como nós. (...). Viva Castelo Branco, cearense e meu primo![1177]

A queda de João Goulart foi recebida com euforia não só por Rachel de Queiroz, mas "por todas as forças que lhe faziam oposição, estivessem ou não diretamente envolvidas na conspiração, e com certo alívio pelo comando nacional do PSD", afirma a pesquisadora Lucia Hippolito[1178]. Mas, logo em seguida à posse de Ranieri Mazzili (PSD) como presidente na ausência de Goulart, os militares começaram a articular a posse de Castelo Branco com o intuito de completar o mandato presidencial e buscar o apoio do Congresso.

Quando lembra esta época, Rachel de Queiroz procura se explicar: "para falar em revolução de 1964, a gente tem que começar por duas figuras: Getúlio e Castelo Branco. Getúlio, a minha geração se habituou a considerá-lo como a fonte de todos os males políticos. Talvez fossemos injustos em algumas coisas, em muitas coisas mesmo. Mas a figura de Getúlio, para nós, era o símbolo de todo desastre nacional (...)"[1179].

Se Getúlio era um símbolo, uma metáfora, uma representação, alguém que Rachel nunca conheceu pessoalmente, Castelo era a realidade, era próximo, tanto de Rachel como de Oyama de Macedo. Visitava o casal, confessava seus amargores políticos e pessoais, almoçava com eles, era amigo pessoal.

Rachel foi, portanto, testemunha ocular não só do golpe civil militar de 1964, como do primeiro governo militar e da vida pessoal do presidente da República, o que

---

[1177] Carta a Daniel Pereira. 06/05/1964. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB.
[1178] HIPPOLITO, Lucia. *Op. Cit.* p. 247.
[1179] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.* p. 214.

lhe valeu o lugar de uma das principais testemunhas em futuras biografias sobre a vida do presidente:

> Não era um homem amargo e frio como sua imagem pública foi projetada. Ao contrário, era muito afetuoso e dedicado aos amigos. (...). Na primeira vez em que foi visitar as obras da Cidade Universitária da ilha do Fundão, ele foi vaiado pelos estudantes. Em seguida a esta visita, foi almoçar na editora José Olympio, onde também eu me encontrava. Entrou com os olhos cheios de lágrimas e com a fisionomia abalada. Comentou: 'Recebi hoje a minha primeira vaia[1180].

Nos primeiros anos do regime, a escritora cearense procurou defender publicamente a "revolução", mesmo quando intelectuais amigos seus já adivinhavam que o regime se tornaria uma ditadura. Rachel acreditou durante todo o ano de 1964 que estava vivendo a volta da "verdadeira" democracia[1181]. A segunda metade do ano ao contrário do semestre anterior foi marcada quase exclusivamente por crônicas políticas na *Última Página.*

Em maio, a escritora cearense dizia ainda não estar satisfeita porque "os ladrões continuam soltos"[1182]. Mas em crônica de junho, depois de instaurado o que seria o primeiro dos Atos Institucionais, que concedia à junta militar revolucionária o poder de cassar mandatos legislativos e suspender direitos políticos por dez anos, Rachel dizia:

> O problema é dificílimo. Todo o mundo está de acordo em que o governo precisa identificar e punir os inimigos públicos que estavam leiloando o Brasil a uma espécie de socialismo degenerado que se convencionou chamar "comunismo " internacional; mas todo o mundo também exige que a eliminação dos focos de insurreição se faça sem cair no erro extremo da caça cega às feiticeiras, sem se atacar esta cidadela que é o próprio coração da democracia: a liberdade de pensamento e de palavra. (...). Tenho medo. O doente está grave e a operação é melindrosa. Tanto o pode salvar quanto o pode acabar de matar[1183].

A escritora cearense representava o braço civil do regime, principalmente após a posse de Castelo Branco, quando a opinião política passou a se relacionar diretamente com suas relações pessoais. Depois que assumiu a presidência, Castelo Branco pediu dois favores a Rachel de Queiroz[1184].

O primeiro era que a intelectual integrasse o Diretório Nacional da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido dos "revolucionários", fundado em abril de 1966. Rachel entrou oficialmente para o partido, junto a mais 68 filiados, entre eles

---

[1180] O Castello que eu conheci. *Realidade.* Abril/1974, p. 28. AFBN.
[1181] Ver QUEIROZ, Rachel de. Ser contra ou a favor. 15/08/1964, p. 130. AIMS.
[1182] Rachel diz que é golpista. *Correio da manhã.* 21/05/1964, p. 07 do primeiro caderno. AFBN. : "... [Rachel] acentuou que ainda não está satisfeita porque 'os ladrões continuam soltos'. Entende Rachel de Queiroz que todos aqueles que dilapidaram os cofres públicos, devem pagar o tributo na Justiça".
[1183] QUEIROZ, Rachel de. Caça às feiticeiras. *O Cruzeiro.* 27/06/1964, p. 146. AIMS.
[1184] QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. Cit.*p. 230.

Milton Campos, Gaspar Dutra e mesmo o ex chefe de polícia de Vargas, Filinto Muller. No entanto, notícias de jornal diziam que ela não participava das reuniões do partido[1185].

O segundo pedido era que Rachel integrasse a Comissão Brasileira enviada à Assembleia das Nações Unidas (ONU) nos Estados Unidos em 1966, o que foi também cumprido por ela[1186].

Assim, a escritora cearense esteve envolvida diretamente com o golpe de 1964 e com o governo de Castelo Branco. Já as relações de Rachel de Queiroz com os outros governos militares se deram de modo diverso, não tão próximo, mas nem tão distantes como a autora costuma afirmar[1187].

***

No dia 26 de agosto de 1967, a revista *O Cruzeiro* publicou uma longa matéria sobre a morte do marechal Castelo Branco, que não era mais presidente do Brasil nesta época. Mais de um mês antes, no dia 18 de julho, o marechal tomou um Piper PA-23 *Aztec*, um pequeno avião pertencente ao governo do estado do Ceará, que o levaria a Fortaleza naquela manhã. O acidente se deu quando o avião, ao sair da rota principal, numa questão de segundos, foi atravessado por outra aeronave da Força Aérea Brasileira, que realizava seu treinamento naquele mesmo dia. O avião desceu violentamente ao chão.

No acidente morreram Castelo Branco, seu irmão mais velho conhecido como Candinho, o piloto do avião e uma mulher, Alba Frota. O Piper PA-23 partiu de Quixadá. Os passageiros tinham passado seu último dia de vida no *Não me deixes*: "foi o único sobrevivente, o co-piloto. Morreu todo mundo. O menino quebrou aqui o maxilar... O Castelo morreu, um varão de ferro atravessou o tórax dele, a Alba, dizem

---

[1185] Arena indica sucessor de CS. *Diário da Noite*. 17/10/1969. p. 03, do primeiro caderno. AFBN.

[1186] Rachel envia uma carta datilografada à José Olympio em 01/11/1966: "Lá vai a orelha e me desculpem o atraso. Mas tenho trabalhado mesmo, não é brinquedo, das 10 damanhã às sete da noite, todo dia. E com os artigos e o mais da vida, é uma dureza. Mas estou gostando". New York, 01/11. Timbre da "Brazilian Mission to United Nations". Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB.

[1187] Nos anos 1990, confessaria: "Não esperávamos que depois o arbítrio fosse se estender por durante vinte anos (...). Aqueles vinte anos nos mostraram o quanto é fundamental fortalecer as nossas instituições democráticas para, inclusive, evitar que outros aventureiros se apossem do estado brasileiro e tornem isso aqui um laboratório de experimentos políticos irresponsáveis, em nome de bandeiras que mal conhecem, e pela qual cometem toda sorte de leviandades e equívocos. Se a Democracia, na época de Jango, estivesse plenamente consolidada, não teríamos passado por aquilo". NERY, Hermes Rodrigues.*Op Cit*. p. 104.

que não tinha um osso inteiro no corpo dela, ela sofreu um impacto maior, o corpo dela se podia botar num saco...”[1188].

Mais uma vez, a morte em dose dupla surpreendia Rachel de Queiroz: Clotildinha e Flávio, Doutor Daniel e Luciano. Agora morriam o herói por excelência da revolução política que Rachel de Queiroz sonhara um dia, levando com ele a melhor amiga dela, Alba Frota, a inocente e silenciosa Maria José de *As Três Marias.*

Em 19 de agosto de 1967, a escritora publicou a crônica *A morte provisória*, comentando os telegramas que chegaram em Quixadá lamentando a morte de Rachel de Queiroz, pensando que a vítima no avião, junto a Castelo Branco, fosse ela. Tal era considerada sua proximidade do primeiro presidente que iniciou a ditadura militar no Brasil.

***

Carlos Fico, ao fazer uma revisão sobre a literatura especializada no golpe de 1964, aponta uma lista de autores e trabalhos importantes como Thomas Skidmore (*De Getúlio a Castelo*), Alfred Stepan (*Os militares na política*), Jacob Gorender, (*Combate nas trevas*), René Dreifuss (*1964: a conquista do estado*) e Elio Gaspari (*Coleção Ditadura*) etc[1189].

A importância em realizar esta revisão está na compreensão das múltiplas interpretações sobre este importante evento da história nacional. Além disso, Fico descreve como cada um dos autores estava relacionado a uma corrente historiográfica específica que influenciou sua interpretação do fenômeno.

Ao trabalhar com a trajetória política de Rachel de Queiroz durante o golpe de 1964, como fizemos no último capítulo desta tese, acabamos dialogando com as correntes historiográficas que analisaram a importância não só dos militares, mas dos civis na crítica ao governo Goulart e no contexto propriamente dito da instautação do regime de exceção.

Neste sentido, René Dreifuss, citado por Fico, foi importante para uma análise como esta, ao realizar um estudo sobre o complexo IPES/IBAD e suas relações com o mundo militar e com a grande imprensa.

[1188] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa*. Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 80. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.

[1189] FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

Da mesma forma, Aloysio Carvalho (*A rede da democracia*) dialoga com esta pesquisa ao se debruçar sobre a rede de jornais que incluía os *Diários Associados* de Assis Chateabriand e que tinha como objetivo a crítica constante ao governo Goulart, o anticomunismo e a defesa de uma "salvação militar" para o Brasil.

É na direção destes estudos, que acreditamos ser importante uma análise da trajetória política de Rachel de Queiroz, auxiliando na compreensão do papel da imprensa e da intelectualidade brasileira nas tramas de 1964.

Conclusões

A velha devorou a moça?

Rachel de Queiroz em 1930
Fonte: QUEIROZ, Rachel de. & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

Rachel de Queiroz nos anos 1950
Fonte: Jornal *Correio da Manhã.* 07/01/1960, p. 03 do caderno 2. AFBN

Rachel de Queiroz em 1961
Fonte: Coleção *O Cruzeiro/* biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa

Na verdade, que tem a velha senhora de hoje com a mocinha que escreveu o livro? Uma não pode ser responsável pela outra; e digo mais – a velha senhora jamais assumiria a responsabilidade pelos escritos e feitos da rapariga (1970).

Continuo a menina que fui: interessada pelo ser humano, apesar de suas contradições (2002).

Procuramos apresentar nesta tese o caminho político percorrido pela escritora Rachel de Queiroz, desde a tradição familiar até o contexto brasileiro de 1964. Nesta longa trajetória nos foi possível observar ambiguidades, contradições, complexidades, como aquela expressa pelas epígrafes acima. Será que a velha devorou a moça? Ou a velha sempre foi a moça, e vice-versa?

Como nossa intenção não é simplificar, mas complexificar, podemos dizer que nenhuma das duas alternativas estão corretas, ao mesmo tempo em que as duas estão. Chega-se a um *paradoxo*, portanto. O uso mais comum do vocábulo, segundo a historiadora Joan Scott, significaria "uma opinião que desafia o que é dominantemente ortodoxo". Literalmente: transgride a doxa[1190].

Trabalhar com a trajetória política de Rachel de Queiroz é, de certa forma, transgredir doxas referentes a comportamentos políticos previsíveis ou a definições simplistas de posicionamentos como "direita", "esquerda", "conservador", "progressista", "masculino", "feminino", "juventude", "velhice".

Ao encerrar esta tese, esperamos ter ajudado a desconstruir o imenso castelo que abriga a escritora Rachel de Queiroz, cumprido com os três propósitos apresentados no início da pesquisa: a) escrever uma narrativa biográfica sobre Rachel de Queiroz até 1964; b) demonstrar sua importância enquanto intelectual na história do país; c) enxergar sua biografia através de um olhar de gênero, aliado a vários outros referenciais teóricos.

Ao mesmo tempo, levantamos na introdução algumas hipóteses que apareceriam ao longo da análise, começando pelo **reconhecimento de uma memória dialógica referente à autora** em sua biografia. Esperamos ter contemplado este aspecto ao percebermos as relações entre história e memória no discurso de Rachel de Queiroz,

---

[1190] SCOTT, JOAN. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2002. p. 28.

seja através do estudo de suas crônicas, seja através das entrevistas, autobiografia, correspondências.

Para isto, fizemos várias distensões temporais, procurando cruzar fontes produzidas em diferentes temporalidades, principalmente em relação aos assuntos mais polêmicos, como sua participação no Partido Comunista, a relação que manteve com os trotskistas até os anos 1950, a morte de Getúlio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros, o golpe de 1964.

Desta forma, percebemos como a memória é organizadora de um sentido e, muitas vezes, serve a uma defesa, a uma acusação, a uma justificativa ou à insistência de temas levantados pelo interlocutor.

A segunda hipótese levantada referia-se ao **discurso de gênero como estratégia de movimento no campo intelectual**. Em suas crônicas, romances e entrevistas, a autora fazia questão de destacar a *autonomia,* frente aos partidos, às "manadas", aos grupos políticos organizados; relato que não a isenta de ter dialogado com muitos deles ao longo da vida.

Junto à *autonomia,* misturava-se um discurso de gênero, apropriando-se de diversos argumentos, muitas vezes irônicos, que destacavam contraditoriamente ingenuidade e ousadia, submissão e coragem, público e privado, onde o objetivo principal, no que toca ao conjunto de crônicas aqui analisadas, era garantir a autoridade da fala política, ainda que disfarçada de "qualquer coisa".

Talvez Rachel de Queiroz se apropriasse, neste sentido, das "micro liberdades"[1191] de que nos fala Michel de Certeau, para caminhar entre as estruturas que se apresentavam, envoltas na linguagem do trauma, da autonomia, da perda, da morte, do gênero, inserida que estava num campo intelectual e literário do qual ambicionava participar e se empoderar, mesmo quando dizia que não.

Acreditamos que é nesta contradição essencial: fazer negando fazer, dizer negando ter dito, defender o privado tornando-o público que se encontra o cerne da discussão de gênero que este trabalho desperta através de sua narrativa biográfica: uma questão essencialmente complicada.

Mulher que se encontra numa transição, não só das concepções ideológicas de masculino e feminino do século XX, como na transição social e econômica das mulheres brasileiras neste mesmo século, Rachel de Queiroz, em sua trajetória política

---

[1191] CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano.* Vozes: Petrópolis, 1996. p. 18.

(compreendendo práxis + representação), mistura o antigo e o novo, junta o momento em que o discurso político feminino não era socialmente aceito com o momento de afrontamento desta proibição. Nesta mistura de ingredientes de passado e presente, emerge um discurso político generificado e ambíguo em Rachel de Queiroz.

Ao mesmo tempo, no conjunto da análise política sobre a trajetória da autora cearense, sugerimos a **importância do trotskismo em relação ao conjunto das ideologias e culturas políticas** vivenciadas por ela. Antes do mais, como vimos nesta tese, definir politicamente Rachel de Queiroz é extremamente arriscado e não é nossa intenção definí-la enquanto trotskista, mas compreender a importância desta ideologia em sua vida.

Assim, seria equivocado traduzir a opinião política de Rachel de Queiroz pela atuação de um partido ou movimento político específico, afinal, ela não era filiada a nenhum deles e vagou entre as concepções ideológicas do comunismo, do trotskismo, de um PSB e uma UDN quando quis e de formas controversas.

Do mesmo modo, defini-la como mais uma jornalista da imprensa liberal também seria um erro, pois suas várias ações sociais através do *O Cruzeiro*, sua fé na participação popular na democracia durante longo tempo, a forma com que retratava as classes populares, principalmente as sertanejas, demonstram sua aproximação de uma política social.

Aliás, as crônicas rachelianas até 1964 não falavam de liberalismo econômico nem pregavam alinhamento com os Estados Unidos, muito pelo contrário, eram, em sua maior parte, de um nacionalismo romântico. Uma aproximação direta com os udenistas no final da década de 1950 deu-se pela questão da moralização da política nacional, este sim, objeto de quase todas as suas crônicas políticas desde os anos 1920.

Confundir, por outro lado, Rachel com os militares conservadores também seria equivocado, uma vez que, se existe uma admiração por esta instituição e uma crença na sua idoneidade e poder, não há, no entanto, uma visão ingênua que homogeneíza o sistema. A admiração pela instituição se dá pela admiração pessoal referente a alguns militares específicos como, além de Castelo, Juarez Távora e Golbery do Couto e Silva. Mais uma vez, é a moralidade militar que atrai Rachel de Queiroz para este campo.

Ao mesmo tempo, enquanto o comunismo e o trotskismo foram as opções políticas privilegiadas de Rachel de Queiroz até os anos 1950, é clara a maior aproximação da autora cearense das correntes conservadoras a partir do final desta

década[1192]. Estas correntes eram formadas por uma elite intelectual, militar e oligárquica, o que demonstra o caráter elitista das posições políticas rachelianas ao longo do regime democrático, ainda quando suas intenções sinceras prezassem por um país mais justo.

Dessa forma, ao lado da posição política conservadora, caminhava a crença de Rachel de Queiroz no papel das elites de um país, que seriam fundamentais no seu progresso e desenvolvimento. No entanto, defendia que uma elite associada à "sabedoria, à eminência, ao prestígio" não seria fácil de encontrar no Brasil, país onde elite significa poder econômico e onde não existe, para a autora, uma "aristocracia de *scholars*". Os poucos existentes são classificados como omissos, "negócio de elite é sonho, é pássaro azul", restando ao povo "tocar pra frente usando mesmo o material de casa"[1193].

Tendo nascido numa família de raízes antigas, oligárquicas e cuja história se confundia com a própria história do país, Rachel de Queiroz levou consigo uma concepção missionária em relação a sua função na sociedade. Isto não impedia que seus modos fossem humildes, que sua linguagem fosse popular, que tivesse facilidade e humildade suficientes para conversar com qualquer pessoa, de qualquer classe social.

No entanto, havia na autora uma consciência, por vezes autoritária, de uma missão intelectual que dizia enxergar a trajetória brasileira de um modo especial, o que o "povo" brasileiro não conseguia enxergar, por sua própria condição de dependente, excluído e inculto. Uma visão de mundo como essa não a impediu, no entanto, de ser uma das maiores defensoras do voto dos analfabetos desde os anos 1950, acreditando que, nos desejos do povo havia de certa forma o dedo de Deus.

No entanto, seu olhar, traumatizado pela ditadura do Estado Novo e do fenômeno varguista, impediu que a autora enxergasse em certas das políticas trabalhistas crescentes ao longo da experiência democrática, ideais parecidos com os

---

[1192] Já no final desta pesquisa entrei em contato com o trabalho de Heloísa Pontes (*Intérpretes da metrópole*, São Paulo: Edusp, 2010) que trata em um de seus capítulos sobre a *Partisan Review* nova-iorquina e destaca o percurso político seguido por estes intelectuais, numa perspectiva parecida com o que percebi na trajetória racheliana: "Anti-stalinistas fervorosos, de início marxistas, alinhados ao campo político da esquerda americana, foram aos poucos migrando do seu polo mais radical, representado pelos trotskistas, para o campo dos liberais democratas e dos conservaodores", p. 54. Esta afirmação serve ao menos para pensarmos que a trajetória da esquerda para a direita não foi exclusiva de Rachel de Queiroz e que poderia servir como exemplo para uma abordagem sobre o político numa perspectiva mais internacional do que pudemos fazer aqui, de modo a compreender essa migração entre duas posições radicais em polos opostos ao longo de três ou quatro décadas.

[1193] QUEIROZ, Rachel de. Elites. *O Cruzeiro.* 03/11/1956, p. 138. AIMS.

quais ela lutava. Como definiu em pelo menos duas ocasiões, suas posições políticas eram realmente, as de uma franco-atiradora.

Foi a solidariedade com o ser humano que a levou a definir-se volta e meia enquanto *socialista* desde seus vinte e cinco anos até 1960, percebendo-se enquanto tal. O mesmo sentimento levou-a a afirmar-se *trotskista* em tantos outros momentos, inclusive admitindo que o trotskismo a havia reconciliado com o marxismo[1194].

Esta ideologia política, logicamente, tornou-se importante não só pelos seus aspectos teóricos, pela leitura e tradução dos livros de Trotski etc, mas pela militância política que este movimento possibilitou a Rachel de Queiroz nos anos 1930, conseguindo conciliar, justamente, sua condição de classe com seu anseio por justiça social. E, neste sentido, ainda que Rachel de Queiroz não pertencesse oficialmente às organizações e instituições que se definiam como trotskistas no plano nacional pós anos 1940, ela nunca negou a influência desta cultura política em sua vida.

Nossa penúltima hipótese apontou **a necessidade de não nos limitamos às balizas tantas vezes repetidas em entrevistas com Rachel de Queiroz**, que insistiam na investigação dos anos 1930, de um lado, e dos anos 1960 de outro, do comunismo da juventude de um lado, e do apoio ao golpe civil militar de outro.

Ao utilizarmos a narrativa biográfica enquanto metodologia, abordamos os mais diversos contextos vividos pela escritora cearense, desde a tradição familiar anterior a seu nascimento e presente na *memória familiar*, passando pela infância, os mitos infantis e a vida estudantil, os primeiros círculos sociais na capital cearense, a publicação de uma série de romances, as diversas mudanças regionais, a maternidade, o desquite, o Estado Novo, a redemocratização, as relações mantidas com os mais diversos governos e presidentes, as viagens pelo Brasil, pela Europa e os "exílios" no *Não me Deixes*, o percurso profissional e jornalístico, etc.

Cada momento revelou a sua importância, para além de uma filiação partidária ou o apoio a um golpe militar. O que não nos impede de reconhecer também estes dois aspectos enquanto parte importante no todo da biografia intelectual de Rachel de Queiroz.

Ao mesmo tempo, percebemos ao longo desta tese como a amizade foi um dos principais ingredientes na construção da trajetória política racheliana, a começar pelos

---

[1194] QUEIROZ, Rachel de. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro, 29/10/1993. p. 31. APIL.

círculos familiares da infância e o campo jornalístico cearense dos anos 1920, que levaram ao contato com o anarquismo, o comunismo e o trotskismo.

Em seguida, formaram-se os círculos socialistas das décadas de 1940 e 1950 e os liberais e nacionalistas conservadores dos anos 1960 (lembrando que muitas vezes descrições como estas podiam falar sobre uma mesma pessoa), além dos círculos militares, jornalísticos, políticos, literários e outros. Muitos concomitantes, formando uma rede complexa de sociabilidades heterogêneas, de onde emergia a opinião política pessoal de Rachel de Queiroz.

Logo depois da morte de Getúlio Vargas, volta e meia a escritora publicava uma crônica tendo como tema o "poder". Era *mister* compreender sua atração e seus efeitos sobre o ser humano. A ele, a escritora associava os sentimentos de solidão, a valentia, o tédio constante que levava políticos a buscarem sempre mais e mais, escravos que eram da sedução que o poder desperta[1195].

Por outro lado, será que ao falar do poder e da solidão de Getúlio Vargas, não estaria Rachel falando de si mesma? Até que ponto este fantasma que a assombrou tantos anos a ponto de virar uma obsessão política não reflete características de si? E, num sentido mais coletivo, o que tanto os antigetulistas temiam em Vargas - para além do que realmente os diferenciava, que não estivesse presente neles mesmos (como um autoritarismo, elitismo, nacionalismo etc)?

Por outro lado, em relação a Rachel de Queiroz não seria somente o poder institucional que a atraía, os cargos e favores políticos, mas um poder situado num amplo espectro, das relações pessoais ao ambiente privado, dos círculos intelectuais aos bastidores da política pública; de tal modo que até mesmo suas crônicas, públicas por excelência, mantinham em seu conteúdo uma dimensão de humildade, de privado, de segredo, de confidência ou conversa íntima.

Na contradição que marcou toda sua vida, Rachel dizia não ter nascido para "mulher pública", mas ela mesma construiu uma representação de sua vida como uma grande obra pública, que podia ser espiada pela janela da crônica.

Como resume o professor José Murilo de Carvalho, ao analisar a trajetória política racheliana:

[1195] QUEIROZ, Rachel de. A estrada perigosa. *O Cruzeiro.* 27/12/1958, p. 130.

> Rachel esteve comunista por pouco tempo, talvez por simples rebeldia juvenil. Reagiu logo à tentativa de controle e se juntou aos trotskistas de São Paulo, distantes da disciplina stalinista. Sua ojeriza a Getúlio Vargas foi sempre justificada como defesa da liberdade contra a repressão política. A adesão ao udenismo nos anos 1950 e 1960, inclusive o apoio ao golpe de 1964, estaria na mesma linha. A mudança não teria sido de Rachel, mas do País. Muitos de seus amigos da década de 1930, quando ou se era comunista ou integralista, mudaram de posição política, alguns da esquerda para a direita, outros da direita para a esquerda como D.Hélder Câmara. Rachel permaneceu sempre intransigente defensora da independência individual e da liberdade[1196].

À parte a afirmação do udenismo racheliano nos anos 1950, que procuramos aqui relativizar por conta de sua aproximação com outras correntes políticas como os trotskistas e o PSB, concordamos com o professor José Murilo de Carvalho no que tange à busca de certa coerência pelo discurso racheliano. Esta coerência giraria em torno da defesa da liberdade e da independência individual até pelo menos 1962[1197], quando a autora começa a utilizar-se uma voz coletiva.

Ao mesmo tempo, optamos por aceitar suas contradições, compreendendo-as com positividade. Ao final desta tese, nos convencemos, portanto, de que seu objetivo não era explicar porque uma mulher que foi comunista nos anos 1930 apoiou um golpe de estado conservador trinta anos depois.

***

Esta tese terminou por revelar, através do acompanhamento, ano após ano, da trajetória da escritora cearense Rachel de Queiroz, as contradições inerentes a todo ser humano, contradições entre discursos e práticas, ou entre discursos e discursos, entre práticas e práticas, contradições em tempos próximos ou em intervalos longos, contradições entre um lugar de fala e outro.

Ao pensar este relato de vida com o foco no político procuramos, da mesma forma, relativizar a literatura e as anedotas da vida privada como único interesse no estudo da vida de um escritor, tentando demonstrar sua relação com outros aspectos, sejam eles políticos, econômicos, familiares, amorosos. Rachel de Queiroz tinha uma visão muito cética do seu trabalho, longe do idealismo romântico com que a profissão é vista ainda hoje:

[1196] CARVALHO, José Murilo de & ARINOS FILHO, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Affonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 799.

[1197] Destaco esta data não só porque é o período ao qual me refiro nesta tese, mas também por acreditar que as opiniões de Rachel de Queiroz sobre liberdade e autonomia serão influenciadas e modificadas pelo contexto de repressão da ditadura civil militar, e merecem uma atenção especial. Neste sentido, aguardemos a tese de doutorado de nossa colega da Universidade Federal Fluminense, Raquel França dos Santos Ferreira, dedicada às crônicas rachelianas pós-64.

> **Qual o sentido da literatura na sua vida?**
> Eu não tenho paixão pela literatura. Eu não acho a literatura essencial na minha vida. Nunca pus a literatura à frente dos outros problemas da minha vida. A literatura, para mim, é vocação e profissão. É o que eu sei fazer, o que tenho mais jeito para fazer e disso vivo. Não é mais que isso. Eu não sublimo a literatura no meu ideal de vida. Eu passaria muito bem sem fazer literatura. Na verdade, o que eu gosto é da vida, são das pessoas...
> **O ser humano, com seus paradoxos...**
> Isso. O que me interessa é o animal humano: suas contradições, perversidades, paixões e afetividades[1198].

Talvez este interesse pelo ser humano, compreendendo-o em sua complexidade, em sua tentativa de estabelecer coerências, em sua ambiguidade e paradoxos, tenha sido a maior lição tirada destes dez anos de amizade com Rachel de Queiroz.

Rachel de Queiroz por Augusto Bandeira
Fonte: *Correio da manhã* – 28/11/1963.

[1198] NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz.* Ribeirão Preto, SP: Funpec Editora, 2002. p. 82.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACIOLI, S. *Rachel de Queiroz.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.
2. ADDOR, Carlos. *Um homem vale um homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues.* Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.
3. ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste.* Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
4. ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil.* Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
5. AMARAL, Roberto Mansilla. Uma voz destoante no PCB: Otávio Brandão, militante e intelectual. In: FILHO, Daniel Aarão Reis. *Intelectuais, História e Política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.p. 98-136.
6. AZEVEDO, Ricardo de & MAUÉS, Flamarion. (Orgs). *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
7. AZEVEDO, Sânzio. *O modernismo na poesia cearense.* Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.
8. BANDEIRA, Manuel. In: QUEIROZ, Rachel de. A beata Maria do Egito. *Obra Reunida Vol. 5.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
9. BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
10. BARD, Christine. *Les filles de Marianne: histoire des féminismes (1914-1940).* Fayard, 1995.
11. BARROSO, Parsifal. *Uma história da política do Ceará*. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984.
12. BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
13. _____. *O governo Jânio Quadros.* São Paulo: Brasiliense, 1982.
14. _____. *O governo Kubitschek*: a esperança como fator de desenvolvimento. In: Gomes, Ângela de Casto. *Os anos JK.* Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. 1991.
15. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre. & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural.* Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363.
16. BEZERRA, Carlos André Oliveira. *Aspectos Históricos da Justiça Eleitoral e da Vida Político-Eleitoral do Ceará*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Direito e Processo Eleitoral. Fortaleza, ESMEC/UVA/EJE, 2008. 46p.
17. BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo.* Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
18. BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
19. BOMENY, Helena. Utopias de Cidade: As Capitais do Modernismo. In: GOMES, Ângela Maria de. (Org.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: FGV, 1991, v. , p. 144-161.
20. BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo.* In:_____. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 59-73.
21. _____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191.
22. BRANDI, Paulo. Verbete Getúlio Vargas. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro,* disponível em http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb.
23. BROUÉ, Pierre. O movimento trotskista na América Latina até 1940. In: *Cad. AEL*, v.12, n.22/23, 2005, p. 167-193.
24. BUENO, Luís. Romance Proletário em Rachel de Queiroz. In: *Revista Letras***.** n.47. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 32.
25. _____. *Uma história do romance de 30.* São Paulo/Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 2006.
26. BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
27. *Cadernos de Literatura Brasileira:* Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.
28. CAMPOI, Isabela. *Adalgisa Nery e as questões políticas de seu tempo (1905-1980).* 287f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2008.
29. CÂNDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992. p. 13-22.
30. CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 107-143.

31. CARONE, Edgar. As origens da III Internacional comunista. In: *Estudos de Sociologia.* Vol. 5, n. 8, 2000. p. 129-141.
32. _____. *O Estado Novo* (1937-1945). Coleção Corpo e Alma do Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.
33. _____. *A República Liberal* (1945-1964). São Paulo: DIFEL, 1985.
34. CARVALHO, Aloysio Castelo. *A rede da Democracia:* O Globo, O Jornal e o Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-1964). Niterói: Editora da UFF, Editora NitPress, 2010.
35. CARVALHO, José Murilo de & ARINOS FILHO, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Affonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 30 p.
36. _____. *Forças Armadas e política no Brasil.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
37. CASTRO Castro, Ricardo Figueiredo. Os intelectuais trotskistas nos anos 1920. In: Daniel Aarão Reis Filho. *Intelectuais, História e Política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.
38. CEBALLOS, Viviane Gomes de. *"E a história se fez cidade..."*: a construção histórica e historiográfica de Brasília. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2005.
39. CERTEAU, Michel de. *A escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
40. _____. *A invenção do cotidiano.* Vozes: Petrópolis, 1996.
41. CHAIA, Vera & CHAIA, Miguel. A dimensão política de Brasília. *Cadernos Metrópole.* N. 20, 2º. Sem., 2008, p. 165-178.
42. CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo. *História em cousas miúdas.* Campinas: Editora UNICAMP, 2005 .
43. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia:* a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
44. _____. *Cultura escrita, Literatura e História.* Porto Alegre: ARTMED, 2001.
45. _____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia.* São Carlos: EdufSCar, 2012.
46. COGGIOLA, Osvaldo. *O Trotskismo na América Latina.* São Paulo: Brasiliense, 1984.
47. COUTO, Ronaldo Costa. A saga da construção. In: Brasília 50 anos: o nascimento de uma nação. Revista *Veja.* Editora Abril: São Paulo, Nov. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/brasilia/saga-construcao-p-102.html> Acesso em 10/03/2012.
48. CUNHA, Cecília. *Além do amor e das flores:* primeiras escritoras cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.
49. D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945-1965.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
50. DANTAS, Robson Norberto. *Entre a arte, a história e a política: itinerários e representações da "Ficção Brasiliana" e da nação brasileira em Adonias Filho* (1937-1976). Tese apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2010. 215p.
51. DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.) *As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 223-248.
52. DELGADO, Márcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964). In: *Locus,* revista de história, 2º proS8: 137-153.
53. DEMIER, Felipe. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1934):* um ensaio de interpretação histórica. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013.
54. DOSSE, François. *O Desafio biográfico.* São Paulo: Edusp, 2012.
55. DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe.* Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
56. DUTRA, Eliana. História e culturas políticas. In: *Vária História.* no. 28. dez. 2002. p. 13-28.
57. ESTEVES, Flávia Cópio. *Reinventando o político nas telas: Gênero, memória e poder no cinema brasileiro (décadas de 1970 e 1980).* Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2013. 338p.
58. FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (1ª ed. 1950).
59. FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003).* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo, 2009, 387p.
60. FAST, Howard. *Sacco & Vanzetti: a história de dois imigrantes italianos condenados à morte.* Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.
61. FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* São Paulo: Editora Edusp, 1995.

62. FERREIRA, Jorge & GOMES, Ângela de Castro. *1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
63. _____. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 13-46.
64. _____. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 301-342.
65. _____. *João Goulart: uma biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
66. _____. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 343-404.
67. _____. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira: _____. *O populismo e sua história.* Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001.
68. FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar.* Rio de Janeiro: Record, 2004.
69. _____. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 24, no. 47, 2004. p. 29-60.
70. FILHO, João Roberto Martins. Forças Armadas e política, 1945-1964: a antessala do golpe. In: FERREIRA, Jorge. & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 97-126.
71. GALUCIO, Andrea Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política.* Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
72. GALVÃO, Patrícia. Parque Industrial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (1ª ed. 1933).
73. GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
74. GENETTE, Gérard. *Seuils.* Paris: Seuil, 1987.
75. GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
76. GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. *A imprensa libertária do Ceará 1908-1922.* São Paulo: Imaginário, 2000.
77. _____. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias. In: SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 259-286.
78. GUERELLUS, Natália de Santanna. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930.* Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013.
79. GURJÃO, Pedro. *Demócrito Rocha: profeta do pensamento holístico*. Fortaleza: UFC, 1998.
80. HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil.* São Paulo: Edusp, 1985.
81. HIPPOLITO, Lucia. *PSD: de raposas e reformistas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
82. HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
83. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *A roupa de Rachel.* Disponível em: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=353. Acesso em 20/01/2009.
84. _____.O éthos Rachel. In: *Cadernos de Literatura Brasileira***.** Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 103-115.
85. HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
86. HRUBY, Hugo. *O século XIX e a escrita da história do Brasil: diálogos na obra de Tristão de Alencar Araripe (1867-1895).* Tese defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. 371p.
87. http://www.dicionariodoaurelio.com/fantasma. Acesso em 10/10/2014.
88. JACKOBSEN, Kjeld. A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea. *Textos para debate. Secretaria de Relações internacionais do PT,* V. 4. In: *www*.pagina13.org.br/download/sri_caderno4.pdf. Acesso em 10/12/2012.
89. KARAWEJCZYK, Mônica. Breves considerações sobre a conquista do voto feminino no Brasil. In: *Veredas da Historia.* Revista Eletrônica. Ano III, ed. 1, 1º sem. 2010.
90. KORNIS, Mônica. Humberto Castelo Branco. Verbete. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.* Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb. Acesso em 23/11/2014.
91. LEAL, Ângela Barros. *Jader de Carvalho.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
92. LEBENSZTAYN, Ieda. *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis.* Tese defendida no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009. 410p.

93. LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.* Ensaios 112. São Paulo: Editora Ática, 1984.
94. _____. *Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica.* Florianópolis: Editora Mulheres/ Co-edição EDUNISC. 2005.
95. LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris: Éditions du Seuil, 1996.
96. LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, Tradição e Poder.* São Paulo: Annablume/Edições UFC, 1995.
97. LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 167-182.
98. LIMA, Espiridião de Queiroz. *Antiga Família do Sertão.* Rio de Janeiro: Agir, 1946.
99. LIMA, Luiz Costa. *Mímesis:* desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
100. LISPECTOR, Clarice. *Correspondências.* São Paulo: Rocco, 2002.
101. LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, CPDOC, 2002. Disponível em: < http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista117.pdf> Acesso em: 20/04/2012.
102. LUSTOSA, Isabel. *De olho em Lampião: violência e esperteza.* São Paulo: Claro Enigma, 2011.
103. _____. *Rachel e o golpe.* Disponível em: http://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa. Acesso em 30/04/2014.
104. MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 39-62.
105. MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz.* Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, nº 04, jan/2002.
106. MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
107. MONTENEGRO, Abelardo Fernando. *Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará.* Fortaleza: UFC, 2002.
108. MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e Sindicatos Rurais em tempos de Revolução. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 3. O tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 241-271.
109. MORAES, Eneida. Entrevista a Ferreira Gullar, 1996. http://www.psicorama.com.br/emfoco_detalhe.asp?ID=19. Acesso em 13/01/2014.
110. MORAIS, Fernando. *Chatô*: O Rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
111. MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do Amor e da Belleza.* São Paulo: Editora Pensamento, 1929. AFBN.
112. NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel.* Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002.
113. NETO, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro.* Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.
114. NETO, José Castilho Marques. O jovem intelectual e os primeiros anos de militância. In:_____. *Mário Pedrosa e o Brasil.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.p. 83-98:
115. NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
116. NOBRE, Silva. *1001 cearenses notáveis*. Fortaleza: Casa do Ceará Editora, 1996.
117. OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.
118. PANDOLFFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-37.
119. PASQUINO, Gianfranco; BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política.* Brasília: Editora da UnB, 1998.
120. PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política do Brasil.* São Paulo: Ática, 1990.
121. PEREIRA, José Mário. (Org.) *José Olympio: O editor e sua Casa.* Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
122. PINHEIRO, Paulo Sergio. Classes Médias Urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris. (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo III – O

Brasil Republicano vol. 2 Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.p. 07-37.
123. PINSKY, Carla Bassanezi. "Estudos de Gênero e História Social"**.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.
124. PINTO, Sérgio Murillo. *A* doutrina Góis: síntese do pensamento militar do Estado Novo. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs). *Op. Cit*. p. 291-307. p. 303.
125. PONTE, Sebastião Rogério. A *belle époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 163-191.
126. _____. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860/1930).* Fortaleza: Fundações Demócrito Rocha, 1999.
127. PONTES, Cleto Brasileiro. *Demócrito Rocha.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
128. PONTES, Heloisa. *Intérpretes da Metrópole.* São Paulo: Edusp, 2010.
129. Portal da História do Ceará: http://portal.ceara.pro.br.
130. PRADO, Eugênio Pacceli Areias do. *Brasília*: construção modernizante da imagem do poder. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Humanas e naturais,) –, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2007.
131. RAGO, Margareth. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. Disponível em: http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf .
132. RÉMOND, René. *Por uma história política.* 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.
133. RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947).* Fortaleza: NUDOC, 1989.
134. RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento.* Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2010.
135. ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e o controle social no Brasil (1930-1954).* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p. 46-53.
136. RUSSEL, Francis. *A tragédia de Sacco e Vanzetti.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
137. SARASATE, Paulo. *O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta.* Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968.
138. SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceito. In: *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.* Caxambu, MG, 23ª Reunião, outubro de 2000. In: http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0217t.PDF.
139. SCHMIDT, Augusto Frederico. Uma revelação – O Quinze. In: *As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas* . Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 34ª edição. 1985.
140. SCHUNAHER, Schuna & BRASIL, Érico Vital (Org.) *Dicionário Mulheres do Brasil.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
141. SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.
142. _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica**.** In: *Revista Educação e Realidade.* Número 16(2), jul/dez.Porto Alegre: UFRS, 1990.
143. SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930.* Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.
144. SILVA, Helio. *1926: a grande marcha – a Coluna Prestes.* Porto Alegre: L&PM, 2005. (1ª ed. 1964.
145. SILVA, Luiz Dário. *PSB: o socialismo pragmático, uma análise política e histórica.* Recife: Ecco, 1992.
146. SILVA, Simone. A "roda de Maceió" e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. In: *Revista de Ciências Sociais,* Fortaleza, v. 42, n. 2, jul/dez, 2011, p. 91-107.
147. SIRINELLI, Jean-François & ORY, Pascal. *Les intellectuels en France:* de l'affaire Dreyfus à nos jours. Éditions Perrin, 2004.
148. _____. *Désenclaver l'histoire: nouveaux regards sur le XXe siècle français.* Paris : CNRS Éditions, 2013.
149. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1ª edição 1967).
150. SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica.* Bauru: Edusc, 2003.
151. SOARES, Lucília. *Rua do Ouvidor 110.* Rio de Janeiro**:** Editora José Olympio, 2006.

152. SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria . A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, 2007 p. 281-300.
153. _____. *O feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.
154. SOUSA. José Bonifácio de. *Quixadá: de fazenda a cidade.* IBGE Conselho Nacional de Estatística, 1960.
155. STEEN, Edla Van. 70 anos de fardão e prestações pagas. *Jornal da Tarde.* 15/11/1980. AFBN.
156. TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil da Primeira República. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.) *As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 53-87.
157. VALE, Osvaldo Trigueiro do. *O general Dutra e a redemocratização de 45.* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
158. VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano.* Vol. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-105.
159. VIANNA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras.* Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999.
160. VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores.* Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.
161. WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários.* Vol. I. Porto Alegre: L&PM, 1983.
162. ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao coletivo. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In: *Sociologia: Problemas e Práticas.* Lisboa. nº 09, 1991, p. 179-190.

FONTES

1. Crônicas escritas por Rachel de Queiroz, depositadas no Instituto Moreira Salles em formato de recortes. Pasta Rachel de Queiroz. Total de 4.261 crônicas (constando repetições).
2. Crônicas escritas por Rachel de Queiroz para a revista *O Cruzeiro* entre 1945 e 1975. Setor de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional. Total de 1386 crônicas sem repetições.
3. Crônicas escritas por Rachel de Queiroz para o jornal *Diário de Notícias* entre 1938 e 1954, perfazendo um total de 281 crônicas sem repetições.

4. "Letras femininas em 40". In: *O Imparcial*, 05/01/1941, p. 6. AFBN.
5. "Letras femininas em 40". In: *O Imparcial*, 05/01/1941, p. 6. AFBN.
6. A Beata Maria do Egito. *Diário de Notícias.* s/d. Hemeroteca Digital. AFBN.
7. A velha senhora na Academia (Entrevista). *Folha de São Paulo.* 17.04.1977. AFBN.
8. ANDRADE, Almir de. Caminho de Pedras.; In: *Boletim de Ariel.* Maio 1937. AABL.
9. _____. Rachel de Queiroz: João Miguel. In: *Revista Nova.* São Paulo. 15.12.1932. p. 104-105. FCRB.
10. ANDRADE, Mário de. Rachel de Queiroz. In: _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005. Crônica de 14.09.1930.
11. ANDRADE, Valter. Carta aberta a Rachel de Queiroz. *O Semanário.* 15/10/1960, p. 06. AFBN.
12. Anúncio de falecimento. *Diário de Notícias.* 18/02/1954, primeira sessão, p. 06. AFBN.
13. Arena indica sucessor de CS. *Diário da Noite.* 17/10/1969. p. 03, do primeiro caderno. AFBN.
14. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Delegacia de Ordem Social. Prontuário 2883. APESP.
15. BARBOSA, Rolmes. Suplemento Literário. *o Estado de São Paulo*. 14/01/1961, p. 04. AFBN.BRUNO, Haroldo. Rachel de Queiroz. Suplemento Literário do *O Estado de São Paulo.* 10/03/1974, p. 01.AFBN.
16. BARBOSA, Rolmes. Suplemento Literário. *o Estado de São Paulo*. 14/01/1961, p. 04. AFBN.BRUNO, Haroldo. Rachel de Queiroz. Suplemento Literário do *O Estado de São Paulo.* 10/03/1974, p. 01.AFBN.
17. BARROS, Jaime de. Tendências do Romance Brasileiro. In: *Anuário Brasileiro de Literatura*, 1940. p. 53. FCRB.
18. BARROS, Jaime de. Tendências do Romance Brasileiro. In: *Anuário Brasileiro de Literatura*, 1940. p. 53. FCRB.
19. BARTHOLOMEU, Floro. *Joazeiro e o Padre Cícero*: depoimento para a História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923. Biblioteca Rachel de Queiroz. AIMS.

20. BRAGA, Rubem. A busca do coentro. *Diário de Notícias.* 24/08/1948, p. 03. AFBN.
21. CAPISTRANO, Martins. Carta de Martins Capistrano para Rachel de Queiroz – 1º. De agosto de 1930. Reproduzido em *O Povo.* 20.08.30. ABPF.
22. CAPISTRANO, Martins. Carta de Martins Capistrano para Rachel de Queiroz – 1º. De agosto de 1930. Reproduzido em *O Povo.* 20.08.30. ABPF.
23. Carta a Daniel Pereira. 06/05/1964. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB.
24. Carta a Rachel de Queiroz. 16/11/1997. Letra Q. Fundo Rachel de Queiroz. Correspondências familiares. AIMS.
25. Carta de Rachel de Queiroz a Alba Frota de 18.06.1924. AJAB.
26. Carta de Rachel de Queiroz a José Olympio. Datilografada. Pasta Rachel de Queiroz. Fundo José Olympio. ANNB/L.JOE.ADM.RED.EDT.365. FCRB.
27. Carta manuscrita a Daniel Pereira, de 26/08/1948. 6 folhas. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18. FCRB.
28. CELSO, Maria Eugênia. O Quinze. Reproduzido em *O Povo.* 27.09.1930. Original do *Jornal do Brasil.* 05.09.1930. ABPF.
29. Concursos Literários de 1958. *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 1958. p. 123-124. AABL.
30. Correspondência a Graciliano e José Lins do Rego, 22.08.1938. FCRB.
31. DANTAS, Pedro. A questão de confiança. *Diário de Notícias.* 31/01/1958, p. 04. AFBN.
32. DANTAS, Pedro. A questão de confiança. *Diário de Notícias.* 31/01/1958, p. 04. AFBN.
33. Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Ceará. Cópia encontrada no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Estados. Notação: 06. Dossiê: 01. Folhas: 25, 33, 45. APERJ.
34. Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz. Entrevista a Maria Cláudia Bomfim. 05/06/1986. Diretor: Arnaldo Niskier. 75 min. AABL.
35. Depoimento de Rachel sobre a fundação do *O Povo* em QUEIROZ, Rachel de. "O Povo", jornal do Ceará. *Diário de Notícias.* 04/01/1953. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
36. Editorial. *Diário da Noite.* 26/07/1961. p. 05. AFBN.
37. Editorial. *Diário de Notícias.* 02/11/1947, p. 03. AFBN.
38. Editorial. *Diário de Notícias.* 08/08/1961, p. 08. AFBN.
39. Editorial. *Diário de Notícias.* 17/09/1954, primeira seção, p. 02. AFBN.
40. Editorial. *Diário de Notícias.* 17/11/1960, p. 05. AFBN.
41. Editorial. *Jornal do Brasil.* 10/12/1966, p. 43
42. Editorial. *O Correio da manhã*. 22/02/1963, segundo caderno, p. 02. AFBN.
43. Editorial. *O Fluminense,* 04/02/1961, p. 01. AFBN.
44. Editorial. *O Povo.* 07.01.1928. ABPF.
45. Editorial. Poesia Moderna. *O Povo.* 07/01/1929. ABPF.
46. Editorial. Posições políticas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.
47. Editorial. *Revista do Radio,* 12/08/1961, p. 37; editorial. *Revista do Radio,* 19/08/1961, p. 46.
48. Editorial. *Última Hora.* 13/03/1961, p.05. AFBN.
49. FARIA, Otávio de. O novo romance de Rachel de Queiroz**.** In: *Boletim de Ariel*. 1932. no. 07. FCRB.
50. FARIA, Otávio de. O novo romance de Rachel de Queiroz**.** In: *Boletim de Ariel*. 1932. no. 07. FCRB.
51. FILHO, Adonias. Estante. *Diário de Notícias.* 19/11/1960, p. 02, segunda seção. AFBN.
52. FILHO, Odilo Costa. Porque deixei a direção de "Senhor". *Diário de Notícias.* 18/03/1962, p. 01, do suplemento literário. AFBN.
53. Flash Rachel de Queiroz. *Letras e Artes.* 23/05/1948. p. 08. AABL.
54. Foto de Rachel de Queiroz onde está escrito e assinado: "À Maria Lacerda de Moura homenagem de Rachel de Queiroz", Ceará, 16/08/928. nº 011. Acervo fotográfico. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
55. FREITAS, José Freire de. Rachel de Queiroz cinquentenária. *Correio da manhã.* 06/01/1961, p. 06 da Seção ilustrada. AFBN.
56. FUSCO, Rosário. Capítulo de Política Literária. *Diário de Notícias.* 07/08/1938. p. 02. AFBN.
57. Homenagem do Salão Juvenal Galeno à autora de *O Quinze. O Povo.* 08.08.1930. ABPF.
58. JARDIM, Luís. Rachel de Queiroz. *Diário de Notícias.* 26/04/1957, p. 02 da segunda seção. AFBN.
59. JÚNIOR, Netto. Coluna Às Quintas. *O Nordeste.* 29/03/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.

60. LAUS, Lusimar. Entrevista com Rachel de Queiroz. *Revista Manchete*, 02/01/1965 p. 78. AFBN.
61. LAUS, Lusimar. Entrevista com Rachel de Queiroz. *Revista Manchete*, 02/01/1965 p. 78. AFBN.
62. LIMA, Herman. Vida Literária no Ceará: 1914-1922. *Diário de Notícias.* 05/03/1961, p. 03 do Suplemento Literário. AFBN.
63. LIMA, Herman. Vida Literária no Ceará: 1914-1922. *Diário de Notícias.* 05/03/1961, p. 03 do Suplemento Literário. AFBN.
64. Livro de Rachel nos EUA. *Jornal do Maranhão.* 03/01/1963, p. 08. AFBN.
65. Maria Lacerda de Moura: mais um livro da vibrante escritora paulista [sic]. *O Povo.* 17/04/1929. ABPF.
66. MONTEIRO, Adolfo Casais. Ainda de Rachel de Queiroz. *O Estado de São Paulo.* 22/03/1958. Seção Literatura e Arte. AFBN.
67. MONTEIRO, Adolfo Casais. Ainda de Rachel de Queiroz. *O Estado de São Paulo.* 22/03/1958. Seção Literatura e Arte. AFBN.
68. MONTENEGRO, Braga. Drama e Cangaço. *Diário de Notícias.* 08/11/1953, suplemento literário, p. 01. AFBN.
69. MORAES, Eneida de. Certas vozes e árvores. *Diário de Notícias.* 19/04/1953. Suplemento Literário, p. 02. AFBN.
70. _____. Emi Bulhões Carvalho da Fonseca, a romancista. *Diário de Notícias.* 08/01/1961, p. 02 do Suplemento Literário. AFBN.
71. _____. Encontro matinal. *Diário de Notícias.* 22/06/1958, p. 01 da quarta seção. AFBN.
72. _____. Viva Rachel! *Diário de Notícias.* 17/11/1960, p. 02, segunda seção. AFBN.
73. MORAES, Raymundo. Um livro de fogo. *O Povo.* 19.09.1930. ABPF.
74. MOURA, Maria Lacerda de. Carta aberta aos dezessete anos maravilhosos de uma cearense. *O Ceará.* 18/11/1928. "Especial para *A Manhã*". Álbum D. Clotilde. AIMS.
75. MOURA, Maria Lacerda de. Carta aberta aos dezessete anos maravilhosos de uma cearense. *O Ceará.* 18/11/1928. "Especial para *A Manhã*". Álbum D. Clotilde. AIMS.
76. Mulheres falam sobre mulheres no Gabinete. *Diário da Noite,* 06/02/1962, p. 19. AFBN.
77. Na beira do abismo. *Veja*. Outubro/1962. http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml Acesso em 20/07/2014.
78. Nota. *A manhã.* 04/06/1946. p. 03. AFBN.
79. Nota. *Diário de Notícias.* 11/05/1946. p. 01, primeira sessão. AFBN.
80. Nota. *Diário de Notícias.* 26/04/1956, p. 04. AFBN.
81. Nota. *Revista do Radio.* 20/11/1951. AFBN.
82. Nota. *Scena Muda.* 1949. p. 10. AFBN.
83. Nota. *Suplemento Literário* de *A Manhã.* 04/02/1951, p. 02. AFBN.
84. O Castello que eu conheci. *Realidade.* Abril/1974, p. 28. AFBN.
85. *O Povo.* 18/06/1930. s/p. ABPF.
86. *O Povo.* 26/07/1930. s/p. ABPF.
87. *O Povo.* 28/07/1930. p. 07. ABPF.
88. *O Povo.* 28/07/1930. p. 04. ABPF.
89. Palpite de leitor sobre o Balé dos Presidenciáveis. *O Estado de São Paulo.* 24/03/1989. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
90. PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura.* Porto: Edições Lopes da Silva, 1940. AABL.
91. PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura.* Porto: Edições Lopes da Silva, 1940. AABL.
92. PEREGRINO, Umberto. "Nem cora o sabre de chamá-lo irmão". *Diário de Notícias.* 27/11/1960, p. 02. AFBN.
93. PEREZ, Renard. Notinha sobre Lampião. *Diário de Notícias.* 23/08/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.
94. PEREZ, Renard. Notinha sobre Lampião. *Diário de Notícias.* 23/08/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.
95. POLÍBIO. Ecos & Fatos. *Gazeta de Notícias.* Fortaleza, Ceará. 19/10/1928. AIMS.
96. PRETA, Stanislaw Ponte (Sergio Porto). *Diário do Paraná.* 09/12/1962, p. 03. AFBN.
97. _____. *Última Hora,* 22/11/1963, p.2. AFBN.
98. Programa Frente a Frente com Arnaldo Niskier. *Rede Vida.* s/d (provavelmente 1998). https://www.youtube.com/watch?v=F6Wl0vzRhLM Acesso em 25/04/2014.
99. Propaganda. *Novos Rumos.* 19 a 25/10/1962, p. 06. AFBN.

100.QUEIROZ, Maria Luiza de. Entrevista à autora. 7/12/2010. Arquivo pessoal. P. 21.
101.QUEIROZ, Rachel de & FILHO, Adonias. *Discurso na Academia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. AABL.
102.QUEIROZ, Rachel de. *Carta a Alba Frota*,05.09.1942. AJAB.
103._____. A guerra do Ion Quipur. *O Cruzeiro.* 31/10/1973
104._____. Arco do Triunfo. *O Cruzeiro.* 30/08/1947
105._____. Israel. *O Cruzeiro.* 24/06/1967
106._____. Natal em guerra. *O Cruzeiro.* 26/12/1973.
107._____. O balanço obrigatório. *O Cruzeiro.* 10/01/1953
108._____. Por falar em Revolução Francesa. *O Estado de São Paulo.* 14/07/1989. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
109._____. 'Não me deixes'. *O Cruzeiro.* 12/06/1954, p. 98. AFBN.
110._____. 13 de maio. *A Jandaia.* 12/05/1928. Álbum D. Clotilde. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
111._____. 1962. *O Cruzeiro.* 06/01/1962, p. 114. AABI.
112._____. A batalha do impeachment. *Diário de Notícias.* 13/06/1954. AIMS.
113._____. A cor. *O Cruzeiro.* 29/04/1961, p. 130 etc. AFBN.
114._____. A estrada perigosa. *O Cruzeiro.* 27/12/1958, p. 130.
115._____. A Fazenda Califórnia (I). *Última Hora.* 14/06/1976. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
116._____. A hora de perigo. *O Cruzeiro.* 28/12/1963, p. 130. AIMS.
117._____. A hora dramática. *O Cruzeiro.* 04/09/1954, p.122. AFBN.
118._____. A Ilha em Polvorosa. *Diário de Notícias.* 18/04/1954. Suplemento Literário, p. 01. AIMS.
119._____. A impossível convivência. *Diário de Notícias.* 01/02/1953. AIMS.
120._____. A lição dos escândalos. 22/02/1964, p. 122. AIMS.
121._____. A Marcha para a Democracia. *Vanguarda Socialista.* 14/09/1945. p. 01. CEMAP.
122._____. A nova revolução. *O Cruzeiro.* 23/05/1964, p. 130. AIMS.
123._____. A paz queremos com fervor. *O Cruzeiro.* 17/11/1962, p. 146. AIMS.
124._____. A propósito de José de Alencar. *Diário de Notícias*, 30/09/1951. AFBN.
125._____. A tragédia no Circo. *O Cruzeiro.* 13/01/1962, p. 114. AFBN.
126._____. A última hora. *Diário de Notícias.* 01/10/1950. AFBN.
127._____. A Vigília Cívica. *O Cruzeiro.* 19/11/1955, p. 138. AIMS.
128._____. A Vigília Cívica. *O Cruzeiro.* 19/11/1955. p. 138. AFBN.
129._____. ABC de 1961. *O Cruzeiro.* 18/11/1961, p. 162. AABI.
130._____. Açude. *O Cruzeiro.* 21/04/1962, p. 114. AABI.
131._____. Agora é lei. *O Cruzeiro.* 04/08/1951, p. 114;
132._____. Ai, tanta guerra para tão pouca vida. *O Dia.* 27/01/1990. AIMS.
133._____. Ainda essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 21/01/1928. Álbum de D. Clotilde. AIMS.
134._____. Ainda não havia Rita Lee. *O Estado de São Paulo.* 12/01/1988. AIMS.
135._____. Amor traído. *O Cruzeiro.* 23/06/1956, p. 114. AFBN.
136._____. Analfabetos. *O Cruzeiro.* 14/09/1957, p. 130. AIMS.
137._____. Aniversário em Israel. *Diário de Notícias.* 26/06/1949
138._____. Antes da eleição. *O Cruzeiro.* 11/10/1958, p. 146. AFBN.
139._____. Anticonstitucionalíssimamente. *Diário de Notícias.* 12/11/1950. Recortes. AIMS.
140._____. Apresentação. In: VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores.* Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.
141._____. Artigo para O Ceará**.** 08.04.1928. AJAB.
142._____. As ilhas da federação. *Op. Cit.* 12/10/1963, p. 146. AIMS.
143._____. As rãs opinam sobre o rei. *Diário de Notícias.* 18/12/1949;
144._____. *As Três Marias.* São Paulo: Editora Siciliano, 1992. (1ª. 1939).
145._____. Até breve. *O Cruzeiro.* 09/03/1963, p. 130. AIMS.
146._____. Austeridade. *O Cruzeiro.* 15/01/1955, p. 98. AFBN.
147._____. Balanço de fim de ano. *O Cruzeiro.* 31/12/1960, s/p. AIMS.
148._____. Bouquê de flores oficiais. *Diário de Notícias.* 05/08/1951
149._____. Brejo & sertão. *O Cruzeiro.* 16/09/1967, p. 156. AABI.
150._____. Caça às feiticeiras. *O Cruzeiro.* 26/04/1958, p. 130. AIMS.

151._____. Caça às feiticeiras. *O Cruzeiro.* 27/06/1964, p. 146. AIMS.
152._____. Cala-te boca. *Diário de notícias.* 15/02/1948, p. 01. AFBN.
153._____. *Caminho de Pedras.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004. 12ª ed.
154._____. *Caminho de Pedras.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937. 1ª ed. Prefácio. AJAB.
155._____. Candidatura e Candidato. *Diário de Notícias.* 24/01/1954. AIMS.
156._____. Capital (I). *O Cruzeiro.* 24/06/1961, p. 146. AABI.
157._____. Capital nova, Brasil novo. *O Cruzeiro.* 16/04/1955, p. 114. AIMS.
158._____. Carta a um camarada ausente na Europa. *Diário de Notícias.* 31/06/1953. AIMS.
159._____. Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo. *O Cruzeiro.* 10/11/1970. p. 146. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
160._____. Carta de leitores. *O Cruzeiro.* 21/10/1961, p. 146. AABI. Grifo meu.
161._____. Carta do "Não me deixes". *O Cruzeiro.* 03/06/1961, p. 146. AABI.
162._____. Centenário de Graciliano. *O Dia.* 17/05/1992. AIMS:
163._____. Cidade sitiada. 08/02/1964, p. 122. AIMS.
164._____. Colégio Imaculada Conceição. *O Cruzeiro.* 17/04/1965. p. 114. AFBN.
165._____. Concurso. *O Cruzeiro.* 03/04/1948. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional.
166._____. Confissão Geral. *O Cruzeiro.* 03/02/1951, p. 122. AFBN.
167._____. Convivência de Contrários. *O Cruzeiro.* 18/05/1957, p. 138. AIMS.
168._____. *Correspondência a Antônio Sales.* 05.07.1933. Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa. FCRB.
169._____. Crise. *O Cruzeiro.* 30/04/1960, p. 118. AIMS.
170._____. Crônica nº01. *O Cruzeiro.* 01/12/1945, p. 90. AFBN.
171._____. Da popularidade. *O Cruzeiro.* 30/05/1953, p. 98. AIMS.
172._____. Definição. *Diário de notícias.* 05/10/1947. Recorte. AIMS.
173._____. Democracia. *O Cruzeiro.* 28/07/1956, p. 162. AIMS.
174._____. Demócrito. *O Cruzeiro.* 20/01/1968. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
175._____. Dia das Mães. *O Estado de São Paulo.* 11/05/1996. p. D14. AFBN.
176._____. Diálogo das grandezas da Ilha do Governador. In: *A Donzela e a Moura Torta.* Obra Reunida vol. 3. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 119.
177._____. Do povo, para o povo, pelo povo... *O Cruzeiro.* 18/09/1954, p. 114. AFBN.
178._____. Dona Ana Triste. In: _____. *100 crônicas escolhidas (Obra Reunida v. 4).* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 83-85.
179._____. Eleições I – O Voto. *O Cruzeiro.* 15/07/1950, p. 130.
180._____. Eleições II – Partidos. *O Cruzeiro.* 22/07/1950, p. 130.
181._____. Eleições III – para as mulheres. *O Cruzeiro.* 29/07/1950, p. 130.
182._____. Eleições. *O Cruzeiro.* 15/02/1958, p. 130;
183._____. Elites. *O Cruzeiro.* 03/11/1956, p. 138. AIMS.
184._____. Eneida *O Cruzeiro.* 15/03/1958. p. 114. AFBN.
185._____. Engano de vocação. *O Cruzeiro.* 01/09/1956, p. 122. AIMS.
186._____. Entrevista à Folha Ilustrada. São Paulo. Set/1998. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml. Acessado em 15/06/2010s.
187._____. *Entrevista a Isabel Lustosa.* Rio de Janeiro: 29/10/1993. p. 03. Arquivo Pessoal de Isabel Lustosa. APIL.
188._____. Escola de bem-viver. *Diário de Notícias.* 28/03/1954. AIMS.
189._____. Essa questão do voto feminino. *A Jandaia.* 14/01/1928. Álbum de D. Clotilde. AIMS.
190._____. Estrela guia. *O Cruzeiro.* 22/12/1956, p. 162;
191._____. Eu queria ser uma grande mãe. *Estilo de vida.* 13/09/1992. p. 06. AFBN.
192._____. Eu, Presidente. *Diário de Notícias.* 28/04/1950. Recortes. AIMS.
193._____. Falta a chuva. *O Cruzeiro.* 22/03/1958, p. 114. AABI. CALLADO, Antônio. O Ceará contra a Irrigação: Indústria e industriais da seca. *Correio da manhã.* 10/09/1959, p. 01. AFBN.
194._____. Faltam só vinte e três mil. *Diário de Notícias.* 18/08/1946. Fundo Rachel de Queiroz. AIMS.
195._____. Família Sertaneja. *Última Hora.* 07/02/1983. p. 02. AFBN.
196._____. Favela. *O Cruzeiro.* 05/11/1949, p. 14. AIMS.
197._____. Feliz Eleição. *O Cruzeiro.* 17/08/1957, p. 130. AFBN.
198._____. Graciliano. *O Cruzeiro.* 07/06/1947, p. 90. AFBN.

199._____. Ida e volta. *O Cruzeiro.* 19/06/1954, p. 106. AFBN.
200._____. Imperial. *O Cruzeiro.* 01/08/1953. p. 98. AFBN.
201._____. Impressões de atropelada. *O Cruzeiro.* 23/04/1960, p. 130. AABI.
202._____. Jânio e a renúncia I. *Última Hora.* 19/03/1976, s/p. AIMS.
203._____. Jorge Amado, 80 anos. *O Estado de São Paulo.* 06/09/1992. AIMS.
204._____. Jorge, falecido. *Diário de Notícias.* 22/11/1953, suplemento literário, p.01.AFBN.
205._____. Judeus. *Diário de Notícias.* 25/05/1947.
206._____. Lei Afonso Arinos. *O Cruzeiro.* 14/04/1956, p. 114;
207._____. Lei. *O Cruzeiro.* 27/10/1956, p. 138. AIMS:
208._____. Liderança. *O Cruzeiro.* 06/07/1963, p. 114. AIMS.
209._____. *Livro para os jovens,* 23/01/1978. Pasta Rachel de Queiroz, Arquivo José Olympio, FCRB. Código: JOE.ADM.CED_ODT 365. Caixa 18.
210._____. Luz, bonde e cemitério. *O Cruzeiro.* 12/03/1955, p. 130. AFBN.
211._____. Ma soeur. *O Cruzeiro.* 10/05/1947. p. 90. AFBN.
212._____. Maioria, minoria etc. *Diário de Notícias.* 24/06/1951. AIMS.
213._____. *Mandacaru.* Rio de Janeiro: IMS, 2010.
214._____. Maré. *O Cruzeiro.* 23/09/1961, p. 146. AABI.
215._____. Maria Antonieta. *O Cruzeiro.* 18/12/1957, p. 146. AIMS.
216._____. Matar. *O Cruzeiro.* 07/07/1956, p. 114. AABI.
217._____. Meditações de janeiro. *O Cruzeiro.* 14/02/1959, p. 114;
218._____. Mês de maio. *O Cruzeiro.* p. 98. AFBN.
219._____. Mocidade e Morte. *O Cruzeiro.* 25/08/1962, p. 146. AFBN.
220._____. Moços e Livros. *O Cruzeiro.* 28/02/1959. p. 130. AFBN
221._____. Mudar. *O Cruzeiro.* 25/03/1961, p. 130. AFBN.
222._____. Na crista da onda. *O Cruzeiro.* 22/11/1958, p. 130. AIMS.
223._____. Na hora da sucessão. *O Cruzeiro.* 06/08/1955, p. 114. AABI.
224._____. Natal com mãe doente. *Diário de Notícias.* 27/12/1953, suplemento literário, p. 01. AFBN.
225._____. Necrológio. *Diário de Notícias.* 04/01/1948;
226._____. Negro, não! *Diário de Notícias.* 16/02/1947. AIMS.
227._____. Negros em Paris. *O Cruzeiro.* 07/10/1950. p. 114. AFBN.
228._____. Nordeste. *O Cruzeiro.* 20/05/1961, p. 146. AFBN.
229._____. Nordestinos profissionais. *O Cruzeiro.* 19/12/1959, p. 158. AABI.
230._____. Notícias. *O Cruzeiro.* 01/04/1961, p. 130. AFBN.
231._____. O calor e o trabalho. *O Cruzeiro,* 05/02/1949, p. 98. AFBN.
232._____. O Candidato. *Diário de notícias.* 20/03/1949. AIMS.
233._____. O Catalão. In: *Obra reunida volume 3a:* O galo de outro/A donzela e a Moura Torta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 43.
234._____. O diabo penoso vestido de verde. *Diário de notícias.* 28/08/1949;
235._____. O dilema. *O Cruzeiro.* 26/09/1959. p. 138. AIMS.
236._____. O drama de "La Prensa". *O Cruzeiro.* 21/04/1951, p. 130. AFBN.
237._____. O gênio engarrafado. *O Cruzeiro.* 03/03/1956, p. 122. AIMS.
238._____. O leitor e eu. *O Cruzeiro.* 26/10/1963, p. 130. AIMS.
239._____. O melhor é viajar. *Diário de Notícias.* 18/02/1951. AIMS.
240._____. O moço quer ingressar na política. *Diário de notícias.* 16/09/1951. AIMS.
241._____. O Partido da Resistência. *Diário de Notícias.* 23/11/1947. Quinta sessão. AFBN.
242._____. O pastor de Olinda. *Jornal do Maranhão.* 17/05/1964, p. 03. AFBN.
243._____. O profeta Roque. *Diário de Notícias.* 01/05/1954. AIMS.
244._____. *O Quinze.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 34ª edição. 1985. (1ª. 1930).
245._____. *O Quinze.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.
246._____. O Rio. *O Cruzeiro.* 10/08/1963, p. 130. AIMS.
247._____. O sol que nasce. *O Cruzeiro.* 18/02/1961, p. 130. AIMS.
248._____. O tempo das falas novas. *O Cruzeiro.* 29/10/1960, p. 168. AIMS.
249._____. O torneio. *Diário de Notícias.* 28/01/1951. AIMS.
250._____. O último dos Merovíngios. *Diário de Notícias.* 12/03/1950.
251._____. Objeção de consciência. *O Cruzeiro.* 12/07/1958, p. 130. AFBN.
252._____. Onde estão os dez justos? *O Cruzeiro.* 08/12/1962, p. 130. AIMS.
253._____. Oração de Páscoa. *Diário de Notícias.* 25/03/1951. AIMS.
254._____. Os 95 anos dos soldados do fogo. *Diário de notícias.* 07/08/1951. AIMS.

255._____. Os cinquenta. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
256._____. Os dormentes. *O Cruzeiro.* 05/07/1958, p. 130. AIMS.
257._____. Os marcianos. *O Cruzeiro.* 03/12/1955, p. 130.
258._____. *Diário de notícias.* 07/07/1946. AIMS.
259._____. Os mortos. *O Cruzeiro.* 30/09/1961, p. 146. AFBN.
260._____. Os ratos de Pavlov. *O Cruzeiro.* 20/07/1963, p. 130. AIMS.
261._____. Os revoltosos. In: _____. *O caçador de tatu.* Obras escolhidas. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 33.
262._____. Os revoltosos. *O Cruzeiro.* 24/03/1962, p. 146. AIMS.
263._____. Os senhores do Pixe. *Vanguarda Socialista.* 30/11/1940. p. 01. CEMAP.
264._____. Padres na Política. *O Cruzeiro*. 28/04/1962, p. 130. AIMS.
265._____. Pará, capital, Belém. *O Cruzeiro.* 01/03/1947. p. 90. AFBN. Segue uma longa descrição da procissão do Círio de Nazaré.
266._____. Patriotas. *Vanguarda Socialista.* 31/08/1945. p. 01. CEMAP.
267._____. Paz e Amor em Portugal. *O Cruzeiro.* 31/08/1957, p. 130;
268._____. Perdão, mas ainda é a seca. *O Cruzeiro.* 21/03/1953, p. 122. AIMS.
269._____. Perguntas & Respostas. *O Cruzeiro.* 24/04/1954, p. 98. AFBN.
270._____. Perguntas de política. *O Cruzeiro.* 24/09/1855, p. 114. AIMS.
271._____. Pici. In:_____. *Mapinguari.* Obra reunida volume 5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.p. 75. Original de24/08/1975.
272._____. Plebiscito. *O Cruzeiro.* 10/11/1962, p. 130. AIMS. Grifo da autora.
273._____. Pobreza da Cidade. *O Cruzeiro.*17/11/1951, p. 138. AIMS.
274._____. Portinari. *O Cruzeiro.* 03/03/1962, p. 114. AFBN.
275._____. Preparação eleitoral. *O Cruzeiro.* 21/07/1962, p. 130. AIMS.
276._____. Presidências. *O Cruzeiro.* 18/07/1959, p. 114. AFBN.
277._____. Profissão de Mulher. *O Estado de São Paulo.* 16-17/08/1997. AIMS.
278._____. Questionário. *O Cruzeiro.* 18/02/1956. p. 118. AFBN.
279._____. Reforma Agrária. *O Cruzeiro.* 01/06/1963, p. 114. AIMS.
280._____. Remate de males. *Diário de Notícias.* 23/12/1952. AIMS.
281._____. Remate do ano. *O Cruzeiro.* 12/11/1955, p. 130. AIMS.
282._____. Revolução pelo rádio. *O Cruzeiro.* 09/05/1964, p. 130. AIMS.
283._____. Rio de Janeiro. *O Cruzeiro Internacional.* s/d. Recortes de crônica. AIMS.
284._____. S.O.S Teresópolis. *O Cruzeiro.* 15/04/1961, p. 146. AFBN.
285._____. Safra. *O Cruzeiro.* 18/03/1961, p. 122. AIMS.
286._____. Sangria em defunto. *Diário de Notícias.* 28/09/1952. AIMS.
287._____. Seca. *O Cruzeiro.* 12/04/1958, p.130. AIMS.
288._____. Seca: assunto nacional. *O Cruzeiro.* 07/03/1953, p. 122. AABI.
289._____. Sede de Justiça. *O Cruzeiro.* 04/03/1963, p. 130. AIMS.
290._____. Seja lá o que Deus quiser. *O Cruzeiro.* 14/10/1961, p. 162. AIMS.
291._____. Sempre Alencar. *Jornal do Comércio,* 1978. p. 04. AFBN.
292._____. Senhores do Pixe. *Vanguarda Socialista.* 30/11/1945. p. 01. CEMAP.
293._____. Ser contra ou a favor. 15/08/1964, p. 130. AIMS.
294._____. *Serenata.* Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.
295._____. Sete anos de prisão I. *O Cruzeiro.* 05/05/1962, p. 130
296._____. Sete anos de prisão II. *O Cruzeiro.* 12/05/1962, p. 130. AIMS.
297._____. Solidão. *O Cruzeiro.* 10/11/1956, p. 146. AIMS.
298._____. Sombra e Luz. *O Cruzeiro.* Rio de Janeiro. 11/09/1954, p. 114. AFBN.
299._____.. Tangerine-Girl. In: *A Donzela e a Moura Torta.* Obra Reunida vol. 3. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. p. 95.
300._____. Terça-feira, dia de trabalho. *Diário de Notícias.* 11/01/1953. AIMS.
301._____. Tupan. *O Povo.* 01/12/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.
302._____. Um jeep. *Diário de Notícias.* 18/01/1948;
303._____. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. Recortes AIMS.
304._____. Um pouco de autocrítica. *Diário de Notícias.* 29/10/1950. Recortes AIMS.
305._____. Vanguarda Socialista. *Diário de Notícias.* 11/04/1948. AFBN.
306._____. Vida de José de Alencar. *Última Hora,* 05/03/1979. Fundo Rachel de Queiroz AIMS.
307._____. Votar. *O Cruzeiro.* 11/01/1947, p. 90. AFBN.
308._____. Voto a descoberto. *O Cruzeiro.* 10/09/1960, p. 178. AIMS.

309._____. A hora do povo em Cuba. *A Cigarra.* Abr./1959, p. 92;
310._____. Um mundo novo. *O Cruzeiro.* 18/04/1959, p. 118;
311.QUELUZ, Rita de. Chê-Tapia. *A esquerda.* 13/03/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.
312._____. Sacco & Vanzetti. *A Farpa.* 01/10/1927. AIMS.
313._____. Cabra-Cega à saída do Túnel. *Diário de Notícias.* 07/03/1954. AIMS.
314._____. Convivência de contrários. *O Cruzeiro.* 18/05/1957, p. 138. AIMS.
315._____. Quero ir-me embora. *O Cruzeiro.* 11/02/1956, p. 114. AFBN.
316._____. Cadeia contra a "linha de cor". *Diário de Notícias.* 15/07/1951. AIMS;
317.QUINTELA, Ary. Rachel de Queiroz. *Jornal do Comércio.* 14/03/1970. AFBN.
318.Rachel de Queiroz (Entrevista). *Jornal do Comércio.* 14.03.1970. AFBN.
319.Rachel de Queiroz é a 1ª mulher na Academia. *Jornal do Comércio.* 05/11/1977. AFBN.
320.Rachel de Queiroz e a vez da mulher na ABL. *O Estado de São Paulo***.** 05/08/1977. AFBN.
321.Rachel de Queiroz não era. *Diário de Notícias.* 30/01/1958, p. 04. AFBN.
322.Rachel de Queiroz no Programa Roda Viva de 01/07/1991: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm.
323.Rachel diz que é golpista. *Correio da manhã.* 21/05/1964, p. 07 do primeiro caderno. AFBN.
324.Rachel percorre suas lembranças pelas mãos da irmã. *O Estado de São Paulo.* 29/09/1998. AFBN.
325.Rádio. *Diário de Notícias.* 08/03/1958, p. 08. AFBN.
326.RAWET, Samuel. "Lampião", talvez um marco. *Diário de Notícias.* 20/09/1953, suplemento literário, p. 05. AFBN.
327.Recorte de crônica. Comentário sobre *Lampião.* Assinado S.M. Coluna *Vida Intelectual.* Sem data. Pasta Rachel de Queiroz. FCRB.
328.Revista analisa a obra de Rachel de Queiroz. *O Estado de São Paulo.* 15/10/1997. AFBN.
329.Rita de Queluz e o primitivismo. *O Povo.* 31/12/1928. Álbum de Clotilde Franklin. AIMS.
330.Ronald de Carvalho e o "Canto Novo da Raça". *O Povo.* 07/02/1928. p. 03. ABPF.
331.SALES, Fritz Teixeira. Sobre uma escriptora. *Dom Casmurro.* 05/08/1937. p. 05. AFBN.
332.SALES, Fritz Teixeira. Sobre uma escriptora. *Dom Casmurro.* 05/08/1937. p. 05. AFBN.
333.SM Suzana de Alencar. *Diário do Nordeste.* 11/12/2000. Suplemento. http://diariodonordeste.globo.com/2000/12/11/050067.htm Acesso em 09/12/2013.
334.VIANA, Renato. Discurso. *O Povo.* 28/07/1930. p. 04 e p. 07. ABPF.
335.VIANA, Renato. Discurso. *O Povo.* 28/07/1930. p. 04 e p. 07. ABPF.

Anexo 01

LISTA DE FONTES INTRODUÇÃO - Entrevistas

Título	Data	Veículo/ Programa	Entrevistador	Mídia
1. Tantos Anos	1998	José Olympio Editora		Livro
2. Presença de Rachel	Entre 1988 e 1996	FUNPEC Editora	Hermes Rodriques Nery	Livro
3. As três Rachéis	1997	Cadernos de Literatura Brasileira-IMS		Livro/ Revista
4. Do sertão do Ceará para uma Ilha da Guanabara	05/09/1953	Revista Manchete	Fagundes de Menezes	Revista
5. Amor Moderno (I)	05/09/1953	Revista Manchete	Conversa Literária.Série: as grandes mulheres do Brasil	Revista
6. A beata Maria do Egito	24/05/1958	O Estado de São Paulo	Sábato Magaldi	Jornal
7. A ilustre escritora declara aprovar todos os atos da revolução de março, salvo algumas cassações injustas.	02/01/1965	Revista Manchete	Lusimar Laus	Revista
8. Rachel de Queiroz	14/03/1970	Jornal do Comércio	Ary Quintella	Jornal
9. A velha senhora na Academia	17/04/1977	Folha de São Paulo	Isa Cambará	Jornal
10. Rachel de Queiroz, a vez da mulher na ABL	05/08/1977	O Estado de São Paulo		Jornal
11. Uma escritora autêntica	05/08/1977	O Estado de São Paulo	Nilo Scalzo	Jornal
12. Um romance de meio século	11/10/1980	Jornal do Brasil		Jornal
13. 70 anos de fardão e prestações pagas	15/11/1980	Jornal da Tarde	Edla Van Steen	Jornal
14. Depoimento Acadêmico. Rachel de Queiroz	05/06/1986	Academia Brasileira de Letras	Maria Cláudia Bonfim	Vídeo
15. Rachel de Queiroz, confidente do país	15/07/1989	O Estado de São Paulo	Magda Almeida	Jornal
16. Entrevista com Rachel de Queiroz	Anos 1990	Programa Encontro Marcado/IBM/Tv Educativa	Araken Távora	Vídeo
17. Rachel de Queiroz	01/07/1991	Programa Roda Viva/TV Cultura	Vários	Vídeo
18. Entrevista com Rachel de Queiroz	Set/1998	Folha Ilustrada		Site/ Acesso online
19. Rachel percorre suas lembranças pela mão da irmã	29/09/1998	O Estado de São Paulo	José Castello	Jornal
20. Rachel, 90	12/11/2000	O Estado de São Paulo	Haroldo Ceravolo Sereza	Jornal
21. Entrevista com Rachel de Queiroz	13/07/1992- 17/08/1992 29/10/1993 13/11/1993	Formato PDF	Isabel Lustosa	Não publicado

LISTA DE FONTES INTRODUÇÃO - **Artigos/Teses/Dissertações**

1. ARAÚJO, Kárita de Fátima & ANSELMO, Rita de Cássia Martins. 1915: a seca e o sertão sob o olhar de Rachel de Queiroz. *Estudios Históricos.* CDHRP, dez, 2009, nº 03, Rio de la Plata, Uruguai.
2. ARÊAS, Wilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. . In: *Cadernos de Literatura Brasileira.* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. p. 69-86.
3. ATAÍDE, Tristão de. *Teoria, crítica e história literária.* Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1980. (com dedicatória a RQ)
4. BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz- crítica, bibliografia, biografia, depoimento…* Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.
5. BUENO, Luís. Romance proletário em Rachel de Queiroz: ou vendo o lado de fora pelo lado de dentro. *Letras*, Curitiba, n. 47, p. 19-38, 1997.
6. CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: modernismo.* Vol. 3. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.
7. CARVALHO, José Murilo de & ARINOS FILHO, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Affonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 30 p.
8. COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil.* Tomo III. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana S. A. 1955.
9. COUTINHO, Fernando (Org.). *Rachel de Queiroz: uma escrita no Tempo***.** Ensaios. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2010.
10. DUARTE, Eduardo de Assis. Classe e Gênero no romance de Rachel de Queiroz. In: *Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo (ensaios).* Fortaleza: Edições Demócrito Roca, 2010.
11. FIGUEIREDO, Adriana Giarola Ferraz. *Entre os dias e os anos: leitura de crônicas de Rachel de Queiroz.* Londrina, 2007, 182p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina.
12. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O *éthos* Rachel. . In: *Cadernos de Literatura Brasileira.* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. p. 103-115.
13. LITRENTO, Oliveiros. *Apresentação da literatura brasileira.* Tomo I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
14. LUSTOSA, Isabel. *Rachel e o golpe.* Disponível em: http://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa. Acesso em 30/04/2014.
15. MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: *Cadernos de Literatura Brasileira.* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. p. 87-102.
16. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz.* Salvador, 2008, 216p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Universidade Federal da Bahia.
17. MURACA, Márcio Henrique. Militância, Repressão e Forma Literária em *Caminho de Pedras*, de Rachel de Queiroz e *Os subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado. *Revista Crioula*, nº 12. nov. 2012. São Paulo s/p.
18. PEREGRINO, Miriane da Costa & PEREIRA, Victor Hugo Adler. A (Im)pertinente:Questões de Gênero e engajamento na literatura de Rachel de Queiroz. *Miscelânea*, Assis, v. 11, p.150-173, jan. jun. 2012.
19. SCHLECHT, Cristiane de Vasconcellos. *Olhares divergentes: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.* Campinas, 2010, 139p. Dissertação de Mestrado – Departamento Letras, Universidade Estadual de Campinas.
20. SILVA, Ana Roza da. *Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e linguísticos de sua "Última Página" em O Cruzeiro.* São Paulo, 2006, 114p. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie.
21. SOUSA, Suelen Maria Mariano de; Eyler, Flávia Maria Schlee. *A Realização de um Imaginário sobre a Seca de 1915 a partir do Romance de Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro, 2009, 99 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
22. TAMARU, Ângela Harumi. *A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz.* Campinas, 2004, 188p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Universidade Estadual de Campinas.